HISTORIA

DA

UERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

Comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

arel formado em medicina pela universidade de Coimbra e socio correspondente do Instituto da referida cidade e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

---

SEGUNDA EPOCHA

GUERRA DA PENINSULA

TOMO IV — PARTE I

Campanhas de 1812 e 1813 até á batalha de Victoria

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1876

HISTORIA DA GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR

EM

PORTUGAL

HISTORIA
DA
GUERRA CIVIL
E DO
ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR
EM
PORTUGAL

Comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino desde 1777 até 1834

POR

SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

Bacharel formado em medicina pela universidade de Coimbra, socio correspondente do Instituto da referida cidade e benemerito do Gremio Litterario da cidade de Angra do Heroismo

Propter Sion non tacebo, et propter Jerusalem non quiescam.
Isaias, cap. 62.

SEGUNDA EPOCHA

GUERRA DA PENINSULA

TOMO IV—PARTE I

Campanhas de 1812 e 1813 até á batalha de Vittoria

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1876

PREFACIO

Com a publicação do presente volume finalisâmos os quatro de texto, que comprehendem a *Historia da guerra da peninsula*, constituindo a segunda epocha da *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*. Parece-nos que o leitor, reproduzindo tambem pela sua parte n'este logar a accusação que já pela imprensa alguem nos fez, tendo para nós como cousa vergonhosa e de indelevel mancha para o nosso caracter a demasiada grossura dos volumes das nossas obras, achará rasão a quem, na falta de cousas mais graves, nos julgou menoscabar com esta e outras que taes bagatellas[1]. Aceitâmos pois a accusação, tendo-a por justa e verdadeira, reputando-nos

[1] Houve quem um dia dissesse a Diogenes: *pessoas ha que mangam de ti*; ao que elle respondeu: *pois eu é que me não dou por mangado.* Effectivamente só se devem reputar mangados aquelles sobre quem com justiça recáem as zombarias ou accusações de que são alvo. Mas como a minha consciencia me não faz réu das accusações gratuitas que me dirigem, estou bem no caso de ter por mim a crença de que não é dado aos meus accusadores exautorarem-me das honras, que julgo ter de homem de bem. Accusem-me muito embora do que quizerem ou phantasiarem, que pouco se me dá d'isso, convencido de que sobre os meus contrarios recáem cousas muito mais feias e criminosas do que as que me assacam, como em tempo farei ver, provando assim serem elles de uma moral e honradez de caracter muito diversas das minhas, d'onde

ainda assim por feliz, se a isto se limitar sómente o que tiverem a dizer da obra, sem cousa alguma mais notarem no texto.

Todavia mais justa seria, quanto ao presente volume, a accusação que sobre este ponto nos assacam, se porventura o não dividissimos em duas partes, a primeira das quaes vae até á famosa batalha de Vittoria, em que a luta da peninsula, continuada nas duas campanhas de 1812 e 1813, verdadeiramente termina, destinando-se a segunda á guerra que em seguida á citada batalha se foi encetar no sul da França, findando em 1814 com a batalha de Tolosa. Este expediente de dividir um volume em duas partes já não é novo entre nós, pois algumas obras temos, que para este nosso proceder nos forneceram o exemplo, e se por mau alguem entender que o não deviamos seguir, aguardâmos resignados as censuras em que por tal motivo incorrermos na opinião dos leitores.

Quanto porém ao geral da accusação, certo é que julgando nós que em tres volumes poderiamos comprehender a citada *Historia da guerra da peninsula*, a este numero a

vem a inteira impossibilidade de elles se poderem ligar commigo, ou eu com elles, difficil como é a perfeita amalgama de cousas incombinaveis.

Firmado pois n'estas idéas, terminarei esta nota reproduzindo o pensamento contido nos bellos versos, que o insigne Horacio nos transmittiu na segunda ode do seu livro III.

Virtus, repulsæ nescia sordidæ,
Intaminatis fulget honoribus,
Nec sumit aut ponit secures
Arbitrio popularis auræ.

Em vão deturpa a sordida calumnia
A innocente, candida virtude,
Brilhante em sua honra immaculada:
Nem ella dá, nem para si assume
Essas distinctas, magistraes secures,
Que a aura popular a arbitrio outorga.
(Traducção livre.)

limitámos no prospecto, que em officio de 25 de outubro de 1864 dirigimos ao gabinete do ministerio da guerra. Reconhecendo porém, com o progresso que o nosso trabalho foi tendo, a impossibilidade de reduzir este a similhante numero de volumes, a querermos, como era da nossa mente, que a intelligencia dos factos e a sua filiação fossem bem perceptiveis a todos, e por conseguinte livres de obscuridade e confusão, forçoso nos foi additar á citada *Historia* mais um volume.

Ainda assim ficaram os quatro demasiadamente crescidos, como se vê; mas como leva-los a cinco ou seis de regular grossura, como podíamos fazer, caíamos na suspeita de que avolumavamos a obra com o firme proposito de fazer render o officio, ou nas vistas de prolongarmos a duração do subsidio mensal, que do thesouro publico por ella recebemos, vistoque o nosso contrato com o governo trata de um certo tempo para *cada volume,* preferimos a esta aquella accusação, tendo este nosso proceder como prova mais inconcussa da boa fé do nosso ajuste e do escrupulo que sempre tivemos em cumprir fielmente a nossa palavra, ainda mesmo nas cousas mais insignificantes, esperando portanto achar desculpa no expediente que n'isto tomámos, attento o dilemma em que nos vimos mettido.

Sentenceie pois o leitor esta causa como entender de justiça, certo porém de que, apesar do indicado defeito da muita grossura dos nossos volumes, não é elle de tal ordem que a pessoas muito competentes deixe de merecer conceito este nosso escripto, á vista do que a este respeito vamos transcrever.

Cartas dirigidas pelo ex.mo sr. marquez de Sá da Bandeira ao auctor da «Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal», com relação a esta mesma Historia.

1.ª

Ill.mo e ex.mo sr.—Li com muito interesse as ultimas folhas do segundo volume da *Historia da guerra civil* (primeira epocha), que, apesar de estar ainda longe dos tempos da guerra civil, encerra noticias de muita importancia e desconhecidas. Mandei-o para o encadernador.

Tambem tenho visto com muita satisfação a *Historia do reinado de D. José*, em que se acham informações que quasi toda a gente ignorava.

V. ex.ª tem feito um serviço de grande valor para a historia do nosso paiz com a publicação d'estas obras.

Remetto uma correspondencia entre os principes regentes de Portugal e de Inglaterra, que teve logar em 1814 e 1815, cujo assumpto talvez que convenha mencionar na continuação da historia. Achei este manuscripto entre os meus papeis, e d'elle tenho o gosto de fazer presente a v. ex.ª, no caso de não possuir outro igual. De v. ex.ª, amigo e obrigado. = *Sá da Bandeira.*—Agosto, 21 de 1867.

2.ª

Ill.mo e ex.mo sr.—Terminei a leitura do volume da *Guerra civil*, recentemente publicado (era o segundo da segunda epocha). Levou-me mais tempo do que eu esperava por motivo de ter mais de 600 paginas, e de eu sómente á noite o poder ler.

Esta obra, pelas noticias que contém e pela minuciosa exposição dos factos pouco conhecidos, ha de ser no futuro uma fonte a que hão de recorrer os escriptores, que se occuparem da historia de Portugal, durante a epocha de que a obra de v. ex.ª trata.

Queira aceitar as minhas felicitações pelo seu excellente trabalho, que espero continue sem interrupção.

Brevemente irei vê-lo ao Lumiar. Entretanto creia-me de v. ex.ª amigo muito obrigado. = *Sá da Bandeira*. = Valle de Pereiro, julho 13 de 1872.

3.ª

Valle de Pereiro, 1.º de janeiro de 1875 — Ill.mo e ex.mo sr. Simão José da Luz. — Acabo de concluir a leitura do tomo III da *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal* (era o da segunda epocha), escripto por v. ex.ª, no qual se trata especialmente das operações militares a que deu logar a invasão effeituada no anno de 1810 pelo exercito francez, commandado pelo marechal Massena.

Havendo eu servido activamente com o regimento de cavallaria n.º 10, a que pertencia na qualidade de alferes, em parte do referido anno e no seguinte de 1811, aproveitei a occasião de escrever a v. ex.ª ácerca da sua excellente obra, para recordar alguns factos occorridos n'essas campanhas de que fui testemunha ocular.

Das tres invasões francezas a de Massena foi a mais ruinosa para o nosso paiz, mas tambem deu logar a que o povo portuguez desse a mais decidida prova do seu patriotismo, energia e abnegação. E as nossas tropas, guiadas pelo eminente general lord Wellington, conseguiram, auxiliadas pelos nossos alliados, expulsar o inimigo para alem das nossas fronteiras.

Direi de passagem, que dos militares portuguezes que serviram debaixo do commando d'aquelle glorioso chefe, apenas restam hoje dois no quadro do nosso exercito, dos quaes o primeiro é o marechal duque de Saldanha, e o outro sou eu.

Foi com o maior interesse que li o livro de v. ex.ª e comparei, quanto a minha memoria permittiu fazê-lo, a sua narrativa com o que, ácerca das operações de Massena em Por-

tugal, se acha escripto nas obras do coronel Napier, do conde de Toreno, de mr. Thiers e de outros auctores, que tratam da guerra peninsular, que tenho lido. E d'esta comparação conclui que a mesma narrativa é a mais completa, poisque contém noticias ineditas de muitos factos não mencionados antes, e que v. ex.ª, á força de diligencias, pôde encontrar em diversos archivos.

As occorrencias d'aquella epocha são certificadas por numerosos documentos officiaes, a que v. ex.ª se refere na sua obra, e especialmente pelas informações enviadas á intendencia geral da policia, pelos corregedores das comarcas, pelos juizes de fóra e por outros funccionarios, e bem assim pelas communicações recebidas pela regencia do reino de diversas origens, e das commissões encarregadas de visitar os territorios, que haviam sido invadidos para se lhes ministrarem soccorros e distribuir-se-lhes, tanto o subsidio das 100:000 libras esterlinas, votado pelo parlamento britannico em favor dos seus habitantes, como o producto da subscripção aberta em Inglaterra para o mesmo fim na importancia de 84:000 libras.

Eu segui com o meu regimento a marcha retrograda do inimigo desde as margens do Tejo até á fronteira, e depois desde o reino de Leão até á Extremadura hespanhola, e assisti ao combate da Redinha e á batalha de Fuentes de Oñoro, e tenho bem presentes na memoria o haver visto muitas povoações incendiadas pelos soldados francezes durante a marcha do exercito; vi centenares de individuos, homens, mulheres e creanças, que saiam das serras e saiam dos matos, onde se haviam refugiado para escaparem ao inimigo, dirigindo-se ás estradas por onde marchava a tropa a solicitarem algum alimento, que lhes era dado na quantidade possivel, e esta era pequena, poisque o exercito soffria então graves privações, marchando por um paiz completamente devastado, e estando ainda muito imperfeito o serviço dos transportes de Lisboa ao exercito.

Era tal a falta de viveres, que, havendo chegado ás vizinhanças da Ponte da Murcella, onde teve logar uma curta

demora a nossa força, alguns almocreves, vindos de Coimbra, conduzindo generos alimenticios, foram estes vendidos rapidamente por preços exorbitantes; e recordo-me haver-lhes comprado por 1$200 réis um pedaço de presunto, que não pesaria meio arratel.

Aquelles individuos apresentavam-se no estado o mais miseravel, de aspecto esqualido, cobertos de andrajos e famintos. Muitos d'elles, e especialmente as mulheres e as creanças, em extrema debilidade, chegando esta a tal ponto, que não poucos se arrastavam para poderem caminhar. Este espectaculo causava a mais profunda compaixão nas tropas, a ponto de verterem lagrimas muitos d'aquelles que o observavam.

O volume que acabei de ler contém noticias minuciosas, que se não acham nos citados auctores, pelo que a sua leitura ha de ser para os portuguezes mais interessante do que a dos escriptores estrangeiros. Por ella os nossos compatriotas ficarão habilitados a apreciar os sacrificios que fizeram, e os soffrimentos e perdas que experimentaram aquelles que pelos seus actos de abnegação e do mais intenso patriotismo tanto concorreram para a defeza da independencia nacional.

Os nossos compatriotas hão de achar no livro de v. ex.ª a narração do modo como as duas provincias da Beira e da Extremadura foram assoladas pelas tropas francezas, e como os seus habitantes ficaram arruinados pelo saque das suas propriedades, pelo incendio das suas casas, e pelas violencias praticadas contra as suas familias; e como estas, depois da retirada dos invasores, se encontraram na mais completa miseria; e tambem como estas provincias perderam uma grande parte da sua população, que nas serras e nos matos, para onde se retirára, fugindo do inimigo, e onde passára um rigoroso inverno, havia succumbido por falta de alimento ou pela inclemencia da estação.

Os leitores portuguezes acharão igualmente na obra de v. ex.ª a descripção da conducta heroica da tropa de linha, dos regimentos de milicias e dos corpos das ordenanças,

bem como da população não arregimentada. E taes exemplos, de que dão fé os proprios escriptores francezes, que fizeram parte dos exercitos invasores, não serão perdidos para os nossos vindouros, os quaes de certo, no caso de se effeituar a eventualidade de uma nova invasão, hão de imitar aquelles, que hostilisaram as tropas do marechal Massena e de outros generaes francezes.

A conducta do exercito luso-britannico nos departamentos da França, que occupou nos annos de 1813 e 1814, foi bem differente da que em Portugal tiveram os exercitos francezes. A severa disciplina, que o commandante em chefe lord Wellington mantinha no exercito, bastou para que fossem respeitados os direitos individuaes dos habitantes, bem como os das suas propriedades, sendo as infracções rigorosamente punidas. Lê-se nas obras de alguns auctores francezes, movidos sem duvida pelo desejo de engrandecerem a gloria da sua patria, que os exercitos de Napoleão I levaram aos paizes que invadiram os principios da liberdade e da civilisação.

A esta asserção responde a historia dos factos referidos por v. ex.ª praticados em Portugal pelos exercitos invasores nos annos de 1807, 1808, 1809, 1810 e 1811, em maior ou menor escala. E estes foram as contribuições forçadas, a espoliação das igrejas [1], dos conventos, dos museus e de mui-

[1] O *Conimbricense*, jornal politico de Coimbra, debaixo da epigraphe *Protecção franceza*, mencionou os roubos das pratas das igrejas, feitos por Junot, enumerando-os pelo seguinte modo, sómente com relação aos da cidade de Evora.

De Coimbra foram remettidos para Lisboa numerosissimos trastes preciosos das igrejas, especialmente da de Santa Cruz; e constantemente chegavam a esta cidade e seguiam para a capital muitos carros conduzindo as pratas roubadas ás igrejas d'esta provincia e das provincias do norte. O que acontecia n'esta parte do reino é o que se praticava igualmente no Alemtejo e Algarve. Para exemplo damos em seguida a noticia da prata que entregou o sub-thesoureiro da cathedral de Evora, Nicolau Maria da Costa, a Manuel Rodrigues Galleguinho, encarregado de receber as pratas para o exercito francez. A essa entrega assistiram differentes capitulares, a saber: 4 candieiros grandes, que pesavam 24 arrobas, 3 li-

tas casas particulares, o saque, o incendio, e os attentados contra as pessoas de um e outro sexo, seguindo-se de tal

bras e 8 onças; 3 alampadas da capella mór, que pesavam 13 arrobas e 15 libras; 4 craveiros e 9 alampadas, que pesavam 3 arrobas e 29 libras; 6 piviteiros, 1 caldeira grande com seu hyssope, 2 vasos e 1 fogareiro, que pesavam 1 arroba, 12 libras e 12 onças; 38 castiçaes pequenos e grandes, que pesavam 4 arrobas e 19 libras; 1 descanso, 4 thuribulos, 2 navetas, 6 massas, 2 jarros e 6 varas de pallio, que pesavam 6 arrobas e 16 libras; 2 quartas, 2 lanternas, 1 bacia grande, 9 alampadas e 2 vasos de communhão, que pesavam 4 arrobas e 18 libras; 1 campainha, 1 estante, 2 cruzes, 6 sacras, 11 pares de galhetas e 1 grelha de S. Lourenço, que pesavam 2 arrobas e 7 libras; 12 tocheiras e 2 caixas de hostias, que pesavam 6 arrobas. Resto das alampadas do Santissimo e S. Sebastião: 2 peças de S. Mancio e 1 caldeira pequena, que pesavam 2 arrobas e 2 libras; 7 castiçaes de banqueta do altar mór, que pesavam 5 arrobas e 20 libras. Do pontifical, caldeira, caixa de hostias, 2 salvas, 1 campainha, 4 pratos pequenos, 2 grandes, outro redondo, galhetas com seu prato, gomil, faldistorio e candella, que pesavam 2 arrobas.

Prata da irmandade do Santissimo: 1 cruz, 2 ceroferarios, 1 lanterna grande, 2 de mãos, caldeira, gomil, hyssope, thuribulo, naveta, colhér, 6 varas de pallio, 3 varas pequenas, prato grande e 2 bacias das esmolas, que pesavam 2 arrobas e 22 libras.

O total de toda a citada prata foi portanto 79 arrobas e 23 onças.

Tudo isto foi o que se comprehendeu sómente no primeiro saque dado pelos francezes. No segundo por elles feito á mesma cidade de Evora levaram varias pratas que estavam em arrecadação, a saber: 1 cruz grande, 4 pratos, 1 naveta, 2 pares de galhetas grandes, 5 calices e mais 20 libras em pedaços. Alem d'isto levaram alguns ornamentos preciosos e varios resplandores e diademas de santos.

Da igreja parochial de S. Thiago, da mesma cidade de Evora, se entregou por ordem de Junot, em 22 de março de 1808, a Manuel Rodrigues Pinto de Oliveira, o seguinte:

Pertencente á igreja: 1 cruz processional, 4 castiçaes, 2 pares de galhetas, 1 caixa de hostias, vaso do lavatorio das communhões, vaso pequeno de lavatorio dos enfermos, tudo de folha de prata, 1 thuribulo e 1 naveta, pesando todas estas peças 25 arrateis. Pertencente á confraria do Santissimo: 1 cruz de acompanhar, 2 cereaes correspondentes á cruz, 1 lanterna maior, 2 mais pequenas de braço, 6 varas de pallio e outra do juiz, 1 caldeirinha de agua benta, 1 jarro e hyssope, 1 pratinho de unção e vaso dos santos oleos, pesando tudo 54 arrateis e 3 quartos. Eis aqui pois os principios de liberdade e civilisação, que o exercito de Junot trouxe a Portugal na sua invasão em 1807 e 1808.

procedimento a ruina do paiz, e das duas mencionadas provincias especialmente.

Como na obra de v. ex.ª se acham reunidas e expostas fielmente, e consideradas com imparcialidade muitas noticias, que anteriormente não haviam sido publicadas, ha de certamente a mesma obra tornar-se no futuro um precioso auxiliar para os escriptores, que quizerem tratar conscienciosamente a historia de Portugal, durante a respectiva epocha.

Peço a v. ex.ª que aceite as minhas cordiaes felicitações por haver composto tão importante escripto. E tambem lhe rogo que receba os meus agradecimentos pelo favor com que quiz distinguir-me, fazendo imprimir o meu nome no principio do volume de que tenho tratado: sendo esta distincção devida sem duvida aos sentimentos de amisade, que entre nós tem existido pelo espaço de mais de quarenta e seis annos.

Desculpe a extensão d'esta carta, e creia-me de v. ex.ª velho amigo. = *Sá da Bandeira.*

No n.º 2:844 do *Conimbricense,* de 27 de outubro de 1874, pag. 2, lê-se, debaixo da epigraphe de *Bibliographia,* o seguinte artigo, assignado pelo sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, concebido nos seguintes termos:

«Acaba de sair dos prelos da imprensa nacional o tomo III da *Historia da guerra da peninsula,* publicado pelo sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano.

«Damos com ineffavel prazer esta fausta noticia a todos os amigos das boas letras portuguezas e amantes das glorias patrias, ennobrecidas e honradas n'esta importante obra.

«Sabem todos os leitores dos escriptos do sr. Simão José da Luz, que são principalmente caracterisados por summa perspicuidade e judiciosa critica, dictada pelo mais profundo amor da verdade e sentimento de justiça.

«Resplandecem estes dotes de um modo especial no tomo da *Historia,* cuja publicação annunciâmos. Aqui são julgados com toda a imparcialidade os feitos dos personagens principaes d'esta memoravel epocha.

«Cremos que poderia haver escolhido com mais propriedade, que outros historiadores, para epigraphe da sua obra o conhecido verso de Virgilio

«Tros Tyriusque mihi nullo discrimine agetur.

«Comprehende o tomo III todos os successos que respeitam á invasão de Portugal pelo marechal Massena em 1810, e á sua retirada em 1811, e outros occorridos então na peninsula.

«É illustrado com os seguintes mappas.» (Depois de descrever os onze que n'elle figuram, conclue o artigo pelo seguinte modo:)

«Termina com o tomo IV a *Historia da guerra da peninsula,* e está felizmente quasi concluido para entrar no prelo o manuscripto respectivo.

«O sr. Simão José da Luz toma singularmente a peito levar ao cabo esta empreza com a brevidade possivel.

«Fazemos os mais sinceros votos, não só para que logre seu patriotico empenho, conservando-lhe Deus firme saude, mas para que lhe conceda tambem os necessarios annos de vida, a fim de pôr o remate á *Historia da guerra civil,* que deve seguir-se á da *Guerra da peninsula.*

«Portalegre, 24 de outubro de 1874.=(Assignado) *F. A. Rodrigues de Gusmão.*»

No n.º 2:846 do referido jornal, o *Conimbricense* de 3 de novembro de 1874, achâmos igualmente, por obsequiosidade do sr. Joaquim Martins de Carvalho, seu proprietario e principal redactor, o seguinte artigo, relativo ao mesmo terceiro volume.

Coimbra — Guerra da peninsula

A primeira das virtudes sociaes e a base solida sobre que descansa o edificio de todas as outras é incontestavelmente o amor da independencia nacional. Sem esta grande virtude muitos povos, que depois foram nações famosas, ficariam para sempre sepultados no silencio do esquecimento; e com ella animados, muitos outros sacudiram o jugo da escravidão e reconquistaram a liberdade que já outr'ora sua fôra, e que só o direito do mais forte por algum tempo lhes usurpára.

(MONARCHIA LUSITANA.— PARTE IV.)

I

Se o amor nacional tem sido a causa de numerosissimas victimas, em rasão das discordias entre os differentes povos; é tambem certo que a elle se deve a origem das maiores dedicações e dos feitos do mais acrisolado patriotismo.

Debalde têem phantasiado os utopistas uma republica universal. No coração de todos os homens está profundamente gravada a affeição ao paiz natal de preferencia a outro qualquer povo. Será um preconceito na opinião de uns, ou uma virtude na de outros; mas o que é innegavel é que esse sentimento tem sido vivissimo em todas as nações, desde a mais remota antiguidade até hoje.

A essa dedicação se deve em Portugal, n'este pequeno reino do ultimo occidente, o vencimento da gloriosa batalha de Aljubarrota; a descoberta pelos nossos audazes navegantes da passagem para a India pelo Cabo da Boa Esperança; a acquisição de possessões vastissimas; o vencimento na luta prolongada com o paiz vizinho, depois da restauração de 1640; e finalmente essas famosas e nunca assás celebradas campanhas da guerra peninsular nos primeiros annos d'este seculo.

É ao amor nacional que se deve o alcançar este paiz a gloria incontestavel de ser, conjunctamente com a Hespanha, um dos principaes instrumentos da quéda de Napoleão Buonaparte, d'esse guerreiro sem igual, que excedeu aos pro-

prios Alexandre e Cesar, os mais famosos conquistadores dos antigos tempos.

Havia Napoleão vencido a Prussia em Jena, e a Russia em Friedland, de que resultára a paz de Tilsitt; tinha emfim subjugado quasi todas as nações da Europa continental; mas faltava-lhe Portugal e Hespanha para completar o seu systema de bloqueio contra a Inglaterra, por elle decretado em Berlim.

Dirige por isso contra as duas nações peninsulares os seus numerosos exercitos, costumados a saírem victoriosos de todas as campanhas; porém, quando menos o esperava, soffre o desaire de ver que em 1808 o general Dupont tem de depor vergonhosamente as armas em Baylen, e Junot de assignar a convenção de Cintra, posteriormente aos combates da Roliça e Vimeiro.

Resolve-se em seguida a vir pessoalmente o grande capitão do seculo para vencer os valentes hespanhoes; e com effeito depois do combate de Somo-Sierra entra triumphante em Madrid e domina a maior parte da Hespanha. O marechal Soult dirige-se logo á Galliza, e expulsa pela Corunha o exercito auxiliar inglez: segue depois para Portugal por Traz os Montes; mas tem de fazer alto no Porto, vendo-se, passado mez e meio, obrigado a fugir precipitadamente d'este reino, graças á bravura do exercito anglo-luso.

Vae o mesmo Soult cercar Cadiz; porém ahi vê tambem inutilisados os seus esforços para se apoderar d'este baluarte da independencia hespanhola.

Prepara-se em seguida nova e mais formidavel invasão contra Portugal. Avança em 1810 o marechal Massena contra este paiz com um exercito formidavel, vindo conhecer praticamente no Bussaco qual é a tempera dos animos portuguezes. Tem de parar diante das fortissimas linhas de Torres Vedras, e por fim, passados cinco mezes de inacção, retira-se de Portugal, indo o exercito anglo-luso em seguimento dos francezes, d'esses chamados heroes de cem batalhas, conseguindo, depois de pelejas sem numero, faze-los internar em França.

II

Estas façanhas parecem já hoje quasi legendarias; e por isso praticam um grande acto de patriotismo, tanto os governos, como os individuos em particular, que concorrem para perpetuar a sua memoria, não só como acto de justiça a quem ellas foram devidas, como para incitamento aos vindouros, a fim de que saibam quanto tem custado a manter a independencia nacional, e o que devem praticar em igualdade de circumstancias.

Por ordem do sr. marquez de Sá da Bandeira e diligencias do sr. major de artilheria Joaquim da Costa Cascaes, já se acha levantado no Bussaco um padrão, que attesta permanentemente o brilhantissimo feito de armas, que os exercitos portuguez e inglez ali praticaram em 27 de setembro de 1810; e outro padrão terá de ser elevado perto da villa da Alhandra, ala direita das famosas linhas de Torres Vedras, para commemorar a todas as gerações, que foi ali que terminou a marcha do exercito francez commandado por Massena; seguindo-se depois essa serie quasi ininterrompida de victorias, que humilharam as aguias da França e fizeram depor do throno o grande Napoleão.

Depois d'estes monumentos mudos e silenciosos, era mister a historia circumstanciada de tão grandissimos feitos. Muito se tem escripto ácerca da guerra peninsular; grande numero de escriptores nacionaes e estrangeiros se tem occupado d'este vasto assumpto; mas faltava em Portugal uma obra methodica, onde se historiassem desenvolvidamente todas as phases da campanha, desde a origem d'ellas até á sua conclusão em França.

D'essa vasta e laboriosa tarefa se incumbiu, por contrato com o governo portuguez, o sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano; e da sua obra monumental acaba s. ex.ª de publicar ha dias o volume III da segunda epocha da *Guerra peninsular*, com o titulo de *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*, com-

prehendendo a *Historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834*. É um grosso volume de 757 paginas, acompanhado de doze primorosos mappas e plantas.

Occupa-se o sr. Simão José da Luz Soriano com especialidade n'este volume da invasão do exercito de Massena em Portugal, sua subsequente expulsão do reino e continuação da guerra em Hespanha.

Serão poucos todos os elogios que se possam fazer ao illustrado escriptor por esta obra importantissima. A abundancia extraordinaria dos esclarecimentos obtidos nas mais acreditadas fontes, e a judiciosa critica dos factos tornam este trabalho do sr. Simão José da Luz Soriano de um merecimento incalculavel, e fazem-no digno dos mais altos louvores.

Parece incrivel como um só escriptor póde dar conta de uma obra tão colossal! Só quem, como o sr. Simão José da Luz Soriano, é cuidadosa e infatigavelmente applicado ao trabalho, e alem d'isso préza acima de tudo a sua dignidade, esmerando-se em cumprir religiosamente os seus contratos, é que podia realisar uma historia tão completa, em que fica registado tudo quanto fez a nação portugueza para sustentar a sua independencia.

III

Não se póde ler sem indignação, sempre crescente, a narração que faz o distincto escriptor das atrocidades praticadas pelo exercito de Massena na sua invasão em Portugal. No futuro ha de duvidar-se que os soldados de uma nação, que se quer ter na conta de uma das mais civilisadas da Europa, taes horrores praticassem no seculo XIX.

As devastações, os incendios, os assassinatos sem numero e com circumstancias as mais revoltantes, praticados pelos francezes em Portugal, só podem achar comparação com a invasão dos barbaros do norte no imperio romano, ou com a dos sarracenos em Hespanha.

Queixavam-se altamente os francezes e os seus apaixonados, durante a ultima guerra da França com a Prussia, dos

actos de barbaridade praticados pelos prussianos. Sem querermos por fórma nenhuma defender essas violencias, só diremos que bem o podem tomar os francezes á conta de castigo da Providencia.

Que fizeram elles á Prussia, quando a invadiram em 1806? Que fizeram á Austria, á Hollanda, á Italia, á Hespanha, a Portugal e a todos os mais paizes onde entraram esses novos vandalos?

É por isso que muito estimâmos de ver que o sr. Simão José da Luz Soriano tem a esse respeito iguaes opiniões ás nossas.

Diz s. ex.ª a pag. 201 do volume ultimamente publicado: «Não nos parece pois que os francezes tenham muita rasão de se queixarem de alguns excessos, que porventura os exercitos prussianos praticassem no seu paiz durante a cruel guerra, que com elles tiveram em 1870 e 1871, pois por muito barbaros que fossem não o foram tanto, que perpetrassem actos de natureza igual aos dos mesmos francezes em Hespanha e Portugal; e se os praticaram nada mais fizeram do que applicar-lhes com toda a justiça a pena de Talião».

Não acrescentaremos mais nada em relação á obra do sr. Simão José da Luz Soriano. Publicações similhantes têem em si o seu merecido elogio.

Só nos resta fazer os mais sinceros votos para que este esclarecido e infatigavel escriptor possa levar á sua conclusão um trabalho tão valioso para honra sua e da nação portugueza. = (Assignado) *Joaquim Martins de Carvalho.*

A pag. 2, columna segunda do n.º 314, decimo quarto anno, 1875, da *Correspondencia de Portugal* se acha transcripto o seguinte pequeno artigo:

Saíu ultimamente da imprensa nacional o tomo III da segunda epocha da *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal,* pelo sr. Simão José da Luz Soriano.

A obra a que nos referimos, e que já consta de seis volu-

[illegible]

[illegible] emprehendimento [illegible] investigação [illegible] documentos [illegible] as suas apreciações são sempre baseadas [illegible] sem paixão [illegible] e sem verdadeira [illegible].

É um excellente serviço prestado pelo sr. Soriano esta importante publicação, onde se encontram subsidios de toda a ordem com relação ás epochas de que o auctor escreve se [illegible].

Carta que me dirigiu o chefe da repartição da contabilidade da secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, o sr. Miguel [illegible] Lobo de Bulhões, sobre a materia dos antecedentes.

Ill.^mo e ex.^mo sr.—Li com muito interesse o tomo III (segunda epocha) da *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*. Os seis tomos já publicados são manancial de subsidios a que se recorre com segurança para quaesquer trabalhos, que prendam com os successos dos ultimos annos do seculo passado e dos primeiros do corrente. Affirmo a v. ex.ª que muitas investigações historicas, por mim feitas com relação áquella epocha, para uns escriptos que publiquei em Madrid, me ficaram sempre muito áquem dos valiosissimos elementos que fui encontrar na sua obra. Já tive occasião de dizer pela imprensa[1], e tenho muito gosto em o repetir, que a *Historia da guerra civil*, etc., revela muito estudo, critica imparcial, e justa apreciação dos homens: é o meu voto, e creio que, se no presente nem todos estiverem de acordo commigo, as gerações futuras hão de reconhecer o relevante serviço prestado por v. ex.ª á nação, e sobretudo á verdade.

[1] Refere-se ao anterior artigo, transcripto na *Correspondencia de Portugal*.

Devo agradecer a v. ex.ª o ter augmentado (pag. 81 e 82 do tomo III) a publicidade de um facto muito honroso para a memoria de meu pae e dos pouquissimos officiaes que então o acompanharam. Posso assegurar a v. ex.ª, como se apreciasse pessoa estranha e á vista de documentos irrecusaveis, que até ao fim da sua longa carreira, quer em commissões militares, quer nas scientificas da arma de engenheria, meu pae nunca desmentiu do brio e pundonor, que determinaram o seu arriscado procedimento, elogiado e premiado em 7 de setembro de 1810. Ainda na mesma guerra da independencia prestou elle um bom serviço, quando dirigiu a mina do forte da Conceição.

Releve-me v. ex.ª estas expansões, que talvez pareçam dictadas só pelo amor filial: é certo que tenho a convicção de haver herdado um nome sem mancha.

Renovando os meus applausos sinceros ao monumental escripto a que me tenho referido, peço a v. ex.ª que aceite os protestos de profunda consideração e grande amisade com que sou de v. ex.ª, casa de v. ex.ª, 15 de fevereiro de 1875. Muito attento venerador e creado obrigadissimo. = *Miguel Eduardo Lobo de Bulhões.*

No n.º 4 da *Revista militar*, de 28 de fevereiro de 1875, acha-se tambem, com relação ao terceiro volume da *Historia da guerra da peninsula*, um artigo em que o sr. general de brigada, Antonio de Mello Breyner, ajuiza o referido escripto pelo seguinte modo:

Campanha em 1810 em Portugal

Na continuação do estudo sobre as diversas campanhas, escriptas pelo sr. coronel V.... [1] e por nós traduzidas nos numeros d'esta *Revista militar*, seguia-se na sua ordem a

[1] *Journal des sciences militaires*, 4ᵉ livraison, decembre 1872.

campanha de 1810 em Portugal; mas como ella já foi descripta pelo nosso illustre collaborador, amigo e estimavel camarada, o sr. capitão do estado maior de artilheria, Augusto Frederico Pinto de Rebello Pedrosa, no n.º 17 d'este jornal de 15 de dezembro de 1873, entendemos dispensavel a sua reproducção, e passaremos portanto á campanha da Russia, que teve logar no anno de 1812.

Alem d'esta circumstancia já de bastante valia, outra de mais importancia ainda nos levou a essa resolução, a de ser a referida campanha tratada com toda a minuciosidade, clareza, verdade e imparcialidade pelo distincto historiador, grande investigador e nosso prezado amigo, o sr. Simão José da Luz Soriano [1], na sua *Historia da guerra da peninsula.*

Faltam-nos os dotes precisos para censurar obra de tão grande valor, e fraca é a nossa voz para tributarmos o louvor merecido a tão elevado historiador e cidadão prestante; mas como portuguez e soldado não podemos deixar de consignar n'este jornal, aonde não ha eloquencia, nem estylo sublimado, mas linguagem singela e clara, porém verdadeira, os sentimentos dos nossos mais gratos agradecimentos por haver emprehendido e publicado trabalho de tão subido quilate, e que lhe ficará padrão glorioso do seu merito, amor da patria e honra nacional.

E não havia obra portugueza em que se historiasse aquella grande epocha, em que um paiz pequeno, falto de recursos e de soldados, aonde os poucos meios de defeza de que podia dispor não foram empregados, alem do inimigo mandar para França a sua melhor tropa, e a restante quasi toda despedida do serviço; pois assim mesmo a nação surgiu, os sacrificios foram innumeraveis, os roubos, as violencias, os incendios e toda a casta de horror e barbaridades commettidas pelos francezes, não foram capazes de amedrontar ou afrouxar os animos dos portuguezes, nem diminuir o seu valor, que fizeram abaixar as aguias do imperador do seu vôo con-

[1] *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*, segunda epocha; *Guerra da peninsula*, tomo III.

quistador, dando-lhe com a tenaz valentia dos nossos recrutas, os primeiros golpes nos revezes, que de então até 1814 foram tendo as tropas do grande exercito, sempre invencivel até darem de frente com as linhas de Torres Vedras. Não faltam nas outras nações historias da guerra peninsular, mas todas calam as nossas gentilezas, fazendo-nos pouca justiça, sendo mais para notar os nossos fieis alliados, esquecendo-se que os louros, que lhes engrinaldaram as frontes nas campanhas da peninsula, foram colhidos pelos portuguezes á custa do seu sangue, corrido a jorros nos campos da batalha, da desolação das familias d'esta nação e da devastação da patria. Era mister reclamar o que nos pertencia, era a honra portugueza que precisava desaffronta, era a verdade que devia ser patente ao mundo: o sr. Simão José da Luz Soriano veiu satisfazer esta necessidade e prestar este grande serviço. Proclamem-se os altos feitos dos exercitos belligerantes, gosem as nações, que tomaram parte na luta d'aquella epocha, as indemnisações da guerra que obtiveram, esquecendo Portugal do quinhão que devia pertencer-lhe, sendo contemplado tão mesquinhamente, tudo lhes concedemos, mas não nos roubem a gloria que soubemos ganhar e nos pertence.

Ao ex.^{mo} sr. marquez de Sá devemos a iniciativa de se escrever a historia a que nos referimos, e ao ... sr. Soriano devemos a sua execução: honra e louvor a ambos.

CAPITULO I

As difficuldades para o progresso das operações de lord Wellington foram a causa d'elle por algum tempo se limitar á defensiva, ao passo que Napoleão Buonaparte, tendo levado a sua omnipotencia e o imperio francez a um estado de colossal engrandecimento, tornou-se, no meio da sua fortuna, altamente despotico, sobretudo para com a rainha da Etruria, não poupando seu proprio irmão, Luciano Buonaparte, chegando até a provocar a Russia a uma guerra, para a qual elle mesmo marchou em pessoa, saíndo de Paris a 9 de maio de 1812. Com esta guerra reuniu-se a continuação da da peninsula, onde as difficuldades que o marechal Marmont tinha para o pontual desempenho da sua commissão contrastavam com as vantagens que para o combater por si tinha lord Wellington, cujas tropas se dirigiram em janeiro do mesmo anno de 1812 contra a praça da Cidade Rodrigo, que tomaram por assalto a 19 do dito mez, passando depois a operar tambem contra a de Badajoz, tomada por escalada na noite de 6 para 7 de abril, tambem do dito anno de 1812.

Com o andar do tempo e a narração dos factos que n'esta obra temos apresentado ao leitor, vamo-nos approximando da epocha em que a fortuna, até então companheira fiel da immarcessivel gloria de Napoleão Buonaparte, o começou a abandonar, tanto nos exercitos que mandou á peninsula, como pessoalmente a elle proprio nas suas operações directas, ameaçando-o, no auge dos sanguinolentos dramas por elle mesmo postos em scena em toda a Europa, de um negro e desastrado futuro. Com relação pois aos seus exercitos, mandados por elle para a peninsula, será conveniente lembrar, a fim de bem ligarmos os factos da memoravel campanha de 1812, em que vamos entrar, com os que já temos narrado, que quatro epochas bem distinctas e caracterisadas da guerra da peninsula se tinham já passado até finalisar o anno de 1811. A primeira comprehende a insurreição geral da Hes-

panha contra o tyrannico dominio francez no anno de 1808, e a completa derrota dos seus exercitos, effeituada por Napoleão no fim do referido anno. A segunda apresenta-nos a annullação das vantagens, que similhantes derrotas trouxeram após de si para os francezes, por effeito da inopinada guerra da Austria do proximo seguinte anno, e da inactividade do rei José, seu irmão, a que se seguiu reanimar-se por similhantes causas a confiança dos hespanhoes na sua luta contra os mesmos francezes. A terceira offerece-nos a brilhante victoria, alcançada por lord Wellington sobre o marechal Soult em 1809, obrigando-o a retirar-se precipitadamente de Portugal, de que resultou internar-se o mesmo lord Wellington com o exercito do seu commando em Hespanha, indo lá ganhar a batalha de Talavera, e postoque a concentração das forças francezas e a má vontade do governo hespanhol o forçassem a retirar-se de lá para Portugal, ainda assim pôde salvar n'aquelle anno a Andaluzia da invasão inimiga, realisando-se sómente no seguinte anno de 1810.

Lord Wellington, vendo os poderosos meios de que n'este anno a França dispunha na peninsula, com toda a rasão aconselhou os hespanhoes a manterem-se na defensiva, conselho que elles loucamente desprezaram, sendo a consequencia d'isto a momentosa derrota que soffreram em Ocaña, alem de outras mais em diversos pontos, a que se seguiu a definitiva perda das Asturias, da Andaluzia, do Aragão e das melhores fortalezas da Catalunha, desastres que os reduziram á inteira impossibilidade de se defenderem só por si, seguindo-se como natural consequencia d'este seu mau estado a proximidade da sua final sujeição á França, o que se não realisou por causa do auxilio que tiveram no exercito luso-britannico. Para conseguirem pois o dominio da peninsula, forçoso era aos francezes a inteira aniquilação d'este exercito, para obter a qual Napoleão mandou contra Portugal as aguerridas e numerosas tropas, confiadas ao experiente commando do marechal Massena. Orgulhoso pelos seus anteriores triumphos nas outras partes da Europa, este general, contando na phantasia por sua a victoria, n'este

reino se entranhou temerariamente, soffrendo para seu castigo a momentosa derrota do Bussaco, e o vir depois d'ella esbarrar inopinadamente contra as linhas de Torres Vedras. Antolhando-se-lhe estas como intomaveis, em março de 1811 retrogradou para Hespanha, onde a final foi perder a batalha de Fuentes de Oñoro. É a serie de todos estes factos a que constitue a quarta epocha da guerra, que n'esta obra historiâmos, epocha em que as forças contendoras têem sido por alguns escriptores olhadas como quasi iguaes para uma e outra parte no campo. É pois o anno de 1811 o ponto culminante da gloria dos exercitos francezes na peninsula, começando desde então por diante a declinar sensivelmente n'ella o seu poderio. Enormes tinham sido os esforços dos mesmos francezes para o conseguirem. Effectivamente em 1809 os seus exercitos, reduzidos como tinham sido pelas perdas por elles experimentadas, e pelos reforços d'elles tirados por Napoleão para a já citada guerra da Austria no dito anno de 1809, passaram de 335:000 homens a 226:000; mas em 1810 o mesmo Napoleão os elevou novamente a 369:000 homens, conservando-se até agosto de 1811 entre este numero e o de 330:000, contando no referido mez de agosto 372:000 homens, comprehendendo 52:000 cavallos.

Passando agora a certas particularidades dos exercitos contendores, diremos que os francezes tinham em Valladolid os seus principaes armazens de deposito, e no Tormes os seus postos avançados. Desde aqui até ao rio Agueda, junto do qual ainda contavam por sua a praça da Cidade Rodrigo, que aliás precisavam ter sempre abastecida e defendida, era-lhes forçoso fazer para similhante fim quatro marchas forçadas através de um paiz selvagem e coberto de bosques. Quanto aos alliados, a sua linha de communicação desde o mesmo Agueda até Lisboa, principal base das suas operações, constava de duas partes, trajecto por agua e trajecto por terra; a primeira parte é a que ía desde Lisboa até á Raiva, povoação situada na margem esquerda do Mondego; a segunda é a que ía d'aqui até ao Agueda, cuja distancia se reputava de umas trinta leguas, que tinham de se andar por

caminhos que atravessavam montanhas e valles devastados: por conseguinte para que um comboio chegasse de Lisboa ao exercito forçoso lhe era gastar quinze dias. A linha de communicação do Agueda para o Porto, cidade situada no flanco esquerdo do exercito, atravessava pouco mais ou menos vinte e tres leguas de um paiz difficilimo e muito cortado, antes dos alliados se poderem servir da navegação do Douro. Quanto ao general Hill, postado como se achava no flanco direito do exercito, a sua linha de communicação passava através de um paiz, coberto de caminhos estreitos e de obstaculos naturaes. As tropas que commandava não achavam n'elle recurso algum, devendo-lhes os respectivos viveres ser fornecidos pelos armazens de deposito, estabelecidos em Abrantes, primeiro ponto de navegação que se achava sobre o Tejo, ao partir do seu acampamento. Uma das singularidades d'esta linha era a ponte de barcos, que havia em Villa Velha, unica passagem militar que atravessava o Tejo entre Abrantes e Almaraz.

O paiz entre o Côa e o Agueda não fornecia ás tropas que o occupavam a precisa subsistencia, e a natureza do mesmo Agueda, a par da falta de uma boa posição perto da Cidade Rodrigo, tornavam bastante difficil e não pouco perigoso, não só o sitiar-se, mas até mesmo o bloquear-se a referida praça, cousa que balanceava para os francezes a desvantagem de se acharem muito distantes d'esta fortaleza. Não admira pois que em presença do que acabâmos de expor lord Wellington se visse impossibilitado de atacar a Cidade Rodrigo em maio de 1811, em seguida á batalha de Fuentes de Oñoro. Alem do exposto acrescia mais que por aquelle tempo ainda não havia material de sitio, e a praça de Almeida, assim como a sua artilheria, não eram mais do que um montão de ruinas, desde a explosão que n'ella fez rebentar o general Brenier. N'este estado de cousas as vistas de lord Wellington não podiam deixar de voltar-se para Badajoz, que mandára sitiar pelo marechal Beresford. A batalha de Fuentes de Oñoro, as disputas que entre si entretinham os marechaes francezes, a desorganisação do exercito de Massena, depois da sua entrada em Hespanha em 1811, retirando-se de Portugal, e fi-

nalmente a inefficacia do exercito do norte em o auxiliar, como se viu pela citada batalha de Fuentes de Oñoro, tornavam impraticavel tentativa alguma seria por parte dos francezes contra o norte de Portugal. Pensar portanto em sitiar Badajoz no meio de taes circumstancias era cousa propria da alta capacidade de lord Wellington, e com tanta mais rasão era levado a isto, com quanta por outro lado via que as linhas de communicação entre o Mondego e o Douro ainda não estavam completamente restabelecidas, e os armazens intermediarios, sendo pouco consideraveis, pouco damno fariam aos alliados, quando o inimigo nas suas incursões os apprehendesse, sendo por outro lado sufficientemente forte para cobrir a linha de Villa Velha o corpo do general Spencer, que o mesmo lord Wellington para similhante fim deixára ficar de observação á Cidade Rodrigo. Se elle portanto tivesse n'aquelle tempo por si os necessarios meios para sitiar Badajoz, meios que infelizmente não teve, é inquestionavel que o seu ataque contra aquella praça em 1811 não podia deixar de se ter como bem pensado.

Ainda assim forçoso é confessar que a situação descripta bem depressa mudou de face, quanto a esta praça, poisque a habilidade de Philippon, a diligencia do duque de Ragusa na sua marcha para a Extremadura hespanhola, e a attitude que o marechal Soult soube judiciosamente tomar depois da batalha de Albuera, fixando-se em Llerena, tornaram summamente difficil o bom exito da empreza contra Badajoz. Grande foi seguramente a ousadia de lord Wellington em no meio da presença dos exercitos de Soult e de Marmont se manter firme na posição do Caya; este passo por elle dado evitou grandes males a Portugal, e se péla retirada dos referidos dois marechaes o mesmo lord Wellington não continuou o cerco d'aquella praça, foi isso devido á impossibilidade em que o poz a posição, que Buonaparte ordenou a Marmont que tomasse no valle do Tejo. Embaraçado pois na sua dita empreza contra Badajoz, occorreu-lhe então a da Cidade Rodrigo, seduzido pela enganadora esperança de a achar sem provimentos, de que resultou voltar novamente

para o Côa. Ainda assim lord Wellington obteve a grande vantagem de mallograr com as suas operações os planos do inimigo, poisque nem o exercito francez do norte, collocado como estava sobre um dos flancos dos alliados, nem o de Portugal, postado na frente do general inglez, poderam obrar cousa alguma de importancia. Marmont nada mais pôde fazer do que embaraçar a marcha dos alliados para Salamanca na sua posição do Tejo, porque quando elles a fizessem, succederia que a sua communicação com Hill, e até mesmo com Abrantes e Lisboa, achar-se-ía cortada pelo exercito de Portugal, isto alem das difficuldades naturaes que o paiz lhes offerecia para a sua marcha; e a quererem-se elles dirigir outra vez para o Tejo para atacar o mesmo Marmont, o marechal Soult e Dorsenne lhes caíriam em tal caso sobre os seus flancos. Tal foi pois a rasão por que lord Wellington se conservou por algum tempo na defensiva, aguardando occorrencia favoravel para retomar a offensiva.

Mas os embaraços e a posição difficil em que lord Wellington se viu em 1811 não consistiam só no que temos dito. Tendo os exercitos francezes sido reforçados, depois que os alliados voltaram n'aquelle anno do Alemtejo para o Côa, posteriormente ao mallogro da sua tentativa contra Badajoz, qualquer dos dois generaes, Marmont e Dorsenne, commandava um exercito de tanta força como tinha o luso-britannico, e por conseguinte reunidos elles, o total de ambos era-lhe consideravelmente superior. Soult pela sua parte estava senhor da Andaluzia, tendo alem d'isso uma reserva movel de 20:000 homens. O exercito de Suchet fazia cada dia maiores progressos no reino de Valencia, ao passo que pelo norte o general Bonnet occupava as Asturias, e o exercito do centro tinha-se organisado. Por conseguinte não havia esperança de bom resultado para qualquer dos cercos, que lord Wellington intentasse pôr, ou á Cidade Rodrigo ou a Badajoz; e quando em tão triste situação tomou consistencia a noticia da vinda de Napoleão á peninsula, noticia que chegou ao ponto de se lhe dar fé, os embaraços e a posição difficil de lord Wellington augmentaram por modo tal, que a realisar-se similhante

noticia, o seu recurso não podia deixar de ser voltar outra vez para as linhas de Torres Vedras, passo a que era de esperar se seguisse abandonar inteiramente a peninsula, retirando-se a final para o seu paiz.

Foi a grande ambição, a par do desmedido orgulho de Napoleão Buonaparte, o que felizmente veiu tirar as cousas da mais difficil situação a que a guerra da peninsula tinha chegado desde 1808 até 1811, juizo de nenhum modo exagerado, poisque a vinda do imperador á peninsula forçosamente trazia comsigo o prestigio do maior conquistador dos ultimos seculos, e o da omnipotencia dos meios de que dispunha, como sendo elle o maior potentado do mundo por aquelle tempo. Mas quanto precarias e falliveis não são as cousas do mundo chegadas á sua magnitude?! Ao passo que este era o facto do que na realidade se via com relação a Buonaparte, tambem por outra parte o subido grau do seu colossal imperio estava proximo a desmoronar-se, como composto de elementos heterogeneos, e sem bases solidas em que se firmasse. Duras e bem sensiveis perdas tinha elle já experimentado por mar e por terra, a respeito das quaes podia com verdade dizer, como quando teve a noticia da derrota de Trafalgar, *eu não estava lá, porque não posso estar em toda a parte;* mas era chegado o tempo em que a applicação d'este dito não podia ter logar, com relação aos proximos futuros successos, que no norte da Europa se íam passar no anno de 1812. Era o despotico procedimento d'este homem extraordinario, que o ía lançar no vortice do mais profundo abysmo. Tempo houve em que a sua auctoridade se tinha visto em França mais firme e vigorosa, quando o seu imperio era mais limitado do que depois de o ter elevado á desmedida grandeza a que chegára em 1811, cousa que seguramente provinha de incongruencia dos elementos, que entravam na sua má composição e arranjo, porque emfim a manutenção de um governo despotico com idéas de liberdade, e o repentino amalgama de muitas e diversas nacionalidades em uma só não eram cousas faceis de conseguir com as idéas predominantes da moderna Europa no seculo XIX.

Seja porém como for, certo é que o seu colossal imperio, gradualmente engrandecido, estendia-se do nordeste ao sudoeste, desde Travemunde, sobre o oceano baltico, até aos Pyrenéus, e do noroeste ao sueste desde o porto de Brest até á Tarracina, nos confins do territorio napolitano. Conseguintemente uma população de quarenta e dois milhões de individuos, tendo por si tudo o que póde garantir a prosperidade de um estado, e posta essa população, com relação á riqueza, á fertilidade do solo e á benignidade do clima na mais bella porção do mundo civilisado, formava a portentosa soberania de tão magnifico imperio. Não contente ainda com isto, Napoleão juntava mais ao seu particular dominio a Carniola, as provincias Illyricas, e o bello reino da Italia. Alem d'isto, como mediador da republica helvetica, exercia uma auctoridade quasi absoluta sobre a Suissa, que muito a seu pezar lhe fornecia uma porção de tropas. A Hollanda, governada por seu irmão Luiz, formava decididamente uma parte constituinte do grande imperio francez, podendo-se dizer outro tanto dos estados e cidades livres do norte da Allemanha, onde as numerosas tropas de contrabandistas, vestidas e armadas ao modo dos guerrilhas, escaramuçavam dura e quotidianamente com os empregados fiscaes da França, tanto pelos odios nacionaes que as dominavam, quanto pelo amor do ganho, que obtinham á custa das suas desesperadas lutas. Murat, rei de Napoles, tambem pela sua parte se achava com o seu reino á disposição de seu cunhado, o imperador dos francezes, o qual, esperando aggregar a si a peninsula iberica, onde já tinha posto como rei da Hespanha seu irmão José, conseguira, por estas novas acquisições, formar um imperio de oitocentas mil milhas quadradas, e uma população de oitenta e cinco milhões de habitantes, isto é, um imperio de facto com a quinta parte do territorio da Europa, e um terço da sua população.

Era a Inglaterra, por meio das suas esquadras e do exercito luso-britannico, que lord Wellington commandava em Portugal, e o governo d'este mesmo reino os unicos estados livres do jugo francez, que havia na Europa nos fins do

anno de 1811 e principios de 1812, e contra esse jugo se achavam ambos os governos estreitamente ligados, promettendo-lhe a continuação da mais dura e incarniçada guerra. A Hespanha tinha perdido os seus exercitos regulares, não tendo um só d'elles em estado de se oppor aos francezes com probabilidade de bom exito. Durante o anno de 1812 o general imperialista Decaen occupava a Catalunha com uma força, que se computava em 20:000 homens; o marechal Suchet com cousa de 26:000 passára do reino de Aragão a assenhorear-se dos de Valencia e Murcia. Soult com o seu exercito de 45:000 homens dominava na Andaluzia e Granada, e ameaçava a Extremadura; na Navarra e na praça de Pamplona suppunha-se a existencia de 9:000 homens; Bonnet, substituido depois por Caffarelli, occupava o norte com outros 9:000; o rei José as Castellas com 10:000 a 12:000; e finalmente Marmont tinha a seu cargo Burgos e Salamanca, que occupava com 40:000 a 50:000. Podia portanto dizer-se que a Hespanha seria durante o dito anno de 1812 subjugada inteiramente pelas armas da França, a não ter por si o apoio do exercito luso-britannico. A Dinamarca pela poderosa influencia, que nos seus conselhos exercia o gabinete das Tuilherias, podia considerar-se de facto como um dos reinos federativos da França. A Suecia, onde todavia era mediocre aquella influencia, querendo manter-se na posse da Pomerania sueca, dependente do arbitrio de Napoleão, era pelo seu particular interesse obrigada a transigir com elle, subordinando-se portanto ás suas vontades e desejos. A Prussia achava-se por então no mesmo caso, ou ainda peior: mortal inimiga do nome francez, tendo nos seus estados as fortes guarnições, que Napoleão lhe tinha posto, alem das numerosas forças com que a ameaçava, achava-se reduzida a acatar humilde o que elle lhe quizesse determinar, posto que em sigillo buscasse recuperar o seu antigo ascendente militar, nas vistas de aproveitar a primeira occasião de restaurar a sua perdida independencia, o que tambem succedia á maior parte dos estados allemães. A Austria, alem das consideraveis perdas que na ultima guerra tinha experimentado, achava-se por

então ligada em parentesco com o mesmo Napoleão pelo indissoluvel laço do sangue, que com elle havia contrahido, e que de algum modo lhe submettêra a altiva casa de Habsbourg, ou pelo menos a obrigára a uma deferencia de humilhação para com elle. A Turquia, que a seu turno seria tambem subjugada pela França, a não ter mudado a fortuna de Buonaparte, ainda por então se não achava na posição de potencia a elle subordinada, postoque tambem lhe não fosse decididamente contraria. A Russia, por aquelle tempo envolvida na sua impolitica guerra com a Porta, seguramente nas vistas de realisar os seus projectos de engrandecimento, que Napoleão lhe consentíra, e talvez mesmo lhe suggeríra nas conferencias que tivera em Tilsit e Erfurt com o imperador Alexandre, era de todos os estados do continente europeu o que ainda por si tinha uma sombra de independencia, e portanto o que ainda podia reputar-se senhor de si, circumstancia que parecia affligir sobremodo o mesmo Napoleão, de que resultava aspirar a reduzir tambem o gabinete de S. Petersburgo a submisso servo das suas vontades e caprichos, sendo portanto evidente que muito pouco faltava a Buonaparte para realisar a sua predileta dictadura universal da Europa, pretensão que tanto tinha em vista e que no fim de tudo o perdeu.

A Toscana, os estados romanos, e o reino da Hollanda tinham sido por Buonaparte convertidos de facto em departamentos francezes. Por um seu decreto, seguido de um senatus-consulto de 13 de dezembro de 1810, foram reduzidas á mesma condição de departamentos francezes as bôcas do Weser, e as do Elba, sendo-o igualmente o ducado de Oldembourg, os territorios do principe de Salm e de Aremberg, bem como uma porção do Hanover, os territorios de Breme, de Hambourgo, de Lubeck e do Valais. Uma simples intimação foi dirigida aos principes desapossados, e quanto ao principe de Oldembourg, tio do imperador Alexandre, participou-se-lhe que por consideração para com seu sobrinho, se lhe concederia por indemnisação a cidade de Erfurt. Aos principes de Mecklenbourg fez Napoleão sa-

ber que lhes deixava os seus estados, mas com a condição de que lhe seriam tão uteis contra a Inglaterra como se estivessem unidos ao seu imperio. Dispondo portanto a seu belprazer de todos ou quasi todos os estados da Europa, Napoleão tinha pelo facto da sua conducta despotica feito acreditar aos differentes soberanos não desapossados, que não podiam contar com as suas corôas. Mais os acabou de convencer da sua critica situação a dura maneira por que viram tratada pelo mesmo Napoleão a ex-rainha da Etruria, D. Maria Luiza, filha de D. Carlos IV, rei da Hespanha, e portanto irmã de D. Fernando VII. Buonaparte lhe concedêra a ella e a seu filho o reino da Etruria, ou da Toscana, de que depois os desapossou, offerecendo ao seu dito irmão, D. Fernando VII, durante as scenas de Bayonna, a mesma Etruria pela cessão que lhe exigia da Hespanha. Não se levando isto a effeito, Buonaparte reservou para si aquelle mesmo estado, retendo a rainha como em refens. Durante algum tempo permittiu a esta princeza residir em Compiègne em companhia de seus paes; mas depois, a pretexto de a escoltar a Parma, foi conduzida a Nice, onde ficou entregue á severa vigilancia da policia. Amedrontada pela sua triste situação, tentou ella fugir para Inglaterra, para cujo fim se lhe enviaram dois emissarios da Hollanda. Descoberto porém este projecto, alguns officiaes de policia, acompanhados por gendarmes, dirigindo-se no dia 16 de abril de 1811 á casa que ella occupava em Nice, ali a prenderam de facto e lhe tomaram os seus papeis. Conservando-a assim por espaço de dois mezes, e ameaçando-a de a fazer julgar por um tribunal militar, declararam-lhe no fim d'aquelle tempo, que a conduziriam, tanto a ella, como a sua filha (o filho tinha ficado doente em Compiègne), para um convento de Roma, e para lá deveria com effeito partir dentro em vinte e quatro horas, depois da notificação que lhe faziam. Os dois agentes da projectada fuga tambem haviam sido presos e enviados a Paris, onde foram condemnados á morte por uma commissão militar, sendo em consequencia d'isto levados á planicie de Grenelle. Um d'elles foi logo ali fuzilado, dando-se ao outro o perdão,

quando estava para ter a mesma sorte. A afflicção porém d'este desgraçado por tal modo o affectára, que poucos dias depois morreu igualmente.

O rigor de similhante conducta para com uma rainha e uma dama, que em boa fé nas mãos de Napoleão se tinha entregado, esperando que pelo menos se lhe não tirasse a sua liberdade, foi a um tempo uma violação da justiça, da humanidade e dos mais simples deveres, que tinham a praticar-se com uma senhora de tão alta jerarchia, ficando por mais este facto demonstrado qual a sorte que poderia ter algum outro soberano que, como ella, caisse no desagrado do imperador dos francezes. O seu despotismo era de tal ordem, que o seu proprio irmão, Luciano Buonaparte, vivamente importunado para repudiar sua mulher, a fim de o ligar a alguma das familias reaes do continente, ou ao menos para conceder a mão de sua filha ao joven rei da Hespanha, D. Fernando VII, teve de deixar a Italia, e tentar seguir para a America, para d'este modo se subtrahir ás importunações de Napoleão. Convidado porém o mesmo Luciano a dirigir-se para Inglaterra pelo embaixador inglez na Sardenha, quando lhe foi pedir passaporte, effectivamente se dirigiu para Londres, entretendo-se lá na composição de um poema epico sobre Carlos Magno, emquanto que seu irmão buscava reconstruir e consolidar o vasto e antigo imperio do filho de Pepino.

Uma outra intriga da politica teve tambem logar por aquelle tempo, com relação a D. Fernando VII, que a Inglaterra buscava libertar do seu captiveiro. Para este fim commissionou ella um piemontez, chamado barão de Kolli, ou Kolly, a quem forneceu alguns diamantes e outros objectos preciosos, para que, com o pretexto de os vender, podesse ter accesso junto do mesmo D. Fernando, por então prisioneiro em Valençay, onde tinha por principal divertimento, segundo se diz, bordar um vestido e manto para uma imagem de Nossa Senhora. Kolli, desembarcando na bahia de Quiberon em março de 1810, e dirigindo-se a Paris, ali foi surprehendido pela policia, a qual foi informada da sua commissão pelos papeis que lhe encontrou, de que lhe resultou ser preso no castello de Vincen-

nes, onde o conservaram até á tomada de París pelos alliados. O governo francez, querendo saber a parte que n'isto podia ter D. Fernando, mandou-lhe a Valençay um outro individuo, o proprio que trahíra Kolli, e cujo exterior correspondia de alguma maneira aos signaes do verdadeiro emissario inglez. Mas D. Fernando, ou porque suspeitasse o enredo, ou porque preferisse a segurança da escravidão aos perigos que lhe trazia comsigo a liberdade, denunciou o supposto agente inglez a mr. Barthelemy, governador do castello, vangloriando-se o mesmo D. Fernando, na carta que sobre este caso dirigiu a Buonaparte, de haver assim resistido ás seducções do governo britannico; a par d'isto pedia-lhe mais que o removesse de Valençay, residencia que muito lhe desagradava, pedido em que todavia não foi attendido.

No meio de tudo isto a guerra da peninsula contra a França, entretida e sustentada por esta potencia na mesma peninsula á custa de tantos sacrificios de vidas e de tanto sangue derramado, era um principio de estimulo para levar as mais nações da Europa a seguirem o exemplo da Hespanha e Portugal, que pela sua heroica resistencia ao jugo francez haviam conseguido até certo ponto a humilhação e o desdouro da omnipotencia de Napoleão Buonaparte. Bem desejava elle dirigir em pessoa esta famosa guerra, trazendo novamente comsigo uma porção dos seus numerosos e aguerridos exercitos; mas temendo a cada instante achar-se acommettido no norte pelas potencias que vencêra, e ás quaes pozera condições tão duras, que não era de esperar se accommodassem com ellas por muito tempo, forçoso lhe era, nem sair da França, nem mandar mais tropas á Hespanha. Já na primeira e unica campanha, que em 1808 elle mesmo viera dirigir na peninsula, tinha visto que a Austria atacára logo o imperio, e que o exercito e a nação hespanhola, inflammados pela primeira vez por um verdadeiro enthusiasmo, lhe tinham opposto na sua empreza de libertar a patria um vigor de iniciativa, que lhes era menos commum do que a energia da resistencia, de que resultou, apesar de vencedor, ficar surprehendido com similhante phenomeno. Voltando a París, viu igualmente toda

a Allemanha prestes a levantar-se contra a sua tyrannia, não bastando para reprimir o fogo da insurreição (que já fortemente estava ameaçando grande estampido), a timida prudencia dos governadores das provincias. Por alguns dias e semanas estivera em bastante perigo a omnipotencia franceza: a victoria de Wagram, e a paz de Schoembrun bastante o encobriram; mas o lado fraco do conquistador, apesar da sua victoria, não deixou de claramente se manifestar aos perscrutadores da politica. Era portanto patente que para o norte e meio dia da Europa, tanto entre os povos, como entre os principes, Napoleão só contava decididos inimigos, que unicamente se podiam conter pelo terror e oppressão, não podendo portanto deixar de haver algum serio rompimento, logoque similhantes cousas enfraquecessem a dura tyrannia do despota. Por certo que azedados os animos até ao grau em que tão justamente tinham chegado, aquelle era sem duvida o momento de Napoleão parar na carreira de levantar mais inimigos contra si, e inimigos tão funestos como se lhe podia tornar o imperador Alexandre da Russia; mas Napoleão não era homem de parar no meio de qualquer projecto que concebesse, e cuja execução decididamente premeditasse, nada escrupulisando em escandalisar a Russia, a qual, tratada ligeiramente por occasião do casamento que tinha feito com a archiduqueza da Austria, e offendida não menos pela leviandade e pouca consideração em que a França a teve, quando lançou mão do principado de Oldembourg, forçosamente se havia de resentir de similhante tratamento.

Alem do que fica exposto, a Russia, cujo territorio se achava antigamente ao abrigo de uma invasão, via ultimamente descoberta a sua fronteira occidental. A partilha da Polonia, a todos os respeitos injusta, era de muita mais importancia para a Russia do que para a Austria e a Prussia, porque emquanto a Polonia conservou a sua liberdade, um tanto turbulenta e semi-barbara, serviu ella de separação entre a Russia e a Europa. A revolução franceza, dando aos polacos a sua tão appetecida independencia, constante objecto dos seus desejos, teria sem duvida alguma repellido o czar para

as suas inhospitas florestas, destruindo a sua influencia nos negocios da Europa. A libertação do seu paiz, e a reunião das suas provincias desmembradas, eis o que os polacos anciosamente esperavam de Buonaparte, sendo esta a causa por que se aggregaram ás suas bandeiras depois da batalha de Jéna; e postoque elle muito prudente fosse em não fazer explicitas promessas, com relação ao estabelecimento do reino da Polonia, muitas das suas medidas revelaram-lhes o occulto designio de o effeituar. Assim quando as provincias polacas, que tinham formado parte da Prussia, foram por elle erigidas em principado independente, com o nome de gran-ducado de Varsovia, concedendo-se a sua investidura, não sem pensamento reservado, ao rei da Saxonia, descendente dos antigos monarchas polacos, não se duvidou por mais tempo que isto fosse o preludio do integral restabelecimento da Polonia, e de que as provincias pertencentes á Austria e á Russia se reuniriam tambem a este novo ducado, logoque a occasião, ou qualquer fortuito evento o permittisse. Que significam, perguntavam entre si os antigos homens d'estado do imperio russo, que compunham o partido anti-francez, que significam estas estipulações, que deixam passar as tropas francezas da Saxonia para o gran-ducado, e pela Silesia, senão que a França quer lançar uma força preponderante na Polonia pára á sua vontade destruir a obra da famosa imperatriz Catharina, despojando a Russia das ferteis provincias, que a politica d'esta imperatriz tinha reunido ao imperio? Por que rasão se formulou este artigo especial do tratado de Tilsit, que conservou Dantzick á França durante a guerra maritima, a não ser para que esta cidade lhe sirva de praça de armas, no caso de uma guerra contra a Russia? Esta guerra tinha certamente Napoleão calculado com grande probabilidade durante o proprio tempo da sua intima e estreita ligação com o imperador Alexandre.

Tudo isto se tornava ainda mais grave por causa dos artigos do tratado de paz, concluido com a Austria em Schoembrun. Por elles toda a Gallicia occidental, assim como a cidade de Cracovia, e outros mais territorios, foram separados

da Austria, e reunidos ao gran-ducado de Varsovia, ficando portanto patente por mais este facto a decidida intenção, que tinha Napoleão de mais tarde ou mais cedo restabelecer o antigo reino da Polonia, do qual sómente a Russia conservava ainda a parte que lhe tinha cabido pelo tratado da partilha. Outras causas de descontentamento para o gabinete de S. Petersbourg acresciam ás que já ficam expostas. Os homens influentes da Russia, cujo partido forte e numeroso se compunha de grandes proprietarios, consideravam como uma calamidade publica e particular para elles a cessação do commercio com Inglaterra, em consequencia do systema continental. Lembrados estavam ainda da escassez do seu commercio durante o reinado do imperador Paulo. As madeiras de construcção, a resina, a potassa, o canhamo e outros similhantes artigos, que compunham a principal riqueza do seu paiz, e que eram de um pesado e difficil transporte, reclamando communicações faceis com Inglaterra, achavam-se sem saída alguma, ao passo que por outro lado se viam privados dos generos coloniaes, e dos artefactos inglezes, que estavam acostumados a receber em troca das suas mercadorias. Era portanto reconhecido para elles que a continuação de similhante estado de cousas traria forçosamente comsigo a ruina do seu commercio, e a miseria dos seus territorios. Alem d'isto era uma crença geral entre os russos, que a França tratava o imperador Alexandre como seu inferior, sendo cousa inaudita em diplomacia, que um governo impozesse condições ao commercio de um outro estado, ao qual por formalidade tratava como de igual para igual, escandalo tornado muito mais grave por ser acompanhado de ameaças no caso de opposição, o que fazia legitima uma declaração de guerra.

A crença geral dos russos era portanto que a continuação da sua alliança com a França deshonrava altamente a sua nação, compromettia todos os interesses do paiz, e presagiava grandes males, de que resultava ver-se o imperador Alexandre forçado a attender ao voto geral dos povos que governava, quando mesmo fosse real e verdadeira a amisade e consideração que parecia ter por Buonaparte. Á vista pois

d'isto não admira que a Russia desde o fim de 1810 se preparasse para a guerra, como effectivamente fez, augmentando os seus exercitos, e renovando ao mesmo tempo mais ou menos abertamente as suas relações politicas e commerciaes com a Gran-Bretanha, circumstancias que pareciam tornar inevitavel uma ruptura entre ella e a França. Eis portanto as rasões por que lord Wellington julgou sempre inevitavel uma guerra entre a mesma França e a Russia, guerra que o havia de forçosamente auxiliar na que elle capitaneava na peninsula. A propria Hespanha, reconhecendo a propinquidade d'esta ruptura, mandou como seu agente secreto a S. Petersburgo D. Francisco Zea Bermudez, o qual na sua volta a Cadiz em junho de 1811 annunciou que o imperador da Russia effectivamente se dispunha a declarar a guerra á França, e que em virtude d'isto pedia que a Hespanha se conservasse firme por um anno, pedido a que a regencia respondeu que continuaria a defender-se, não só pelo tempo que o imperador desejava, mas tambem por todo aquelle em que ella existisse no seu cargo, não podendo ser outra a sua resolução para se não expor a ser victima do furor do povo hespanhol. Era portanto innegavel que a guerra da peninsula se constituia n'um poderoso auxiliar para a que a Russia premeditava declarar á França, assim como a da Russia era tambem um poderoso auxiliar para a da peninsula: á sua parte occupava esta pelo menos 240:000 homens de tropas francezas, que exigiam consideraveis sommas para o seu fardamento, sustentação e municiamento, diminuindo assim os recursos de gente e de dinheiro, tão necessarios a Napoleão para levar a guerra até ás fronteiras e interior da Russia. É portanto inquestionavel que a terminação da guerra da peninsula antes da do norte tornaria Napoleão muito mais formidavel para concluir esta, pelo maior numero de tropas de que em tal caso poderia dispor, e mais avantajados recursos que lhe proporcionava, d'onde vinha o grande interesse que a Russia tinha em que a epocha da cessação da guerra da peninsula se retardasse o mais possivel. Isto é que o mesmo Napoleão não viu, ou pareceu não ver.

Pelas mesmas rasões por que a Russia era levada a escolher por aquelle tempo o momento de abraçar o partido da guerra para resistir ás extravagantes pretensões da França, por essas mesmas se devia Napoleão desviar d'ella, para se não precipitar no vortice da do norte e da do meio dia ao mesmo tempo, quando só a uma d'ellas podia ser presente, ministrando-lhe os seus talentos, actividade e recursos. Os melhores e mais experimentados generaes, que para este fim consultou, ou para melhor dizer a quem descobriu os seus designios, empregaram diversos argumentos para o dissuadirem de tão arriscada empreza, ou pelo menos para que differisse a resolução em que estava sobre tal assumpto. Elle mesmo parece ter n'isto hesitado durante o anno de 1811, o qual por uma e outra parte se consumiu em negociações de nenhum resultado, preparando-se ambos os contendores decididamente para a guerra. Napoleão seguramente cegou-se, não attendendo a que pelo arriscado passo que ía dar levantava por suas proprias mãos contra si mesmo uma funesta colligação universal, diante da qual tarde ou cedo devia succumbir exanime, attentos os poderosos elementos que elle proprio havia para ella accumulado e fornecido; não percebeu, apesar da sua alta intelligencia, que as forças de que podia dispor no dia da grande crise lhe diminuiam, á proporção que d'ella se ía avizinhando, e do augmento que por outro lado íam tendo as dos seus inimigos; não viu que o seu admiravel exercito, por tantas vezes e tão duramente dizimado pelas suas proprias victorias, apesar de conter muitos soldados cheios de grande ardor marcial, e portanto dominados ainda pelo vivo enthusiasmo da gloria das armas, não viu, dizemos nós, que similhante exercito já todavia não tinha aquella famosa energia e singular actividade do invencivel exercito de Jena e Austerlitz, nem attendeu a que se muitos dos seus officiaes e sóldados ainda estavam cheios de tão nobre ardor, comtudo os seus generaes, accumulados como se achavam de honras e saciados tambem de riquezas, começavam já a desejar o repouso para tranquillos poderem gosar de ambas estas cousas, fructo dás suas passadas fadigas.

Pela sua parte a nação franceza, desde tantos annos gravada pelo enorme peso dos vastos e repetidos alistamentos militares[1], alem dos meios pecuniarios que para a guerra era obrigada a fornecer, aspirava tambem com o mais justo motivo a livrar-se de tão gravosos encargos, ao passo que o espirito publico gemia debaixo da insupportavel pressão de um poder esmagador e arbitrariamente illimitado. Eis-aqui pois a realidade do espectaculo que a França apresentava nos annos de 1810 e 1811 aos olhos dos mais atilados e penetrantes observadores d'aquelle tempo, os quaes pela rectidão do

[1] Para se fazer uma idéa do enorme peso que causaram á França os successivos alistamentos militares a que fôra condemnada desde o anno de 1801 em diante, diremos que o exercito francez era no referido anno,

depois do tratado de Luneville, de	450:000
No *Moniteur* de 1802 acha-se um decreto para levantar mais	60:000
No mesmo jornal de 12 de outubro de 1803 um outro para	60:000
No de 8 de janeiro de 1805 um outro para	30:000
No de 10 de setembro de 1805 um outro para	80:000
No de 29 de abril de 1807 outro para	80:000
No de 15 de setembro de 1808 outro para	160:000
No de 21 de outubro de 1809 outro para	36:000
No de 18 de dezembro de 1810 outro para	120:000
N'um outro da mesma data para marinheiros	10:000
No de 14 de fevereiro de 1811 outro para	120:000
Por decreto de 14 de março de 1812 levantaram-se mais	600:000
Pela conscripção de janeiro de 1813	350:000
Total durante os treze annos	2.156:000

Já se vê que não entram n'esta conta as tropas tiradas da Italia e da Hollanda, nem as tropas tiradas da Hespanha e Portugal, nem tão pouco os auxiliares da Confederação do Rheno e da Suissa. Parecendo excessivo tão avultado numero de tropas, não o era todavia com relação á França, porque alem do exercito principal, que poz em campanha activa contra a Russia em 1812, tinha na peninsula um segundo exercito igualmente em campanha, tinha as guarnições das costas e interior da França, e finalmente tinha na Hollanda, no Tyrol, na Italia e na Dalmacia as tropas necessarias para continuar a manter similhantes paizes na sua sujeição. (Nota tirada do *Correio braziliense*.)

seu juizo e profundidade das suas vistas, não se deixavam fascinar por um prestigio, que já viam bastante tremido, e que só aos olhos das turbas ignaras occultava os signaes precursores de um cataclysmo imminente. A nós, que julgâmos depois dos successos passados, parece-nos que os francezes se deveriam ter prevenido mais cedo para o apparecimento da tempestade, que tão sobranceira se achava já sobre elles, o que talvez provém de não termos na devida conta o espanto e enthusiasmo, causados pelas portentosas maravilhas dos primeiros annos do reinado de Napoleão Buonaparte, e das poderosas preoccupações, que ellas por toda a parte tinham feito nascer em favor de um tão predilecto filho da fortuna. Sejamos pois indulgentes no meio de tudo isto para com aquelles que, arrancados pelo portentoso genio do mesmo Napoleão ás sanguinolentas garras da mais feroz anarchia, da perenne fouce da morte e da constante desordem por que passára a França, mui facilmente e por muito tempo lhe perdoaram ter enthronisado o poder absoluto sobre as ruinas, não da liberdade, porque a França não a conheceu jamais nos escuros tempos da revolução, a exceptuar apenas alguns mezes do anno de 1789, mas de uma tyrannia ainda mais dura, e decididamente mais obnoxia e humilhante que nenhuma outra, sendo particularmente excitados para um tal perdão pelo proprio directorio, seguramente o mais sordido e abjecto dos governos, que por então teve a França á testa dos negocios publicos.

Como quer que seja é um facto que desde 1810 e 1811 em diante o prestigio do imperador Napoleão começára sensivelmente a desvanecer-se, e a força moral que tinha infundido aos francezes gradualmente afrouxava, esgotando-se pelo cansaço, como acontece a todas as forças de que por diuturnas se faz demasiado abuso. Os espiritos previdentes agouravam que a hora do seu livramento ia finalmente bater com a guerra do norte, tendo como certo que Napoleão não podia por modo algum triumphar, á vista da persistencia da sua politica de oppressão e tyrannia, poderosos estimulos da revolução da Hespanha e Portugal, onde o saber e os esforços

dos seus mais peritos generaes e victoriosos marechaes do imperio se tinham tornado nullos ou inefficazes. Esta revolução com tanto afan sustentada pelo oiro da Gran-Bretanha, e esperançada nas disposições hostis da Russia, tinha por si a consoladora crença de um feliz triumpho, excitando, como já dissemos, todas as nações da Europa a lhe seguirem promptamente o exemplo, quando se não quizessem conformar em supportar os ignominiosos vexames e iniquas oppressões do tyrannico jugo, que o imperador Napoleão tão duramente lhes impozera. Este porém, contando com a efficaz cooperação dos seus forçados alliados contra a Russia, com grande ardor se lançou na promptificação dos meios com que buscava submetter a si uma potencia, que por elle ainda não estava inteiramente domada, ideando uma marcha triumphal das suas aguias desde a soberba Paris até á santa cidade de Moscow. Obtendo pois a assistencia da Prussia e da Austria, que pelos tratados de 24 de fevereiro e 14 de março de 1812 se obrigaram a lhe fornecer um corpo auxiliar de 20:000 homens quanto á Prussia, e de 30:000 quanto á Austria, deitou portanto mãos á obra. Todas as forças disponiveis da França se pozeram pois em acção de guerra e continua requisição. Um senatus consulto distribuiu a guarda nacional em tres ordens para o serviço do interior do paiz, sendo cem cohortes dos da primeira ordem (perto de 100:000 homens), destinadas ao serviço militar activo. A 9 de maio do referido anno de 1812 Napoleão partiu de Paris para esta colossal expedição: durante algum tempo estabeleceu a sua côrte em Dresde, onde o imperador da Austria, o rei da Prussia, e todos os mais soberanos da Allemanha lhe foram prestar submissa genuflexão e respeitosa homenagem. A 22 de junho declarou-se finalmente a guerra da França contra a Russia. Mais de 600:000 homens ufanos seguiram Napoleão na sua gigantesca empreza de effeituar tal guerra: d'este immenso numero de tropas 420:000 homens, que se achavam já sob as armas, começaram a passar o Niemen na noite de 23 para 24 do citado mez de junho. Napoleão foi o primeiro que pisou o territorio russo, dando elle

mesmo o fatidico signal d'essa tremenda e assustadora guerra, signal funesto e memoravel, que se ouviu até aos ultimos confins d'aquelle vasto e gigantesco imperio, e se tornou origem de tão grandes mudanças e sentidos revezes. Eis-aqui pois o aspecto que as cousas militares apresentavam com relação ao norte da Europa ao findar o primeiro semestre do anno de 1812, periodo notavel, por ser o de um visivel descenço da espantosa fortuna a que Napoleão chegára.

A guerra da Russia tornára-se portanto, como já dissemos, n'um poderoso auxiliar da guerra da peninsula, a qual por parte da França se achava ultimamente dirigida pelo marechal Marmont, duque de Ragusa, a quem, como já vimos, Napoleão confiára em 1811 o commando em chefe do exercito de Massena, quando este, retirando-se de Portugal, se declarou de facto impotente, não só para effeituar a conquista d'este reino, mas até para vencer o exercito luso-britannico, como o provava a batalha de Fuentes de Oñoro. Era a primeira vez que o duque de Ragusa se via chamado para um commando de tão transcendente importancia. Infeliz foi a sua estrella com similhante commissão, pela grandeza das difficuldades que ao seu bom desempenho manifestamente se oppunham. Pelo que já se disse, era evidente que o imperio francez, com as suas proporções gigantescas, com os seus elementos heterogeneos, as suas bases pouco firmes, os reconcentrados odios e geraes ciumes que a todas as grandes nações inspirára, não podia sustentar-se, quando por si não tivesse a não interrompida serie dos favoraveis successos, que o tinham acompanhado, sendo muito provavel que o primeiro desastre serio que contra si tivesse fosse tambem o primeiro signal de uma sublevação geral européa. Era isto o que lord Wellington arteiramente esperava e promovia, cousa que muito seriamente receiavam os mais esclarecidos partidistas do imperador Napoleão, havendo alguns, como o duque de Decrés, que já fóra da sua presença abertamente d'elle murmurava. Por uma blasphemia teve o marechal Marmont a linguagem d'este ministro, quando pela primeira vez lhe ouviu dizer: *o imperador*

está tolo, e inteiramente tolo, verdade que dentro em pouco amargamente reconheceu pela gravidade de uma situação, dissimulada até então pelas brilhantes exterioridades que se tinham visto, e extraordinario engrandecimento do mesmo Napoleão. Era da commissão do marechal Marmont reparar os desastres, que em Portugal haviam já antes d'elle experimentado Junot, Soult e Massena, desastres que tão seriamente tinham já affectado os prestigiosos triumphos das armas da França, e que ninguem esperava que tivessem logar na Russia pelo espantoso modo por que se realisaram e grande rapidez com que se viram: foi lord Wellington o que com a sua perspicaz intelligencia se tornou um dos poucos, se é que não o unico, que na guerra da Russia agourava o fatal precipicio de Napoleão, poisque na mesma Inglaterra, na França, e geralmente em toda a Europa, todos os de menos perspicuidade de commum accordo suppunham ser de feliz successo uma expedição, que com tamanha ostentação e fausto tinha sido preparada, e se via em marcha para aquelle paiz.

Hoje que revelações abundantes e não pouco curiosas nos tem feito conhecer o que por então se passava na peninsula; hoje que o decurso do tempo nos tem claramente mostrado os apertos dos exercitos francezes, ordinariamente faltos de viveres, destituidos de provisões de qualquer especie, e dirigidos por chefes independentes uns dos outros, e sempre divididos, tendo de lutar, não só contra os exercitos regulares de Inglaterra, Portugal e Hespanha, mas tambem contra a má vontade dos povos, constituidos em innumeraveis guerrilhas, que aos referidos exercitos serviam de poderosos auxiliares; hoje é que se podem bem e devidamente avaliar as grandes difficuldades, que tinham a vencer para o bom exito das suas operações. A esses exercitos succedeu-lhes mais o acharem-se privados de todos os meios de communicação e noticias, de que lhes resultava ignorarem completamente o que se passava na distancia de algumas leguas, não podendo mesmo receber de França soccorros, ordens e participações, senão com raros e longos intervallos:

longe pois de nos admirarmos dos revezes que experimentaram os logares-tenentes de Napoleão, devemos bem pelo contrario admirar-nos da perseverança e habilidade com que por tanto tempo se mantiveram contra um inimigo, ou um exercito tão regularmente provido como foi o de lord Wellington. Nunca houve talvez uma situação mais deploravel que a dos exercitos francezes na peninsula, terrivel e formidavel escolho onde veiu quebrar-se, como em dura rocha, a espantosa fama e immarcessivel gloria do mesmo Napoleão, o qual, não podendo dissimular a gravidade das faltas por elle mesmo commettidas, e querendo afastar de si a terrivel responsabilidade, que por ellas lhe cabia, esforçava-se em attribuir a esses seus logares-tenentes, como era bem natural, os males de que elle proprio se constituira réu. Desgostoso da marcha dos seus negocios em Hespanha, quasi que se deixou de occupar d'elles, não fazendo mais que dirigir ao rei José, seu irmão, e aos commandantes dos diversos corpos do exercito ordens, muitas vezes contradictorias e impraticaveis, reprehensões quasi sempre injustas e mal fundadas, sem responder ás suas objecções e justificação, por isso que ordinariamente eram peremptorias, acrescendo a isto a sua recusa de soccorros de gente e de dinheiro, não obstante a extrema necessidade que de uma e outra cousa tinham. Arrogando-se o direito de os vituperar, e absorto por fim com o rompimento da guerra da Russia, abandonou ao major general Berthier e ao duque de Feltro, ministro da guerra, pessoas que muitos olhavam destituidas do talento e da iniciativa que se precisava ter no meio e taes circumstancias, o cuidado de dirigirem de Paris uma guerra, que em presença do exposto não podia ser bem succedida.

Já desde a guerra da Austria em 1809 e da partida de Napoleão para lá, depois que da Hespanha largára para París, os exercitos francezes começaram a não receber os reforços, que devidamente os reparassem das suas quotidianas perdas: por outro lado acrescia que em logar de se concentrarem, haviam-se continuado a disseminar cada vez mais pelo interior da peninsula, que a todo o custo queriam do-

minar, e fracos em todos os pontos, por se acharem consideravelmente espalhados, cansavam-se e debatiam-se incessantemente pelas suas mesmas victorias em Portugal e Hespanha. Por este modo foram perdendo o credito entre os paizanos insurgidos de um e outro paiz, afrouxando-se tambem na opinião dos generaes inglezes e dos proprios soldados do exercito luso-britannico, que desde aquelle anno se começára a organisar, a que se seguiu perderem finalmente a sua antiga reputação de invencibilidade, que tão poderosa força moral lhes tinha dado até ali entre os povos a quem haviam vencido. Pela sua parte o rei José, considerando-se como rei natural da Hespanha, conservava-se em Madrid n'uma indolencia impropria das urgentes circumstancias da guerra que n'ella havia: decretando, promovendo e condecorando incessantemente como em tempos ordinarios, caíra n'um consideravel ridiculo, tanto entre os hespanhoes, como entre os proprios francezes. Reputado de mais a mais com pouca vocação para a guerra, é um facto que nada fazia militarmente sem primeiro consultar o imperador seu irmão, de que resultava virem tarde e a más horas os planos por este concebidos para occorrencias que por lapso de tempo tinham já caducado.

O resultado de tudo isto foi portanto o acharem-se os exercitos francezes em Hespanha desde o dito anno de 1809 faltos inteiramente de unidade de acção, sem a qual não póde ter esperança de bom resultado a mais simples operação de campanha. Com estes males reuniram-se igualmente os seguintes: 1.°, não terem os differentes generaes francezes o rei José como homem de guerra, e vendo n'elle por factos que só cuidava em se acreditar como legitimo e natural rei da Hespanha, passaram a tê-lo na conta de um verdadeiro rei estrangeiro, do qual lhes ficava mal receberem ordens; 2.°, lavrar entre os ditos generaes francezes uma rivalidade tal, que fazia com que uns se não auxiliassem reciprocamente aos outros, para lhes não darem logar ao engrandecimento do seu nome, supplantando-os pelas suas ulteriores victorias, circumstancia que muito concorreu para

os triumphos de lord Wellington e os do seu exercito. Não tendo pois a guerra dos francezes na peninsula nem unidade de acção, nem objecto fixo sobre que repousasse a imaginação dos seus soldados, não admira que por taes causas o ardor d'elles diminuisse e a sua paciencia se cansasse. Dera-se tambem com tudo isto a circumstancia de se quererem manter na mesma peninsula pelo terror, tomando o expediente de castigarem as mais das vezes o innocente pelo culpado, vingando assim no fraco e no humilde as culpas do forte e do poderoso, de que lhes resultou tornarem contra si cada vez mais rancoroso o odio dos seus moradores, andando alem d'isto inherentes a todos os actos do inimigo o roubo e as violencias de toda a ordem.

Graves como portanto eram todas estas cousas antes da funesta expedição de Napoleão contra a Russia no anno de 1812, muito mais graves se tornaram ainda depois d'ella. Absorvendo em França todas as attenções, desde que tal expedição se principiou a pôr por obra, viu-se ter ella forçado o governo francez, em muito maior grau do que antes d'isto succedia, a dividir as suas forças, animando por similhantes causas todos os seus inimigos. Effectivamente não podia ser outro o resultado de se chamarem da peninsula para Paris os officiaes mais distinctos que n'ella havia, e a par d'elles os polacos e a guarda imperial, circumstancia que forçosamente havia de obrigar os mesmos francezes que ficaram em Hespanha a circumscrever o antigo theatro das suas operações. Em troca das tropas veteranas idas para França, outras iguaes não lhe vieram de lá, mas simples conscriptos e soldados novos, e estes mesmos foram em pequeno numero. O certo é que todos os francezes existentes em Hespanha não podiam deixar de olhar com o mais vivo receio para o inaudito e prodigioso esforço que a França tinha a fazer para ao mesmo tempo sustentar duas guerras de tanta magnitude como eram a da peninsula e a da Russia. Pela sua parte os alliados gostosos haviam de ver que um tão poderoso monarcha como o imperador Alexandre se declarava hostil a Napoleão Buonaparte, pela poderosa diversão

de forças que similhante circumstancia necessariamente havia de trazer comsigo para a guerra da peninsula, o que portanto vinha confirmar os calculos feitos por lord Wellington a tal respeito, sendo isto por certo uma das principaes causas que o levavam á continuação da dita guerra. A não se dar tão salutar diversão o exercito luso-britannico jamais se poderia achar em estado de poder vantajosamente lutar em campo aberto com um exercito francez de 80:000 homens, ainda mesmo quando commandados por um general mediocre. A esperança dos alliados, diz Napier, nasceu-lhes de prompto, apenas viram que o maior capitão do seculo XIX não sómente deixava a Deus e á ventura a guerra da peninsula, onde a noticia da sua vinda tão triste lhes agourára o futuro, mas até que pessoalmente se ía pôr á frente de 400:000 homens de tropas escolhidas, destinadas, como antes de tal noticia se suppunham, a marchar direitas para a Hespanha. Um dos mais immediatos effeitos que na peninsula produzíra a imminencia de uma guerra com a Russia foi a necessidade em que Napoleão se achou de restituir a seu irmão José a sua primeira auctoridade sobre os exercitos francezes na Hespanha. Logoque o imperador deixou París não era possivel confiar a direcção superior das operações militares da peninsula a outrem que não fosse seu irmão José, circumstancia que não podia deixar de trazer comsigo a renovação das continuas queixas e antigos ciumes que havia entre elle e os generaes commandantes dos exercitos que tinham de ficar em Hespanha, perenne luta de orgulhos e de incessantes pretextos, que forçosamente havia de continuar.

Seja porém como for, é um facto que os generaes francezes, encarregados da guerra na Hespanha, ficaram bem conhecendo que nenhuns soccorros mais tinham a esperar do seu paiz. Bem longe de os receberem, o governo lhes desfalcou as forças que commandavam das suas melhores tropas, como já notámos, para as dirigir para o norte, de modo que lord Wellington, limitado até áquelle tempo a uma rigorosa defensiva, foi desde então com vagar e circumspecção me-

ditando e amadurecendo os seus subsequentes planos, tomando gradualmente a par d'isto uma disposição aggressiva. Na correspondencia do rei José com seu irmão, bem como nas memorias do duque de Ragusa, acham-se cabalmente ponderados os insuperaveis obstaculos, que ambos elles tiveram a vencer para opporem uma efficaz resistencia ás operações do general inglez, a insufficiencia dos seus meios de guerra em todos os generos, a falta absoluta de dinheiro, e a inteira impossibilidade de haverem de um povo indomito e pertinazmente hostil informações exactas sobre a marcha do seu adversario. De concurso com todos estes males succedia igualmente que os francezes não podiam obter viveres, nem munições a não serem escoltados por fortes destacamentos, os quaes com a mais dura resistencia se viam sempre perseguidos pelos guerrilhas hespanhoes, e muitas vezes mesmo vencidos e roubados por elles. Nas planicies não era tamanho o perigo de similhante resistencia; mas entrando nas montanhas viam-se obrigados a combates, tendo de abrir caminho á força de armas. As perdas que portanto experimentavam para obterem taes viveres e munições, e alem d'isso manterem as suas communicações entre si e com a França eram quotidianas, equivalentes pelo menos ás que experimentariam, quando constantemente tivessem de lutar com exercitos regulares em campal batalha.

Alem do exposto Marmont demonstrára igualmente pela sua parte que as ordens vindas de París, aliás mal concebidas e contradictorias, suppunham constantemente um estado de cousas que não existia, recursos imaginarios, e nenhum calculo que realmente assentasse sobre a realidade do que se estava passando em Hespanha no momento da sua chegada. A sua justificação, que parece completa, não se applica só a elle, mas igualmente ao proprio rei José e a todos os mais generaes empregados por aquella epocha em suffocarem a mesma Hespanha e aggredirem Portugal. Pelos escriptos ou publicações de um e outro se explica tambem a sua impotencia e os seus revezes. Em similhantes circumstancias não são tão portentosas, quanto á primeira vista se antolham, as vi-

ctorias de lord Wellington. Todavia não é do nosso intento diminuir com isto cousa alguma a sua justa e bem merecida gloria, porque effectivamente elle soube-se bem aproveitar da má situação dos seus adversarios, e operar em conformidade com isto cousas de grande monta em Portugal e Hespanha, cousas que seguramente são dignas de memoria e fama, e que por certo hão de levar o seu nome até á mais remota posteridade como grande capitão, se é que não como o maior do seu tempo. Momentos houve em que ousou esperar a victoria, quando todo o mundo se achava em geral desalento, sem exceptuar a propria Inglaterra, a qual, confusa e desanimada, reputava essa victoria impossivel na presença dos aguerridos exercitos francezes, até certo tempo triumphantes, e não só lord Wellington ousou isto, mas até arriscou a sorte de uma luta, cujos maus successos chamariam irremissivelmente sobre o seu governo, e mais que tudo sobre elle proprio, uma terrivel responsabilidade, que tornaria para sempre o seu nome ominoso, quer dentro, quer fóra da peninsula.

É effectivamente reconhecido que a firmeza e tenacidade de lord Wellington foram talvez o que na sua brilhante e afortunada carreira militar mais se deve n'elle admirar, porque para tomar uma similhante resolução e firmemente sustentá-la precisou de uma previdencia, segurança de juizo e força de alma de tanta magnitude, que essencialmente o tornaram um dos mais extraordinarios homens do seu tempo. Com elementos pouco mais que mediocres soube crear um dos melhores, mais disciplinados e mais arrojados exercitos que se tem visto, fazendo-lhe adquirir a firme convicção de invencivel, e o depositar no seu saber e no acerto das suas operações a mais illimitada confiança. Por este modo venceu á força de perseverança e tenacidade, superando quantos obstaculos no principio lhe oppuzeram, não só os ciumes, as desconfianças, os vagares e a incapacidade dos generaes hespanhoes, mas até os do proprio governo britannico. Levando-lhe em conta as difficuldades que tinha a vencer para o seu final triumpho, não nos esqueçamos comtudo de notar

que, sendo o chefe unico do exercito luso-britannico, e mais tarde tambem do hespanhol, senhor absoluto das suas operações, não tendo de as concertar com alguem, nem de lh'as subordinar; provido de todos os recursos materiaes, que os thesouros da Inglaterra ás mãos cheias lhe forneceram; e finalmente secundado pela constante boa vontade dos povos peninsulares, que favorecendo os seus movimentos, não lhe deixavam ignorar os do inimigo, é um facto, repetimos por mais uma vez, que á vista d'isto lord Wellington tinha grandes vantagens sobre os generaes francezes, a quem tudo isto faltava. Por certo que elle tirou grande partido da sua situação vantajosa com a mais rara habilidade, e aproveitando-se das faltas dos seus adversarios, reparou com promptidão as poucas que commetteu; mas póde talvez dizer-se, sem incorrer na nota de malevolencia para com elle, que em similhante situação o seu triumpho definitivo é menos de admirar do que o teria sido o resultado contrario n'um homem da sua alta capacidade, sem todavia negarmos que aquelles a quem elle combateu precisavam talvez de mais talento e energia para prolongar uma luta tão desigual, do que elle proprio para a levar ao bom exito que finalmente teve.

Como quer que seja, sabidas ficam do leitor as vantagens e desvantagens, que tinham por si na peninsula os generaes dos exercitos contendores, sendo inquestionavel que a confiança posta em lord Wellington por parte dos alliados tinha prodigiosamente augmentado depois da expulsão de Massena para fóra de Portugal e da batalha de Fuentes de Oñoro. Notámos já que depois d'estes dois factos o exercito luso-britannico e os exercitos francezes ficaram por algum tempo inactivos em presença uns dos outros, ao que se seguiu projectar lord Wellington tomar a Cidade Rodrigo, querendo-a reduzir pela fome, projecto que effeituou em outubro de 1811, mas de que foi obrigado a desistir, como tambem já vimos pela sua retirada d'El-Bodon, em consequencia da grande superioridade das forças inimigas, que vieram em soccorro da referida praça. Os francezes, não estando senhores do paiz que occupavam, não podiam estabelecer arma-

zens, subsistindo das contribuições, que diariamente levantavam, de que resultava não poderem estar unidas por muito tempo muitas das suas forças, e tanto por esta rasão, como pela rivalidade que entre si tinham os generaes Dorsenne e Marmont, os dois que vieram em soccorro da Cidade Rodrigo, separaram-se novamente, indo Dorsenne para Salamanca e Valladolid, e Marmont para o lado de Plasencia. Ao contrario do inimigo, o exercito luso-britannico, tendo armazens fluctuantes no Tejo e no Douro, era regularmente fornecido. Os francezes durante o anno de 1811 tiveram sempre uma grande superioridade numerica, e o unico meio de lhes inutilisar esta vantagem foi regular lord Wellington os seus movimentos pela differença que havia nos commissariados de viveres dos dois exercitos; fundado sobre este mesmo principio é que elle projectou continuar na empreza da tomada da Cidade Rodrigo[1]. Esta praça, situada a sessenta milhas

[1] Que os apuros dos exercitos francezes na peninsula foram um dos elementos sobre que lord Wellington fundou o seu plano de operações contra elles é cousa manifesta, não só pelo que praticou para com Massena nos annos de 1810 e 1811, mas tambem pelo que se vê do conteúdo na carta, que de Gallegos dirigiu ao barão Constant em 31 de janeiro de 1812, dizendo-lhe o seguinte: «Nos primeiros tempos da guerra da revolução os francezes, sobre a moção de Brissot, segundo creio, adoptaram uma medida a que chamaram *uma leva em massa*, pondo por ella todo o homem, todo o animal e todos os objectos do seu paiz sujeitos a requisição para o serviço dos seus exercitos. Este systema de pillagem foi posto em execução pelas sociedades populares de toda a França. Não admira pois que uma nação em que similhante systema se seguiu se apressasse a levar a guerra para alem das suas fronteiras; este systema teve o duplicado effeito de inspirar o desejo e de dar os meios para conseguir os seus fins. Com a guerra levaram a toda a parte onde chegaram o seu systema de requisição, não todavia sem terem por estas medidas revolucionarias e por outras ainda, destruido inteiramente no seu paiz todas as fontes da prosperidade nacional.

«Por toda a parte onde os exercitos francezes subsequentemente se apresentaram pelo menos a sua subsistencia, o mais custoso artigo de todos os exercitos, e os seus meios de transporte, tem sido fornecidos pelos paizes em que se acham, sem que lhe tenham custado cousa alguma. Alem dos viveres tambem tem recebido algumas vezes vestuario e calçado. N'outras occasiões, alem d'estes artigos, receberam a paga

dos acantonamentos do exercito francez, e n'um paiz decididamente hostil para elle, não podia ser aprovisionada senão por comboios, escoltados desde aquella distancia.

É portanto evidente que se os alliados se aquartelassem nas povoações a ella vizinhas, o inimigo não a podia abastecer, sem travar um combate, que lhe não podia ser favoravel, quando para isto não empregasse uma força, ou igual, ou superior á do exercito sitiante. Por conseguinte ou elle havia de cansar as suas tropas por meio de longas a frequentes marchas, tirando-as das provincias distantes para as reunir no numero conveniente para aprovisionar a praça, sitiada por

dos seus soldados; elles tiraram da Austria e da Prussia, assim como das outras partes da Allemanha e da Italia, alem d'estes artigos para entretimento das suas tropas, fortes contribuições em dinheiro para alimentar a thesouraria de Paris. Acrescentae ao que fica dito a pilhagem dos generaes, dos officiaes e das tropas, e vereis em tal caso que o novo systema de guerra dos francezes é o maior flagello que jamais caíu no mundo civilisado.

«O capital e a industria da França, tendo sido destruidos pela revolução, é evidente que o governo não póde tirar do povo francez o que é necessario para custeamento das forças destinadas á manutenção do novo governo, sobretudo nos estados recentemente conquistados, ou cedidos, e para defender a immensa extensão das fronteiras francezas contra todos os que tem interesse ou vontade de as atacar. O governo francez, qualquer que seja o seu modo de administração, deve portanto procurar nos paizes estrangeiros o que precisa para entreter os seus exercitos. A guerra deve ser para elle um recurso de finanças, e é isto, segundo me parece, a maior desgraça que a revolução franceza legou á presente geração.

«Tenho todavia grande esperança de que lhe vá faltar este recurso, e creio que se começa a perceber em França que a guerra não é já tão productiva como o fôra, ou que as nações que tem ainda alguma cousa a perder, poderão resistir como tem feito as da peninsula. N'este ultimo caso a despeza para alcançar este recurso excederá a receita.»

Com relação a Hespanha dizia elle: «Quanto á Hespanha, ella foi roubada completamente de um a outro extremo: a cultura foi inteiramente perdida em certas partes, como tereis visto; e por toda a parte, no dizer dos officiaes francezes, diminuiu muito. Não ha commercio, e não duvido que um mau anno para mais tenha por effeito reduzir os exercitos francezes á maior miseria, sendo esta seguida talvez das mais graves consequencias».

lord Wellington, ou havia de abandona-la á sua sorte. Alem d'isso a artilheria e munições para o cêrco foram postas pelos alliados a uma distancia tal na sua retaguarda, que na primeira occasião opportuna as podiam empregar de prompto no projectado cêrco. Por este modo se achavam elles descansadamente em bons quarteis, paralysando ao mesmo tempo todas as forças inimigas do norte, visto não poderem, pela inferioridade do seu numero e pela occorrencia das circumstancias apontadas no principio d'este capitulo, emprehender movimento algum offensivo, nem adoptar um plano de operações, que com mais segurança podesse defender Portugal do que o defensivo, que lord Wellington seguiu por algum tempo. Para o fim de approximar a artilheria da fronteira, necessario foi reparar primeiro algumas das obras arruinadas da praça de Almeida, a ponto da dita artilheria se poder alli recolher e conservar com segurança: isto e a necessidade de outros mais preparativos demorou bastante o respectivo assedio, alem das mais difficuldades de que já informámos o leitor. Os dois exercitos tinham na fronteira consumido todas as forragens, indo o resto a desapparecer brevemente com a approximação do inverno, o que obrigava a que as provisões viessem de consideravel distancia para um ponto avançado, e isto n'uma occasião em que para o serviço do cêrco se precisavam empregar todos os meios de transporte que o paiz offerecia, ou podia ter: só o trem de artilheria exigia não menos de cinco mil bois para ser movido. Para vencer esta difficuldade lord Wellington, desprezando a opinião geral de que o Douro não era navegavel na sua parte superior, emprehendeu torna-lo como tal acima da embocadura do Tua, ponto onde até então cessava de o ser. Os officiaes engenheiros pozeram activamente mãos á obra, e dentro de alguns mezes os barcos do commissariado de viveres poderam chegar á embocadura do Agueda, quarenta milhas mais acima do que até alli succedia, o que poupou o transporte por terra, que era muito mais demorado, e exigia o emprego de uma grande multidão de cavallos e bestas de carga.

Fóra para desviar d'estas operações a attenção do inimigo

que o corpo do general Hill saiu a primeira vez do Alemtejo para Hespanha, indo surprehender a 28 de outubro o general Gerard em Arroyo Molinos, como já se viu. Com o mesmo intento tornou elle a saír do Alemtejo (para onde tinha voltado a tomar quarteis), largando novamente d'esta provincia a 26 de dezembro. Alem d'este fim, outro não menos importante se teve igualmente em vista com esta nova incursão. O general Drouet tinha no dia 5 do referido mez de dezembro avançado sobre Almendralejo, occupando com as suas avançadas a cidade de Mérida no dia 18, sendo do seu intento atacar o general Morillo. Pela sua parte Marmont concentrára uma parte do seu exercito em Toledo, d'onde mandára o general Montbrun em auxilio de Suchet, quando tinha marchado a tomar Valencia. Suppunha-se que com o mesmo fim havia o marechal Soult dirigido uma divisão de 10:000 homens para Despeña Perros. A marcha de Drouet foi embaraçada pela insubordinação das tropas do quinto corpo, sabendo-se tambem a par d'isto que o principal objecto do marechal Soult era destruir o general Ballesteros e tomar Tarifa. Á vista pois d'isto o movimento de Hill não só tinha por fim proteger Morillo, ameaçado por Drouet, salvando ao mesmo tempo os recursos da Estremadura, mas tambem fazer uma diversão em favor de Ballesteros e de Tarifa, impedindo, se lhe fosse possivel, o bom exito da expedição contra Valencia. Com todas estas vistas effeituou Hill a sua marcha direito a Barbacena: no dia 27 passou o Caia, e entrando em Hespanha por Villar d'el-Rei, surprehendeu algumas avançadas inimigas no dia 29, tanto em la Roca, como em las Navas: no dia 30 entrou em Mérida, seguindo sempre o inimigo alem do Guadiana até Almendralejo.

A 31 de dezembro, que foi o ultimo d'esta campanha, tinha-se batido a cavallaria 4 portugueza em Meripa juntamente com as forças britannicas da mesma arma. Era do plano do general Hill não consentir o inimigo áquem do Guadiana. Os regimentos n.os 4 e 10 de cavallaria portugueza com os hussards allemães do exercito inglez tinham acossado o inimigo, dando-lhe um combate no 1.º de janeiro em Al-

mendralejo, e seguindo-o na sua retirada, de novo a cavallaria 4 portugueza e os ditos hussards tornaram a combatê-lo em Fuentes del Maestro no dia 3 do dito mez, sem mais perda do que a de alguns feridos, retirados para a cidade de Mérida, que os francezes abandonaram, e que de momento fôra fortificada pelo general Hill com algumas barricadas. N'ella tinham ficado de guarnição cousa de duzentos portuguezes de infanteria, e o batalhão n.º 53 britannico, a fim de cobrirem os movimentos rapidos das divisões da ala direita, que operavam alem do Guadiana, ás quaes podia ser fatal a guarnição de Badajoz, quando para este fim saísse da referida praça. Era este o segundo golpe de mão tão habilmente executado pelo general Hill, quanto o havia sido o primeiro alguns mezes antes sobre Arroyo Molinos. No dia 5 de janeiro voltou elle para Portugal, entrando pela Codiceira e Alegrete. Resultou d'este movimento retirar-se Drouet para Monasterio, proporcionando ao já citado Morillo dirigir-se sobre Medellin, e ir tomar posição em S. Benito. D'aqui passou a fazer uma incursão na Mancha, e a atacar o castello de Almago, onde foi completamente derrotado pelo general Treillard.

O triste e sombrio quadro da critica posição em que deixámos ficar lord Wellington ao tempo em que geralmente se prestou fé á vinda de Napoleão á peninsula, reunido este estado de cousas com os mais embaraços, que tambem tinha para emprehender o cêrco da Cidade Rodrigo, havia felizmente desapparecido com a certeza da guerra da Russia, reforçada esta crença com os juizos que o mesmo lord Wellington fazia, quanto ás difficuldades com que pela sua parte igualmente lutavam os generaes francezes para o bom exito das suas operações. Sabia elle que o valle do Tejo não podia sustentar por muito tempo o exercito de Portugal e o do centro; sabia igualmente, por cartas interceptadas, que Marmont e o rei José se achavam por aquella causa em aberta hostilidade um com o outro, sendo por isso de esperar que, tanto pela falta de viveres, como pela necessidade de proteger o reino de Leão, o mesmo Marmont não podesse deixar de concentrar no dito reino o exercito do seu commando, enfran-

queçido não só pela partida da guarda imperial para França, mas igualmente pelo reforço das tres divisões, que debaixo do commando do general Montbrun mandára ao general Suchet. Em similhantes circumstancias julgou lord Wellington chegada a occasião propicia de passar da defensiva á offensiva, e portanto á de realisar o seu plano de sitiar a Cidade Rodrigo, devendo, depois de a tomar, marchar promptamente sobre Villa Velha, passar de lá á Estremadura hespanhola, e atacar em seguida a praça de Badajoz, tendo para este fim já tudo preparado em Elvas, debaixo da protecção das tropas do general Hill, e com total ignorancia do inimigo. D'estes seus planos de ataque contra uma e outra praça augurava elle o melhor exito, tanto pelo pouco acordo que havia entre os generaes francezes, como pela má estação em que se estava, e não menos pelas combinações por elle feitas para impedir a reunião dos exercitos francezes, ou então para os obrigar a separarem-se, se porventura se achassem já reunidos. Esperava igualmente, que reforçado como tinha sido o exercito de Ballesteros, este general inquietaria os postos de Soult no litoral, ao passo que os generaes Hill e Morillo o perseguiriam tambem sem descanso sobre o Guadiana. Tomada que fosse Badajoz, tinha o general inglez resolvido deixar n'ella forças sufficientes para a defender contra os ataques do exercito do centro, e ir depois combater Soult na Andaluzia. Lord Wellington julgou que Marmont não poderia passar do Guadiana por falta de viveres, nem perseguiria os alliados antes das novas colheitas. Tambem não tinha receio d'elle na Beira: todo o paiz se achava deserto, os caminhos innundados, e as milicias portuguezas, sustentadas por um pequeno corpo de tropas de linha, bem como por Almeida e Cidade Rodrigo, tomada que fosse esta praça, eram por si só bastantes para impedir que operação alguma seria se emprehendesse contra Portugal durante a sua projectada invasão da Andaluzia.

Um dos contras que havia para a realisação do plano de lord Wellington era o mau estado em que por algum tempo se achou o exercito do seu commando; as molestias perse-

guiram-no por então terrivelmente; a cavallaria era inexperiente, e precisava tambem alimentada. Com isto dava-se igualmente o atraso de tres mezes nos pagamentos ao mesmo exercito, sendo a falta de viveres de tal ordem, que por muitas vezes apenas se deu ás tropas meia ração, e até mesmo um quarto, tendo até havido casos de não receberem pão por tres dias consecutivos. O fardamento estava esfarrapado, sendo difficil reconhecerem-se os regimentos pelo uniforme. Os corpos achavam-se todos espalhados desde as montanhas de Gata até ao rio Douro, e desde o rio Agueda até ao rio Mondego. Estes quarteis eram por elle occupados na mesma occasião em que entrava em Almeida a artilheria, destinada ao ataque da Cidade Rodrigo, pensando-se por uma e outra parte ser ella destinada a armar a dita praça de Almeida, tão necessario como era pô-la n'um regular estado de defeza, para proteger a dissiminação do exercito, que o general inglez se viu obrigado a dar-lhe. Ninguem, nem os proprios engenheiros inglezes sabiam mais do que estarem-se a fazer aprestos de cêrco; mas que isto fosse real ou simulado, para que ponto se destinava, e em que epocha se havia de executar, eram cousas que todos ignoravam. O proprio sir George Murray, quartel mestre general do exercito, pensando que nenhuma operação seria teria logar na primavera, pediu e obteve licença para ir a Inglaterra. Ao estado de cousas acima descripto seguiu-se a cessação das molestias, que tinham perseguido o exercito, e por modo tal, que cousa de 3:000 homens saíram dos hospitaes para entrar nas fileiras. Por este modo marchavam as cousas, que lord Wellington attentamente espreitava, á proporção que se approximava a epocha de dar começo ás suas operações offensivas.

No meio d'estas occorrencias teve logar a nova fórma que por um decreto imperial se deu na peninsula aos exercitos francezes. O chamado de Aragão cedeu quatro divisões, que debaixo do commando do general Reille formaram um novo corpo, denominado *exercito do Ebro*, estabelecendo-se em Lerida o seu quartel general. O exercito do sul recompoz-se

com seis divisões de infanteria e tres de cavallaria, alem da guarnição de Badajoz. O marechal Victor foi para França, dando-se o commando das suas divisões aos generaes Conroux, Barrois, Villate, Laval, Daricau, Peyremont, Digeon e Soult Junior. Philippon continuava no governo de Badajoz e a pôr esta praça no mais completo estado de defeza. A reserva de Monthion foi retalhada. O exercito do norte, destinado a manter a communicação com a França, e a afugentar os guerrilhas d'esta linha, teve ordem de occupar os districtos de Santander, S. Sebastião, Burgos e Pamplona. Este exercito achava-se muito reduzido: d'elle se mandára retirar para França a guarda imperial na força de 17:000 homens, a fim de ser empregada na premeditada guerra contra a Russia, pondo-se em marcha para França em dezembro de 1811. Os batalhões polacos, os quadros dos regimentos de cavallaria, e muitos milhares de homens experimentados tambem foram chamados para se completarem os regimentos da nova guarda. Reputava-se em 40:000 bons soldados o numero dos que assim se retiraram da peninsula, e como pelo mesmo tempo se mandaram tambem ir para França os amputados, e os mais a quem o serviço da guerra tinha inhabilitado, póde dizer-se que as forças francezas na peninsula tiveram uma diminuição de 60:000 homens. O quartel general do exercito do norte chegou a Burgos em janeiro de 1812, sendo uma das suas divisões immediatamente destinada a expellir de Santander o general Mendizabal: mas como isto enfraquecia muito a linha de communicação com a França, Marmont recebeu ordem de abandonar o valle do Tejo e de fixar o seu quartel general em Valladolid, ou Salamanca. A praça da Cidade Rodrigo, os governos 6.º e 7.º e as Asturias foram assim postas debaixo do seu commando. As divisões Souham e Bonnet, formando ambas uma força de 18:000 homens, juntaram-se ao seu exercito. Souham retornou para França. A falta de viveres obrigou estas divisões a estenderem-se desde as Asturias até Toledo, ao passo que Montbrun se achava perto de Valencia, e Soult preoccupado com a tomada de Tarifa, tendo o general Hill a seu cargo a

perseguição de Drouet, como já vimos. Necessario como era aquartelarem-se em todos os pontos que occupavam os exercitos francezes, Marmont os disseminou para este fim, e enganado com a apparente negligencia dos alliados, que lhe pareceu não pensarem em mais do que em se estabelecerem bem nos seus quarteis de inverno, nenhuma precaução tomára quanto á Cidade Rodrigo, que por este facto ficou n'uma especie de abandono e com guarnição diminuta.

Está esta praça situada sobre uma elevação que domina a margem direita do Agueda[1]; as suas obras de fortificação, quando em 1810 foi tomada pelo exercito francez de Massena, consistiam apenas n'uma velha muralha, quasi circular, com cousa de dez metros de alto, sendo flanqueada sómente por algumas saliencias ou baluartes guarnecidos por um pequeno numero de peças. Uma falsa braga com quatro metros de alto, um fosso e um caminho coberto cercavam este primeiro muro. Tinha a falsa braga contra si o defeito de se achar collocada por tal modo junto da raiz da montanha, que quasi não offerecia abrigo algum á muralha superior. Alem d'isto esta praça não tinha casas-matas, ainda mesmo nos logares onde os armazens se achavam estabelecidos, sendo em tal caso necessario recolher a polvora nas igrejas. Fóra dos seus muros e inteiramente separado da cidade está o arrabalde de S. Francisco, defendido por um intrincheiramento de terra, que partindo da falsa braga ía até ao convento de S. Domingos, continuando-se d'aqui até á muralha da praça. Alem do referido convento mais dois havia, que lhe serviam como de obra avançada, sendo um o de S. Francisco propriamente dito, e outro o chamado de Santa Cruz. Entre estes dois conventos ha uma altura, chamada *Cabeço Baixo*, ou *Pequeno Têso*, que é dominado pela cidade, e se acha na distancia de 150 metros do corpo da praça. A cousa de 550 metros dos seus muros, e na retaguarda do *Cabeço Baixo*, acha-se um outro mais elevado, chamado *Cabeço Alto*, ou *Grande Têso*, que é um novo pico da montanha, dominando

(1) Veja o mappa n.º 17.

culo. O inimigo respondia ao fogo dos assaltantes com o de mais 50 das suas peças: a terra tremia ao ribombo dos repetidos tiros d'estas 80 terriveis machinas de guerra; turbilhões de um negro e espesso fumo, ou se demoravam pesadamente sobre as ameias, ou ligeiramente se elevavam sobre as innumeras torres, ou campanarios das igrejas da cidade. O sibilar das balas e os sulcos que no ar traçavam assimilhavam-se a enormes serpentes, que na obscuridade pareciam lançar-se sobre a presa, que lhes não podia escapar. O bater das balas ía gradualmente derrocando as muralhas, e o echo das montanhas desviadas, repetindo fracamente o estrondo dos tiros da artilheria, como que deplorava a sorte da infeliz cidade. E quando a noite veiu pôr termo a este espantoso ruido, o estrondo vivo e repetido das expulsões da fuzilaria fez-se ouvir como o de uma grossa chuva, que se segue ao relampejar do trovão: tal era o effeito determinado pelo regimento de infanteria n.° 40 ao tomar de assalto o convento e o arrabalde de S. Francisco, onde por este modo se estabeleceu e assegurou a esquerda dos atacantes.» Seguiram-se a isto os definitivos trabalhos da segunda parallela, prolongada até á crista do *Cabeço Baixo*. Lord Wellington, prevendo que os sitiados intrincheirariam a brecha, resolveu tornea-la, abrindo uma outra brecha na torre *C*, a qual flanqueava uma das cortinas da praça. Na noite de 15 adiantaram-se pois os citados trabalhos na direcção ao convento de S. Francisco, tomando-se uma posição da qual se descobriam as muralhas da falsa braga da praça. Ao amanhecer do dia 16 as baterias dos sitiantes recomeçavam com o seu fogo, quando pelas oito horas um nevoeiro espesso os levou a parar com elle. Todavia a pequena brecha tinha sido aberta, a que se seguiu intimarem-se os da praça para se render, intimação a que o general Barrié respondeu, que a sua resolução era a de sepultar-se com a sua guarnição debaixo das ruinas da cidade. Por ambos os lados o fogo foi muito vivo no dia 17; os muros da praça caíam por grandes lanços dentro do fosso. No dia 18 a citada torre *C* era batida por sete peças. As baterias da primeira parallela, continuando igualmente o seu

fogo, haviam conseguido, não só causar grande damno nas defezas, mas até facilitar a abertura das brechas, que na manhã do citado dia 18 se reputavam praticaveis, depois de lhes ter sido feito um miudo e exacto reconhecimento pelo major Sturgion.

Chegadas as cousas a este estado, lord Wellington redigiu no dia 19, ao abrigo da propria trincheira onde se achava, e ao acompanhamento que lhe fazia o estrondo de uma tremenda canhonada, uma terminante e circumstanciada ordem, comprehendendo todas as disposições do respectivo assalto. Pelas sete horas da tarde se levou elle a effeito, empregando-se para este fim tres columnas, das quaes uma, commandada pelo brigadeiro Diniz Pack, sendo constituida pela brigada de infanteria portugueza de 1 e 16 com caçadores n.º 4, teve a seu cargo fazer um falso ataque, pelo lado do meio-dia da praça, sobre a porta de Santiago. Uma outra columna, formada pela divisão ligeira do commando do general Crawfurd, da qual faziam parte os batalhões portuguezes de caçadores n.ºs 1 e 3, devia marchar contra a pequena brecha, cobrindo o ataque da brecha principal, confiado á columna formada pela terceira divisão, commandada pelo tenente general sir Thomaz Picton, achando-se n'ella encorporada a oitava brigada portugueza, composta dos regimentos de infanteria n.ºs 9 e 21 com caçadores n.º 11. O acommettimento começou com o maior arrojo, sendo todos os ataques feitos com feliz successo. A brigada de 1 e 16 distinguiu-se sobre maneira, como o proprio lord Wellington o certificou na sua parte official, dizendo n'ella: «O brigadeiro general Pack excedeu as minhas esperanças, convertendo o seu falso ataque em verdadeiro, e a sua guarda avançada, tendo seguido as tropas inimigas, que guarneciam as obras exteriores, até á falsa braga, fez prisioneiros a quantos se lhe oppozeram». As tropas do general Picton, destinadas ao ataque da brecha principal, umas desceram ao fosso com escadas de mão, outras lançaram ao mesmo fosso saccos de feno e mato, reduzindo ainda assim por este modo a sua profundidade a dois metros e meio. Feito isto, passa-

ram depois a escalar a falsa braga e seguidamente a grande brecha, o que fizeram com muita união e bravura, sendo repellidas por duas vezes antes de penetrarem na cidade. A pequena brecha, atacada pelo general Crawfurd, offereceu menos resistencia, caíndo logo nas suas mãos ao primeiro impeto. Este feliz successo influiu muito na prompta tomada da outra brecha, que parecia estar ao abrigo d'isto pelo seu solido intrincheiramento. E com effeito apenas os seus defensores se viram pela retaguarda perseguidos pelo fogo, que os seus adversarios contra elles dirigiam da pequena brecha, julgaram inutil toda a resistencia e se retiraram de prompto, lançando fogo ás minas [1]. A expulsão dos fornilhos, determinada por este facto, causou a morte de um grande numero de assaltantes, entre os quaes se contou o bravo general Mackinnon.

Apesar de retirados das brechas, os francezes defenderam-se valorosamente nas ruas e nas casas, até que por fim, não podendo resistir aos multiplicados e bem dirigidos ataques de que por toda a parte se viram acommettidos, afrouxaram a defeza, podendo dizer-se que os alliados em menos de meia hora, depois de principiar o ataque, tinham-se apoderado das muralhas da praça, e formado na sua plataförma um conjuncto de corpos contiguos, circumstancia que obrigou o inimigo a render-se, havendo experimentado grande perda durante o conflicto. Vencidos os francezes como portanto foram nas ruas da cidade, d'ellas se retiraram para o castello, onde o general Barrié, governador da praça, a entregou por fim aos alliados com a sua espada. Dos 2:000 homens escassos que compunham a guarnição [2] ficaram prisioneiros 1:700, incluindo o proprio general Barrié, segundo o que testificou lord Wellington na sua parte official, dirigida ao conde de Liverpool com data de 20 de janeiro de 1812,

[1] John Jones não falla de similhantes minas, attribuindo a explosão a um monte de polvora, casualmente inflammado.

[2] Segundo Napier, a guarnição da Cidade Rodrigo compunha-se de 1:956 homens em 15 de dezembro de 1811, estando debaixo de armas 1:764 e no hospital 130.

mancharam os trophéus da victoria que ganharam por excessivos roubos. Não contentes ainda com isto, puzeram fogo a muitos logares da cidade, saqueando inteiramente as casas, que não foram presa das chammas[1]. Sobrexcitados pelo combate, pelo vinho e pela devassidão, chegaram até a atirar uns contra os outros, ameaçando os proprios officiaes que buscavam pôr côbre a similhante furia. Tão verdade é que a carnagem e a embriaguez tornam o soldado n'esta occasião insensivel á voz da honra e da disciplina! Não se póde negar a obrigação que a verdade impõe ao historiador de stygmatisar o abuso da força contra a fraqueza, e de condemnar altamente a atroz conducta do vencedor para com o vencido no meio de similhantes actos. Temos pela nossa parte de cumprir aqui este rigoroso dever para com os assaltantes da Cidade Rodrigo em janeiro de 1812. E teremos nós n'este caso de criminar tambem lord Wellington, dando-o como connivente nas atrocidades praticadas pelos seus soldados por aquella occasião, fazendo assim côro com os escriptores, que d'ellas lhe impõem a responsabilidade? «A Cidade Rodrigo, diz mr. Thiers, postoque pertencente a um dos alliados, foi todavia roubada pelos inglezes, sendo lord Wellington obrigado a condescender com a barbaridade dos seus soldados. Respeitámos profundamente, acrescenta elle mais, a nação ingleza e o seu valente exercito; mas seja-nos licito notar que não havia precisão de similhante estimulo para com os soldados francezes». Não nos admira que mr. Thiers, tendo tido na sua historia sómente em vista fazer a apotheose dos seus patricios, sem nada lhe importar com a verdade sabida, crimine por aquella causa o general inglez com manifesta injustiça. Como é possivel que no phrenesim de um assalto, dado a uma cidade, tendo os assaltantes a rasão e o espirito inteiramente allucinados, assalto em que os vencedores se desordenam em perseguição dos seus adversarios, e em que a disciplina e a obriga-

[1] Segundo Belmas, o incendio durou seis dias, ameaçando consumir a cidade.

ção de a manter absolutamente se desconhecem, como é possivel, dizemos, que general algum possa rigidamente manter estas duas cousas no meio de taes circumstancias?

Muito differente d'esta foi seguramente a severidade usada por mr. Thiers para com as barbaridades, mortes e incendios, que os soldados francezes do exercito de Junot praticaram em Portugal no anno de 1808, quando debaixo das vistas do general Margaron e do cruel Loison, foram contra Leiria, Pederneira e Evora, barbaridades, mortes e incendios que no seguinte anno de 1809 o exercito do marechal Soult igualmente praticou na tomada da cidade do Porto; e para requinte de malvadez por terceira vez se renovaram em muito maior escala similhantes actos nos annos de 1810 e 1811, em que teve logar a invasão do exercito de Massena, e em que se praticaram, não na perturbação e furor dos combates durante algumas horas, mas tranquillamente, a sangue frio e durante seis mezes continuos nas provincias da Beira e Extremadura com inteira annuencia do mesmo Massena, pelo facto de nunca lhes pôr cobro, como em taes circumstancias podéra ter feito! Mr. Thiers devia igualmente lembrar-se do que os soldados francezes por elle elogiados praticaram tambem em Hespanha, e designadamente em Cordova e Medina, no incendio de Manresa, nas matanças d'Uclés, e nas horrorosas carnificinas de Tarragona. A respeito d'estas teve elle o despejo de nos dizer muito desassombradamente e sem commento algum: «Os nossos soldados cederam a um sentimento commum a todas as tropas, quando tomaram esta cidade de assalto; considerando Tarragona como propriedade sua, e espalhando-se pelas suas casas, commetteram mais estragos que pilhagem». Está longe d'esta linguagem concisa e dissimulada a singela e franca, empregada pelo general Suchet na sua parte official, dada sobre este ponto para Paris, na qual disse: «O assalto foi seguido de uma espantosa matança... 4:000 homens foram mortos nas ruas. Entre 10:000 ou 12:000, que tentaram salvar-se, passando por cima das muralhas, 1:000 foram saibrados ou afogados». Já que mr. Thiers tão severo se mostra na sua

Historia do consulado e do imperio para com os inglezes, justo era que, a despeito de desagradar aos seus compatriotas, nos contasse tambem estas amabilidades de horror, que como historiador jamais poderia absolver, a querer ser justo e verdadeiro, como lhe cumpria ser.

A duração do cerco da Cidade Rodrigo, sendo apenas de doze dias, não consumiu mais que metade do tempo que lord Wellington julgára necessario no começo dos respectivos trabalhos para lhe caír nas mãos, quando se propoz toma-la. É seguramente notavel a audacia do general inglez ao decidir-se ao ataque e tomada do forte de S. Francisco: o bom successo d'esta empreza na noite de 14 de janeiro; o prolongamento da segunda parallela, em que logo na mesma noite se cuidou, estendendo-se até ao referido forte, acrescendo logo a isto a prompta abertura da pequena brecha, e o assalto que tanto a esta como á outra se lhes deu, antes de se perceber o enfraquecimento do fogo da defeza, foram por certo as poderosas causas da rapidez com que se tomou a referida cidade. Estava a grande brecha separada da praça por uma escarpa de cinco metros de alto, tendo a sua extremidade inferior guarnecida de pontas de ferro e com balas vermelhas de artilheria. Todas as casas da cidade tinham sido seteiradas, e defendidas por atiradores. Verdade é que aos lados da dita grande brecha tinham os francezes feito cortaduras de pouca profundidade e pouco largas, estabelecendo n'ellas pontes moveis; mas os seus parapeitos achavam-se tão fortemente defendidos, que difficil seria á terceira divisão montar similhante brecha, a não ser n'isto auxiliada pelo fogo da divisão ligeira, depois de ter ganho a pequena brecha. Attendendo porém á inexperiencia em que os engenheiros inglezes ainda por então estavam d'estes trabalhos, ás más qualidades das ferramentas que n'estes se empregaram, e a outras mais contrariedades que houve para o bom exito da empreza, é inquestionavel que o que mais influiu na tomada da Cidade Rodrigo foi o grande valor e coragem das tropas destinadas para tal empreza. Isto porém não destroe a censura que com rasão se faz ao general Bar-

rie por não ter devidamente cuidado na defeza da pequena brecha, pois tão estreita e alta se achava ainda quando se tomou, que com mais algum augmento de defeza se poderia dizer intomavel. Alem d'isto tinha tambem por si a vantagem de ser flanqueada a pequena distancia por um meio bastião com parapeito, o qual, postoque algum tanto arruinado, foi de prompto abandonado, apenas os seus defensores viram os atacantes abrir caminho em direitura á muralha. No meio de tudo isto deve porém confessar-se que a mais segura defeza da Cidade Rodrigo estava posta nas operações externas, que em seu auxilio deveria fazer o exercito de Marmont, sobre quem em tal caso recáe uma justa e bem merecida censura, tanto pelo seu inqualificavel descuido em a soccorrer, como em confiar a defeza d'ella a uma guarnição tão diminuta, como a que lhe deixou, a qual, se fosse de 5:000 ou 6:000 homens, outro seria talvez o resultado da empreza, que contra ella fez lord Wellington. Este mesmo juizo parece ter sido o de Napoleão, á vista da grande irritação, que mostrou contra Marmont e Dorsenne, accusando desabridamente ambos estes generaes da perda d'aquella praça, logoque d'isto foi informado.

Seja porém como for, o certo é que o renome e a gloria de lord Wellington subiram por este facto ao maior auge possivel. As côrtes de Cadiz lhe votaram por tal motivo os seus agradecimentos, bem como ás tropas alliadas, como deviam fazer, havendo elle entregado a tomada praça em nome de D. Fernando VII ao general D. Francisco Xavier Castanhos. A regencia da Hespanha tambem pela sua parte quiz obsequiar lord Wellington, propondo ás côrtes que fosse elevado á dignidade de grande de Hespanha de primeira classe, e ao titulo de duque da Cidade Rodrigo, o que as mesmas côrtes logo approvaram por acclamação, expedindo-se-lhe immediatamente o respectivo decreto. Na Gran-Bretanha fez extraordinario abalo a tomada d'aquella praça. Na camara alta lord Liverpool teceu a lord Wellington grandes e bem merecidos elogios, fundados sobre a rapidez com que tinha feito as operações do cerco que lhe pozera, gastando apenas doze

dias para a tomar por assalto no pino do inverno, emquant que o marechal Massena gastára vinte e nove no pino do ve rão, tomando-a ainda assim por capitulação. A isto acres centou mais que, julgando Marmont ter tempo de soccorre a referida praça até 29 de janeiro, a 19 do referido me tinha ella já caido em poder dos seus adversarios. Na casa dos communs dedicou o chanceller de *Exchequer* não menos significativos elogios a lord Wellington, e o principe regente de Inglaterra conferiu pela sua parte, tanto a elle, como aos seus herdeiros masculinos, a dignidade de conde do Reino Unido, com o nome, appellido e titulo de *lord conde de Wellington*. Não contente ainda com isto, o mesmo principe regente mandou fazer ao parlamento uma proposta para se dar ao referido conde uma pensão vitalicia de 2:000 libras esterlinas, em addição á que pelo parlamento lhe havia sido já concedida, e com as mesmas restricções que a esta foram postas. Foi a referida proposta unanimemente approvada, depois de algumas observações de lord Grosvenor, que queria elevar a pensão a 6:000, ou pelo menos a 4:000 libras, para pôrem o agraciado e a sua posteridade em estado de sustentarem dignamente os seus titulos e honras tão bem merecidas. Pela sua parte o principe regente de Portugal tambem posteriormente galardoou lord Wellington na data de 12 de abril de 1812 com o titulo de marquez de Torres Vedras, havendo-lhe já d'antes conferido, em 13 de maio de 1811, o titulo de conde de Vimeiro, a gran-cruz da Torre Espada, e uma pensão de 8:000$000 réis annuaes em duas vidas. Na mesma data deu tambem ao marechal Beresfor o titulo de conde de Trancoso, como já notámos, e a gran cruz da Torre e Espada; ao marechal de campo, Francisco Silveira Pinto da Fonseca, o titulo de conde de Amarante a commenda de Santa Marinha de Refoios; ao coronel Nicolau Trant a commenda da Torre e Espada, igualmente concedida ao coronel sir Roberto Wilson[1].

[1] Como acima se diz, estas graças foram concedidas a estes genera e officiaes inglezes na data de 13 de maio de 1811, recebendo assi

O que mais maravilhoso pareceu e maior surpreza causou na tomada da Cidade Rodrigo foi a rapidez com que se effeituou, dando-se a singularidade de se antecipar muito este

lord Wellington n'este anno do principe regente de Portugal o titulo de conde e uma pensão annual muito superior áquella, que com o mesmo titulo de conde lhe conferira o principe regente de Inglaterra um anno depois, sendo de mais a mais elevado ao titulo de marquez em Portugal em 1812, quando em Inglaterra lhe davam n'este mesmo anno o referido titulo de conde! E todavia o coronel Napier, sempre amavel para comnosco, diz no capitulo III do livro XX da sua *Historia da guerra da peninsula* o seguinte: «Os portuguezes o nomearam (a lord Wellington) marquez de Torres Vedras, e os inglezes conde de Wellington; e é para notar que até esta epocha (a de janeiro de 1812), o principe regente de Portugal *tinha-se mostrado muito ingrato para com os officiaes inglezes, não lhes tendo conferido algum titulo ou alguma honra!*» É esta a verdade com que o coronel Napier falla das cousas de Portugal, de que aliás foi testemunha ocular, depois de terem passado sobre ellas vinte e quatro annos, que tantos vão desde janeiro de 1812 até á epocha da impressão da sua historia! Seria isto obra de esquecimento ou de má fé? Em qualquer dos casos como historiador não póde ser absolvido. Os portuguezes mostraram constantemente a lord Wellington, Beresford, Trant, Wilson, etc., tudo o que estava da sua parte para lhes darem provas de consideração e estima. Lord Wellington foi por elles pedido em 1807, logo no principio da guerra, para commandante em chefe do seu exercito, commando que elle recusou, como já vimos. Chegado a Lisboa em 22 de abril de 1809, o seu enthusiasmo por tal motivo quasi que subiu ao delirio, como tambem já vimos, cousa que sempre lhe fizeram todas as vezes que veiu a esta capital. Os proprios moradores de Torres Vedras, ao saberem ter-lhe o seu governo conferido o titulo de marquez da sua villa, solemnisaram similhante mercê com as maiores demonstrações de alegria, como se vê a pag. 62 da segunda edição da *Memoria historica* da mesma villa, de Manuel Agostinho Madeira Torres. Consistiram essas demonstrações n'uma esplendida funcção de igreja, com matinas na vespera, e no dia seguinte missa com o Santissimo exposto, dois sermões, procissão, *Te-Deum* e tres dias de luminarias, seguindo-se a isto dirigir-lhe depois a respectiva camara uma lisonjeira carta, em que lhe dava os parabens pelo seu novo titulo, tanto no seu proprio nome, como no das corporações e moradores da villa e do seu termo. Que mais podiam fazer os portuguezes e o principe regente de Portugal a lord Wellington? Quereria Napier que hoje se lhe levantassem templos, e n'elles se lhe erigissem altares, sacrificando-lhe victimas, como no tempo dos imperadores romanos os povos costumavam praticar para com elles? Eis o que aos portuguezes faltou

facto á espectativa do marechal Marmont, que, tencionando reunir no dia 26 de janeiro na cidade de Salamanca as suas tropas com as divisões dos generaes Dorsenne e Bonnet,

fazer a lord Wellington. E todavia este historiador, desconhecendo, ou fingindo desconhecer tudo isto, desdenha sempre dos portuguezes e do seu governo, quando julga ter occasião para isso, empregando flagran- tes inexactidões, e até mesmo vituperios, só porque houve algum, ou alguns dos mesmos portuguezes, que de rojo se não prostraram, ou hu- mildes não acataram todas as determinações e vontades dos generaes inglezes e do seu governo! É esta a recompensa com que paga a Por- tugal e aos seus naturaes os pesados sacrificios que fizeram em favor dos interesses inglezes, com os quaes tambem estavam ligados os dos portuguezes.

Se portanto os officiaes inglezes fizeram alguns serviços a Portugal durante a guerra da peninsula, e por tal motivo deviam ser galardoados pelo principe regente de Portugal, tambem os officiaes portuguezes os prestaram á Inglaterra em igual grau, e n'este caso tambem deviam ser galardoados pelo principe regente da Gran-Bretanha: e qual foi o galar- dão que d'este receberam, não só até 1812, mas até ao acabamento da guerra em 1814? Nenhum, absolutamente nenhum, a não ser, segundo nos consta, a mesquinha concessão de duas medalhas honorificas, dadas a dois dos nossos officiaes superiores pelos seus distinctos feitos na guerra da peninsula, depois do seu acabamento. Bom é que os portu- guezes se não esqueçam da maneira por que a Inglaterra nos tratou em paga da nossa ligação com ella durante a dita guerra, para que tambem saiba o que d'ella tem a esperar, se no futuro outras circum- stancias se derem em que lhe convenha ligar novamente o nosso com o seu exercito. Se portanto o coronel Napier accusa o governo portu- guez de ingratidão para com os officiaes inglezes, por não ter galar- doado algum d'elles até janeiro de 1812, o que é falso, d'essa mesma ingratidão accusâmos nós hoje com verdade o governo inglez para com os officiaes portuguezes, por não ter galardoado um só d'elles desde o principio até ao fim da guerra, e desde aqui até ao presente, segundo os principios do mesmo Napier, e a este mesmo escriptor accusâmos nós tambem de inexacto, se é que não de calumniador, pela constante repetição de muitas outras asserções, umas falsas e outras injustas que faz, não só para com o governo portuguez, mas até mesmo para com os portuguezes, sem os quaes a Inglaterra e os seus generaes não po- diam triumphar dos francezes. É de crer que, tendo-nos na considera- ção de *ilotas*, e os seus patricios na de *spartanos*, não nos julgue dignos das condecorações inglezas. Os proprios feitos gloriosos, que n'alguns casos se vê obrigado a narrar em abono do exercito portuguez, são cheios de uma frieza tal, que bem prova a repugnancia da sua

chamando este das Asturias, para soccorrerem aquella praça, vindo com 22:000 homens, n'esse mesmo dia 26 lhe constou achar-se ella já em poder de lord Wellington, noticia que lhe

rativa. Quando uma testemunha ocular de taes feitos, assumindo o caracter grave de historiador, procede, não só por similhante maneira, mas até faltando á verdade para fazer sobresair o merito dos seus concidadãos, parece-nos termos direito, não só de lhe chamarmos parcial e injusto, mas até mesmo calumniador, attribuindo-nos, contra a verdade sabida, culpas que não tivemos.

Uma das cousas narradas perfunctoriamente por Napier é a da restituição da praça de Olivença a Portugal, por elle mencionada no capitulo III do livro XVI da sua obra, accusando-nos de conhecermos pouco as exigencias da politica, porque scientes e receiosos como já estavamos do caracter inglez, queriamos que se effeituasse aquella restituição, logo que aquella praça se tomou aos francezes á custa do sangue portuguez, e pelo general commandante em chefe do exercito portuguez. Olivença fôra cedida á Hespanha pelo ominoso tratado de Badajoz de 1801 em castigo da nossa ligação com a Gran-Bretanha, que n'aquelle anno nos abandonou inteiramente, deixando-nos a braços com os exercitos hespanhoes e francezes. Desde que a Hespanha se ligou novamente com a França depois da paz de Amiens, declarando-nos por outra vez a guerra, o tratado de Badajoz e todos os mais tratados, que com ella tinhamos, caducaram, não só por este facto, como pela formal declaração que d'isto fez o principe regente no seu manifesto, datado do Rio de Janeiro em 1 de maio de 1808: por conseguinte a cessão de Olivença, consignada no tratado de Badajoz, estava de nenhum effeito. Alem d'isto a Inglaterra adoptára para si o direito de ter as represas como boas presas, embora pertencessem a outras quaesquer nações, em cujo caso se achava Olivença, que sendo nossa, e tomada pelos portuguezes, não aos hespanhoes, que a tinham deixado perder, mas directamente aos francezes, novo direito nos assistia para ficarmos de posse d'ella, importando a não concordancia do governo britannico sobre este ponto o seu formal reconhecimento do tratado de Badajoz, que de facto e de direito se achava caduco. Mas como lord Wellington e o seu governo se esmeravam por aquelle tempo em merecerem a benevolencia dos hespanhoes para os seus fins politicos e militares, obrigaram o governo portuguez a que conviesse em entregar a praça de Olivença aos hespanhoes, porque no fim da guerra de certo nos seria restituida, disseram elles. E como é que lord Wellington e o governo inglez cumpriram esta fallaz asserção? Nada lhes importando absolutamente com ella desde então até hoje. Não são pois os inglezes bem bons amigos e alliados de Portugal, e exactos observadores da sua palavra para com o seu governo? Ora digam lá que não. E todavia o coronel Napier não apresenta a mais

foi dada antes de passar o Tormes[1]. Foi D. Fernando II, rei de Leão e Castella, quem no seculo XII fortificou a Cidade Rodrigo para lhe servir de antemural contra os portuguezes, bem longe estando de lhe passar pela mente que d'ahi a sete seculos um exercito tal como o luso-britannico a tomaria aos francezes para pelos vencedores ser depois restituida a um dos seus successores. No anno de 1706, achando-se Portugal envolvido na guerra da successão em Hespanha, ligado

pequena cousa para esclarecimento d'esta questão, elle que só acha que censurar e vituperar nos portuguezes e no seu governo, em paga dos valiosos serviços que prestaram á Gran-Bretanha. Que diria elle de nós, se ao inverso d'isto, uma cousa d'estas succedesse aos inglezes por culpa nossa? Mau é que um historiador seja parcial e injusto; mas que o seja tanto como o coronel Napier, é pessimo, sobre ser ingrato. Finalmente se os portuguezes extemporaneamente exigiam a restituição de Olivença é porque já anteviam que, perdida aquella occasião, nenhuma outra teriam mais propicia para a conseguirem, tendo por certo que jamais se importaria á Gran-Bretanha o fazer-se-nos aquella restituição, no que se não enganaram, o que bem prova serem os portuguezes mais politicos e conhecedores das cousas do que Napier os suppoz.

[1] Varias poesias appareceram em Lisboa por occasião da tomada da Cidade Rodrigo, sendo uma d'ellas o seguinte

SONETO

Portugal venturoso, és livre, exulta;
Venceste emfim a tua adversidade;
Celestes glorias douram nossa idade,
Eterno assombro a teu valor resulta.

Nas ruinas de Rodrigo se sepulta
Dos francezes a audaz temeridade:
Não mais te assuste a sua atrocidade,
Jaz por terra a soberba vã e estulta.

Sulque ousada a charrua o monte, o prado,
Industria e artes tomem novo alento,
Commercio nutra o povo, anime o estado.

Conclua a tropa invicta o nobre intento,
E o genio de Wellington, transformado
Em nova estrella, esmalte o firmamento.

com a Inglaterra, Hollanda, Saboya, Austria e Prussia, debaixo do titulo de *grande alliança*, o general portuguez, marquez das Minas, postou o seu exercito defronte d'esta praça a 22 de maio; formou immediatamente baterias, e tendo no dia 25 aberto uma brecha praticavel, no dia 26 o seu governador, D. Antonio de la Vega, não sendo a tempo soccorrido pelo marechal Berwick, rendeu-se por capitulação. No anno seguinte o marquez de Bay a recobrou quasi por surpreza no dia 4 de outubro. Desde aquelle tempo conservou-se sempre em poder dos hespanhoes, até que o marechal Ney, por commissão que lhe dera o marechal Massena, a tomou por capitulação no dia 10 de julho de 1810, como já vimos. A defeza que o seu governador, D. André Hercasti, fez contra todo o exercito francez do marechal Ney deve contar-se entre o crescido numero das que os hespanhoes têem gloriosamente sustentado.

Quando se considera a natureza e posição d'esta praça mal se póde conceber que um punhado de homens podessem por tanto tempo resistir ao maior exercito que Napoleão Buonaparte mandára á peninsula. Os francezes, que desde o citado anno de 1810 se achavam senhores d'esta praça, conhecendo bem quanto lhes era importante para as suas operações militares, tanto offensivas, como defensivas, trataram de fortificar esta segunda chave da Hespanha, fronteira a Portugal, construindo-lhe obras, que ella nunca tinha tido. A sua posse durou apenas anno e meio, perdendo-a, como já vimos, dentro em doze dias, tempo por que duraram as operações de lord Wellington em janeiro de 1812. A posse da Cidade Rodrigo nas mãos do exercito luso-britannico foi importantissima, porque, ao passo que por um lado obrigava a chamar as principaes forças francezas do meio dia para o norte da Hespanha, por outro, achando-se collocada como está junto á praça de Almeida, da qual dista apenas cinco leguas, vinha a formar com esta uma outra linha de fortificações, que defendia a marcha do inimigo sobre Lisboa, constituindo-se assim em obra avançada ás famosas linhas de Torres Vedras. Alem d'esta vantagem, outra mais apresen-

tava ainda, tal era a de se constituir n'uma bella base de operações para as que lord Wellington se propunha executar para libertar a Hespanha, como já tinha libertado Portugal. A parte que as tropas portuguezas tomaram, tanto no assedio, como no assalto da Cidade Rodrigo, é comprovada pela seguinte relação das brigadas e corpos, que das mesmas tropas figuraram, tanto n'uma, como n'outra empreza.

Brigadas e corpos portuguezes, que entraram no sitio da Cidade Rodrigo

1.ª Brigada, commandante o brigadeiro Diniz Pack

Infanteria n.º 1 — Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 886 praças: commandante d'este corpo, o tenente coronel Thomás Noell Hill. Teve de perda 1 soldado morto e 1 ferido.

Infanteria n.º 16 — Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 874 praças: commandante d'este corpo, o coronel Noell Campbell. Não teve perda alguma.

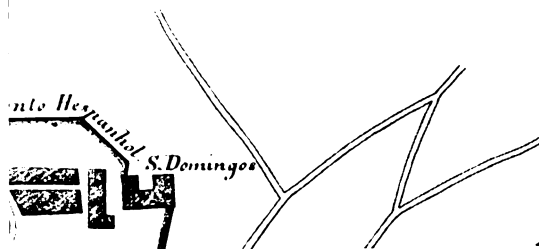
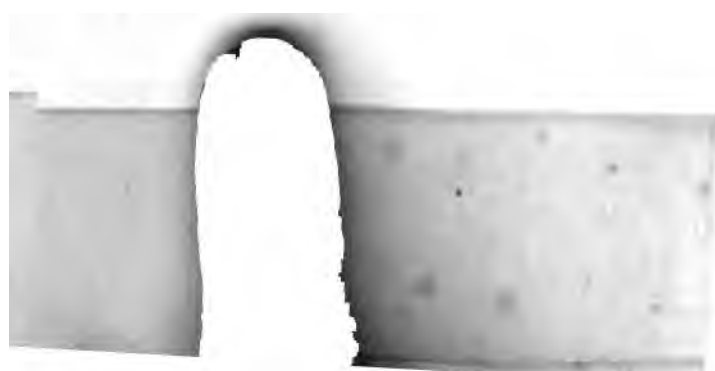
Caçadores n.º 4 — Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 559 praças: commandante, o tenente coronel Luiz do Rego Barreto. Não teve perda alguma.

6.ª Brigada, commandante o coronel José Cardoso de Menezes Souto Maior

Infanteria n.º 7 — Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 705 praças: commandante, o tenente coronel Francisco Xavier Calheiros. Perda, 2 soldados mortos.

Infanteria n.º 19 — Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 812 homens: commandante, o tenente coronel João Milley Doyle. Perda, 1 soldado morto e 5 feridos, ou 6 homens ao todo.

Caçadores n.º 2 — Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 393 homens: commandante, o tenente coronel Bryan O'Toole. Perda, 1 soldado ferido.

nonstrativa
tomada da
RODRIGO
neiro de 1812
nto Hespanhol
S. Domingos

9.ª Brigada, commandante o brigadeiro Guilherme Mammoy Harvey

Infanteria n.º 11—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:297 homens: commandante, o major Alexandre Anderson. Perda, 19 homens mortos (1 inferior e 18 soldados), e 22 feridos (1 inferior e 21 soldados), ou 41 homens ao todo.

Infanteria n.º 23—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:346 homens: commandante, o tenente coronel Luiz Maria de Sousa Vahia. Perda, 5 soldados mortos e 2 feridos, ou 7 homens ao todo.

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão se empregou n'este sisio, na força de 535 homens: commandante, o tenente coronel João Paes de Sande e Castro. Não teve perda alguma.

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Infanteria n.º 24—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:191 homens: commandante, o coronel Guilherme Mac Bean. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 1—Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 466 praças: commandante, o major João Henrique Algêo. Perda, 1 soldado morto e 5 feridos, ou 6 homens ao todo.

Caçadores n.º 3—Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 549 homens: commandante, o tenente coronel Jorge de Avillez Zuzarte. Perda, 4 soldados mortos e 2 feridos, ou 6 homens ao todo.

Artilheria n.º 1—As companhias pertencentes a duas brigadas se empregaram n'este sitio, na força de 220 homens. O capitão João da Cunha Preto commandou uma companhia, o primeiro tenente Antonio da Costa e Silva outra companhia, e depois d'elle o segundo tenente José da Silva. Perda, 4 soldados mortos, 1 official e 3 soldados feridos, ou 8 homens ao todo.

Artilheria n.º 4—Empregaram-se n'este sitio 200 praças

d'este corpo, commandadas pelo capitão João Victoria Miron. Perda, 6 soldados mortos, 1 official e 15 soldados feridos, ou 22 homens ao todo.

Por conseguinte a força portugueza, que se empregou no sitio da Cidade Rodrigo, montava, como já dissemos n'uma nota que acima se viu, a 10:063 homens, tendo de perda 43 soldados mortos, 2 officiaes e 55 soldados feridos, ou 100 homens ao todo.

Brigadas e corpos portuguezes que entraram no assalto da Cidade Rodrigo

1.ª Brigada, commandante o brigadeiro Diniz Pack

Infanteria n.º 1 — Só 3 companhias se empregaram no assalto, na força de 264 homens: commandante, o major de infanteria n.º 16, Henrique B. Lunch. Tiveram de perda 1 official ferido.

Infanteria n.º 16 — Todo o regimento se empregou no assalto, na força de 874 homens, commandado pelo coronel Noell Campbell. Perda, 3 soldados mortos.

6.ª Brigada, commandante o coronel José Cardoso de Menezes Souto Maior

Caçadores n.º 2 — Todo o batalhão se empregou no assalto, na força de 392 homens, commandado pelo tenente coronel Bryan O'Toole. Não teve perda alguma.

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Caçadores n.º 1 — Todo o batalhão se empregou no assalto, na força de 460 homens, commandado pelo major José Henrique Algêo. Perda, 1 soldado ferido.

Caçadores n.º 3 — Todo o batalhão se empregou no assalto, na força de 544 homens, commandado pelo tenente coronel Jorge Elder. Perda, 1 soldado morto; 1 official, 1 inferior e 6 soldados feridos, ou 9 homens ao todo.

Artilheria n.º 1 — Um destacamento d'esta arma se empre-

gou no assalto, na força de 32 praças, commandado pelo segundo tenente José da Silva. Não teve perda alguma.

Por conseguinte o total da força portugueza empregada n'este assalto foi de 2:566 homens, como tambem já dissemos na citada nota, tendo de perda 4 soldados mortos, 2 officiaes e 8 soldados feridos, ou 14 homens ao todo.

Para se fazer uma completa idéa do pessoal do quartel general do exercito luso-britannico, bem como da distribuição e ordem das divisões, brigadas e corpos de que se compoz durante a guerra da peninsula, aqui apresentâmos a seguinte relação.

Commandante em chefe do referido exercito, o feld-marechal, conde (e mais tarde marquez e duque) de Wellington, com os titulos tambem de conde do Vimeiro, marquez de Torres Vedras e duque de Victoria, dados pelo governo portuguez, e o de duque de Cidade Rodrigo, dado pelo governo hespanhol, C. J. L. L.

Ajudante general do exercito inglez, o major general Pakenham.

Quartel mestre general do referido exercito, o major general sir George Murray.

Commandante em chefe do exercito portuguez, o marechal do exercito sir William Carr Beresford, conde de Trancoso, e depois marquez de Campo Maior, C. B.

Ajudante general do exercito portuguez, o brigadeiro Manuel de Brito Mouzinho.

Quartel mestre general do referido exercito, o brigadeiro Benjamin D'Urban.

Secretario militar do marechal Beresford, o brigadeiro Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, depois visconde de Juromenha.

Cavallaria

Commandante, o tenente general sir Stapleton Cotton, C. B.

Assistente do ajudante general, o coronel Elley.

Brigada da casa real

Commandante, o major general O'Langlin — 1.° e 2.° das guardas reaes a cavallo, e guardas reaes azues.

Cavallaria pesada

Commandante, o major general Ponsonby — 5.° de dragões de guardas, 3.° e 4.° de dragões.

Commandante, o major general Fane — 3.° de dragões de guardas e 1.° de dragões reaes.

Commandante, o major general Bock — 1.° e 2.° de dragões da legião allemã do rei.

Cavallaria ligeira

Commandante, o major general Vandeleur — 12.° e 16.° de dragões ligeiros.

Commandante, o major general Long — 13.° e 14.° de dragões ligeiros.

Commandante, o major general Victor Alten — 1.° de hussards da legião allemã do rei e 18.° de dragões ligeiros, ou hussards.

Commandante, o major general lord R. E. H. Somerset — 10.° e 15.° de dragões ligeiros, ou hussards.

Corpos portuguezes de cavallaria

Commandante, o brigadeiro Benjamin D'Urban — 1.°, 6.°, 11.° e 12.° da referida arma.

Commandante, o coronel João Campbell — 4.° da mesma arma; destacado por si só.

Artilheria a cavallo (inglezes)

Companhia do major Bull — Com cavallaria.

Companhia do major Ross — Com cavallaria na divisão ligeira.

Companhia do major Gardner — Com cavallaria na setima divisão.

Companhia do major Mackean — Com cavallaria na segunda divisão.

Companhia do major Smith — Com cavallaria na primeira divisão.

Artilheria a pé (inglezes)

Seis brigadas de peças de calibre 9.

Duas brigadas de peças de calibre 6.

Artilheria portugueza

Tres brigadas do regimento n.º 1 e uma do regimento n.º 4.

Infanteria

1.ª Divisão (toda ingleza)

Commandante, o tenente general sir Thomás Graham, C. B.

Assistente ajudante general, o tenente coronel Bouvert.

Assistente quartel mestre general, o tenente coronel Upton.

1.ª Brigada

Commandante, o major general Howard — 1.º e 3.º batalhões do 1.º regimento.

2.ª Brigada

Commandante, o major general Stopford — 1.º batalhão do 2.º regimento, e 1.º batalhão do 3.º regimento.

Legião allemã do rei

Commandante, o coronel Halker — 1.º, 2.º e 5.º batalhões de linha, 1.º e 2.º batalhões ligeiros.

2.ª Divisão (inglezes e portuguezes)

Commandante, o tenente general sir Rowland Hill.

Commandante da divisão, o tenente general sir Guilherme Stewart.

Assistente ajudante general, o tenente coronel Rooke.

Assistente quartel mestre general, o tenente coronel Abercrombie.

1.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Walker—50.º, 71.º e 92.º de infanteria, e uma companhia do regimento n.º 60.

2.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Byng — 3.º e 57.º de infanteria, o 1.º batalhão provisorio, composto dos regimentos n.ºs 31 e 66, e uma companhia do regimento n.º 60.

3.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o official mais antigo—18.º, 34.º e 39.º de infanteria, e uma companhia do regimento n.º 60.

5.ª Brigada (portugueza)

Commandante, o coronel Carlos Ashworth — 6.º e 18.º de infanteria de linha, e 6.º batalhão de caçadores.

Divisão toda portugueza

Commandante, o tenente general sir John Hamilton, e na sua ausencia, o tenente general conde de Amarante, e na ausencia d'este, o marechal de campo Carlos Frederico Lecor.

2.ª Brigada

Commandante, o brigadeiro Antonio Hypolito da Costa— 2.º e 14.º de infanteria de linha.

4.ª Brigada

Commandante, o brigadeiro Archibaldo Campbell — 4.º e 10.º de infanteria de linha, e 10.º batalhão de caçadores.

3.ª Divisão (inglezes e portuguezes)

Commandante, o tenente general sir Thomás Picton, C. B. Assistente ajudante general, o major Stoven.

1.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Brisbane—45.º, 74.º e 88.º de infanteria, e uma companhia do regimento n.º 60.

2.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Carlos Colville — 5.º, 83.º, 87.º e 94.º de infanteria, e duas companhias do regimento n.º 60.

8.ª Brigada (portugueza)

Commandante, o brigadeiro Manley Power — 9.º e 21.º de infanteria de linha, e 11.º batalhão de caçadores.

4.ª Divisão (inglezes e portuguezes)

Commandante, o tenente general sir George Lowry Cole, C. B.

Assistente ajudante general, o tenente coronel Bradford.

1.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Anson — 27.º, 40.º e 48.º de infanteria, 2.º batalhão provisorio, composto dos regimentos n.ºs 2 e 53, e uma companhia do regimento n.º 60.

2.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Ross — 7.º, 20.º e 23.º de infanteria, e uma companhia de Brunswick-Oels.

9.ª Brigada (portugueza)

Commandante, o brigadeiro Guilherme Mammoy Harvey, depois o coronel Thomás Guilherme Stubbs — 11.º e 23.º de infanteria de linha, e 7.º batalhão de caçadores.

5.ª Divisão (inglezes e portuguezes)

Commandante, o tenente general sir James Leith, C. B. Na sua ausencia o major general Oswald.

Assistente ajudante general, o tenente coronel Berkley.

Assistente quartel mestre general, o tenente coronel Gouien.

1.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Hay — 1.º, 9.º e 38.º de infanteria, ou reaes, e uma companhia de Brunswick-Oels.

2.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Robinson — 4.º, 47.º e 59.º de infanteria, e uma companhia de Brunswick-Oels.

3.ª Brigada (portugueza)

Commandante, o marechal de campo Guilherme Frederico Sprye — 3.º e 15.º de infanteria de linha, e 8.º batalhão de caçadores.

6.ª Divisão (inglezes e portuguezes)

Commandante, o tenente general sir William H. Clinton.
Assistente ajudante general, o major Tryon.
Assistente quartel mestre general, o major Vincent.

1.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Pack — 42.º de infanteria (escocez), 79.º e 91.º de infanteria, e uma companhia do regimento n.º 60.

2.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Lambert — 11.º, 32.º, 36.º e 61.º de infanteria.

7.ª Brigada (portugueza)

Commandante, o marechal de campo Allen Madden — 8.º e 12.º de infanteria de linha, e 9.º batalhão de caçadores.

7.ª Divisão (inglezes e portuguezes)

Commandante, o tenente general conde Dalhousie.
Assistente ajudante general, o tenente coronel D'Ogley.

1.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Barns — 6.º de infanteria, 3.º batalhão provisorio, composto dos regimentos 24.º e 58.º e uma companhia de Brunswick-Oels.

2.ª Brigada (ingleza)

Commandante, o major general Inglis — 51.º, 68.º e 82.º de infanteria, e caçadores britannicos.

6.ª Brigada (portugueza)

Commandante, o marechal de campo Carlos Frederico Lecor — 7.º e 19.º de infanteria de linha, e 2.º batalhão de caçadores.

Divisão ligeira (inglezes e portuguezes)

Commandante, o major general Crawfurd; substituido depois pelo major general Barão Carlos Alten.

Assistente ajudante general, o major Marley.

Assistente quartel mestre general, o major Stewart.

1.ª Brigada (ingleza e portugueza)

Commandante, o major general Kempt — 1.º e 3.º batalhões do 95.º (caçadores), 43.º de infanteria ligeira, e 3.º batalhão de caçadores portuguezes.

2.ª Brigada (ingleza e portugueza)

Commandante, o major general Skerret — 2.º batalhão do 95.º (caçadores), 52.º de infanteria ligeira, 1.º batalhão de caçadores portuguezes, e 17.º de infanteria de linha portugueza.

Brigadas portuguezas avulsas

1.ª Brigada

Commandante, o brigadeiro João Wilson, substituido depois pelo brigadeiro Diniz Pack — 1.º e 16.º de infanteria de linha, e 4.º batalhão de caçadores.

10.ª Brigada

Commandante, o marechal de campo Thomás Bradford — 13.º e 24.º de infanteria de linha, e 5.º batalhão de caçadores.

Um corpo de trabalhadores obreiros, commandante o tenente coronel Dundas[1].

[1] Chronica militar ingleza do mez de setembro de 1813.

Tal era o exercito que debaixo das suas ordens tinha lord Wellington, cuja reputação subiu extraordinariamente de ponto com a tomada da Cidade Rodrigo, seguramente um dos mais brilhantes feitos praticados pelo exercito luso-britannico durante a guerra da peninsula. E rasão havia para ser admirado, porque tomar-se uma praça d'estas nos poucos dias que n'isto se empregaram, e em presença de um exercito inimigo, muito superior em força ao que a tomou sendo o seu principal fim conserva-la, foi uma empreza que pareceu incrivel, e tanto mais, quanto que a sua execução teve logar no pino do inverno, e no meio de obstaculos que embaraçavam o segredo que n'isto se queria guardar, tal como o da promptidão com que se buscou effeituar a passagem do Agueda, poisque lançar uma ponte sobre este rio era dar fortes suspeitas de que alguma operação offensiva se meditava, não podendo provavelmente ser outra senão a tomada da Cidade Rodrigo. Com relação á Hespanha, este feito teve por immediata consequencia obrigar os francezes a evacuarem o principado das Asturias, forçando o general Bonnet a sair de Gijon e de Oviedo para se ir reunir ao exercito chamado de Portugal, circumstancia que proporcionava ao exercito hespanhol da Galliza o poder combinar as suas operações com as de lord Wellington. Uma outra vantagem que tambem trouxe comsigo foi o suavisar em parte o profundo desgosto, que causára em Cadiz a tomada de Valencia. Apesar d'esta desgraça ser demasiadamente prevista, e não dever por este facto causar espanto, foi todavia demasiadamente sentida e reputada como um dos mais funestos golpes, que durante a guerra da peninsula experimentára a nação hespanhola desde a invasão da Andaluzia. Ver portanto perder-se um exercito o mais bem organisado, que por então havia em Hespanha; ver perder-se uma provincia, a unica na peninsula ainda virgem á invasão dos francezes, e finalmente ver perder-se uma capital das mais ricas d'aquelle reino, eram realmente cousas que em Cadiz não podiam deixar de consideravelmente contristar, tanto a regencia, como as côrtes. As vantagens que assim ganho

Suchet foram obra de um exercito muito inferior ao hespanhol de Valencia, caindo todavia este nas mãos do inimigo.

Podia portanto dizer-se que, á excepção das guarnições de Alicante, de Cadiz e Carthagena, nenhuma outra tropa hespanhola havia já nos reinos de Valencia, Murcia e Granada, e que se os francezes os não occupavam inteiramente era por que tambem lhes faltava gente para espalharem por uma tão grande extensão de terreno. Foi no meio de tão acerbo e pungente desgosto, causado em Cadiz com a tomada de Valencia, que a noticia da tomada da Cidade Rodrigo foi ali animar e fortalecer os espiritos. Espantou que uma empreza d'estas e os arranjos para ella necessarios se effeituassem no curto espaço de tempo em que teve logar, realisando-se, como já dissemos, a tomada da praça no fim de doze dias, ou apenas em metade do tempo que o proprio lord Wellington julgára necessario para a promptificação dos precisos trabalhos e realisação de similhante empreza, contrariada fortemente como foi pelos rigores da estação. Espantou não menos a audacia com que as tropas luso-britannicas atacaram e tomaram o reducto de S. Francisco, abrindo-se a trincheira na mesma noite do assalto, tornando-se ainda mais notavel o ataque do corpo da praça, effeituado antes de se ter enfraquecido o fogo da defeza, e da contra-escarpa se haver destruido. E finalmente espantou que se tomasse uma brecha, separada como estava da cidade por uma escarpa perpendicular de dezeseis pés de alto, tendo a sua extremidade inferior guarnecida por pontas de ferro e balas vermelhas, achando-se seteiradas e guarnecidas por boa fuzilaria todas as casas da frente, havendo dos lados da dita brecha cortaduras pouco profundas e estreitas, com parapeitos tão fortemente defendidos, que a terceira divisão por certo os não poderia levar, se a divisão ligeira não tivesse batido de flanco o inimigo. Bem calculadas todas estas circumstancias, inferia-se que o saber militar de lord Wellington era muito superior ao dos generaes francezes seus adversarios, particularmente ao de Marmont, e que a disciplina e valor do exercito luso-britannico levaria em todas as subsequentes

occasiões adiante de si os exercitos inimigos, sem poder ha-
ver um só que lhe disputasse a palma da victoria. Resultava
pois que no meio das desgraças succedidas nas provincias
de leste da Hespanha, o anno de 1812 olhava-se ainda assim
tão glorioso e feliz para ella, quanto o tinha sido para Por-
tugal o de 1811; tamanho era o conceito que com toda a
rasão se começava já a fazer do exercito luso-britannico e da
alta capacidade do general seu commandante em chefe!
O tempo provou felizmente que não foi debalde que se puze-
ram n'um e n'outro as esperanças de libertação da peninsula,
e com tanta mais rasão, com quanta se viam mais consistentes
os annuncios e apparencias do rompimento da guerra da
França contra a Russia.

Restabelecida a ordem na Cidade Rodrigo, tratou-se logo
de reparar as brechas e demolir as obras feitas para se
tomar, cuidando-se igualmente a par d'isto de a abastecer
de mantimentos. Com o progresso d'estes trabalhos tra-
çaram-se dois novos reductos nos *Cabeços Grande e Pe-
queno*, augmentaram-se os antigos, e fortificaram-se os
arrabaldes. A promptificação d'estes reparos e defezas era
da maior urgencia, poisque em Valladolid se começava a
reunir o exercito de Marmont, tendo este general chegado
a esta cidade no dia 11 de janeiro de 1812. Foi só no dia
15 que pela primeira vez elle ouviu fallar do cerco, posto
pelos alliados á Cidade Rodrigo, o que deu logar a prompta-
mente ordenar a concentração do seu exercito em Sala-
manca, onde elle pela sua parte chegou no dia 22. Bonnet
marchou tambem para lá das Asturias, Montbrun acudiu
rapidamente de Valencia com as tres divisões com que para
lá tinha ido, e finalmente Dorsenne destacou de reforço ao
projectado movimento de Marmont uma porção das suas
tropas. Por este modo conseguiu o duque de Ragusa reunir
em Salamanca no dia 25 seis fortes divisões de infanteria e
uma de cavallaria, sommando ao todo 45:000 homens. Já
no dia 23 o general Souham tinha marchado para Matilla
com a sua divisão, e uma força de 600 cavallos e alguma
artilheria, tendo por fim verificar o que havia a respeito da

tomada da Cidade Rodrigo, feita pelos alliados: patrulhando até S. Muñoz e Tamames, reconheceu que similhante tomada tinha tido effectivamente logar, de que resultou voltar outra vez para o Tormes, sem que nada mais fizesse.

Por aquelle mesmo tempo 5:000 homens da divisão do general sir Rowland Hill tinham chegado a Castello Branco, indo lá reforçar os alliados, pondo-os em estado de poderem com bom exito travar batalha com Marmont, o qual, tendo no dia 26 tido a certeza da perda da Cidade Rodrigo, sem que cousa alguma de proveito podesse já fazer em seu favor, retirou-se de novo para Valladolid com todas as suas tropas, acantonando a direita do seu exercito sobre o rio Douro, Toro e Zamora; o centro na provincia de Avila, voltando a sexta divisão para Talavera e valle do Tejo, destino que tambem teve a primeira e quarta divisão com parte da cavallaria do general Montbrun. Pela sua parte o marechal Soult continuava a ter o seu quartel general em Sevilha, e o seu exercito acantonado entre o Guadalquivir e o Guadiana. Lord Wellington e os seus generaes tinham os seus aquartelamentos nos victoriosos campos de Fuentes de Oñoro, descansando por ali e suas immediações as tropas que commandavam, abrigadas do rigoroso inverno que então fazia, não deixando por isso de se entregarem incessantemente a todas as praticas e deveres da mais austera disciplina. O general Hill tinha o seu quartel general em Portalegre, achando-se o seu exercito acantonado desde a praça de Elvas até á margem esquerda do Tejo. Por este modo se achavam collocados os dois exercitos contendores, esperando pela primavera para renovarem as suas reciprocas hostilidades, sem que todavia deixassem de estar sempre dispostos para emprehenderem os seus ataques e operações em todas as estações do anno, sem attenderem ás difficuldades que taes ataques e operações podessem trazer comsigo, como até então tinham praticado com vantagem as tropas luso-britannicas nos invernos das precedentes campanhas.

As amiudadas inspecções dos generaes, os elogios dos chefes, constantes das ordens do dia do marechal Beresford,

a ostentação da bella apparencia marcial dos nossos soldados, tudo provava n'elles o seu decidido amor pelas armas, dedicando-se com prazer ao pontual desempenho das suas obrigações. Foi esta por certo uma das mais brilhantes epochas, se é que não a mais brilhante, para a reputação e gloria militar de Portugal. Os officiaes com gosto se entregavam aos seus respectivos exercicios, e os soldados ao manejo das armas, cousa que tinha logar pelo menos uma vez cada mez, sendo o exercicio de esqueleto semanalmente, alem da applicação e instrucção dos folhetos, ou das *instrucções de infanteria do anno de 1809*. Assim se adquiria aquella nobre e precisa altivez, verdadeiras idéas e bem entendido orgulho, inherentes á profissão das armas, cousas que formam com rasão o militar bravo e pundonoroso. A [illegible] e qualidades se associava portanto a fama e a g[illegible] exercito portuguez tinha já adquirido, depois da[illegible] batalhas e combates em que havia entrado dura[illegible] precedentes campanhas de 1809, 1810 e 1811 [illegible] confirmava com sobejo motivo a alta capacidade [illegible] augmentando a confiança que a todo o exercito [illegible] pirado; e tudo isto concorria igualmente para [illegible] todos os portuguezes, em cujo coração ardia [illegible] amor da patria e da sua independencia, os felize[illegible] de que tantos e tão consideraveis esforços seria[illegible] coroados dos mais prosperos resultados no meio [illegible] duradoura e sanguinolenta guerra, sustentada t[illegible] samente contra a França, sendo ella uma das mai[illegible] zes e bellicosas que na Europa até então se tinha [illegible] é que não a mais famosa debaixo d'estes dois [illegible] vista. O renome e a fama de tão heroicos feitos [illegible] haviam já passado alem do Atlantico, e merecido [illegible] cipe regente de Portugal os elogios que lhes tributou, elogios secundados pelos suffragios das côrtes de Cadiz, e do proprio parlamento britannico, votando-lh'os este por unanimidade e com perfeita igualdade em tudo ao seu mesmo exercito. Esses tão heroicos feitos tinham igualmente echoado por todas as nações da Europa, as quaes olhavam para o

exercito luso-britannico com admiração e assombro, considerando-o como o mais poderoso apoio, que tinham para com o seu exemplo sacudirem tambem o pesado jugo francez, que as vexava e opprimia.

Não admira pois que com este incentivo o espirito de resistencia da parte dos hespanhoes contra os francezes reapparecesse activo, não obstante as desgraças de Valencia, e geralmente fallando as de todas as mais provincias de leste d'aquelle reino. O certo é que as partidas dos guerrilhas eram numerosas, e as suas operações tornavam-se quotidianamente mais importantes, fazendo consideravel damno ao inimigo, interceptando-lhe communicações, e apprehendendo-lhe comboios. A este respeito officiava lord Wellington de Freineda no dia 4 de março, dizendo: «Alguns destacamentos francezes foram destroçados, sendo apprehendidas a um d'elles duas peças de artilheria, com a perda de 5 officiaes e 600 homens mortos. O inimigo acha-se em tal apuro que segundo uma ordem, que se lhe apprehendeu, elle não póde mesmo mandar um correio de Valladolid a Bayonna, sem ser acompanhado de escolta. Ainda assim não póde julgar seguro o serviço dos correios, quando não vão sufficientemente escoltados, sendo até necessario segurar o cavallo que conduz a mala por meio de uma corda, ou arreata presa ao bocal, pegando n'ella o sargento da referida escolta. A authenticidade das ordens para isto dadas será, como usualmente, negada pelas auctoridades inimigas, porque lhes é necessario continuarem a enganar o mundo, relativamente á situação actual dos negocios da peninsula; porém confio que v. ex.ª acreditará que lhe não tenho jamais transmittido papel algum de similhante natureza, sem que soubesse que era verdadeiro». Á vista d'isto não é para admirar que os planos do inimigo, com relação á peninsula, se limitassem apenas a conservar na sua obediencia as provincias da Hespanha, não podendo emprehender operações algumas serias contra o exercito luso-britannico, sendo todos os seus esforços tendentes unicamente a assegurar os meios de subsistencia. D'isto era prova cabal um officio do proprio marechal

Marmont com data de 12 de fevereiro de 1812, no qual dizia: «Os serviços de procurar as subsistencias para o exercito terão sempre um grande merecimento a meus olhos: nas circumstancias actuaes são aquelles a que dou maior valor».

Effectivamente os francezes no anno de 1812 nada mais tinham a fazer, com relação á Hespanha, depois da capitulação de Valencia. Só Cadiz é que conservava acceso o seu enthusiasmo contra o seu oppressivo dominio; e se esta cidade lhes continuava ainda assim a resistir era isto devido aos esforços da divisão do exercito luso-britannico, que dentro dos seus muros em sua defeza se achava empregada. Tirando-se pois o cerco posto a Cadiz, e a estada do exercito luso-britannico na fronteira de Portugal, os francezes não tinham mesmo para que fazer operações militares na Hespanha. Só o referido exercito era o seu unico e terrivel inimigo, e era só contra elle que os generaes de Napoleão tinham a dirigir as suas operações militares. Entretanto lord Wellington ía-se preparando para uma outra audaciosa empreza, tal como a da tomada da praça de Badajoz. Foi com estas vistas que tão apressadamente fez reparar os damnos, que o assedio por elle posto á Cidade Rodrigo, e o assalto que depois lhe deu, tinham causado áquella praça, a qual tão necessario era pôr em estado de uma segura defeza e ao abrigo de qualquer tentativa, ou golpe de mão, que o inimigo houvesse de dirigir contra ella. A reparação da praça de Almeida tambem não foi esquecida pela conveniencia, que d'isto resultava para as futuras operações de lord Wellington, o qual officiava de Freineda em 26 de fevereiro, dizendo o seguinte sobre os precedentes assumptos: «Achando-se em grande adiantamento os reparos e melhoramentos das obras de fortificação da Cidade Rodrigo, e estando por isso esta praça a coberto do perigo de ser tomada, excepto por um cêrco regular, e achando-se igualmente as obras da praça de Almeida reparadas, tanto quanto era possivel, e havendo sido esta praça restituida a um estado defensavel, tenho posto em marcha para o Alemtejo as tropas do meu commando, com o fim de atacar eventualmente a praça de Badajoz. Não me foi possivel movê-las

na epocha e na ordem que eu desejava, visto ter-me sido preciso enviar varios regimentos, tanto britannicos, como portuguezes, a buscar os seus fardamentos aos pontos a que pelos rios acima haviam sido transportados, não se achando meios de conduzir por terra quanto lhes era necessario; porêm confio que me não resultarão os inconvenientes, que poderia esperar de as ter feito marchar de uma maneira tão contraria a todo o principio militar».

O alarme que tão necessariamente havia de ter causado aos marechaes Soult e Marmont o inesperado golpe da tomada da Cidade Rodrigo, golpe por que ambos elles deviam ter sido affectados, era uma das causas que poderosamente difficultava a empreza, meditada por lord Wellington contra Badajoz, empreza para elle indispensavel, com o fim de ir preparando as cousas necessarias a assentar definitivamente nas fronteiras de Portugal a base das suas futuras operações, destinadas a penetrar na Hespanha. Tendo ao norte por suas as praças da Cidade Rodrigo e Almeida, era-lhe forçoso occupar Badajoz pelo lado do sul, porque senhor d'esta praça e da de Elvas, podia dizer ter segura e livre da invasão dos francezes a provincia do Alemtejo, e por conseguinte a propria cidade de Lisboa, ficando-lhe o inimigo unicamente na frente, sendo-lhe em tal caso livre operar contra elle, ou pelo norte ou pelo sul, sem receio algum de poder ser atacado pela retaguarda ou flancos. Á vista pois d'isto era bem natural que a tomada de Badajoz com toda a rasão lhe occupasse seriamente a sua particular attenção. Entretanto Soult podia bem reunir contra elle sem grande desarranjo uma força de 35:000 homens, tendo Marmont a facilidade de se lhe reunir com um numero ainda maior. Por conseguinte ao segredo da empreza necessario era juntar o saber e a actividade para evitar similhante reunião. Todavia aventurou-se o lanço. Já no passado mez de dezembro de 1811 fôra uma ponte volante, escoltada por artifices e marinheiros portuguezes, enviada de Lisboa para Abrantes, onde a estavam esperando muitas juntas de bois, que tinham de a conduzir para Elvas. O trem de artilheria, os armazens, as ferramentas e utensi-

lios da sapa, e tudo mais pertencente a par d'isto á engenheria foi mettido a bordo de navios do alto mar, depois de todos os ditos objectos terem sido transportados da Cidade Rodrigo para a do Porto, e d'esta para a de Lisboa com fim dissimulado, sendo depois conduzido tudo por mar d'esta para a cidade de Setubal, onde se baldeou para bordo de pequenos barcos, que de lá seguiram para Alcacer do Sal, onde estas cousas se desembarcavam. D'esta villa facil era conduzir depois para Elvas tudo quanto para lá se destinava, por meio de carretas e carros, seguindo depois para a margem do Guadiana. Muitos outros objectos houve que da mesma cidade de Lisboa se conduziram tambem pelo Tejo acima, indo até Abrantes, onde atravessavam o rio para Villa Velha, seguindo d'aqui para Elvas, conduzidos pelas já citadas juntas de bois.

Por fatalidade as abundantes chuvas, que por aquelle tempo sobrevieram, não só fizeram parar as obras da reparação da Cidade Rodrigo, mas prejudicaram tambem muito a remessa para o Alemtejo do material necessario para as operações da tomada de Badajoz. Acresceu mais que as bestas de carga, destinadas á conducção do citado material pela estrada de Villa Velha a Elvas, achavam-se tão mal nutridas e fracas, que por debilidade morriam no caminho, de que resultou não poderem ir para aquella praça por esta via mais que dezeseis peças de 24, vindas da Cidade Rodrigo, acompanhadas por vinte carretas. De Lisboa mandaram-se posteriormente por mar para Setubal, d'onde seguiram para Alcacer do Sal, e d'aqui para Elvas outras dezeseis peças de calibre 24, que estavam a bordo de alguns navios, que de Inglaterra as tinham trazido para o Tejo. Por aquelle mesmo tempo o pessoal do exercito principiava tambem a mover-se das margens do Agueda para as do Guadiana, chegando ao Alemtejo no dia 7 de fevereiro as primeiras tropas, idas do norte do reino. Em Elvas começavam já a fazer-se algumas obras, e a inspeccionar-se os armazens, tudo para quanto possivel fosse se activar o sitio de Badajoz. Uma companhia de artifices, que de Cadiz tinha vindo desembarcar em Ayamon-

te, d'onde seguira para Elvas, trabalhava no trem d'esta praça de noite e de dia: foi por meio d'ella e de outros mais artistas que se apromptou um grande numero de escadas de mão com a largura de quatro homens de frente. O segredo, que em todos estes arranjos desejou manter lord Wellington, não foi possivel guardar-se, transpirando entre o inimigo, como se prova pela grande actividade que tambem o general Philippon, governador de Badajoz, poz não só em se preparar para repellir o projectado ataque dos alliados, mas tambem em se apressar em mandar saír da praça que governava, todas as bôcas que reputava inuteis, publicando para este fim um bando, pelo qual ordenava similhante medida, com relação áquelles que não tivessem mantimentos para tres mezes, de que resultou saír com effeito muito paizanismo e immensidade de mulheres[1].

Foi no dia 29 de fevereiro que as dezeseis peças, idas da Cidade Rodrigo, chegaram a Elvas, onde no dia 6 de março chegaram tambem, alem de muitos caixões e utensilios, conduzidos por um grande numero de carros, mais trinta e seis peças de artilheria, idas de Alcacer do Sal, onde tinham desembarcado, sendo vinte de calibre 18 e dezeseis de 24, fazendo com as anteriores um total de cincoenta e duas peças, competentemente montadas e promptas para marcharem para Badajoz com tres companhias de artilheria. As peças vindas de Inglaterra eram em Elvas gabadas por todos, sendo de ferro muito liso e de construcção ingleza, medindo as de calibre 24 apenas cinco palmos de comprido, circumstancia que lhes dava pouco peso e facilidade de move-las: o seu fim era baterem em brecha a praça a que se destinavam, podendo até servir como de obuzes de seis pollegadas. Os reparos que lhe diziam respeito causavam a admiração de todos os entendedores que os viam, pela sua fortaleza e perfeição, tanto das suas madeiras e ferragens, como da sua

[1] Cartas dirigidas em 1812 por Francisco Xavier do Rego Aranha, residente em Elvas, a D. Maria Luiza Valleré, filha do general d'este mesmo appellido.

mão de obra. No dia 8 de março entrou em Elvas (atulhada como esta praça já estava de tropa, sem haver onde se recolhessem mais peças, nem munições), o marechal Beresford com todo o seu estado maior, sendo lá recebido entre repiques de sinos e muitos vivas. A tropa da guarnição saiu a espera-lo fóra da praça, não se lhe dando salvas por effeito de ordem sua; mas á noite pozeram-se luminarias. Tendo-o ido comprimentar as corporações militares, a todas mandou despedir da sala das visitas, desculpando-se de lhes não poder fallar com a allegação da fadiga da jornada, recebendo sómente a camara municipal e os ministros, dando-se por muito satisfeito com a recepção que se lhe fez[1]. Das margens do Côa largou tambem lord Wellington para o Alemtejo no dia 5 de março, chegando a Elvas pelas quatro horas e meia da tarde do dia 11, depois de ter entregado, como já dissemos, ao capitão general hespanhol, D. Francisco Xavier Castanhos, a praça da Cidade Rodrigo, fazendo por esta occasião conhecer ao general Vives, seu governador, o fim e a intenção com que tinha mandado fazer as fortificações addicionaes ás que d'antes tinha, dando-lhe ao mesmo tempo o dinheiro necessario para a sua conclusão, alem das munições para seis semanas, e das provisões de reserva que tinha em S. João da Pesqueira, junto do Douro. Foi tambem no mesmo dia 5 de março que o exercito luso-britannico se começou a mover do norte para o sul do reino em auxilio das operações contra Badajoz.

Lord Wellington entrou em Elvas com todo o seu estado maior e uma luzida comitiva. A sua recepção festejou-se n'aquella praça com solemnidade igual á que no anno anterior se lhe fez[2], isto é, com todo o applauso e ao som de repi-

[1] Citadas cartas do dito Francisco Xavier do Rego Aranha, nas quaes se funda igualmente o mais que ainda vamos a dizer.

[2] A descripção da entrada, que lord Wellington teve em Elvas em abril de 1811, foi publicada no n.º 99 da *Gazeta de Lisboa* de 26 do referido mez, pela seguinte maneira:

«Pelas noticias de Elvas consta ter chegado áquella cidade a 20 do corrente, pelas duas horas da tarde, s. ex.ª o marechal general lord Wel-

ques de sinos e vivas, não havendo tambem salva pela mesma rasão por que a recusou o marechal Beresford. Este general e o estado maior da mesma praça de Elvas o foram esperar fóra d'ella, postando-se nos Arcos da Amoreira a brigada de infanteria portugueza de 5 e 17 com cavallaria n.º 3, para lhe fazerem as devidas honras. Durante a noite houve illuminação na cidade, á qual no seguinte dia chegaram tambem os generaes Hill, Graham e Stopford, alem de outros mais, a fim de terem com lord Wellington uma conferencia, que durou por largas horas, depois da qual se effeituou a ceremonia do mesmo lord Wellington lançar o collar da ordem do Banho aos primeiros dois dos citados generaes, havendo á noite um esplendido baile, para que foram convidadas quasi todas as senhoras da terra, que passaram de quarenta; as casas onde se deu foram as da illustre fidalga D. Anna Fortunata, na qual era o quartel do mesmo lord Wellington, durando a funcção até á uma hora depois da meia noite. No dia 13 chegou a Elvas o trem da ponte, em que já se fallou, compon-

lington: foi recebido pelas auctoridades militares e civis com todos os sentimentos de respeito e veneração, que inspira um tão illustre general. Os repiques dos sinos e uma salva real de artilheria annunciaram a sua feliz chegada; um povo immenso concorreu ao seu quartel general, exclamando que queria ver o seu restaurador, o restaurador do reino de Portugal. S. ex.ª teve a bondade de se mostrar, e de agradecer tão justos e tão sinceros sentimentos, que são os de toda a nação. O heroe de Talavera e do Bussaco tem a felicidade de reunir ás palmas da victoria a corôa da virtude, defende a causa sagrada dos legitimos soberanos, e a independencia das nações livres; é sem mancha a sua gloria, e por isso gosa da estima e da veneração de todos os homens.

«Os discursos que n'esta occasião se lhe dirigiram são uma expressão fiel dos sentimentos intimos do coração; não são orações forçadas, ou fallas determinadas de proposito, que marcam por um lado o sceptro ensanguentado da tyrannia, e por outro uma geração degradada e vil, que se prostra abatida, sem poder já levantar-se diante do monstro que a opprime. Taes são todos esses obsequios forçados e servis, que se tributam ao tyranno da França.

«A noite se illuminou toda a cidade espontaneamente, e no dia seguinte chegou s. ex.ª o marechal Beresford a fazer os seus comprimentos a lord Wellington.»

do-se de vinte e duas barcas forradas de cobre, as quaes, juntas com as cinco hespanholas, que n'aquella praça tinham ficado do anno anterior, se suppunham bastantes para a passagem do Guadiana.

Na noite do seguinte dia (14 de março) partiu o dito trem para junto d'este rio, começando a estabelecer-se logo de manhã no sitio de Porto Chico. Como preliminar d'estes trabalhos, e para segurança da respectiva cabeça de ponte, passou a vau da margem direita para a esquerda do Guadiana a brigada portugueza de infanteria, composta dos regimentos n.os 2 e 14, dando-lhe a agua por cima do peito; e procedendo ao reconhecimento do terreno que ía occupar, succedeu ir encontrar-se com um grande posto avançado de quinhentos francezes, sobre o qual os nossos soldados se lançaram com o maior arrojo e galhardia, de que resultou fugirem os contrarios em debandada e com tal precipitação, que apenas se lhes fizeram dois prisioneiros. No já citado dia 14 entrou em Elvas a primeira divisão do exercito luso-britannico, do commando do tenente general sir Thomás Graham, o que fez com que casa alguma da praça deixasse de se atulhar de aboletados. Nos suburbios da cidade achavam-se mais de dois mil carros, sendo immensas as bestas de transporte. O parque de artilheria estava prompto a marchar, vendo-se tudo disposto a seguir para o seu destino ao primeiro aceno dado. No dia 15 continuaram a marchar para Porto Chico as tropas luso-britannicas, occupando na manhã do dia 16 todo o caminho, que vae do forte de Santa Luzia até ao Guadiana, cujo rio atravessaram já por meio da ponte que n'elle se tinha estabelecido. Sendo vista esta marcha da praça de Elvas, parecia que a testa da columna se achava a pouco mais de meia legua distante de Badajoz, quando a retaguarda d'ella ainda estava muito para cá do rio, vindo assim a occupar legua e meia de extensão todas as ditas tropas. A cavallaria que se tinha aquartelado em Extremoz, Villa Viçosa, Alandroal, etc., seguiu a sua marcha por Juromenha, em rasão de ser aquelle ponto o que dá melhor vau no Guadiana.

Marmont não teve felizmente uma só pessoa que lhe desse

noticia d'estas disposições e movimentos. Não pensando mais do que na alimentação do exercito, disseminára as suas tropas, sem prever os projectos do seu adversario. Tres divisões de infanteria e uma parte da cavallaria voltaram para Talavera e Toledo, como já vimos: Souham occupou o paiz entre Zamora e Toro, sobre as margens do Tormes, e Bonnet, depois de ter repellido os gallegos de Senabria e Villa Franca, fixou-se nas immediações de Benavente e Astorga. Parecia portanto que Marmont não agourava operação alguma da parte de lord Wellington, não fazendo mais que mandar avançar o general Foy através das montanhas de Guadalupe pelo desfiladeiro de S. Vicente, provavelmente para verificar a possibilidade de um exercito poder fazer esta marcha, a querer-se dirigir do Tejo para o Guadiana. Esta disseminação do exercito francez livrou seguramente lord Wellington de bem graves embaraços, facilitando-lhe bastante a realisação dos seus planos, destinados ao seu ataque contra Badajoz. Estacionado como Marmont se achava em Salamanca, e ignorante da marcha dos alliados, a brigada de cavallaria do general Victor Alten foi mandada postar em Yeltes, para mascarar quanto possivel fosse a marcha dos mesmos alliados, com a recommendação de que, se Marmont avançasse, retiraria para a Beira Baixa, para cobrir os armazens de Castello Branco, disputando ás avançadas inimigas a passagem das ribeiras e desfiladeiros. O conde de Amarante devia ao mesmo tempo approximar-se do Douro para proteger o Porto. As milicias, commandadas pelos coroneis Trant e João Wilson, tiveram ordem de se concentrar na Guarda, devendo-se as da Beira reunir em Castello Branco, debaixo das ordens do marechal de campo Carlos Frederico Lecor. Todos estes commandantes parciaes tinham recebido a mesma ordem do major general Alten, isto é, a de defenderem quanto podessem as passagens das ribeiras e desfiladeiros, competindo ao coronel Trant a defeza dos da serra da Estrella, e ao general Lecor a dos de Castello Branco. Pela sua parte os governadores do reino tinham, por assim dizer, posto em armas toda a nação. Por aviso do ministerio da guerra de

9 de janeiro, do anno em que vamos de 1812, mandára-se
tuar o alistamento geral do reino por familias e corpor
com especificação das idades, disposição de cada um,
tras mais circumstancias para se avaliar a povoação e
do reino[1]. Por uma proclamação dos mesmos governa
com data de 13 de fevereiro do referido anno, tinham
ordenado: 1.°, que todas as pessoas capazes de tomare
mas se exercitassem no manejo d'ellas, determinando-s
os que já não estivessem em estado d'isso se recolh

[1] Segundo uma nota d'aquelle tempo, a população de Portu
1811 era a seguinte:

População do Continente

	Homens	Mulheres	Tot
Extremadura	289:985	284:008	573:
Beira	420:091	460:511	880:
Minho	453:634	500:348	953:
Alemtejo	145:669	142:531	288:
Algarve	49:419	52:739	102:
Traz os Montes	38:202	39:474	77:
	1.397:000	1.479:611	2.876:

População dos Açores em 1796

	Homens	Mulheres	Tota
Terceira	12:519	13:713	26:
S. Miguel	24:988	32:309	57:
Santa Maria	1:571	2:152	3:
S. Jorge	6:639	7:771	14:
Pico	10:870	11:506	22:
Fayal	8:527	8:428	16:
Graciosa	3:734	4:106	7:
Flores	3:170	3:215	6:
Corvo	403	387	
	72:421	83:587	156:

aos logares de segurança, quando as circumstancias assim o exigissem; 2.º, que durante ellas retirassem, ou escondessem o dinheiro, prata, oiro e alfaias preciosas, que podessem tentar o inimigo; 3.º, finalmente, que da mesma fórma occultassem, e em ultimo caso inutilisassem os viveres, que não podessem transportar, removendo a par d'isso os gados e carros que tivessem. Com todas estas providencias, auxiliadas pelos males da estação invernosa em que se estava, não podia haver muito receio das operações de Marmont, particularmente havendo elle perdido o seu trem de artilheria com a tomada da Cidade Rodrigo pelos alliados: todavia as ordens da regencia acima mencionadas nada mais eram que cautelas contra uma nova invasão do exercito de Portugal, a qual, postoque não fosse provavel, era todavia possivel que se quizesse tentar.

Os descuidos de Marmont não foram imitados por Soult, o qual, apenas soube da quéda da Cidade Rodrigo, teve por certo que igual tentativa se faria contra Badajoz, praça que confiára á bravura e saber militar de um bom governador, como era o general piemontez Philippon, em que já se fallou, dando-lhe ao mesmo tempo para guarnição a flor dos seus soldados. Era o dito Philippon na arma de engenheria homem de muita reputação e merito, sendo por similhante rasão muito acertada a escolha que o marechal Soult d'elle

População da Madeira

	Homens	Mulheres	Total
Madeira..................	42:599	31:836	74:435

Resumo

Continente................	2.876:611
Açores....................	156:008
Madeira...................	74:435
Total..............	3.107:054

fizera para tal governo. Possuindo conhecimentos e valor, este bravo e intelligente official preparou-se para um grande assedio: recolheu portanto provisões para tres mezes, mandou que os moradores de Badajoz fizessem outro tanto, querendo ficar dentro d'ella, e fazendo-o muitos assim, lançou-lhes depois mão dos provimentos por elles recolhidos, dando-lhes licença para saírem da praça, tendo-a alguns alcançado por dinheiro. Por este modo entendeu-se que a praça tinha viveres para mais de quatro mezes. A guarnição compunha-se de cinco mil homens francezes, hessezes e hespanhoes. Mil e quinhentos d'estes foram desde os fins de janeiro constantemente empregados em construirem novas fortificações e repararem as antigas, emendando-lhes os defeitos. Finalmente Philippon, conhecendo o inimigo que contra si tinha, e aspirando ao premio, que esperava se lhe desse, quando bem defendesse a praça, tinha feito dentro e fóra d'ella toda a qualidade de obras, que a sciencia da engenheria aconselha em similhantes casos. Apesar d'isto nada demoveu lord Wellington da sua grande empreza contra Badajoz. Vinte e dois dias apenas tinha elle empregado em concertar maduramente os seus planos, dispor as suas forças e o material indispensavel para cercar esta praça, e invadir de novo a Hespanha para encobrir as obras de sitio, e vingar por este modo os esforços de valor e arduas fadigas da guerra, debalde empregadas anteriormente pelo exercito luso-britannico, durante o primeiro e segundo cerco, que no precedente anno lhe havia posto. A similhante empreza era forçado o mesmo lord Wellington, apesar de todas as difficuldades, para descobrir a parte da fronteira da Hespanha por aquelle lado, habilitando-o a operar sobre a Andaluzia, como por algum tempo foi da sua mente, com a mesma facilidade como o podia já fazer sobre Leão e Castella, senhor, como já se achava, da praça da Cidade Rodrigo.

No 1.º de março tinham saído dos seus acantonamentos as tropas do general Hill, e passando o Caia entre Barbacena e Arronches, n'esta arruinada e indefeza praça demoraram o passo até ao dia 13. No seguinte, marchando pela Codicei-

ra, entraram em Hespanha, e seguindo o caminho de Albuquerque no dia 15, de novo foram hastear as bandeiras portugueza e ingleza na cidade de Mérida, e em Almendralejo no dia 18 do dito mez. Lord Wellington mandára lançar sobre o Guadiana a ponte de barcos que saíra de Elvas, estabelecida em Porto Chico, como acima vimos, uma legua abaixo de Badajoz, por meio de dois grandes barcos hespanhoes, constituidos em ponte volante. Nos dias 15 e 16 de março a terceira e quarta divisão passaram este rio, dispondo-se a investir a praça conjunctamente com a divisão das tropas ligeiras, postando-se uma brigada da divisão portugueza do general Hamilton na direita do mesmo rio. Estas forças, sommando ao todo 15:000 homens, eram commandadas superiormente pelos generaes Beresford e Picton. O marechal Soult ainda por aquelle tempo se achava em frente da ilha de Leão; em Villa Franca estava o general Drouet com uma força de 5:000 homens, e em Zalamea de la Serena, perto de Medellin, o general Daricau com igual numero de homens. De reforço aos generaes Beresford e Picton marchou bem depressa o tenente general Graham com as divisões primeira, sexta e setima e duas brigadas de cavallaria, força com que igualmente atravessou o Guadiana, indo com ella até los Santos e Llerena, onde se achava no dia 19, tendo elle por incumbencia cobrir por aquelle lado as operações do cerco, com relação ao exercito francez de Soult, ao passo que o general Hill, tendo ganhado, como já vimos, Mérida e Almendralejo, devia entrepor-se com as suas tropas entre o mesmo Soult e Marmont, quando intentassem reunir-se, como era para julgar que viessem a fazer. As forças de Hill e Graham não eram menos de 30:000 homens, dos quaes 5:000 eram de cavallaria, comprehendendo a grossa cavallaria allemã, que ainda estava em Extremoz.

A quinta divisão, do commando do general Leith, havia deixado a Beira, com o fim de se reunir ao grosso do exercito, como praticou, ficando de reserva em Campo Maior: com a reunião d'ella ao grosso do exercito contava este um total de 51:000 homens (sabres e bayonetas), incluindo

20:000 homens portuguezes[1]. O general Cast
dirigido para a Galliza com as tropas do seu
mas o quinto exercito hespanhol, ás ordens
Penne Villemur, na força de uns 4:000 homen
sado a fronteira portugueza, depois de atrav

[1] Resumo do estado das forças do exercito luso-britannico em diffe
não comprehendidos os tambores e os artilheiros

1.° de outubro de 1811

	Cavallaria			
	Presentes	Doentes	Officiaes	Pri
Inglezes	3:571	1:114	947	
Portuguezes	1:373	256	1:140	
Total	4:944	1:370	2:087	

	Infanteria			
	Presentes	Doentes	Officiaes	Pri
Inglezes	29:530	17:974	2:663	1
Portuguezes	23:689	6:009	1:707	
Total	53:219	23:983	4:370	1

Total geral, comprehendidos os sargentos, 58:
bayonetas empregadas activamente.

8 de janeiro de 1812

	Cavallaria			
	Presentes	Doentes	Officiaes	Pri
Inglezes	4:949	841	741	
Portuguezes	613	43	275	
Total	5:562	884	1:016	

diana abaixo de Badajoz, veiu tambem em soccorro do sitio que se lhe tinha posto, tendo por incumbencia marchar para o condado de Niebla, e caír de lá sobre Sevilha, logoque o marechal Soult avançasse para se oppor ao cerco. Durante estas marchas e preparativos dos alliados viu-se que o general Drouet marchára pela sua direita sobre Hornachos, na direcção de Zalamea de la Serena e Medellin, com o fim de manter por Truxillo a sua communicação com Marmont. O general Hill julgou dever fixar-se em Almendralejo, ao passo que o general Graham julgou pela sua parte estabelecer-se em Zafra, enviando para Villa Franca a cavallaria de Slade. Marmont porém tinha no dia 9 do citado mez de março feito avançar a sua sexta divisão de Talavera, onde se achava, para Castile, através de Puerto de Pico, tendo quatro divisões, assim como a cavallaria acantonada em Toledo, passado o Tejo e marchado pelas montanhas de Guadarrama, na direcção de Valladolid. Á vista d'isto com rasão se julgou que o exercito de Portugal se não achava muito disposto a operar de concerto com o exercito do sul.

A guarnição de Badajoz compunha-se por então de uns 5:000 homens, comprehendidos os doentes. Philippon tinha não só perseguido continuamente os pequenos bandos de guerrilhas, que havia fóra da praça, mettendo para dentro d'ella todos os rebanhos que achou fóra do alcance da artilheria de Elvas e de Campo Maior, mas enchido tambem de espiões todo o terreno que vae desde a Cidade Rodrigo até

	Infanteria				
	Presentes	Doentes	Officiaes	Prisioneiros	Total
Inglezes...........	30:222	11:414	2:827	–	44:463
Portuguezes........	20:455	4:849	2:360	51	27:715
Total.......	50:677	16:263	5:487	51	72:178

Total geral, comprehendidos os sargentos, 56:239 sabres e bayonetas empregadas activamente.

Lisboa, e desde esta capital até Ayamonte. Tinha a pa
d'isto melhorado consideravelmente as defezas da praça;
fizera-lhe elle um intrincheiramento interior no castello, onde
estabeleceu um grande numero de peças[1]; por trás do forte
de S. Christovão melhorára tambem as defezas, e uma estrada
coberta, desde o dito forte até á cabeça da ponte, se achava
quasi acabada. Dois revelins se tinham tambem construido
ao sul da cidade, achando-se em começo um terceiro e duas
contra-guardas para os bastiões. Todavia a frente oriental
perto do castello (sendo aliás aquella que debaixo de certas
vistas era a mais fraca), não era protegida por defeza al-
guma exterior, a não ser pela ribeira de Revilhas. No fundo
do grande fosso tinha-se excavado um outro, que se achava
com agua n'algumas partes. A garganta, ou gola das Par-
daleras, estava fechada e ligada por uma estrada coberta
com o corpo da praça, podendo ser batida pelo fogo d'esta.
As tres frentes do lado de oeste achavam-se minadas, e pelo
lado de leste o arco da ponte, atrás de S. Roque, estava
construido de modo que podia formar uma inundação de
cento noventa e oito metros de largo, o que limitava muito
o espaço por onde as tropas atacantes se podiam approximar
da praça. Na tarde do dia 16, na manhã do qual tinham já
saído de Elvas, como acima dissemos, as tropas de Beresford
e Picton, tambem d'ella partiram igualmente para o Guadiana
oitenta carros com ferramentas, destinadas á abertura das
trincheiras, ás quaes se deu logo principio na proxima noite
de 16 para 17. Na manhã d'este ultimo dia largou tambem
da citada praça de Elvas metade da artilheria de bater com
mais duzentos carros de ferramentas e utensilios, balas, ces-
tões e fachinas, sendo quatro regimentos de milicias empre-
gados em levar ás costas seu cubo. Marchando outra vez no
dia 18, tiveram por incumbencia levar novamente cada uma
das suas praças duas balas de artilheria em seu alforge, indo
uma na bolsa de diante e outra na detrás. A tudo isto se-
guiu-se partir por fim o resto da artilheria, a qual na total

[1] Veja o mappa n.º 18.

dade subia ás cincoenta e duas peças em que já se fallou. No citado dia 18 partiram tambem de Elvas com munições cento e quinze carros e cousa de quatrocentas bestas, alem de muitas de particulares. Lord Wellington e o marechal Beresford mandaram ir para o acampamento as suas barracas, notando-se na promptificação e expedição de tudo isto a maior celeridade em todas as repartições.

O mesmo lord Wellington julgou preferivel começar o ataque contra Badajoz pelo bastião da Trindade, por ser este o ponto reputado pelo mais descuberto e vulneravel, ataque que podia bem executar-se, logoque os sitiantes se assenhoreassem da altura onde está o reducto da Picurina, circumstancia que lhes proporcionava o poderem abrir junto d'elle a segunda parallela, e bater em brecha o corpo da praça, cuja escarpa era n'alguns logares bastantemente descoberta. Aqui, tanto como na da Cidade Rodrigo, o essencial era operar com a maior rapidez possivel, poisque um ataque methodico e feito segundo as regras prescriptas para taes casos não teria alcançado o fim que se tinha em vista. A primeira parallela devia ter por alvo a tomada do forte da Picurina, a luneta de S. Roque, e a frente oriental da praça, de modo que as contra-baterias, que n'ella se erigissem, podessem trabalhar na destruição das defezas da parte do sul, e ter por alvo do seu fogo o citado forte da Picurina. A altura em que este forte estava situado forçoso era ser batida e tomada de assalto, para depois servir de ponto de ataque contra os bastiões da Trindade e de Santa Maria, nos quaes se queriam abrir as brechas. Terminada esta operação, toda a artilheria devia ser dirigida contra a cortina, que entre si ligava as duas obras, a qual se julgava construida de alvenaria ligeira. O fim da terceira brecha era favorecer a entrada de um corpo de tropas, que torneasse os intrincheiramentos, que se tivessem levantado por trás das brechas dos dois ditos bastiões. Por este modo evitava-se a inundação, dizendo-se ter o respectivo fosso cousa de seis metros de profundidade. A artilheria dos alliados era superiormente dirigida pelo major Dickson, sendo servida por 900 artilheiros, 300 dos quaes

eram inglezes e 600 portuguezes. O parque de engenheria estabeleceu-se por trás das alturas de S. Miguel. O general Picton era o director do cerco, confiando-se aos generaes Kempt, Colville e Bowes o alternado commando do serviço das trincheiras. No dia 17 de março mil e oitocentos trabalhadores, protegidos por dois mil homens de tropas, excavaram o terreno na distancia de uns 160 metros da Picurina, destinado á construcção da primeira parallela, concluindo-se no citado dia 17 uma communicação de 1:320 metros de comprido e uma parallela de quasi 600 metros de extensão, tendo 1 metro de profundidade e $1^{m},15$ de largura. Durante a noite de 18 construiram-se duas baterias, prolongando-se a parallela para a direita e para a esquerda, e aperfeiçoando-se os trabalhos da precedente noite. Pela sua parte a guarnição da Picurina levantou os parapeitos d'este forte, guarnecendo a crista, ou cume do caminho coberto, que d'elle se dirigia para a praça, de sacos cheios de areia, por trás dos quaes estabeleceu uma linha de mosquetaria contra os trabalhadores das trincheiras.

Pela uma hora depois da meia noite de 19 fez o inimigo uma sortida pela porta de Talavera, empregando n'ella um troço de 40 homens de cavallaria e 1:300 de infanteria, commandados todos pelo general Veilland. Tendo marchado sem ser vistos, dirigiram-se pela respectiva communicação á luneta de S. Roque e d'aqui ao forte da Picurina. Reforçados n'este mesmo forte por mais cem homens, correu a infanteria sobre os trabalhadores das trincheiras, d'onde os afugentaram, começando em seguida a destruir a parallela, cousa que conseguiram em parte, não o fazendo no todo, pelo reforço que de prompto acudiu aos trabalhadores, retirando-se ainda assim com quatrocentos e cincoenta e cinco instrumentos de sapa a que lançaram mão[1]. A cavallaria porém foi sobre o parque da engenheria, distante das trincheiras cousa de mil metros, e dando muita cutilada em todos quantos encontrou

[1] Segundo John Johnes, os petrechos de engenheria consistiam em 3:000 instrumentos de sapa, 8:000 sacos de terra, 1:200 cestões e 700 fachinas.

(sendo o coronel Fletcher, chefe dos engenheiros, um dos que ficou gravemente ferido), teve de se retirar por fim em consequencia da chegada das tropas das trincheiras, sustentadas pelas das reservas. Os atacantes perderam n'este encontro, que aliás foi renhido e sanguinolento, cousa de 150 homens, e os atacados 300, entre officiaes e soldados. No dia 20 continuou-se com a prolongação da parallela para o lado esquerdo na direcção da estrada de Sevilha, começando-se a estabelecer tres contra-baterias, traçadas por trás da mesma parallela. Na noite de 21 deu-se igualmente principio a uma outra bateria, destinada a abrir brecha na luneta de S. Roque, concluindo-se as que tinham por alvo o forte da Picurina. Fizeram parar estes trabalhos as chuvas torrenciaes, que então sobrevieram, as quaes, não só encheram as sanjas de agua, alagando as trincheiras e baterias, a ponto de se não poder assestar n'estas a artilheria, mas até fizeram trasbordar por tal modo o Guadiana, que a ponte foi na citada noite de 21 levada pela corrente abaixo do rio toda desmantelada, faltando depois umas dez barcas, suppondo-se que, ou foram ao fundo, ou a mesma corrente as levou para o mar. Foram estas chuvas de tal ordem, que a agua caída nos telhados não cabia nas beiras, occasionando uma tamanha cheia no Guadiana, que só em jangadas se podia atravessar, sendo a sua largura tal, que só por cincoenta ou sessenta barcas seria possivel formar em tal caso uma ponte que o transpozesse. Alem d'este grande mal um outro fizeram igualmente as chuvas, tal foi o de tornar os caminhos intransitaveis, fazendo atoleiros, que muito embaraçavam os transportes, de que resultou gastarem na conducção dos objectos um tempo duplo do que de antes gastavam para de Elvas os levarem ao acampamento[1]. Apesar d'isto a estrada parecia uma continuada procissão. A consequencia d'isto foi portanto a paralysação dos traba-

[1] A este respeito disse lord Wellington ao general Murray no seu despacho de 28 de maio, que as tropas se enterravam nas lamas das trincheiras até ao meio do corpo, sendo o mais forte dos embaraços a grande cheia do Guadiana, que arrebatára comsigo a ponte, e tornou por muito tempo inutil o emprego da ponte volante.

lhos, pois os fossos e as trincheiras se encheram todos de tanta agua, que por mais de uma vez necessario foi esgotar-lh'a.

Tendo levantado o tempo no dia 24, n'este mesmo dia se assestaram em seis baterias vinte e oito bôcas de fogo, isto é, dez peças de calibre 24, onze de calibre 18, e sete obuzes de cinco pollegadas e meia. Pelas onze horas e meia do citado dia 24 abriram todas o seu fogo, tendo duas d'ellas por alvo o forte da Picurina, e as quatro restantes as defezas da frente, destinada ao ataque, defezas que se propozeram destruir. A este fogo dos alliados respondeu vigorosamente o inimigo, que com elle desmontou um obuz dos mesmos alliados, matando-lhes alguns officiaes de artilheria e engenheria. Todavia o bastião de S. Roque foi reduzido ao silencio, e a guarnição da Picurina tão maltratada foi pelos atiradores, seus adversarios, estabelecidos nas suas respectivas trincheiras, que nenhum soldado francez se atrevia a deixar ver a cabeça fóra do parapeito. N'este estado de cousas lord Wellington deu ordem ao major general Kempt, commandante das trincheiras, para que durante a noite de 25 para 26 tomasse de assalto o citado forte da Picurina, ordem que elle executou pela mais brava e judiciosa maneira. Destinaram-se para similhante empreza 500 homens da terceira divisão, sendo 302 do regimento portuguez de infanteria n.º 9: dos ditos 500 foram 200 d'elles, commandados pelo major Rudd, do regimento inglez n.º 77, incumbidos de tornear o forte pela esquerda, devendo tornea-lo tambem pela direita uma outra columna de 200, commandada pelo major Shaw, do regimento n.º 74. Cem homens, tirados de cada uma das duas citadas columnas, se mandaram vigiar a communicação do citado forte da Picurina com a luneta de S. Roque, para interceptar todo o soccorro, que do corpo da praça se podesse mandar á guarnição do dito forte. As columnas dos flancos o deviam atacar simultaneamente; e os 100, que restavam dos 500 acima mencionados, constituiram uma reserva, o commando da qual foi dado ao capitão Powys, do regimento n.º 83.

No fim de uma hora de inauditos esforços de valor e co-

ragem, praticados pelos assaltantes, caiu-lhes o forte na mão, sendo o citado capitão Powys o primeiro que n'elle entrou por escalada, atacando a frente do forte no logar em que a palissada tinha sido derrubada pela artilheria. Sobre a outra frente recorreram os assaltantes ao emprego de uma ponte, estabelecida com as escadas que levavam, e por meio d'essa ponte atravessaram o fosso e se foram pôr a braços com a guarnição. Finalmente outros dos assaltantes, torneando o forte com muita intelligencia, poderam descobrir-lhe a porta, que immediatamente quebraram, indo-se por este meio assenhorear da respectiva gola. Em todos estes ataques tiveram de se vencer muitas difficuldades, em rasão de tres ordens de palissadas que lhe resistiram, defendidas por mosquetaria, e uma praça de armas para abrigo da guarnição, seteirada e á prova de fuzilaria. Foi pelos dois lados do angulo saliente do forte que os alliados n'elle penetraram. A guarnição que o defendia era de 250 homens com sete peças de artilheria, tendo por commandante o coronel Gaspard Thiery, official do estado maior do exercito do sul. O referido coronel, 3 officiaes e 86 soldados foram feitos prisioneiros, tendo sido mortos 83, salvando-se uns 30 pela fuga[1]. O inimigo fez uma sortida da luneta de S. Roque em direcção á Picurina, marchando pela respectiva estrada coberta, nas vistas de auxiliar a sua defeza, ou pelo menos nas de proteger a retirada da sua guarnição; mas foi impedido n'esta sua empreza pelos destacamentos, que para protegerem o ataque se haviam mandado vigiar a communicação, que ligava a referida luneta com o forte atacado.

Tal foi pois o modo por que os alliados se estabeleceram no forte da Picurina na noite de 25 para 26 de março de 1812, entrado como foi por escalada. Esta operação ousada, e imprevista por parte do inimigo, foi executada com a

[1] Segundo lord Wellington, a guarnição da Picurina compunha-se de 250 homens. Belmas, Jones e Lamare avaliam a perda dos francezes em 83 homens mortos, 86 prisioneiros e 30 fugidos. Do lado dos inglezes computam a perda em 5 officiaes e 50 soldados mortos, 15 officiaes e 255 soldados feridos.

maior bravura pelo destacamento commandado pelo já citado capitão Powys e pelos soldados portuguezes do regimento n.º 9 de infanteria, desenvolvendo uns e outros a maior rapidez de acção no ataque que se lhes confiou. Philippon fez tocar a rebate até mesmo os sinos da cidade, parecendo-lhe que se dava já assalto ao baluarte da Trindade, alvo como estava sendo do fogo dos sitiantes, e cujas ruinas eram já de alguma monta. O general Kempt, commandante que foi do assalto, disse na parte official que deu ao marechal Beresford, que nunca vira tropas mais valorosas, nem que affrontassem a morte com mais valor e sangue frio do que os soldados do regimento portuguez n.º 9, e como um batalhão d'este corpo foi o que se mandou pôr de vigia á communicação do revelim de S. Roque com a Picurina, pelo receio que havia de que algum reforço de tropa franceza saísse da praça em auxilio da guarnição d'este forte, como effectivamente se pretendeu fazer, aos soldados do dito batalhão compete a gloria de embaraçarem a marcha do citado reforço, matando-lhe bastante gente com as descargas cerradas que lhe dirigiram.

É portanto um facto que a tomada do forte da Picurina foi um passo da maior vantagem para a empreza da tomada da praça, que lord Wellington tanto tinha em vista effeituar. Esperava elle que isto lhe succedesse dentro em poucos dias, porque com as mesmas cinco peças, apprehendidas no dito forte, sendo tres de calibre 24 e duas de 18, as quaes o inimigo não pôde encravar, se começou logo a fazer fogo contra a praça, cortando-se a communicação com o revelim de S. Roque, por trás do qual passava a agua da ribeira Revillas, constituindo-o assim a melhor defeza do baluarte da Trindade, que se atacava. Philippon, reconhecendo bem o perigo a que a praça ficou exposta depois da tomada da Picurina, tomou por expediente estimular a coragem dos seus soldados, lembrando-lhes quanto a morte era preferivel aos pontões inglezes e ao tratamento cruel, que n'elles tinham os infelizes prisioneiros de guerra. Por parte dos alliados tres batalhões da reserva foram promptamente guarnecer o forte tão felizmente

conquistado, apesar do incessante fogo que os sitiados lhes dirigiam da praça. Na propria noite da tomada do forte tratou-se de estabelecer um alojamento para a guarnição, e uma communicação com a primeira parallela, alem de se principiar com os trabalhos da segunda, que foi aberta em todo o seu comprimento. Na noite de 27 fez-se uma nova communicação, partindo da primeira parallela, traçando-se igualmente tres baterias de brecha, a primeira destinada para doze peças de 24, a qual occupava o espaço comprehendido entre a Picurina e a inundação da Revillas, devendo bater em brecha a face direita do bastião da Trindade. A segunda bateria era de oito peças de calibre 18, collocada no proprio terreno da Picurina, sendo destinada a bater o flanco esquerdo do bastião de Santa Maria. A terceira, construida no prolongamento da linha, cuja frente se queria atacar, continha tres obuzes, sendo destinada a varrer o fosso, e a impedir que a guarnição se podesse n'elle estabelecer.

Como o fogo da luneta de S. Roque obstava muito aos trabalhos dos engenheiros, tratou-se de prolongar a segunda parallela e de n'ella se estabelecer contra a referida luneta uma outra bateria, que a tivesse por alvo, bem como a frente da praça, ou a cortina que ficava á esquerda do baluarte da Trindade. Na noite de 29 de março fez o inimigo uma sortida sobre a direita do Guadiana, sendo repellido com perda. Nos dias 30 e 31 rompeu-se o fogo de vinte e oito peças, assestadas nas baterias de brecha contra os flancos do bastião da Trindade e a frente d'este mesmo bastião. Da praça de Elvas via-se fazer este terrivel fogo, dirigido contra Badajoz, parecendo um continuado trovão, ou antes um medonho vulcão, vomitando chammas e turbilhões de fumo, que obscureciam o horisonte. Todavia era difficil abrir uma brecha que fosse praticavel, porque as muralhas eram fortissimas, sendo o revestimento do baluarte atacado tão bem construido, que difficilmente se destacava d'elle qualquer pedaço, por ser feito de pedras enormes, entrelaçadas e gateadas de ferro, de modo que, fazendo-se o fogo por descargas e a uma tão pouca distancia, tornára-se difficil a abertura da pretendida brecha.

Já por aquelles dias se tinham tirado á sorte os nomes dos generaes que com as suas divisões a haviam de montar, sendo o brigadeiro Diniz Pack um d'aquelles a quem coube esta honra no dia 31. N'este mesmo dia 31, pelas quatro horas da tarde, foi gravemente ferido por uma bomba, que caíu na sua bateria, o capitão de artilheria n.º 3, Antonio Vellez Barreiros[1], quebrando-lhe a perna direita, que logo lhe foi amputada, tendo a infelicidade de não sobreviver á operação. Contra as baterias da brecha, construidas pelos alliados, erigiu Philippon pela sua parte uma nova bateria de sete peças de 24 junto ao castello, com que hostilisava terrivelmente os alliados. Nos dias 1, 2 e 3 de abril o fogo continuou com toda a intensidade. No dia 4 de abril partiram de Elvas para o acampamento quatorze carros com escadas, mandadas fazer em Portalegre, isto alem das muitas que tambem já tinham ido para o acampamento. Na tarde do dia 5 suppunham-se praticaveis as brechas, que se tinham feito nos bastiões acima mencionados, em rasão de se achar por terra toda a face do baluarte atacado, a par de um dos seus flan-

[1] Antonio Vellez Barreiros (pae do actual sr. general de artilheria e director geral d'esta mesma arma, Fortunato José Barreiros), deu sempre durante a sua carreira militar as mais decisivas provas de fidelidade ao rei e á patria. Posteriormente á terminação do cerco de Campo Maior em 1801 foi elle promovido do posto de sargento ao de primeiro tenente, dando-se-lhe assim dois postos de accesso pelo valor com que se portou n'aquelle assedio, guarnecendo e defendendo por dezoito dias continuos o baluarte em que os hespanhoes haviam aberto a brecha. Merece tambem mencionar-se a nobre conducta que teve quando na desgraçada epocha de 1808, em que Junot se achava senhor d'este reino, saiu do forte de Santa Luzia para Elvas, d'onde marchou com a companhia do seu commando em direcção a Badajoz, indo-se lá reunir ao seu coronel e a outros mais officiaes que já lá estavam, fugidos ao serviço dos francezes. É igualmente digno de menção honrosa não ter havido no regimento de artilheria n.º 3 um só individuo (com a unica excepção de dois officiaes) que aceitasse as vantagens offerecidas pelos francezes aos que se prestavam a entrar no seu serviço, e até os proprios soldados, que por velhos e estropeados tinham ficado em Elvas, esses mesmos foram saíndo da praça furtivamente para se irem juntar aos seus camaradas no vizinho reino.

cos, postoque do outro se fizesse ainda muito fogo de artilheria, sendo horrivel o de fuzilaria, vindo de todas as partes, e até do meio fosso o estavam fazendo com espaldões muito matador. Afóra estas, outras mais difficuldades de não pouca monta havia ainda a vencer: alem de serem as pedras da muralha grandes seixos da ribeira, muito bem calcinados por um massame antigo, de muita rigidez e difficil de estalar, os francezes tinham enchido de agua o fosso adiante da brecha, tapando com madeiras os arcos de um pontão que ali havia na ribeira Revillas, e que n'aquelle logar se lança no Guadiana, vindo de Talavera.

Durante estes trabalhos foi o marechal Soult informado do cerco posto á praça de Badajoz: o receio de a perder pouco ou nada o dominava, julgando-a em estado de resistir a qualquer ataque, que contra ella se dirigisse; mas esperando por outro lado que isto daria logar a travar com os alliados uma grande batalha, cuidou em se dispor para ella com o maior numero de tropas que podesse. Com estas vistas saiu pois de Sevilha no 1.º de abril, trazendo comsigo todas as que pôde reunir na Andaluzia, as quaes deviam ser reforçadas com as de Drouet e Daricau, que com elle vieram effectivamente juntar-se. No dia 3 chegou a Llerena; mas no dia 4 ordenou lord Wellington que as tropas que cobriam o sitio de Badajoz se reunissem na ribeira de Albuera, á proporção que o marechal Soult avançasse. Para este fim devia o general Graham retirar-se gradualmente sobre aquelle ponto, fazendo o general Hill o mesmo sobre Talavera, descendo de S. Benito e alturas do Guadiana. Em virtude d'estas ordens as tropas do general Hill passaram á margem esquerda d'este rio no vau do Arroyo de S. Servan na noite de 5 de abril e ali acamparam, principiando-se a levantar na victoriosa posição de Albuera os reductos, que se julgaram necessarios para reforço e segurança da projectada batalha. Quizeram os generaes Drouet e Daricau assenhorear-se, durante a sua marcha, do districto de Villa Nova de la Serena, a fim de conservarem uma communicação com Marmont por Medellin e Truxillo, intento que não realisaram, porque

os generaes Hill e Graham, marchando sobre os seu
cos, os obrigaram a entrar na serra Morena pelas e
de Cordova. Por outro lado Morillo e Penne Villemu
vam-se muito proximos do Guadiana, espreitando
mento favoravel de caírem sobre Sevilha, apenas Sou
chasse contra Badajoz. Alem d'estas outras mais combi
se tinham feito para retardar a marcha do marechal f

Quanto a Marmont já vimos ter elle concentrado
exercito nas vizinhanças de Salamanca, dizendo-se q
vistas de querer atacar a Cidade Rodrigo. Lord Welling
rém tinha pouco receio d'isto por dois ponderosos mot
primeiro dos quaes era o estado de elevação das agua
apresentavam os rios e as ribeiras vizinhas d'aquella
tornando impraticavel o seu bloqueio; o segundo era
ainda recebido Marmont artilheria do cerco. A não se
o estado da praça era precario pelo desprezo que os
raes e os engenheiros hespanhoes tinham mostrado
completarem as obras, não se lhe tendo reparado os
gos, nem se tendo ainda recolhido a ella as provisões
nições, que estavam em S. João da Pesqueira, sendo
aprovisionamento apenas para um mez. O estado da
de Almeida tambem não era bom, occasionando todas
cousas serios e graves obstaculos ao importante proje
invasão da Andaluzia. A precisão de abreviar os tra
do cerco era portanto extrema. Lord Wellington es
com a mais viva impaciencia o final da sua empreza, q
se lhe mandou a noticia da effectiva juncção de Soult c
já citados generaes Drouet e Daricau. Não se julgand
tantemente forte para a continuação dos ataques cont
dajoz e ao mesmo tempo para dar batalha ao ma
Soult, concebeu o projecto de lhe ir ao encontro com a
parte das suas tropas, esperando-o na posição de Al
para onde mandára retirar os generaes Graham e Hill.
via mudou de resolução, apenas lhe vieram dizer que
chas se achavam praticaveis. Soult ainda por então
em Llerena, circumstancia que dava logar a esperar
rem-se os alliados assenhorear da praça antes de vir

mãos com o inimigo. A empreza do ataque contra as brechas era realmente audaciosa, mas não havia que hesitar.

Pela manhã do já citado dia 5 de abril lord Wellington foi visitar as trincheiras e reconhecer o estado das brechas[1]. Achou elle que Philippon tinha tomado excellentes medidas de precaução, e que para ordenar o assalto com esperanças de bom resultado preciso lhe era abrir uma nova brecha na cortina, que ligava o bastião da Trindade com o de Santa Maria. Suppondo com rasão que os oito dias consumidos pela sua artilheria em abrir as primeiras brechas tinham sido utilisados pelo inimigo em construir solidos intrincheiramentos por trás dos pontos ameaçados, pensou que, rompendo a referida cortina (cuja alvenaria se lhe antolhava que por velha seria destruida dentro em poucas horas), poderia por este meio tornear os ditos intrincheiramentos, como lhe havia succedido com os da Cidade Rodrigo. Por conseguinte ao romper do dia 6 quatorze peças de artilheria foram dirigidas contra a sobredita cortina, cuja escarpa foi por ellas derrubada em menos de duas horas e meia, e por modo tal, que antes da tarde uma terceira brecha com quinze metros de largura se reputou em estado de servir. Entretanto as obras ordenadas por Philippon para obstar á tomada da praça eram realmente respeitaveis. Para bem se conhecerem as difficuldades, que contra si teve similhante empreza, iremos dar uma idéa do estado de defeza em que elle pozera Badajoz. Todo o recinto da linha magistral, á excepção do castello velho, estava disposto a repellir vigorosamente um ataque por escalada, havendo para este fim em cima dos parapeitos grande quantidade de pedras, paus muito grossos, bombas atacadas, alem de outras penduradas em grossas cordas para rebentarem a meia altura dos atacantes: tinha alem d'isto muitos estilhaços das mesmas bombas e terra solta para cobrir quanto possivel os defensores, em logar dos salsichões e sacos cheios da mesma terra, que para

[1] John Jones diz que foi o proprio lord Wellington quem reconheceu e declarou as brechas praticaveis.

este fim se costumam empregar, estando tudo ordenado p
tal maneira, que parecia ter-se guardado uma rigorosa sy
metria. No fosso do baluarte da Trindade fizera-se um es
paldão em fórma de contra-guarda, havendo-se tirado a terr
da raiz da contra-escarpa, de maneira que esta vinha a te
uma altura de tres a quatro metros, ao passo que o espaldã
tinha muita tropa para atirar á espingarda. No alto da brech
do baluarte da Trindade havia presas e estendidas pelo se
declive muitas tábuas crivadas de pontas de pregos; hav
alem d'isto cavallos de frisa, sendo as hastes formadas p
folhas de espada, cortantes e ponteagudas.

Aos obstaculos que temos referido para se ganhar a br
cha seguia-se ainda uma cortadura de outros tres a quatr
metros de profundidade, com metro e meio a dois de la
gura: á retaguarda d'ella achava-se um parapeito de sac
de terra, havendo mais em cima do dito parapeito bombas
granadas atacadas. Uma segunda cortadura se encontrava d
novo guarnecida de barris incendiarios e de outros mais app
relhos de polvora. No terrapleno e gola do baluarte havi
mais duas cortaduras: a da gola era de um a outro flanco,
parallela ás ruas que davam entrada para a cidade, as quae
estavam entulhadas com travezes. As outras duas brechas
isto é, a do flanco esquerdo do baluarte de Santa Maria, e
outra na cortadura da frente do ataque, tinham as mesm
defezas acima descriptas, á excepção tão sómente das tábu
com pontas de pregos. As brechas ainda não estavam be
accessiveis por causa da altura que tinham. As tres commun
cações que o castello velho da praça tem para a cidade estava
fechadas com portas de grande resistencia. O inimigo tin
tropas no caminho coberto, das quaes a maior parte esta
nos baluartes e junto das brechas; no castello havia apen
cento e trinta infantes para sua defeza, alem dos artilheir
e serventes precisos para quinze peças assestadas na bater
Baldadas foram todas estas defezas, por não haver uma
que a final resistisse ao ousado valor e arrojo dos atacant
os quaes, depois de effeituada na tarde do dia 6 de abril
brecha da cortina, que ligava o bastião da Trindade com o

Santa Maria, deitaram-se á tomada da praça pelas dez horas da noite d'aquelle dia. O plano do ataque foi que a terceira divisão, constituindo a direita dos alliados, tendo por commandante o tenente general sir Thomás Picton, acommettesse por escalada o castello de Badajoz, cujas muralhas tinham de 7 a 14 metros de altura. A esquerda, formada pela quinta divisão, commandada pelo tenente general sir James Leith, teve a seu cargo fazer dois falsos ataques, um contra a obra exterior, chamada o forte das Pardaleras[1], o outro contra o bastião n.º 1, chamado de S. Vicente, apoiando-se para este fim sobre o Guadiana. Da dita quinta divisão fazia parte a terceira brigada portugueza, commandada pelo marechal de campo Guilherme Frederico Sprye, formada pelos regimentos de infanteria n.os 3 e 15 com caçadores n.º 8. O centro, formado pela quarta divisão, tendo por commandante o major general Carlos Colville, e pela divisão ligeira, confiada ao commando do tenente coronel Barnard, teve por fim o ataque das brechas, feitas no bastião da Trindade, no de Santa Maria, e na cortina que ligava estes dois bastiões. Finalmente uma parte da guarda da trincheira, commandada pelo major Wilson do regimento n.º 48, teve por incumbencia o ataque da luneta de S. Roque, emquanto que a oitava brigada portugueza, formada pelos regimentos de infanteria n.os 9 e 21 com caçadores n.º 11, tendo por commandante o brigadeiro general Manley Power (brigada que fazia parte da já citada terceira divisão), foi destinada a investir a praça pela margem direita do Guadiana, com ordem de fazer ataques falsos contra a cabeça da ponte, o forte de S. Christovão e o novo reducto a que chamavam *Mon-Cœur*[2].

Ao contrario do que n'estes casos de guerra se pratica, lord Wellington ordenou o assalto ás brechas, sem intimar a guarnição para se render, facto que alguns escriptores inglezes explicam, dizendo ter elle em grande conceito a cora-

[1] John Jones não faz menção de similhante ataque, aliás testemunhado por Lamare e Napier.

[2] Esta descripção foi geralmente extrahida do despacho de lord Wellington para o conde de Liverpool de 7 de abril de 1812.

gem e firmeza de Philippon para lhe fazer uma exi
que este general não podia deixar de ter por injurios
pessoa: ha outros porém que dão a este facto explica
versa[1]. Seja porém como for, certo é que pelas dez h
noite de 6 para 7 de abril as forças alliadas, destina
ataques dos tres lados da praça na margem esque
Guadiana, d'elles se approximaram, acobertadas pelo s
da noite, cujo escuro tanto parecia favorece-las. O gen
quarta divisão marchou ao ataque das brechas, leva
tropas do seu commando dispostas pela seguinte forn
padores inglezes, e logo em seguida os granadeiros d
são, incluindo um batalhão de 600 homens, compo
quatro companhias de granadeiros da brigada portug
11 e 23 de infanteria; de apoio a esta força achavan
fuzileiros da divisão. Os granadeiros conduziam escad
collocarem na contra-escarpa, e cada soldado um sac
de mato, destinado a entupir uma valla, que se sabi
aberta no fosso e com agua introduzida da Revillas
d'isto conduziam igualmente as espingardas, armadas d
neta, mas descarregadas. O major general Kempt fo
primeiro rompeu o ataque: saindo pela direita da s
parallela, teve a infelicidade de ser logo ferido, quand
vessava a Revillas abaixo da inundação. A surpreza d
cados, feita durante o silencio da indicada noite,
completa, que Philippon se achava tranquillamente to
o seu café, muito longe de receber tal visita, pois
proximidades da estacada foi que as sentinellas fr
deram na muralha o signal do alarme, seguido logo d
metralhada, que por ser alta se tornou inoffensiva,

[1] Mr. Thiers adopta a seguinte versão, dizendo que lord W
tinha feito a honra á guarnição de a não intimar, por saber q
a proposição de capitular seria inutil. O proprio lord Wellingto
a rasão d'isto no despacho que em 20 de julho de 1813 dirigi
nente general sir Thomás Graham, dizendo-lhe que nunca fizera
ção alguma a Badajoz e a Burgos por ter encontrado nos desp
rei José para os officiaes francezes ordem em que lhes determi
nunca entregassem praça antes de se lhe ter dado o assalto.

do-se apenas a pancada de alguns balotes nas bayonetas das espingardas. Não tardaram após ella duas e mais lanternetas que deitaram logo por terra muitos dos atacantes. Foi n'esta conjunctura que o som de uma corneta, tocando a avançar, feriu os ouvidos dos aggressores, electerisando-os e fazendo-os correr para o fosso a passo accelerado, em direcção ás brechas. Chegados ali, uns d'elles quebravam e destruiam os obstaculos, outros punham escadas para descerem por ellas ao fosso, e outros finalmente lá íam com os seus sacos de mato para lhe diminuirem a altura na parte ou valla cheia de agua: alguns dos bravos atacantes se afogaram n'ella, ficando estendidos ao tocarem na brecha os que alem do dito fosso poderam passar ávante.

Não era de esperar outra cousa, em vista da imprevidencia que houve da parte dos aggressores, porque a infanteria franceza, não tendo quem da estacada a hostilisasse, sem risco algum subia á muralha do lado esquerdo da brecha e direito dos mesmos aggressores, a quem muito a seu salvo terrivelmente fuzilava, alastrando o terreno de mortos e feridos. Se pois se houvera estendido na proximidade da estacada um batalhão de atiradores, que sentados e até mesmo deitados no chão fizessem fogo para cima da muralha, os francezes ou teriam caído no fosso, vindo fazer companhia aos seus adversarios, ou se haviam de retirar, e os luso-britannicos teriam montado a brecha. Não se tendo feito isto, os atacados, apresentando-se em fórma no alto da muralha, sem incommodo, nem perigo algum desfechavam incessantemente as espingardas, que outros lhes ministravam da reserva, para cujo fim se destinaram tres na retaguarda para cada soldado da frente, alem das que outros mais successivamente íam carregando com cartuxos, sortidos de bala ordinaria, e cinco a seis *bastardos*, cravados em cylindros de pau. Sendo isto feito quasi á queima roupa, os proprios fragmentos do pau íam prejudicar os assaltantes com feridas incuraveis, quando promptamente os não matavam. Alem d'esta diabolica invenção, havia tambem os estilhaços das granadas de mão, os rastilhos ardendo, e todos os mais arti-

ficios de fogo, que ao sagaz Philippon tinham lembrado para sua defeza. Por este modo se constituiu a brecha principal intomavel, não obstante os heroicos esforços, que para este fim empregára a quarta divisão, destinada ao ataque da frente do bastião da Trindade, competindo á divisão ligeira o ataque da brecha na esquerda e flanco do bastião de Santa Maria. Similhante ataque tambem não foi mais feliz que o anterior, sendo tal a natureza dos obstaculos, preparados pelo inimigo no alto e por trás das brechas, que os atacantes não os poderam vencer. Officiaes muito bravos e soldados de grande valor ali perderam a vida miseravelmente com a maior magua do coração dos que presencearam tão tristes e dolorosas scenas, outros havendo que depois de terem ganhado a brecha, d'ella tiveram de recuar pela impossibilidade de poderem vencer obstaculos de tal natureza. Similhantes esforços de continuo se repetiram até depois da meia noite, e sempre com igual resultado, tendo a columna do assalto, morta e terrivelmente dizimada, de se retirar por fim para fóra do fosso, talvez que disposta a dar ainda um novo assalto, quando lhe fosse ordenado! Foi então que os francezes, vendo o feliz successo dos seus estratagemas, fizeram retumbar os ares com um novo e estrondoso *viva o imperador*, viva que elles tinham já levantado ao começar do ataque. Mais de tres mil homens se achavam fóra do combate da parte dos alliados, ao passo que os francezes quasi nenhuma perda tinham soffrido[1]!

Durante este tempo de dor a divisão do general Picto[n] tinha-se conduzido pela sua parte com a maior intrepidez n[a] escalada por elle intentada contra a cortina, que ía desde [...]

[1] Segundo o que diz o general Lamare, chefe que foi da engenher[ia] da praça, a perda da guarnição durante o assalto foi apenas de 20 h[o]mens. Napier avalia a perda dos alliados no ataque das brechas e[m] 2:000 homens; o general Sarrazin em 4:000, e as *Victorias e Conquist[as]* em 5:000. Lord Liverpool, ministro da guerra em Londres, diz n'u[ma] carta, que na data de 23 de abril de 1812 dirigiu ao lord maire d'aque[lla] capital, que a perda dos assaltantes em tão terrivel noite foi a de 3:6[..] homens, entrando 264 officiaes e 5 generaes.

bastião de S. Pedro até junto do castello. Trezentos homens de tropas hessezas defendiam a referida cortina. Os assaltantes, prostrados consideravelmente por effeito das enormes pedras, que contra elles se arremessaram, e por porções de madeira, lançadas do alto das muralhas, sendo a par d'isto tomados de flanco por um mortifero fogo de mosquetaria, e recebidos no alto das escadas por duros golpes de chuços e de bayonetas, teriam amargurados de se retirar com sensiveis perdas, sem nada conseguirem, a não se dar a feliz circumstancia da luneta de S. Roque ter sido por então atacada e tomada pelos inglezes[1]. Picton, repellido, mas não desanimado, pôde destruir o tapume da Revillas, a que se seguiu marchar pela sua direita, e ir estabelecer-se por uma outra tentativa debaixo dos muros do castello, defendido sómente por 100 hessezes e uns 25 francezes[2]. Eram por então onze horas da noite.

Logoque as fileiras dos inglezes poderam de algum modo recompor-se, o heroico coronel Ridge, agarrando com impeto n'uma escada, com ella se dirigiu por feliz inspiração contra o castello[3], convidando os mais a segui-lo. Momentos depois viu-se acommettido no alto da muralha pelos seus defensores, onde por fortuna se manteve até ser soccorrido pelos que lhe tomaram o exemplo. A guarnição espantada, e até certo ponto surprehendida, retirou-se para a cidade, abandonando a defeza que se lhe confiára, custando infelizmente a vida ao intrepido chefe, que tão bravamente havia iniciado a escalada. A terceira divisão assenhoreou-se então d'aquelle importante ponto, que lhe assegurava a tomada da praça[4]. e ou por entender dever guarnece-lo, ou por julgar

[1] É o que diz Lamare.

[2] Angoyat é a força que designa para defeza d'esta parte atacada.

[3] Os seus muros tinham de 7 a 14 metros de altura, como já se disse. Os rancezes julgavam esta obra ao abrigo de uma escalada. A sua guarnição ra muito fraca, compondo-se apenas das forças acima designadas, haendo outros que ainda lhe dão menos, isto alem de um destacamento e artilheiros. Philippon tinha tão mal guardado este ponto, que se nos ntolha ser reputado por elle como intomavel.

[4] Napier avalia em 600 homens a perda dos alliados na tomada do astello.

difficil marchar d'ali contra as brechas, nenhuma outra tentativa fez mais. A primeira columna da divisão do general Leith falhou completamente no seu falso ataque contra as Pardaleras. Este forte, defendido com pertinacia pelo coronel Pinau, sómente se rendeu na manhã seguinte, quando toda a cidade se achava já em poder dos alliados. A segunda columna, debaixo das ordens do general Walker, encontrou menos resistencia na escalada do bastião de S. Vicente, cujas escarpas tinham todavia cousa de 8 metros de altura[1]. Mas a guarnição d'este bastião achava-se tambem enfraquecida de dois terços pelo reforço que tinha dado ás tropas do castello, o que a poz em estado de só por si se não poder defender por muito tempo. A perda dos inglezes n'este ponto, segundo Lamare e Napier, elevou-se ainda assim a outros 600 homens.

A noticia da empreza contra Badajoz, chegando a Elvas, levantou um rumor e labyrinto, que fez logo correr toda a gente para os pontos donde se podia disfructar o espectaculo. Toda a população de Elvas se via espalhada pelas muralhas ou posta nas janellas para bem avaliarem o que era uma praça tomada por assalto. Divisava-se por todas as partes, quer de dentro, quer de fóra da praça atacada, o contínuo relampejar dos canhões e a incessante fuzilaria, que mostrava bem a energia e vigor com que os francezes se defendiam nas brechas, nas muralhas, e até mesmo nas ruas, onde se sabia que tinham assestado peças com cortaduras e parapeitos, o que forçosamente havia de causar grande mortandade, tanto por uma, como por outra parte; e como o vento soprava por então de leste e a noite estava muito serena e trazia os sons a Elvas, augmentava cada vez mais a anciedade e a dolorosa impressão que fazia o quadro que se tinha á vista. As conjecturas eram varias, segundo o variado modo por que cada um dos espectadores encarava a scena que ti-

[1] Era já meia noite quando este ataque teve logar. Walker deveria provavelmente ter esperado até aquella hora pelas escadas destinadas ás tropas do seu commando.

nha diante dos olhos, dizendo uns que os alliados se ac vam já senhores do castello, e outros que os francezes tinham a elle recolhido, estando os alliados senhores da dade. O resultado de tudo isto era a mal soffrida desinqu tação dos observadores, porque ás vezes parecia calar o fogo e tornar-se a avivar dentro em poucos minutos, pr cipalmente a fuzilaria, de que se viam e ouviam repeti descargas, affirmando-se que era nas muralhas, e por con guinte que os alliados eram repellidos na sua tentativa, p que se aquellas descargas fossem nas ruas, diziam alguns, estando os atacantes dentro da cidad[illegible] não poderia ser visto o scintillar das explo[illegible] noite pareceu acabada a contenda; mas pass[illegible] ornou-se a ouvir um grande estrondo de a[illegible] que fez suppor que o inimigo ainda se não tinha [illegible] Todavia um official inglez, vindo de Badajoz, trouxe [illegible] as a certeza de que a praça e o castello se tinham com effeito rendido, e que só o forte de S. Christovão resistia ainda, porque Philippon, vendo tudo perdido, a elle se tinha recolhido com parte da guarnição; mas que se ficava atacando, não tendo mais remedio do que render-se, como finalmente veiu a praticar.

Se os espectadores de Elvas estavam anciosos por saber o resultado final da luta, póde bem julgar-se qual não seria a dura afflicção em que lord Wellington se veria diante da terrivel scena, passada junto das brechas. Era meia noite quando um official lhe veiu contar os diversos e interessantes episodios do assalto. A pallidez do seu rosto annunciava bem a profunda e viva emoção que lhe fazia tão lugubre narrativa. Todavia nenhuma agitação exterior perturbava a sua habitual serenidade. Com o maior socego deu immediatamente ordem para a retirada das tropas, que deviam ser ordenadas para um novo ataque. Tinha determinado o que se acaba de ler, quando recebeu a feliz noticia, que o general Picton lhe mandára, da tomada do castello. Esta boa nova, seguida immediatamente da da tomada do bastião S. Vicente, fez-lhe entrever o proximo e afortunado exito da começada

empreza. Ordenou pois a Picton que se conservasse tranquillo até pela manhã, e que depois marchasse com 2:000 homens sobre a retaguarda dos cercados no mesmo momento em que Barnard e Colville dessem um novo assalto; providenciou igualmente sobre a segurança da luneta de S. Roque, escalada como felizmente tinha sido pela gola, e deu as instrucções para destruir o assude e a ponte da inundação em occasião opportuna. Pelas onze horas e meia da noite Philippon foi informado de que o inimigo havia renovado o ataque do castello, e que d'elle se tinha assenhoreado. Duvidando da verdade d'esta informação, cousa alguma ordenou sobre este ponto. Recebendo porém segundo aviso, mandou a sua reserva, composta de 200 homens, em soccorro da obra ameaçada, quando a porta da entrada se achava já em poder dos atacantes. Uma viva fuzilaria se travou durante a passagem, sendo as quatro companhias francezas obrigadas a dispersarem-se. Ordenando mais que duas companhias do bastião S. Vicente entrassem por uma outra porta, em vez de o fazerem assim, marcharam para as brechas. Á perda do castello e do bastião S. Vicente seguiu-se a tomada, á ponte da bayoneta, de mais tres bastiões, effeituada pela brigada de Walker. Este acontecimento, reunido com o da tomada do castello, que os francezes olhavam como o seu ultimo reducto, e o da dispersão das quatro companhias de reserva, abalaram a moral dos officiaes e soldados, começando desde então a apparecer a confusão e a desordem. Desde este momento as instrucções do governador já não chegavam ás tropas. Fuzilava-se nas ruas, batiam-se uns e outros nas casas, não se ouvindo por toda a parte senão os gritos da victoria e os sentidos gemidos dos infelizes feridos.

Tal era a situação a que as cousas tinham chegado, quando Philippon e o general Veilland, havendo reunido no meio d'este tumulto uma centena de homens e alguns cavalleiros, com elles se retiraram ambos para o forte de S. Christovão, sendo por então hora e meia da noite. Aos defensores das brechas foi ordem para que tambem se retirassem; mas o

portador da ordem, não podendo chegar ao seu destino, estes bravos ficaram no seu posto expostos ao furor dos atacantes até que viram a praça invadida por todos os lados. Alguns, indignados contra a sua sorte, quebraram então as espingardas e entregaram-se ao seu infeliz destino; outros, tomando um partido desesperado, foram para as Pardaleras e para as casas da cidade, onde esgotaram os seus ultimos cartuxos até ao romper do dia. Pelas seis horas da manhã o governador viu-se na dura necessidade de se entregar á discrição[1]. O forte de S. Christovão não tinha mais que munições para trinta tiros, mas sem uma só ração de viveres. Um lenço branco se arvorou na ponta de uma bayoneta, signal a que a guarnição obedientemente se rendeu, compondo-se de 2:750 homens validos e de 750 doentes. Tinham portanto morrido, ou foram feridos durante o cerco, 1:300 homens. Entre os prisioneiros feitos em Badajoz acharam-se alguns portuguezes e hespanhoes, que por terem arrenegado e fugido da sua patria para o inimigo, experimentaram o severo castigo que as leis impõem a este crime, sendo portanto justiçados como traidores ao seu paiz natal, e dois dos primeiros, que eram desertores do regimento de infanteria n.º 5, foram logo enforcados n'aquella praça, sendo os

[1] Nas cartas que já temos citado de Francisco Xavier do Rego Aranha, diz-se que Philippon, vendo tudo perdido, se recolhêra ao forte de S. Christovão, onde se deu por vencido, mandando entregar a sua espada a lord Wellington, a cujo acto este respondeu: «que não aceitava a espada a um militar tão infame e indigno, que manchára a sua carreira com a sua fuga, porque depois de expor a sua guarnição a ser sacrificada e passada toda á espada, se a sua humanidade a não salvasse, abandonou-a, quando com ella se devia achar na brecha». Ignorâmos até que ponto isto seja verdade; mas é possivel que o seja, attento o estado de dor e de desesperação em que lord Wellington se achava por effeito das terriveis perdas soffridas pelo seu exercito, d onde talvez proviesse o seu desabrimento para com Philippon, servindo-lhe para isso de pretexto a fuga por elle feita para o forte de S. Christovão, abandonando os seus bravos soldados nas brechas em que os puzera como defensores. Entretanto, repetimos de novo, duvidâmos muito do que a este respeito se diz nas citadas cartas.

seus cadaveres levados depois para Elvas, onde se p
ram á porta de Olivença, até que passadas quarenta
horas se deram á sepultura. No dia 17 d'este mez d
foram na mesma praça de Badajoz passados tambem
armas seis officiaes hespanhoes[1].

O exercito luso-britannico perdeu durante o cerco
salto de Badajoz 4:885 homens, sendo mortos 1:035,
3:787 e extraviados 63. No numero dos mortos e
72 officiaes, e na dos feridos 306. Segundo John Jo
na noite do assalto a perda foi de 59 officiaes e 744 s
mortos, 258 officiaes e 2:600 soldados feridos. Ass
Philippon e Lamare, que a perda dos inglezes, á vi
dados que dizem ter visto em Inglaterra, foi de 7:0
mens[2]. Quando lord Wellington conheceu as severas
que tinha soffrido, a sua firmeza, diz Napier, o aba
por um momento, cedendo o orgulho da conquista
pungente dor que lhe causava a morte de tantos e tão
soldados que n'ella tiveram parte. Philippon veiu pa
boa como prisioneiro de guerra. Quando o povo d
gritava, ao vê-lo passar, que o matassem, a sua resp
olhar para todos com ar de desdem e altivez, affectan
prezar o que ouvia; mas conservando sempre o sen
triste e pensativo. Era um homem de estatura mais
dinaria, com quarenta e cinco annos de idade, bem
cionado, muito vermelho e calvo na parte anterior
beça, olhos vivos e ar marcial, respirando elevação e s
no meio da sua desgraça. Trazia comsigo a sua bagag
qual diziam incluir-se mais de duzentos mil cruza
oiro, devidos talvez a violencias e roubos; os mais c
vinham com as suas malas, e os soldados vestidos e ca
trazendo as suas muxillas, sendo portanto tratad
mesmo modo que poderiam ter obtido por uma capi

[1] Citadas cartas de Francisco Xavier do Rego Aranha.

[2] Não nos parece que isto mereça fé, suspeitos como são Ph
Lamare em exagerarem as perdas dos alliados para maior real
lhantismo da sua propria defeza.

e ficou em logar de Castanhos, para lhe entregar o go-
) da praça, cuja guarnição foi por algum tempo portu-
l, sendo formada pelos regimentos de infanteria n.os 5 e
om caçadores n.º 12. Terrivel foi o quadro que Badajoz
entou depois do assedio e assalto que soffreu. Os con-
idores mancharam altamente a victoria que n'ella ga-
m pelos mais horriveis excessos. Por quarenta e oito
foi entregue ao saque, dando-se por causa d'isto o te-
s seus habitantes apupado das muralhas os alliados nos
iros dias do cerco[1]. O certo é que os excessos a que

expressões que acima empregámos, copiadas das citadas cartas
o Aranha, parecem indicar que lord Wellington fôra o proprio
torisára o saque de Badajoz. Todavia elle mesmo nos dá n'outra
m claro desmentido do que aqui parece indicar, confirmando as-
rença de que tal saque fôra devido ao furor dos soldados inglezes ao
rem na praça, chegando ao ponto de nem os seus proprios officiaes
cerem, cousa que não só é confirmada por Toreno, mas igual-
por Maxwel, quando diz que poucos ou nenhuns meios havia de
ar os habitantes de Badajoz dos furores de uma soldadesca, que
uctoridade dos seus proprios officiaes reconhecia. Lamare attri-
ord Wellington, na sua *Relação dos cercos,* o saque dado a esta
lizendo ter-se recusado a pôr-lhe termo, com o pretexto de que
o da guerra o auctorisava a dar a seus soldados esta justa recom-
la sua bravura e devoção. Mr. Thiers aceita tambem o que diz
, quando no livro XLII da sua *Historia do consulado e do impe-*
refere que, na manhã seguinte á tomada da praça, lord Welling-
bêra cortezmente os officiaes francezes que o procuravam; mas

as tropas alli se entregaram, principalmente as britannicas, foram os mais horrorosos, porque alem de roubarem tudo quanto encontravam, não só á gente da terra, mas até mesmo aos proprios soldados portuguezes, das mãos dos quaes arrancavam as cousas que tinham pilhado, tiraram tambem a

ponto pelas citadas cartas de Rego Aranha, cuja tirada é a seguinte: «É falso que o povo de Badajoz pretendesse resistir aos alliados, bem pelo contrario os moradores da praça abriram as suas casas, chamando os seus libertadores, e houve tal hespanhol que, apparecendo na sua escada, convidando os inglezes com duas botelhas de vinho na mão para que entrassem, offerecendo-lhes alem d'isto tudo quanto tinha em casa, recebeu em resposta um tiro de pistola, que o lançou morto por terra. *Tambem não é verdade que fosse lord Wellington quem ordenasse o saque;* mas tanto elle, como o marechal Beresford fizeram todos os esforços para o impedir, logo na manhã do dia 7; mas como as tropas se embriagaram n'um armazem de room com que depararam, logo na sua primeira entrada, não houve auctoridade capaz de conter a licença militar nos seus devidos limites, e surdos a todas as vozes dos seus officiaes, deram causa a algumas mortes, que elles mesmos se fizeram uns aos outros, de sorte que todo o fogo, que de Elvas se via pelas ruas da uma hora da noite em diante até pela manhã, e que se reputava renovação do ataque, era dos soldados inglezes entregues á mais furiosa embriaguez, que os fazia andar como doudos aos tiros, sem haver quem se lhes oppozesse, porque á uma hora tudo estava submettido. Philippon com o seu estado maior recolheu-se ao forte de S. Christovão, porque logo no principio do assalto se postou com a sua bagagem no largo da porta das Palmas, para sair por ellas quando visse o caso mal parado, como praticou, denegrindo assim n'aquelle momento critico e decisivo a reputação de valor, que tinha até então adquirido, dando provas da sua fraqueza e perturbação em não fazer uso dos prodigiosos meios de defeza, que com tanto trabalho e despeza tinha acumulado, e em se deixar surprehender pelo castello aonde só tinha deixado ficar 60 soldados e 23 ou 25 artilheiros, que não poderam repellir a escalada, fazendo ainda assim nos atacantes das duas nações não menos de 200 mortos, alem de muitos feridos. Os corpos que executaram este brilhante feito da escalada do castello (sendo elle o que aliás decidiu a tomada da praça), foram os dois regimentos portuguezes n.os 9 e 21, e o regimento inglez n.º 48: o baluarte de S. Vicente, que está á direita da porta das Palmas, foi escalado pelos regimentos portuguezes n.os 11 e 23, e pelo batalhão de caçadores n.º 7, que com elles faz brigada. Estes ultimos foram os primeiros que, apenas subiram, passando á bayoneta os que de cima os repelliam, se formaram immediatamente em columna e com toda

vida com a maior deshumanidade a perto de 200 pessoas de todos os sexos e idades, violentando mulheres com a maior crueldade, depois de despirem muitas da propria camisa que vestiam, e até no asylo dos claustros as mesmas religiosas foram victimas da brutalidade dos soldados. É portanto um facto que a mais infame rapacidade, a par da mais brutal

a rapidez marcharam sobre a brecha, que foi abandonada pelos defensores, consistindo em dois batalhões, e como ao mesmo tempo os que tinham escalado o castello quebrassem as portas d'elle com grande grita e golpes de machado, e tocassem as trombetas d'aquella parte, depozeram as armas, não havendo mais do que alguma resistencia parcial.

«Os vencedores debandaram-se então a roubar na maior desordem, e dominados pelo alcool, não cuidaram em mais nada do que no saque, porque o general Picton, commandante da terceira divisão, que foi a do assalto ao castello, lhes tinha dito no campo (para os animar e exaltar a uma acção tão ardua, pois se duvidava muito que ella sortisse effeito), que logoque se fizessem senhores da cidade, lh'a entregaria para saciarem as suas necessidades, promessa que nenhum dos dois marechaes approvou, chegando Beresford a enfurecer-se quando encontrava alguns dos soldados saqueando. Aos officiaes e soldados da brigada portugueza de 5 e 17, que ficára de guarnição a Badajoz, ordenou elle que repozessem tudo quanto tinham saqueado no meio da praça de S. Francisco, passando-lhe revista ás malas e mochilas, e ao mais que tinham nos quarteis, mandando dizer ao brigadeiro, commandante d'aquella brigada, que n'ella não haveria promoção, emquanto os seus officiaes não dessem provas de que sabiam manter os seus soldados nos limites da disciplina. Lord Wellington deu pela sua parte as mais activas ordens para suspender a furia dos inglezes, os quaes a torto e a direito roubavam quantos individuos encontravam nas casas, e no dia 8 ás onze horas mandou armar uma forca no meio da praça, e já no dia da sua tomada, ou no de 7, tinha feito pôr corpos de guarda nos conventos e n'outras mais casas, e mandado um regimento para expulsar, e até mesmo punir os que andassem n'aquella desordem, e foi uma fortuna que Philippon se não soubesse d'ella aproveitar, fazendo-se forte com algum corpo que reunisse, para com elle caír de improviso sobre os debandados, os quaes, victimas como então estavam da embriaguez, talvez se vissem obrigados a evacuar a praça. Ao que fica dito tambem é justo acrescentar, que os soldados estavam antecipadamente irritados e prevenidos contra o povo, porque nos dias antecedentes ao do assalto algumas mulheres houve da infima plebe, que chegavam ás muralhas, onde repetiam em altas vozes: *tomar Badajoz, não é para vós,* alem de outros ditões d'esta natureza, de que os sitiantes tinham protestado vingar-se.»

embriaguez, e de uma desenfreada impudicicia, misturada com a crueldade, a morte, os gritos, os gemidos das victimas, as imprecações dos seus carrascos, a crepitação das casas, entregues ás chammas por espirito de vingança, o estrondo dos tiros de fuzil, que n'estas circumstancias tanto deshonraram os vencedores, foi o quadro que durante dois dias e duas noites offereceu Badajoz, não havendo auctoridade de officiaes, nem rogos ou clamores das victimas que podessem pôr cobro a estes excessos[1]. No terceiro dia, postoque a cidade se achasse já inteiramente saqueada, e os soldados cansados pelos seus proprios excessos, a desordem reinava ainda em muitos dos seus pontos; todavia similhante estado de cousas tinha diminuido muito, podendo-se já cuidar algum tanto dos feridos e do enterro dos mortos, tendo sido tal a desordem, que o proprio lord Wellington se viu ameaçado pelas bayonetas dos seus soldados, impedindo-o de entrar na praça no intento de conte-los[2].

As brigadas e corpos portuguezes que entraram no cerco e assalto de Badajoz foram os constantes da seguinte relação.

Terceiro sitio da referida praça

Cavallaria n.º 3—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 238 cavallos, commandado pelo tenente co-

[1] Em confirmação d'estas atrocidades, mr. Brialmont cita a auctoridade de um official, testemunha ocular do cerco, o qual escreveu o seguinte no *United service journal*: «Nenhuma casa ficou intacta e nenhuma mulher se pôde subtrahir aos insultos, nem aos maus tratamentos». No dia 8, os soldados embrutecidos pela embriaguez, fizeram fogo sobre todos quantos encontravam, até mesmo sobre os seus camaradas... O dia 9 foi um dia de mercado no campo. Alguns soldados chegaram a realisar 250 libras sterlinas. O capitão Hopkins, igualmente presente ao assedio, confirma estes factos. A cidade, diz elle, bem depressa offereceu o triste espectaculo de tudo quanto póde produzir a embriaguez, a crueldade e o deboche... Os officiaes não tinham auctoridade alguma sobre os seus soldados; fartos de vinho e de despojos, reunindo-se em pequenos bandos, percorriam as ruas, fazendo fogo... Por toda a parte se viam grupos de soldados, vestidos com habitos de frades de differentes ordens. A propria caixa do exercito não foi mais respeitada».

[2] Conde de Toreno, tom. v, pag. 25.

na força de 586 homens, commandado pelo tenente coro-
Thomás Durzback. Não teve perda alguma.

tes ordens. A
do exercito não foi mais respeitada».
² Conde d
v, pag. 25.

ronel João da Silveira de Lacerda. Perda, 2 soldados mortos e 2 feridos, ou 4 homens ao todo.

2.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Antonio Hypolito da Costa

Infanteria n.º 2—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:460 homens, commandado pelo coronel Jorge de Avillez Zuzarte. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 14—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:410 homens, commandado pelo tenente coronel João Mac Donald. Não teve perda alguma.

3.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Frederico Sprye

Infanteria n.º 3—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 967 homens, commandado pelo coronel João Antonio Tavares. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 15—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 949 homens, commandado pelo coronel Luiz do Rego Barreto. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 8—Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 437 homens, commandado pelo major Dudley Saint-Leger Hill. Não teve perda alguma.

8.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro José Joaquim Champalimaund

Infanteria n.º 9—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 774 homens, commandado pelo tenente coronel Carlos Sutton. Teve de perda 17 soldados mortos; 1 official e 15 soldados feridos, ou 33 homens ao todo.

Infanteria n.º 21—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 491 homens, commandado pelo tenente coronel João Maria de Araujo Bacellar. Teve de perda 1 soldado morto; 1 official e 1 soldado feridos, ou 3 homens ao todo.

Caçadores n.º 11—Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 586 homens, commandado pelo tenente coronel Thomás Durzback. Não teve perda alguma.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Moundy Harvey

Infanteria n.º 11—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:228 homens, commandado pelo tenente coronel Donald Mac Donald. Teve de perda 5 soldados mortos; 1 official, 2 inferiores e 18 soldados feridos, ou 26 homens ao todo.

Infanteria n.º 23—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:301 homens, commandado pelo tenente coronel Luiz Maria de Sousa Vahia, o qual, passando em 27 de março de 1812 a commandar infanteria n.º 10, foi substituido pelo major Diogo Miller. Teve o dito regimento n.º 23 de perda, 1 official e 11 soldados mortos; 2 inferiores e 10 soldados feridos, ou 24 homens ao todo.

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 442 homens, commandado pelo tenente coronel João Paes de Sande e Castro. Teve de perda 16 soldados mortos; 1 official, 1 inferior e 12 soldados feridos, e 2 prisioneiros ou extraviados, ou 32 homens ao todo.

10.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Thomás Bradford

Infanteria n.º 13—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:003 homens, commandado pelo tenente coronel D. Joaquim da Camara. Não teve perda alguma.

Infanteria n.º 24—Só uma parte d'este regimento se empregou n'este sitio, na força de 108 homens, commandado pelo tenente coronel Guilherme Mac Bean. Não teve perda alguma.

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Caçadores n.º 1—Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 453 homens, commandado pelo major João Henrique Algeo. Teve de perda 1 soldado morto e 14 feridos, ou 15 homens ao todo.

Caçadores n.º 3—Todo o batalhão se empregou n'este sitio, na força de 494 homens, commandado pelo tenente coronel Jorge Elder. Teve de perda 15 soldados mortos e 11 feridos, ou 26 homens ao todo.

Brigada sem numero, commandante o brigadeiro Manley Power

Infanteria n.º 5—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 1:162 homens, commandado pelo tenente coronel Henrique Frederico Muller. Teve de perda 1 soldado morto.

Infanteria n.º 17—Todo o regimento se empregou n'este sitio, na força de 676 homens, commandado pelo major Francisco Xavier da Silva Rebocho. Não teve perda alguma.

Artilheria n.º 1—Entrou n'este sitio sómente a terça parte de uma companhia, na força de 36 homens, commandados pelo sargento José Angelo de Assis. Teve de perda 1 soldado morto.

Artilheria n.º 2—Uma companhia d'este corpo, na força de 110 homens, se empregou n'este sitio, commandada pelo capitão Julio Cesar Pereira do Amaral, e depois pelo capitão de artilheria n.º 3, Carlos Cornwalles Mitchell. Teve de perda 2 officiaes e 1 soldado mortos e 3 soldados feridos, ou 6 homens ao todo.

Artilheria n.º 3—415 praças d'este corpo se empregaram n'este sitio, commandadas pelo major Alexandre Tullóh. Tiveram de perda 2 officiaes e 18 soldados mortos; 3 officiaes, 1 inferior e 16 soldados feridos, ou 40 homens ao todo.

Artilheria n.º 4—70 praças d'este corpo se empregaram n'este sitio, commandadas pelo capitão de artilheria n.º 2, Guilherme Cox. Não tiveram perda alguma.

O total da força portugueza empregada n'este sitio foi portanto de 14:810 homens, tendo de perda 5 officiaes e 87 soldados mortos; 10 officiaes e 108 soldados feridos, e 2 soldados prisioneiros ou extraviados, sendo a perda total de 212 homens.

Brigadas e corpos portuguezes que entraram no assalto da praça de Badajoz no dia 6 de abril de 1812

3.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Frederico Sprye

Infanteria n.º 3 — Tres companhias d'este corpo, na forç[a] de 200 homens, foram empregadas n'este assalto, sendo um[a] commandada pelo capitão Thomás Smith, outra pelo tenent[e] Antonio da Silveira Couto Panasco, e finalmente a terceir[a] pelo tenente Amaro dos Santos Barroso. Foram elogiadas na ordem do dia. Tiveram de perda no assalto, ou depois d'elle, 1 official e 26 soldados mortos, e 10 soldados feridos, ou 37 homens ao todo.

Infanteria n.º 15 — Todo o regimento se empregou no assalto, na força de 955 homens, sendo 100 praças commandadas pelo capitão Thomás Oneill, e o resto do regimento pelo coronel Luiz do Rego Barreto. Teve de perda no assalto, ou depois d'elle, 7 soldados mortos; 2 officiaes, 1 inferior e 14 soldados feridos, ou 24 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 8 — Todo o batalhão se empregou n'este assalto, na força de 446 homens, commandado pelo major Dudley Saint Leger Hill. Teve de perda no assalto, ou depois d'elle, 3 officiaes e 43 soldados mortos; 1 official e 37 soldados feridos, ou 84 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do dia.

8.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro José Joaquim Champalimaund

Infanteria n.º 9 — Todo o regimento se empregou no as[-]salto, na força de 716 homens, commandado pelo tenent[e] coronel Carlos Sutton. Teve de perda 1 soldado morto e 4 fe[-]ridos, ou 5 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do di[a].

Infanteria n.º 21 — Só uma parte d'este regimento foi a[o] assalto, na força de 150 homens, commandados pelo tenent[e] coronel João Maria de Araujo Becellar. Teve de perda no a[s-]

salto, ou depois d'elle, 1 official e 5 soldados mortos, e 6 soldados feridos, ou 12 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do dia.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Guilherme Moundy Harvey

Infanteria n.º 11—Todo o regimento foi ao assalto, na força de 1:074 homens. As companhias de granadeiros foram commandadas pelo tenente coronel Donald Mac Donald: 4 companhias foram commandadas pelo major Alexandre Anderson, e 4 pelo major José Correia de Mello. Teve de perda no assalto, ou depois d'elle, 4 officiaes, 6 inferiores e 79 soldados mortos; 10 officiaes, 5 inferiores e 78 soldados feridos, ou 182 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 23—Todo o regimento foi ao assalto, na força de 1:202 homens, sendo o primeiro batalhão commandado pelo major Diogo Miller, e o segundo pelo major Francisco de Paula Azeredo. Teve de perda no assalto, ou depois d'elle, 1 official, 7 inferiores e 54 soldados mortos; 8 officiaes, 11 inferiores e 59 soldados feridos, ou 140 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão foi ao assalto, na força de 412 homens, 60 dos quaes foram commandados pelo capitão Bartholomeu Vegos Dorenzy, e o resto pelo capitão O'Hara. Teve de perda no assalto, ou depois d'elle, 14 soldados mortos; 4 officiaes, 2 inferiores e 16 soldados feridos, ou 36 homens ao todo. Não vem mencionado na ordem do dia.

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Caçadores n.º 1—Todo o batalhão foi ao assalto, na força de 456 homens, commandado pelo major João Henrique Algeo. Teve de perda no assalto, ou depois d'elle, 2 officiaes, 1 inferior e 10 soldados mortos; 2 officiaes, 2 inferiores, e 23 soldados feridos, ou 40 homens ao todo. Elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 3—Todo o batalhão foi ao assalto, na força

de 505 homens, commandado pelo major Manuel Pinto da Silveira, depois pelo capitão Joaquim Ignacio de Araujo, e ainda depois pelo capitão Joaquim José Pimentel Jorge. Teve de perda no assalto, ou depois d'elle, 1 official e 34 soldados mortos; 7 officiaes, 2 inferiores e 30 soldados feridos, ou 74 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do dia.

Brigada sem numero, commandante o brigadeiro Manley Power

Caçadores n.º 11 — Só duas companhias d'este corpo foram ao assalto, na força de 174 homens, commandadas pelo capitão José Bento de Magalhães. Tiveram de perda no assalto, ou depois d'elle, 1 soldado morto; 1 inferior e 3 soldados feridos, ou 5 homens ao todo. Não foi mencionado na ordem do dia.

O total da força portugueza empregada no assalto foi portanto de 6:290 homens[1], tendo de perda 13 officiaes e 289 soldados mortos; 33 officiaes e 304 soldados feridos, ou 639 homens ao todo.

A tomada da praça de Badajoz e os esforços praticados pelo exercito luso-britannico, durante o seu respectivo cerco e assalto, foram obra do mais raro e extremado valor, que nenhum outro exercito poderá seguramente exceder, e bem poucos igualar. Não ha expressões que possam adequadamente pintar e descrever o impeto e a força do ataque, dirigido na noite de 25 de março contra o forte da Picurina pela brigada portugueza do 9 e 21 de infanteria com caçadores n.º 7 e o 83 escocez, debaixo do commando do proprio marechal Beresford em pessoa, não importando a qualquer dos soldados d'esta força a perda da vida, diante do fiel cumprimento dos seus deveres! Tudo se fez com o maior valor e

[1] Advertimos que depois de morto o tenente coronel de infanteria n.º 11, Donald Mac Donald, succedeu-lhe no commando o major Alexandre Anderson, devendo tambem saber-se que os batalhões de caçadores n.ºs 1 e 3 formaram n'este assalto uma brigada, commandada pelo tenente coronel Jorge Elder, o qual commandava ao mesmo tempo alguma tropa britannica.

promptidão na memoravel noite d'aquelle dia! Não é facil fazer uma verdadeira idéa dos perigos, que em similhante empreza se arrostaram, como o testemunharam os cadaveres dos valentes soldados portuguezes e escocezes, que junto do referido forte se immortalisaram, modelos sem par de bravura e honra militar; nem tambem é facil fazerem d'isto uma verdadeira idéa os que não viram romper o fogo do inimigo, alojado no dito forte ao amanhecer do dia 26, tomando-lhe os atacantes as canhoneiras por escalada. Tudo pois se venceu em defeza e honra da patria! A conducta das tropas portuguezas, por occasião do assalto e tomada da dita praça de Badajoz, não foi menos distincta que a manifestada na tomada do forte da Picurina, e para que nos não taxem de exageração no que dizemos, transcrevemos aqui a ordem do dia, que a respeito d'isto o marechal Beresford publicou ao exercito em 1 de maio de 1812, na qual se diz o seguinte.

«S. ex.ª, o sr. marechal, commandante em chefe do exercito, conde de Trancoso, acaba de receber ordem de s. ex.ªs, os srs. governadores do reino, para dar os agradecimentos de s. ex.ªs ás tropas portuguezas, que foram empregadas no sitio e assalto da praça de Badajoz, ordem que o sr. marechal recebeu com o maior prazer, e que julga não poder cumprir melhor do que usando dos proprios termos de s. ex.ªs—Ill.mo e ex.mo sr.—A carta que v. ex.ª me dirigiu em data de 14 do corrente, foi lida pelos governadores do reino com o mais vivo prazer, e me encarregam de segurar a v. ex.ª, que com igual satisfação elles recebem e dão a v. ex.ª os parabens pela gloriosa e importantissima conquista de Badajoz, que acaba de coroar de novos louros os intrepidos guerreiros do exercito alliado. O alto conceito que v. ex.ª faz do valor e disciplina da tropa portugueza, não só honra os nossos valorosos soldados; mas forma o elogio do illustre chefe, debaixo de cuja vista receberam as instrucções que tão heroicamente souberam pôr em pratica no campo da gloria. O principe regente, nosso senhor, tendo ordenado aos governadores do reino, que em similhantes occasiões agradeçam ás tropas em seu real

nome os seus bons serviços: auctorisaram-me os mesmos governadores para dirigir a v. ex.ª, como cumpro, os agradecimentos de sua alteza real, esperando que v. ex.ª igualmente os haja de communicar a todos os officiaes generaes, officiaes e soldados do exercito portuguez, empregados no sitio de Badajoz, pelo distincto valor, subordinação e disciplina com que se houveram em tão ardua e brilhante empreza. Os mesmos governadores do reino farão subir á soberana presença de sua alteza real os testemunhos que v. ex.ª dá do seu merecimento, para que recebam da regia liberalidade o louvor e recompensa de que se fazem dignos. Palacio, etc., 23 de abril.—*D. Miguel Pereira Forjaz.*—O sr. marechal felicita as tropas portuguezas por este signal caracterisco de honra para ellas, e muito mais por que o mereceram, e da maneira a mais decisiva, do que o sr. marechal foi testemunha. O sr. marechal aproveita esta occasião para pôr na ordem do dia a carta que dirigiu a s. ex.ªˢ, os senhores governadores do reino, sobre a conducta das tropas no referido sitio e assalto, e aindaque mencionou sómente os nomes dos commandantes dos corpos, que entraram na escalada e assalto, sabe muito bem que muitos outros, e mesmo todos merecem os maiores elogios, assim como todas as tropas, pela honra que adquiriram para si mesmas e para a sua patria, pelo zêlo e valor com que se houveram. O sr. coronel João Antonio Tavares merece tambem ser mencionado, porque parte do seu regimento foi á escalada, e o resto tomou postos, e esteve prompto a entrar n'ella. Este official mostra sempre o seu merecimento. O sr. marechal teve uma grande satisfação em referir a sua alteza real o principe regente, nosso senhor, a boa conducta das tropas no sobredito sitio e assalto.»

«Copia.—Ill.ᵐᵒ e ex.ᵐᵒ sr.—Tenho a honra de remetter a v. ex.ª o mappa dos mortos e feridos do exercito portuguez em o sitio e tomada de Badajoz. S. ex.ª o marechal general, manda a s. ex.ªˢ, os governadores do reino, os detalhes e movimentos, e não me pertence senão assegurar a s. ex.ªˢ, que a conducta das tropas portuguezas faz honra á nação, que se póde muito gloriar com ellas; seja durante o sitio,

seja no assalto o seu zêlo e valor igualmente se mostraram. A artilheria foi durante o sitio particularmente benemerita; e em o assalto os regimentos 11 e 23, da brigada do general Harvey; o regimento 15 e caçadores n.° 8 do brigada do general Sprye, e os caçadores n.os 1 e 3 são aquelles que pelas suas posições, tiveram mais occasião e mais se distinguiram. Tambem os regimentos 9 e 21, da brigada do general Champalimaund se conduziram por um modo distincto. S. ex.as sentirão commigo a perda de alguns bravos officiaes, e as feridas de outros; mas tambem conhecerão que não é possivel o alcançar similhantes vantagens, nem vencer as difficuldades da guerra, com um tão brilhante resultado, sem haver perda. Eu felicito s. ex.as sobre este acontecimento tão importante para Portugal, como para a causa commum, e eu participo com a nação da brilhante parte que n'isto tiveram as tropas portuguezas, a satisfação e sentimentos que deve causar mais esta prova de que o soldado portuguez é digno de combater ao lado das melhores tropas do mundo. Tenho que applaudir a conducta e lamentar as feridas do brigadeiro general Harvey, que elle recebeu conduzindo a sua brigada no assalto da brecha. O seu ajudante de ordens, D. Alvaro da Costa, e o major da brigada, Peacocke, foram feridos ao mesmo tempo. Sua alteza real perdeu um excellente official pela morte do tenente coronel Mac Donald do 11.° regimento, que foi morto sobre a brecha. O tenente coronel Elder, e o major Silveira (Manuel Pinto da Silveira), foram tambem feridos mostrando o exemplo do valor á sua tropa, e este batalhão n.° 3 se conduziu, segundo costuma, com muita distincção. O major Algeo, do 1.° batalhão de caçadores, foi tambem ferido na mesma occasião, e o seu batalhão merece todo o elogio. A conducta dos regimentos 11 e 23 merece uma recommendação particular, assim como a dos caçadores n.° 8. O brigadeiro Champalimaund, que com a sua brigada, e o tenente coronel Sutton do regimento n.° 9, foram ao assalto do castello, merecem a minha approvação, assim como os majores Miller e Anderson, que commandavam os regimentos 23 e 11, e o coronel Luiz do Rego do regimento 15.

Não posso deixar de particularmente observar a excellente brava conducta do major Hill e dos caçadores n.º 8, que e[illegible] commandava. Mas eu tenho a satisfação de segurar a s. ex. que conforme a situação em que cada um se achava, todo official e soldado portuguez merece elogios [1].»

[1] Tendo descripto pelo modo que acima vimos a tomada de Badajoz, não podemos deixar de tambem informar o leitor ácerca de um novelleiro e curioso romance, que alguns dos nossos contemporaneos fizeram acreditar ao bondoso rei D. Pedro V, tão prematuramente fallecido, romance que tanto cabimento achou entre os dados a crendices, com relação a ter havido um corneteiro no batalhão portuguez de caçadores n.º 7 (que fazia parte da 4.ª divisão luso-britannica, e portanto da 9.ª brigada portugueza), o qual, segundo elles, foi causa efficiente de tão memoravel tomada. Para o acreditarem allegou o citado corneteiro ter tido a fortuna (levado talvez por ares e ventos, agarrado ao cabo da vassoura de alguma bruxa) de penetrar miraculosamente dentro da praça pela brecha principal, e sabendo os toques do exercito inimigo, e achando-se não menos miraculosamente munido de um trompim francez, que disse apanhára na batalha do Bussaco, e que nunca largou de si (que de casos de fortuna não teve este nosso homem!) occorreu-lhe a feliz lembrança de fazer com este á guarnição da praça um toque para retirar, e logo em seguida, com a corneta usada no nosso exercito o signal de avançar aos seus camaradas da 4.ª divisão luso-britannica facto com que provou ter por si maior vantagem que os tritões da fabula, porque emquanto estes assopravam por um só busio, o nosso bom corneta assoprava por dois, sem se fazer vermelho, nem lhe incharem as bochechas. Disse elle mais que, em consequencia dos seus toques simultaneos, poderam os nossos penetrar na brecha (onde ninguem os vi[u] senão elle), depois de abandonada pelos francezes, em rasão da sua ceg[a] obediencia ao seu magico toque do assombroso trompim! É certo que e[m] 1860, quando já não havia uma só pessoa, que positivamente podes[se] contrariar o facto, apresentou-se ao governo, supplicando d'elle um[a] pensão, um José Francisco de Castro, dizendo ser o preconisado corne[teiro] de caçadores n.º 7, e portanto ser elle o verdadeiro auctor d'aquell[es] dois toques, dando-se-lhe por essa causa a pensão que pediu, tendo p[or] padrinho um aforismado fallador, rebumbante trovão de pataratas, o be[m] conhecido general Verissimo Alvares da Silva, que com bullas iguaes do seu afilhado Castro conseguiu tambem chegar ao seu posto de gener[al]. Foi o marechal de campo reformado, Antonio de Oliva e Sousa Sequei[ra] pessoa de brio e são juizo, alferes que era de infanteria n.º 11, quando [...] a tomada de Badajoz, na qual foi gravemente ferido, o que, reputan[do] por grave offensa ao valor, brios e disciplina do exercito luso-britannic[o]

cuja competencia ninguem lhe póde negar n'estas cousas, foi o proprio que escreveu[1]: «A conducta que os inglezes tiveram n'estas circumstancias foi tão ajustada, que se póde suppor terem elles interceptado alguma correspondencia, que lhes descobrisse o systema de operações do exercito de Portugal e a irresolução do duque de Ragusa». O general Sarrazin tambem nos diz a este respeito: «que era tão penoso para os generaes seus compatriotas, quanto glorioso para os inglezes, que um exercito apenas de 50:000 homens, podesse, por habilidade e audacia das suas manobras, tomar duas praças, tidas como as chaves da Hespanha pelo lado de Portugal, isto apesar da protecção de dois exercitos francezes, que faziam um todo de 80:000 combatentes!»

Este foi com effeito o juizo que todos fizeram, vendo tomadas ao inimigo as praças da Cidade Rodrigo e Badajoz. Podem chamar-se casos de fortuna a uma ou duas victorias ganhas por um general; mas uma serie d'ellas durante seis annos de luta, sem soffrer uma só derrota de premio, só póde ser filha da alta capacidade do general victorioso. A tomada da Cidade Rodrigo e Badajoz estão pois para lord Wellington no mesmo caso dos seus anteriores e posteriores triumphos, e a gloria que por tal motivo colheu, tanto para si, como para o seu exercito, em resultado d'estes dois brilhantes feitos, foi de tal ordem, que desde então justamente o reputaram como um dos grandes generaes que o mundo tem visto, considerando igualmente o seu exercito como um dos da mais bem fundada admiração pela sua grande bravura e arrojo, juizo que os gloriosos feitos posteriormente praticados, tanto pelo mesmo Wellington, como pelo seu dito exercito, exuberantemente confirmaram. Pela tomada de Badajoz o parlamento inglez votou de novo, tanto a lord Wellington, como ás tropas do seu commando, solemnes agradecimentos em sessão de 27 de abril de 1812, formulando a resolução tomada sobre este ponto pela seguinte maneira: «*Die lunae* 27 de abril de 1812.

[1] Carta dirigida a Berthier em 17 de abril de 1812, nas *Memorias* de José, tom. VIII, pag. 390.

Resolvido *nemine discrepante* pelos lords espirituaes e temporaes em assembléa do parlamento, que se dêem os agradecimentos d'esta casa ao general conde de Wellington, pela grande capacidade e industria militar, que manifestou no recente cerco de Badajoz, pelo qual se arrancou aquella importante fortaleza da posse do inimigo. — Resolvido *nemine discrepante* pelos lords espirituaes e temporaes em assembléa do parlamento que se dêem os agradecimentos d'esta casa ao tenente general sir W. C. Beresford, cavalleiro do Banho; aos tenentes generaes James Leith e Thomás Picton; aos majores generaes, o honorable Carlos Stewart, o honorable Carlos Colville, Barnard Gord Bowes, Andrew Hay, Jorge Townsend Walker e James Kempt; e igualmente aos brigadeiros generaes, Guilherme Moundey Harvey, Champalimaund (José Joaquim), e Manley Power no serviço portuguez, pela sua distincta conducta durante o recente sitio de Badajoz, que foi terminado gloriosamente pelo bem succedido assalto d'aquella importante fortaleza em a noite de 6 do corrente».

«Resolvido *nemine discrepante* pelos lord espirituaes e temporaes em assembléa do parlamento, que se dêem os agradecimentos d'esta casa aos officiaes pertencentes ao corpo dos reaes engenheiros, ao da real artilheria e da artilheria portugueza, que serviram debaixo do commando do conde de Wellington em o recente sitio de Badajoz, pela habilidade na sua profissão, e pelo valor e zêlo infatigavel que mostraram em todo o tempo d'esta difficil empreza. — Resolvido *nemine discrepante* pelos lords espirituaes e temporaes em assembléa do parlamento, que se dêem os agradecimentos d'esta casa aos officiaes das forças britannicas e portuguezas, que se empregaram no recente sitio de Badajoz, pelo valor, zêlo e capacidade que manifestaram no decurso d'esta difficil empreza, e particularmente na gloriosa conquista da praça por assalto em a noite de 6 do corrente. — Resolvido *nemine discrepante* pelos lords espirituaes e temporaes em assembléa do parlamento, que esta casa sobremaneira reconhece e approva o distincto valor, zêlo e disciplina, manifestado pelos officiaes inferiores e soldados das

forças britannicas e portuguezas, que serviram no recente sitio de Badajoz, e particularmente na gloriosa conquista d'aquella praça por assalto em a noite de 6 do corrente.— Ordenam os lords espirituaes e temporaes em assembléa do parlamento, que o lord chanceller transmitta as ditas resoluções ao general conde de Wellington, e que depois s. ex.ª as communique aos generaes e exercitos alliados, que serviram no ultimo cerco e tomada de Badajoz.=*G. Roa*, secretario do parlamento.» Os agradecimentos da camara dos communs tem a mesma data e a mesma direcção dos anteriores, e por essa rasão os omittimos.

Em Cadiz não causou menos sensação do que em Londres a brilhante tomada de Badajoz, e com tanta mais rasão, com quanta a maior parte da gente se persuadiu que a consequencia immediata de similhante successo seria o levantamento do sitio d'aquella cidade e a evacuação dos francezes da maior parte da Andaluzia. Por tão glorioso feito de armas as côrtes de Cadiz votaram igualmente agradecimentos ao exercito luso-britannico, e a regencia condecorou lord Wellington com a gran-cruz de S. Fernando. Em Lisboa foi este successo festejado no dia 10 de abril, dando a guarnição do castello de S. Jorge as competentes salvas de artilheria, illuminando-se á noite a cidade[1]. Finalmente quando no dia 13

[1] Entre as illuminações com que no dia 11 de abril de 1812 se solemnisou em Lisboa a tomada de Badajoz merece ser mencionada a que na frente do seu botequim do largo do Rocio levantou o cidadão José Pedro da Silva, na qual se via um quadro com figuras ao natural, no qual estava Marte, Lysia e a Fama, mostrando ao mesmo tempo o retrato de lord Wellington, a cuja apparição o exercito francez (figurado em harpias), fugia precipitadamente, perseguido por um genio.

No alto do quadro lia-se o seguinte verso:

És Fabio a defender, no ataque és Cesar.

Ao lado direito do quadro lia-se:

Eis cae de Badajoz o rijo muro,
Após Rodrigo em lugubre desmaio;
Que para o Corso escusa Jove o raio,
De Wellington lhe sobra o aço duro.

do citado mez de abril lord Wellington se dirigiu a Elvas, vindo acompanhado pelo marechal Beresford, n'aquella cidade lhe fizeram os seus habitantes a mais brilhante recepção. A camara municipal, as corporações militares, e uma immensidade de povo o foram receber á chamada porta de Olivença, onde lhe estava preparado o primeiro arco triumphal, a cuja vista, por inesperada, elle e o mesmo Beresford ficaram admirados, e como a multidão lhes levantasse incessantes vivas, lord Wellington tirou logo o chapéu, e passando

Ao lado esquerdo lia-se mais esta outra quadra:

Louros, trophéus, que a barbara quadrilha
Ganhado havia no guerreiro norte,
Com Beresford á frente o Luso forte
Das mãos lhe arranca, e a altivez lhe humilha.

Alguns poetas commemoraram igualmente em Lisboa a tomada de Badajoz com as producções do seu estro, entre as quaes figuravam as duas seguintes.

ODE

Graças ao Numen, que accendeu minha alma
No Delio fogo, inspirador de agouros,
Musa, retece a palma
De verdejantes louros,
Conheça o mundo inteiro (eu não me engano),
Que é rival de Marte o heroe britanno.

Melhor que a fama voará meu metro
Nas leves plumas dos tufões levado,
E com elle o meu plectro
Por Flaco já vibrado,
Pois tocando apollineo, aureo instrumento,
Tenho entre as Musas já no Pindo assento.

Desusado fragor de bronze horrivel
Se escuta em Badajoz; e a morte e o sangue,
Assombro tão terrivel
De Philippon exangue,
Em susto o soberbão em dor se anceia,
Que ouvira retinir ferrea cadeia.

pela porta principal, aonde estava o segundo arco, continuou com elle na mão, agradecendo muito a todos o brilhante acolhimento que lhe faziam; e mostrando-se risonho e affavel, caminhou depois pela rua de Olivença e Carreira até á praça, aonde estava um terceiro arco, e como este era o mais soberbo dos tres, fez uma paragem para o contemplar. Compunha-se elle de tres arcos, cada um dos quaes tinha seu quarteto, escriptos n'um quadro em letra bem legivel: parou elle para con-

Alguns momentos pertinaz se olvida,
Que de Wellington na dextra o ferro esplende;
Mas logo em marcia lida
Ao seu valor se rende,
E do olvido, ou melhor do orgulho, a pena
D'este geito pagou na horrenda scena.

Em perpetuo padrão conserve o mundo
Escripto o assedio, que até aqui não vira,
Que se eu cantor facundo
Empunho a eburnea lyra,
Só me apraz celebrar do lord a gloria,
O heroe mais digno da vivaz memoria.

SONETO

Vezados a cingir na frente o louro,
Ainda outra vez os lusos triumpharam;
Á voz de Wellington fervidos marcharam,
E é da victoria a sua voz o agouro.

Novo por armas pallido desdouro
Em Badajoz os perfidos provaram;
Corsos ao ferro portuguez tomaram
O medo, que lhes teve outr'ora o Mouro.

Mas Lysia ufana de tropheus cingida,
Ardendo em gloria, maior gloria anhela,
Tua presença, ó principe, convida.

Volve, senhor; comtigo, ausente d'ella,
Ella por seu esforço está remida...
Tornando tu, quem poderá vence-la?

templar tudo isto, e como perguntasse o que diziam o:
dos quartetos, e lhe respondessem que eram elogios fe
s. ex.ª, mostrou-se muito penhorado pelo obsequio, seg
para o seu quartel entre repiques de sinos e salvas de aı
ria. O marechal Beresford apartou-se d'elle junto á sé, ton
para o paço do bispo; mas lord Wellington, depois de
ber as felicitações e comprimentos das corporações, s
pé sósinho, atravessando a cidade para ir visitar os hos|
do collegio e de S. Domingos. A todos se mostrou agrade
fazendo muitos elogios á tropa portugueza, dizendo q
ella o não ajudasse com tanto valor e disciplina, nada |
ter conseguido. O marechal Beresford, quando as corpor
o foram comprimentar ao seu quartel, expressou-se por
maneira, e em particular ao coronel de artilheria, a (
disse que o feliz successo de Badajoz se devia em gı
parte á intrepidez dos officiaes e soldados do seu regim
Durante o seu transito de todas as partes se lhes lanç
flores das janellas, abrilhantadas estas com armações e |
necidas com todo o possivel esplendor nas duas ruas a
arco da praça, as quaes estavam areadas e cobertas de
ros e espadanas. Os arcos eram todos muito bem feitos
trelaçados de louro e murta, tendo grande elevação e orn
Á noite houve baile no quartel general de lord Wellingt
qual na manhã de 14 saiu para Portalegre, indo em sua
panhia o marechal Beresford, levando cada um d'elles
respectivo estado maior[1].

[1] Citadas cartas de Francisco Xavier do Rego Aranha.

CAPITULO II

Emquanto o marechal Soult, sabedor da quéda de Badajoz, se retirava para Sevilha, nas vistas de obstar a que os hespanhoes ali entrassem, lord Wellington, deixando o general Hill com uma divisão no Alemtejo, marchára com o grosso do seu exercito para o norte do reino, ameaçado de uma nova invasão pelas tropas do marechal Marmont, o qual não tinha podido ser embaraçado nas respectivas fronteiras pelas milicias do conde de Amarante e pelas dos coroneis Trant e Wilson de fazer por ali algumas devastações, distinguindo-se por aquella occasião o brigadeiro Lecor. Projectando o mesmo lord Wellington levar a guerra ao interior da Hespanha no anno que corria de 1812, ordenou ao general Hill que surprehendesse a guarnição inimiga dos fortes da ponte de Almaraz, e os destruisse para cortar as mais promptas communicações do exercito francez do norte com o do sul da Hespanha, e tendo conseguido isto, marchou depois para Salamanca, onde entrou a 17 de junho, tomando em seguida por assalto os fortes, que os francezes ali tinham construido, empreza a que por fim se seguiu a famosa batalha de Salamanca, ganha pelos alliados no dia 22 de julho do referido anno.

Pela tomada das praças da Cidade Rodrigo e Badajoz, effeituada aquella a 19 de janeiro de 1812 e esta no dia 6 de abril do mesmo anno, lord Wellington não só tinha seguras as fronteiras de Portugal pelo Alemtejo e Beira, mas alcançára igualmente duas solidas bases para as ulteriores operações que premeditava executar no interior da Hespanha, paiz este que pela acquisição d'aquellas duas praças se achava por assim dizer aberto, para do mesmo Portugal se transferir para elle decididamente o theatro da guerra. Sem duvida a marcha sobre a Andaluzia era a que parecia mais natural, por trazer comsigo, alem de outras mais vantagens, a libertação de Cadiz, e portanto a de se poder encorporar desde logo ao exercito luso-britannico a divisão, que d'este mesmo exercito se achava empregada na guarnição e defeza d'aquella

mesma cidade, tirando-se assim aos francezes os recursos, que lhes dava aquella tão rica quanto extensa provincia. As forças de que o marechal Soult dispunha não eram para sò-mente por si causarem duvida ou embaraço serio a lord Wellington. As tropas com que o marechal francez saíra no 1.º de abril de Sevilha para soccorrer Badajoz, chegando no dia 3 a Llerena, como já dissemos, consistiam em doze regimentos de infanteria, com dois de cavallaria e uma brigada de artilheria. De Llerena mandára elle marchar o general Gazan pela estrada de Monasterio com o resto da artilheria e bagagens, escoltadas pela divisão de infanteria do general Barrois e alguma cavallaria. Esta columna tomou, sem o saber, um caminho transversal para Santa Guillena, e chegando a Constantino, acompanhou por Llerena o grosso do seu exercito. No dia 7 o mesmo Soult reuniu todas as suas forças em Villa Franca, na Extremadura, achando-se a sua cavallaria em Villalba e Fuente del Maestro. A 8 pozera-se em marcha para se bater com os alliados, quando alguns cavalleiros, enviados por Philippon durante o assalto de Badajoz, lhe trouxeram a desagradavel e inesperada noticia da quéda d'esta praça: alem de similhante noticia teve tambem a de que o marechal Marmont, com o concurso do qual contava para a sua empreza, se achava occupado em operações no norte, não o podendo soccorrer, de que resultou retrogradar immediatamente para Llerena, poisque o seu exercito, apesar da sua boa organisação e comprovado valor, não passava de 20:000 homens, força com que não podia dar batalha a lord Wellington, o qual pela sua parte lhe podia oppor uma de 45:000 homens, entre portuguezes e inglezes. Por conseguinte na manhã do dia 9 poz-se em marcha para as fronteiras da Andaluzia, attenta a sua melindrosa posição, com relação aos seus contrarios.

E com effeito o conde de Penne Villemur e Morillo, saíndo de Portugal com 4:000 homens, e passando no baixo Guadiana, haviam-se assenhoreado no dia 4 de S. Lucar Maior, distante tres leguas de Sevilha, onde não havia mais que convalescentes e o batalhão suisso ao serviço do rei José.

No dia 6 os hespanhoes haviam occupado as alturas adiante da ponte de Triana, atacando no dia 7 os intrincheiramentos francezes, na crença de que os seus moradores se revolucionariam em seu favor. Alem d'este um outro perigo ameaçava igualmente Sevilha pela esquerda do Guadalquivir. Ballesteros, tendo conseguido uma boa divisão de 10:000 a 12:000 homens, e aproveitando-se da marcha de Soult para a Extremadura, deixou as suas posições de S. Roque e Algeciras, approximando-se de Sevilha. Para distrahir a attenção dos francezes e impedir o general Laval de destacar tropas em soccorro de Sevilha, mandou o general Copons com 4:000 homens para Itar e Junquera, situadas n'aquella parte da serrania de Ronda, que olha para o lado de Malaga, partindo elle mesmo para Dos Barrios com o resto do seu exercito. Copons postando-se em Junquera, Ballesteros foi com tres divisões para Utrera, logoque o marechal Soult deixou Sevilha, de que resultou achar-se cortada a communicação d'esta cidade com Cadiz por um lado, e com Malaga e Granada por outro. A posição dos francezes em Sevilha tornou-se então bastante critica, não só por estas circumstancias, mas tambem pela falta de munições, poisque um comboio que lhes vinha de Madrid, escoltado por 1:200 homens, tinha sido demorado na serra Morena pelos guerrilhas da serra de Ronda e provincia de Murcia. Achava-se já a cavallaria hespanhola perto de Sevilha, quando um hespanhol do partido dos francezes fez acreditar a Ballesteros, que Soult estava d'ella pouco distante, de que resultou ter o general hespanhol de voltar de prompto para a serra de Ronda, e de lá para as suas antigas posições de S. Roque e Algeciras. Quanto ao conde de Penne Villemur, tambem no dia 10 de abril se retirára das vizinhanças de Sevilha, em conformidade das instrucções de lord Wellington, o qual esperava que Soult retrogradasse para aquella cidade, como praticou depois da quéda de Badajoz. Perseguido na sua retaguarda, como foi n'esta sua marcha pela cavallaria do general Stapleton Cotton, em consequencia das ordens que para isto lhe dera o general Graham, a cavallaria inimiga

de Pyeremont foi alcançada entre Garcia e Usagre pela cavallaria britannica, sendo por esta derrotada, perdendo alguns officiaes e 120 homens, alem dos que ficaram mortos no campo.

Alguem censurou em Cadiz a conducta de Ballesteros, dizendo que ao partir das suas posições de S. Roque e Algeciras não cumprira as instrucções que recebêra da regencia, cujo plano era cair elle com as suas tropas sobre a retaguarda do corpo que bloqueava Cadiz, e que então se suppunha não passar de uns 6:000 homens, metade da força d'elle Ballesteros. Antolhava-se que similhante movimento, sendo de mais a mais auxiliado por uma forte sortida dos sitiados, poderia ter obrigado a levantar o bloqueio inimigo, pelo menos temporariamente. Tudo isto se dizia confirmado pela indisposição da regencia, mostrando-se pouco satisfeita do mesmo Ballesteros, que no seu commando o projectava substituir pelo general Sarsfield. O certo é que o bloqueio de Cadiz continuou, atirando para dentro d'aquella cidade as baterias inimigas com as suas granadas, particularmente durante a noite, sendo rara aquella em que mais para diante não houvesse alguma desgraça a lamentar. Por aquelle mesmo tempo achava-se commandante do terceiro exercito o general D. José O'Donnell, irmão do regente, D. Henrique O'Donnell, conde de L'Abisbal; formára-o elle dos restos dispersos, que se lhe reuniram depois da perda de Valencia, e dando-lhe alguma organisação regular, apoiado sobre as praças maritimas de Alicante e Carthagena, dominava com elle o reino de Murcia e alguns districtos dos pertencentes a Granada e Valencia. O seu quartel general achava-se por então em Baza, podendo a força de que dispunha andar por 12:000 a 15:000 homens, postoque mal armados e mal vestidos. O general Roche commandava então as tropas que estavam em Alicante, praça que se acreditava em bom estado de defeza: ali formára elle com o consentimento da regencia uma especie de deposito de recrutas, similhante ao que o general Doyle tinha em Cadiz e o general Witingham em Maiorca, sendo umas e outras d'estas recrutas armadas e

fardadas á custa do governo inglez, e por elle sustentadas, emquanto permaneciam nos depositos.

A guerra da Catalunha, postoque irregularmente feita, continuava com actividade e obstinação, e aindaque os resultados d'ella e da das outras provincias fossem lentos e por assim dizer insensiveis, eram todavia mais prejudiciaes aos francezes do que a perda de grandes batalhas, pois era palpavel que a disposição hostil dos hespanhoes contra os mesmos francezes e a resistencia dos seus exercitos era a unica causa dos poucos progressos que estes faziam, sendo os dos hespanhoes animados no seu enthusiasmo e patriotismo pelos incessantes esforços do exercito luso-britannico. Entretanto forçoso é dizer-se que n'aquelle principado todas as suas praças fortes, á excepção de Cardona e Urgel, se achavam em poder dos francezes, os quaes todavia a uma pequena distancia que fosse de qualquer d'estas praças á outra não podiam transitar impunemente, tendo contra si todos os habitantes armados e cheios de enthusiasmo, depois que o general Lacy tomára o commando do dito principado, ou isto proviesse dos vivos golpes que descarregára sobre o inimigo, ou fosse o feliz resultado das excursões que chegára a fazer a varios pontos do territorio francez. O que não podia bem explicar-se era a guerra que com tão bom exito até certo tempo Espoz e Mina, o mais famigerado dos guerrilheiros hespanhoes, fez aos francezes sobre as suas mesmas fronteiras. Este chefe, que por aquelle tempo tinha debaixo das suas ordens um corpo de mais de 4:000 homens, vencêra em varias occasiões alguns corpos francezes superiores ao seu, com a fortuna de se escapar ás perseguições de exercitos inteiros, com que buscaram cerca-lo, por se haver constituido para elles n'um verdadeiro flagello, interceptando-lhes comboios e as suas communicações com Bayonna. Varios outros corpos de guerrilhas se continuavam mantendo, principalmente nas provincias septentrionaes da Hespanha, a alguns dos quaes se dava o titulo de divisões, formando o chamado setimo exercito, que debaixo do commando do general Mendizabal fizera algumas incursões na

influencia que anteriormente tivera, por se terem const
em corpos de avultado numero de praças, com que t
perdido o seu antigo caracter de inimigos perigosos, dei
de apparecer repentinamente em partes onde se não e
vam. Corpos tão consideraveis e tão pouco experient
guerra a cada momento se viam expostos ao perigo de
forçados a combater com tropas regulares, contra as qua
tinham partido algum, por falta de uma organisação e
plina apropriadas. O augmento que similhantes corpos t
tido trouxe comsigo um mal gravissimo: exigindo co
outras tropas sustento e vestuario, os seus chefes n
os precisos meios de lhes fornecerem isto, a não se
despojos que algumas vezes conseguiam na sua luta s
francezes. Emquanto o seu numero foi pequeno facil oi
manterem-se, fornecendo-lhes as cidades e villas o pouco
que para isso lhes faltava. Crescidos em numero, como depois se tornaram, os apresamentos que faziam estavam já longe de lhes fornecerem os meios para o seu sustento, nem a liberalidade dos habitantes podia em tal caso supprir os seus avultados pedidos, que por fim se tornavam em requisições forçadas. Estas mesmas, aindaque feitas em *boa fé*, causavam sempre nos povos um grande sentimento de irritação, que os levava ao mais exaltado grau de desespero, pela violencia que lhes faziam os chefes e escandalosa conducta de alguns dos soldados de taes corpos, cuja rapacidade chegou mesmo a excitar a desconfiança sobre a pureza dos motivos que os levára a pegar em armas. Por conseguinte caindo as ditas requisições sobre os cidadãos de todos os districtos para sustentação dos guerrilhas, a natural consequencia d'isto foi gerar-se uma separação total de interesses e sentimentos entre os referidos corpos e os seus mesmos compatriotas[1]. Não admira pois que no primeiro semestre

pag. 268. (Nota de mr. A. Brialmont na sua *Historia do duque de Wellington.*)

[1] Diz John Jones na sua *Historia da guerra da Hespanha e Portugal* que, tendo sido o primeiro official inglez que depois da occupação de Madrid em 1812 abriu a communicação entre o exercito de lord Wel-

de 1812 não houvesse mais em Hespanha do que um constante e quasi impotente odio contra os francezes, a par de um pequeno exercito meio organisado na Galliza, e de algumas poucas tropas que Ballesteros havia costumado a um serviço regular. Era pois evidente que no meio de taes circumstancias a politica ingleza se achava ameaçada de um grande desastre na peninsula, onde para sua salvação nada mais tinha por si n'aquelle tempo do que o exercito luso-britannico e o transcendente genio e alta capacidade do seu commandante em chefe, sendo por meio de um e outro que verdadeiramente se fortaleceram de novo os vacillantes destinos de Portugal e da Hespanha, a par dos da Inglaterra.

Entretanto o marechal Soult, retirando-se para Sevilha, já altamente convencido de que lord Wellington se dispunha a atacar seriamente a Andaluzia, e com esta crença se começou n'aquella cidade a fortificar o melhor que pôde, base como era das suas operações. Não se enganava Soult nos seus juizos, porque para a Andaluzia dirigiria lord Wellington effectivamente a sua marcha, se a par das suas muito judiciosas considerações, se não desse tambem a gravidade dos negocios do norte em Portugal, e a urgente necessidade de providenciar sobre elles. Esses negocios eram o abandono em que de facto se achavam ainda as obras da reparação da Cidade Rodrigo, não obstante os meios pecuniarios, que para a sua conclusão elle mesmo lhe tinha deixado na occasião de partir para a sua empreza de Badajoz. Por outro lado D. Carlos de Hespanha, a quem commissionára o aprovisionamento d'aquella praça, tambem nada tinha feito n'este sentido, e para cumulo de desgraça elle proprio se achava mal visto, pelas vexações que fazia aos povos d'aquellas vizinhanças, a quem havia posto em sobresalto, dando logar

lington e as tropas que estavam em Alicante, notou elle que o pedido sobre que mais insistiam as auctoridades e pessoas respeitaveis das differentes cidades e villas por onde passára era o de que se lhes enviassem destacamentos de cavallaria ingleza, para que limpassem o paiz dos bandos de guerrilhas, cujas requisições davam como sendo ainda mais vexatorias que as dos proprios francezes.

a um perigoso descontentamento na guarnição respectiva. Almeida, onde se achava um deposito de artilheria, e cuja conservação tão necessaria era igualmente para as futuras operações de lord Wellington, continuava tambem n'um estado de fortificação imperfeita, sendo no meio d'estas circumstancias que o marechal Marmont, duque de Ragusa, sabedor dos movimentos do marechal Soult sobre a Extremadura, se dispunha a marchar sobre o Agueda e o Côa em desempenho das ordens de Napoleão, quando lhe fez saber que *a melhor diversão em favor da praça de Badajoz era uma seria irrupção no norte do territorio portuguez.* Certo no dia 14 de março de que lord Wellington não tinha sobre o Agueda alguma das suas divisões, para este ponto se dispoz a marchar, saindo de Salamanca no dia 27 com 20:000 homens, em que se incluiam 1:200 de cavallaria. O general Bonnet conservava em abandono as Asturias; mas reforçado pela brigada Carrier, postára-se em Oribijo em observação á Galliza. A divisão Ferrier achava-se em Valladolid; a de Foy no valle do Tejo, e cinco divisões de infanteria com uma de cavallaria, tendo atravessado as montanhas, haviam-se concentrado sobre o Tormes, depois de receberem viveres para quinze dias, grande numero de escadas e uma equipagem de ponte.

Era portanto evidente que o alvo d'estas disposições de Marmont não podia ser outro senão a tomada da Cidade Rodrigo e a da praça de Almeida, reduzindo-se portanto novamente as phases da guerra por aquelle lado a serem as mesmas que dois annos antes se tinham já visto por occasião da invasão de Massena. Em similhantes circumstancias era inquestionavel que o exercito da Galliza podia prejudicar muito as intentadas operações de Marmont, se fosse capaz d'isso; mas por aquelle tempo similhante exercito era um mero phantasma de força, reduzido ao mais deploravel estado. O general Abadia, que n'aquella provincia se achava, apesar da sua habilidade e talentos, como se lhe suppunham, tinha visto fundir-se debaixo do seu commando um exercito de 25:000 homens, que por fim não passavam de 8:000 ou 10:000,

Á vista de um tal estado de cousas não admira que os destacamentos francezes podessem sem contratempo atravessar a Beira Baixa em todas as direcções e devastar muito a seu salvo o paiz, no meio de crueldades que os povos buscavam evitar, fugindo á sua approximação. Foi o bravo general portuguez, Carlos Frederico Lecor, o que com a sua pequena divisão de milicias se manteve firme em Castello Branco contra aquelles destacamentos, que formavam uma guarda avançada de 2:500 a 3:000 homens, entre os quaes havia alguns esquadrões de cavallaria. Apesar d'isto Lecor fez remover para alem do Tejo os hospitaes e uma boa parte dos viveres armazenados, até que, sendo atacado no dia 12 por uma numerosa infanteria, teve de retirar para Sarnadas na direcção de Villa Velha, depois de destruir o que não pôde levar comsigo. Alten recebeu então positiva ordem de lord Wellington para repassar o Tejo, o que cumpriu, e indo-se reunir ao brigadeiro Lecor, ambos retrogradaram para Castello Branco, onde entraram na manhã de 14, depois da retirada dos francezes, cuja retaguarda perseguiram. A este respeito participou lord Wellington o seguinte para o seu governo: «Não posso sufficientemente applaudir a firme e boa conducta do brigadeiro Lecor: em Castello Branco susteve-se até que viu que uma força superior inimiga avançava contra elle. Foi então que em boa ordem se retirou, e não para mais longe do que lhe era necessario. Se as minhas ordens tivessem sido obedecidas por outros como o foram pelo brigadeiro Lecor, provavelmente o inimigo nunca teria passado o Côa, e de certo não se teria aventurado a penetrar até á distancia de Castello Branco».

Se o general Lecor se não pôde conservar nesta cidade, Trant e Wilson tambem se não poderam manter na da Guarda, tendo de se retirar d'ali na manhã de 14 de abril, pela muita força inimiga que sobre elles vinha, retirada que os corpos do seu commando ao principio fizeram em boa ordem, sendo a sua retaguarda coberta por uns quarenta dragões, que ao mesmo Trant e Wilson o general Bacellar tinha mandado na vespera. Estes porém, vendo-se fortemente per

seguidos pela cavallaria franceza, correram precipitados, atropellando a propria retaguarda dos já citados 6:000 para 7:000 infantes de milicias, os quaes, não podendo fazer fogo, em rasão da chuva que caía, deitaram-se tambem a fugir, dando logar aos apupos do inimigo, que sobre elles vinha correndo. Todavia os officiaes mantiveram-se firmes, podendo-se effeituar a passagem do Mondego, não sem bastante confusão, da qual os francezes se aproveitaram, fazendo 200 prisioneiros. Em circumstancias taes Marmont podia bem a seu salvo cair sobre Celorico, onde apprehenderia os armazens dos alliados, uma boa parte dos quaes foi destruida pelo general Bacellar, retirado d'ali para Lamego com as tropas de Trant, ficando todavia Wilson com as suas em Celorico. Com a approximação das avançadas francezas ordenou este a destruição do resto dos armazens, e achando-se já tal ordem em meia execução, retiraram-se os francezes, de que resultou tornarem as nossas milicias a occupar a Guarda.

A esta debandada das milicias se refere a ordem do dia do marechal Beresford de 7 de maio de 1812, concebida nos seguintes termos: «S. ex.ª o sr. marechal Beresford, conde de Trancoso, depois de se lhe ter apresentado tão recentemente um novo motivo para mostrar a sua satisfação, e dar ás tropas portuguezas os louvores que ellas mereceram pelo seu valor, se vê com grandissimo pezar na necessidade, e desgraçadamente com o mais justo fundamento, de exprimir o seu desprazer pela conducta, que acaba de ter a divisão das milicias do partido do Porto e parte d'aquellas da provincia do Minho. Estas tropas fugiram sem causa das alturas da Guarda, e por consequencia vergonhosamente da frente do inimigo. Isto é dizer bastante para que estes corpos, poisque são portuguezes, sintam plenamente o opprobrio em que se submergiram. S. ex.ª observa aqui que o medo causa sempre o perigo que elle quer evitar. Estes 6:000 para 7:000 homens, estando sobre as alturas da Guarda, o inimigo appareceu do lado do Sabugal em numero superior: os chefes ordenaram sabiamente a retirada, e esta se fez

com regularidade na frente da cavallaria inimiga por todo o plano de quasi uma legua que ha n'aquellas alturas. Emquanto a infanteria se retirou em ordem, a cavallaria inimiga, aindaque em planicie, não se atreveu a ataca-la, e toda a infanteria chegou em boa ordem ao declive escarpado das alturas da Guarda do lado do Mondego. Aqui todo o perigo que podia haver da parte da cavallaria inimiga tinha terminado, porque quarenta homens de infanteria firme seriam bastantes para contê-la. O regimento de milicias do Porto foi collocado no declive, fazendo a retaguarda, o inimigo mandou desmontar cousa de meia duzia de homens, os quaes atiraram igual numero de tiros, e impedindo a chuva que à maior parte das espingardas do regimento de milicias do Porto dessem fogo, se encheu de terror panico todo este regimento e se poz em desordem, e a mesma consequencia foi levada pelos fugitivos a todos os mais corpos.

«A cavallaria inimiga, que não pensava em descer a montanha, vendo esta fugida extraordinaria, desce e faz de 100 a 200 milicianos prisioneiros, e julga s. ex.ª que acharia no caminho cinco bandeiras deitadas no chão, abandonadas pelos conductores na sua consternação, e alguns homens se afogaram no Mondego, aonde o seu terror panico os fez precipitar. S. ex.ª repete que o medo é sempre cego e causa os perigos que elle quer evitar: se estas tropas se tivessem conservado em ordem, o inimigo não teria podido avançar, e ellas teriam tomado tranquillamente a sua nova posição, sem que se perdesse um só homem. O regimento de milicias do Porto é a causa primaria d'este acontecimento vergonhoso, e o primeiro que n'estes tres annos tem havido nas armas portuguezas. Ordena s. ex.ª que este regimento deponha as suas bandeiras na camara do Porto (s. ex.ª roga aos officiaes da mesma arma queiram encarregar-se d'ellas), aonde ficarão até que o regimento pela sua conducta na presença do inimigo lave a mancha que sobre elle caíu das alturas da Guarda, ou que pela sua regularidade, disciplina e zêlo mostre o seu arrependimento e resolução de fazer desapparecer como corpo portuguez a imputação com que fica».

Segue-se depois d'isto a menção dos officiaes do dito regimento se terem comportado bem, acontecimento que devia mostrar a todos os officiaes de milicias a necessidade de manterem nos seus corpos a subordinação e obediencia. Á mesma pena de perda das bandeiras foram igualmente condemnados os regimentos de milicias de Aveiro e Oliveira de Azemeis, sendo os que as conduziam julgados em conselho de guerra. O regimento de milicias de Penafiel, que perdeu uma, foi condemnado a pôr a outra em deposito na respectiva camara. Quanto aos fugitivos, que andavam por 1:600 alguns dias depois da debandada, mandou-se ao coronel Trant que fizesse julgar aquelles officiaes e soldados que lhe parecesse necessario, ou que tinham sido os primeiros a dar o exemplo da fuga, devendo os restantes passar para tropa de linha. Á mesma pena foram tambem condemnados os 300 desertores ou fugitivos que tinha tido a divisão Wilson, composta dos regimentos de Guimarães, Braga, Villa do Conde, Barcellos, Barca, e dois batalhões da União. O brigadeiro Lecor foi elogiado na citada ordem do dia pela sua briosa conducta, bem como os tres regimentos de milicias que tinha debaixo das suas ordens, e eram milicias de Castello Branco, da Idanha e Covilhã.

Taes foram pois as causas que obrigaram lord Wellington a espaçar para mais tarde a sua projectada invasão na Andaluzia e a dirigir-se de prompto da Extremadura hespanhola para as margens do Agueda, depois da sua tomada de Badajoz. Demolidas pois as trincheiras, construidas para se tomar esta praça, mandou elle vir de Abrantes e Elvas dois regimentos de infanteria portugueza, o 5 e 17 com o batalhão de caçadores n.º 12, como já n'outra parte notámos, sendo estes tres corpos os que interinamente a guarneceram e auxiliaram as obras da sua reparação, emquanto que os hespanhoes, desembarcados em Ayamonte, ali não chegaram para em tal serviço os substituirem. Ao tenente general sir Rowland Hill não só commetteu o cuidado de tal reparação, mas deixou-lhe tambem debaixo do seu commando a segunda divisão do exercito luso-britannico (em que entrava a

quinta brigada portugueza, composta dos regimentos n.º 6 e 18 de infanteria com caçadores n.º 7), a divisão tambem portugueza do commando do tenente general sir João Hamilton (composta da segunda e quarta brigada, sendo aquella formada pelos regimentos n.os 2 e 14 de infanteria, e esta pelos de 4 e 10 da mesma arma com caçadores n.º 10), e finalmente uma divisão de cavallaria do commando do tenente general sir William Erskine, composta de tres brigadas, sendo duas inglezas e uma portugueza, formada esta pelos regimentos n.os 4 e 10, commandada pelo tenente coronel visconde de Barbacena[1]. Feito isto, o mesmo lord Wellington poz todas as mais tropas em marcha para o reino de Leão, partindo tambem elle mesmo no dia 17 de abril, indo aquartelar as

[1] Deve advertir-se que o regimento n.º 10 de cavallaria, chegando a Logrosan, apeou-se, mandando-se os cavallos com alguns dos seus officiaes para o regimento n.º 4, que por algum tempo passou a fazer brigada com o 3, que substituiu aquelle corpo, sendo commandante do dito 3 o tenente coronel João da Silveira de Lacerda: este mesmo regimento foi depois mandado guarnecer Elvas, deixando de tomar parte activa no resto da guerra. Emquanto o 4 fez brigada com o 10 era commandante da brigada o tenente coronel visconde de Barbacena; mas passando este official a commandar o 12, o coronel João Campbell passou a commandar o 4 e ao mesmo tempo a brigada de 3 e 4, e desde que o 3 passou para Elvas, o 4, commandado pelo mesmo Campbell, passou a operar sobre si. O regimento de cavallaria n.º 7 tambem mais tarde foi apeado, mandando-se os cavallos para o regimento n.º 1. Os regimentos n.os 5, 8 e 9, tambem já anteriormente tinham sido apeados. Por conseguinte os regimentos de cavallaria portugueza que desde 1812 por diante levaram a guerra até ao fim foram o regimento n.º 4, aggregado á divisão do general Hill, e aggregados ao grosso do exercito, debaixo do commando em chefe do brigadeiro general Benjamin D'Urban, os regimentos n.º 1, commandado pelo tenente coronel Henrique Watson; o n.º 11, commandado pelo tenente coronel Domingos Bernardino Ferreira, substituido depois pelo tenente coronel Martinho Correia de Moraes e Castro; e o n.º 12, commandado pelo tenente coronel Francisco Teixeira Lobo, substituido depois pelo tenente coronel Antonio Carlos Carri. Operava sobre si o regimento n.º 6, commandado pelo tenente coronel Ricardo Diggens. Tempo houve em que o visconde de Barbacena passou a substituir no commando da cavallaria n.os 1, 11 e 12 o brigadeiro D'Urban.

referidas tropas entre o Agueda e o Côa, e estabelecer o seu quartel general em Fuente Guinaldo. Com a sua approximação Marmont repassou o Agueda, que a ultima das suas divisões atravessou no dia 24 de abril, espalhando pelas planicies de Leão novamente as suas tropas, terminando assim a sua intentada empreza da invasão de Portugal, sem n'ella colher honra, nem proveito, empreza que todavia podia ser muito funesta para a causa da peninsula, e sobretudo para os portuguezes, senão houvessem sido tão promptas a quéda de Badajoz e a volta de lord Wellington para as suas antigas posições do Agueda, que lhe embaraçou os progressos. Tal foi pois o modo por que elle abriu caminho para as suas ulteriores operações na Hespanha, tanto pelo norte, como pelo sul, privando ao mesmo tempo os francezes de poderem offender Portugal, ainda mesmo na ausencia da maior parte do exercito luso-britannico. Consideravelmente limitadas como eram as forças d'este exercito, não era de esperar que podesse expulsar da peninsula pelas vias directas um exercito tão formidavel como o francez e de mais a mais commandado por tão notaveis marechaes de França, taes como Soult, Marmont e Jourdan: todavia lord Wellington anteviu a possibilidade de conseguir pela indirecta tão importante fim. Com estas vistas se propoz elle operar sobre o Douro tão activamente, que arrancasse o marechal Soult da Andaluzia, privando os francezes dos recursos, que lhes offerecia um tão rico e extenso paiz.

Este plano foi o que seguramente os generaes francezes logo agouraram, ou pelo menos deviam agourar, desde que viram lord Wellington achar-se habilitado, por meio das suas operações do inverno de 1811 para 1812, a mudar da cidade de Lisboa para as fronteiras da Hespanha e raias de Portugal a base das que novamente ia emprehender, tendo para tal fim com as praças da Cidade Rodrigo e Badajoz, e com os rios Agueda, Douro e Guadiana, vantagens que não podiam ser desprezadas por uma alta capacidade, tal como a de lord Wellington, dotado de um genio emprehendedor, e sobre maneira notavel pela profundidade, prudencia e per-

severança nas suas concepções. Com estas vistas pois se decidiu a operar sobre o Douro, como o mais provavel meio de conseguir o seu fim, poisque o melhor resultado que se podia esperar de uma victoria no meio dia da peninsula era o de afugentar para o norte d'ella a principal força do inimigo, estabelecida no sul, obrigando-a a deixar a Andaluzia, sendo este o mesmo effeito que aliás julgou conseguir por meio das suas operações sobre o Douro. O marechal Marmont, que se achava no reino de Leão, podia bem reunir, comprehendendo a divisão destacada nas Asturias, alguma cousa mais de 50:000 homens effectivos. Lord Wellington, excluindo a divisão que debaixo do commando do general Hill deixára na Extremadura hespanhola, para observar os movimentos do marechal Soult, não podia ter mais de 42:000 homens, incluindo os portuguezes; mas como o exercito hespanhol da Galliza, ameaçando as partes do norte da provincia, havia de attrahir a si alguma porção das forças do inimigo para o observar, vinham as principaes forças dos dois partidos a ser pouco mais ou menos iguaes no campo. Á vista pois d'isto lord Wellington decidiu-se pelo seu ataque contra Marmont, buscando isola-lo e aniquila-lo antes da chegada dos soccorros, que o mesmo Marmont esperava, convencido de que, descarregando sobre elle um prompto e decisivo golpe, libertaria a Andaluzia com tanta certeza como o poderia fazer por meio de um ataque directo contra Soult e victoria sobre elle ganha, poisque não sómente Madrid lhe caíria em tal caso nas mãos, mas succederia tambem que o mesmo Soult, vendo-se sem communicação segura com a França, temeria ser cercado por todos os lados. Alem d'estas ponderosas rasões, outras de não menor monta o levàvam tambem a dirigir de preferencia sobre as provincias do norte da Hespanha as suas respectivas operações, em vez de se propor a atacar as do sul. As tropas francezas que antes do mez de junho de 1812 se achavam na peninsula subiam na totalidade a 230:187 homens, dos quaes 56:427 pertenciam ao exercito do meio dia, ou ao do marechal Soult, occupando a Andaluzia; 12:370 ao exercito do centro, ou ao do rei José

commandado por Jourdan, occupando Madrid; 52:618 ao exercito de Portugal, ou ao de Marmont, occupando o reino de Leão; 60:370 ao exercito de Suchet, occupando o reino de Aragão e as provincias de leste; e finalmente 48:232 ao exercito do norte, ou ao de Caffarelli, occupando a Castella Velha. Depois de 15 de junho do referido anno o numero que acima se vê soffreu uma diminuição de 20:000 homens, a ser verdade o que se lê a pag. 182 do oitavo tomo das *Memorias* de José.

Segundo uma carta que na data de 16 de março de 1812 Napoleão dirigiu a Berthier, vê-se que por annuencia ás solicitações de seu irmão, confiára-lhe o commando geral dos exercitos francezes na peninsula[1], medida que o tempo mostrou improficua, pela indocilidade e indisciplina dos differentes marechaes de França para com elle. Com similhante circumstancia uma outra se reuniu tambem de não pouca gravidade, tal foi a dos francezes se acharem destituidos de depositos de viveres, de que lhes resultava nutrirem-se sómente dos precarios recursos, que o paiz difficultosamente lhes fornecia, vendo-se em tal caso obrigados a esperar sempre pela maturidade das novas searas para se poderem mover em grandes corpos, e operar a grandes distancias dos seus respectivos quarteis; ao contrario d'isto as tropas luso-britannicas viviam á custa dos seus proprios armazens e depositos, d'onde lhes vinha a vantagem de poderem operar em toda a estação do anno em que isto lhes conviesse, contraste de que lord Wellington se propoz tirar partido na combinação dos seus projectados movimentos, depois que tomára Badajoz[2]. Vendo pois que no principio de junho as

[1] Lê-se a pag. 126 do tom. XII da traducção franceza da *Vida de Napoleão*, de sir Walter Scott, que na occasião do imperador deixar Valladolid, para precipitadamente se dirigir para França em janeiro de 1809, foi que elle declarou seu irmão José generalissimo dos exercitos francezes na Hespanha.

[2] Esta attenção prestada por lord Wellington á vantagem que por si tinha na facilidade do fornecimento de viveres para o seu exercito, e á difficuldade com que os generaes francezes lutavam para os haver para

searas se achavam maduras nas provincias meridionaes da Hespanha, tendo o atrazo de quinze dias na Extremadura, sendo muito mais consideravel nas provincias de Castella Velha e Leão, pareceu-lhe em tal caso de vantagem dirigir de preferencia a sua marcha para o norte da mesma Hespanha, julgando que entrar em operações antes da epocha de tal maturidade impossibilitaria os francezes de poderem marchar a grandes distancias com corpos numerosos, como já notámos. Á vista pois d'isto era-lhe forçoso começar com os seus movimentos, antes que as colheitas podessem ministrar aos francezes os viveres de que precisavam para desaffrontadamente entrarem em regular campanha. Mas como Suchet podia enviar uma parte das suas tropas de reforço ao exercito de Marmont, e Soult podia tambem invadir Portugal pelo valle do Tejo, de concerto com o exercito do centro, e tornear na Castella o flanco direito dos alliados, lord Wellington devia attender a isto. Para conservar pois afastadas de ministrarem soccorro algum a Marmont as tropas de Suchet, ordenou que 16:000 inglezes, existentes na Sicilia, e 4:000 hespanhoes e inglezes, organisados em Maiorca á custa da Gran-Bretanha[1], viessem desembarcar nas costas orientaes da peninsula, onde, reunindo-se ás forças que os hespanhoes buscavam organisar debaixo do commando do general O'Donnell com os restos das do general Blake, podiam facilmente levar os habitantes da Catalunha e Valencia a pegar em armas, cousa que igualmente impossibilitaria o marechal Soult de enviar porção alguma das suas tropas contra Portugal, tendo de mais a mais contra si as forças do general Hill na Extremadura, que lhe não dei-

alimentar os seus soldados, não era cousa de tão pequena monta para as operações militares que os generaes romanos tambem já no seu tempo não tomassem em consideração, como se vê na guerra de Lucullo contra Mithridates, relatada por Plutarco na vida do mesmo Lucullo.

[1] Nem sempre se encontra em Napier fixadas em 16:000 homens as tropas inglezas da Sicilia, e em 4:000 as hespanholas e inglezas de Maiorca; mas nós as fixâmos sempre nas citadas cifras por serem as que effectivamente de uma e outra parte vieram para a peninsula.

xavam enfraquecer a Andaluzia, postadas como se achavam de observação contra elle.

Por duplicada fortuna para lord Wellington e o seu exercito coincidia com todas as circumstancias expostas a imminente guerra de Napoleão contra a Russia, a qual não só o impedia de mandar reforço algum á peninsula, mas até o levára a tirar d'ella algumas das suas melhores tropas, montando a 20:000 homens, como acima vimos, sendo isto mais outra causa que obrigava Suchet a não poder enviar reforço algum a Marmont, obrigando tambem o exercito do centro a não abandonar o seu posto, poisque a falta de soccorros de França, n'uma occasião em que tanto d'elles se precisava em Hespanha, não podia deixar de produzir um geral desalento em todos os exercitos francezes na peninsula. Eis-aqui pois as ponderosas rasões que lord Wellington teve para de preferencia dirigir contra Marmont os seus ataques, tendo com isto seguramente em vista libertar a Andaluzia, plano que o tempo mostrou exuberantemente proficuo, sobretudo pela derivação das forças francezas, que Napoleão ia empregar na guerra da Russia, guerra que, perdendo-o a elle, salvou por outro lado a Europa, pois é cousa difficilima para qualquer estado, aindaque poderoso seja, sustentar devidamente com vantagem duas grandes guerras ao mesmo tempo, sendo o mais natural experimentar desastre em ambas ellas. Na obra do general Jomini, intitulada *Napoleão no tribunal de Cesar*, foi avaliado o plano de lord Wellington pelo seguinte modo: «O commandante em chefe dos alliados podia dirigir-se sobre a direita de Soult, avançar pelo centro contra Madrid, ou finalmente operar na esquerda de Marmont. No primeiro caso chamaria as tropas francezas do norte para o sul, sem que a Hespanha deixasse em tal caso de ficar invadida. Dirigindo-se pelo contrario contra o norte, podia esperar que Soult se visse obrigado a acudir-lhe, e n'este caso o sul da Hespanha até ao Tejo ficava de facto libertado para a junta suprema de Cadiz. Se os francezes commettessem o erro de guardar Sevilha, em logar de soccorrer Marmont, podia o general inglez bater isoladamente o

general francez; e como a linha da retirada sobre Bayonna ficava n'esta direcção, podia ficar certo de que uma victoria sobre o Douro faria evacuar metade da peninsula, incluindo a capital. Isto era muito evidente para escapar á penetração de Napoleão; mas esperava que os inglezes não ousassem arriscar as suas tropas longe de Portugal, cousa com que tambem se juntava fazer elle uma idéa errada dos talentos e caracter do seu chefe». O editor da traducção franceza da *Historia da guerra da Hespanha e Portugal* de John Jones, tambem a este respeito se exprime n'uma nota, por elle posta a pag. 48 do seu segundo volume, pelo seguinte modo: «Este plano, muito claramente exposto para a libertação da peninsula, parece-me não offerecer margem alguma para critica militar; funda-se sobre vistas extensas e profundas, o que sempre indica um genio de primeira ordem. Tudo n'elle se acha seguro até á retirada; todas as partes se vêem n'elle ligadas, até mesmo a epocha em que devia ser executado, coincidindo tambem por outro lado com a guerra da Russia, a qual não permittia a Napoleão enviar o mais pequeno reforço para a Hespanha. A parte mais fraca do plano foi sem duvida alguma o que n'elle se continha, com relação ás provincias orientaes, nada se podendo n'ellas emprehender debaixo das immediatas vistas e vigilancia do generalissimo».

Para mais seguro conseguir os fins que tinha em vista, lord Wellington entendeu ser-lhe necessario difficultar, tanto quanto lhe fosse possivel, as communicações do exercito francez do norte com o do sul do Tejo, ou pelo menos torna-las o mais demoradas possivel, inclusivamente a da França para o marechal Soult. Para manter a communicação entre a Castella Velha e a Andaluzia os francezes haviam substituido por uma ponte de barcos a antiga ponte de pedra de Almaraz, que anteriormente tinham feito saltar ao ar, e para que lhes podessem proteger a passagem do Tejo para a Extremadura havia o marechal Marmont construido n'uma e n'outra margem d'este rio dois bellos fortes, a um dos quaes se chamou de Napoleão e a outro de

Ragusa[1]. Não contente ainda com isto, havia tambem mandado reparar e fortificar um antigo e forte castello, que havia no porto de Mirabete, cousa de uma legua distante da margem esquerda do Tejo, sendo este o unico meio de circulação que do norte para o sul da Hespanha havia para as carruagens e carros. Todas as mais pontes desde a de Almaraz até á de Alcantara tinham sido destruidas: as do Arcebispo e Talavera, situadas entre Almaraz e Toledo, eram de pequena importancia, por causa das ribanceiras das margens do mesmo Tejo. Uma equipagem de ponte, que tivera o marechal Soult, fôra-lhe tomada em Badajoz: por conseguinte era a citada ponte de barcos o unico meio, que os francezes tinham de melhor e mais commodamente atravessar o Tejo desde Toledo até ás fronteiras de Portugal. O forte de Ragusa, construido n'uma eminencia, distante cem metros do Tejo, na sua margem direita, servia de armazem, achando-se aprovisionado; e postoque não acabado, era todavia obra respeitavel, tanto por causa da sua torre de pedra com ameias de vinte e cinco pés de alto, como pelo apoio que lhe dava uma outra obra de campo, ou pequena meia lua, construida perto da ponte. Na margem esquerda do mesmo Tejo levantava-se no Logar Novo uma cabeça de ponte, compondo-se de quatro baluartes, achando-se toda cercada por um muro com ameias de metro e meio de grossura, sendo n'ella que se estabelecêra um grande deposito de munições. Adiante d'esta cabeça de ponte, e para evitar que a dominassem, resguardava-a o forte de Napoleão, especie de reducto de terra semi-circular, podendo receber uma guarnição de 450 homens, achando-se a sua gola protegida por um reducto quadrado, tendo no seu recinto uma torre feita de alvenaria. Os dois fortes e a cabeça da ponte estavam guarnecidos por 18 peças de artilheria e tinham mais de 1:000 homens para os defender, numero que se julgava bastante para manter segura a passagem do rio. As montanhas da sua margem esquerda impediam que qualquer

[1] Veja o mappa n.º 22.

exercito podesse vir do norte para a Extremadura e vice-versa, a não ser pela estrada real que de Almaraz vae para Truxillo, cidade que se acha distante do Tejo cousa de oito leguas, e portanto muito para diante do já citado castello de Mirabete. Os francezes tinham construido uma linha de obras através do desfiladeiro para se conservarem senhores do alto da montanha. Esta linha consistia n'uma grande casa fortificada e ligada por pequenos postos com o referido castello, que tinha oito peças de artilheria, sendo elle cercado de uma rampa de doze pés de altura.

Para evitar a conclusão d'estas obras e a da estrada, que Marmont mandára fazer através da serra de Gredos, sobre as ruinas de uma antiga estrada romana, e portanto para evitar a conclusão d'esta obra, que muito assegurava a communicação dos francezes, postoque não muito directa, ordenou lord Wellington ao tenente general sir Rowland Hill, que tentasse uma surpreza sobre aquellas defezas, operação difficil, attentos os poucos meios de que este general dispunha, não podendo levar para ella mais que 10:000 homens comsigo, 400 dos quaes eram de cavallaria, duas baterias de artilheria de campanha, uma equipagem de ponte e seis obuzes de ferro de calibre 24 [1]. Esta operação não só era difficil, como já se disse, mas até mesmo temeraria, como tem sido olhada por alguns auctores francezes, no que tem rasão, poisque a cabeça da ponte de Almaraz era a certa distancia protegida por tres bellas divisões inimigas, uma do exercito de Portugal, outra do do centro, e a terceira do da Andaluzia, occupando Foy por parte do primeiro o valle do Tejo, achando-se em Talavera o general d'Armagnac por parte do se-

[1] Belmas diz que Hill se poz em marcha com 15:000 homens e 16 bôcas de fogo; Sherer diz que com 10:000 infantes e 1:200 cavallos; e Sarrazin com 10:000 homens. O general Hill não enumera na sua parte official a força individual de que dispunha, designando sómente os corpos. Dando pois a cada um d'estes a força de 1:200 bayonetas, termo medio, fazem ellas o total de 9:000 para 10:000 homens. Parece-nos portanto que este seria pouco mais ou menos o numero da tropa expedicionaria, como diz Sarrazin.

denada se fez com o mais feliz resultado. Com o
a proteger mandou elle para Portalegre o tenente
l sir Thomás Graham com a primeira e sexta divi-
a cavallaria de sir Stapleton Cotton, de modo que
rça e a de sir William Erskine, postado em Almen-
com a sua cavallaria, e o resto da infanteria de Hill,
mais de 20:000 homens, destinados a proteger e a
ar tal empreza. O mesmo Hill, partindo com os seus
0:000 homens de Almendralejo, foi passar o Guadiana
rida no dia 12 de maio de 1812, donde marchou para
ejo, chegando lá com as suas tropas, 12 peças de cam-
pontões e trem de artilheria na manhã de 16. Alli as
a elle em tres columnas; a da esquerda, commandada
enente general Chowne, compondo-se dos regimentos
es n.os 28 e 34, e do 6.º batalhão portuguez de caçado-
i destinada contra o castello de Mirabete; a do centro,
ndada pelo major general Long, compondo-se dos re-
tos portuguezes de infanteria n.os 6 e 18 e do 13 de
es ligeiros com artilheria portugueza do regimento
devia seguir pela estrada real em direcção á passagem
ada pelo forte de Mirabete; e finalmente a da direita,
andada pelo major general Howard, compondo-se dos
entos inglezes n.os 50, 71 e 92, em que ía o general
eve a seu cargo marchar por uma estreita passagem
ontanhas, a que se dá o nome de *porto*, passagem as-

sim o affirma o general Sarrazin a pag. 287 da sua obra, dizendo

pera e contornada, que conduzia á ponte de Almaraz pela deia de Romangorda. As columnas dos flancos iam provi de escadas, com que tinham de escalar os fortes a que destinavam; mas na manhã de 17 nenhuma das citadas lumnas tinha podido conseguir o seu fim, pelo mau esta dos caminhos, havendo portanto receio de que a operaç se malograsse. O dia 17 foi perdido em procurar uma a nida, que permittisse a conducção da artilheria para o va de Almaraz. Não se tendo ella encontrado, Hill tomou a solução de deixar a artilheria na serra com a columna centro, sendo a da esquerda, do commando do general Cho ne, destinada a um falso ataque contra Mirabete, marchan elle Hill com a da direita contra as obras da ponte, depois tornear o referido castello, trepando para tal fim através d rochedos de Manaderos.

Na noite do dia 18 começou elle a descer a serra com sua columna, composta de uns 3:600 homens, achando-se sua vanguarda ao romper do dia 19 na ponte, junto ao for principal, o chamado forte de Napoleão, levantado, co já se disse, n'uma altura pouco adiante da cabeça da pon sendo a distancia percorrida desde a serra até ali de qu duas leguas. Fiado no valor das tropas, que compunha a columna do seu commando, á qual aggregára o re mento portuguez de infanteria n.° 6, Hill ordenou o assa do forte. Apesar do activo fogo dos seus defensores, obras foram escaladas em tres pontos, seguindo-se, qu ao mesmo tempo, um ataque dado á bayoneta contra inimigo, de que resultou pôr-se em fuga, procurando esc par-se para a cabeça da ponte, d'onde tambem fugiu, ain antes de lá se ter ido atacar um batalhão estrangeiro q a guarnecia. O official que commandava o forte de R guza, situado no lado opposto sobre a direita do Tejo, ate rando-se tambem em alto grau, cortou immediatamente ponte, de que resultou cairem logo prisioneiros 250 fugit vos. Ainda não contente com isto, este mesmo official aba donou tambem o seu posto, retirando-se para Talavera, respondendo depois a conselho de guerra pela sua conduct

foi por fim fuzilado. Por este modo caiu, sómente em poder da infanteria alliada, tudo quanto havia n'aquelle formidavel posto, perdendo os atacantes 33 homens mortos e 147 feridos. N'aquelle mesmo dia foram arrasados os fortes, destruidas as respectivas obras, e queimados os barcos da ponte, a par de todas as provisões e madeiras que se encontraram, fazendo-se isto com tal rapidez, que na noite do mesmo dia 19 estavam os alliados muito a seu salvo já no alto da serra com os seus 250 prisioneiros. Para tão bom resultado concorreu poderosamente o ter sido a ponte de barcos repentinamente cortada pelos destacamentos da margem direita do Tejo, deixando sem retirada possivel a guarnição do forte de Napoleão, a qual vendo-se inesperadamente acommettida á bayoneta pelas tropas luso-britannicas nos seus respectivos intrincheiramentos, desanimou por aquelle facto a ponto de ser lançada em grande parte ao rio. «Este desastre, diz o general Hill, produziu um effeito tal, que um terror panico se communicou ás tropas da margem direita, sendo o forte de Raguza subitamente abandonado pela sua guarnição, fugindo na maior desordem para Naval Moral». O castello de Mirabete ficou todavia salvo, devendo esta fortuna á sua posição de difficultoso assalto. Apesar d'isto sir Rowland Hill propunha-se a toma-lo por meio da sua artilheria, intento de que por fim desistiu, pelas noticias que teve de que as forças do marechal Soult vinham já contra elle.

Entretanto é um facto que a feliz expedição da ponte de Almaraz tornára-se consideravelmente funesta, tanto para o exercito francez do sul, como para o de Marmont, trazendo comsigo a grande vantagem de poder lord Wellington preparar com mais confiança os seus movimentos, sem descobrir ao inimigo parte alguma do seu plano[1]. Soult, enganado

[1] Segundo o que se lê no tomo VIII das *Memorias* do rei José, foi o marechal Jourdan quem em 28 de março de 1812 lhe apresentou uma memoria, depois que no mez de outubro de 1811 entrára em Hespanha, na qual lhe deu uma idéa clara da situação em que por então estava este paiz, sendo elle talvez o unico que n'aquella occasião encarava as cousas pelo modo exposto na referida memoria. «Não se póde esperar

pelas operações do general Hill, acreditou que os alliados íam effectivamente invadir as provincias do sul, ao passo que Marmont, tendo uma convicção opposta, pedia a Soult e a Jourdan que regulassem as suas operações como se o ataque houvesse de ter logar no norte[1], e para maior encontro de opiniões sobre este ponto, o rei José mostrava-se tambem altamente receioso de que similhante ataque fosse sobre Madrid, buscando convencer d'isto os chefes dos dois exercitos. Effectivamente todas estas suspeitas eram bem fundadas, por que lord Wellington, depois que tomára as praças da Cidade Rodrigo e Badajoz, e se propozera invadir a Hespanha em seguida á feliz expedição de Almaraz, achava-se em circumstancias de livremente poder effeituar o seu ataque por qualquer das tres suppostas partes, norte, centro e meio dia da Hespanha. As vantagens da sua audaciosa empreza sobre aquella ponte elle mesmo as confessou ao ministro da guerra em Lisboa, D. Miguel Pereira Forjaz, dizendo-lhe o seguinte, no seu officio de 28 de maio de 1812: «V. ex.ª sabe que a estrada de Almaraz é a unica que offerece uma boa communicação militar para atravessar o Tejo, e desde este rio até ao Guadiana, para baixo de Toledo. Todas as pontes que havia para baixo da do Arcebispo tem sido destruidas durante a guerra por um e outro dos belligerantes, e o inimigo tem achado

lhe dizia elle, um grande resultado dos movimentos combinados dos dois exercitos, o de Soult e o de Marmont, separados como estão por uma tão grande distancia... Alguma catastrophe haverá, se as cousas continuam no estado em que estão, e se lord Wellington marcha com todas as suas forças, ou sobre o exercito do meio dia, ou sobre o de Portugal...» Para remediar este mal Jourdan propoz estabelecer em volta de Madrid uma reserva de 15:000 a 20:000 homens, sempre promptos a marcharem, conselho que ficou sem effeito, porque Soult, Suchet e Caffarelli recusaram obedecer ao rei, o qual pelo menos d'esta vez fez tudo quanto d'elle dependia para obter similhante resultado. É o que claramente se vê da sua carta de 1 de junho de 1812. (Nota n.º 2 de pag. 11 do segundo volume da *Historia do duque de Wellington* de mr. A. Brialmont.)

[1] Carta do marechal Soult, dirigida ao rei José em 8 de junho, e outra de Marmont para o mesmo rei em 3 de maio, como se vê de pag. 184 do citado tomo VIII das *Memorias* do rei José.

pag. 184 do citado tomo VIII das *Memorias* do rei José.

ivel repara-las. A ponte que o general Hill lhe destr iu barcos, e duvido que tenham os meios necessai epo-los, ou que tratem novamente de formar n'aqu um estabelecimento igual áquelle que lhes ha sido d , por mais importante que seja para os seus inten nmunicações desde as pontes do Arcebispo e Talav Guadiana são muito difficultosas e não podem co se communicações militares para um grande exerc ıltado pois da expedição do tenente general Hill t ortar a melhor e mais curta communicação, que s circumstancias será difficil, ndo não i stabelecer.» Já se vê pois que este atrevido golpe de ada mais era do que o introito das grandes operações, ırd Wellington tinha concebido e ía executar; e todavia que Marmont e Soult, apenas souberam da marcha Rowland Hill, seguiram para as margens do Tejo, não o primeiro d'estes marechaes mais do que a dura ficação de ver arruinado tão promptamente, quanto traso lhe fôra formar ali, um dos seus mais bellos estabeentos, e de tamanha importancia para as suas commuões, sem poder mesmo achar meios de salvar a guarde Mirabete, pelo estado de isolamento em que se a na margem esquerda do Tejo.

ianto a Soult, parece ter sido informado em Chiclana da ha das tropas de Hill, de que resultou ordenar a Drouet fizesse uma diversão para a Extremadura, sem perder as communicações com a Andaluzia, não percebendo o adeiro objecto da empreza, nada mais pensando do que repellir para o norte a lord Wellington, para que elle no, receoso como estava, podesse tambem continuar a ter em respeito o general Hill na Extremadura. Drouet sua parte chegára com as suas avançadas, na força de 0 homens, até D. Benito no dia 17, passando as suas lhas de cavallaria o Guadiana no dia 18. Foi por esta que sir William Erskini avisou os generaes Graham de que Soult se achava na Extremadura com todo o xercito, e com este aviso Graham retirou-se para Ba-

dajoz, e o general Hill, abandonando no dia 21 a sua
çada empreza de tomar Mirabete, chegou a Merida no d
sem ter sido inquietado. Á vista d'isto Drouet retirou o
postos avançados, passando Graham pela sua parte par
tello de Vide, e depois para os seus antigos acantonam
Desde este momento a guerra da peninsula tomou dec
mente uma marcha certa e regular, e de resultado ma
guro e mais prompto do que o tinha sido até então. Dec
a operar activamente na Castella Velha, lord Wellington
stituiu-se na peninsula, por parte dos alliados, o unico c
de todos os movimentos militares, os quaes, não obstan
rem precedentemente sido em grande numero, e de
gloria para elle e o seu exercito, eram todavia faltos de
certa unidade de plano, que os ligasse debaixo de um só
de vista, como exige a arte da guerra, para se poderem
os promptos e immediatos successos da terminação da
Entretanto lord Wellington, sigilloso e impenetravel se
nos seus planos, não os deixava bem antever, ignoran
portanto se faria da Castella o seu principal theatro da
ra, ou se directamente passaria a operar na Andaluzia.
rendo tirar vantagem da incerteza em que os mare
Soult e Marmont se achavam sobre este ponto, tratou
vez mais de os confirmar nas crenças que cada um d
tinha, e por tal modo o fez, que durante todo o mez de
e uma boa parte do de junho continuaram elles a dis
a conveniencia das medidas que tinham a tomar, não
dando jamais do perigo que corriam. Informado o m
Wellington de similhantes discussões, pelas cartas int
ptadas que lhe caíram nas mãos, d'isto se buscou
veitar com tanta mais rasão, quanto maior fôra o cui
que empregára para lhes dar origem.

Não obstante o que fica dito sobre o bom aspecto
guerra da peninsula ía tomando no anno de 1812 em
dos alliados, nem por isso deixavam elles de ter ainda c
si cousas bem desfavoraveis, sobretudo quanto aos ap
sionamentos do exercito. A este respeito dizia lord Wel
ton, que tendo pão, não tinha carne, sendo por outro

nullo o seu credito, isto no momento em que a caixa militar não tinha numerario. «Apesar pois das alternativas favoraveis, acrescentava elle mais, não posso pensar sem estremecer na possibilidade de brevemente nos faltar tudo, e das consequencias que podem resultar da nossa escassez de dinheiro no coração da Hespanha». Alem d'este mal, um outro havia de bastante monta, tal era o da falta de saude de muitos officiaes inglezes, proveniente das febres contrahidas em Walcheren, a ponto de um terço do effectivo se achar nos hospitaes, donde vinha dizer lord Wellington que o seu exercito era um *hospital ambulante*. Não admira pois que em taes circumstancias a disciplina militar tivesse algum tanto affrouxado, attenta a impossibilidade do general em chefe poder severamente punir os roubos e outros mais excessos, commettidos pelos seus soldados. Não obstante as suas vivas instancias, nunca o governo inglez se prestou a dar a sua sancção ás energicas medidas, que lhe propozera para fazer observar ordem e subordinação diante do inimigo. Por fortuna sua era do mais feliz agouro para as suas futuras operações a nova situação politica, que as cousas tinham tomado no norte da Europa, ou antes a attitude hostil do gabinete de S. Petersbourgo para com a França, cousa de que se esperavam os mais felizes resultados, por pouco que a Russia sustentasse a referida attitude. Não podia já duvidar-se, pela frouxidão dos movimentos dos francezes no interior da peninsula, e principalmente do exercito de Marmont, que Napoleão havia com effeito desfalcado os seus exercitos da Hespanha de uma grande parte das suas melhores tropas, e que os batalhões dos recrutas, que segundo as noticias publicas deviam vir substituir o seu logar, não tinham chegado ainda, e mesmo quando chegassem, não reparavam durante algum tempo a sensivel falta das tropas veteranas.

Parecia portanto ser aquelle o momento do governo inglez fazer na peninsula os esforços proporcionados á grande luta em que elle mesmo se achava mettido com toda a Europa, aos grandes recursos de que para ella podia dispor, e finalmente aos raros talentos do grande general, que na mes-

ma peninsula tinha posto á testa dos seus exercitos. Era isto o o que se esperava da crise, que tinha tido logar no gabinete inglez, terminando pela saída do marquez de Wellesley, attenta a convicção geral dos politicos de que os membros do novo gabinete não podiam deixar de adoptar o mesmo systema. Esta mudança, consequencia inevitavel do predominio da facção Perceval, com bastante rasão havia de magoar excessivamente a lord Wellington, por ver seu irmão fóra da direcção dos negocios publicos; mas alheio inteiramente aos partidos, sem haver tomado parte alguma nas suas intrigas, só como militar pensava em rigorosamente cumprir com os seus deveres. Pouca gente, ou talvez mesmo ninguem sympathisava com mr. Perceval; mas depositario dos segredos relativos á perseguição exercida contra a princeza de Galles, não havia forças que o removessem do poder, o que só veiu a succeder quando, no dia 11 de maio de 1812, o assassinaram, mesmo no proprio vestibulo da camara dos communs. Foi isto o que deu logar (depois das infructuosas tentativas, que em Londres se costumam sempre fazer, quando se trata de uma nova organisação ministerial), á nomeação de lord Liverpool para primeiro ministro e primeiro lord do thesouro, tendo por collegas; Nicolau Vansittart, chanceller do echiquier; lord Eldon, lord grande chanceller; o conde Harrowby, presidente do conselho; o visconde de Castlereagh, secretario de estado na repartição dos negocios estrangeiros; o visconde de Sidmouth, secretario de estado da repartição do interior; o conde de Bathurst, secretario de estado na repartição da guerra e das colonias; lord Melville, lord do almirantado, etc. Felizmente esta crise ministerial não prejudicou os negocios da guerra na peninsula, que bem pelo contrario continuou com a mesma, senão ainda com maior actividade e empenho.

De tudo o que fica exposto não sómente se vê a somma das circumstancias felizes, que no anno de 1812 havia já para a proficuidade das operações offensivas do exercito luso-britannico na Hespanha; mas igualmente se vê o acerto do plano concebido por lord Wellington para similhante fim,

debaixo de todas as suas differentes phases, sendo talvez esta campanha a que mais claramente prova os seus grandes talentos militares. Desde o meado de junho que elle tinha feito para ella todos os seus preparativos, a fim de por este meio segurar o bom exito das suas operações, pois se o duque de Ragusa não era para temer como grande capitão, tambem não era para desprezar como inimigo. Dotado de coragem moral e physica, reunia estas qualidades a um prompto e são juizo, a conhecimentos reaes e positivos, á experiencia da guerra que já tinha, e sobretudo a uma grande facilidade no manejo das tropas, a par de uma grande resolução no campo. Por conseguinte lord Wellington com rasão se preparára para se medir com elle. Para quanto possivel diminuir o trabalho dos transportes de terra, tornára o Tejo navegavel até Malpica, perto de Alcantara, e o Douro até á Barca de Alva, como já n'outra parte notámos, estabelecendo n'estas duas linhas armazens e depositos, particularmente na embocadura do Douro. Para facilitar a sua juncção com o general Hill, destacado na margem esquerda do Tejo, fizera reparar a ponte de Alcantara, que lhe assegurava uma linha de communicação interior mais curta e mais facil, que aquella de que o inimigo era obrigado a servir-se, depois da destruição da ponte de Almaraz, de que resultava a vantagem de poderem as tropas alliadas fazer a sua juncção dentro em muito menos tempo que os exercitos francezes do sul e de Portugal. A direita do exercito luso-britannico achava-se desaffrontada, tanto pela destruição da ponte, que o inimigo tivera em Almaraz, como pelo esgotamento de viveres em que estava o valle do Tejo, e pela perda da equipagem da ponte, que experimentára o marechal Soult, por occasião da tomada de Badajoz. Quanto á sua esquerda, nada tinha a receiar. O general portuguez, conde de Amarante, e o da cavallaria portugueza, Benjamin D'Urban, estabelecidos em Traz os Montes, deviam ameaçar o flanco direito e a retaguarda do inimigo. O general hespanhol, D. Francisco Xavier Castanhos, á testa do exercito da Galliza, tinha ordem de sitiar Astorga, logoque os alliados apparecessem sobre o

Tormes, ao passo que ao 7.º exercito hespanhol se de
cumbencia de operar nas costas da Biscaya de concert
a expedição de sir Home Popham, que embarcada na
nha a 18 de junho, para lá fôra transportada a bord
naus, 9 fragatas e 6 brigues, a fim de attrahir por est
as tropas de Caffarelli, que Marmont podia chamar e
soccorro.

Já vimos que a Catalunha e Valencia, e portanto as
do marechal Suchet, que n'ellas havia, deviam ser an
das pelos 16:000 inglezes, vindos da Sicilia, e os 4:00
panhoes e inglezes vindos de Mayorca, onde eram sus
dos por conta do governo britannico. Quanto ao ma
Soult, esperava-se que a guarnição de Cadiz, as trop
ilha de Leão, a projectada insurreição de Cordova, e
pas de Ballesteros o impediriam de avançar contra o g
Hill, o qual tambem pela sua parte embaraçava Soult
em soccorro de Marmont. Vê-se portanto que o pla
lord Wellington ao penetrar em Hespanha era: 1.º
quanto antes sobre Marmont, isolando-o quanto possiv
mais exercitos francezes; 2.º, começar com as suas
ções antes da estação das chuvas, e até mesmo ant
novas colheitas poderem fornecer aos exercitos france
meios de marcharem para grandes distancias em nu
sos corpos. Por isolar Marmont de Suchet é que devi
da Sicilia os já citados 16:000 inglezes, os quaes, d
curso com os 4:000 hespanhoes e inglezes, que o g
britannico sustentava em Mayorca, effeituariam um d
barque na costa oriental da peninsula, onde se juntari
tropas do general O'Donnel, com o fim de promoveren
sublevação geral na Catalunha e Valencia. Este mesmo
reunido com a destruição das fortificações da ponte
maraz (com que se embaraçaram as communicaçõ
francezes do norte com os do sul da Hespanha), e
que acima fica dito, quanto á supposta insurreição d
dova, e ás tropas de Ballesteros, eram outros tantos
vos para crer que levassem o mesmo Soult á impossib
de soccorrer Marmont, circumstancia para que igual

muito concorria a posição que lord Wellington mandára tomar ao general Hill em Almendralejo. As forças de que elle lord Wellington por aquelle tempo dispunha no campo, comprehendidos 24:000 portuguezes, montavam a 56:000 homens, não incluidos os 6:000 da guarnição de Cadiz: do referido numero 15:000 infantes com 2:000 cavallos e 24 peças de artilheria estavam debaixo do commando do citado general sir Rowland Hill. Alem d'isto o mesmo Wellington tinha mais á sua disposição 3:500 hespanhoes debaixo das ordens de D. Carlos de Hespanha e D. Julião Sanches. Pelo que respeita aos francezes, fixâmos em 42:000 homens o exercito de Marmont, depois dos 20:000 que Napoleão mandou ir da peninsula para França com o fim de os empregar na guerra da Russia, não comprehendendo, já se vê, o reforço dos 12:000, que do do norte se achava em marcha para se lhe reunir; o de Soult reputâmos em 45:000, pela mesma rasão exposta para o de Marmont, e o do centro em 12:000, commandados pelo rei José e marechal Jourdan. Este exercito, em consequencia da sua má organisação, ainda não estava prompto para abertamente entrar em campanha, circumstancia de que lord Wellington era sabedor, por effeito das cartas interceptadas, que lhe tinham caído nas mãos.

Pelas disposições tomadas pelo mesmo lord Wellington com rasão anteviu Marmont que era a Castella Velha e não a Andaluzia que o referido lord se propunha invadir. Convencido d'isto, renovou os pedidos de reforços ao rei José, a Soult e a Caffareli[1]; mas o seu deferimento foi nullo, como já o tinha sido o que se dera aos pedidos que anteriormente tinha feito. Foi sómente o rei José o que se lhe mostrou favoravel, ao ponto de querer evacuar a Andaluzia, como de certo levaria por então a effeito, a não ter contra si as instrucções do imperador seu irmão, que expressamente lhe

[1] Pedia elle abertamente ao rei que enviasse a Drouet, não sómente artilheria, mas até mesmo uma equipagem de ponte, sufficiente para poder passar o Tejo em Almaraz. No fim de tudo Drouet não recebeu mais que dois barcos, ao passo que por outro lado o marechal Soult constantemente se oppoz á sua partida.

recommendava *conservar as conquistas feitas, e estende-las successivamente,* recommendação que Soult observou com rigor tal, que se tornou por este facto uma das causas principaes dos subsequentes desastres do exercito francez, como ao diante se verá. Abandonado como portanto se viu, Marmont propoz-se a guardar o Tormes até que lord Wellington apparecesse sobre este rio com todas as suas tropas, ao passo que sobre o Douro julgou elle Marmont dever reunir todas as suas forças e proteger com vigor a defeza dos fortes de Salamanca até que os soccorros do exercito do norte o pozessem em estado de repellir os alliados sobre as fronteiras portuguezas[1].

Pela sua parte lord Wellington, tendo parado as chuvas, saiu no dia 13 de junho do seu quartel general de Fuente Guinaldo, indo passar o Agueda n'esse mesmo dia. O exercito foi por elle dividido em tres columnas; a da direita, commandada pelo tenente general sir Thomás Graham, tomou a estrada de Tamames; a do centro, que levava por chefe o proprio lord Wellington, seguiu a estrada de S. Muñoz; e a da esquerda, ás ordens do general sir Thomás Picton, tomou a do Santo Espirito, indo reunidas a esta as forças de D. Carlos de Hespanha, que por assim dizer formavam uma quarta columna. No dia 16 os alliados tomaram posição sobre o Valmusa, pequeno ribeiro, que se vae lançar no Tormes, duas pequenas leguas abaixo de Salamanca. N'esta cidade tinham reunido os francezes um consideravel deposito de viveres e munições: tinham alem d'isto construido formidaveis obras de defeza para os proteger, dominando a passagem do citado rio Tormes. Sendo as ditas obras reconhecidas, viu-se que consistiam em tres fortes de alvenaria bem cobertos, formando pela sua reunião uma importante fortificação, que se não podia ganhar senão por um ataque regular, serviço a que foi destinada a sexta divisão, do commando do

[1] As cartas de Marmont, publicadas no fim do tomo VIII das *Memorias de José,* provam que n'esta epocha faltavam ao exercito de Portugal dinheiro e viveres. As citadas cartas são datadas do mez de Abril.

major general W. H. Clinton, tomando o resto do exercito posição sobre as alturas de S. Christovão. A cavallaria e infanteria, que o inimigo tinha postado na frente da cidade, nas vistas de sustentar as alturas da margem do sul do rio, foram rechaçadas pela cavallaria alliada, tendo os francezes de abandonar Salamanca no noite de 16, entrando os mesmos alliados ali na manhã de 17, achando perto de 800 homens nas fortificações, levantadas nas ruinas dos collegios e conventos, que para tal fim haviam demolido. Os alliados effeituaram a passagem do Tormes nos dois vaus, que ha acima e abaixo da cidade, chamados dos Cantos e de Santa Martha, visto acharem-se destruidas todas as pontes do rio, menos a da Salamanca, por estar defendida pelos fortes. Foi então que teve logar o reconhecimento dos referidos fortes, a que se seguiu a abertura de trincheiras, que na mesma noite de 17 se concluiram. Pela sua parte Marmont retirára-se com duas divisões e a cavallaria para Fuente-el-Sanco sobre a estrada deToro, sendo perseguido pela guarda avançada dos alliados [1].

Era o principal dos fortes de Salamanca o chamado forte de S. Vicente, construido no collegio dos benedictinos, isto é, no vertice do angulo interior da antiga muralha, sobre um rochedo perpendicular ao rio; postoque irregular, era um forte bem flanqueado e separado dos outros por uma profunda ravina. Os francezes tinham tapado as janellas do antigo edificio e o haviam reunido por cada um dos seus lados aó antigo recinto, tirando linhas que defendiam um fosso e um caminho coberto com escarpas e contra-escarpas, cobertas de pedra bruta. Como o angulo reintrante do convento não estava comprehendido nas linhas, cobriram-no por meio de uma bateria de fachinas, protegida por um muro, guarnecido de seteiras e precedido por uma paliçada. Na distancia pouco mais ou menos de 250 metros, levantavam-se os outros dois fortes ou reductos, um chamado de S. Caetano, e outro das Mercês, achando-se este ultimo vizinho ao rio. Deram-se-lhes

[1] Veja a estampa n.º 23.

estes nomes por terem sido construidos nas ruinas de dois conventos das mesmas denominações, convertidos pelos francezes nos dois referidos fortes, com escarpas verticaes, profundos fossos e contra-escarpas acasamatadas. Alem d'isto havia tambem outras differentes obras construidas á prova de bomba e mais trabalhos defensivos. No espaço intermediario, situado entre os pontos fortificados e os do seu accesso, assim como n'outros mais logares, os francezes tinham demolido, ou fosse para limpar o terreno, ou por outro qualquer motivo, um grande numero de edificios famosos, que anteriormente adornavam Salamanca. Sobre 25 collegios que tinha, 22 tinham sido mais ou menos arruinados, entre outros os de Cuenca e de Oviedo, respeitaveis fundações dos dois illustres prelados, Villaescusa e Muros, e o do rei, magnifico monumento, construido na reinado de D. Fillippe II sobre o risco do habil architecto, João Gomes de Mora. Taes eram os pontos fortificados, que deviam ser atacados pelos alliados, ou pela sexta divisão do general Clinton, de que fazia parte a setima brigada portugueza, composta dos regimentos de infanteria n.os 8 e 12 com caçadores n.º 9, divisão a este fim destinada, como já se viu.

A guarnição dos fortes compunha-se de 800 homens francezes, tirados dos melhores corpos do seu respectivo exercito, tendo sido escolhidos os officiaes que os commandavam. Pela sua parte os alliados ficaram surprehendidos com acharem pela sua frente obras de fortificação mais fortes do que julgavam, e faltos dos meios de lhes poderem fazer um cerco em devida fórma, por não terem artilheria, nem munições proprias para elle, necessario lhes foi mandarem vir estas cousas de Almeida, pois a artilheria que comsigo lá tinham apenas consistia em 4 peças de 18 e outros tantos obuzes de ferro de 24, havendo sómente 100 tiros para cada bôca de fogo. O parque dos engenheiros tambem não tinha mais que algumas ferramentas de trincheira. Apesar dos fracos meios que havia para o acommettimento de taes obras, lord Wellington decidiu-se a bater em brecha o muro principal do forte de S. Vicente, a que immediatamente depois

se devia dar assalto. Começada uma bateria no dia 17, abriu ella o seu fogo no dia 19, sendo apoiada por 2 peças de 6, estabelecidas no pavimento superior do convento de S. Bernardo, lançando balas e metralha contra a artilheria do forte. Uma terceira bateria, composta de 2 obuzes, atirava bombas destinadas a pôr fogo ao convento. A 20 uma parte da parede da frente e o respectivo telhado alluiram-se com horrivel estampido. Tendo-se pois esgotado as munições, lord Wellington teve de suspender o ataque até que lhe chegassem as que mandára ir de Almeida. No mesmo dia 20, immediato ao do começo do fogo, Marmont approximou-se com uma parte do seu exercito, na força de 25:000 homens, buscando dirigir-se para as alturas de S. Christovão, tres milhas para diante de Salamanca, onde se achava postado o exercito alliado, á excepção da divisão Clinton, tendo a sua direita sobre o Tormes, perto de Cabrerizos, e a sua esquerda perto de Villares de la Reyna. Esta posição de S. Christovão tinha uma legua e um terço de extensão: um profundo sulco a fendia; a escarpa que lhe ficava na frente era aspera, entrecortada de caminhos excavados e dos muros divisorios das respectivas propriedades; mas no alto havia um espaço limpo e descoberto, contendo sómente searas de trigo já seccas e em estado de se cortar. Marmont postára pois a sua direita sobre a estrada real de Toro, a sua esquerda em Castellanos de los Moriscos, e o seu centro na planicie intermediaria, observando-se os dois exercitos reciprocamente um ao outro nos dias 20, 21 e 22, sem outro acontecimento mais do que uma ligeira escaramuça, que tivera logar no dia 21. Foi na dia 23 que Marmont, desejando ardentemente metter soccorros nos fortes, mudou a sua primeira posição, tomando uma outra obliqua, em que a sua esquerda se achava postada em Huerta de Tormes, a sua direita sobre as alturas perto de Cabeça-vellosa, e o seu centro nas alturas de Villa Rubia. Á vista d'isto lord Wellington, que desejava evitar que os francezes por este seu movimento podessem pôr-se em communicação com os fortes pela esquerda de Tormes, mudou tambem a frente do seu exercito, prolongando a sua linha de maneira

que cobrisse completamente Salamanca, e podesse ao mesm
tempo encurta-la, a ser-lhe necessario fazer uma concentr
ção subita: os seus postos avançados estendiam-se até Alde
lengua.

No dia 24, antes de romper a aurora, uma columna
1:000 infantes francezes e 1:000 de cavallo atravessára
Tormes em Huerta. Lord Wellington oppoz-lhes a sua pr
meira e setima divisão, que no vau de Santa Martha pass
ram tambem aquelle rio debaixo do commando de sir Th
más Graham, o que igualmente fez uma brigada de cavallari
allemã do commando do general Bock, tomando o resto d
exercito luso-britannico posição entre Castellanos e Cabreri-
zos. Pelo meio dia o inimigo avançou sobre Calvarasa-de-
Baixo; mas percebendo que os seus adversarios se achavam
vigilantes, observando cuidadosamente os seus movimentos,
parou na sua marcha, e por fim retirou-se para umas altu-
ras, duas leguas pouco mais ou menos para a retaguarda,
posição já tomada por elle no dia 23. Querendo-se aprovei-
tar d'este successo, lord Wellington, apesar de não ter aind
recebido as munições de Almeida, mandou atacar o reducto
de S. Caetano, que embaraçava a approximação do forte d
S. Vicente. Contra a gola do dito reducto lançou a artilheria
alliada no dia 23 os ultimos projecteis que tinha, sessent
balas de 18 e cem de 24. Aindaque a distancia e obliquidade
dos tiros não permittiam formar uma brecha sufficiente, to-
davia lord Wellington mandou pelas dez horas da noit
acommetter por escalada o forte de S. Caetano e o das Mer
cês, de que se não tirou resultado algum, sendo os atacante
repellidos com perda de 120 homens, contando-se no nú
mero dos mortos o major general Bowes, a quem se confiár
o ataque. Tendo lord Wellington recebido de Almeida pouco
depois do meio dia de 26, 600 balas de 24 e 400 de 18 com
uma porção de polvora, de prompto começaram as bateria
o seu fogo contra a gola do reducto de S. Caetano e o fort
de S. Vicente. Pelas dez horas da manhã de 27 o fogo re
bentou com tal violencia nos edificios do citado forte d
S. Vicente, que os seus defensores perderam toda a esp

s, sem haver apparencias de submissão, retomaram-se stilidades por ambas as partes.

enas terminadas estas contemporisações, uma columna lliados dirigiu-se de prompto contra o forte de S. Cae- que atacou pela gola, e o levou na mesma occasião em por surpreza outra columna se assenhoreava tambem rte de S. Vicente, circumstancia que Belmas conta pelo nte modo: «Ainda se estava parlamentando, quando os *dores portuguezes* avançaram até á brecha para amiga- ente conversarem com os nossos soldados, os quaes desconfiança os deixaram approximar; mas achando-se ediatamente os portuguezes em bastante numero, tre- n á brecha e entraram á força no convento». O reducto rte de S. Caetano foi portanto tomado pela brecha da e o das Mercês por escalada, de que finalmente resul- edir capitulação o commandante do forte de S. Vicente, era o principal, o que lhe foi concedido, não obstante rem-se já os alliados senhores das suas obras externas. arnição ficou prisioneira, não se lhe concedendo mais ue as honras da guerra. Os fructos d'esta victoria foram prisioneiros, 36 peças de artilheria, muitas provisões, s, vestuario, e a livre passagem do Tormes. Os france- lhavam como muito seguros os depositos, que d'isto n feito em Salamanca, em rasão das fortificações que tal fim haviam construido, e que lhes haviam custado annos de incessantes trabalhos e de consideraveis des-

como então era o luso-britannico, ao valor do qual haviam já succumbido as praças da Cidade Rodrigo e Badajoz. Entretanto a perda dos alliados, depois da passagem do Tormes, andava por perto de 500 homens, entre officiaes e soldados, 60 dos quaes pereceram fóra de Salamanca e os mais na tomada dos fortes, que lord Wellington mandou logo demolir como inuteis para as suas operações, o que tambem ordenou se fizesse ás obras levantadas pelos francezes em Alba de Tormes, d'onde elles prudentemente haviam retirado a sua guarnição, depois da sentida perda que a mallograda resistencia de Salamanca lhes causára.

Marmont, que só se approximára de Salamanca para passar pelo amargo dissabor de testemunhar a entrega das fortificações, que com tanto affan ali construíra, retirára-se na noite de 27 de junho, dividindo o seu exercito em tres columnas, marchando uma na direcção de Toro e as restantes duas na de Tordesillas. Na sua retirada os francezes incendiaram as villas de Huerta, Babila-Fuente, Villoria e Villaruela: alem d'estas assolaram outras, destruindo tambem as searas, que se mostravam ricas e abundantes de fructos. Durante este tempo, a haver boa vontade e diligencia da parte do rei José e de Soult, podiam elles ter vindo com os seus exercitos em soccorro do marechal Marmont, para de concurso como d'elle baterem o de lord Wellington; mas cada um d'elles trabalhava só sobre si, e alem d'isto José não tinha bastante poder para dar unidade ás operações respectivas, apesar de chefe supremo dos exercitos francezes na Hespanha. As consequencias de um tal estado de cousas foram manifestamente indicadas ao ministro da guerra na carta que o mesmo rei José lhe dirigíra para Paris em 12 de junho, a qual se acha transcripta a pag. 190 do tom. VIII das suas respectivas *Memorias.* «O duque de Ragusa, lhe dizia elle, annuncia de uma maneira positiva que lord Wellington vae tomar a offensiva contra elle; todavia o duque de Dalmacia, que n'este caso devia enviar o conde de Erlon em soccorro do exercito de Portugal, nada faz. O duque de Albufeira, que deve mandar uma divisão para Madrid, re-

adas». Pela sua parte lord Wellington, seguindo a sua
a em perseguição do inimigo, decampou no dia 28,
ando posição sobre o rio Trabancos, a sua vanguarda
eleceu-se em Nava-del-Rei no dia 1 de julho. Os france-
ontinuaram em retirada, não julgando prudente tentar
eza alguma, emquanto não fossem reforçados pelo seu
ito do norte. Levados d'este designio, e perseguidos
se víram pelos alliados, passaram para a direita do
no dia 2 em Tordesillas sobre esta boa ponte, con-
la, segundo se crê, pelos reis catholicos D. Izabel e
rnando, tendo destruido a de Toro, bem como as de
e-Duero e Tudela.
vendo-se estabelecido n'esta nova posição, em conse-
cia dos postos fortificados que tinham em Zamora,
ram elles a sua direita nas alturas em face de Pollos, o
entro na propria Tordesillas, e a sua esquerda em Si-
as sobre o Pisuerga. Continuando a demorar-se o re-
que Marmont esperava do exercito do norte, e vendo
vantagem de lord Wellington consistia principalmente
na de cavallaria, tratou de augmentar a sua, privando
eus cavallos, não só os que a elles não tinham direito,
tambem os que, tendo-o, os possuiam em maior nu-
do que lhes era devido. Por este modo conseguiu au-
tar as suas forças, pelo menos com 1:000 cavallos, que
s se augmentaram ainda mais com os da divisão Bonnet,
dia 7 de julho se lhe reuniu, vindo das Asturias pela

assenhorear do vau de Pollos, o que lhe dava o domin
rio, porque entre este ponto e as alturas, occupadas
inimigo, o terreno era uma planicie; mas a natureza d
era difficil e insufficiente para a passagem de todo o
cito. Em Rueda achava-se o quartel general de lord
lington, tendo o seu exercito reunido em massa comp
com a testa d'elle em face do dito vau de Pollos e da p
de Tordesillas, occupando com a sua retaguarda Medin
Campo e outros mais pontos sobre as ribeiras de Zapa
e de Trabancos, prompto a oppor-se aos francezes, se
ventura viessem pelo lado de Valladolid. A linha defe
de Marmont, medida de Valladolid a Zamora, tinha
leguas, e de Simancas a Toro dez, pouco mais ou m
não passando a mais de doze a linha de occupação, da
o rio formava a corda e os alliados o arco: os vaus eran
pequeno numero, e alem d'isso difficeis. A vantagem e
portanto da parte do inimigo.

De concurso com estas circumstancias, outras mais
que será conveniente mencionar, para bem se conhec
as operações secundarias, ligadas com a principal e a v
gem que a esta deram. Convem pois saber que muita
partes do plano ideado por lord Wellington se mallogra
pela imprevidencia dos agentes inglezes e incapacidade
chefes hespanhoes. Ballesteros tinha sido batido em Bo
e a cavallaria de Slade dispersada em Llera. Castanhos
sua lentidão perdêra a occasião de se pôr em communi
com Silveira, como se tinha convencionado, para emba
as incursões dos forrageadores francezes, e obrigar o
exercito a manter-se á custa dos seus proprios arma
Echevarria tambem nada tinha feito pela sua parte, qua
sublevação do reino de Cordova, que se lhe confiára.
Cadiz a influencia britannica tinha ficado desaírada,
completa rejeição do plano, que o governo inglez prop
em favor das colonias hespanholas da America. Finalm
as côrtes continuavam a mostrar-se favoraveis ao rei
Por outro lado as derrotas que o guerrilheiro Mina ex
mentára haviam quebrantado bastante o atrevimento dos

dos ou corpos, que d'esta qualidade de gente havia no norte da Hespanha e juntamente com elles a actividade dos da Castella, de modo que em vez de augmentarem, tinham diminuido, depois que os alliados haviam passado o Tormes. As tropas da Sicilia, sobre as quaes tanto se tinha contado para obrigarem o exercito de Suchet a permanecer inactivo na parte oriental da Hespanha, e mesmo para por este lado chamarem a attenção do rei José, achavam-se destinadas por sir William Bentinck a irem combater na Italia, levando comsigo os dois milhões de patacas, que lord Wellington estava a ponto de obter por emprestimo dos negociantes de Gibraltar. Verdade é que a expedição de Bentinck, tendo ao principio sido approvada pelo ministerio inglez, foi depois contramandada por elle, restringindo-a á diversão fixada para a Catalunha; mas isto não deixou ainda assim de retardar o seu projectado desembarque, proporcionando a Suchet a occasião de se preparar para se lhe oppor.

No meio de tudo isto os apuros do exercito inglez continuavam, tendo quatro mezes de atrazo nos seus pagamentos, seis o estado maior e quasi um anno os bagageiros. D'este mesmo mal se queixava amargamente o marechal Beresford, com relação ao exercito portuguez, escrevendo no dia 8 de julho o seguinte: «Nós não temos pão senão para hoje sómente, o commissario de viveres não tem real, e eu não sei como poderemos marchar». Lord Wellington não era menos explicito, com relação ao exercito inglez, dizendo: «Nunca estive em tamanha penuria; d'isto resultará certamente uma grande desgraça, se o governo não olha seriamente para a minha posição, e não toma as precisas medidas para nos mandar dinheiro». Finalmente lord Wellington soube por cartas interceptadas, que de todos os lados vinham soccorros de tropas a Marmont, o que em parte se não verificou, já porque os reforços que lhe chegaram não foram tão consideraveis quanto se dizia, e já porque as reciprocas desintelligencias dos generaes francezes impediram que viessem a tempo esses mesmos soccorros. Caffarelli reteve as divisões promettidas ao exercito de Portugal, allegando a expe-

dição de Popham contra a Biscaya; Soult não deixou par
Drouet, e o duque de Albufeira (Suchet) recusou mand
para Madrid mais de uma brigada, convencido de que lo
Wellington se não aventuraria a uma batalha, o que prov
a falsa idéa que os francezes ainda por então faziam do cara
cter, genio e talentos militares do grande general inglez.

Alem do exposto, convem notar mais que emquanto o
grosso do exercito alliado se achou em frente de Salamanca
o conde de Amarante havia remontado o Douro até ao Esla,
ameaçando as communicações francezas com Benavente.
A cavallaria portugueza, na força de tres regimentos, os dos
n.os 1, 11 e 12, commandados pelo brigadeiro Benjamin
D'Urban, tinha passado o Douro abaixo de Zamora no dia
25 de junho, e cortado toda a communicação entre o exer-
cito francez e esta praça: todavia retirando-se Marmont da
Aldea Rubia, D'Urban tornou a atravessar o Douro em
Fresno de la Ribera para não ser derrotado; mas depois
avançou de novo para alem de Toro até Castromonte, por
trás da ala direita da nova posição do inimigo. Uma parte
do plano de lord Wellington era que o general hespanhol,
D. Francisco Xavier Castanhos, depois de estabelecer o cerco
de Astorga, descesse para Benavente com o resto do seu
exercito, pondo-se em communicação com o conde de Ama-
rante. Esta operação, que nada prejudicava o cerco de As-
torga, teria posto 1:200 ou 1:500 homens de infanteria, ca-
vallaria e artilheria por trás do Esla com seguras linhas de
retirada. Aindaque pequeno, este numero era bastante para
obstar ás incursões dos forrageadores do inimigo, obrigan-
do-o por conseguinte a viver, como já notámos, á custa dos
seus proprios armazens, que eram em pequeno numero.
Mas a lentidão habitual dos hespanhoes transtornou todo
este plano. Castanhos por meio dos soccorros que recebeu
de Inglaterra chegou a reunir 15:000 homens em Ponte Fer
rada, commandados por Santocildes, o qual, sabedor da re
tirada de Bonnet das Asturias, foi com 11:000 homens in
vestir Astorga, mandando 4:000 para Benavente, depois que
Marmont reunira a si o destacamento que lá tinha.

Emquanto o principal corpo de Santocildes se achava em Ponte Ferrada, uma das divisões d'este general dirigira-se para as Asturias, e de concerto com o setimo exercito perseguíra a retirada de Bonnet, quando se viu obrigado a evacuar esta provincia. Todavia o general francez marchou pelas passagens orientaes, tomou posição em Reinosa e Aguiar del Campo em 30 de julho, e batendo os bandos que o perseguiam de mais perto, veiu por fim com um reforço de 6:000 homens para a posição de Tordesillas no dia 7 de julho, marchando pela estrada de Palencia a Valladolid. Com este reforço o exercito de Marmont elevára-se a 47:000 homens. Animado pela chegada d'elle, e sabendo por outro lado que o sexto exercito hespanhol, saindo da Galliza, buscava dirigir-se para a Castella Velha, resolveu passar o Douro, approximando-se do exercito luso-britannico, para o obrigar a combate. Temendo porém atravessar este rio em presença do dito exercito, consumiu os dias 13 e 16 de julho em marchas e contra-marchas, e seguindo o rio até Toro, ali começou a reparar a ponte que destruíra, de que resultou passarem finalmente duas divisões francezas o Douro n'aquelle ponto na noite de 16, passagem que lord Wellington não podia embaraçar-lhes, senhor como o inimigo estava de todas as mais pontes e de muitos dos seus vaus; vendo porém ter elle effeituado a referida passagem, correu com a sua esquerda com o designio de se concentrar sobre as margens do Guareña. Para este fim moveu todo o seu exercito para aquelle lado, exceptuando apenas a primeira divisão e a ligeira com uma brigada de cavallaria ás ordens de sir Stapleton Cotton, que ficaram postadas em Castrejon[1].

Tendo Marmont percebido isto, foi novamente repassar o Douro em Tordesillas, reunindo todo o seu exercito na manhã de 17 em Nava-del-Rei, havendo para este fim andado nada menos que dez leguas. Por este tão inesperado movimento, não só repassou o Douro, illudindo a vigilancia dos alliados, mas até poz á sua discrição o general Cotton, em

[1] Veja o mappa n.º 24.

rasão da grande separação em que este se achava do principa
corpo do seu exercito. Por esta causa Marmont o atacou pe
las cinco horas da manhã do dia 18 nos campos de Alaejo,
durando a acção até ás tres horas da tarde. Felizmente ape
sar das forças tão superiores do inimigo, o general Cotto
pôde manter-se firme e dar tempo a que lhe chegassem os
reforços mandados por lord Wellington. Estes reforços o
ajudaram a retroceder em boa ordem, postoque perseguido
de flanco e retaguarda para Torrecilla de la Orden, vindo de
lá encorporar-se ao grosso do exercito. O inimigo tomou de-
pois uma forte posição nas alturas, que estão sobranceiras á
margem direita do Guareña, rio que antes de se lançar no
Douro é formado por quatro ribeiros, que se reunem a uma
legua pouco mais ou menos abaixo do Canizal, constituindo
o dito rio Guareña. Lord Wellington postou então a quarta,
a quinta divisão e a ligeira sobre as alturas fronteiras, orde-
nando ao resto do exercito que atravessasse o Guareña su-
perior em Vallesa, vistoque o inimigo manifestava intenções
de lhe tomar a direita. Todavia pouco depois da sua chegada
Marmont passou o Guareña em Castrillo, abaixo da reunião
dos já citados ribeiros, ameaçando por este modo caír no
dia 18 sobre a esquerda dos alliados, e entrar no valle do
Canizal. Foi a brigada de cavallaria do major general Alten,
sustentada pelo terceiro de dragões, a primeira força que
seriamente se empenhára em combate com a cavallaria ini-
miga, fazendo-lhe 240 prisioneiros, entre os quaes se con-
tou o general Carrier. Contra a infanteria inimiga, que sus-
tentava a sua dita cavallaria, foi mandada a quarta divisão do
commando do tenente general sir George Lowry Cole, da
qual fazia parte a nona brigada portugueza, composta do 11
e 23 de infanteria, com caçadores n.º 7, sendo a dita brigada
commandada pelo coronel Thomás Guilherme Stubbs. Cole
atacou immediatamente o inimigo, que não resistiu ao ata-
que, pondo-se em fugida com a perda de muitos homens
mortos e feridos. N'este ataque se distinguiu sobremaneira
a brigada portugueza acima mencionada, carregando os fran
cezes á bayoneta. Entre os elogiados por lord Wellington

em consequencia d'estes feitos, foram mencionados o coronel Stubbs, commandante da brigada, e o tenente coronel Alexandre Anderson, que commandava o 11, bem como o major Francisco de Paula Azeredo, que commandava o 23.

Pela tarde do dia 19 o inimigo retirou muitos corpos da sua direita, fazendo-os passar para a esquerda em direcção a Tarazona, o que obrigou lord Wellington a executar manobras analogas, passando o Guareña superior em Vallesa, para paralysar todas as tentativas do seu adversario, preparando-se para na manhã do dia 20 lhe aceitar batalha, se porventura lh'a apresentasse nas planicies de Vallesa. Mas esta não era ainda a intenção de Marmont, que preferia o andar manobrando ao risco de aventurar uma acção decisiva. Em consequencia d'isto todo o exercito francez se poz em plena marcha sobre a sua esquerda, remontou o Guareña, indo até Canta-la-Piedra, onde o atravessou, apesar das difficuldades que as suas margens lhe offereciam, o que executou, sem que os alliados tivessem tomado ou feito disposição alguma para se lhe opporem. Por este modo lhes torneou Marmont o seu flanco direito, ganhando uma nova cadeia de collinas, que descem para a parte do Tormes, e que são parallelas ás que vem de Vallesa. Similhantes movimentos obrigaram lord Wellington a fazer outros que taes sobre a sua direita, repetindo-se n'este caso uma evolução similhante á que já se tinha feito no dia 18, mas em maior escala, quanto ao numero das tropas e á extensão do caminho a percorrer. Os alliados marchavam em duas linhas de batalha e ao alcance de fuzil, fazendo-o assim por terem de atravessar a estrada de Cantalpino. Chegados a este logar, era evidente que os alliados se achavam flanqueados pelo inimigo. Durante este tempo Marmont havia disposto tão acertadamente as suas tropas, que não foi possivel atacar-lh'as parcialmente. Todavia lord Wellington pôde até certo ponto abrir por entre ellas caminho, dirigindo-se sobre as alturas de Cabeça-Vellosa e Aldeia-Rubia, destinado a fazer ali alto, para dar logar a que a sua sexta divisão e a cavallaria de Alten, apressando a sua marcha, viessem assenhorear-se da Aldeia-

Lengua, assegurando a posição de S. Christovão, para a pa
d'isto se assenhorearem tambem do vau de Huerta.

Entretanto sobreveiu a noite, e a segunda linha dos allia
dos tomou posição nas alturas de Cabeça-Vellosa, agglom
rando-se a sua primeira linha com muita ordem no terren
baixo, que fica entre este logar e Hornillas. O exercito fra
cez coroava o alto das montanhas oppostas, e os seus fog
estendiam-se em semi-circulo na direcção de Villaruela pa
Babila-Fuente, mostrando assim achar-se senhor do cita
vau de Huerta. Vendo isto, lord Wellington mandou lo
accender os fogos de bivac, fazendo ao mesmo tempo d
filar as tropas com a maior celeridade para Cabeça-Vell
e Aldeia-Rubia, onde acampou durante a noite de 20 p
21. Por este mesmo tempo a cavallaria portugueza, c
gando ali de frente, foi atacada pelos francezes, de que
sultou perder alguns homens pelo fogo da artilheria d
contrarios, antes que os reconhecesse. O resultado ines
rado das operações do citado dia 20, inteiramente vantaj
ao general francez, desconcertou algum tanto lord Wellingt
sendo muito notavel que dois exercitos inimigos, não sen
embaraçados por obstaculo algum, e havendo-se movido
direcções parallelas e na distancia apenas de meio tiro
canhão, não se empenhassem em batalha, ou em recon
algum importante. Ambos elles marchavam rapidamente c
as suas forças reunidas, observando-se reciproca e atten
mente um ao outro, e esperando o momento em que o
adversario commettesse alguma falta grave, para d'ella
aproveitar o outro contendor.

Tendo Marmont conseguido finalmente pelos seus mo
mentos tornar-se senhor do Tormes, podia muito bem
tal situação, ou dar batalha aos alliados, ou esperar que
chegassem os pedidos reforços, ou finalmente proseguir
operações começadas desde o dia 16, operações que tinh
principalmente por fim ameaçar a communicação de l
Wellington com Salamanca e Cidade Rodrigo, quere
obriga-lo ou a retrogradar para Almeida, ou a tentar
golpe decisivo para desaffrontar a sua primeira linha. A v

pois d'isto lord Wellington decidiu-se a cobrir Salamanca, e a segurar a todo o risco a sua communicação com a Cidade Rodrigo. Uma carta, em que d'isto dava parte ao general Castanhos, caíu nas mãos do duque de Ragusa, o qual por esta causa resolveu desde logo tomar a iniciativa das operações subsequentes, sem nada lhe importar com os movimentos auxiliares do rei José. N'este estado se achavam as cousas quando na manhã de 21 de julho lord Wellington, concentrando o seu exercito sobre o Tormes, se estabeleceu de novo em S. Christovão, uma legua distante de Salamanca, e portanto na mesma posição que havia occupado antes do cerco dos fortes. Na tarde do referido dia atravessaram os francezes os vaus que estão entre Alba de Tormes e Huerta com a maior parte das suas forças, e remontando o valle de Machechuco, acamparam por trás de Calvarrasa de Arriba. Em Alba deixaram elles uma guarnição, estabelecendo-se portanto entre esta povoação e Salamanca. O exercito luso-britannico tambem durante a tarde passou o Tormes nas pontes e vaus de Santa Martha e Aldeia Lengua, á excepção da terceira divisão e da cavallaria portugueza, do commando do brigadeiro D'Urban, que ficou na outra margem; a direita dos alliados foi portanto apoiar-se n'uma das duas alturas, chamadas dos *Arapiles*, e a esquerda sobre o rio Tormes, abaixo do vau de Santa Martha, tendo um posto de cavallaria em Calvarrasa de Abaxo. A citada terceira divisão e a cavallaria do brigadeiro D'Urban fixaram-se em Cabrerizos sobre a direita do mesmo Tormes, para fazerem face aos francezes, que por aquelle lado podessem ter ficado[1].

Effectivamente o inimigo deixára ainda sobre as alturas de Babila-Fuente, que estão na citada margem direita do Tormes, um grande corpo de tropas, o que fez antever a lord Wellington a possibilidade de que, achando Marmont na manhã seguinte o exercito alliado prompto a recebê-lo sobre a margem esquerda do rio, variaria n'este caso de plano, manobrando sobre a outra margem. Entretanto pelo

[1] Veja o mappa n.º 24.

decurso da noite do mesmo dia 21 de julho foi-lhe participado que o general Chauvel, mandado por Caffarelli, tinha chegado a Pollos no dia antecedente com 2:000 homens de cavallaria e a artilheria a cavallo do exercito do norte na força de vinte peças, com o fim de se reunir a Marmont, e não podendo duvidar de que estas tropas verificariam a sua juncção no dia 22, ou o mais tardar no dia 23, entendeu elle Wellington que lhe cumpria marchar sem a mais pequena dilação para a Cidade Rodrigo, quando as circumstancias lhe não permittissem atacar o inimigo, ou este se não resolvesse a ataca-lo a elle no dia 22, poisque os francezes, estendendo a sua esquerda a coberto de uma floresta, que lhes ficava na frente, ameaçavam seriamente a linha de communicação dos alliados com a Cidade Rodrigo[1], linha que estes não podiam perder, sob pena da sua retirada se lhes tornar difficil e de resultados duvidosos, a terem de a effeituar. Era portanto chegado o momento de começar a batalha entre os exercitos contendores, para a qual o francez, depois da juncção de Bonnet, contava pouco mais ou menos 42:000 homens, numero pouco menor que o luso-britannico poderia ter por si[2].

[1] O duque de Ragusa tinha a excellente qualidade de mover bem as suas tropas n'um terreno de manobra, circumstancia que lhe dava uma grande confiança na sua habilidade. Fiado pois na vantagem que isto lhe dava, escreveu elle em janeiro de 1812 ao marechal Berthier, dizendo-lhe: *Vós podeis estar certo de que acontecimentos felizes e gloriosos acompanharão o exercito francez.* Foi esta sua louca presumpção a que sem duvida contribuiu para o grande desaire que experimentou o exercito francez no campo de Salamanca. (Nota de Mr. Brialmont.)

[2] O conde de Toreno dá 47:000 homens a cada um dos contendores; mas Napier e mr. Brialmont dizem que o duque de Ragusa só tinha em Salamanca 42:000 homens, e o duque de Wellington 46:000, entrando 3:500 hespanhoes. As *Victorias e Conquistas*, para attenuarem a derrota dos francezes, elevam as forças de lord Wellington ao duplo das de Marmont, fixando as d'este em 40:000 homens sómente, no que faltam á verdade. É certo, porém, que a cavallaria franceza era inferior á dos alliados; mas em compensação a artilheria de Marmont contava 77 bôcas de fogo, ao passo que as dos alliados eram sómente 60, e de um calibre inferior. Para se ver que o mesmo lord Wellington tambem pela sua parte exagerava a força que dos francezes tinha contra si e diminuia

Lord Wellington chamára para o logar do conflicto as forças que deixára ficar em Cabrerizos, na margem direita do Tormes, postando-as por trás da Aldeia-Tejada.

Durante a citada noite de 21 os francezes apossaram-se definitivamente de Calvarrasa de Arriba, e não só d'ella, mas igualmente de uma altura, que na frente d'aquella lhes ficava contigua, chamada de Nossa Senhora da Peña, em rasão de uma capella que ali havia d'esta mesma invocação. A cavallaria alliada occupava Calvarrasa de Abaxo. Pouco depois de amanhecer o dia 22 ambos os exercitos, occupando posições parallelas, mandaram destacamentos para se apoderarem da maior das alturas dos *Arapiles*, a qual se achava em situação mais distante da direita dos alliados, por quem, por um descuido imperdoavel, não tinha sido occupada. Sendo o destacamento alliado de menos força que o do inimigo, e havendo-se este occultado em um bosque, e tendo alem d'isto menos distancia a percorrer para chegar á dita altura, conseguiu occupa-la, e com ella tornaram os francezes consideravelmente mais forte a sua posição, a qual lhes proporcionava novos meios de incommodarem seriamente os alliados. Uma bateria foi pelo inimigo construida sobre aquelle ponto, indo o duque de Ragusa estabelecer-se não

a sua, citaremos o que elle proprio diz no seu despacho ao conde Bathurst, com data de 22 de julho de 1812. «V. s.ª terá visto, pelo estado da situação dos dois exercitos, que *nós não somos superiores ao inimigo*, mesmo com relação ao exercito que nos é immediatamente opposto. *Creio que o francez é na realidade mais forte que o nosso.* Sem duvida alguma está munido de uma artilheria dupla da nossa e de um maior calibre».

Sendo verdadeiro o computo de Brialmont, o exercito francez, mesmo depois de se lhe terem reunido os reforços que lhe vieram do norte, contava apenas 42:000 homens, não chegando talvez a 40:000 antes de taes reforços, quando o dos alliados contava 46:000. Sendo a artilheria inimiga de 77 bôcas de fogo, depois da juncção d'estas forças do norte, e a dos alliados de 60, a differença entre aquellas e estas era apenas de 17, numero que está muito longe das 60 que lord Wellington lhe suppunha para mais, ainda antes da referida juncção, poisque elevando-a ao dobro, devia contar 120 bôcas de fogo em vez das 77 que realmente tinha.

longe d'elle com o seu estado maior, para de lá observar todas as operações a fazer. As tropas ligeiras da setima divisão alliada e o batalhão portuguez de caçadores n.º 4, da brigada do general Pack, bateram-se na manhã de 22 com o inimigo na altura de Nossa Senhora da Peña, onde uns e outros contendores se conservaram por todo aquelle dia. A posição do inimigo no maior dos *Arapiles* dominava a pequeno alcance a estrada da Cidade Rodrigo, de que resultava que a perder lord Wellington a batalha, as suas tropas teriam de desfilar debaixo do fogo que os francezes d'ali lhes fizessem, o que lhes podia ser bem sensivel.

Como o inimigo tinha occupado o maior e o mais distante dos *Arapiles*, viu-se lord Wellington obrigado a estender em *potence* a direita do seu exercito sobre a altura que ficava por trás da aldeia dos mesmos *Arapiles*, e a occupar esta mesma aldeia com a infanteria ligeira. Depois de algumas evoluções e movimentos feitos pelo inimigo, pareceu pelas duas horas da tarde determinar-se definitivamente a um plano de ataque fixo, começando por uma forte canhonada, que felizmente pouco damno causou. A posição do seu exercito era pelo seguinte modo. As divisões de Foy e Ferrey, sustentadas pela divisão de dragões de Boyer, occupavam-lhe a direita, apoiadas na chapada do dito logar de Calvarrasa e cobertas por uma grande ravina. As divisões Clausel, Sarrut, Maucune e Brenier achavam-se reunidas no centro por trás do cabeço dos *Arapiles*, onde tambem estava Bonnet. A esquerda era formada pela divisão Thomiers, flanqueada pela divisão de cavallaria ligeira de Curto, occupando uma outra chapada, protegida por vinte peças de artilheria. O duque de Ragusa, temendo que os alliados se retirassem a salvo, antes d'elle acabar as suas disposições de ataque, e não querendo abandonar o seu favorito projecto de lhes cortar a retirada para a Cidade Rodrigo, resolveu assenhorear-se da altura de Miranda de Azan, situada a cousa de meia legua distante da sua extrema esquerda, e ganhar depois S. Thomé de Rosados, sobre a estrada de Tamames. Foi ao general Thomiers que elle confiou esta operação, dando-lhe para seu apoio cincoenta bô-

er movimento, que aos mesmos alliados conviesse
sobre a sua direita, na direcção da Cidade Rodrigo.
então que lord Wellington conheceu com aquelle ad-
l golpe de vista, que na guerra caracterisa os gran-
pitães, que Marmont prolongava demasiadamente a
querda, e abria n'ella um vacuo, que lhe proporcio-
nandar por elle avançar vantajosamente uma força,
fectivamente podia separar do centro a esquerda do
, desfalcando-o assim consideravelmente no principal
do ataque, que era o do centro. Não perdendo por-
um só momento, depois que viu bem a falta do seu
ario, resolveu-se a ordenar o referido ataque para
rder a favoravel occasião, que a fortuna acabava de
erecer para uma assignalada victoria. Eis-aqui pois a
a por que elle effeituou esse ataque. A sua direita foi
e reforçada com a quinta divisão do commando do
general Leith, que foi postada por trás da aldeia dos
es, á direita da quarta divisão, do commando do ge-
Cole, ligando-se esta com os portuguezes de Bradford
entos de infanteria 13 e 24 com caçadores n.º 5), tendo
sexta e a setima divisão de reserva. Depois que es-
pas tomaram a sua posição, ordenou elle mais que o
general Packenham, interino commandante da terceira
, avançasse com ella em quatro columnas: a cavalla-
tugueza do brigadeiro D'Urban e dois esquadrões do

quinta divisão, commandada pelo tenente general Leith, a quarta, commandada pelo tenente general Cole, e a cavallaria do tenente general sir Stapleton Cotton, o atacariam de frente, sustentados pela reserva, formada pela sexta e setima divisão, commandadas pelos majores generaes Clinton e Hope, e a divisão hespanhola de D. Carlos de Hespanha. A primeira brigada portugueza de 1 e 16 de infanteria com caçadores n.° 4, commandada pelo brigadeiro Diniz Pack, devia apoiar a esquerda da quarta divisão, quando se atacasse a altura dos *Arapiles* que o inimigo occupava. A primeira divisão e a ligeira achavam-se de reserva, postadas sobre o terreno da esquerda[1].

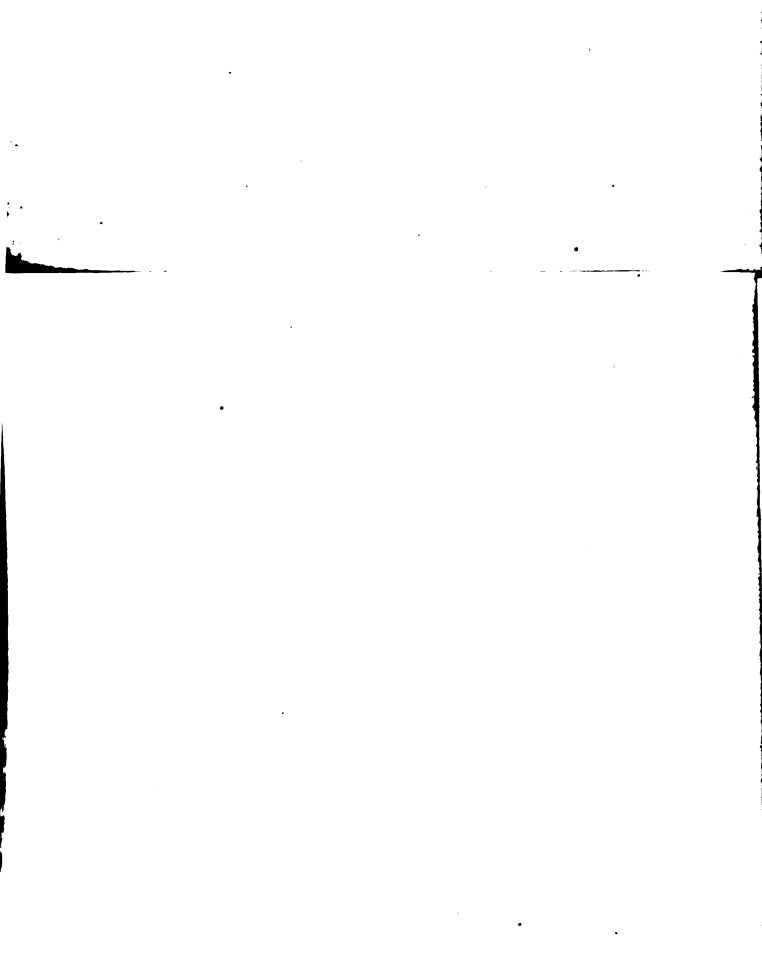
Ordenado assim o ataque, foi por fim coroado com o mais feliz resultado. A terceira divisão, do commando do general Packenham, tomando os inimigos de flanco, venceu quantos obstaculos se lhe oppunham ao arrojo da sua marcha. Sustidas valorosamente estas tropas pela cavallaria portugueza do brigadeiro D'Urban e pelos esquadrões do regimento 14 dos dragões inglezes, do commando do tenente coronel Harvey, que successivamente rechaçaram os ataques, que o inimigo tentou fazer sobre o flanco d'aquella divisão, pôde esta derrotar tudo quanto se lhe apresentou adiante. A decima brigada portugueza do commando do general Bradford (13 e 24 de infanteria com caçadores n.° 5), a quinta e a quarta divisão, e a cavallaria do general Stapleton Cotton, atacando a frente do inimigo, desalojaram-no e levaram-no adiante de si de altura em altura, adquirindo cada vez mais força sobre o flanco do mesmo inimigo, á proporção que avançavam. A primeira brigada portugueza de Diniz Pack (1 e 16 de infanteria com caçadores n.° 4) atacou com denodo a altura dos *Arapiles*, na qual se achava postado um corpo de tropas inimigas, que por ella foi desalojado (operação de que tambem resultou chamar a attenção dos francezes para aquelle

[1] N'esta collocação das forças do exercito luso-britannico, feita para o ataque, guiámo-nos pelo que a tal respeito nos diz a parte official de lord Wellington, como a mais auctorisada.

fim de poupar a divisão do general Cole, que se
astante avançada. A cavallaria do citado general Sta-
otton fez uma brilhantissima e bem succedida carga
m corpo de infanteria inimiga, que derrotou e ani-
n'esta carga foi gloriosamente morto á testa da sua
o major general Le Marchant. A quarta divisão (de
a parte a nossa brigada portugueza, composta de in-
11 e 23 com caçadores n.º 7, commandada pelo en-
onel Thomás Guilherme Stubbs), senhora como es-
s alturas, que haviam sido occupadas pela esquerda
igo, d'ali teve de recuar pelos reforços que os fran-
nandaram para aquelle seu flanco, para onde em
acudiu Marmont, tendo a desgraça de um estilhaço
z lhe espedaçar por então o braço direito, sendo por
usa obrigado a deixar o campo.
nova fatalidade o general Bonnet, que por antiguidade
ituíra no commando, foi tambem posto fóra do com-
guns minutos depois do ferimento de Marmont. Foi o
Clausel quem a seu turno succedeu a Bonnet n'um
to em que a derrota começava já a ser geral. O mare-
resford, que com a terceira brigada portugueza, for-
elos regimentos n.os 3 e 15 de infanteria com caçadores
marchára em soccorro de Cole, achando-se por aquelle
sobre aquelle ponto, onde pela sua parte foi tambem
nente ferido, ordenou á sobredita brigada, comman-
elo brigadeiro Guilherme Frederico Sprye, pertencente
a divisão, que estava na segunda linha, que mudasse
rente e dirigisse o seu fogo sobre o flanco da divisão
. E como isto ainda não bastasse, lord Wellington
u avançar a sexta divisão em soccorro da quarta, com
restituiu a batalha ao seu estado de bom exito, ha-
e travado um terrivel combate que terminou em fa-
alliados. Comtudo reforçada como ainda foi a direita

com a nona brigada portugueza, do commando do cor
Stubbs, que já se tinha refeito, juntamente com as ou
mais tropas, tendo por incumbencia envolverem a direita
inimigo, sendo a sexta divisão encarregada de o atacar
frente, indo sustentada pela terceira e quinta. Esta o
siva, vigorosamente executada, acabou de desorientar
francezes, pondo-os em plena retirada.

Entretanto sobreveiu a noite a estes acontecimentos,
abrigo d'ella o inimigo fugiu pelos bosques na direcção
Alba de Tormes, dirigindo-se de lá para Peñaranda. Deb
o proprio lord Wellington, que, alem do seu grande cança
se achava ligeiramente ferido[1], correu a persegui-lo á t
da primeira divisão e da ligeira com alguns esquadrões
cavallaria, porque a escuridão da noite o favoreceu de
sorte, que se pôde escapar sem soffrer mais damno. De
d'isto o exercito alliado seguiu a sua marcha na direcção
Huerta e vaus de Tormes, pelos quaes os francezes tin
passado quando avançaram. Ao romper do dia 23 os a
dos ainda lhes foram pelo rasto com duas brigadas de ca
laria, que no decurso da noite se tinham reunido, e atra
sando o Tormes perto de uma altura denominada Ser
ainda lhes poderam alcançar a retaguarda, composta de
vallaria e infanteria; mas sendo esta immediatamente
cada, fugiram os d'aquella arma, deixando os da infant
abandonados á sua sorte, de que resultou ficarem to
prisioneiros. A perseguição ainda durou pela noite do n
mo dia 23, chegando até Peñaranda, onde o quartel gen
de Marmont esteve por algumas horas, e recebeu um
forço de 1:200 cavallos, que lhe vieram do exercito do
te, sendo a distancia d'ali ao logar da batalha nada me
que de dez leguas. A sua marcha foi feita pela estrada

[1] Ao findar do dia uma bala perdida, apanhando lord Wellin
ferira-o na côxa, mas sem gravidade. Alguns dias antes (no dia 1
Castrejon), tinha elle corrido muito maior perigo; observando co
marechal Beresford os movimentos do exercito francez, fôra envol
por uma tropa inimiga de cavallaria, da qual só pôde livrar-se d
pada na mão.

Valladolid, que passa por Arevalo. É impossivel fazer uma adequada idêa da perda total dos francezes n'esta memoravel batalha; n'ella deixaram em poder dos vencedoses 12 peças de artilheria, varios carros de munições, 2 aguias e 6 bandeiras. Entre os prisioneiros figuraram 1 general, 3 coroneis, 3 tenentes coroneis, 150 officiaes de patentes inferiores e 6:000 para 7:000 soldados. O numero dos mortos foi consideravel. Entre os feridos contaram-se o proprio marechal Marmont, como já vimos, e o seu immediato, o general Bonnet, tomando o general Clausel o commando do exercito na falta d'estes. Ficaram entre os mortos, os generaes Ferrey, Thomieres e Desgravieres. Similhantes vantagens não se podiam conseguir sem que os alliados experimentassem tambem graves e sentidas perdas, que foram as seguintes, incluindo o ferimento dos generaes Beresford, Cole, Cotton, Leith e Alten.

A que teve logar na acção de Castrejon, no dia 18 de julho, foi de 542 homens, sendo 95 mortos, 393 feridos e 54 extraviados: a perda em cavallos foi de 145. A do exercito portuguez no referido dia foi de 157 homens, sendo 34 mortos, 96 feridos e 27 extraviados.

A que teve logar no dia 22 foi de 388 inglezes mortos, 2:714 feridos e 74 prisioneiros ou extraviados, ao todo 3:176; 304 portuguezes mortos, 1:552 feridos e 182 prisioneiros ou extraviados, ao todo 2:038; 2 hespanhoes mortos e 4 feridos, ao todo 6. Total, 694 mortos, 4:270 feridos e 256 prisioneiros ou extraviados. A perda em cavallos foi de 253 inglezes e 38 portuguezes, ao todo 291.

A de 23 de julho foi de 117 homens e outros tantos cavallos, sendo 51 homens mortos, 60 feridos e 6 extraviados.

Entre os elogiados por lord Wellington contaram-se os seguintes officiaes do exercito portuguez: o marechal Beresford, commandante em chefe do referido exercito; os brigadeiros Bradford, Sprye, Power, Pack, conde de Rezende e D'Urban, commandantes das brigadas portuguezas de infanteria 10.ª, 3.ª, 8.ª, 1.ª e 7.ª e da respectiva cavallaria; os coroneis Thomás Guilherme Stubbs, de infanteria n.º 23; Luiz do Rego Bar-

reto, de infanteria n.º 15; João Douglas, de infanteria n.º 8 Antonio de Lacerda, de infanteria n.º 12; o tenente coron de infanteria n.º 15, conde de Ficalho; e o de infanteria n.º 1 Francisco Homem de Magalhães Pizarro[1]. Tornaram-se muit distinctos n'esta batalha os regimentos portuguezes de cava laria n.ºs 1 e 11. O marechal Beresford, referindo-se a ell na sua ordem do dia de 25 de agosto de 1812, diz o seguinte com relação ao exercito portuguez. «O sr. marechal se limit a congratular o exercito de sua alteza real, o principe regent nosso senhor, pela parte que teve em uma victoria tão bri lhante e gloriosa para as armas alliadas, e o felicita particu larmente pelos louvores que lhe dá e merecimento que lh acha o sr. marechal general, lord conde de Wellington e mar quez de Torres Vedras. A boa opinião e approvação do sr. ma rechal general não quer enfraquece-las, ajuntando cousa su ao que s. ex.ª o sr. marechal general já disse, e por isso só mente recopila os extractos da parte dos despachos de s. ex.ª o sr. marechal general, que se referem aos officiaes e tropa portuguezas, e da ordem do dia do mesmo senhor sobre referida batalha». Esta ordem do dia de lord Wellington em de 23 de julho, e n'ella se dizia o seguinte: «1.º O comman dante das forças dá os seus agradecimentos aos officiaes ge neraes, officiaes e soldados pelo seu comportamento na acçã que tiveram com o inimigo em 22 do corrente, o qual nã deixará de o levar á presença de sua alteza real, o princip regente, com a favoravel exposição que merece. 2.º Elle con fia em que os acontecimentos do dia de hontem terão con vencido profundamente a todos de que o bom successo mili tar depende da obediencia das tropas ás ordens que recebem e de conservarem na acção a ordem da sua formatura, da qual em nenhuma occasião devem julgar permittido o afas tarem-se um só momento.»

As brigadas e corpos portuguezes que entraram na bata lha de Salamanca, comprehendendo uma força de perto de 20:000 homens, são as que constam da seguinte relação, em

[1] Veja o documento n.º 106.

que vão designados os commandantes das ditas brigadas e corpos, com a enumeração da força de cada um d'estes e a da perda que tiveram.

Brigada de cavallaria, commandante o brigadeiro Benjamin D'Urban

Cavallaria n.° 1—Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 386 cavallos, sendo commandado pelo tenente coronel Henrique Watson, e depois pelo tenente coronel José Luiz da Silva. Perda, 1 official e 1 soldado mortos; 2 officiaes, 2 inferiores e 7 soldados feridos, ou 13 homens ao todo.

Cavallaria n.° 7—Só esteve na força de 1 esquadrão com 104 cavallos, encorporados em cavallaria n.° 1, sendo com este corpo empregado na acção e no combate. Perda, 1 inferior e 2 soldados mortos, ou 3 homens ao todo.

Cavallaria n.° 11—Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 234 cavallos, sendo commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Domingos Bernardino Ferreira. Perda, 1 official e 3 soldados feridos, ou 4 homens ao todo.

1.ª Brigada, commandante o brigadeiro Diniz Pack

Infanteria n.° 1—Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 1:031 homens, commandados n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Thomás Noell Hill. Perda, 1 inferior e 39 soldados mortos; 3 officiaes, 5 inferiores e 88 soldados feridos; 10 soldados prisioneiros ou extraviados. Total da perda 146 homens.

Infanteria n.° 16—Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 1:074 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Noell Campbell. Perda, 4 officiaes, 2 inferiores e 43 soldados mortos; 7 officiaes, 3 inferiores e 113 soldados feridos; 3 soldados prisioneiros ou extraviados. Total 175 homens.

Caçadores n.° 4—Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 593 homens, commandado em

ambas as partes pelo tenente coronel Edmond Heyton Williams, e depois pelo major Pedro Adampson. Perda, 1 official e 12 soldados mortos; 5 officiaes, 2 inferiores e 41 soldados feridos; 4 soldados prisioneiros ou extraviados. Total, 65 homens.

3.ª Brigada, commandante o brigadeiro Guilherme Frederico Sprye

Infanteria n.º 3—Todo regimento se empregou na acção e no combate, na força de 946 homens, commandado em ambas as partes pelo coronel João Antonio Tavares. Perda, 13 soldados mortos; 1 official, 1 inferior e 22 soldados feridos; 1 soldado extraviado. Total, 38 homens.

Infanteria n.º 15—Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 900 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Luiz do Rego Barreto. Perda, 3 officiaes e 24 soldados mortos; 24 soldados feridos. Total, 51 homens.

Caçadores n.º 8—Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 401 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Dudley Saint Leger Hill. Perda, 1 inferior e 7 soldados mortos; 3 officiaes, 1 inferior e 16 soldados feridos; 1 inferior e 5 soldados prisioneiros ou extraviados. Total, 34 homens.

6.ª Brigada, commandante o coronel Ricardo Collins

Infanteria n.º 7—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 903 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco Xavier Calheiros. Perda, 2 soldados mortos, 3 soldados feridos e 1 extravido, ou 6 homens ao todo.

Infanteria n.º 19—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 922 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco José da Costa Amaral. Perda, 1 soldado morto e 2 feridos, ou 3 homens ao todo.

Caçadores n.º 2—Teve este corpo presentes na acção 4[illegible] homens; mas só duas companhias entraram em combate. Commandante do corpo na acção, o tenente coronel Bry[illegible]

O'Toole, e das duas companhias no combate, o major George Henrique Zuhlck. Perda, 2 soldados mortos; 1 official, 2 inferiores e 3 soldados feridos, ou 8 homens ao todo.

7.ª Brigada, commandante o brigadeiro conde de Rezende (D. Luiz Innocencio Benedicto de Castro)

Infanteria n.° 8 — Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 991 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel João Douglas. Perda, 4 officiaes e 28 soldados mortos; 6 officiaes, 4 inferiores e 58 soldados feridos. Total, 100 homens.

Infanteria n.° 12 — Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 1:184 homens, commandado em ambas as partes pelo coronel Antonio de Lacerda Pinto da Silveira, e depois pelo tenente coronel Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro. Perda, 4 officiaes e 66 soldados mortos; 4 officiaes, 6 inferiores e 247 soldados feridos. Total, 327 homens.

Caçadores n.° 9 — Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 397 homens, commandado em ambas as partes pelo coronel George Browne. Perda, 1 inferior e 18 soldados mortos; 21 soldados feridos; 20 prisioneiros ou extraviados. Total, 60 homens.

8.ª Brigada, commandante o brigadeiro Manley Power

Infanteria n.° 9 — Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 1:080 homens, commandado em ambas as partes pelo coronel Carlos Sutton. Perda, 4 soldados mortos; 3 officiaes e 5 soldados feridos. Total, 12 homens.

Infanteria n.° 21 — Todo o regimento esteve presente na acção e no combate, na força de 905 homens, commandado pelo major João Gomersall. Perda, 1 soldado morto.

Caçadores n.° 12 — Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 461 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel Guilherme Crookshank. Perda, 1 official, 3 inferiores e 21 soldados mortos; 6 offi-

ciaes, 1 inferior e 17 soldados feridos; 14 soldados prisioneiros ou extraviados. Total, 63 homens.

9.ª Brigada, commandante o tenente coronel Thomás Guilherme Stubbs

Infanteria n.º 11—Todo o regimento esteve na acção e no combate, na força de 1:016 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel Alexandre Anderson. Perda, 1 official, 1 inferior e 77 soldados mortos; 8 officiaes, 5 inferiores e 134 soldados feridos; 5 soldados prisioneiros ou extraviados. Total, 230 homens.

Infanteria n.º 23—Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 1:167 homens, commandado pelo major Francisco de Paula Azeredo. Perda, 2 officiaes, 1 inferior e 83 soldados mortos; 7 officiaes, 8 inferiores e 90 soldados feridos; 5 soldados prisioneiros ou extraviados. Perda, 196 homens.

Caçadores n.º 7—Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 420 homens, commandado pelo major João Ward, o qual commandou no combate cinco companhias, e o capitão Bartholomeu Vegor Derenzy uma. Perda, 15 soldados mortos; 3 officiaes, 3 inferiores e 27 soldados feridos; 1 soldado extraviado. Total, 49 homens.

10.ª Brigada, commandante o brigadeiro Thomás Bradford

Infanteria n.º 13—Todo o regimento se empregou na acção e no combate, na força de 902 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel D. Joaquim da Camara. Perda, 1 soldado morto e 2 prisioneiros ou extraviados, ou 3 homens ao todo.

Infanteria n.º 24—Todo o regimento presente na acção e no combate, na força de 1:082 homens, commandado em em ambas as partes pelo tenente coronel Guilherme Mac Bean. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 5—Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 506 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel Miguel Mac Creagh.

rda, 7 soldados mortos, 3 feridos e 4 prisioneiros ou extraviados, ou 14 soldados ao todo.

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Caçadores n.º 1 — Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 549 homens, commandado em ambas as partes pelo tenente coronel João Henrique Algêo. Perda, 2 soldados mortos e 2 feridos, ou 4 soldados ao todo.

Caçadores n.º 3 — Todo o batalhão se empregou na acção e no combate, na força de 514 homens, commandado em ambas as partes pelo major Manuel Caetano Teixeira. Perda, 1 inferior e 2 soldados mortos, e 10 soldados feridos, ou 13 homens ao todo.

Artilheria n.º 1 — Só uma brigada d'este corpo se empregou na acção e no combate, na força de 110 homens, commandada pelo capitão graduado em major, Sebastião José de Arriaga. Perda, 1 soldado ferido.

CAPITULO III

A memoravel victoria de Salamanca e a fuga a que em consequencia d'ella o exercito francez se entregou habilitaram lord Wellington a ir entrar em Madrid, d'onde depois marchou sobre a cidade de Burgos, a cujo castello poz cerco, tomando no dia 4 de outubro de 1812 a sua primeira linha de defeza. Para obstar ás marchas e victorias de lord Wellington, o rei José, que da mesma cidade de Madrid se havia retirado a Valencia, obrigou o marechal Soult a abandonar a Andaluzia, para depois marcharem ambos contra lord Wellington, como praticaram, de que resultou ter o general inglez de levantar promptamente o começado cerco do citado castello de Burgos, pela impossibilidade de o poder manter em presença do consideravel numero de tropas francezas, que vinham em soccorro do referido castello, seguindo-se a isto a difficil e trabalhosa retirada dos sitiantes para Portugal, retirada que effeituaram não só com sensiveis perdas, mas igualmente debaixo de grandes inclemencias de um tempo invernoso, tendo-se-lhes reunido no Tormes o general Hill, que tinha ficado em Madrid, depois da marcha de lord Wellington para Burgos.

A derrota tão duramente experimentada pelos francezes na batalha de Salamanca, e a tomada que desde o principio do anno de 1812 se lhes tinha feito das praças da Cidade Rodrigo e Badajoz foram para todos os belligerantes claros e manifestos signaes da descendente marcha em que a fortuna ía pondo a omnipotencia e dominio dos mesmos francezes n'esta parte da Europa, percursores como de facto se tornaram tambem similhantes successos dos momentosos desastres que o proprio Napoleão ía pessoalmente experimentar na sua malfadada guerra da Russia. É portanto evidente que uma nova face ia tomando a guerra, que por si e por meio das duas nações da peninsula a Inglaterra continuava a fazer á França, guerra em que o exercito portuguez tão consideravel quinhão tomára para si, distinguindo-se

n'ella pela sua muita disciplina e bravura, igualando n'estas qualidades e no seu grande denodo os proprios soldados inglezes. Na citada *batalha de Salamanca* tomou parte o exercito portuguez com o crescido numero de 19:205 homens, batalha a que os alliados dão esta denominação, por ter tido logar nas vizinhanças d'aquella cidade, mas que os francezes appellidam *dos Arapiles,* em rasão dos dois montes a que se dá este nome, e se acham no campo em que ella se travou, montes tão celebrados nas cantigas populares dos leonezes que junto d'elles moram, recordando as gloriosas façanhas do famoso Bernardo del Carpio.

Foi esta famosa batalha effectivamente uma das mais memoraveis, senão a mais memoravel pelos seus resultados, que o exercito luso-britannico ganhou em toda a guerra da peninsula, sendo igualmente a primeira victoria decisiva que por si teve. Antes d'ella ter logar os dois exercitos contendores manobraram habilmente em presença um do outro por espaço de vinte dias continuos. Durante o referido espaço de tempo os generaes que os commandavam, cuidadosamente se observavam, estudando um e outro com a maior attenção as suas respectivas operações, até que depois de varios encontros, e de haverem tomado differentes posições, Marmont foi por fim derrotado em 22 de julho de 1812. Nas precedentes batalhas os francezes foram por assim dizer simplesmente repellidos; mas na de Salamanca viram-se arremessados para fóra do campo da luta, como se um grande vendaval de redemoinho os lançasse para fóra d'elle na maior confusão e desordem, sem acharem abrigo que os podesse salvar, e maior seria o seu desastre se não sobreviesse a noite, que, envolvendo-os no seu escuro manto, lhes evitou uma total derrota. Proporcionaes á magnitude d'esta victoria foram certamente os resultados que d'ella se obtiveram. As negociações do rei José com as côrtes de Cadiz cessaram inteiramente depois d'ella, sem que os seus partidistas se abalançassem mais a apparecer em publico; Madrid teve de ser abandonada pelo proprio rei José, seguindo-se a isto como natural consequencia ter o marechal Soult de deixar

bem a Andaluzia, como em breve se verá, ficando a re-
ncia de Cadiz habilitada a tirar de tão ricas e vastas pro-
ncias os meios de que precisava para continuar a guerra,
es como homens, viveres e dinheiro. Na Catalunha de novo
manifestou o espirito de resistencia aos francezes; os cla-
morosos brados da opposição parlamentar em Inglaterra ti-
eram de se reduzir ao silencio; o governo provisorio da
França encheu-se de receios, quanto ao bom exito da guerra
la peninsula; na Allemanha de novo se organisaram associa-
ções para sacudirem o tyrannico jugo de Buonaparte; e final-
mente o abalo produzido em toda a Europa por tão famosa
victoria sentiu-se como por um choque electrico desde a pe-
ninsula até Moscow, estremecendo manifestamente o poder
colossal de Buonaparte, como annuncio da sua quêda.

Em tão momentosa derrota o exercito francez perdeu, en-
tre mortos, feridos e prisioneiros, um marechal de França
(o proprio duque de Ragusa, que ficou ferido), 7 generaes
e 12:000 homens mais, entre officiaes e soldados; só de pri-
sioneiros caíram nas mãos dos vencedores 7:000 homens,
havendo corpos inteiros que diante d'elles depozeram as ar-
mas. Alem do pessoal mencionado, Marmont perdeu tam-
bem, como já vimos, muitas bôcas de fogo, aguias e muni-
ções de toda a especie. Antes de um tal resultado o exercito
vencido tivera de andar setenta leguas em doze dias, bem
como de sustentar durante elles tres combates, e de dar por
fim uma grande batalha. N'esses mesmos doze dias o exercito
vencedor tivera de andar igualmente mais de cincoenta e tres
leguas, tendo tambem de perda entre mortos, feridos e pri-
sioneiros um marechal do exercito portuguez (sir William
Carr Beresford, ferido), 4 generaes e pouco menos de 6:000
homens, entre officiaes e soldados. Esta grande victoria a
alcançou lord Wellington, não só pela sua grande capacidade
militar e pelo arrojado valor do seu exercito, mas tambem
em rasão da grande extensão do paiz occupado pelos fran-
cezes, e dos muitos obstaculos que elles tinham para regu-
larmente manterem as suas communicações militares. A ha-
bilidade e presteza com que o general inglez se aproveitou

da falta de Marmont, causa principal da victoria que g
acabaram de lhe consolidar a sua grande reputação co
talento militar de primeira ordem, tornando-se o se
para sempre memoravel.

Foi com effeito o seu grande talento militar quem
a reputar Portugal como uma posição central e intom
peninsula, posição que elle por tal motivo escolhe
base fundamental das suas operações, e que como tal
cou e defendeu: foi elle portanto quem lhe reconhece
lor, e quem o levou a aproveitar-se das vantagens
offerecia. Alem d'esta prova da sua grande capacidade
de não menos valor e solidez se deduz do facto de
quem até então com apenas 60:000 homens disponi
campo realisou todas as operações militares que co
não obstante ter contra si nada menos que 100:000 s
francezes, que attentamente o observavam e corajos
o combatiam. Apesar d'isto pôde defender Portugal v
samente, passando d'este reino ao da Hespanha, o
attitude offensiva foi por fim bater 42:000 francezes
talha campal, que aceitou ao seu adversario, batalha
depois se seguiu ir afugentar de Madrid mais de 14:0
cezes, como em breve igualmente veremos, e isto sem
arriscado um só posto estrategico da mais pequena
tancia para as suas operações. Não admira pois que p
motivos as côrtes de Cadiz, mediante uma proposta
gencia, o galardoassem com o cordão do Tosão de Oir
collar lhe foi apresentado por D. Maria Thereza de Bo
princeza da Paz, condecorada por então com o titulo
dessa de Chinchon. Fôra o referido collar pertence
infante D. Luiz, pae da sobredita princeza, collar
por ella offertado a um tão illustre general, em teste
da admiração, que os seus altos feitos tinham já pr
em toda a Europa. Do parlamento britannico receb
igualmente novos agradecimentos, a par de novas
que o seu governo lhe dera, agraciando-o com o ti
marquez de Wellington.

Não é portanto para admirar que isto se concedess

nem que, tendo já derrotado varios marechaes de França,
s como Soult, Massena, Victor, Jourdan e Ney, foi depois
rrotar igualmente na monumental batalha de Salamanca o
rechal Marmont. Similhante victoria foi uma d'aquellas que
o deixam a mais pequena duvida sobre quem logrou a
lma do triumpho, porque o grande numero de prisioneiros,
general contrario gravemente ferido, a sua retirada do
mpo da batalha, e finalmente a perseguição, que ainda de-
is d'isto soffreu por muitas leguas, são provas irrefraga-
eis da derrota experimentada pelo exercito francez, e pelo
u commandante em chefe, o citado marechal Marmont.
parte por este dada, datada de Tudela dos 31 de julho de
812, é uma continuada lamentação de desgraças imprevis-
s. O exercito do norte não lhe mandou, dizia elle, os auxilios
ue lhe prometteu; o general Caffarelli não lhe fez uma ponte
ue lhe devêra ter construido; a cavallaria de que dispunha
ão era tão numerosa como a de lord Wellington; as suas
rdens foram no dia da batalha irregularmente executadas;
sua esquerda estendeu-se mais do que devia, e por isso se
nfraqueceu a ponto de lhe ser derrotada pelos alliados; e fi-
almente esta serie de desastres acabou pelo grave ferimento
ue recebeu por um estilhaço de obuz, que lhe quebrou o
aço direito, de que resultou ser substituido no commando
exercito pelo general de divisão Clausel, depois do feri-
ento do seu immediato, o general Bonnet. Uma outra cir-
nstancia notavel appareceu tambem na parte official do
rechal Marmont. Até então consideravam-se os exercitos
ncezes compostos de soldados veteranos, de officiaes ex-
rimentados, de generaes de merito, e de muito mais saber
s cousas da guerra do que os seus adversarios. A todas
as circumstancias se attribuia pois a invencibilidade dos
ercitos francezes desde o começo da revolução; mas na
rte official de Marmont já se confessava que a batalha se
rdêra por falta de disciplina do seu exercito, e dos preci-
conhecimentos nos seus generaes subalternos, fazendo
resaír a capacidade do seu adversario, por se ter sabido
roveitar de similhantes circumstancias. A conclusão que

portanto se tirava da parte official de Marmont era a
os exercitos francezes se não deviam já ter por inve
segundo o que até então se dizia, e que a superiorida
conhecimentos e da disciplina militar tambem já nã
um exclusivo apanagio dos seus generaes, quanto a
cimentos, nem dos seus soldados, quanto á disciplina.

O primeiro d'estes generaes a quem se devia app
censura feita era seguramente ao proprio marechal Ma
a quem o imperador Napoleão mandou da Russia per
lhe pelo seu ministro da guerra: «Porque rasão nã
elle subordinado as suas operações a um plano geral d
panha? Porque rasão havia elle deixado a defensiva p
mar a offensiva, antes de se lhe ter reunido o exer
centro? Porque rasão não esperou elle dois dias pela
laria de Chanvel, que sabia achar-se já perto do seu ex
Tudo isto fez Marmont por mera vaidade sua, acresc
imperador com certo ar de colerico. O duque de Rag
crificou os interesses do seu paiz, e como tal incor
crime de insubordinação militar, tornando-se o aucto
desgraça». As queixas de Napoleão contra Marmon
aqui não ficaram. «O duque de Ragusa, disse elle ma
trinta leguas de intervallo entre o seu exercito e o
migo, por modo contrario a todas as regras da guerra
neral inglez vae para onde quer, ao passo que o
perde a iniciativa dos seus movimentos, tornando-se
nhuma importancia e peso para os negocios da Hes
O duque de Ragusa, não tendo ponto algum por se
do Agueda, não póde saber o que faz lord Wellingto
tirar-se-ha diante da sua cavallaria ligeira, em logar
rar por modo que o obrigue a concentrar todo o se
cito». Alem d'estas, outras mais accusações lhe fazia
por não ter posto uma ou duas das suas divisões sob
Tormes, circumstancia que devia ser acompanhada co
se ir estabelecer em Baños, e mandar tropas para
Agueda, com o fim de espiar os movimentos dos a
Se as divisões de Caffarelli, diz Napier pela sua part
vessem ido juntar ás do Tormes, e de novo se execu

lano ordenado por Napoleão em 1811, Madrid achar-se-ía o abrigo de qualquer ataque, a juncção do rei José estava segura com Marmont, e lord Wellington difficilmente poderia ter saído do Agueda, o que evitaria o desastre da perda de Salamanca, e o que os francezes tiraram da respectiva batalha.

Cremos que em muitas cousas d'estas ha bastante rasão, sem todavia nos esquecermos de que é muito facil fazer censuras depois dos acontecimentos passados. O que portanto se nos antolha como a mais palpavel das censuras é a indisposição que Marmont manifestou em esperar pelos soccorros que lhe vinham do norte, e os que o rei José lhe trazia igualmente com o seu exercito do centro, parecendo não o querer ver no seu campo, no que manifestamente contrariou a vontade do imperador, e o pedido que o marechal Soult lhe fizera em contrario a isto. A sua falta por não ter tropas no Agueda é-lhe desculpada pela impossibilidade que tinha em as poder alimentar n'aquella parte do paiz; mas elle não as concentrou por trás do Tormes, onde deixou ficar sacrificados 800 homens, que por esta rasão caíram nas mãos dos alliados. Alem d'isto abandonou tambem vinte leguas do paiz, situado entre o Tormes e o Agueda, deixando que lord Wellington tomasse a iniciativa das operações; chamou a divisão Bonnet das Asturias, de que lhe resultou perder o apoio do general Caffarelli, realisando assim os receios de Napoleão, quanto a enfraquecer a segurança das provincias do norte. Verdade é que retomou a iniciativa das operações, depois que passou o Douro no dia 18; mas se tivesse deferido esta passagem até que o rei José se lhe juntasse com o seu exercito, lord Wellington seguramente lhe não aceitaria a batalha, nem se atreveria a passar os desfiladeiros de Guadarrama, tendo de se retirar para Portugal com não pouco desaire para si proprio, e talvez mesmo que com sentida e infructuosa perda para o seu exercito.

Mas a mais plena e a mais justa de todas as accusações, feitas ao marechal Marmont, e a que mais grave se lhe tornou foi a da sua temeraria manobra de desviar do seu centro a ala esquerda do seu exercito, tendo em vista tornear com

ella a ala direita dos alliados, com o fim de lhes embaraçar a marcha retrograda que houvessem de fazer para a Cidade Rodrigo. Por causa d'ella afastou do seu dito centro mais do que devia as tropas que constituiam a sua referida ala, de que lhe resultou uma grande quebrada, ou vacuo na sua linha de batalha, circumstancia que proporcionou a lord Wellington penetrar de prompto com as suas tropas pelo dito vacuo, a que se seguiu pôr o exercito francez em confusão e desalento, e depois d'isto em formal derrota. Engana-se portanto quem julga terem dado causa a similhante derrota os graves ferimentos de Marmont e de Bonnet, cujas faltas foram logo reparadas pela substituição do general Clausel, que em nada lhes era inferior em capacidade militar e denodo pessoal. A causa que portanto mais immediatamente occasionou o desastre do duque de Ragusa foi a citada manobra, pois a não ser ella lord Wellington seguramente lhe não aceitaria a batalha, tendo em tal caso de se retirar, como já dissemos, para Portugal com não pouco desaire para o seu nome, e talvez que com o de não pequena monta para o seu exercito.

A promptidão e rapidez, repetimos novamente, com que lord Wellington se aproveitou da falta do seu adversario mostrou bem o subido grau dos seus talentos militares, do que lhe resultou obter o fim que se propoz conseguir, decidindo-se, pelo prompto golpe de vista de que era dotado, a aceitar a batalha que o coroou de immarcessivel gloria. Elle não fez rosto ao inimigo em logar tão remoto das fronteiras de Portugal senão depois dos seus planos terem chegado a um ponto tal de madureza, que, não precisando fiar-se em cooperações, dependentes de pessoas a quem não tornasse effectiva a responsabilidade da sua conducta, podesse ao mesmo tempo formar pela sua parte o centro das forças alliadas na peninsula com o seu exercito, o qual pela sua direita se communicava com o general Maitland nos portos do Mediterraneo, e pela sua esquerda com a esquerda de sir Home Popkam, desembarcado na Biscaya com alguns reforços. Alem d'isto tinha as tropas de sir Rowland Hill, desti-

nadas a observar os francezes, que lhe ficavam pelo seu flanco direito, isto alem das milicias portuguezas do conde de Amarante, que lhe ficavam pelo esquerdo. Apoiado assim por tropas e officiaes, cuja responsabilidade lhe era sujeita, não fallando nos pequenos corpos hespanhoes, que tambem o auxiliavam nas suas operações, lord Wellington marchou ousadamente contra o inimigo, não por um rasgo de louca temeridade, mas levado a isso por muito bem pensadas combinações e movimentos, que lhe afiançavam o bom resultado que da sua empreza tirou. Encontrando-se com o exercito francez, escolheu o terreno e o tempo de combater, e por fim venceu, não por um mero acaso de fortuna, mas por effeito do seu grande sangue frio e reconhecido valor, a par de acertados planos. A este respeito diz um auctor inglez, referindo-se a lord Wellington: «A batalha de Waterloo poderá talvez parecer façanha mais gloriosa, em rasão do homem extraordinario que n'ella foi vencido; a batalha de Assye, por elle ganha na Asia contra os Mharatas em 23 de setembro de 1803, poderá igualmente olhar-se como acção mais assombrosa; mas a batalha de Salamanca será sempre citada como aquella em que lord Wellington desenvolveu o seu maior talento e habilidade».

No meio de tudo isto é tambem um dever de justiça confessar por outro lado que os portuguezes tiveram, como já dissemos, uma grande parte n'esta assignalada victoria, tanto pelo seu numero, como pela sua brava conducta, sendo por esta causa que a sua perda se lhes tornou tão severa, e até mesmo proporcionalmente igual, se é que não superior, á dos proprios inglezes. Uma grande parte da cavallaria que entrou em combate era portugueza, e o seu comportamento nada deixou a desejar, como se prova pela parte official, que o proprio lord Wellington deu ao ministro da guerra em Lisboa, D. Miguel Pereira Forjaz. Se a cavallaria portugueza se conduziu por similhante maneira, a infanteria do bravo exercito portuguez não teve menos distincta conducta, conduzindo-se por maneira igual á mais disciplinada e aguerrida tropa ingleza. Se portanto os creditos de

lord Wellington se acabaram de consolidar por tão mome
tosa batalha, para o exercito portuguez trouxe ella igu
mente comsigo identico resultado, redobrando em Inglate
ra, depois que tivera logar, o alto e bem merecido concei
que principiava a formar-se da importante coadjuvação d
referido exercito e da justa confiança que n'elle se punh
para a terminação da guerra. Effectivamente sem ser ingra
to, se lord Wellington attendesse bem a isto, não devia j
mais esquecer-se dos importantes serviços que o exercit
portuguez lhe prestou a elle e ao seu paiz n'esta tão famos
batalha, e do muito sangue que n'ella derramou para lh
abrilhantar o nome e exaltar a gloria.

E rasão havia mais que bastante para tanto elle como
Inglaterra tributarem a Portugal e aos portuguezes os elo
gios que tão justamente se lhes deviam fazer pelo bom as
pecto que a guerra contra os francezes ia progressivament
tomando na peninsula, porque a não serem os portugueze
e a efficaz coadjuvação que o seu exercito prestou ao ingle
e ao seu general em chefe, nem as victorias d'esta alta per-
sonagem teriam jamais tido logar, nem a omnipotencia bri-
tannica poderia em tempo algum elevar-se ao alto grau de
poder e riqueza em que presentemente a vemos, consequen-
cia como é de similhantes victorias. Era portanto um facto
que o territorio portuguez se achava libertado dos exercitos
francezes desde 1811; mas esse facto nada mais era do que
a legitima consequencia dos seus proprios esforços, a quem
em grande parte era devida, postoque tambem se não possa
desconhecer sem a mais grave injustiça o muito que para isto
igualmente contribuiram os soccorros prestados pela Gran-
Bretanha, ligando-se Portugal inteiramente com ella, e a ella
subordinando-se em tudo para manter a sua independencia
contra a oppressão e tyrannia franceza. Foi com effeito em
Portugal e sómente n'este pequeno reino que a Inglaterra
achou a mais franca, firme, docil e leal coadjuvação para
tudo quanto quiz; foi unicamente n'este paiz que a presenç
e natural orgulho dos inglezes não foram combatidos, por s
terem despido os portuguezes em tão critica conjunctura do

justos pundonores nacionaes, não sendo necessario, nem a lord Wellington, nem ao marechal Beresford, e nem mesmo ao proprio ministro inglez em Lisboa conquistarem a estima e affeição do povo portuguez desde o principio da luta em 1807, porque desde então até ao fim d'ella tudo quanto vinha de Inglaterra para Portugal, quer pessoal, quer material, era tido na conta de valioso auxilio para libertar a patria[1].

Não foi isto o que em Hespanha succedeu aos inglezes: ali tiveram elles constantemente de combater com opponentes mais poderosos do que eram os proprios francezes, taes foram o natural ciume do governo hespanhol, e o proverbial orgulho e bigotismo dos seus governados. Verdade é que os hespanhoes receberam constantemente dos inglezes avultados supprimentos de armas, de dinheiro, vestuario e munições; mas apesar d'isto e da experiencia diariamente lhes

[1] É falso e calumnioso o que se lê a pag. 110 do tom. IX da traducção franceza da *Historia* de Napier, quando allega indisposição dos governadores do reino contra lord Wellington ao começar a sua campanha no anno de 1812. Em primeiro logar deve confessar-se que os citados governadores lutavam com a mais absoluta falta de meios para regularmente poderem custear as avultadas despezas de um tão numeroso exercito como o que por parte de Portugal por então se achava em armas contra os francezes, sendo inexequiveis as medidas que lord Wellington e o ministro inglez em Lisboa propunham para se conseguirem taes meios. Não eram pois as chamadas *evasivas* dos governadores do reino, como Napier as denomina, as causas de se não poderem satisfazer todas as exigencias de lord Wellington; mas sim as difficuldades insuperaveis que para isso havia. Em segundo logar a allegação de Napier é inteiramente banal, destituida como se acha de provas que a justifiquem. Foi no anno de 1810, quando estava imminente a invasão do marechal Massena sobre Portugal, que o principal Sousa, um dos governadores do reino, sustentou entre os seus collegas a opinião de que seria muito salutar para o paiz que a guerra se mantivesse nas fronteiras do reino, com o que se evitariam os grandes males que forçosamente havia de trazer comsigo o não o fazer assim. Seguiu-se a isto o apresentar depois como inutil a destruição dos generos alimenticios, a dos moinhos e das azenhas, ordenadas por lord Wellington aos portuguezes por occasião d'aquella invasão, o que o tempo effectivamente mostrou ser verdade. Sustentar uma opinião n'um corpo colle-

mostrar não poderem as suas tropas conservar nas suas mãos essas armas, que immediatamente perdiam, apenas se encontravam com os francezes; apesar de ser cousa demonstrada não poderem essas tropas resgatar sómente por si o seu proprio paiz do jugo dos inimigos, elles hespanhoes e o seu governo desdenharam por muito tempo com orgulhosa sobranceria seguir o animador exemplo dos portuguezes, ou rejeitando mais ou menos manifestamente a efficaz e necessaria cooperação dos inglezes por terra, ou tolerando-lh'a com a mais reconhecida reluctancia. Todas as suas praças fortes na Catalunha tinham caído em poder do inimigo, havendo-se-lhe a de Badajoz rendido no principio de 1811, e rendido vergonhosamente. As Asturias foram recuperadas pelo mesmo inimigo, e Valencia, para evitar maior desgraça, teve de capitular com elle, entregando-lhe como prisioneira de guerra uma força de quasi 20:000 homens, dentro das suas proprias muralhas! Cadiz e algumas outras cidades da costa

ctivo deliberante por parte de qualquer dos seus membros só a insolencia e desmedido orgulho de lord Wellington e dos seus aduladores seriam capazes de reputar como cousa criminosa e offensiva para com a sua pessoa, levando-o a representar isto como tal para o Rio de Janeiro ao principe regente, a quem por similhante motivo pediu a sua exoneração do serviço. O conde de Linhares tratou de defender o principal Sousa, seu irmão, n'uma aturada corréspondencia que sobre este ponto teve para Londres durante todo o anno de 1811; e como nada podesse conseguir com ella, o principe regente de Portugal viu-se por fim obrigado a enviar ao principe regente de Inglaterra o decreto da demissão do referido principal, rogando-lhe que, a acha-la justa, expedisse o dito decreto para ter execução. Em consequencia de tão abjecta conducta o principe regente de Inglaterra mandou o citado decreto a lord Wellington com a mesma circumstancia; mas este, julgando-se satisfeito com a baixeza do papel a que forçára a côrte do Rio de Janeiro, e julgando tambem a medida impolitica, não levou a effeito a demissão do principal. Não é portanto verdade inculcar Napier a existencia de uma opposição da parte do governo portuguez de Lisboa contra lord Wellington no anno de 1812 ao começar a sua respectiva campanha, porque essa opposição, se tal se lhe póde chamar, só tinha tido logar em 1810 da parte do principal Sousa, sem haver a menor sombra d'ella no dito anno de 1812. N'uma outra parte d'esta obra tratámos já d'esta materia.

do Mediterraneo, possuidas ainda pelos patriotas, ou estavam cercadas pelos francezes, ou dispostas a lhes abrirem as portas, não havendo força alguma hespanhola sufficientemente capaz em numero e disciplina de poder ter o nome de exercito. Para se ver qual o modo por que os hespanhoes combatiam, bastará dizer que, sendo a perda dos inglezes na batalha de Salamanca de 3:176 homens, e a dos portuguezes de 2:038, a dos hespanhoes foi apenas de 6 homens, 2 mortos e 4 feridos!

O certo é que a Hespanha, tendo desde o principio da guerra levantado na effervescencia do seu patriotismo para cima de 300:000 homens, entre voluntarios e tropa, nos annos de 1811 e 1812 dormitava profundamente quasi toda ella debaixo do jugo francez, e continuaria ainda a dormitar por mais annos, se os inglezes e os portuguezes a não fossem libertar do jugo, que tão pesadamente a opprimia, libertação efficazmente começada pela famosa batalha de Salamanca, que por assim dizer marcou o proximo fim do dominio francez na peninsula. Foi ella quem poz termo ás vergonhosas negociações secretas, que o rei José tinha aberto já com as côrtes de Cadiz, como atrás notámos, negociações a que não eram estranhos alguns dos mais exaltados liberaes, que d'ellas faziam parte, de que resultou acabar n'aquella cidade toda a influencia do chamado partido francez; foi ainda a referida batalha a que novamente despertou a patriotica energia dos hespanhoes, marcando na peninsula uma nova e mais feliz epocha de resistencia contra os exercitos da França; foi tambem ella a que no meio dos gêlos da Russia se apresentou aos olhos de Napoleão como um negro e sombrio presagio da sua proxima ruina; e finalmente foi ainda ella a que, saudada em todo o norte da Europa, e particularmente na Austria e na Prussia, como um principio vivificador da energia dos povos contra a tyrannia do mesmo Napoleão, se olhou como a mais auspiciosa aurora de uma nova epocha para a mesma Europa.

Foi pois ao comprovado valor e exemplar disciplina, patenteados n'aquella memoravel batalha pelo exercito luso-

britannico, e não menos á grande capacidade do seu
mandante em chefe, o marechal general lord Wellingtor
se deveram todos estes bons resultados, sendo portan
referido exercito e ao seu dito commandante, que iguall
se devia o magnifico aspecto que no anno de 1812 ía gr
mente assumindo a guerra da peninsula. Ao valor p
citado exercito e á alta capacidade do referido lord se
seguramente a tomada da Cidade Rodrigo e a de Ba
como precursoras das suas subsequentes e felizes oper
no interior da Hespanha no sobredito anno. Para obs
a estas operações os generaes francezes ajuntaram to
suas forças do norte; evacuaram-se as Asturias para re
Marmont; Cordova, Sevilha e as costas orientaes da H
nha deixaram-se quasi indefezas para que Soult po
avançar de novo para a Extremadura e obstar ali ás
ções de sir Rowland Hill. A ponte de Almaraz, tão
mente defendida como se achava, contendo importante
positos, formava o unico ponto de boa e regular com
cação entre o exercito francez do norte e o do sul; ma
mesmo ponto de communicação, não obstante as suas
defezas, completamente lh'a destruiu uma grande par
exercito luso-britannico, commandado pelo mesmo Hill

Lord Wellington, segurando uma boa base de operaç
fronteira da Hespanha com a já citada tomada da Cidad
drigo e a de Badajoz, poz de parte as suas costumadas
telas defensivas e ousadamente avançou pelo reino de
mostrando um tal grau de confiança, de rapidez e de en
que espantou e confundiu o inimigo, sendo este obrig
fazer, não sem grandes sacrificios, os mais activos e d
dos esforços para obstar á marcha triumphal do m
Wellington. Antes que Marmont juntasse forças bastan
exercito luso-britannico dirigiu-se para Salamanca,
inimigo evacuou, passo que para elle foi das mais fu
consequencias, por ser a cidade de Salamanca o local
tinha feito consideraveis depositos, que todos cairar
poder do vencedor. A sua retirada foi-lhe perseguid
ás margens do Douro, que elle tornou a passar. Foi

que Bonnet, chamado das Asturias, evacuou definitivamente aquelle principado, que immediatamente se cobriu de partidas patrioticas, que lhe fatigaram a marcha até se ir juntar com Marmont em Toro e Tordesillas. Leão foi igualmente abandonada, com a unica excepção da praça de Astorga, que passou a ser cercada pelo exercito hespanhol. Ordenára-se a vinda dos reforços da Biscaya, onde aliás foram detidos pela intempestiva apparição de sir Home Popham na costa d'aquella provincia. Soult, como já dissemos, juntára as suas forças disponiveis, enfraquecendo as que tinha em volta de Cadiz, para vir contra o general Hill, e obstar assim ao progresso das operações de lord Wellington, o que não conseguiu. O mesmo pacifico rei José teve de recorrer ás armas pelo imminente perigo que o ameaçava, e á testa do exercito do centro de que dispunha deixou finalmente Madrid no dia 21 de julho para ir operar na direita de lord Wellington e soccorrer Marmont no grande ataque, que projectava effeituar contra o exercito luso-britannico.

Estas operações, postoque seguidas de outros mais sacrificios em outros diversos logares por parte dos francezes, davam-lhes uma grande superioridade no campo, numericamente fallando, de que resultou dispor-se lord Wellington antes da batalha a recuar de Salamanca para a Cidade Rodrigo. Todavia Marmont, vendo-se reforçado com uma parte do exercito do general Bonnet, e seguido de perto pelo resto d'esse mesmo exercito, repassou do norte para o sul do Douro com hostís projectos, retomando assim a iniciativa das operações, e na sua avidez de gloria, ousou prescindir da cavallaria e artilheria, que esperava lhe viessem das Asturias, bem como dos 15:000 homens que o rei José lhe trazia de soccorro, para depois se lançarem todos contra lord Wellington, o que por bem pouco esteve para succeder[1]. A sua imprudencia

[1] O que acima se diz é fundado sobre as accusações feitas por Napoleão contra Marmont e o rei José, seu irmão, os quaes podiam aliás prejudicar muito as operações de lord Wellington, se porventura soubessem aproveitar-se das circumstancias occorrentes. José foi pois accusado pelo imperador de ter marchado muito tarde em soccorro do exer-

não escapou á penetrante vista d'este general, que por u
sabia retirada o foi gradualmente attrahindo a si, até o p
fóra do alcance dos soccorros, que dentro em pouco se l
deviam unir, a ponto de que, quando elle Marmont atrav
sava o Tormes, e julgava ter quasi effeituado o seu proje
de aniquilar o seu adversario, foi este quem sobre elle d
carregou o terrivel golpe da batalha de Salamanca, que
manho desbarate lhe causou no exercito, e tanto pela b
lhe transtornou o plano de campanha que projectára, se
tambem ella a que decidiu a sorte da peninsula, ficando
Marmont fóra do commando do exercito pelos graves ferim
tos que n'essa mesma batalha recebeu, e seguidamente a
os que tambem recebeu o seu immediato, o general Bon

Clausel, que por fim os substituira, aproveitando-se
poucas horas da obscuridade da noite, que depois da bat
lhe restavam, foi passar o Tormes na estreita ponte de A
assim como nos vaus que estão para baixo d'ella: a sua
vidade e diligencia foram admiraveis, de modo que ao r
per do dia estava elle já em plena retirada para Peñara
levando a sua retaguarda em boa ordem, o que todavia
embaraçou que os alliados lhe fizessem prisioneiros os
batalhões de que acima se fallou. Clausel, continuando a
marcha sem mais perda alguma, foi na noite de 23 de j
ficar a Flores de Avila, treze leguas distante do campo da
talha, indo no dia 24 a Arevalo, escolhendo com muito j
o itinerario da sua retirada, effeituada com admiravel ord

cito de Portugal. «Este movimento, disse elle, devia ter sido feit
mez antes. Depois da batalha o exercito do centro deveria marcha
bre o Douro, e reunir-se ás tropas batidas. Porque rasão se aband
ram tão cedo os desfiladeiros de Guadarrama? Porque se não queim
os armazens do Retiro, se não quebraram os reparos e carretas das
de artilheria, e se não trouxeram as aguias e a guarnição?» Em
estas accusações são justas; mas quanto ás queixas contra Marmon
não esperar pelos soccorros do norte e pelos que o rei José lhe t
diz elle que o aviso da proxima chegada das tropas do norte só o
beu na tarde de 21, quando o seu exercito se achava já do outro
do Tormes, não tendo jamais recebido noticia alguma da march
exercito do centro.

25 parou lord Wellington junto dos rios Zapardiel e
esperando ali pelo commissariado. O rei José saíra
a parte de Madrid, como já se disse, no dia 21 de ju-
m 12:000 infantes, 2:000 cavallos e 30 peças de arti-
figurando n'este seu exercito a divisão italiana de Pa-
i, que tinha vindo de Aragão. O mesmo rei José a
ıamado para augmentar as suas forças, tendo ella en-
m Madrid no referido dia 21. No dia 25 estabelecêra
José os seus postos avançados em Blasco Nuno, fa-
he os alliados alguns prisioneiros de cavallaria com
iciaes. José ainda por então ignorava a resolução que
nt tivera de batalhar em Salamanca, sem esperar por
i no citado dia 25 que uma carta do general Clausel,
dè Arevalo, lhe deu a noticia do mau exito d'aquella
, e da necessidade em que elle Clausel se achava de
sar o Douro quanto antes com o exercito de Portugal
nmandava, a fim de salvar os depositos de Valladolid,
lecer novas communicações com o exercito do norte.
ei José houvesse mais vontade de se juntar a Marmont
concurso com elle fazer rosto aos alliados, prescin-
ara este fim do chamamento de Palombini, poderia
r saído de Madrid no dia 18, e n'este caso teria pelo
feito a sua juncção com Clausel. Apesar de ter d'ella
mente no dia 21, podia ainda assim reunir-se áquelle
, em rasão da já citada paragem de lord Wellington
25, e se assim o não fez, proveiu isso de julgar que
se lhe iria reunir, de que resultou retirar-se para
ama. Se porém fosse mais perspicaz e tivesse a vir-
dar de mão aos seus caprichos magestaticos, deveria
aso lembrar-se de que, não tendo por si um exercito
perseguido, como o de Clausel, toda a liberdade de
ra a elle rei José a quem em tal caso cumpria ir
e áquelle general.
na foi para lord Wellington que assim não succe-
oisque, a reunir-se o exercito do centro ao de Portu-
ucos dias bastavam para novamente se juntar contra
n do Douro um exercito de 40:000 francezes de in-

fanteria (sem comprehender as divisões de Caffarelli) com mais 6:000 de cavallaria e uma poderosa artilheria. Similhante exercito teria feito sem duvida parar a marcha triumphal dos alliados sobre Madrid, inferiores como em tal caso lhe estariam em numero, mesmo depois dos reforços que lhe chegaram a Salamanca, pois no dia 22 de julho teriam ainda assim menos 3:000 homens do que os seus contrarios. Sobre isto acrescia mais que a Madrid haviam tambem chegado no dia 30 uns 2:000 homens enviados por Suchet, podendo igualmente marchar sobre aquella capital mais 6:000 para 7:000 homens de outras praças visinhas a ella para defenderem o Retiro. Mas a verdadeira causa de tantas perplexidades e faltas era com effeito o funesto desaccordo que havia entre os generaes francezes. Clausel queria chamar a si para trás do Douro o rei José, ao passo que este tinha na conta de obrigação dever aquelle marchar para Madrid para se lhe reunir. Seja porém como for, o certo é que cada um d'estes planos tinha por si vantagens, e a adopção de qualquer d'elles teria feito mudar a face das cousas, fazendo trepidar lord Wellington. José, porém, não cedendo por si, saíu no dia 27 da aldeia de S. Rafael em direcção a Segovia, onde se demorou até ao dia 31, esperando debalde por Clausel, cujo amor proprio se tornou tambem inquebrantavel, poisque pela sua parte julgou dever igualmente esperar por José nas visinhanças de Tudela, em consequencia de uma marcha que com estas vistas fizera, espectativa em que tambem foi illudido. Não lhe tendo apparecido Clausel, José continuou a retrogradar no dia 31 em direcção obliqua ao flanco dos alliados, sem abandonar as faldas das montanhas de Guadarrama, nem deixar de cobrir Madrid, protegendo assim a retirada do exercito de Portugal, e ao mesmo tempo ameaçando o citado flanco direito do exercito luso-britannico. Todavia lord Wellington não desistiu de perseguir e apertar seriamente com o general Clausel, obrigando-o por fim a se retirar para Burgos, e a abandonar-lhe Valladolid, onde elle lord Wellington entrou no dia 30, sendo acolhido pelos seus habitantes com todas as de-

strações de alegria. Ali deixaram ficar os francezes 17
s de artilheria, a par de uma grande quantidade de ba-
bombas, não fallando n'um hospital com 800 doentes
dos.
a sua parte os guerrilhas da Castella Velha, espalhados
olta do exercito luso-britannico, ajudavam-no a perse-
os francezes na sua retirada, chegando o chefe Marqui-
fazer-lhes 300 prisioneiros no mesmo dia 30 perto de
olid. Alem d'isto lord Wellington era igualmente auxi-
nos seus movimentos pelo exercito hespanhol da Gal-
commandado pelo general Santocildes, que comsigo
ins 12:000 homens, em que entravam 600 de cavalla-
conde de Amarante tambem pela sua parte o auxiliou,
do em Hespanha com as milicias portuguezes de Traz
ntes, com as quaes chegou a ir sitiar Zamora. Lord
igton não se demorou muito em Valladolid, porque não
ido de vista embaraçar a juncção do exercito do rei
om o de Portugal, que se dizia haver de se fazer na
superior do Douro, deixou ao centro e á esquerda do
ercito o cuidado de conterem Clausel, fazendo mover
ta ao longo do rio Cega; e indo no dia 1 de agosto es-
cer o seu campo em Cuellar, conseguiu por este modo
r effectivamente o exercito do centro do de Portugal.
ido sobre modo honroso para os seus talentos militares,
io das difficeis circumstancias em que se viu collocado.
dia 31 de julho que o rei José, tendo perdido a espe-
de se lhe juntar Clausel com o exercito de Portugal,
a Segovia, sem pensar em mais nada do que em effei-
sua marcha retrograda para Madrid, ao mesmo tempo
rd Wellington se dispunha a expelli-lo para fóra d'esta
, persuadido de que similhante empreza faria grande
não só entre os hespanhoes, mas até mesmo nos mais
s da Europa, trazendo após de si os mais felizes resul-

rama. Sobre o Douro deixára lord Wellington 18:000 ho
com os generaes Clinton e Anson para, como já not
conterem o exercito de Clausel, levando comsigo 28:0
glezes e portuguezes, e os 3:500 hespanhoes de D.
de Hespanha. Ainda que o rei José não tivesse recebi
Madrid os 10:000 homens pedidos por elle ao marechal
em 19 de junho e 6 de julho, cousa a que o dito mare
recusou, tinha todavia bastantes forças para defender
filadeiros de Guadarrama; mas empregando n'esta
sómente parte das suas tropas, dirigiu-se com as mai
a Serra Morena, indo com elle as bagagens da côrte e
ferentes pessoas, que se tinham ligado á sua fortuna p
Este plano fôra resolvido em Segovia, sendo igualme
lá que partíra a ordem imperativa ao marechal Soul
definitivamente evacuar a Andaluzia, marchando a re
ao exercito do centro nas fronteiras da Mancha.

A principal força do exercito luso-britannico que c
levava lord Wellington, dirigindo-se para a Castella
passou sem embaraço algum os desfiladeiros de Guad
nos dias 9, 10 e 11 de agosto. Um pequeno corpo de
laria allemã e a cavallaria portugueza do general D'
com algumas tropas ligeiras precediam a marcha da
força, e encontrando-se no dia 11 com cousa de 2:00
cezes de cavallaria, fingiram estes retirar-se para d
virem contra os alliados, que encontraram em face d
lahonda. Á vista d'isto D'Urban ordenou então o at
cavallaria portugueza do seu commando, a qual, em
o executar com valor, ao contrario d'isto fugiu, torna
causa de caírem nas mãos do inimigo tres peças de art
a cavallo, que derrubára no impeto da sua fuga, sendo
occasião que o visconde de Barbacena muito se dis
pelo seu valor, escapando-se dos francezes, nas m
quem tinha caido. Toda a cavallaria allemã, conduzi
com a sua costumada bravura, preveniu felizmente o
effeitos, que podiam resultar do desaire, occasionad
portuguezes, sendo ella a que conteve os francezes p
de Majalahonda. N'este combate da vanguarda perde

alliados 200 infantes e 120 cavallos, perda que as *Victorias e Conquistas* elevam a maior numero. Ainda por este tempo o comboio do rei José se achava para áquem do Tejo, tendo lord Wellington a generosidade de o deixar passar livremente.

Não obstante o desastre de Majalahonda, o mesmo lord Wellington entrou no dia 12 de agosto em Madrid, abandonada precipitadamente no dia anterior pelo rei José, que d'ella saiu novamente com a approximação dos alliados, seguindo a estrada de Toledo, depois de ter deixado um corpo de 1:800 homens de boas tropas, encerrado nos intrincheiramentos do Retiro para guarda dos doentes e feridos. Batiam pela manhã do citado dia 12 dez horas nos relogios, quando os repiques dos sinos, aturdindo Madrid, annunciavam aos seus moradores a chegada dos alliados e dos principaes chefes guerrilheiros, que com elles iam, taes como D. João Martin, o *Empecinado*, e D. João Palaera. Seguia-se-lhes depois lord Wellington, que entrou pela porta de S. Vicente, onde a municipalidade, formada de novos membros, o foi solemnemente receber e o conduziu á casa da camara; apresentando-se na varanda, acompanhado do *Empecinado*, a multidão o saudou com enthusiasticos vivas, que se repetiram por occasião da entrada das tropas. O logar de governador de Madrid confiou-se a D. Carlos de Hespanha, proclamando-se no dia 13 a constituição de Cadiz, acto a que presidiram D. Miguel Alava e o mesmo D. Carlos de Hespanha. No citado dia 13 começou-se a bater em brecha o Retiro pelas seis horas da tarde. Era defendido por tres linhas, a primeira das quaes foi n'aquella mesma tarde atacada pelo general Packenham, que desalojou do Prado os postos inimigos e de todo o recinto exterior, penetrando no mesmo Retiro pelos muros, que dão sobre o jardim botanico, e pelos que estão em frente da praça dos Touros, perto da porta de Alcalá. Na manhã seguinte, quando o mesmo general se dispunha a atacar a segunda linha, o coronel Lefond, que era o governador d'aquelle ponto, entregou-se á discrição.

Depois que saíra de Madrid, o rei José supplicára debalde aos differentes marechaes francezes o enviarem-lhe os preci-

sos soccorros, que o habilitassem a rebater a marcha triumphal de lord Wellington, e a entrar novamente na capital da Hespanha. Clausel porém respondêra-lhe que, impossibilitado o exercito do seu commando de fazer frente ao exercito luso-britannico, achava-se em completa retirada para Burgos, nada lhe podendo fornecer. Soult, ignorando ainda os desastres experimentados por Marmont em Salamanca, não se conformava em abandonar a Andaluzia, os estabelecimentos que n'ella tinha feito, os seus armazens de depositos, e um immenso material de artilheria: repugnava-lhe tambem de todo o coração deixar ao desamparo os seus hospitaes cheios de doentes, e levantar o cerco de Cadiz, perdendo assim tres successivos annos de improbos trabalhos, destinados a tomar aquella cidade. Suchet dava pela sua parte a noticia de que uma expedição vinda da Sicilia contra elle, tinha desembarcado já em Alicante, onde para o mesmo fim se estava organisando um formidavel exercito. Indignado pois contra Soult, e cuidadoso sobremaneira a respeito de Suchet, o mesmo José Buonaparte abandonou a marcha que levava sobre a Serra Morena, decidindo-se por aquella causa a seguir para Valencia, como praticou no dia 15 de agosto. Entretanto lord Wellington não se esquecia, no meio da brilhante recepção e das enthusiasticas acclamações dos habitantes de Madrid para com elle, das suas operações da Andaluzia, tendo por esta causa os olhos fitos em Sevilha. Antes dos alliados terem atravessado a serrania de Guadarrama, sir Rowland Hill recebêra ordem de ter o seu exercito prompto a avançar sobre o valle do Tejo, se porventura o general Drouet marchasse em soccorro de José Napoleão; mas sendo depois informado de que este se dirigia para Valencia, o mesmo Hill teve ordem de combater Drouet, e até mesmo de o perseguir na Andaluzia. Ao mesmo tempo o general Cooke devia preparar um ataque e assaltar as linhas inimigas de Cadiz, emquanto que Ballesteros operaria pelo lado de Gibraltar. Por este modo esperava lord Wellington embaraçar o marechal Soult de mandar reforço algum ao rei José, e até mesmo obriga-lo a evacuar inteiramente a And

luzia, sem que elle Wellington tivesse pela sua parte de fazer para isto alguma marcha. Quando por estas medidas não podesse conseguir o seu fim, estava resolvido a tomar comsigo 20:000 homens dos que tinham entrado com elle em Madrid, e a ir com elles reunir-se ao general Hill para expulsar os francezes do meio dia da Hespanha. Todavia estes o preveniram, antecipando-lhe os desejos.

O rei José, altamente indisposto contra os generaes francezes, que tão desobedientes se lhe mostravam, não pensava senão em recuperar Madrid, buscando para este fim reunir todas as forças que podesse para dar batalha a lord Wellington, e com estas vistas ordenou novamente ao marechal Soult por terminante modo que abandonasse a Andaluzia. Este, porém, pensando de outra maneira, mesmo depois que soube o desastre de Salamanca, reputava que o total abandono d'aquella bella provincia era equivalente á perda total do dominio francez na Hespanha. A reunião de 80:000 francezes que n'ella se effeitue fará seguramente, dizia elle com muito bom senso, mudar o theatro da guerra; lord Wellington, obrigado a defender Lisboa, sua principal base de operações, retrocederá promptamente para esta cidade, e n'este caso o exercito de Portugal o poderá novamente seguir até ao Tejo; a linha de communicação com a França restabelecer-se-ha pela costa oriental, e o definitivo resultado da campanha não póde deixar de ser em favor dos francezes; finalmente póde-se sem receio dar uma batalha nas vizinhanças de Lisboa. Marchae portanto com o exercito do centro sobre Despenha-Perros, e reuni todas as forças na Andaluzia, e tudo mais irá posteriormente bem. Este pensar de Soult era realmente acertado e filho de um são juizo; mas José é que lhe não percebia a vantagem, dominado por outras idéas, de que resultou instar fortemente com Soult para que effectivamente abandonasse a Andaluzia e se dirigisse para Valencia, o que por fim teve de fazer. Em consequencia d'isto os postos mais afastados de Cadiz e de menor importancia foram os primeiros que elle chamou a si, seguindo-se depois os das linhas, que estavam em frente da ilha de Leão. Sabendo

que a retirada de Drouet era para Toledo, cousa que julgava nociva, fez com que a linha da dita retirada se dirigisse para Murcia, seguindo depois para Granada. No dia 25 de agosto encravou elle um sem numero de peças de artilheria, computadas em 1:000 pelo coronel Napier, destruiu-lhes igualmente as munições correspondentes, fazendo o mesmo ás obras de Chiclana, de Santa Maria e do Trocadero. Por este modo cessou o bloqueio da ilha de Leão, no mesmo momento em que o bombardeamento contra Cadiz se tornava mais activo e funesto para os sitiados, tendo durado assim por dois mezes consecutivos, causando extraordinario incommodo áquella praça. Viram-se arder os intrincheiramentos e as baterias inimigas: ouviu-se a explosão dos depositos de polvora, que saltaram aos ares, e o povo caditano, louco de alegria, adquiriu finalmente a certeza de se ver inteiramente livre de um sitio, que tanto o amargurava, durando quasi sem interrupção desde o principio de 1810, ou mais de dois annos e meio. Foi pois na manhã do citado dia 25 de agosto que os postos da linha inimiga foram definitivamente evacuados, tendo o exercito sitiador principiado a sua retirada, coberta por um corpo de 2:000 homens de cavallaria, que Soult lhe enviára para esse effeito no antecedente dia. Foi este portanto mais um dos importantes resultados, se é que não o mais importante, da celebre batalha de Salamanca, seguramente a que manifestamente fez pender a sorte das armas em favor da causa da peninsula, até ali, por assim dizer, incerta e vacillante.

Á vista pois d'este facto as tropas alliadas de Cadiz saíram a tomar posse das baterias inimigas, conseguindo estorvar que muitas d'ellas fossem destruidas pelas mechas que para esse fim os inimigos tinham deixado accesas. A retirada foi tão precipitada, que os francezes deixaram uma grande quantidade de petrechos uteis, que caíram em poder dos alliados, e para cima de 400 peças montadas, das quaes pelo menos metade ficou em bom estado. Desde então os hespanhoes, querendo tornar Cadiz inexpugnavel, aproveitaram as fortificações do Trocadero, convencidos de que, occupado por

caditanas, ficaria a cidade ao abrigo de um novo bom-
amento. Com a retirada dos sitiantes a guarnição de
a, as forças da Serra de Ronda, e as de todos os mais
, que os francezes occupavam na costa, reconcentra-
em Sevilha, tomando juntamente todas as ditas forças
ção de Cordova, durante o dia 26, levando Soult á sua
Entretanto a expedição desembarcada em Huelva, na
le 4:000 homens hespanhoes, inglezes e portuguezes,
ndados pelo coronel Skerret e general Cruz Murgeon,
ectamente marchando para Sevilha, e no dia 27 pela
entrou n'aquella cidade, onde ainda se achava a reta-
de uma divisão franceza que destroçou, sendo aquella
uxiliada pelo povo, causando á inimiga a sensivel perda
homens em mortos e feridos, e estorvando-lhe a des-
de muitos armazens, estabelecimentos e petrechos
que ella não teve tempo de verificar. N'este combate
ou um batalhão do regimento portuguez n.º 20, que se
rtou valorosamente [1]. Por este modo se libertaram,
podiam considerar libertas, as provincias hespanholas
rcia e Andaluzia, bem como as da Extremadura, Leão,
, Mancha e a maior parte das duas Castellas, quasi
evido á famosa batalha de Salamanca, ao comprovado
exemplar disciplina do exercito luso-britannico, e ás
e profundas combinações de lord Wellington, seu com-
nte em chefe. Seja porém com for, certo é que este
l pozera em movimento contra si e o seu respectivo
o todas as tropas francezas da Andaluzia e Extrema-

egimento portuguez n.º 20, que, como já vimos, fazia parte da
io de Cadiz, tivera por commandante o tenente coronel Bushe,
or causa dos ferimentos graves que recebeu na batalha da Bar-
5 de março de 1811. Alem d'este official, tinha mais o dito re-
a seguinte officialidade: 2 majores, 2 ajudantes, 10 capitães,
lternos, 58 sargentos e 58 cabos de esquadra. A sua força no
do effectivo devia ser de 1:512 praças de pret. Alem dos tra-
las baterias, em que se empregavam 600 homens d'este corpo,
a elle diariamente os postos da Casa Benta, Cano de Hervera
los, não faltando no piquete e guarnição, que tambem tinha na
rda e Moinhos de Sanctibano.

dura. Ballesteros passou pela sua parte as montanhas de Ronda para perseguir os flancos do inimigo, ordenando-se ao general Hill que avançasse contra Drouet.

Como já vimos, o general Hill havia-se retirado nos fins de maio para o seu antigo acampamento das fronteiras de Portugal, depois da sua feliz e arrojada empreza da ponte de Almaraz. Pouco tempo porém se demorou no seu dito acampamento, do qual saíu nos fins de junho, seguindo a estrada real de Madrid, em consequencia das ordens que para isso teve, poisque Soult, reunindo a si em Antequera as tropas da serra de Ronda e as dos mais pontos da costa, demorára-se onze dias em Granada, esperando que Drouet se lhe fosse ali tambem reunir. Em consequencia pois das ordens de Soult, o mesmo Drouet começára a retirar-se para l'Azagua, o que fez com que Hill se dispozesse a occupar Merida, destinando para este fim uma divisão, que chegou a atravessar o Tejo, nada se oppondo á sua marcha até ao dia 24 de julho, em que achou pela sua frente o general Lallemand com os seus tres regimentos de cavallaria no sitio da Ribeira del Fresno, na Extremadura hespanhola. Para reconhecer estas forças ordenou o coronel João Campbell, do regimento portuguez de cavallaria n.º 4, que o seu tenente coronel, conde de Penafiel, á testa do sobredito corpo, e o coronel João da Silveira, á frente do regimento de cavallaria n.º 3 da mesma nação, saíssem dos seus acantonamentos para a planicie. Fazendo-o assim, a superioridade da força inimiga os conteve em respeito, sendo por fim obrigados a retirar, o que executaram em muito boa ordem e regularidade, escaramuçando sempre com os francezes na sua marcha, constantemente regular e na devida fórma até se irem metter em linha com a brigada do general Long da cavallaria britannica, em frente de Villa Franca. Seguiu-se a isto avançarem novamente os dois ditos regimentos, sendo apoiados pela artilheria ingleza a cavallo e por um esquadrão do regimento de hussards hanoverianos, o que proporcionou ao bravo coronel João da Silveira fazer uma brilhante carga contra a retaguarda do inimigo com o regimento de

cavallaria n.º 3 do seu commando, seguido immediatamente pelo de n.º 4 em escalão. N'esta carga teve o regimento n.º 3 a perda de 2 soldados mortos e 2 feridos, alem de cavallos. Vendo-se pois Lallemand atacado assim de frente pelas forças do general Long, e ameaçado tambem no seu flanco esquerdo pelo general Slade, não pôde passar o desfiladeiro de Ribera, sendo por fim repellido para Llerena, que estava a sete leguas de distancia, depois de ter perdido homens e muitos cavallos. Drouet, querendo reparar este desaire, executou immediatamente uma marcha de flanco na direcção de Merida, de que resultou fazer o general Hill um movimento correspondente por meio do qual chamou o general francez para Zalamea de la Serena, para onde elle Hill effectivamente se dirigiu. Apesar porém das positivas ordens de Soult para dar combate aos alliados, Drouet só cuidou em proseguir na sua retirada, deixando a Extremadura para ganhar Cordova, e por fim Jaen e Huescar. Reunido portanto a Soult, este general ali juntou debaixo das suas immediatas ordens um respeitavel exercito, que contava ...:000 homens, incluindo 6:000 de cavallaria, alem de 72 peças de artilheria.

Entretanto o general Hill, continuando na sua marcha em perseguição de Drouet, depois que se passára da margem esquerda do Tejo para as do Guadiana, foi em rasão d'isto por causa a que o regimento portuguez de cavallaria n.º 4 se empenhasse novamente em combate com o inimigo nos dias 26 e 29 do referido mez de julho em Alange e o regimento de cavallaria n.º 3 da mesma nação em Zarza de Alange nos dias 29 e 30. A 19 de agosto dava a ala direita das forças do mesmo Hill o combate de Almendralejo, em que entraram os regimentos portuguezes n.ºs 3 e 4 de cavallaria e a brigada de 4 e 10 de infanteria da mesma nação com caçadores n.º 10 e artilheria n.º 1. Por este modo se approximou o general sir Rowland Hill do marechal Soult, ameaçando-lhe o flanco esquerdo, ao passo que Ballesteros lhe ameaçava o direito. Lord Wellington podia pela sua parte descer para Despenha Perros, para de concurso com

o mesmo Hill embaraçar a marcha de Soult, o qual pela sua frente tinha as forças de Murcia, e pela sua retaguarda as do coronel Skerret e general Cruz Murgeon; alem d'estes, outros mais embaraços de não menor monta se apresentavam ao referido marechal contra a sua começada marcha para Valencia, entre os quaes se contavam as muitas bagagens das suas tropas, e os seus doentes, feridos e amputados, que se elevavam a perto de 9:000 homens. A melhor estrada que tinha a seguir para passar a Valencia era a de Murcia; mas achando-se por então esta provincia devastada pela febre amarella, o mesmo Soult marchou através das montanhas por Huescar, Cehegin e Calasparra, d'onde depois se dirigiu por Hellin para Almanza, sobre a estrada real de Madrid, effeituando-se assim a juncção de todas as forças francezas no dia 3 de outubro. Por este modo conseguira Soult por uma maneira digna da sua reputação operar uma marcha difficil e com mais de cem leguas de extensão, a maior parte das quaes as andou por montanhas de difficil transito, atravessando uma população hostil. Alem de tão graves embaraços, no meio dos quaes pôde reunir a si todas as divisões do seu exercito, teve tambem os que lhe oppunha o general Hill, que o ameaçava com uma força de 25:000 homens, em cujo numero entravam as tropas de Morillo e de Penne-Villemur. O mesmo lhe fazia tambem o general Ballesteros, que reforçado pelas tropas de Cadiz e pelos desertores, juntára perto de 20:000 homens, achando na ilha de Leão 14:000 soldados. O general Skerret e Cruz Murgeon, desembarcados em Huelva com 4:000 homens, entre hespanhoes e inglezes, tambem pela sua parte vieram auxiliar a perseguição feita a Soult, não fallando nas numerosas partidas de guerrilhas que havia, fazendo o mesmo. Entretanto o marechal, apesar de tão graves difficuldades e da seria perseguição de todas estas forças contra si, pôde levar com o seu exercito todos os seus comboios e doentes. Isto, e o que tambem em 1809 tinha já praticado em Portugal, quando no dito anno se viu obrigado a deixar o Porto, são inquestionaveis provas da sua grande capacidade militar, não sendo

portanto immerecidos os elogios que por esta causa se lhe tem tributado.

Emquanto isto se passava nas provincias orientaes e meridionaes da Hespanha, lord Wellington achava-se em Madrid, cidade onde por algum tempo se conservou inactivo pelos seguintes motivos. Se depois da sua entrada n'aquella capital elle tivesse os meios pecuniarios de que precisava para poder pagar os viveres necessarios á sustentação do seu exercito, e se a par d'isto se desse igualmente a circumstancia da febre amarella não devastar tão terrivelmente, como estava devastando, o reino de Murcia, seguramente elle se lançaria em perseguição do exercito do centro, e reunindo a si os restos dispersos das forças hespanholas, procuraria, de concerto com a expedição da Sicilia, bater o duque de Albufeira, antes de Soult se lhe reunir. A não fazer isto, podia tambem, como já dissemos, juntar-se ao general Hill em Despenha-Perros, e de concurso com elle caír depois sobre o exercito da Andaluzia, em marcha como se achava para Valencia, posto que similhante movimento lhe poria em risco a sua communicação com o Douro. Impossibilitado portanto de tomar qualquer dos dois ditos expedientes, adoptou o partido de se demorar em Madrid até que Soult evacuasse a Andaluzia, o que elle não tinha por certo, emquanto não soubesse ter abandonado Cordova. A posição ordenada por elle ao general Hill habilitava-o a seguir com bom exito o plano de operações, que mais conta lhe fizesse. Logoque os francezes saíram de Madrid ordenou elle ao mesmo Hill que avançasse para Zamea de la Serena, d'onde dominava os desfiladeiros, que na sua frente se dirigiam para Cordova, os que na sua direita seguiam para a Mancha, e os que na sua retaguarda íam para o Tejo pela estrada de Truxillo. Por este modo podia Hill ir facilmente reunir-se a lord Wellington, ou perseguir Drouet na sua marcha para Granada, ou finalmente postar-se entre Soult e Madrid, quando este se dirigisse para Despenha Perros. No emtanto as já citadas tropas do coronel Skerret e Burgion marchavam a reunir-se ao mesmo Hill, o que tambem fazia a tropa luso-britannica, que formava parte da

guarnição de Cadiz, habilitando assim o seu exercito a entrar em linha regular de operações. De Zalamea de la Serena Hill dirigiu-se para a ponte de Almaraz sobre o Tejo com as divisões de Morillo e Penne Villemur, para operar de concerto com as mais tropas luso-britannicas, entradas já na Castella Nova, debaixo do immediato commando de lord Wellington, o qual, havendo com ellas tomado Madrid, conseguiu por este facto animar os hespanhoes a defenderem a sua patria, alcançando igualmente desenvolver na Europa uma impressão favoravel entre os amigos da boa causa, que era a da libertação geral da mesma Europa.

Emquanto pois, senhor de Madrid, pensava no partido que mais lhe convinha adoptar, recebeu elle a noticia de que o general Clausel havia tomado a offensiva. Tinha este general entrado no dia 18 em Valladolid com 18:000 infantes, 2:000 cavallos e 50 bôcas de fogo. Foy achava-se por então em marcha para Salamanca, cidade de que esperava assenhorear-se sem grande difficuldade, o que talvez conseguiria, se o movimento de lord Wellington, quando se dirigiu para o norte, não obrigasse Clausel a chama-lo. Á vista pois d'isto o mesmo lord Wellington decidiu-se effectivamente a seguir quanto antes para o Douro, resolvido a ir sitiar Burgos, castello que não só lhe era indispensavel tomar para assegurar a sua linha de operações no norte, mas até lhe facilitava a execução dos movimentos e operações, que concebêra contra Murcia, poisque apoiado sobre o referido castello, um fraco corpo de tropas lhe bastava para ter em respeito o exercito de Portugal, emquanto que pela sua parte podia elle com forças de maior vulto marchar contra o dito reino de Murcia, onde o general Ballesteros com os 20:000 homens já acima mencionados, e os 16:000 vindos da Sicilia e desembarcados em Alicante se lhe podia ir juntar[1]. Decidido pois a ir contra Clausel, á testa das divisões primeira,

[1] É manifesto o acerto d'estas combinações, que aliás foram transtornadas pelas occorrencias, que obrigaram lord Wellington a levantar o cerco de Burgos, como em breve veremos.

, sexta e setima, destinou para guarnecer Madrid e
mmediações a terceira, quarta e a divisão ligeira, ele-
-se toda esta força a uns 30:000 homens, a que aggre-
ais outros tantos hespanhoes, para se opporem aos
zes, no caso de que intentassem tomar novamente
a capital. Bem sabia elle que para esta empreza os
os francezes não podiam dispor de mais de 50:000 ho-
a não se quererem arriscar a perder Valencia. Não
hecia tambem que similhante força bateria sem diffi-
le em campanha rasa o heterogeneo exercito, que dei-
m defeza de Madrid; mas esperava elle que antes da
o dos exercitos francezes cairiam algumas chuvas, as
habilitariam o general Hill a oppor-se á passagem do
o por tanto tempo, quanto necessario fosse para que
cipal força do seu exercito acudisse de Burgos áquella
l.

as pois estas disposições, lord Wellington saíu com
de Madrid no dia 1 de setembro para Arevalo, d'onde
4 se dirigiu para o Douro, que atravessou no dia 6
us de Ucrera e Arroyo, entrando no dia 7 em Valla-
Com a sua approximação os francezes evacuaram na
ntecedente esta cidade, retirando-se em direcção á de
s. De Valladolid continuaram os alliados na sua perse-
a Clausel, indo no dia 16 até Toro, perto da dita ci-
de Burgos, reunindo-se em Pampliega ás forças de
Vellington tres divisões de infanteria e um pequeno
de cavallaria, pertencentes ao exercito da Galliza, ou
mado sexto exercito, na força de 12:000 infantes,
vallos e 8 peças de artilheria, levando á sua frente o
l D. Francisco Xavier Castanhos. Os francezes, to-
no citado dia 16 posição nos altos, que estão por trás
ada del Camino, pareceram quererem ali sustentar-se;
ispondo-se lord Wellington a ataca-los na manhã do
, d'ali se retiraram para uns altos, que estão já perto
rgos, cidade que tambem em seguida abandonaram
a noite, indo entrar n'ella no dia 18 as forças luso-
icas. Á saída de Burgos foi-se reunir a Clausel uma

porção de infanteria do exercito do norte na força de 9:000 homens, commandados pelo general Caffarelli, o qual e o mesmo Clausel continuaram na sua retirada para Breviesca, depois de terem deixado no castello de Burgos uma guarnição de 2:500 homens, segundo o computo de lord Wellington, e por governador o general Du Breton, militar de grande coragem e summa capacidade. Na antiguidade o castello de Burgos foi muito forte, magestoso e quasi inaccessivel. A sua força defensiva foi ainda consideravelmente augmentada por Henrique II; mas os seus muros foram quasi inteiramente arruinados pelo partido, que em Hespanha se chamára de Portugal, durante a questão da *infeliz senhora*. Todavia a rainha Izabel o reconstruiu, e assim subsistia ainda no anno de 1736, quando um foguete, lançado ao ar na cidade por occasião de uma festa, lhe foi caír dentro e lhe deitou o fogo, sem que pessoa alguma se movesse para o apagar, durando o incendio por muitos dias. Acha-se o referido castello construido sobre um escarpado rochedo de fórma oblonga, sendo na sua parte inferior cercado por uma obra descoberta, mas de difficil accesso[1]. Entre o citado rochedo e o rio Arlanzon fica a cidade de Burgos. Uma antiga muralha com um novo parapeito e com flancos, recentemente construidos pelos francezes, formava, segundo John Jones, a primeira linha de defeza. Uma segunda linha corria interiormente, feita de terra, e por modo analogo ao de um intrincheiramento de campanha, mas muito bem palissada. Alem das duas linhas descriptas, havia mais uma terceira, construida pelo mesmo modo da antecedente, comprehendendo dentro em si dois altos ou cabeços, fazendo parte do citado rochedo. N'um d'elles, que ficava para o lado do suburbio de S. Pedro, olhando para a parte do poente, achava-se um edificio intrincheirado, chamado Igreja Branca, vendo-se no outro cabeço uma torre ou antigo corpo da guarda, que olhava para a parte do nascente. Este cabeço era o mais elevado dos dois, e não só se achava intrincheirado, mas até mesmo

[1] Veja a estampa n.º 25.

coberto por uma obra acasamatada, chamada bateria de Napoleão, a qual dominava todo o terreno que lhe ficava em volta, menos o da parte do norte. A totalidade das obras do castello comprehendia portanto tres recintos, entre si bem distinctos e separados uns dos outros. Dominava elle as passagens do rio Arlanzon que o avizinha, bem como as estradas que com elle communicam, e por maneira tal, que as tropas alliadas só poderam passar o dito rio no dia 19, effeituando esta operação em duas columnas, atravessando-o acima da cidade a quinta divisão, a brigada portugueza do general Pack, e a cavallaria ingleza do general Anson.

Os francezes tinham trabalhado muito em fortificar o castello de Burgos: as duas primeiras linhas de que já fallámos eram cheias de reductos e eriçadas de canhões, circumdando a collina sobre que assentava. O fim do inimigo era o fazer de Burgos um bom posto fortificado, que lhe cobrisse o unico deposito de munições e viveres que ainda lhe restava. N'um monte vizinho, chamado de S. Miguel, não dominado pelo castello, do qual está separado por uma profunda ravina, tinham os francezes construido um hornaveque, de que resultava dominar aquelle alto algumas das obras do mesmo castello na distancia de uns 350 metros. Outras mais partes do dito alto se achavam occupadas com flexas e varias outras obras, para servirem de protecção aos seus piquetes e postos avançados. O material dos defensores consistia em 9 peças de grosso calibre, 11 de campanha e 6 morteiros e obuzes. Os aprovisionamentos de guerra eram consideraveis, mas faltava-lhes madeira e materiaes de sitio. Os edificios tambem não eram á prova de bomba, dando-se mais o grande inconveniente de não haver reservatorio de agua potavel[1]. Na obra destacada, existente no monte de S. Miguel, havia um batalhão para a defender, um segundo

[1] N'uma carta de Caffarelli para o ministro da guerra na data de 6 de novembro de 1812 diz elle: «Desde os primeiros dias a guarnição vira-se exposta a uma das mais terriveis precisões da vida, tal era a da falta de agua. Alem d'isto não tinha abrigo algum, e o mau tempo a levou a jazer quasi sempre na lama e na humidade».

occupava a igreja de S. Romão, posto importante, contiguo ao castello do lado da cidade. Lord Wellington tencionava sem duvida fazer um repentino ataque ao castello de Burgos, pois não tinha trazido parque de sitio, chegando até mesmo a negar-se, pelo empenho que tinha em abreviar tal ataque, a mandar vir um de Santander ou de Madrid. É provavel que nos seus calculos entrasse tambem em linha de conta a falta de agua, que havia no referido castello, e a possibilidade de lhe incendiar os armazens de viveres. Seja porém como for, certo é que elle não tinha mais que tres peças de 18, e cinco obuzes de 24, com apenas 300 tiros por bôca de fogo, tomando-se em tal caso o expediente de se pagarem aos soldados as balas que apanhassem. Aos engenheiros, que eram sómente cinco, comprehendendo-se n'este numero o general Burgoyne, director dos ataques, faltavam-lhes os recursos necessarios para um assedio regular. Não havia um só mineiro, nem um sapador de profissão, e o parque dos engenheiros não tinha mais que 900 instrumentos de terraplanagem.

Apesar do exposto, logoque a primeira divisão atravessou o Arlanzon no citado dia 19 de setembro, os postos avançados do inimigo foram expulsos por um batalhão de caçadores, protegido pela primeira brigada portugueza de 1 e 16 de infanteria com caçadores n.º 4, do commando do brigadeiro Diniz Pack. N'este ataque as obras exteriores do monte de S. Miguel, ou as lunetas que tinha na sua frente, foram occupadas pelas tropas alliadas, que junto do respectivo hornaveque se postaram. Apenas escureceu a noite, reunindo-se-lhe o regimento inglez n.º 42, atacaram e levaram de assalto o dito hornaveque, distinguindo-se muito n'esta empreza, segundo a participação do proprio lord Wellington, a citada brigada portugueza do general Pack[1], porque atacando ella os postos

[1] Na sua parte official de 21 de setembro lord Wellington elogiou não só o general Pack, mas igualmente o tenente coronel Hill do primeiro regimento portuguez, o coronel Campbell do decimo sexto, e o major Williams do quarto batalhão de caçadores, e portanto toda a brigada portugueza.

inimigos de manhã, á noite poderam as tropas alliadas entrar já pela gola do mesmo hornaveque, apprehendendo tres peças de artilheria ao inimigo. A guarnição franceza, tomada de flanco pela columna da gola, abriu uma passagem, por meio da qual foi reentrar no castello pela communicação, que havia entre elle e o hornaveque de S. Miguel, depois de ter perdido 77 mortos, 59 feridos e 62 prisioneiros, entre os quaes se contou um capitão. Os alliados tambem n'este assalto perderam 71 mortos, 334 feridos e 16 extraviados, ou 421 homens ao todo. Lord Wellington, contando com a fraqueza do inimigo, e tendo por pouco importantes e incompletas as defezas do castello, no que se enganou, resolveu-se a ataca-lo, apesar dos miseraveis meios que para isso tinha. Concorreu ainda mais para isto o haver sido informado de que a guarnição tinha pouca agua, e de que os seus armazens de viveres lhe podiam ser incendiados. Para sitiar e atacar o castello foram pois destinadas a primeira e sexta divisão, na força de uns 12:000 homens, entrando na composição d'esta ultima divisão a setima brigada portugueza de 8 e 12 de infanteria com caçadores n.º 9, indo o resto do exercito, na força de 20:000 homens, tomar posição em Monasterio para cobrir o cerco. Por aquelle mesmo tempo ordenou lord Wellington ao general Hill, que no dia 18 se achasse em Oropesa, que de lá marchasse para Toledo e defendesse o Tejo, tomando debaixo do seu commando as tres divisões, que tinham ficado em Madrid, a cavallaria do major general Alten, a do brigadeiro general D'Urban, e a divisão de infanteria de D. Carlos de Hespanha. Hill assim o cumpriu fielmente, indo-se postar entre Aranjuez e Toledo, preparando-se a repellir qualquer força que os francezes mandassem contra Madrid.

A guarnição franceza do forte de S. Miguel passára, como já vimos, para o castello de Burgos, o qual lord Wellington julgára não poder tomar, sem primeiro se assenhorear d'aquelle forte. Á vista pois do bom exito do ataque, feito contra as fortificações do hornaveque de S. Miguel, seguiram-se os preparativos para a tomada do castello. Para este

fim estabelecêra-se uma bateria ao lado esquerdo, junto ao dito hornaveque; mas lord Wellington, querendo evitar á tropa um cansaço inutil, ordenou o assalto ao primeiro recinto ou linha do referido castello, ainda antes de aberta a brecha. Foi elle effectuado na manhã de 22 do citado mez de setembro por destacamentos dos corpos, que compunham a já citada brigada portugueza de 8 e 12 de infanteria com caçadores n.º 9, pertencente á dita sexta divisão, que occupava a cidade de Burgos. O ataque foi feito pela parte do sudoeste, na esquerda dos atacados, emquanto que um destacamento da primeira divisão devia escalar a muralha pela frente. Infelizmente as tropas portuguezas acharam uma tão forte resistencia, que não poderam fazer progresso algum no flanco do inimigo, nem a projectada escalada pôde ter logar. Lord Wellington, cujo quartel general se achava em Toro desde o dia 16, fazia todo o empenho na tomada do castello de Burgos, pelo julgar indispensavel, como já dissemos, tanto para assegurar a sua linha de operações contra o norte da Hespanha, como para igualmente lhe facilitar a execução das operações, que projectava fazer contra os exercitos francezes do meio dia. Segundo o que participou ao conde de Liverpool no seu despacho do dia 23, o mau resultado do ataque proveiu da negligencia do official do estado maior, encarregado de dirigir as tropas ao ponto do mesmo ataque, o major Lowrie do 79. Este official foi morto, e entre os despojos do seu cadaver acharam-lhe os francezes as instrucções que se lhe tinham dado, o que fez com que o mallogrado ataque se não podesse renovar. A vista pois d'isto continuou-se com os trabalhos do cerco que se pozera ao castello, buscando-se derrubar-lhe as muralhas por meio de uma mina. Para este fim abriu-se uma communicação, que partia do arrabalde de S. Pedro, construindo-se em parallela um caminho excavado, que da linha mais exterior se achava distante uns cinco metros. Esta mina fez a sua explosão pela meia noite do dia 29, de que resultou abrir-se uma brecha na muralha, que, sendo assaltada, tambem infelizmente não

pôde ser ganha pelas partidas, que para ella se tinham destinado, por não ser a dita brecha de natureza a poder ser assaltada[1].

Má e muito má se tinha portanto tornado a situação dos atacantes. Doze dias se haviam já consumido desde o começo do cerco, e sómente um assalto fôra de bom exito, tendo falhado dois d'elles; 1:200 homens haviam já sido mortos ou feridos, sem se ter conseguido cousa alguma de importancia. Alem d'isto as tropas davam já signaes de desalento, a disciplina militar tinha n'ellas afrouxado, fazendo sensiveis progressos a insubordinação: o antigo empenho na confecção dos trabalhos já se não via, quer nos officiaes, quer nos soldados, com o enthusiasmo do começo d'elles. Não obstante tão graves contratempos, persistiu-se em levar por diante a empreza. Construiu-se pois uma segunda mina em face do citado arrebalde de S. Pedro, a qual ficou prompta no dia 4 de outubro, e rebentando pelas cinco horas da tarde do mesmo dia, fez uma segunda brecha, a qual, a par da primeira, se julgou mais ampla pelo fogo de uma bateria, que contra ella se construiu: ambas ellas passaram a ser assaltadas por um batalhão do regimento portuguez n.º 24, que n'esta occasião muito se distinguiu[2]. N'este ataque foi gravemente ferido o tenente coronel de engenheiros John Jones, activo director dos trabalhos do sitio, depois do grave ferimento de que o coronel Fletcher fôra victima na tomada

[1] John Jones diz que a vanguarda da columna do assalto não encontrou brecha alguma, e que voltou annunciando que a mina não tinha produzido effeito. Lord Wellington participou ao conde de Bathurst, no seu despacho de 5 de outubro, que as tropas de apoio ao ataque se perderam no caminho em rasão da obscuridade da noite, circumstancia a que Napier acrescenta a da falta de officiaes engenheiros para as conduzir, pois um d'elles fôra morto, um outro ferido, o terceiro estava doente, e o quarto era o encarregado da direcção dos trabalhos: o resultado d'isto foi portanto voltarem sobre os seus passos, sem terem achado a brecha, tamanha era a obscuridade da noite!

[2] Assim o testifica lord Wellington no seu já citado despacho de 5 de outubro, dizendo n'elle ao conde de Bathurst: «A conducta do regimento n.º 24 foi digna dos maiores elogios».

Badajoz. Estabelecidos os alliados
çaram a canhonar a segunda, abri
ra mina por baixo da igreja de S.
ras exteriores da dita segunda linh
zes servia de armazem. A estação
osa e fria, e os projecteis de 24 pri
ar com muita força aos sitiantes. A
baraços, lord Wellington não desist
Pelas duas horas da manhã do dia 8
dos da praça surprehenderam a guar
todas as ferramentas e arrasaram
lhos da sapa. Esta e outras mais so
sionaram consideraveis perdas aos
por diante quasi mais nenhuns prog
que lord Wellington conseguiu f
por meio de uma das suas bateri
no segundo recinto do castello, b
ticavel na tarde do mesmo dia 8;
na infanteria foi causa de se não p
permittiu aos cercados escarpare
as ruinas, que se achavam ao pé
festo que os progressos da sapa
sem o soccorro de artilheria, a
tempo, como já notámos, só che
vinda de Santander com alguma
se pozeram pois em bateria cont
poleão; mas era tal a superiorida
que em menos de uma hora foi
lheria dos alliados. A vista pois
reu-se de novo a tornar pratica
nha. Feito isto, lord Wellington
no mesmo terreno dos anteriore

1 Belmas não diz a verdade, quand
timidez dos inglezes e á extensão do c
A verdadeira rasão de similhante den
que esgotadas as suas munições, fo
Francez, que se reunia em Breviesca.

...a tarde poz-se fogo á
...S. Romão. A explo
...deravel, no muro qu
...-lhe logo o assalto.
...depois de um pert
...e alguns soldad
...mesmo a escalar
...de coragem,

de Badajoz. Estabelecidos os alliados na primeira linha, co
meçaram a canhonar a segunda, abrindo tambem uma ter
ceira mina por baixo da igreja de S. Romão, existente na
obras exteriores da dita segunda linha, igreja que aos fra
cezes servia de armazem. A estação começava já a ser chu
vosa e fria, e os projecteis de 24 principiavam tambem a fa
tar com muita força aos sitiantes. Apesar de tão graves em
baraços, lord Wellington não desistia da intentada empre
Pelas duas horas da manhã do dia 8 quatrocentos homens sa
dos da praça surprehenderam a guarda da trincheira, levara
todas as ferramentas e arrasaram completamente os trab
lhos da sapa. Esta e outras mais sortidas dos cercados occ
sionaram consideraveis perdas aos sitiantes, que desde ent
por diante quasi mais nenhuns progressos fizeram. Verdade
que lord Wellington conseguiu fazer uma terceira brech
por meio de uma das suas baterias do monte de S. Migu
no segundo recinto do castello, brecha que se reputou pra
ticavel na tarde do mesmo dia 8; mas a falta de cartucho
na infanteria foi causa de se não poder dar o assalto[1], o qu
permittiu aos cercados escarparem a brecha, desentulhand
as ruinas, que se achavam ao pé do muro. Era pois mani
festo que os progressos da sapa não podiam ir por diant
sem o soccorro de artilheria, a qual, não se tendo pedido
tempo, como já notámos, só chegou aos alliados no dia 1
vinda de Santander com algumas munições. Alguns obuze
se pozeram pois em bateria contra a torre, ou forte de Na
poleão; mas era tal a superioridade da artilheria d'este forte
que em menos de uma hora foi reduzida ao silencio a arti
lheria dos alliados. A vista pois d'este contratempo, recor
reu-se de novo a tornar praticavel a brecha da segunda li
nha. Feito isto, lord Wellington ordenou no dia 18 o assalt
no mesmo terreno dos anteriores ataques. Pelas quatro ho

[1] Belmas não diz a verdade, quando attribue a demora do assalto
timidez dos inglezes e á extensão do caminho que tinham de percorre
A verdadeira rasão de similhante demora foi o temer lord Wellingto
que esgotadas as suas munições, fosse depois atacado pelo exerci
francez, que se reunia em Breviesca.

ras e meia da tarde poz-se fogo á mina, que estava por baixo da igreja de S. Romão. A explosão fez uma quarta brecha, aliás consideravel, no muro que limitava o segundo recinto. Ordenou-se-lhe logo o assalto. Os atacantes, correndo a elle, poderam, depois de um pertinaz combate, penetrar na segunda linha, e alguns soldados houve da legião allemã que chegaram mesmo a escalar a terceira; a guarnição porém, enchendo-se de coragem, reuniu-se e com tal valor acommetteu os assaltantes, que os fez abandonar a empreza, soffrendo consideravel perda. Foi este o ultimo esforço que vigorosamente se fez n'um cerco de trinta dias, posto ao celebrado castello de Burgos, contra o qual os alliados fizeram quatro minas, dispararam 4:062 tiros de artilheria: tendo n'elle feito cinco brechas, deram-lhes tambem cinco assaltos, sendo sómente um d'elles bem succedido. Segundo John Jones, a perda dos alliados foi de 24 officiaes e 485 soldados mortos; 68 officiaes e 1:487 soldados feridos, ou 92 officiaes e 1:972 soldados ao todo, perda ainda assim inferior á da quarta parte de uma batalha, que lord Wellington podesse ter dado a Soult, segundo suppõe Sarrazin, quando contra elle directamente se dirigisse, para o expulsar da Andaluzia. A guarnição franceza havia feito cinco sortidas, todas ellas com feliz exito: pela sua parte contou ella de perda 193 homens mortos e 443 feridos. No momento de se levantar o cerco (operação que começou a effeituar-se durante a noite de 21 para 22 de outubro, tanto pela falta dos precisos meios para se levar ao cabo, como pela noticia dos movimentos, que as tropas do exercito de Portugal começaram a fazer), a dita guarnição franceza tinha ainda 1:200 homens em armas.

É innegavel que a conducta do general francez Du Breton e a da guarnição do castello que governava, se tornaram dignas dos maiores elogios; mas é tambem innegavel que se os sitiantes tivessem pela sua parte os necessarios meios para uma empreza tal, como a que sobre si tomaram, a sua victoria era certa, não sendo inferior á dos sitiados a coragem, que nos seus ataques mostraram. Mas se a falta de

taes meios era cousa reconhecida, por que rasão lord Wellington emprehendeu tal cerco em similhantes circumstancias? A lição que no mez de junho do anno anterior tinha levado, quando por tal motivo, alem da reunião das forças de Soult, fôra obrigado a levantar o segundo cerco de Badajoz, era cousa que na lembrança lhe devêra estar bem presente, e não menos o que no anno de 1793 succedêra ao proprio duque de York, quando se viu impossibilitado de effeituar o cerco de Valenciennes e Dunkerque. Parece-nos pois que os dois cercos e tomadas da Cidade Rodrigo e Badajoz, a par da sua recente victoria de Salamanca, o tornaram demasiadamente confiado, fazendo-lhe dar de mão á sua habitual prudencia, qualidade que n'elle tanto sobresaía. O castigo que portanto tirou de temerariamente emprehender um cerco, sem ter os precisos meios de o poder levar a bom termo, sobretudo com a brevidade que lhe convinha, foi o de perder uma parte das vantagens que alcançára pela citada batalha de Salamanca, e ao mesmo tempo o de produzir uma sensação de um tal desgosto em Inglaterra, que deu em resultado a manifestação de violentos ataques contra o exercito que commandava. Lord Wellington enganou-se, como já notámos, na falsa apreciação que fez do estado real das obras da praça que se propoz tomar, e tendo reconhecido o seu engano, não se lhe póde desculpar a recusa em mandar vir a tempo de Santander a artilheria de que precisava, e o não repellir, emquanto lhe não chegava, o exercito de Clausel para o outro lado do Ebro, operação conforme aos principios geraes da guerra, cousa que no caso particular de que aqui se trata lhe traria a vantagem de retardar a reorganisação do exercito de Portugal. Ha tambem quem lhe critique os detalhes do ataque, e designadamente o emprego das galerias de mina para abrir as brechas; esta critica porém recáe menos sobre elle, do que sobre os chefes da artilheria e engenheria. Mas que haviam de fazer estes mesmos, se nenhuns outros meios tinham de poder abrir as brechas? Todavia lord Wellington cegou-se com as vantagens que esperava alcançar com a tomada de Burgos, figu-

rando entre outras a de poder estabelecer em Madrid e na Castella Nova no anno que decorria os seus quarteis de inverno, como tambem já notámos, sendo d'aqui que proveiu o seu grande empenho em similhante empreza, para cujo fim levantou *aproches*, abriu minas e effeituou explosões, alem das brechas que tambem conseguiu fazer e dos assaltos que lhes mandou dar. Ainda assim, a não terem occorrido as circumstancias de que vamos dar relação, o castello de Burgos caíria necessariamente nas mãos de lord Wellington, apesar das difficuldades que para isto tinha, e com elle ficaria effectivamente senhor da Castella Nova, ou quando o inimigo o quizesse d'ella expellir, necessario era que Soult, vindo reforçar o exercito de Portugal, insufficiente por si só para tal empreza, abandonasse, como praticou, a Andaluzia, e assim proporcionasse á regencia de Cadiz o poder lançar mão das vantagens, que lhe dava a completa libertação d'esta tão vasta e tão rica provincia. Se pois não obteve ficar senhor da Castella, conseguiu pelo menos esta segunda parte, postoque com pesados sacrificios para o seu exercito, como se vae ver.

As causas que obrigaram lord Wellington a levantar o cerco de Burgos, fazendo-lhe perder uma parte das vantagens que havia ganho na batalha de Salamanca, eram da mais alta gravidade. Uma carta do general Hill lhe annunciára que o rei José, partido de Requena no dia 18 de outubro, se dirigia por Cuenca sobre Toledo com 50:000 homens de infanteria, 8:000 de cavallaria e 84 bôcas de fogo, sendo a maior parte d'esta força pertencente ao exercito da Andaluzia. Por outro lado foi tambem avisado que o chamado exercito de Portugal, de que Souham havia tomado o commando, substituindo Clausel, tinha sido reforçado com 8:000 homens de infanteria, 1:000 de cavallaria e 16 bôcas de fogo, reforço que elevou a sua força ao total de 35:000 combatentes[1]. Era

[1] Segundo Belmas, o exercito de Portugal recebeu de França 10:500 homens de infanteria e 1:300 cavallos; juntaram-se-lhe alem d'isto [?]:500 homens do exercito do norte com outros 1:300 cavallos e 16 pe-

effectivamente verdade que o rei José se dispunha a marchar para o norte da Hespanha, em resultado da conferencia que tivera em Fuente-la-Higuera com os marechaes Jourdan, Soult e Suchet. Este esforçou-se pela sua parte para que se não evacuasse Valencia, intento que conseguiu, vindo só sobre Madrid por Cuenca e Albacete os exercitos do meio dia e do centro, commandado aquelle pelo marechal Soult, e este pelo rei José, debaixo da direcção do marechal Jourdan, constituindo tudo uma força de 58:000 homens de infanteria e cavallaria, com 84 bôcas de fogo, como acima se disse. Lord Wellington, reunindo a força, que empregára no sitio, áquella que para o cobrir mandára para Monasterio, subindo tudo a pouco mais de 30:000 homens, não podia fazer face aos exercitos reunidos de Portugal e Andaluzia, vindos ambos contra elle com mais de 84:000 homens.

Hill pela sua parte tambem não podia fazer frente ás forças de Soult e do rei José reunidas, tendo sido causa d'esta reunião a formal desobediencia do general Ballesteros para com lord Wellington, negando-se obstinadamente ao cumprimento das suas ordens, não o querendo reconhecer como generalissimo do exercito hespanhol a que as côrtes de Cadiz o tinham elevado, de que resultou que em vez dos 30:000 hespanhoes, que o mesmo Ballesteros commandava, ameaçarem o flanco do inimigo, impedindo-lhe a sua marcha sobre Madrid, dirigiram-se para Granada: Ballesteros devia postar-se entre Alcaraz e o forte de Chinchilla, que tinha por incumbencia defender, o que não cumpriu, proporcionando assim a Soult o toma-lo facilmente no dia 9 de outubro, e fazer sem mais embaraço a sua juncção com o rei José. A reunião de todas estas circumstancias não podiam deixar de levar lord Wellington a levantar o cerco do castello de

ças de artilheria. Reforçado por similhante modo, o seu numero subiu a 41:000 homens, pondo-se em marcha no dia 17 de outubro para Burgos. Soult na mesma epocha marchava com 43:000 homens, e o exercito do centro com 12:000, elevando-se portanto a 96:000 homens o total da força franceza que veiu contra lord Wellington, quando sitiava o castello de Burgos.

gos, como levantou na madrugada de 22 de outubro,
cando retirar-se para as fronteiras de Portugal, depois
mortiferos e infructuosos assaltos que contra elle diri-
, retirada que tão fatal podia ser á peninsula, pondo-a
amente á inteira discrição de Buonaparte, a não ser a
vura do exercito luso-britannico, não obstante as irregu-
dades e faltas de disciplina, de que lord Wellington ainda
im o increpou por similhante retirada. Pela sua parte o
eral Ballesteros desculpou a sua conducta, allegando á re-
cia de Cadiz não poder submetter-se a uma determinação
manchava a honra da nação hespanhola. Não obstante
ua allegação a mesma regencia o castigou, mandando-o
so para a praça de Ceuta, cousa que em nada absolu-
ente remediou os males, que á causa da sua patria o re-
do general occasionára com a sua louca e orgulhosa con-
ta, menosprezando as ordens do seu proprio governo.
a marcha que contra lord Wellington traziam Jourdan e
lt pensaram elles poderem-se encontrar e bater vantajo-
ente com sir Rowland Hill, o qual, como já se viu, viera
Extremadura hespanhola para as margens do Tejo, e ali
onservava entre Aranjuez e Toledo, posição que teve de
ndonar, para se dirigir sobre o Agueda, em cumprimento
rdem, que de lord Wellington posteriormente recebeu.
quelle ponto se lhe tinham ido reunir as tropas luso-bri-
icas da guarnição de Cadiz (em que entrava o regimento
20 de infanteria portugueza), e as hespanholas que de
ante conduzia D. Francisco Xavier Elio, montando a
00 infantes e 1:200 cavallos com 8 peças de artilheria,
endo tomado a esquerda do exercito luso-britannico em
nte Dueñas. Hill, informado da positiva marcha dos exer-
s francezes do centro e do meio dia para as provincias
norte, tomou o caminho de Madrid, abandonando as suas
ições, indo passar o Jarama pela magestosa ponte larga,
arco da qual fez voar pelos ares. O seu exercito avistou en-
os deliciosos sitios de Aranjuez, acantonando-se em Chin-
n, e estendendo os seus postos avançados para alem do
o na Nova Castella e direcção das serras de Cuenca. De

tudo isto tinha o mesmo sir Rowland Hill avisado no dia 21 de outubro o marechal general lord Wellington, como já se disse.

Este, levantando com o maior silencio o sitio do castello de Burgos, seguiu a estrada de Valladolid, que lhe passava por baixo do alcance da artilheria: para este fim o mesmo Wellington fez almofadar com palha as rodas das carretas, de que resultou poder a primeira divisão atravessar o rio sem que o inimigo o presentisse, o que succederia tambem ás mais divisões, se os guerrilhas não fossem causa de terem sido presentidas. As perdas todavia não foram de importancia, nem por tal successo a marcha se retardou. Sobre este acontecimento do levantamento do cerco do castello de Burgos se exprimiu lord Wellington n'um officio seu, com data de 26 do citado mez de outubro, pelo seguinte modo: «Senti bem o sacrificio que fui obrigado a fazer; mas v. ex.ª estará lembrado de que eu nunca concebi grandes esperanças de feliz successo com o sitio de Burgos, não obstante persuadir-me que elle poderia ter effeito com os meios que estavam em meu poder, dentro de um periodo rasoavelmente limitado. Se os ataques na primeira linha a 22 ou a 29 de setembro tivessem sido bem succedidos, creio que tomariamos a praça, não obstante a destreza com que o seu governador conduzia a defeza e a bizarria com que ella era executada pela guarnição. Os nossos meios eram mui limitados; porém parece-me que se fossem bem succedidos, a vantagem seria grande para a causa dos alliados, e o final successo da campanha certo». Pela actividade dos officiaes da arma de artilheria tudo se poz a salvo n'uma noite, excepto apenas tres peças de 18, destruidas pelo fogo do inimigo durante o cerco, e as oito que se lhe haviam tomado na noite de 19 de setembro, quando foi o assalto do hornaveque. Esta perda proveiu ainda assim da circumstancia de ter lord Wellington mandado o gado de que dispunha para Santander, para de lá conduzir as munições que se esperavam, e que tão necessarias eram para a continuação do sitio: não havendo portanto meios de conduzir taes peças, necessario foi abandona-las, como se praticou.

Informado Souham, sómente na tarde de 22, da marcha retrograda dos alliados, começou a persegui-los, quando se achavam já fóra do maior perigo. No citado dia 22, 10:000 homens francezes se acamparam já do lado de cá de Burgos, fazendo o mesmo as tropas luso-britannicas em Celada del Camino e Hormillos, com a cavallaria ligeira de Estepar e Buniel[1]. No seguinte dia, 23, continuou lord Wellington a sua marcha retrograda, postando a direita do exercito em Torquemada e a esquerda em Cordobilla, em cujos logares atravessou o Pisuerga, sendo n'este movimento seguido por todo o exercito francez, cuja cavallaria se bateu por vezes com a da brigada do major general Anson e dois batalhões ligeiros da legião allemã, que faziam a guarda da retaguarda dos alliados: a não serem as boas disposições, tomadas por lord Wellington, de maiores vantagens seriam para os francezes os recontros que estes tiveram com os mesmos alliados. No dia 24 continuou a sua marcha o exercito luso-britannico, tomando posição em ordem de batalha por trás do Carrion, tendo a sua direita em Dueñas e a sua esquerda em Villa Muriel: foi no Carrion que se lhe juntou uma brigada recentemente desembarcada na Corunha debaixo das ordens do tenente general Dalhousie. As duas pontes do Carrion em Palencia e as da Villa Muriel e de Dueñas pozeram-se em estado de serem destruidas com a approximação dos alliados. A da Villa Muriel minou-se e saltou felizmente aos ares debaixo de um fogo de metralha do inimigo. Na de Palencia foi atacada a força destinada a cobrir a operação, que para aquelle mesmo fim ali se estava fazendo, e sendo derrotada, os francezes se assenhorearam das pontes no melhor estado. A noticia de que elles tinham já passado em Tariejo retardou o começo do serviço necessario para a destruição da ponte, de que resultou chegarem antes que a mina estivesse inteiramente preparada, falhando portanto a explosão, e ficando prisioneiro o destacamento que ali se postára. Quanto á ponte Dueñas, essa foi inteiramente destruida, sendo o ini-

[1] Veja a estampa n.º 26.

migo obrigado a passar em alguns vaus perto da Villa Muriel, onde, fazendo atravessar o rio a um corpo consideravel de tropas, tiveram estas de o repassar promptamente, por não serem convenientemente sustentadas, soffrendo por esta causa bastante perda. No dia 26 de outubro o exercito ganhou mais quatro leguas de caminho para a retaguarda, atravessando o Pisuerga em Cabezon del Campo. Aqui e pela parte de cima sobre a esquerda do Pisuerga o terreno é muito elevado, terminando-se as alturas escarpadas abruptamente sobre o dito rio em muitas partes. Todos os caminhos sobre a margem esquerda são por conseguinte muito difficeis e maus, e é por esta rasão que a estrada real do norte foi conduzida pela margem direita. Em Cabezon é o rio atravessado pela dita estrada, mediante uma ponte de pedra, que se achava barricada e minada para ser destruida: todo o exercito ali fez alto.

O general Souham, tendo sido demorado nas pontes de Dueñas e Villa Muriel, só pela tarde de 27 se approximou de Cabezon. Foi n'este dia que lord Wellington reconheceu bem qual era a força do inimigo. A este respeito dizia elle em officio de 28: «Hontem vi sobre o Pisuerga todo o exercito inimigo na nossa frente; é sem duvida de uma grande força. O exercito de Portugal recebeu um reforço de 10:000 homens de França, incluindo cavallaria, acreditando que ha agora com este exercito duas divisões de infanteria do exercito do norte, cuja cavallaria tambem certamente está com o exercito de Portugal, não tendo portanto menos de 5:000 homens de boa gente d'esta arma. Não me posso julgar sufficientemente forte para combater com este exercito assim reforçado. Tenho aqui unicamente quatro debeis divisões de tropas inglezas e portuguezas, e tres muito debeis brigadas de cavallaria. Acham-se aqui com este exercito 12:000 homens hespanhoes do exercito da Galliza, incluindo perto de 600 cavallos, e a cavallaria de D. Julião Sanches. Sinto muito ter de observar comtudo que na acção de 25, postoque as tropas hespanholas não mostrassem falta de valor, ou de disposição para se entranharem no fogo, eram todavia inca-

azes de se moverem sobre elle com a regularidade e or-
em de um corpo disciplinado, cousas que unicamente po-
em dar esperanças de bom successo em qualquer ataque
ntra os francezes. É por isto que nós só podemos confiar
n nós mesmo, e a differença das forças, que eu hontem vi,
muito contra nós. Á vista d'estas circumstancias julguei
oprio pedir ao tenente general Hill que se retirasse da sua
sição sobre o Tejo, e que no Agueda se reunisse a nós, se
o lhe fosse possivel. É absolutamente necessario que eu
avesse o Douro, e se o inimigo me seguir com todas as
as forças, o que é provavel, não posso esperar que me
he em estado de me manter, e serei obrigado a retirar-me
ra o Tormes». Effectivamente a posição de lord Wellington
a de Hill eram melindrosas, sendo portanto prudente acau-
arem-se do risco que podiam correr, e de que tão seria-
ente se achavam ameaçados, e com tanta mais rasão, com
anta as proximidades do inverno estavam a chegar, e os
ercitos do rei José e de Soult proximos a reunirem-se ao
e debaixo do seu commando tinha o general Souham.

Continuando-se com a retirada, notou-se na manhã de 28
outubro, que um corpo de tropas francezas marchava sobre
ponte de Simancas, nas vistas de passar o rio, mas a ponte
ha sido destruida. Durante estes movimentos o inimigo,
erendo tomar o flanco dos alliados, postou uma grande
ça em attitude ameaçadora sobre as alturas acima de Valla-
lid, d'onde canhonava os que passavam ao longo da estrada
al. Em 29 o exercito luso-britannico retirou-se de Cabe-
n, destruindo-se lá a respectiva ponte e a de Valladolid:
rante o dia atravessou o Douro em Tudela e na ponte del
uro, onde as respectivas pontes se fizeram saltar aos ares
uma e n'outra parte, assim como a de Quintanilla, e de-
is d'estas a de Toro e a de Zamora. Pela tarde um corpo
francezes passára o rio a nado perto de Tordesillas, e
cando e derrotando a guarda, que os alliados deixaram
uma torre, que estava na extremidade sul da ponte, come-
ram depois a restabelecer de prompto a sua communica-
o para o outro lado. Em consequencia d'isto as forças al-

liadas pozeram-se em marcha na manhã seguinte para o seu lado esquerdo, indo occupar um terreno que está em face da ponte de Tordesillas, terreno que fortificaram por meio de baterias. A destruição das pontes de Toro e de Zamora, e a repentina resolução de lord Wellington em marchar sobre a sua esquerda, indo concentrar o seu exercito em Rueda, asseguraram a juncção das suas forças com as do general Hill. Annunciando o mesmo Wellington este resultado a lord Bathurst no seu officio de 31 de outubro, lhe disse elle: «Quando considero a força do inimigo, o estado das tropas hespanholas, o grande numero de estrangeiros que se acham nas minhas divisões de infanteria, e a fraqueza da minha cavallaria, penso ter escapado da peior situação militar que jamais *houve*». N'aquella posição entre Rueda e Tordesillas se demoraram os alliados até ao dia 6 de novembro, em que, estando restabelecidas as pontes de Toro e Tordesillas, retrogradaram mais o espaço de quatro leguas, indo no dia 7 até Torrecilla de la Orden. Na manhã do dia 8 continuaram a sua marcha, indo occupar a posição de S. Christovão, em face de Salamanca, a mesma que duas vezes tinham tambem já occupado, antes da batalha a que os francezes chamam dos *Arapiles*. Assim se effeituou uma retirada de mais de cincoenta leguas de extensão, feita em face de um inimigo superior, com a firmeza de uma marcha ordinaria, na qual por conseguinte as tropas nada tiveram a soffrer, pois quasi que equivale a nada a perda de 892 homens que durante ella teve logar, segundo a conta que se fez[1].

Lord Wellington, justificando a posição que viera tomar sobre o Tormes, declarára que o general Souham, tendo no dia 4 de novembro reparado a ponte de Toro, e apoderando-se da de Tordesillas, poderia facilmente juntar uma grande força na retaguarda do flanco esquerdo dos alliados, quando elle Wellington intentasse, como havia pretendido,

[1] Foi esta a perda que teve o exercito desde 22 até 29 de outubro de 1812 inclusivamente, sendo a de mortos 127 homens, a de feridos 522, e a de extraviados 243, ou a de 892 na totalidade. John Jones avalia esta perda em 850 homens.

ıntar-se sobre o Adaja com sir Rowland Hill, para cairem
mbos sobre as forças inimigas, que tinham avançado até
adrid, de que resultou ordenar ao mesmo Hill, que fizesse
sua marcha para Fontiberos, e d'aqui para Alba de Tormes,
conhecendo que este general se tinha já n'este sentido
diantado sufficientemente, foi então que elle lord Welling-
on seguiu para as alturas de S. Christovão. N'esta marcha o
eneral Souham nem perseguira os alliados na sua retirada
ara aquem do Douro, nem mesmo a retaguarda das forças
e Hill, circumstancia que provavelmente proveio de espe-
ar pela approximação dos exercitos do rei José e de Soult,
ue alguns dias se tinham demorado em Madrid, approxima-
ão que o mesmo lord Wellington dizia não estar ao seu al-
ance evitar. N'um seu officio, com data de 8 de novembro,
izia elle mais: «As tropas d'este exercito (o luso-britannico),
articularmente aquellas que estiveram no norte, acham-se
altas de descanço. Ellas tem estado no campo e quasi con-
tantemente em marchas desde o mez de janeiro ultimo; os
eus vestuarios e equipamentos estão quasi gastos, e a sua
stada em acantonamentos por um pequeno periodo lhes se-
ia muito util. A cavallaria acha-se da mesma fórma desfal-
ada em numero, e os cavallos tambem não estão em melhor
stado. Desejaria portanto acantonar as tropas por algum tem-
o, e preferiria os acantonamentos no Tormes a outros mais
istantes na retaguarda. Não sei exactamente que forças tem
inimigo. O exercito de Portugal tem perto de 36:000 ho-
nens, dos quaes 4:000 são de cavallaria. Tanto quanto posso
aber, receberam em setembro e outubro reforços, que mon-
am a 14:000 infantes e 1:200 cavallos, e julgo o exercito de
6:000 homens unicamente, attendendo ás doenças que de-
em ter os conscriptos. O exercito do norte teve tambem de
eforço uns 10:000 homens, dos quaes 1:200 são de cavalla-
a. É difficultoso julgar da exacta força de Soult. Diz-se que
inimigo trouxe de Valencia para o Tejo de 40:000 a 45:000
omens, e eu presumo que este numero ainda é inferior ao
ue poderiam trazer os dois exercitos de Andaluzia e do cen-
o reunidos, sem contar tropas algumas dos exercitos de

Aragão e de Valencia. Soult está particularmente forte em boa cavallaria, e ha alguns regimentos d'esta arma no exercito do centro».

Como já dissemos, julgára o marechal Soult poder encontrar-se com sir Rowland Hill nas vizinhanças do Tejo; mas este general, que pela sua capacidade e reconhecidos talentos merecia com toda a rasão a maior confiança a lord Wellington, não era para se illudir facilmente, como os francezes cuidavam: para evitar este encontro, Hill desprezou o valle do Tejo, apesar da vantagem que lhe dava de cobrir Lisboa, preferindo retirar-se pela serrania de Guadarrama. Entrando na Castella Nova, algumas das suas forças tiveram durante a marcha de escaramuçar por vezes com as francezas. Foi isto o que succedeu ao regimento portuguez de cavallaria n.º 4, que no dia 25 de outubro se bateu com o inimigo em Ocaña, fazendo o mesmo no dia 30 em Aranjuez o regimento portuguez de infanteria n.º 20, que a marchas forçadas atravessára a Mancha para se ir reunir ao exercito. Tendo deixado as margens do Jarama, o general Hill encaminhou-se então para Madrid, e passando o Manzanares, acampára em Aravaca. O seu exercito descobriu depois a capital da Hespanha, e n'ella entrou no dia 31. Acha-se esta cidade situada n'uma pequena elevação, rodeada de ferteis e aprazíveis terrenos, vestidos de arvoredo, bordando as estradas, que de todos os pontos principaes do reino para ali se dirigem. Os muitos coruchéus e as torres, que Madrid offerece aos olhos do observador posto a certa distancia, a famosa ponte de granito, que ha sobre o Manzanares, a perspectiva do palacio real, o clima temperado do paiz, tudo isto são cousas que naturalmente attrahem a attenção e o interesse do viajante. Esta vista surprehendeu realmente alguns dos officiaes portuguezes, e não menos os surprehendeu tambem a lindissima estrada real por que tinham caminhado desde Aranjuez: toda ella era copada de arvoredos, correndo por uma planicie, que lhe dá o aspecto de um jardim ou passeio ajardinado, sendo marcadas as leguas e meias leguas, e até mesmo os quartos de legua, por excellentes pedestaes e pyrami-

s de granito ou marmore branco. O Prado, junto a Madrid,
margem esquerda do Manzanares, é cheio de arvoredo em
drez, onde o povo lava e estende a roupa em estendedou-
s publicos de cordas, dirigidas na mesma fórma do arvo-
lo, cousa que, sendo util, é ao mesmo tempo agradavel na
parencia, tornando aquelle sitio um arrabalde de grande
eresse para Madrid.
N'esta cidade despejou o general Hill os armazens, que os
ncezes ali tinham, fez saltar aos ares a fabrica de porce-
a, vulgarmente chamada *Casa da China*, destruiu as obras
Retiro, e reunindo a si, como se lhe ordenára, as divisões
o-britannicas, que lord Wellington ali tinha deixado e nos
s arrabaldes, e continuando em seguida a sua marcha,
no 1.° de novembro tomar posição na cordilheira de Gua-
rama, indo no dia 2 á serra de Guadalaxara. N'este
smo dia entrára o rei José em Madrid, onde pouco se de-
rou, por causa dos seus muitos desejos de perseguir os
lezes na Castella Velha, obrando de acordo com os exer-
os do norte e de Portugal. A estrada real por onde se sobe
erra de Guadalaxara não é aspera, em rasão de se ter
struido em zig-zag, para se lhe dar a maior suavidade pos-
el. É de maravilhosa surpreza a chegada ao cume d'esta
ra, d'onde se descobre parte do reino de Leão e da Cas-
a Velha, avistando-se tambem a uma legua de caminho
sumptuoso edificio, de que o viajante se apartára, tal é
em conhecido palacio de S. Lourenço do Escurial, alem
vastas planicies e das immensas povoações, que d'ali se
cobrem. Ainda na distancia de oito leguas se avistam as
npas e os coruchéus ponteagudos de Madrid. Este espe-
culo deixa-se, quando debaixo da ramagem do arvoredo,
guarnece a estrada, no cimo da serra se descobre com
menos agradavel surpreza um alto pedestal de alvissimo
rmore, cheio de ornatos, de leões e das armas da Hespa-
, com legendas allusivas a D. Carlos III. D'ali a marcha
ograda do exercito, ou a effeituada pela sua ala direita,
para Villa Cochim, e no dia 3 para Nolasco Sancho. As
rchas forçadas, que até este ponto se tinham feito, come-

çaram de então por diante a tornar-se mais frouxas e suaves. No dia 4 continuou-se a retirada por Villa Nova, acampando-se o exercito em Cobisnella. Começaram então a sentir-se os terriveis effeitos das penosas marchas, que se tinham feito debaixo de um céu tenebroso, desfazendo-se em grossas e copiosas chuvas do mais aspero e rigoroso inverno. Para mais penosas se tornarem taes marchas, as villas e aldeias por onde se passava achavam-se despovoadas, ao mesmo tempo que a falta de viveres opprimia terrivelmente o exercito, tendo-se as bagagens e o commissariado adiantado muito mais para diante do ponto em que se estava. No dia 5 de novembro acampou-se em Villa de Nuno Sancho, e no dia 6 em Catarzillo, passando-se por Peñaranda no dia 7, d'onde finalmente se dirigiu a marcha para Alba de Tormes, tomando-se ali posição, e fazendo-se alto para áquem d'este rio no dia 8. Por este modo effeituou pois até junto do Tormes a sua marcha o exercito do commando de sir Rowland Hill, indo ali fazer a sua juncção com o que debaixo do seu immediato commando vinha com lord Wellington.

Era com effeito n'aquelle mesmo dia, como já vimos, que as tropas commandadas em pessoa por este outro general tomavam posição nas alturas de S. Christovão, occupando a aldeia Lengua a brigada portugueza de 1 e 16 de infanteria com caçadores n.º 4, do commando do general Pack, postando-se em Cabrerizos na direita do exercito uma outra brigada portugueza, a de 13 e 24 de infanteria com caçadores n.º 5, do commando do general Bradford: cobria a frente do exercito a cavallaria britannica. O general Hill occupou o castello de Alba com a brigada de Howard, deixando a divisão portugueza, commandada pelo tenente general Hamilton, na margem esquerda do Tormes para proteger aquellas tropas, emquanto que a segunda divisão estava postada nas vizinhanças dos vaus de Encina e Anerta, permanecendo em reserva a terceira e quarta divisões em Calvarrasa de Arriba. Tendo o rei José perdido pela sua parte as esperanças de separar lord Wellington do general Hill, marchou de Segovia sobre Arevalo. No dia 8 encontrou elle em Medina del Campo

ploradores de Souham. As forças reunidas dos france-
evavam-se n'este momento a 96:000 homens, como já
, sendo 12:000 de cavallaria, sustentados por 120 pe-
artilheria[1]. O exercito alliado contava pela sua parte
te 64:000 homens de infanteria, 4:000 de cavallaria e
as de fogo: alem d'isso tinha precisão de descanço e
azer-se de certos artigos de que muito precisava[2].
m sapatos aos soldados, dizia lord Wellington para
s, tendo alem d'isto o seu fardamento estragado; a
ria perdeu a sua consistencia, e os cavallos apenas
fazer o serviço, achando-se geralmente a disciplina
axação[3]».
obstante estas difficuldades o mesmo Wellington de-
bem ser atacado na margem direita do Tormes, onde
osição era muito forte, sendo alem d'isso de gloriosas
ações para o seu exercito: acrescia por outro lado
ando fosse vencido, tinha uma facil retirada para Por-
ao passo que a ser vencedor, de novo ia entrar em
. O rei José tambem pela sua parte queria dar uma
, arrastado pelo seu ardente desejo de vingar o af-
o desastre de Salamanca, e com estas vistas confiou

ibaudeau avalia as forças francezas em 90:000 homens, dos quaes
eram de cavallaria. Sherer computa-as em 78:000 infantes e
cavallos; Belmas em 95:000 homens ao todo; o auctor das *Me-*
de José dá-lhes 80:000 homens, dos quaes 10:000 eram de ca-
e 120 peças de artilheria. O general Sarrazin avalia-as sómente
00 homens; Toreno em 80:000 infantes e 12:000 cavallos; John
n 80:000 homens e 10:000 cavallos.
sta conta de 68:000 homens entravam 52:000 inglezes e portu-
Lord Wellington no seu officio, ou carta de 19 de novembro,
a lord Bathurst, diz que o exercito no Tormes contava 52:000
e portuguezes, dos quaes 4:000 homens eram de cavallaria, e
a 16:000 hespanhoes. Toreno avalia os hespanhoes em 18:000,
prehendendo os guerrilhas, nem as tropas que comsigo trouxe
l Hill da Extremadura. John Jones conta o effectivo dos allia-
50:000 homens, Belmas em 60:000, e o auctor das *Memorias*
em 70:000 ou 75:000.
ta de lord Wellington ao conde Bathurst, com data de 8 de no-
de 1812, já atrás citada.

o commando das tropas ao marechal Soult, apesar das justas e numerosas queixas que d'elle tinha[1]. Tendo alem d'isto adoptado o plano do mesmo Soult, começou este general na manhã do dia 14 as suas operações pela passagem do Tormes no vau de Galisancho, acima de Alba. Os postos dos alliados foram desalojados, e os defensores de Alba de Tormes, em numero de 8:000 homens, flanqueados pela sua direita, acharam-se reduzidos a uma situação arriscada. Quando lord Wellington chegou aos respectivos logares já era tarde para se oppor á passagem do inimigo, de que resultou saír de S. Christovão, e ordenar que as suas tropas se movessem para a parte dos Arapiles. Contando ser atacado n'esta posição no seguinte dia, tomou para sua defeza as disposições que julgou adequadas; mas Soult, em vez de dar batalha, adoptou o expediente de se fortificar na posição de Mozarbes, estendendo a sua esquerda até perto da estrada da Cidade Rodrigo.

Á vista pois d'isto lord Wellington resolveu-se a mandar em pleno dia (duas horas da tarde) desfilar o seu exercito em tres columnas parallelamente á linha de batalha de Soult, e por assim dizer ao alcance da sua artilheria. Esta operação, que aliás podia ter consequencias funestas, felizmente não as teve, já porque o inimigo a não contrariou, e já por sobrevir repentinamente um nevoeiro espesso, a que se seguiram pesadissimas chuvas, que tornaram as estradas e os campos quasi impraticaveis, sendo a agua tanta, que os mais pequenos regatos se transformaram em caudalosas ribeiras, acrescendo o terem-se de passar charcos estagnados, feitos nas terras baixas, cousa que para o exercito foi não só de bastante incommodo, mas até mesmo causa de muitos ma-

[1] No dia 12 de setembro um capitão de navios, dado á costa perto de Valencia, entregou n'esta cidade ao rei José varias cartas que Soult lhe dera para levar para França. José, que estava sem noticias d'este seu logar-tenente, abriu as cartas escriptas em 12 de agosto, vendo n'ellas com espanto seu que o duque de Dalmacia o denunciava ao ministro da guerra como um traidor em correspondencia com o inimigo. (*Memorias* de José, tomo VIII, pag. 235 e 267, e tomo IX, pag. 71 e 86).

les, soffridos pelos soldados, mais particularmente durante a retirada, que assim começaram a fazer desde Salamanca para a Cidade Rodrigo. Ao grande mal das chuvas, occorreu para maior desgraça a grande falta de viveres, não obstante terem as praças de pret recebido pão para seis dias. Foi por esta causa que uma grande parte do exercito se viu obrigada a alimentar-se do trigo, que se tinha encontrado nos celleiros desamparados pelos povos. Parecia cousa de brinco ver as respectivas columnas á frente do inimigo bater com pequenas pedras umas nas outras para pisarem o trigo que apanhavam, acto que aliás era filho da necessidade, e dictado só pelas duras privações que os soldados soffriam, em rasão da devastação e ruinas em que por então se achava aquelle rico e abundante paiz. Os cavallos não tinham forragens, nem tratamento algum, sendo em tal caso necessario deixa-los pastar á vontade a herva que havia pelo campo ou roer as cascas das arvores, que pelo caminho se encontravam. No meio de tão graves e penosas occorrencias a disciplina militar perdêra-se inteiramente, menos nos casos em que era preciso combater. Superiores como os francezes se achavam em forças, nada mais facil do que derrotarem um exercito que se retirava no meio de taes circumstancias, o que poria a causa dos alliados ás bordas do mais fatal precipicio porque o seu exercito tinha passado desde o principio da guerra. No seu já citado officio, ou carta de 19 de novembro se expressava lord Wellington pelo seguinte modo sobre esta retirada: «As tropas tem soffrido consideravelmente pelo rigor do tempo, o qual desde 15 tem sido peior do que eu nunca vi n'esta estação do anno. Como os soldados quasi sempre andam a roubar, separados dos seus regimentos, entendo que alguns d'elles tem caído nas mãos do inimigo. A chuva tem arruinado os caminhos e feito crescer os regatos: esta circumstancia determinou um intervallo de marcha entre a quinta e a setima divisão, de modo que, indo o general Paget providenciar sobre isto, caíu nas mãos do inimigo». O tenente general sir Edward Paget era o commandante de uma das tres columnas (a do centro) em que lord Wellington tinha dividido o

exercito, como acima se disse, dando-se ao tenente general Hill o commando de uma outra, sendo a terceira formada dos hespanhoes. Todas as referidas columnas passaram o Zurguen sem contratempo, e escapando-se ao flanco esquerdo do inimigo, foram na noite de 15 acampar-se pela retaguarda das tropas, que compunham o referido flanco, ou nos vastos olivedos, que estão nas margens do Valmusa, rio que se vae lançar no Tormes[1].

No meio de tão insolitos contratempos o exercito continuou d'ali na sua marcha retrograda, indo passar o dia 16 em campanha rasa n'um bosque a duas leguas de Tamames. Na manhã seguinte dirigiu a sua marcha através de estevaes e matas de azinho, tendo sempre o inimigo pela retaguarda, destinado a não lhe perder o rasto. Ali pastavam manadas de porcos, e os soldados, tanto hespanhoes, como inglezes e portuguezes, romperam, apenas os avistaram, n'uma activa fuzilaria contra elles, lançando os mesmos soldados uns so-

[1] A retirada de Burgos comprehende, como portanto se vê, duas partes bem distinctas, uma foi a effeituada pelo exercito desde a cidade de Burgos até á de Salamanca, ou desde o rio Arlanzon até ao rio Tormes; a outra foi a que depois igualmente effeituou desde Salamanca até á Cidade Rodrigo, ou desde o Tormes até ao Agueda, sendo esta a mais desastrada para o referido exercito. Ainda assim effeituou-se com muito pezar do rei José, o qual, n'uma carta que com data de 23 de dezembro de 1812 dirigiu ao general Clarke, manifesta similhante pezar, dizendo: «Tres causas contribuiram para no dia 15 favorecer a retirada de lord Wellington; a chuva, a grande circumspecção do duque de Dalmacia e a falta de um bom official de cavallaria. O duque de Dalmacia perdeu duas horas sobre as alturas, que estão por trás de Nossa Senhora de Valuena, com o pretexto de não poder dar batalha, emquanto o exercito de Portugal não chegasse a ponto de o poder sustentar. Pela tarde d'aquelle dia os menores regatos eram impraticaveis na sua passagem».

Os auctores das *Victorias e conquistas* não apresentam contra o marechal Soult uma só palavra de censura, manifestando Belmas para com elle igual indulgencia, dizendo: «O nevoeiro, que reinou desde pela manhã, converteu-se depois n'uma terrivel tempestade, e de tal ordem, que nunca se viu outra similhante. A chuva, que caia por torrentes, transformou de repente o campo da batalha n'um inextricavel atoleiro. A obscuridade, sempre crescente, não tardou em augmentar mais o horror d'esta scena».

bre os outros as faltas e desvarios, que por este motivo se tinham commettido. Momentos houve em que a actividade do fogo deu a tudo isto apparencias de um renhido e vigoroso combate, não sendo mais do que desordenados tiros, disparados contra as referidas manadas. Se muitos soldados houve, que se regalaram com a carne dos animaes que mataram, muito maior foi o numero dos que só poderam haver a bolota doce de que elles se nutriam. Debalde os officiaes d'estado maior buscaram fazer restabelecer a ordem, não produzindo effeito algum mandar lord Wellington enforcar dois dos culpados, porque os soldados, apertados pela dura fome, que os opprimia, poderoso incentivo para o quebrantamento de todas as idéas de ordem e de disciplina, continuaram a romper a fórma á caça dos porcos, ou da bolota, de que resultou pôr este incidente uma boa parte do exercito á mercê das forças inimigas. Estas porém limitaram-se apenas a lançar mão dos extraviados, dos quaes ainda apanharam de 2:000 a 3:000. No dia 17 continuou-se a marcha, passando o exercito o Huebra, indo tomar posição por trás d'este rio, tendo a direita em Tamames, a esquerda perto de Boadilla, e o centro em S. Muñoz, Buena Barba e Gallego de Huebra. N'esta posição de Huebra e S. Muñoz travou-se, no citado dia 17, um combate rijo, em que os alliados tiveram alguma perda, defendendo corajosamente os vaus de Huebra a cavallaria portugueza 1, 4, 6, 7, 11 e 12; infanteria 1, 7, 15, 16, 19 e 20; e caçadores 1, 2, 3, 4 e 8, alem das numerosas forças britannicas, que tambem n'isto se empregaram.

O exercito devia retirar-se na madrugada de 18, antes de romper o dia, operação difficil em similhante estação, porque a posição de Huebra, boa como defensiva, era má como ponto de retirada, por serem os caminhos que d'ali partiam estreitos, excavados e conduzindo os transeuntes por uma descida aspera para a ribanceira de uma planicie descoberta, pantanosa e cercada de regatos de agua, um dos quaes, entumecido pelas chuvas, alastrava o caminho na distancia talvez de uma milha para a retaguarda da posição. Entretanto tudo se venceu pelos infatigaveis esforços e

grande actividade de lord Wellington, cujo sangue frio e presença de espirito animava a todos, fazendo ao mesmo tempo tudo o que era possivel para que a disciplina dos soldados se não relaxasse de todo. Por este modo se chegou finalmente na noite de 18 de novembro á tão desejada Cidade Rodrigo, e atravessando-se o Agueda nos dias 19 e 20, conseguiu-se por fim pisar o tão appetecido territorio portuguez, e n'elle tomarem-se os tão precisos quarteis de inverno. Felizmente Soult não mostrou grande vigor na perseguição dos alliados, sendo até obrigado a demorar-se em Huebra por falta de viveres. Sem esta circumstancia lord Wellington teria provavelmente chegado á Cidade Rodrigo em muito peior estado que o de sir John Moore, quando em janeiro de 1809 sustentou a gloriosa acção da Corunha. Ambas estas retiradas tem muitas similhanças entre si, e de certo a inveja, postoque algum tanto vulnerasse o heroico vencedor de Salamanca, por causa d'esta de Burgos, não foi todavia tanto, quanto de certo o seria, se elle tivesse a infelicidade de n'ella ter morrido, como na da Corunha desastradamente succedeu a sir John Moore, seu bravo e illustre collega, ao qual a desgraça do seu fallecimento occasionou por certo a das fortes censuras que alguns lhe fizeram.

Tal foi pois o modo por que o exercito luso-britannico effeituou a sua famosa retirada desde o castello de Burgos até Salamanca, e desde esta cidade até ás fronteiras de Portugal, onde chegou depois de meado de novembro por assim dizer só com a pelle sobre os ossos, vindo roto, descalço e cheio de fome: terrivel foi sempre para os officiaes portuguezes a recordação de uma tão funesta e penosa retirada, da qual nunca se ouviram fallar sem horror. Lord Wellington por vezes esperou durante ella o inimigo para o combater; mas Soult, manobrando habilmente sobre os flancos dos alliados, tomando-lhes as bagagens, os obrigou a deixar a Hespanha, sem haver mais que algumas escaramuças. A perda foi uma das maiores que o exercito luso-britannico experimentou durante a guerra da peninsula. As chuvas nos ultimos dias tornaram-se torrenciaes: alguns soldados houve

ue morreram afogados, e muitos outros houve que, alaga-
os de agua e mettidos na lama até aos joelhos, sem se
oderem arrancar dos atoleiros à que a sua má sorte os con-
luzira, caíram de inanição e desfallecidos, de que resultava
icarem prisioneiros do inimigo. Honra porém seja feita á
memoria do marechal Soult e á dos seus subordinados, por-
que grande numero dos que assim lhes ficaram nas mãos
aritativamente os recolheram aos seus mesmos hospitaes, e
endo ali tratados como os proprios francezes, voltaram de-
ois para as fileiras do seu respectivo exercito. Por muitos
ias se tinham os soldados portuguezes sustentado de cou-
es, hervas do campo, trigo cozido ou pisado, e bolota de
inho. Nem a retirada dos 10:000 de Xenephonte, postoque
ais prolongada, foi todavia mais trabalhosa, e cheia de
erigos do que esta contra si teve, á vista da constante per-
eguição que ao exercito luso-britannico fizeram as nume-
osas forças francezas de quatro exercitos reunidos, com-
andados em chefe por um dos mais habeis marechaes de
rança, como na verdade era o marechal Soult. E não ob-
ante a inferioridade das tropas alliadas, e sentirem, por
ssim dizer, os seus respectivos soldados irem-lhes as cabe-
as dos cavallos inimigos incessantemente tocando nas mo-
hilas, conservaram ainda assim a melhor ordem, que em
imilhantes circumstancias se podia esperar.

A perda em prisioneiros foi consideravel, como não podia
eixar de ser, porque os soldados alliados, exhaustos de for-
as, muito a seu pezar caíam no chão sem d'elle se poderem
evantar, havendo outros que, perseguidos pela fome, indo
rocurar sustento, desgarrados se tornaram presa do inimigo.
Quanto ás perdas experimentadas pelo exercito luso-britan-
ico durante a sua retirada de Burgos, Napier nos diz o se-
guinte: «Segundo as relações do exercito anglo-portuguez,
debaixo das immediatas ordens de lord Wellington, as referi-
as perdas, por elle soffridas desde o dia 21 até 29 de outu-
ro, em que passou o Douro, foram pouco mais ou menos de
000 homens, entre mortos, feridos e extraviados; mas es-
s cifras só são relativas ás perdas em combate. O general

Hill perdeu entre o Tejo e o Tormes 400 homens, incluindo os extraviados, não lhe custando menos de 100 os que perdeu na defeza do castello de Alba de Tormes. Quanto ás tropas regulares hespanholas e ás dos guerrilhas, que acompanharam os dois exercitos, a sua perda não foi inferior á de 1:000 homens. Resulta pois que toda a perda, antes da passagem do Tormes pelos francezes, poderá talvez subir a 3:000 homens. Mas a que teve logar desde o mesmo Tormes até ao Agueda essa foi por certo muito maior, porque só no combate de Huerba a perda foi de uns 300 homens, entre mortos e feridos. Grande foi o numero dos extraviados nos bosques, e de tal ordem foi elle, que, segundo o testemunho do marechal Jourdan, subiu, até 20 de novembro, entre hespanhaes, portuguezes e inglezes, levados a Salamanca, a 3:520. Por conseguinte a perda total na dupla retirada dos alliados, não se póde avaliar em menos de 9:000 homens, incluindo os que succumbiram no cerco de Burgos». Alguns escriptores francezes elevaram a 10:000 homens os prisioneiros, feitos entre o Tormes e o Agueda, computando Souham em 7:000 a precedente perda, incluindo a do castello de Burgos. O rei José nos seus despachos menciona 12:000 homens, comprehendendo n'este numero a guarnição de Chinchilla, acrescentando que similhante numero seria muito maior, se os generaes de cavallaria, Soult e Tilly, tivessem perseguido com mais vigor os alliados de Salamanca por diante. Seguramente o exercito foi tão pouco perseguido, que ninguem acreditaria que os francezes tivessem tanta cavallaria. Ao contrario dos escriptores francezes, os inglezes, por um singular rasgo da sua bizarria, tem limitado a perda dos seus concidadãos sómente a algumas centenas de homens.

Com a chegada dos alliados ao Agueda, o marechal Soult retirou-se immediatamente com as tropas do seu commando para Los Santos, no alto Tormes, parecendo querer passar em Baños para a Extremadura hespanhola, tendo-se por esta causa mandado o general Hill com as suas tropas até Robledo, sobre a sua direita, com o fim de cobrir o desfiladeiro de Perales. O rei José, tendo hesitado sobre se deixaria na

Castella o exercito do sul, ou o de Portugal, decidiu-se por fim a mandar que Drouet fixasse o seu quartel general em Valladolid, e que Soult o estabelecesse em Toledo, devendo aquelle manter o paiz entre o Tormes e o Esla, e este occupar a Mancha com a sua esquerda, o valle do Tejo até ao Tietar com o seu centro, e Avila com a sua direita. O exercito do centro foi para Segovia, onde o mesmo rei José se lhe reuniu com a sua guarda. Logoque lord Wellington soube d'estas situações do inimigo, tomou quarteis de inverno. N'esta conformidade o quinto exercito hespanhol passou o Tejo, e foi para a Extremadura. As tropas de D. Carlos de Hespanha foram destinadas á guarnição da Cidade Rodrigo, voltando as da Galliza para o seu paiz por Traz os Montes. A infanteria do immediato commando de lord Wellington, aquartelou-se em Zamora, Toro e outras mais terras ao longo do Douro, estabelecendo-se sobre o Agueda a divisão ligeira. A cavallaria portugueza foi para Moncorvo, e a ingleza, á excepção da brigada de Victor Alten, que se aggregou á divisão ligeira, foi para o valle do Tejo. O general Hill foi com as suas tropas para Coria e Plasencia, mandando occupar Bejar por um seu destacamento, posição em que se conservou até meado do seguinte mez de dezembro. Na sua retaguarda estabeleceram-se duas divisões, como em segunda linha, tomando quarteis nas vizinhanças de Castello Branco e na Beira Alta. Melhorada como já estava a navegação do Tejo, Douro e Mondego, os fornecimentos de toda a ordem, necessarios ao exercito, íam em barcos até quasi aos seus aquartelamentos. Á vista pois d'estas posições, os alliados podiam facilmente reunir-se n'uma, ou n'outra parte das fronteiras, onde mais conta lhes fizesse, porque a sua primeira linha de communicação na Extremadura ia da ponte de Alcantara a Coria, seguindo d'aqui pelo desfiladeiro de Perales até ao Agueda, ao passo que a sua segunda linha ía por Penamacor a Fuente Guinaldo. Os francezes tambem tinham duas linhas de communicação; a primeira era a que ía de Horcajada, sobre o alto Tormes, por Puerto de Pico a Montbeltran e Talavera, a segunda ía desde Avila até Toledo,

pelo convento de Guisando e Escalona. Estas communi
dos francezes, postoque directas, eram ainda assim
e muito difficeis no tempo do inverno em que já se
ao passo que as dos alliados, correndo pelo interior d
las, eram não sómente mais curtas, mas até ameaça
com relação á guerra offensiva, e mais faceis, com
á defensiva[1].

No meado do mez de dezembro as tropas do gene
seguiram para o Alemtejo, começando no dia 20 a p
Tejo em Villa Velha por uma ponte de barcos. No dia
traram em Niza, em 22 acantonaram-se em Alpalhão
23 estabelecêra o mesmo Hill o seu quartel general e
talegre, occupando a sua direita a fronteira da provi
Alemtejo, e aquelles mesmos pontos em que nos p
invernos estivera acantonada. Ao concluir o seu já
officio de 19 de novembro, lord Wellington dizia: «
cultoso formar ao presente um juizo certo sobre as in

[1] Como já vimos, lord Wellington commettêra ao general Hi
truição da ponte de Almaraz para tornar mais longas e difficeis
municações dos francezes, ao passo que para facilitar e tornar n
tas as suas, ordenára a reparação da ponte de Alcantara, ou
ptura de um arco que n'esta admiravel obra se tinha feito, rup
andava por uns 90 pés de largo com 150 de profundidade, q
era o que d'ella ia até ao nivel das aguas do Tejo. Foi o coro
geon o encarregado da dita reparação, o que elle executou,
praticavel a passagem d'aquelle abysmo, não só para o exerc
até para a propria artilheria, fazendo-se isto sem que o inimig
cebesse. Para este fim mandára elle aprомptar no arsenal de El
rede de fortissimos cabos, dispondo-a por modo que podesse s
portada por partes. Esta rede foi conduzida ao logar do seu
por dezesete carros, com as respectivas madeiras e outros mais
em que entravam compridas vigas, que por uma e outra parte
entre si a alvenaria do arco quebrado, sendo essas mesmas viga
tambem a seu turno por grossos cabos: foi por cima de tudo
se lançou a já citada rede. Pelo lado direito e esquerdo da ponte
por cautela grades alcatroadas, servindo-lhe de parapeitos.
obteve a desejada reparação, conseguindo-se por ella uma con
ção para o exercito alliado, não só mais curta que a do inim
rendo pelo interior d'esta, mas que até atravessava boas estrad
a dos francezes por si não tinha.

do inimigo: elle não tem puxado tropas algumas para alem de Yette, e mui poucas alem de Huebra; porém é obvio, e diz-se que entre os officiaes francezes se affirma que emquanto não ficassem vencedores do exercito alliado era inutil tentar a conquista e o estabelecimento na Hespanha, sendo opinião do general Soult, pelas instancias que fazia ao rei José, que Portugal devia ser o theatro da guerra. Comtudo o resultado da companha, postoque não tão lisonjeiro como eu o esperei por um momento, ou como teria sido, se fosse bem succedido no castello de Burgos, ou se o general Ballesteros tivesse feito o movimento na Mancha que lhe foi ordenado, é ainda assim tão favoravel, que aquella operação parece agora fóra de questão. As fortes praças da Cidade Rodrigo e Badajoz estando em nosso poder, e a de Almeida estando restabelecida, não é facil ao inimigo penetrar por alguma d'aquellas duas grandes entradas em Portugal, e ainda que as duas primeiras praças (e particularmente a primeira), não estejam em bom estado de defeza, nem com a guarnição que eu desejava que tivessem, achando-se os inimigos despojados da sua artilheria, arsenaes e armazens na Andaluzia, Madrid, Salamanca e Valladolid, não me parece possivel que aquellas praças sejam atacadas. Assento portanto que elles acantonarão o seu exercito na Castella Velha e no valle do Tejo, e esperarão pela vinda de novos reforços e meios de França». Não se enganou pois lord Wellington nos juizos que fazia, porque effectivamente os francezes foram acantonar-se em Valladolid e Toledo, como já vimos, não se tendo o seu exercito desde Salamanca por diante achado em melhores condições que o dos alliados, o que não admira, pois já o general Clausel, escrevendo no tempo do seu commando ao ministro da guerra em Paris, lhe dizia na sua carta de 16 de agosto de 1812: «É ordinario ver-se, depois de um desastre, desanimados os exercitos: é difficil ver-se um cuja desanimação seja maior do que a d'este, e não posso, nem devo deixar de dizer a v. ex.ª que n'elle reina desde muito tempo um bem mau espirito: as mais repugnantes desordens e excessos se tem visto por toda a nossa retirada. Empregarei

todos os meios, que me dá a auctoridade para mudar as disposições do soldado, e pôr um termo ás deploraveis acções diariamente commettidas debaixo dos proprios olhos dos officiaes de todas as graduações, acções que estes não buscam reprimir».

Entretanto a retirada de Burgos fez nos habitantes de Lisboa a mais triste e desfavoravel impressão, como igualmente succedêra em Londres: ainda lord Wellington se achava com o seu exercito em Salamanca, e já havia quem o desse em Celorico. Chegado á Cidade Rodrigo, houve quem o acreditasse retirado já em Lamego. Espalhadas assim estas noticias, muitos tiveram como certa a volta dos francezes para as linhas de Torres Vedras. As provincias do norte, aterradas tambem pela sua parte, julgaram inevitavel a repetição das funestissimas scenas de 1810, de modo que de um estado tal á confusão, ao abandono e ao total desfallecimento de uma grande parte da nação pequena distancia houve. A não ser a guerra da Russia, Napoleão poderia mandar para a peninsula os soccorros de que os seus generaes tão urgentemente precisavam; mas entranhado como por então já estava n'aquelle tão fatal paiz, tanto para elle, como para o seu exercito, pelo temerario abuso que fez da sua fortuna, era claro que taes soccorros lhes não podiam ser mandados, particularmente na escala em que os seus ditos generaes os precisavam, achando-se portanto impossibilitados de poderem intentar invasão alguma séria em Portugal, attentos os fracos meios de que para isso dispunham, sendo por outro lado certa a sublevação da Hespanha nas provincias onde enfraquecessem as suas forças. Em 1810 Massena pôde invadir Portugal com 70:000 a 80:000 homens, porque n'esse anno ainda Soult occupava as Andaluzias, e o rei José a capital da Hespanha; e se mesmo assim Massena não pôde forçar as linhas de Torres Vedras, muito menos as poderia forçar Soult no anno de 1812, achando-se em peiores circumstancias do que estivera Massena em 1810, poisque a internar-se em Portugal, não poderia ter por si mais que a estrada militar do norte da

Hespanha, perdendo todas as communicações com Madrid, Valencia e Saragoça.

Mas a nada d'isto se attendia em Portugal, correndo por todas as suas provincias do norte ao sul um geral desalento, proveniente da retirada de Burgos, contagiando a todos, havendo até mesmo quem suppozesse que lord Wellington se achava já cortado, pelo não verem rapidamente mettido dentro das linhas de Torres. Ninguem attendia á falsa posição em que Napoleão se achava por então na Russia, nem ao estado critico dos seus generaes na peninsula: poucos davam já peso aos justos creditos e alta reputação que lord Wellington tinha adquirido pelos seus passados feitos e gloriosas victorias, nem á bem merecida confiança, que n'elle se havia posto. Todas as cabeças se achavam terrivelmente preoccupadas com os funestissimos males por que o paiz tinha passado nas tres precedentes invasões dos francezes, e sobretudo pelos que haviam soffrido as provincias da Beira Alta e Extremadura na ultima das tres citadas invasões: a imaginação de muitos renovava até os horrores do que dois annos antes tinham visto praticar-se pelos soldados francezes, infundindo assim receios, até certo ponto justos, por se não ter ainda extincto o amargurado sentimento das profundas desgraças por que Portugal tinha passado, o que tornava desculpaveis similhantes receios, postoque mal cabidos fossem n'este caso pelas rasões expostas. Todavia lord Wellington não se retirava das fronteiras de Portugal, nem os governadores do reino tinham dado o mais pequeno indicio de que os povos das provincias ameaçadas se deviam recolher ás linhas de Torres Vedras, como se havia já praticado em 1810. Se n'este anno lord Wellington se havia a ellas recolhido, tomando-se aquella precaução, foram similhantes cousas devidas a achar-se quasi toda a Hespanha submettida ao jugo francez, com avultado numero de tropas em cada uma das suas provincias, afiançando aos francezes a continuação da passiva obediencia de cada uma d'ellas, circumstancia em que se dava ver o mesmo lord Wellington em marcha contra si o formidavel exercito do marechal Massena, apre-

sentando uma força muito superior á do exercito luso-britannico. Mas as circumstancias da guerra em 1812 eram inteiramente differentes das de 1810, como se acaba de ver, o que todavia não deixou de levar algumas familias a virem de novo abrigar-se aos muros da capital, victimas dos seus infundados terrores.

Hoje, porém, desassombrados como estamos d'esses medonhos phantasmas, que tão fortemente impressionaram tamanho numero de portuguezes por aquelle tempo, não deixando tambem de causar serios receios aos proprios moradores de Londres, que não foram menos impressionados que os moradores de Lisboa pela desastrosa retirada de Burgos, reputando-a uns e outros como presagio de perdição para a causa da peninsula; hoje, repetimos nós, claramente vemos que as vantagens da campanha de 1812 tinham sido consideraveis para a causa da independencia das nações, não obstante os grandes desastres de similhante retirada. A batalha de Salamanca facilitára a lord Wellington a sua entrada em Madrid, e a sua marcha desde esta capital até ir pôr o cerco ao castello de Burgos. Se não tomou este castello, foi isto devido ao total abandono que o marechal Soult fez da Andaluzia, marchando de Cadiz e Sevilha para Valencia, e depois d'esta cidade para as vizinhanças do Tormes, em que consumiu dois mezes. Por este modo deixou livres aos alliados as melhores provincias da Hespanha, com a perda total das fortificações, linhas e artilheria de Cadiz, fortificações feitas com grandissimo trabalho, e o avultado dispendio de quinhentos dias a elle dedicados. E todavia, deixando o certo pelo duvidoso, nada conseguiu com isto. Gastando um mez para fazer cento e vinte leguas de um difficil caminho, marcha que todavia executou com saber e honra, pôde no fim d'aquelle tempo reunir as suas com as forças do rei José em Valencia. Dispondo assim de uma força de 55:000 homens, com elles partiu das margens do Xucar para as do Manzanares. N'esta sua marcha tivera por fim flanquear o exercito do general Hill e derrota-lo inteiramente; installar de passagem em Madrid novamente o rei José, e caír depois por

um rapido movimento sobre a margem esquerda do Douro, antes que lord Wellington o passasse com o seu exercito, e ali mette-lo entre dois fogos, destruindo-o inteiramente. Um tal projecto era realmente grande e das mais transcendentes consequencias; mas na sua execução falhou em todos os seus pontos, a não ser no accidental de restabelecer em Madrid a auctoridade franceza. O certo é que Soult, marchando a effeituar a commissão que se lhe confiára, não a desempenhou como d'elle se esperava e elle proprio imaginára. Voltando sobre a direita, deixou o reino de Aragão, usando da estrategia, para enganar Hill, de mandar para Saragoça cargas de bagagem com rotulos de grandes letras em que se lia *equipagem de s. ex.ª o marechal Soult*. Feito isto, dirigiu-se rapido com o destino de envolver o exercito do mesmo Hill, segundo o que tinha imaginado. Todavia mesmo defronte de Burgos os planos de Soult não escaparam á penetração de lord Wellington. Não esperdiçando este um só momento, e calculando as suas marchas com a mais rigorosa exactidão, não só se retirou de Burgos a toda a pressa, mas ordenou tambem ao general Hill que fizesse o mesmo, vindo ambos elles reunir-se quasi ao mesmo tempo n'uma posição em que estavam a coberto dos exercitos inimigos, que separadamente os pretendiam metter em combate. Effectivamente lord Wellington chegava a Rueda, quando o general Hill, soffrendo pequena perda na sua retirada, se approximava do Adaja. No dia 7 de novembro reuniram-se os dois exercitos perto de Salamanca, desvanecendo-se assim nas margens do Tormes todos os gigantescos projectos do marechal Soult, preparados com a premeditação de tres mezes, e debatidos pelos melhores generaes francezes, que então se achavam na peninsula.

É um facto que Soult occupou Madrid; mas esta occupação era apenas um accessorio do seu grande plano. Alem d'isto obrigado a conservar por sua aquella cidade e a ter livre a sua communicação com Suchet, era-lhe forçoso diminuir para este fim o seu exercito de 20:000 homens. Mas quer recorresse a este meio, quer não, Soult não tinha no paiz que pisava os precisos recursos para subsistir um mez.

O exercito com que tinha vindo de Valencia, incluindo o do rei José, computava-se, como já dissemos, em 55:000 homens, os quaes, reunidos ás forças do exercito de Portugal e do norte, faziam um total superior a 96:000 homens. Este computo, subindo a muito mais do que as forças alliadas, foi a causa que obrigou lord Wellington á sua retirada de Burgos, abandonando aos francezes o interior da Hespanha. Em circumstancias taes era de grande vantagem para Soult forçar o seu adversario a aceitar-lhe uma batalha; mas não conseguindo isto, teve de protrahir as suas operações, porque acolhendo-se lord Wellington ás fronteiras de Portugal, não podia ser atacado sem que precedesse a tomada da Cidade Rodrigo e a da praça de Almeida, empreza que Soult não podia effeituar por causa da estação invernosa em que se estava, pela necessidade de empregar artilheria grossa, que não tinha, ou lhe havia de vir de longe, e sobretudo pela grande falta de subsistencias, cousa que o mesmo Soult não podia haver por todo aquelle tempo, que demandavam os respectivos assedios.

Á vista pois d'isto Soult, repetimos por mais outra vez nada mais conseguiu no meio dos seus projectos do que restabelecer a precaria auctoridade do rei José em Madrid, dar ao mesmo tempo apoio ás operações do exercito do norte; mas estas vantagens eram realmente mesquinhas, tendo para as conseguir abandonado o cerco de Cadiz, perdido as Andaluzias, e com ellas o reino de Murcia e a Extremadura. Se para reconquistar estas provincias se dirigisse novamente a Sevilha, como lhe seria preciso, caíria em tal caso n'um circulo vicioso, por tornar á sua posição anterior, perdendo novamente Madrid, sendo portanto obrigado para a recuperar a fazer outra vez as mesmas marchas, que tinha acabado de fazer. Por conseguinte da marcha do exercito luso-britannico sobre Madrid, e do assedio que depois fôra pôr ao castello de Burgos, resultou a completa libertação d'aquellas quatro provincias, habilitando assim a regencia de Cadiz a recrutar amplamente para o seu exercito, e a alcançar todos aquelles meios de que precisava para o organisar e sustentar. O que

muito para notar é ter o exercito luso-britannico alcançado s vantagens que tirou da campanha de 1812, sem quasi ter apoio de um só dos exercitos hespanhoes, sendo nullo, ou uasi nullo, o que as tropas hespanholas lhe deram na batala de Salamanca. Taes foram os importantes serviços que a lespanha deveu ao exercito luso-britannico, serviços em que o copiosamente se derramou o sangue portuguez para lirtar um paiz, que até hoje se tem constantemente negado restituir-nos a praça de Olivença, conquistada aos francezes elo valor e esforço do exercito portuguez em 1811, e que or fraqueza e serviljsmo dos governadores do reino e da rte do Rio de Janeiro foi entregue ás auctoridades hespaholas por abjecta condescendencia com lord Wellington e o overno inglez, depois d'aquella conquista, praça que a Hesanha nos tomára em 1801, tendo por si o apoio da França, m quem então se achava ligada, e que para seu desdouro mostrou incapaz de sustentar, sendo necessario conquisr-lh'a para hoje a possuir.

É portanto inquestionavel que a campanha de 1812 fez ecididamente pender a sorte das armas em favor do exerito luso-britannico, sendo ella a mais importante das que iveram logar durante a guerra da peninsula, constituindo-se referido exercito pelos seus heroicos feitos no unico apoio irecto, que por si podia ter a liberdade da Hespanha, e no nico indirecto da de todos os mais reinos da Europa por quelle tempo. Se uma tal proposição precisa ser demonsada, repetiremos o que já temos dito, isto é, que nos ans de 1811 e 1812 todas as nações d'esta parte do mundo se havam submettidas ao duro jugo de Napoleão Buonaparte, tando humildes os seus dictames, e que a propria Hespaa, sem exercitos alguns regulares n'aquelles dois annos, ndo perdido as suas praças fortes, achando-se sem armas, munições e arsenaes, perto estava tambem d'aquella sma submissão, não podendo prestar ás operações de d Wellington outros soccorros mais efficazes que os dos rrilhas, poderosos como auxiliares, debaixo de certos tos de vista, mas irregulares e mesquinhos com relação

a uma guerra methodica e systematica. Por conse
exercito luso-britannico foi a unica força que os f
tiveram n'aquelles dois annos a combater regularme
só na peninsula, mas até mesmo em toda a Europa,
ptuar unicamente a Russia no anno de 1812, levad
velmente á sua resistencia contra a França pelo
exemplo que o citado exercito para isso mesmo lhe d

Já vimos que as forças francezas na Hespanha no
semestre do referido anno de 1812 montavam a 210:
mens, quasi todos soldados velhos, e commandados
ciaes distinctos, emquanto que as forças inglezas e
guezas, incluindo todos os seus reforços, não passa
75:000 homens, uma porção dos quaes, obrando
massa geral inimiga (aliás formidavel, pelo numero
que comprehendia, e formidavel não menos pela c
e habilidade, que durante vinte annos de continuada
tinham com feliz successo adquirido em toda a
teve de combater em diversas epochas com 150:00
zes (com exclusão dos 60:000 de Suchet), aos qua
tomado tres fortalezas, e expulsado das provincias
e meridionaes da Hespanha. Á vista pois d'isto póde-
tamente dizer que as tropas luso-britannicas, posto
riores em numero ás inimigas, eram-lhes todavia su
em tactica, disciplina e valor; que as portuguezas
vam debaixo d'estes pontos de vista perfeitamente i
inglezas; e finalmente que o saber militar e alta ca
de lord Wellington, commandante em chefe de toda
feridas tropas, eram tambem qualidades superiores
generaes seus adversarios: a subsequente campanha
e depois d'esta a de 1814, irão exuberantemente co
as asserções que fazemos.

Todavia é innegavel que a retirada de Burgos a
consideravelmente a disciplina militar do exercito
mas essa retirada, feita quasi desde as nascentes d
da margem direita do rio Ebro até ás do Agued
rou-se suspendendo o exercito luso-britannico uma
quatro exercitos francezes, quasi dupla da sua, fo

nou contra si. É igualmente innegavel que quando Soult, dan e Souham viam as massas da infanteria alliada es-ndo ousadamente os seus ataques com armas na mão, nos terrenos baixos ou nas planicies, e os macissos da compacta cavallaria fazendo o mesmo com igual resolu- esses generaes, apesar do seu alto renome e do valor seus exercitos, desistiam dos seus ataques, não pas-lo alem de ameaças as suas disposições, seguramente temor que similhantes massas lhes infundiam: honra portanto feita a um similhante exercito e ao general que ommandava, poisque no auge da sua propria desgraça poderam ainda assim fazer respeitar dos seus adversa-, quando em duplicado numero os perseguiam como em cha triumphal! Foi portanto esse temor quem salvou ropas luso-britannicas de serem completamente derrota-, sobretudo nas margens do Tormes, que foi uma das s propicias occasiões que os francezes tiveram para o seguir. Essas tropas, rotas de vestuario, descalças, victi- da fome, desordenadas na sua marcha, e alagadas da a, que um céu tenebroso a torrentes lhes lançava sobre o o desde a cabeça até aos pés, poderam ainda assim fa-se temer e respeitar em similhante estado a dois mare-s de França, taes como Soult e Jourdan! Tal era o effeito brilhantes proezas, que haviam já praticado! A retirada o exercito luso-britannico fizéra em 1810, desde a serra Bussaco até ás linhas de Torres Vedras, apresentou as ieiras provas da constancia, disciplina e valor militar dos ados portuguezes; mas na retirada de Burgos, em que das mencionadas privações, até lhes faltou o sal por tos dias successivos, nem ao menos lhes foi cortado ou rehendido um unico corpo de 50 homens, mas apenas ados dispersos! Este facto não só é prova da capacidade elligencia dos chefes, mas até mesmo da exemplar dis-na e subordinação dos referidos soldados. As bagagens iram-se aos corpos respectivos, logoque o exercito en- em Portugal; depois de mais de sessenta leguas de ca-no, de muitas difficuldades, combates, perigos e priva-

ções sem conto, esse exercito teve uma perda despropor
aos males por que passou, e que tão duramente o op
ram. Depois de uma similhante retirada a necessidade
pouso era extrema para tropas, que desde o mez de jan
1812 tinham constantemente operado, e se um tal re
era indispensavel para a infanteria, com muita mais r
exigiam as armas da cavallaria e artilheria. A tudo isto
cia igualmente a attenção, que segundo é ordinario n
sempre a disciplina de um exercito, depois de uma cam
tão longa como activa, e de uma retirada em que os o
tinham perdido toda a sua auctoridade sobre os sol

Entretanto, repetimos ainda, as vantagens da campa
fim do anno de 1812 tinham sido de grande monta; em
quencia dos respectivos cercos haviam-se tomado por a
como já dissemos, a Cidade Rodrigo, a de Badajoz e a
lamanca; entrára-se victoriosamente em Madrid, rend
o Retiro pela força das armas, fizera-se levantar por
d'isto o cerco de Cadiz, e libertára-se por fim dos fran
Andaluzia e a Extremadura hespanhola. Em poder do ex
luso-britannico tinha igualmente caído Astorga, que s
dêra aos hespanhoes, bem como Guadalaxara e Cons
alem de outras mais praças. Enviaram-se para Ing
20:000 prisioneiros, feitos pelo mesmo exercito, o qu
truíra, ou apropriára para seu uso os arsenaes das pr
terras que tomára, montando a 3:000 peças de artilhe
que se haviam destruido ou empregado. Em galardão
das estas vantagens, que lord Wellington alcançára dur
sua dita campanha de 1812, recebeu elle da regencia
côrtes de Cadiz a sua tão desejada nomeação de com
dante em chefe dos exercitos hespanhoes, concebida n
guintes termos: «Sendo indispensavel para a mais pr
e segura destruição do inimigo commum que haja u
nos planos e operações dos exercitos alliados na pen
e não podendo conseguir-se tão importante objecto, se
um unico general commande em chefe todas as tropa
panholas: as côrtes geraes e extraordinarias, vista a u
necessidade de aproveitar os gloriosos triumphos das

alliadas, e as favoraveis circumstancias que approximam o desejado momento de pôr fim aos males que tem dilacerado a nação; apreciando outrosim os distinctos talentos e relevantes serviços do duque de Cidade Rodrigo, capitão general dos exercitos nacionaes, tem decretado e decretam, que durante a cooperação das forças alliadas para a defeza da peninsula, se lhe confira o commando de todos elles, exercendo-o conforme as ordens geraes, sem mais differença do que fazer-se, como a respeito do sobredito duque se faz pelo presente decreto, extensivo a todas as provincias da peninsula, como determina o artigo 6.º titulo I tratado VII das referidas ordens, devendo aquelle illustre chefe entender-se com o governo hespanhol por via da secretaria da guerra. A referida regencia assim o tenha entendido, etc. Dado em Cadiz aos 22 de setembro de 1812.—*A regencia do reino*».

Lord Wellington recebeu esta nomeação com extremo reconhecimento, e por ella testemunhou a sua gratidão, respondendo da cidade de Toro ao governo hespanhol em conformidade com isto no dia 2 de outubro; mas expondo-lhe ao mesmo tempo que antes de aceitar definitivamente o commando, com que lhe faziam a honra de o revestir, necessario lhe era obter primeiro o beneplacito do principe regente de Inglaterra, circumstancia que por algum tempo demorou a publicação do respectivo decreto. Enviada mais tarde essa aceitação definitiva, as côrtes mandaram proceder á sua leitura publica na mesa da presidencia na sessão de 20 de novembro do referido anno de 1812, coincidindo assim este facto com a entrada do exercito luso-britannico em Portugal, depois da memoravel retirada de Burgos. O governo portuguez tambem pela sua parte se não esqueceu de galardoar lord Wellington, apenas lhe constou a brilhante victoria de Salamanca, elevando-o em 27 de dezembro de 1812 ao titulo de duque de Victoria, constituido assim este seu galardão em feliz presagio de um outro triumpho, que no seguinte anno de 1813 o havia de coroar igualmente de immarcessivel gloria n'uma cidade hespanhola d'este mesmo nome, capital da provincia de Alava.

CAPITULO IV

Preparando-se Napoleão para a sua campanha da Russia, D. Miguel Pereira Forjaz mandou lembrar ao imperador Alexandre as vantagens de adoptar o mesmo systema de destruição que em 1810 se tinha feito em Portugal nas provincias da Beira e Extremadura, plano que effectivamente o dito imperador adoptou, não resistindo á invasão dos francezes nos seus estados, nem quando atravessaram o Niemen, nem quando marcharam para Kowno e Wilna, depois das proclamações de um e outro imperador ao começarem a sua respectiva campanha. Retirando-se pois o exercito russo para o interior do paiz, o francez avançou até Smolensko, onde Napoleão entrou, depois de abandonada esta cidade pelos russos, que ali lhe não aceitaram batalha, tendo esta sómente logar nos campos de Borodino, depois de tirado do commando em chefe do exercito russo o general Barclay de Tolly, a quem deram por successor o general Koutousoff. Ganha a dita batalha pelos francezes, Napoleão avançou para Moscow, que tambem achou abandonada, seguindo-se-lhe depois um pavoroso incendio, que obrigou o mesmo Napoleão a retirar-se precipitadamente para a Polonia, depois de desenganado da inutilidade das propostas de paz, que mandára fazer ao imperador Alexandre. Batalhas que teve de dar n'esta funesta retirada, estragos e mortes que o seu exercito n'ella soffreu, tanto por causa das referidas batalhas, como pela força da neve que sobreveiu. Sua miseravel entrada em Smolensko, e sua calamitosa passagem do Beresina, até ir ganhar Smorgoini, d'onde elle Napoleão escondidamente fugiu para Paris, deixando o seu exercito victima das maiores calamidades, acabando estas de o destruir até chegar a Wilna e depois a Kowno.

Se a omnipotencia da França tinha na peninsula consideravelmente declinado, enfraquecida pela memoravel campanha de 1812, a do norte da Europa, emprehendida pessoalmente no mesmo anno por Napoleão Buonaparte contra o imperador da Russia, tornára-se-lhe consideravelmente nefasta, pelos gravissimos males, que durante ella experimentou, e deploraveis consequencias que tambem d'ella lhe resultaram. No discurso preliminar d'esta obra viu-se como as cohortes dos barbaros do norte, forçados pelos frios e esterilidade do seu

paiz natal e arrastados não menos pelo seu ardente desejo de trocarem os desertos glaciaes que habitavam pela doçura do clima e fertilidade dos terrenos do meio dia da Europa, se lançaram em tropel contra esta parte do mundo, de que por fim se apossaram, destruindo o imperio romano. Estava portanto reservado para o principio do seculo XIX ver Napoleão Buonaparte fazer na ordem inversa uma invasão contra aquelles mesmos desertos, conduzindo contra elles debaixo das suas immediatas ordens francezes, italianos, allemães, prussianos, polacos, hespanhoes e portuguezes, obrigando-os a deixar os seus ferteis e amenos paizes para levarem a guerra, a destruição e a morte áquellas espeças florestas e nevados terrenos da inhospita Scythia, ou a ella similhantes, onde quasi todos foram miseravelmente perder a vida, uns em batalha campal, outros victimas da fome, da nudez e do rigor de tão frigido clima. Foi esta temeraria empreza a que pelos seus grandes desastres se constituiu n'uma das mais efficientes causas da salvação da peninsula, pela impossibilidade que d'ella seguramente resultou a Napoleão e á França de poderem reforçar e devidamente soccorrer os exercitos, que n'esta parte da Europa tinham empregados em a dominar. A não serem similhantes desastres, e portanto similhante empreza, era muito duvidoso, não só que o exercito luso-britannico podesse com vantagem sustentar por mais tempo na Hespanha a guerra dos alliados contra a França, mas até que a mesma Gran-Bretanha podesse continuar tambem por mais tempo a dispôr dos consideraveis meios pecuniarios de que para isso precisava, e a fornecer ao seu exercito os braços que n'elle deviam substituir as inevitaveis perdas de uma tão mortifera e encarniçada luta: foi pois essa temeraria empreza a que deu a esta potencia o seu final triumpho. É portanto evidente que a Russia foi quem indirectamente salvou por aquelle tempo a peninsula, assim como a guerra da peninsula foi a que por justa retribuição cooperou poderosamente por modo indirecto para o completo triumpho das armas da Russia sobre as da França. É por causa d'esta tão intima e mutua ligação de uma com

ıerra que aqui vamos offerecer ao leitor em capitulo
um resumo, destinado á memoravel campanha do
francez na Russia em 1812.

o celebre João Jacques Rousseau vaticinado no seu
ue aquelle imperio daria um dia as leis ao resto da
Similhante vaticinio, enunciado por tão grave e pres-
uctoridade e eminente philosopho, arrastára muita
crença da sua realidade, porque em fim homens ha
vilegio de oraculos, que apesar do que dizem ter
verdade como o tinham esses dos antigos tempos,
isso perdem a reputação que adquiriram, qual outra
sa inspirada pelo sacro-delio fogo em remotas eras,
do o futuro, sentada na mysteriosa tripode. Bem
is da Russia se tornar despotica para com o resto da
como prophetisou Rousseau, a sua politica tem-lhe
hoje benefica, e n'aquella occasião o foi considera-
e, não obstante as diligencias que Napoleão empre-
a fazer valer e acreditar o vaticinio de Rousseau.
o pois Buonaparte para a sua empreza um exercito
a 600:000 homens com uma prodigiosa cavallaria[1],

coronel Claudio de Chaby nos *Apontamentos para a historia portugueza* ao serviço de Napoleão I, de que foi editor, apre-
na sua nota a distribuição d'aquelle exercito, feita pela se-
neira, dando-lhe 680:500 homens com 176:850 cavallos; a

	Homens	Cavallos
maior general	4:000	1:150
o corpo	83:000	11:500
o dito	44:100	7:000
o dito	43:800	8:700
dito	52:000	10:500
dito	39:500	9:100
lito	27:400	3:800
dito	18:900	5:500
	312:700	57:250

alcançando uma e outra cousa, tanto na França, como nos paizes a ella estranhos, com elles marchou vaidoso á conquista da Russia, qual n'outro tempo Alexandre da Macedonia á sua gigantesca conquista da Asia. Napoleão, julgando-se como o mesmo Alexandre um outro conquistador do mundo, tambem imitou este soberano no desprezo com que ouviu a significativa falla que os scythas lhe dirigiram, quando lhe disseram. «Acredita-nos, Alexandre, a fortuna é inconstante; toma cuidado não te escape: põe limites á tua felicidade, se intentas querer gosa-la. Se ès um Deus, deves fazer bem aos homens, e não despoja-los do que é seu: se ès homem, recorda-te sem-

	Homens	Cavallos
Transporte..........	312:700	57:250
Oitavo dito	18:700	4:300
Nono dito	32:500	4:500
Decimo dito..........	31:400	5:300
Decimo primeiro dito..........	55:100	2:500
Corpo auxiliar austriaco..........	30:000	6:000
Guarda imperial	51:300	16:500
Parque grande..........	22:400	15:000
Guarnições: Dantzig .... / Magdeburg..........	7:300	600
Guarnições: Kœnisberg.......... / Hamburgo..........	7:300	600
Divisão princeza..........	7:300	300
Napolitanos..........	8:000	1:000
Dinamarquezes	9:800	2:000
Tropas em marcha..........	43:000	16:500
Depositos de cavallaria..........	1:500	600
Primeiro corpo de cavallaria..........	13:400	13:800
Segundo dito..........	10:400	10:600
Terceiro dito..........	10:600	11:000
Quarto dito	7:800	8:500
Total da força expedicionaria..........	680:500	176:850

Mr. Thiers diz que, excluindo os doentes, os destacamentos e os austriacos, que estavam longe do theatro das operações, o numero dos presentes no campo era de 423:000 homens, dos quaes 300:000 eram d-

pre do que és. Os que deixares em paz serão teus verdadeiros amigos; mas não penses que os vencidos possam jamais amar-te: nunca se deu amizade entre o senhor e o escravo, e uma paz forçada é sempre o preludio de uma nova guerra.»
Alexandre não fez caso algum de tão judicioso, quanto notavel discurso, nem de tão verdadeiros, quanto salutares conselhos; mas os seus soldados, recusando-se a passar o Hydaspe, não quizeram mais conquistas, de que resultou voltar Alexandre para Babylonia, onde perdeu miseravelmente a vida, entregue aos excessos da mais desregrada intemperança e desenfreada dissolução.

«A distancia de Paris a Moscow, disse tambem um jornalista francez d'aquelle tempo, adulador abjecto de Napoleão, é quasi igual á que separava a capital de Alexandre da do imperio dos persas; a natureza dos logares e dos climas, que passavam quasi por inaccessiveis aos exercitos da Europa, a lembrança de um grande guerreiro, cuja audacia o perdeu n'um similhante projecto, tudo conspira para dar aos progressos do exercito grande os visos de uma maravilha, que trazem á memoria um dos factos mais admiraveis da antiguidade.» Tambem Carlos XII, seduzido pelas loucas apparencias de gloria, intentára como Buonaparte conquistar a Russia, passando o Boristhenes com 43:000 homens. Mar-

...anteria, 70:000 de cavallaria e 30:000 de artilheria, levando comsigo ...00 bôcas de fogo de campanha, 6 equipagens de ponte, e um mez ...viveres nas carroças. Diz mais que havia um exercito de reserva de ...:000 homens, ao qual juntando alguns destacamentos que havia em ...ferentes pequenos postos na força de 12:000 homens e 40:000 doen..., sommavam todas estas addições para mais de 600:000 homens, nu...ro em que se contavam 85:000 cavalleiros montados, 40:000 arti...eiros, 20:000 bagageiros ou carroceiros, e 145:000 cavallos de sella ...tiro. Que esforço de genio administrativo não era, portanto, preciso ...ra fazer marchar tantos entes vivos em serviço de uma só causa, so...tudo devendo acrescentar-se mais que ainda restavam 150:000 ho...ens nos depositos de França, 50:000 em Italia e 300:000 em Hespa...a, subindo a totalidade d'estas addições a 1.100:000 soldados, reunidos ...aixo do mando de um só chefe, e tudo isto no principio do illus...do seculo XIX! Só esta empreza era por si só bastante para immor...isar com a mais justa causa o nome de Napoleão Buonaparte.

chando com elles sobre Moscow, atravessou o deserto da Ukrania, onde a fortuna o abandonou, porque defronte da praça de Pultawa, em 8 de julho de 1709, Pedro Grande lhe derrotou totalmente o exercito, sendo o mesmo Carlos XII depois de ferido n'uma perna, obrigado a buscar asylo entre os turcos, sendo para entre elles conduzido n'umas andas. Uma outra empreza de funestas consequencias de que Napo leão se não devia esquecer era tambem a de Marcus Crasso contra os parthos, empreza de que o general romano não desistiu, não obstante as vivas represenções que se lhe dirigiram, os avisos desanimadores que se lhe deram, e os sinistros presagios que se lhe notaram. O castigo que tirou da sua teima foi perder 20:000 romanos na batalha que lhe ganhou Surena, e depois d'ella a vida, quando pelos seus proprios soldados foi obrigado a dirigir-se ao local para onde o vencedor o convidára a uma conferencia. É n'este e n'outros que taes casos que a historia, mestra da vida, se deve ter presente, aproveitando-se salutarmente a sua leitura.

Já a paginas 18 e seguintes do presente volume vimos que não houve rasões politicas, nem militares, nem tão pouco houve opiniões, ou conselhos de generaes, ou de quaesquer outras pessoas, por mais respeitaveis que fossem, a quem Napoleão consultasse, capazes de o demoverem da tão temeraria, quanto arriscada empreza da sua expedição da Russia: tal era o indomito e vertiginoso espirito de vingança de que se achava possuido contra a indocilidade, real ou supposta, do imperador Alexandre, sem attender a que a vingança paga de ordinario com pungentes amarguras o seductor prazer dos que surdos á voz da rasão só loucamente a buscam satisfazer, não sendo mais do que um lethal e amargoso fel, bebido em dourado copo. O proprio ministro Fouché, seu intimo valido, foi um dos que debalde o tentou dissuadir da sobredita empreza por meio de uma memoria, que para esse fim redigiu. N'ella lhe dizia o seu auctor, que elle Napoleão se achava senhor do mais bello imperio que se vira no mundo, quando todas as paginas da historia mostravam a impossibilidade de se poder realisar uma monarchia universal. O imperio fra

vez, acrescentava mais este tão habil, quanto machiavelico ministro, tem chegado a um tal ponto de engrandecimento, que em nenhuma outra cousa mais devia pensar o senhor d'elle do que em o tornar firme e estavel, cuidando sobre tudo em lhe consolidar as acquisições feitas, dando de mão a lhe aggregar novas conquistas, cousa que não podia deixar de o fazer perder em solidez, o que para mais ganhasse em extensão. Fouché allegava ainda, que o immenso paiz que elle ia atacar, a pobreza do seu solo e a aspereza do seu clima eram serios obstaculos a que muito se devia attender, poisque cada victoria que por ventura ganhasse o separava cada vez mais dos seus vitaes recursos, e todas as communicações seriam necessariamente embaraçadas pelas tribus selvagens dos tartaros e cossacos.

Mas para que o leitor devidamente conheça a tempera do homem a quem Fouché dirigia tão sem fructo os seus conselhos, acrescentaremos que este ministro, apresentando-se nas Tuilherias, pediu uma audiencia ao imperador, pensando sem duvida que a sua inesperada apparição no castello, e os fortes argumentos e ponderosas rasões, contidas na sua dita memoria, lhe chamassem sobre ella a sua mais seria attenção. Baldada esperança, enganador empenho; porque Napoleão, com inteira surpreza do apresentante, começou logo a conversa com certo modo de indifferença, dizendo-lhe: «Não ignoro, senhor duque, o fim do vosso procedimento. Tendes uma memoria a apresentar-me: dae-m'a cá, eu a lerei, postoque saiba já o seu conteúdo. A guerra da Russia não vos é mais agradavel que a da Hespanha.» — «Vossa Magestade, respondeu Fouché, admirado de se ver assim prevenido, quando julgava que o passo que ía dar se achava encerrado no mais inviolavel segredo [1], me perdoará o ter-me aven-

[1] Lembrou-se Fouché de que um individuo da sua vizinhança, *maire* de uma municipalidade, e a quem elle mesmo tinha empregado em negocios de policia, se introduzira n'uma manhã precipitadamente no seu gabinete, com o pretexto de advogar a causa de um desgraçado locatario, o que lhe fez suppor, que em quanto elle procurava os papeis, relativos ao negocio do seu cliente, o tal senhor *maire* teve occasião de

turado a fazer algumas observações sobre esta importante crise.» — «Seguramente não é crise, respondeu Napoleão, é simplesmente uma guerra de natureza politica. A Hespanha cairá, logoque eu haja aniquilado a influencia ingleza em S. Petersburgo. Conto por mim 800:000 homens, e quando alguem possue um igual exercito, a Europa não é para elle mais do que uma velha prostituta, que lhe deve obedecer á sua vontade. Não me dissestes vós mesmo que para os francezes não ha impossiveis? Eu regulo a minha conducta mais pela opinião dos meus exercitos do que pelos sentimentos dos vossos grandes, que se tem tornado muito ricos, e emquanto vós vos mostraes desassocegado, com respeito a mim, elles só temem a confusão geral que sobrevirá á minha morte. Não vos afflijaes; olhae a guerra da Russia como uma medida sabia, determinada pelos interesses da França e da tranquillidade geral. Serei digno de censura por que o alto grau de potencia que adquiri me força a tomar a dictadura do universo? O meu destino ainda não está preenchido; a minha actual posição não é mais que o esboço do quadro que me é preciso acabar. Não deve haver mais que um só codigo europeu universal, e um supremo tribunal de appellação. É preciso que em toda a Europa corra a mesma moeda, haja os mesmos pesos, as mesmas medidas, e as mesmas leis. Eu não farei senão uma só nação de todos os estados europeus, e París será a capital do mundo. Presentemente vós não me podeis servir bem, por que julgaes os meus negocios em perigo; mas antes de um anno vós me servireis com tanto zêlo e ardor como me serviste nas epochas de Marengo e Austerlitz. Vereis muitas outras cousas mais do que isto; sou eu quem vo-lo digo. Adeus, senhor duque; não façaes mais de cortezão desgraçado; não vos entremettaes outra vez em fazer uma critica capciosa dos negocios publicos, e tende

lançar os olhos sobre o papel que Fouché escrevia, onde a repetição das letras V. M. I. e R. (vossa magestade imperial e real), lhe fez conhecer que redigia uma memoria a Napoleão, e uma ou duas palavras que leria no texto lhe explicavam o fim a que se destinava.

por bem depositar mais alguma confiança no vosso imperador.»

Já se vê pois com quanta má vontade Napoleão ouvia os salutares avisos que lhe faziam para o desviarem do temerario e arriscado passo, que ía dar na sua guerra contra a Russia, desdenhando a par d'isto o pesar maduramente na balança da reflexão os factos historicos já por nós acima mencionados. Orgulhoso por se ver á testa de um tamanho exercito, quiz pertinazmente ir em pessoa levar a guerra ao centro do imperio russo com manifesto abuso da sua fortuna, a qual por similhante motivo lhe virou posteriormente as costas. Como homem a quem essa mesma fortuna tinha deslumbrado a rasão, cegou-se miseravelmente na altissima posição a que o elevára, e abusando por orgulho d'essa sua posição, soffreu em castigo a desgraça, sendo este o commum resultado que os abusos de toda a ordem trazem quasi sempre comsigo, quando tão irreflectidamente se praticam. Se Dario tivesse escutado attento e resignado os salutares conselhos de Memnon, o melhor dos seus generaes, evitando quanto possivel lhe fosse os combates, e devastando o paiz, para perseguir pela fome um inimigo que não podia vencer pelas armas, não teriam tido logar as batalhas de Issus e Arabelles, nem Alexandre conservaria talvez o titulo de grande com que até hoje o seu nome se tem visto ornado, e provavelmente se continuará a ver até á consummação dos seculos. Ao contrario de Dario procedeu pela sua parte o imperador da Russia, adornado igualmente com o nome de Alexandre, e por fortuna sua obedecido pela totalidade de uma grande nação, facto que seguramente foi um dos mais memoraveis dos da historia d'este seculo, e para o qual lhe serviu de modêlo o que já em 1810 se havia praticado em Portugal por ordem de lord Wellington. Fomos portanto nós, os portuguezes, os primeiros que mostrámos ao mundo pela magnitude dos nossos sacrificios, em proporção da pequenez dos nossos meios e escassas possibilidades, como é que se podia combater e se podia vencer o imperador Napoleão no auge da sua immensa fortuna.

Ao nosso exemplo acordou a Russia, exemplo nobre e

generoso, que um dos nossos proprios governantes, o
tario de estado na repartição da guerra e estrangeiros,
guel Pereira Forjaz, mandou lembrar ao soberano d'a
imperio por carta, que na data de 25 de abril de 1812
a Antonio Joaquim Guedes, então em missão diplomat
sua respectiva côrte, dizendo-lhe: «Aproveito a part
seu irmão para lhe renovar as minhas instancias, a fim
nos instrua, sempre que lhe for possivel, do que se pas
norte da Europa, e que tanto nos interessa saber com a
dão, que se não póde encontrar nas gazetas dos paizes o
dos pelos francezes. Seu irmão o instruirá dos success
aqui, das brilhantes conquistas da Cidade Rodrigo e B
em que o exercito alliado se tem mostrado digno dos n
elogios, e o seu general talhado pela Providencia par
trar á Europa e ao mundo inteiro o caminho que s
seguir para desvanecer o prestigio da superioridade d
pas francezas, e como elle ha de salvar ainda a liberd
Europa e a persistencia dos thronos, que ainda tem
escapar ao transtorno geral que Napoleão medita e t
parte executado. Se a Russia conhecer bem os seus
deiros interesses, e sobretudo se não esmorecer pela
de uma batalha, ou de uma cidade, *se applicar aos se
tos paizes o plano que lord Wellington executou em
limitado como Portugal na sua largura, Buonapart
perdido, a peninsula salva, e a Europa restituida
independencia:* e que glorias não resultarão d'ahi para
cessor das virtudes e do throno de Pedro Grande e de
rina II? Desculpe a tirada, mas o interesse do assum
convicção do entendimento justifica o sermão.» O certo
o nosso dito governante foi melhor escutado nos seus
lhos do que Memnon o foi por parte de Dario, pois
imperador da Russia de facto lh'os aceitou e seguiu,
a sua posterior conducta subsequentemente o mostro
davia forçoso é confessar que os nossos imitadores e
ram muito o exemplo que lhes demos, porque tamb
seus meios e possibilidades eram muito diversos. Ent
nem por isso se deve inferir que não seriamos capa

o mesmo que os nossos imitadores fizeram, collocados
lesmas circumstancias. A inteira evacuação de duas das
s melhores provincias no anno de 1810 prova bem que,
s leve insinuação feita pelo governo, os seus habitan-
riam tambem queimado as suas casas e os seus ha-
, se assim lhes fosse suggerido. O quadro que Lisboa
entou n'aquelle calamitoso anno, acolhendo no seu seio
arinhoso agasalho mais de 50:000 victimas da devas-
franceza, e que dois excellentes artistas perpetuaram,
elo seu bello pincel e outro pelo seu apreciado buril,
hoje attesta que ninguem nos vence em patriotismo,
obrepuja em sacrificios, quando d'elles absolutamente
da a salvação da patria.
im como pedimos justiça para com a nossa dedicação e
tismo, assim igualmente a fazemos a Napoleão, dizendo
como conquistador e ambicioso foi louco e temerario na
rojada empreza, tambem como general não é pelas suas
ıças na Russia que se deve avaliar a sua alta capacidade
raordinario talento. Todavia votos de muito peso lhe
graves censuras, mesmo debaixo do ponto de vista
r, censuras que não reproduzimos aqui para fugir aos
mos, feitos a este respeito pelo coronel Napier aos
ssim pensam, chamando com magistral entono a simi-
s censuras, *puerilidades de certos escriptores;* mas
lo fossem taes, que para nós seguramente o não são,
ıvicções de Napier, a não querer arrogar-se o dom da
bilidade, qual outro Pio IX, não podem obrigar os mais
m as cousas pelo mesmo prisma por que elle as vê, e
uito bem fundados que sejam os seus raciocinios, as
contrarias, comprovadas aliás pelos factos, tambem
eixam de abalar o animo de todos aquelles individuos,
pesar de não serem como nós contrastes n'estas mate-
tambem tem uma intelligencia, havendo outros que,
igualmente militares, tem essas ditas censuras por
e bem cabidas. Isto porém não obsta a que digâmos,

rentes linguas para alem do Niemen, qual outro Annibal o seu exercito para alem dos Pyrenéos, e reunir por fim 120:000 na capital da Russia é realmente uma evidente prova da sua alta capacidade e grande talento militar, não obstante os erros que se lhe notam e as censuras que se lhe fazem, mais quanto á empreza, que quanto á execução d'ella. A certos respeitos admira não menos a sua previdencia militar e constante vigilancia, manifestadas na disposição das reservas e na devida guarda dos seus flancos, guiando por tal maneira os seus exercitos, que sendo constantemente victorioso na sua frente, nenhum posto lhe ficou á retaguarda, nenhum comboio lhe faltou, e nem um só correio, ou officio se lhe interceptou, tendo sempre com a capital da França uma communicação tão regular e segura como se a sua marcha tão colossal como era não fosse mais do que um mero passeio militar! Napoleão Buonaparte, provando na sua ousada empreza os seus grandes e incontestaveis talentos, como em outras os tinha já provado, foi a final vencido, senão directamente pela força das armas, ao menos indirectamente pela occorrencia das circumstancias, que elle devia ter previsto, e de concurso com ellas por não poucas faltas militares, não podendo por tanto imitar, como o quiz fazer acreditar nos seus boletins, o dito de Filippe II de Hespanha, quando recebeu a noticia do funesto desastre da sua invencivel armada, dizendo, á similhança d'elle, mas por diversos termos: *Eu não fui á Russia para me bater com os rigores de uma estação invernosa em similhante paiz, mas com os homens, que constantemente venci, sempre que como inimigos se me apresentaram diante.* No fim d'este capitulo se verá a impropriedade da inteira applicação d'estas expressões de Napoleão para desculpar os seus desastres na Russia, cujas causas tiveram por certo outra origem, que não os rigores da estação invernosa, rigores certamente os menores dos seus ditos desastres, e não as unicas das suas causas, como elle quiz fazer persuadir. Pedindo desculpa ao leitor d'esta especie de introducção ao presente capitulo, passaremos agora ao seu principal assumpto.

Começára Napoleão a organisar no principio do anno de 1812 o seu grande exercito da Russia, compondo-o de oito grandes corpos de infanteria e quatro de cavallaria, excluindo a guarda, tendo nos seus flancos dois outros corpos, alem de mais dois de reserva. O primeiro corpo, commandado pelo marechal Davoust, constava de cinco divisões de infanteria e uma de cavallaria ligeira, na força de 65:000 infantes e 2:400 cavallos. Da Allemanha passou este corpo a occupar as linhas do Oder e do Vistula, cobrindo assim a reunião do exercito. O segundo tinha por commandante o marechal Oudinot, compondo-se de tres divisões francezas, uma de infanteria suissa, e uma de cavallaria ligeira, tudo na força de 32:000 infantes e 2:400 cavallos. Este corpo teve por incumbencia dirigir-se para o Niemen, passando por Berlim. O terceiro, commandado pelo marechal Ney, contava duas divisões francezas, uma wurtemburgue-a, e uma de cavallaria ligeira, tudo na força de 35:000 in-ntes e 2:400 cavallos. Este corpo, depois de se reunir em ayence, devia seguir por Erfurt ao Niemen. O quarto, com-andado pelo principe Eugenio, contava duas divisões de fanteria franceza, uma italiana e a guarda, tendo tambem na divisão de cavallaria, tudo na força de 38:000 infantes 2:400 cavallos. Este corpo, marchando de Verona para o yrol, seguiu d'aqui para a Baviera e por fim para o Niemen. quinto, commandado por Poniatowski, contàva tres divi-es de infanteria polaca e uma divisão de infanteria ligeira, a força total de 36:000 infantes e 2:400 cavallos. Em Varsovia devia elle reunir. O sexto, commandado pelo general Gou-on Saint-Cyr, compunha-se de duas divisões de infanteria e na de cavallaria ligeira, na força total de 25:000 infantes e :400 cavallos. Este corpo teve por incumbencia reunir-se n Bayrowth ao exercito, chamado da Italia, ou o já citado uarto corpo, devendo ficar debaixo das ordens do principe ugenio, genro do rei da Baviera, e dirigir-se d'aquelle ponto ra o Niemen. O setimo corpo, commandado pelo general eygnier, constava de duas divisões saxonias de infanteria e na de cavallaria ligeira na força de 24:000 infantes e 2:400

cavallos. Este corpo, depois de se reunir em Glogau, chou por Kalitch para Varsovia. Finalmente o oitavo commandado pelo rei Jeronymo Buonaparte, consta duas divisões de infanteria e uma de cavallaria lige força total de 18:000 infantes e 1:200 cavallos. Este teve ordem de se reunir em Magdebourg.

A todos estes corpos se addicionou o da guarda in e a reserva de cavallaria, sendo a força do da dita imperial de 32:000 infantes e 3:800 cavallos. A rese cavallaria compunha-se de tres divisões, na força de cavallos. Este grande e poderoso exercito ao march o seu destino tinha no seu flanco esquerdo pela pa norte o decimo corpo, commandado pelo marech donald, compondo-se de duas divisões prussianas e franceza, na força de 32:000 infantes e 3:000 ca No seu flanco direito tinha pela parte do sul um corp liar austriaco, commandado pelo principe de Schwa berg, contando tres divisões de infanteria e uma de ca na força de 24:000 infantes e 6:000 cavallos. Pela reta d'este grande exercito, achavam-se de reserva, com a cobrirem-lhe a sua linha de operações através da A nha, o nono e o undecimo corpo, commandados pelos chaes Victor e Augereau. A totalidade de todas estas subia a 600:000 homens, que postados na retagua Vistula no mez de junho, de lá se dirigiram depois Niemen. Do referido numero constituiam o exercito 420:000 homens, constando de 300:000 de infanteria, de cavallaria, 30:000 de artilheria com 1:000 bôcas d e 20:000 de praças não combatentes. Levava mais o r exercito seis trens de ponte, e os comboios de viver consumo de um mez [1].

[1] A numeração dos corpos acima mencionados, a dos seus com tes e a da força que por si tinham, as extrahimos nós do artigo, q a campanha da Russia começou a publicar no n.º 4 da *Revista* 28 de fevereiro de 1875 o nosso bom e intelligente amigo, o sr de brigada, Antonio de Mello Breyner, esperando da sua ben para comnosco que nos relevará a culpa em que na sua opinião

s estes preparativos Napoleão deixou finalmente Paris
) de maio do dito anno de 1812, como já dissemos no
primeiro do presente volume, para pessoalmente ca-
a sua magna expedição contra a Russia, depois de
ao chanceller mór do imperio, Cambacerès, os seus

mos incorrido de nos aproveitarmos do seu citado escripto para
a obra, tendo-o feito assim por nos parecer que s. ex.ª teria
o esta materia com a circumspecção que demanda. Todavia
necessario prevenir o leitor do que a este respeito se lê no
da *Historia do consulado e do imperio* de mr. Thiers, com re-
arço de 1812. Referindo-se aos assentos particulares de Napo-
elle que o primeiro corpo do exercito da Russia, commandado
ist, subia a 82:000 homens de infanteria e artilheria, com 3:500
ria ligeira e mais 11:000 a 12:000 de cavallaria de reserva,
assim a 96:000 ou 97:000 homens das mais bellas tropas da
Ao mesmo marechal Davoust confiou Napoleão a divisão prus-
força de 16:000 a 17:000 homens, a qual se achava debaixo
s do general Growert. Por conseguinte o total da força, posta
o commando do referido marechal, andava por 114:000 homens.
elevava-se a 40:000 homens pouco mais ou menos, composto
le excellentes tropas, tendo por commandante o marechal
O terceiro contava 39:000 homens de infanteria, artilheria e
ligeira, tendo por commandante o marechal Ney. O quarto,
em 45:000 soldados de todas as armas, era commandado pelo
Eugenio, vice-rei da Italia, levando por seu immediato o gene-
O quinto, formado pelas tropas polacas, elevava-se a 36:000
tendo por commandante o principe Poniatowski. O sexto, for-
bavarezes, contando 25:000 homens, era commandado pelo
aint-Cyr. Os saxonios, em numero de 17:000 homens, foram
ao commando do general Reygnier, constituindo o setimo
almente o oitavo, formado pelos westphalianos, em que tam-
vam os hessezes, elevando-se ao numero de 18:000 homens,
andado pelo rei Jeronymo, irmão de Napoleão. De quatro cor-
mpunha a cavallaria de reserva, dois dos quaes tinham sido
n ao marechal Davoust, e outro ao marechal Ney. Alem d'isto
io de couraceiros fôra tambem posta debaixo do commando
al Oudinot. Napoleão reservára-se chama-los a si, segundo as
cias e a natureza dos logares, para os reunir e empregar como
nveniente. O mesmo Thiers enumera tambem um nono corpo,
força de 38:000 ou 39:000 homens era encarregado de guar-
manha desde o Elba até ao Oder, debaixo do mando do ma-
or.

altos poderes, e juntamente com elles algumas centenas de soldados de veteranos da guarda imperial, incapazes de serviço activo. Da capital da França seguiu para Dresde, acompanhado da imperatriz sua esposa, da sua casa militar e civil, com uma grandeza e apparato tal, que o mais rico monarcha da Europa d'aquelle tempo não o podia exceder. No dia 11 chegou a Mayence, consumindo o dia 12 em examinar e rever as obras da praça. Ali começaram logo a ter logar as soberanas recepções, em que figuraram muitos dos potentados do continente europeu. No dia 13 atravessou o Rheno, chegando pela tarde do dia 16 á citada cidade de Dresde. N'ella recebeu elle o cortejo dos principes e reis da Allemanha, incluindo o do proprio imperador da Austria, seu sogro, e o da imperatriz sua sogra. De Dresde mandára elle a Wilna o conde de Narbonne em commissão diplomatica ao imperador da Russia, que ali se achava á frente do seu exercito. Na sua volta disse o mesmo Narbonne a Napoleão que encontrára Alexandre triste, mas resoluto ao partido da guerra, certificando-o de que não seria elle o primeiro aggressor, o que todavia não queria dizer que se não defendesse corajosamente e ao paiz em que imperava, pois mais depressa se retiraria para o fundo dos seus estados, do que assignaria como escravo uma paz ignominiosa, como até então haviam praticado todos os monarchas da Europa.

Á vista pois d'esta resposta Napoleão seguiu de Dresde para o Niemen no dia 29 do citado mez de maio, ficando a imperatriz sua esposa por algum tempo com seu augusto pae, o imperador da Austria, dirigindo-se por fim a Paris. A marcha de Napoleão foi a de Pozen, Thorn, Dantzig e Kœnisberg, onde chegou no dia 12 de junho. D'aqui partiu depois para as margens do Pregel, que corre parallelamente ao Niemen. No dia 22 achava-se nas margens d'este ultimo rio, onde no dia 24 fez a sua formal declaração de guerra á Russia, patenteada ao seu exercito, por meio da seguinte proclamação, datada de Wilkowiski aos 22 do dito mez. «Soldados! A segunda guerra da Polonia está começada. A primeira terminou-se em Friedland e em Tilsit!... Em

Tilsit onde a Russia jurou uma eterna alliança á França e
uerra á Inglaterra! Hoje viola ella os seus juramentos: não
ter dar explicação alguma do seu estranho procedimento,
m que as Aguias francezas tenham passado o Rheno, dei-
ndo por este facto os nossos alliados á sua discrição...
Russia é arrastada a similhante passo por uma fatalidade,
n'este caso os seus destinos hão de cumprir-se. Julga-nos
rtanto degenerados? Não seremos já os soldados de Aus-
litz? É assim que ella nos colloca entre a deshonra e a
erra; mas a nossa escolha não póde ser duvidosa. Mar-
emos portanto á vante; passemos o Niemen, e levemos
guerra ao seu proprio territorio. A segunda guerra da
lonia será tão gloriosa para as armas francezas, quanto
primeira o foi. Mas a paz que houvermos de concluir trará
msigo a sua garantia, pondo termo á funesta influencia
e desde cincoenta annos a esta parte a Russia tem exer-
lo nos destinos da Europa».

Applaudida clamorosamente como foi esta proclamação,
tropas desceram no citado dia 24 de junho das alturas
e occupavam para se dirigirem para a planicie das mar-
ns do Niemen, formadas em tres longas columnas. Todas
peças de calibre 12 se achavam arranjadas em semi-cir-
lo nas referidas alturas, dominando aquella planicie, para
de as mesmas tropas marcharam a reunir-se, precaução
ás inutil, porque o imperador Alexandre, cumprindo fiel-
ente o que promettêra, em nenhum dos logares que se
am e descobriam havia postado um só dos seus soldados.
apoleão, saindo da sua tenda cercado dos seus officiaes de
tado maior e ajudantes de ordens, attento contemplava
m o seu occulo o magnifico espectaculo d'esta rara e pro-
ntosa scena, porque se poucas vezes se tem visto opê-
rem por diversas partes n'uma mesma guerra 200:000
mens em campo, muito menos vezes se tem visto ainda
unido similhante numero n'um só ponto, e no meio de simi-
ante apparato; e todavia por aquella mesma occasião e a
ucas leguas de distancia d'ali outros 200:000 homens atra-
ssavam tambem o Niemen! A infanteria do marechal Da-

reflectidos, tanto pelo polido das bayonetas e canos
pingardas, como pelo das chapas e metaes das bar
Todas as ditas tropas, enthusiasmadas tanto pela sua
e ostentosa apparencia, como pela vista do seu s
chefe, em quem tinham a mais illimitada confiança, p
a parte preromperam então em vehementes e acalora
tos de *Viva o imperador!* Este, depois de ter conte
durante algumas horas tão extraordinario espectaculo
tou por fim no seu cavallo, e deixando a altura onde
tendas tinham sido assentes, d'ella desceu igualmen
sua parte para as margens do Niemen, que atravessou
tando repentinamente sobre o seu lado esquerdo, co
reito para Kowno. Dizem alguns que, quando Napol
conhecêra as margens do Niemen, o seu cavallo tro
perdendo o cavalleiro os arções, a que se seguiu ouvir-
vós sinistra, dizendo como n'um áparte: *Mau agouro!*
Qualquer general romano, a quem isto succedesse, v
sem duvida as costas a similhante empreza, tornand
seus passos. Mas Napoleão, que tão surdo tinha já
vozes da rasão e da opinião publica, tambem o não
nos agora ás da agourenta superstição. Não fez portan
e andou. Do lado da Russia não se encontrava viva a
não ser um unico cossaco, o qual, dirigindo-se ao pr
posto dos francezes, lhes perguntou o que íam elles al
interrogação a que estes lhe responderam: *Bater-v*
mar-vos Wilna. O explorador, ouvindo isto, de pr

Estava pois verificado o que Napoleão annunciára ao seu exercito n'uma parte da sua proclamação, quando lhe disse: *Marchemos portanto avante, passemos o Niemen, e levemos a guerra ao proprio territorio da Russia, arrastada a este extremo pelo seu fatal destino.* Esta ultima parte é que se constituia em vaticinio, que ainda restava verificar-se, bem como um outro, que tambem n'ella se continha, tal como o de que esta segunda guerra com a mesma Russia, seria tão gloriosa para as armas francezas, quanto o tinha já sido a primeira, devendo esta segunda terminar por uma paz, que poria fim á altiva influencia, que o gabinete d'aquelle vasto estado havia exercido durante os ultimos cincoenta annos nos negocios da Europa. De similhantes vaticinios a conclusão que se tirava era, a de que Napoleão tinha na mente repellir os russos para os seus remotos dominios da Asia, e priva-los effectivamente da sua influencia nos negocios da Europa. Por differente maneira fallou o imperador da Russia ás suas tropas; o seu estylo era menos emphatico; porém mais racional e intelligente, sem alguns d'aquelles vagos rasgos de empolada e prophetica eloquencia, a qual, aturdindo sobre maneira os ouvidos d'aquelles a quem se dirige, é sempre de um mau gosto no dia em que se falla, de modo que se é um meio de fazer momentanea impressão no commum dos homens na occasião das vantagens que se phantasiam, tambem se transformam depois n'uma pungente satyra, quando a fortuna desmente com o tempo taes vaticinios. O imperador Alexandre mostrou bem pela sua parte aos seus subditos os grandes esforços que tinha feito para manter a paz, esforços com que nada conseguiu. N'esta proclamação, datada de Wilna aos 25 do já citado mez de junho de 1812, se expressava elle pela seguinte maneira: «Ha muito tempo que tinhamos notado da parte do imperador dos francezes procedimentos hostis para com a Russia; mas esperavamos sempre evita-los por meios conciliadores e pacificos. Vendo emfim a continuação de manifestas offensas, apesar do nosso desejo de conservar a tranquillidade, fomos portanto obrigados a completar e reunir os nossos exercitos. Todavia ainda

nos lisonjeavamos de obter uma reconciliação, ficando nas fronteiras do nosso imperio, sem violar o estado de paz, e promptos sómente a defender-nos. Todos estes meios conciliadores e pacificos se mallograram, não podendo conservar o repouso que desejavamos. O imperador dos francezes, atacando subitamente o nosso exercito em Kowno, foi o primeiro que nos declarou a guerra. Vendo portanto que o não podemos tornar accessivel ao desejo de conservar a paz, nada mais nos resta, depois de invocar em nosso soccorro o auxilio do Todo Poderoso, que oppor as nossas forças ás do inimigo. É inutil lembrar aos generaes commandantes, aos chefes dos corpos, aos officiaes e soldados, o fiel cumprimento dos seus deveres, os rasgos da sua coragem, e os actos da sua lealdade. O sangue dos valorosos esclavonicos corre nas vossas veias. Soldados! Vós defendeis a vossa religião, a vossa patria e a vossa liberdade. O vosso imperador está no meio de vós, e Deus é inimigo das aggressões injustas».

O quartel general do imperador Alexandre estava por aquelle tempo effectivamente em Wilna, capital da Lithuania, distante do Niemen vinte e duas leguas, tendo a vanguarda do seu exercito em Kowno. Esperanças houve durante algum tempo de que os dois imperadores se reconciliassem; mas a já citada proclamação de Napoleão, datada de Wilkowiski aos 22 de junho, e lida na ordem do dia ao seu exercito; o atravessar o Niemen sobre as fronteiras da Russia em attitude tão altamente hostil; e finalmente a marcha rapida que se lhe seguiu sobre Kowno, feita na mesma attitude, tiraram completamente todas as duvidas, mostrando que a segunda guerra da Polonia, como Napoleão lhe chamára, estava effectivamente começada. Por uma e outra parte assim o annunciavam tambem nas suas proclamações os dois imperadores, cada um dos quaes tinha tão differentes planos de campanha, quanto diverso era igualmente entre si o estylo que n'ellas tinham empregado. O plano de Napoleão n'esta começada empreza estava inteiramente adstricto ás maximas, que até ali o tinham constantemente dirigido. Todas as guerras por elle anteriormente emprehendidas haviam começado e terminado por uma

prompta avançada a que se seguia uma derrota rapida do inimigo, pela occupação da sua capital, e pelo desmembramento de alguma parte do seu territorio. O seu projecto era portanto mutilar igualmente a Russia pela reinstallação do reino da Polonia, como tinha já mutilado a Austria pela creação dos reinos da Baviera e Wurtemberg, depois da batalha de Austerlitz, e a Prussia pela formação dos da Saxonia e Westphalia, depois da de Jéna. Pelo seu tratado de 14 de março estipulára elle o escambo da Gallicia pelas provincias Illyricas. O restabelecimento do reino da Polonia fôra portanto proclamado pela dieta de Varsovia, mas por modo incompleto, e era este restabelecimento o que provavelmente Napoleão pretendia agora realisar n'esta segunda guerra, feita por elle à Russia. Com estas vistas deitou-se pois ao interior d'aquelle imperio, e em vez de organisar primeiro a fronteira polaca, só cuidou em reunir uma grande força para com ella caír com arrojo sobre o centro da linha russa, rompe-lo e corta-lo em tantas divisões, quantas lhe fosse possivel, para depois de vencidas e derrotadas em detalhe pela sua actividade, se apoderar por fim das grandes cidades, e particularmente de uma das duas capitaes, ou a de S. Petersburgo ou a de Moscow. Suppunha elle que conseguido isto, os russos lhe pediriam uma paz humilhante, e a ella subscreveriam mediante condições, que os privassem da influencia que tinham nos negocios da Europa, e os levassem a concordar na formação de uma nação polaca, composta de provincias arrancadas ao imperio russo pela força das armas.

O plano do imperador Alexandre era pela sua parte aquelle que os seus generaes lhe tinham aconselhado, em conformidade do que D. Miguel Pereira Forjaz havia mandado lembrar ao ministro portuguez na côrte da Russia, isto é, o de fugir de dar batalhas campaes, e portanto não esperar Napoleão sobre o Niemen; não lhe deixar ficar para seu uso os celleiros da Polonia, nem os da velha Russia, mas invadir desde logo estas regiões, destruir n'ellas tudo quanto podesse ser util ao inimigo, e evacua-las depois, diligenciando igualmente attrahi-lo quanto lhe fosse possivel ao in-

achava o porto de Dantzig, a sua miseria era extrema, tanto por esta causa, como pelo gravame dos impostos, que esmagava a todos. Alexandre contava igualmente com não menos segurança com o odio dos hespanhoes contra o poder francez, odio que apesar de se achar muito quebrantado pelos incessantes revezes que tinham experimentado, não podia deixar de reapparecer tão energico e vigoroso como no principio, logoque as operações de lord Wellington se tornassem prosperas para a causa dos alliados, sendo portanto provavel que uma conflagração geral se manifestasse em toda a Europa contra Napoleão na primeira occasião opportuna, ou de algum grave revez que contra si tivesse.

Todavia Napoleão não achára resistencia na passagem do Niemen, nem na sua entrada em Kowno, factos que o levaram a julgar, que o mesmo succederia na sua esquerda ao marechal Macdonald, encarregado de passar aquelle rio perto de Tilsit, e na sua direita ao principe Eugenio, encarregado de o passar tambem nas vizinhanças de Prenn. Macdonald teve ordem de se dirigir para a Corlandia com o seu exercito, formando a ala esquerda do exercito invasor, para com as suas tropas ameaçar o flanco direito dos russos, e se julgasse acertado, ir sitiar Riga, ou pelo menos ameaçar este importante posto. A extrema direita de Napoleão, postada em Pinsk, na Volhinia, sendo quasi toda composta de auxiliares austriacos, era commandada pelo principe Schwartzemberg, tendo pela sua frente o general russo Tormazoff, destinado a proteger a Volhinia. Entre a ala esquerda e a direita achava-se o grande exercito francez, dividido em tres grandes columnas. Buonaparte marchava em pessoa á frente das suas guardas, cuja cavallaria era commandada por Bessieres, e a infanteria pelos marechaes Lefebvre e Mortier. O imperador tinha tambem debaixo das suas immediatas ordens os corpos de Davoust, Oudinot e Ney, os quaes com as divisões da cavallaria, commandados por Grouchy, Montbrun e Nansouty, andavam por 250:000 homens. Este grande exercito era destinado a bater o exercito russo, commandado por Barclay de Tolly, que se achava formado em semi-circulo,

em volta de Wilna; assim como o do rei Jeronymo de Westphalia, e as divisões de Junot, Poniatowski e Reygnier, com a cavallaria de Latour-Maubourg, elevando-se todas estas forças a uns 80:000 homens, eram destinadas a marchar contra o exercito russo, do commando do principe Bagracião, que se achava em Grodno. Finalmente o exercito do centro, commandado pelo principe Eugenio, vice-rei da Italia, tinha por incumbencia penetrar entre o primeiro e o segundo exercito russo, conserva-los separados o mais possivel, tornando irrealisavel a sua juncção, para cujo fim tinha a operar, ou contra um ou contra outro, ou mesmo contra ambos elles, segundo o permittissem as circumstancias occorrentes.

Tal era a disposição das forças invasoras da Russia, as quaes tinham a Murat, rei de Napoles, por commandante de toda a sua cavallaria. Com este intento e esta distribuição de forças Napoleão resolveu marchar direito a Wilna, buscando separar inteiramente Barclay de Tolly de Bagracião. Durante esta marcha, e depois da sua chegada áquella cidade, onde o mesmo Napoleão estabeleceu o seu quartel general, o seu exercito começou logo a experimentar bastantes difficuldades para o bom exito da sua empreza. Certo de que nos desertos da Russia forçoso lhe era prover á sustentação das suas tropas, cuidára em as fazer acompanhar de carroças, carros cobertos e outros mais meios de transporte, destinados á conducção das precisas provisões, taes como farinha, arroz, pão, legumes, aguardente, etc. Tão prodigioso foi o seu numero, que necessario se lhe tornou organisa-los por batalhões, transportando cada batalhão de carroças ligeiras seis mil quintaes de farinha, e cada esquadrão de carros pesados quatro mil e oitocentos, não fallando no immenso numero de outros mais carros, necessarios para o serviço da engenheria e hospitaes. Já se vê pois que, não sendo possivel introduzir a disciplina militar nos conductores de tantas carroças e carros, a desordem não podia deixar de ser entre elles inevitavel, logoque as circumstancias da marcha se tornassem criticas. Foi isto o que effectivamente succedeu, porque tornando-se quasi intransitaveis os caminhos, obstruidos pelo grande numero de

exercito era o que debaixo das ordens do mesmo Alexandre estava commandado pelo barão Barclay de Tolly, sendo o referido exercito muito mais consideravel que o commandado por Bagracião, que postado do lado do sudoeste, e occupando uma parte da Polonia, esperava que Napoleão passasse o Niemen e se dirigisse a Wilna para o acantonar pela retaguarda. Este plano porém tornou-se impraticavel, por serem as forças francezas, em muito maior numero do que se pensára, havendo-se de mais a mais o rei de Westphalia postado entre elle Bagracião e o flanco do exercito invasor com uma força de 30:000 homens. Achando-se portanto em risco de ser cortado pelo inimigo, recebeu ordem a 13 de julho de marchar para o campo de Drissa, marcha difficil de executar, por já se achar mais distante d'aquelle campo do que Napoleão o estava depois da sua chegada a Wilna.

Só no dia 30 de julho é que Napoleão soube da posição critica de Bagracião, de que então buscou tirar vantagem. A maior parte da sua cavallaria, commandada por Murat, foi mandada perseguir o grande exercito russo, que na sua frente se retirava, ordenando tambem que marchassem sobre o Dwina tres divisões do primeiro corpo, bem como os marechaes Oudinot e Ney, aquelle com o segundo e este com o terceiro corpo. Pela sua direita Napoleão ordenára a seu irmão Jeronymo, rei de Westphalia, que repellisse vigorosamente Bagracião sobre o exercito de Davoust, que contra elle avançava de flanco e de retaguarda. Por este modo pôde Napoleão, á frente das suas guardas, do exercito da Italia, do da Baviera e das tres divisões do exercito de Davoust, marchar livremente para Witepsk, occupando assim o intervallo que havia entre o corpo de Murat, que marchava sobre o exercito de Barclay de Tolly, e o de Davoust, que perseguia Bagracião. Não podendo este general seguir direito para Drissa, buscou retirar-se para leste, em vez de marchar para o norte. N'esta sua marcha não só se lhe juntou Platoff, o *hettmann*, ou capitão general dos cossacos, que se retirava de Grodno, mas até o general Dorokhoff com a sua divisão, que formando a extrema esquerda do grande exercito russo,

d'elle tinha sido separado na sua retirada para Drissa pela marcha dos francezes. Por este modo as forças de Bagracião poderam elevar-se a 45:000 homens. Na sua marcha para leste este general achou a cidade de Minsk occupada já por Davoust, cousa que lhe causou summo embaraço. Não obstante isto, Napoleão não hesitou em desgraçar seu irmão Jeronymo, em rasão da sua falta de vigor em perseguir Bagracião, o qual não podia escapar de ser por elle derrotado, se frouxamente não procedesse, quando o general russo houvesse de ser accommettido pelas forças de Davoust. Á vista pois d'isto Bagracião carregou então para o sul, indo passar o Berezina em Bobruisk. O Dnieper era um outro obstaculo, que depois se lhe apresentára, vendo-se em tal caso forçado para o poder vencer a ir até Mohiloff, onde novamente se foi encontrar com as forças de Davoust. Ahi se travou então um combate em que os russos foram repellidos, perdendo a contenda, mas não por maneira tal que se podessem dizer derrotados. Forçados a mudarem novamente a sua linha de retirada, desceram junto do Dnieper, que por fim atravessaram em Nevoi-Bikoff, e ganhando assim o interior da Russia, conseguiram a final pôrem-se em communicação com o seu grande exercito, do qual tão propinquos estiveram a ser cortados.

Quanto ao citado grande exercito do commando do imperador Alexandre, ou antes do barão Barclay de Tolly, convem saber que não obstante ver-se perseguido por Murat, Oudinot e Ney, fez sem precalço algum a sua retirada para o campo fortificado de Drissa, de que resultou approximarem-se as tropas francezas á margem esquerda do Dwina, rio que n'este caso formava uma linha de separação entre os dois exercitos contendores. Apesar da vantagem de algumas escaramuças da parte dos russos, Barclay de Tolly, temendo que os francezes passassem o mesmo Dwina em Witepsk, e lhe cortassem assim a sua communicação com Bagracião, evacuou o dito campo de Drissa, remontando a margem direita do Dwina por Polotsk do lado de Witepsk, movimento que descrevia uma linha convergente á da retirada de Ba-

gracião, e que essencialmente a favorecia. Em Polotsk deixou o exercito o imperador Alexandre para apressadamente se dirigir a Moscow, nas vistas de realisar os energicos e pesados sacrificios, que tinha premeditado fazer, ao passo que Barclay de Tolly continuou a sua marcha para Witepsk, d'onde expediu ordem a Bagracião para se lhe vir reunir, descendo o Dnieper. Pelo mesmo tempo dirigia Napoleão as suas forças de reserva sobre o dito ponto de Witepsk, altamente empenhado em evitar aquella reunião, o que não conseguiu, porque informado Barclay de que Bagracião, depois do combate que sustentára em Mohiloff, se retirára para Smolensko no dia 20 de julho, perto d'esta praça se foi tambem reunir com elle dois dias depois. Emquanto Barclay se empregava ali sem resultado algum em fazer certos movimentos, tendentes a surprehender Napoleão em Witepsk, este formára pela sua parte um audacioso projecto para o surprehender a elle. Abandonando a sua linha de operações de Witepsk sobre o Dwina, buscou concentrar o seu exercito sobre o Dnieper, formando em Orcsa o ponto central das suas operações, e torneando assim a esquerda dos russos, esperava ganhar-lhes a retaguarda, e cortar-lhes por fim as suas communicações com Moscow.

Pela sua parte Ney e Murat, que commandavam a vanguarda das tropas invasoras, levaram os russos adiante de si no dia 14 de agosto até perto de Krasnoi, onde teve logar um renhido e notavel combate entre Murat e o general Newerowskoi, que com 6:000 homens fôra mandado de Krasnoi reconhecer o inimigo. Esta marcha de Napoleão da esquerda para a direita, ou do Dwina para o Dnieper, feita diante do grande exercito russo, foi uma cousa que muito admirou os tacticos, tanto de uma, como de outra parte. No mesmo dia 14 de agosto, em que aquelle combate tivera logar, chegou Napoleão a Basassina, d'onde no dia 15 continuou a sua marcha para Smolensko na retaguarda de Ney e Murat. Durante este tempo o principe Bagracião mandou para Smolensko o general Racfskoi com uma forte divisão para reforçar Newerowskoi, que ali estava de guarnição, cuidando elle

la sua parte em se approximar da cidade ameaçada. Bar-
ay de Tolly, vendo então que a sua esquerda, e não a sua
reita, era a que verdadeiramente estava ameaçada, e que
nolensko corria grande risco, cessou com os seus falsos
ovimentos para tambem soccorrer aquella cidade, que
em de importante, era, como Moscow, honrada igualmente
m o nome de sagrada ou de cidade santa, e o titulo de
ave da Russia, contando apenas 12:600 habitantes. Acha-se
a situada sobre umas alturas da margem esquerda do Dnie-
r, sendo por aquelle tempo cercada de fortificações do an-
o genero gothico. Um muro velho, arruinado n'algumas
rtes, era defendido por umas trinta torres, que pareciam
nquear as ameias, havendo tambem uma obra mal exe-
tada, chamada *Bastião real,* que se podia olhar como ci-
della. Os muros tinham 18 pés de grossura e 25 de al-
ra, e sendo precedidos de um fosso, a cidade podia repu-
r-se ao abrigo de um golpe de mão, mas não em estado de
sistir a um ataque regular. Racfskoi á testa de uns 16:000
mens dispoz-se a defender Smolensko, sendo no dia 16
agosto reforçado por uma divisão de granadeiros, com-
andada pelo principe Carlos de Mecklenbourg, que Bagra-
ão para este fim destacára.

Foi o marechal Ney o primeiro que chegou diante dos
uros de Smolensko, começando desde logo o ataque da
idadella, que não pôde tomar, sendo elle mesmo ferido,
lem de um grande numero de assaltantes. Depois d'esta,
z uma segunda tentativa, que não teve melhor resultado,
itando-se por fim a canhonar a praça, que lhe retribuia o
u fogo por outro que tal de artilheria. Mais tarde viram-se
ançar as tropas de Napoleão, que vinham pelo lado de leste
r uma das margens do Dnieper, ao mesmo tempo que
vens de poeira se viam tambem envolver extensas co-
mnas de tropa, que pela outra margem avançavam com
vulgar rapidez: eram estas as que formavam o grande
rcito russo do commando de Barclay de Tolly e as do
rcito de Bagracião, que, tendo-se reunido, apressada-
nte corriam para soccorrerem Smolensko. «Emfim, disse

Napoleão, quando os viu avançar pela outra margem, tenho-os seguros». A sua crença era a de que os russos atravessariam a cidade, e ante as suas portas se desenvolveriam para debaixo das suas muralhas lhe offerecerem a batalha geral, por elle tão desejada, e da qual tantas cousas dependiam. Com esta crença começou portanto a tomar as medidas necessarias para dispor a sua linha. Todavia Barclay estava muito longe de arriscar a salvação de um exercito tão indispensavel, não só para a defeza do imperio, mas tambem para a protecção da cidade sagrada. Para Ellina mandou elle o seu impaciente collega, o principe Bagracião, que pela sua parte gostosamente offereceria a batalha, furioso como estava por ver saqueadas as cidades da Russia, e o seu territorio devastado, sem que por si tivesse a satisfação da resistencia ou da vingança. Entretanto Barclay entrou em Smolensko, mas sómente com o fim de cobrir a fugida dos habitantes e de despejar os armazens. Buonaparte lançára com avidez as vistas para os campos, ainda por então vasios, que separavam o seu exercito de Smolensko, d'onde nada annunciava que o inimigo se dispozesse a saír. Murat predisse que os russos não tinham vontade de combater, opinião que Davoust não partilhava. Napoleão acreditava no que desejava, esperando portanto ver os russos na manhã seguinte formados em ordem de batalha entre o seu exercito e os muros de Smolensko. Appareceu finalmente o dia; mas os campos em que cuidava ver os russos estavam inteiramente desertos, como no dia anterior. Em troca d'isto a estrada do outro lado do Dnieper via-se coberta de tropas e de artilheria, signal evidente de que o grande exercito russo se achava em retirada. Altamente encolerisado por se ver assim illudido na sua espectativa, Napoleão dispoz-se immediatamente para o assalto da cidade, querendo d'ella assenhorear-se o mais depressa possivel para se aproveitar da ponte que ali se achava, para atravessar o Dniper, e perseguir incessantemente os russos na sua fugida.

Momentos ha em que os homens de uma capacidade ordinaria pensam melhor que os de grande talento. Murat ob-

ervou a Buonaparte, que tendo-se retirado os russos, Smolensko, abandonada assim ao seu destino, necessariamente havia de succumbir, não havendo portanto precisão de expor o exercito á perda, que lhe havia de occasionar um assalto. Não contente ainda com isto, passou até a mostrar quanto imprudente não era penetrar mais ávante na Russia na epocha do anno em que já se estava, cousa que levou Napoleão a responder-lhe de um modo que o offendeu, segundo parece, porque Murat, exclamando que uma marcha sobre Moscow seria a destruição certa do exercito, correu como um desesperado para as bordas do rio, postando-se n'um logar exposto ao fogo da artilheria russa, que estabelecida na outra margem, canhonava terrivelmente uma bateria franceza. D'este arriscado passo, que bem mostrava a sua decidida intenção de ir ali procurar a morte, com difficuldade o poderam desviar, persistente como estava na resolução que tomára. Entretanto começou o ataque contra Smolensko, que se defendeu com o mesmo vigor da vespera. A artilheria de campanha não era propria para bater as muralhas, de que resultou terem os francezes de renovar por muitas vezes o assalto, empreza em que perderam 4:000 ou 5:000 homens. Mas o bom successo d'esta defeza não mudou a resolução em que estava Barclay de Tolly de abandonar esta praça, que o general russo podia sem duvida alguma defender por mais alguns dias, resolução a que deu de mão, receiando que, sendo este um ponto avançado, a demora que ali tivesse podesse levar Napoleão a apossar-se da estrada de Moscow, repellindo os russos para as provincias estereis e devastadas do nordeste, pondo-se assim entre elles e a antiga capital da Russia. Em consequencia d'isto evacuou Smolensko, succedendo depois que junto da meia noite, e quando os francezes lançavam algumas bombas para a praça, se viram fogos que resplandeciam com mais rapidez e intensidade do que seria ordinario, quando filhos fossem do bombardeamento feito pelos sitiantes. Este phenomeno era portanto obra das tropas russas, que acabando de despejar, de destruir e de resguardar a fuga dos habitantes, tinham incendiado esta sua

cidade, dando o terrivel exemplo de antes quererem ver destruidas as suas proprias casas e muralhas, do que deixa-las incolumes para serem uteis ao inimigo. Quando os francezes entraram em Smolensko, o que teve logar na manhã do dia 18 de agosto, uma grande parte d'esta praça, cujas casas eram geralmente construidas de madeira, ainda era presa das chammas, não se encontrando portanto ali mais do que sangue e cinzas.

Não admira pois que similhante espectaculo enchesse de horror os soldados francezes, vendo a inveterada animosidade dos russos, e a desesperada resistencia que lhes oppunham. Succedia isto quando todos elles mais ardentemente desejavam ver o fim de uma guerra em que o inimigo que se retirava lhes não deixava mais que a prespectiva de longas e continuas marchas através de inhospitos desertos, de pantanos e florestas de pinheiros, reunido isto com a circumstancia aggravante de não haver provisões por parte alguma, de se não encontrarem abrigos, nem haver hospitaes para recolher os doentes, nem mesmo descobrir meios de fazer curativo aos feridos, e finalmente com a de se não deparar com um só tilheiro, ou qualquer alpendre, debaixo do qual podesse repousar um soldado cançado, ou morrer um ferido. O mesmo Buonaparte hesitou se iria, ou não mais para diante, dizendo-se que elle fallára então em acabar a campanha em Smolensko, não se tendo já feito pouco durante ella. Todavia estas palavras não estavam em harmonia com os seus sentimentos internos, procurando cobrir com apparencias de prudencia o seu caracter sempre pertinaz e orgulhoso. Junto dos seus generaes insistiu não só sobre o estado de esgotamento em que o paiz se achava, obrigando os seus soldados a viverem um dia em cada dia, mas tambem sobre as difficuldades que se experimentavam e os riscos que se corriam para mandar vir provimentos de Dantzick e da Polonia, attentos os maus caminhos da Russia durante o inverno. Alem d'isto fez valer o estado de desorganisação do exercito, que podendo avançar, estava aliás incapaz de poder parar. «Só o movimento, dizia elle, lhe póde conservar o seu tal, ou qual arranjo: uma pausa, ou uma retirada trará a sua dissolução. É um

exercito de ataque, mas não de defeza; um exercito de operação, mas não de posição. A natural consequencia que d'aqui se tira é que convem marchar para Moscow, assenhorearmo-nos d'esta cidade, e d'ella dictarmos a paz aos russos.» Esta linguagem que o conde de Ségur põe na bôca do imperador dos francezes, não exagera a funesta situação do seu exercito [1]. Quando Napoleão se entranhou no imperio da Russia seis semanas antes, o seu exercito de operações ainda contava 297:000 homens; mas quando em 5 de agosto partiu de Witepsk, aquelle prodigioso numero tinha já descido a 185:000, isto é, a pouco mais de metade do que tinha sido, ou antes via-se desfalcado para mais de um terço, tendo alem d'esta soffrido outras grandes perdas nos movimentos e recontros que tinham tido logar sobre o Dnieper. Os soldados feridos achavam-se reduzidos ao mais deploravel estado, sendo debalde que os cirurgiões empregavam as suas proprias roupas nos seus curativos, vendo-se em tal caso obrigados a servirem-se, não só do pergaminho, mas até do proprio cotão produzido pelo vidueiro. Á vista pois d'isto não é para admirar que tão poucos feridos houvessem de ser curados por elles. Póde pois concluir-se que esta temeraria empreza trouxe logo comsigo desde a sua origem os poderosos germens de uma destruição certa, a qual (quando mesmo não houvesse o incendio de Moscow, e o clima frio da Russia, cousas que seguramente tambem não podem deixar de se metter no calculo) tornava a expedição franceza por si só muito similhante á do tyranno Cambyses, filho de Cyro, cujo exercito, marchando do Egypto para Carthago, foi miseravelmente sepultado nas areias do deserto que atravessava; nem menos similhante deixava tambem de ser á de Marcus Crassus, de que já fallámos, na sua expedição contra os parthos; e final-

[1] O conde Filippe de Ségur é o auctor de uma historia d'esta famosa campanha da Russia em 1812, historia de que lhe resultou grande reputação, provando por ella a sua capacidade e talento. É do seu dito escripto que fizemos o presente extracto, attento o credito que mereceu, tanto em França, como em Inglaterra, exemplo que nos foi já fornecido por outros mais escriptores.

mente similhante era igualmente a todas as mais da mesma natureza, em que os immensos preparativos que demandaram e que para ellas se fizeram, para nada mais serviram do que para tornarem mais celebres os seus grandes desastres.

Ao contrario do francez, o exercito russo, em vez de perdas tinha recebido reforços. O imperador Alexandre, deixando o exercito para se dirigir a Moscow, convocára ali diversas assembléas de nobres e commerciantes, annunciando a uns e outros a sua firme intenção de jamais fazer a paz emquanto no territorio da Russia houvesse um só francez; a resposta que a isto lhe deram aquellas duas ordens do estado foi o certificarem o monarcha russo de que elles com enthusiasmo e devoção contentes sacrificavam á causa da patria a sua vida e bens. Os negociantes votaram pois uma consideravel somma a titulo de contribuição geral, abrindo alem d'isso uma subscripção voluntaria, que produziu outro tanto. A nobreza offereceu um recrutamento de dez homens por cada cem, que houvesse nos seus respectivos dominios. A palavra paz foi proscripta na bôca de todos, e se n'ella se tocou foi só para dizer que se não podia concluir sem eterna deshonra para a Russia com um inimigo, que invadíra com armas na mão o seu territorio. Alem d'estas circumstancias peculiares ao paiz d'aquelle imperio, outras exteriores houve que poderosamente auxiliaram os seus patrioticos esforços. A paz com Inglaterra, e o restabelecimento do commercio foram a immediata consequencia da guerra com a França. Desde então o ministerio inglez empenhou-se o mais possivel em facilitar á Russia todos os meios de lh'a poder fazer com todas as suas forças. Por intervenção da diplomacia britannica a Russia pôde reconciliar-se com a Suecia, e fazer a sua paz com a Turquia. Mediante um tratado, concluido pela mediação da Inglaterra, garantiu-se á Suecia a posse da Norwega, de que resultou tornar-se disponivel para a Russia o exercito que tinha na Finlandia, debaixo do commando do general Steigenteil ou Steingel, apenas cessaram por aquelle facto as duvidas das amigaveis disposições de Bernadotte, principe real da Suecia. Outra não menos importante paz se assignou

com os turcos em Bucharest no dia 16 de maio. Por meio do respectivo tratado a Porta cedeu á Russia a Bessarabia, e a parte da Moldavia, situada á esquerda do Pruth, renunciando pela sua parte a Russia a toda a pretenção sobre o resto das duas provincias da Moldavia e Valachia. D'esta paz tirou o imperador Alexandre uma outra vantagem de muito grande alcance, tal foi a de poder dispôr de um exercito de 45:000 soldados veteranos, que n'aquellas partes tinha, constituidos n'uma força disponivel, postada pela retaguarda das tropas francezas.

Foi em Witepsk que Napoleão soube da conclusão da paz com os turcos. Similhante noticia foi quem o levou a accelerar as suas operações contra Smolensko, e quem pela mesma rasão o determinou a continuar a sua marcha sobre Moscow. Até então as suas alas tinham tido vantagens contra as tropas russas. O general Macdonald, bloqueando Riga, conseguíra pôr á sua disposição toda a Corlandia, levando o sobresalto á cidade de S. Petersburgo. Mais ao sul o general Saint-Cyr tivera muitos encontros com o general russo Wittgenstein, e depois de um combate serio em Polotsk, fôra este ultimo general obrigado a reduzir-se á defensiva. Noticias igualmente favoraveis recebêra Napoleão da Valrynia, que era a extrema direita da sua linha de invasão. O general russo Tormasoff apparecêra no gran-ducado, não sendo n'elle esperado, e levando adiante de si Reygnier, que cobria esta parte da Polonia, aniquilára uma brigada saxonia, e sobresaltára Varsovia. Mas Reygnier, juntando-se ao general austriaco Schwartzemberg, marchou contra Tormasoff, e o atacou perto de um logar, chamado Gorodeczna, onde o derrotou com perda, obrigando-o a retirar-se. Era portanto evidente que as vantagens das victorias dos francezes em Polotsk e em Gorodeczna se tornavam inteiramente inuteis desde que o general Steingel se podesse ir reunir com o seu exercito da Finlandia ao general Wittgenstein, e o general Tormasoff ao exercito da Moldavia, commandado pelo almirante Tchitchakoff. Acantonára-se pois em Smolensko para esperar n'um paiz devastado as funestas consequencias de similhantes juncções,

que pareciam poder destruir-lhe as suas duas alas: era da parte de Napoleão uma resolução desesperada, parecendo tornar-se por ella dependente do destino, a quem até então parecia aliás ter sido superior. Marchar para diante era uma medida de arrojo, e que alem d'isso lhe trazia a vantagem de obstar á desorganisação total de que o seu exercito estava já sendo ameaçado. Se portanto Napoleão podesse descarregar um duro e decisivo golpe no grande exercito russo, poderia sem duvida tornar-se senhor de Moscow, a cidade sagrada da Russia, e por meio da sua posse lançar a consternação no coração de Alexandre, e dictar ao czar, como em iguaes circumstancias já tinha feito a differentes outros monarchas, as condições de uma paz no seu proprio palacio. Esta idéa o seduziu e inteiramente o dominou, resolvendo-se portanto a marchar contra Moscow, corresse por onde corresse. E nas circumstancias em que se achava nenhum outro partido melhor tinha talvez a tomar, a não querer abandonar de todo a sua começada empreza, e voltar desairado outra vez para a Polonia, cousa que na sua opinião equivalia a uma derrota humilhante, a qual altamente lhe repugnava, e portanto com que não podia conformar-se, tendo, como ainda tinha, um grande exercito para commandar, e respeitaveis forças para combater os seus adversarios.

Seja porém como for, certo é que Napoleão, não communicando a ninguem o designio de partir de Smolensko, e de acabar depressa com a sua grande empreza, expediu Murat, Ney, Junot e Davoust em perseguição dos russos, que na sua frente se retiravam. Mas ou porque o seu intento não estivesse ainda bem decidido, ou porque o não quizesse fazer saber, certo é que elle representou esta medida simplesmente como filha do seu desejo em que se perseguisse a retirada dos russos, aindaque de facto isto não foi mais do que o preliminar da sua propria e definitiva partida, porque em fim a tomada de Moscow tinha na sua imaginação um encanto igual ao que tivera o da tomada de Vienna. Barclay de Tolly, tendo queimado Smolensko, retira-se pela estrada de S. Petersbourgo até á distancia de duas ou tres milhas, fazendo-o

assim para evitar alguma canhonada da margem esquerda do Dnieper. Tendo andado aquelle espaço, voltou-se depois para o sul para ganhar a estrada de Moscow, que tomaria desde logo, a não ser o receio que concebeu da artilheria inimiga, postada na margem d'aquelle rio. Indecisos se acharam por algum tempo os francezes, sem bem saberem por que estrada tomariam para perseguirem os russos. Finalmente acharam-lhes o rasto, indo alcançar em Valontina a sua retaguarda, atravancada por artilheria e bagagens. Ali se travou pois um desesperado combate, no qual foi mortalmente ferido o general francez Gudin, militar distincto e geralmente estimado. Os francezes censuraram muito Junot, porque, tendo recebido ordem de passar o Dnieper, não deu provas de promptidão em avançar para carregar o inimigo. O que de facto se viu em Valontina ou Lombino, foi que os marechaes ou officiaes superiores, afeitos a commandarem corpos separados, não se prestavam a receber de bom grado as ordens ou avisos de qualquer dos seus collegas, dos quaes com desdem desprezavam até a mais pequena idéa, aindaque vantajosa lhes fosse. Resultava pois que, achando-se em campanha dois ou tres dos mais bem reputados generaes, necessario era que Buonaparte expedisse directamente por si as ordens, que precisava dar para poderem ser obedecidas. Todavia o sanguinolento combate de Valontina foi pouco satisfactorio para os francezes. Os russos, cuja retaguarda foi tão seriamente atacada, retiraram-se sem perda de prisioneiros, de tomada de bagagens e de artilheria. O numero foi de parte a parte igual; mas estando proximo o tempo dos russos terem por si a superioridade do numero, uma perda igual de parte a parte tornava-se em tal caso de muita vantagem para aquelle dos dois partidos, que mais depressa a podesse preencher e reparar.

Entretanto o maior inimigo de Napoleão, e o que mais o esquentava era o systema da guerra espectante, adoptado por Barclay de Tolly, pelo qual este general não só tinha enfraquecido espantosamente os francezes, fugindo de lhes dar batalha; mas até os tinha ido chamando de pantano em pantano, e de incendio em incendio desde a fronteira até ao inte-

rior da Russia, d'onde em caso de retirada teriam de voltar, depois de seriamente escarmentados, para o paiz já por elles proprios devastado e inteiramente deserto, que atrás de si deixavam; tal fôra tambem o systema adoptado em Portugal por lord Wellington, sectario como por algum tempo foi da tactica fabiana. Por similhante systema tinha o mesmo Barclay enfraquecido o exercito invasor, e abatido a coragem moral dos soldados francezes: todavia á approximação de Moscow, da grande e santa cidade do imperio russo, as cousas íam mudar de face, com relação ao systema defensivo até então adoptado. O ardor marcial das novas levas de recrutas dos russos condemnava por violenta maneira uma retirada em que sem combate, nem revés só viam a ruina do paiz e a da sua capital: abrasados pelos desejo da vingança, revoltaram-se, gritando que queriam fazer alto, e dar ao inimigo uma formal batalha debaixo das ordens de um general russo, mais interessado na defeza do paiz de que se suppunha ser o general allemão, que até ali os commandava. Alexandre estava inteiramente adstricto ao systema de Barclay de Tolly; mas cedendo aos altos brados e vivos clamores do seu povo, bem como á opinião do seu conselho militar, teve a candura de pôr de parte a sua particular opinião, exonerando Barclay de Tolly do commando que exercia, e dando-lhe por successor o general Koutousoff, militar de uma alta reputação entre os russos, e que até então se achava no exercito do Danubio, empregado contra os turcos. Os francezes agouraram desde logo que a nomeação do novo general não podia deixar de trazer comsigo uma prompta mudança de systema de guerra da parte dos russos, e portanto a batalha campal que desde tanto tempo desejavam. Buonaparte, que por seis dias se demorára em Smolensko, d'onde partiu a 24 de agosto, foi depressa juntar-se á vanguarda do seu exercito em Gjatz. Ali encontrou elle um francez residente na Russia desde muito tempo, o qual o certificou de que Koutousoff fôra effectivamente revestido do commando em chefe do exercito russo, sendo chamado com o expresso designio de dar batalha aos francezes. Assim o confirmou tambem um

official russo, que coberto por uma bandeira parlamentaria, viera provavelmente ao exercito francez nas vistas de lhe reconhecer a força. Este official tinha um ar ameaçador, e quando um general francez lhe perguntou, que povoação havia entre Wiazma e Moscow, altivamente lhe respondeu *Pultawa,* alludindo assim á derrota que Carlos XII soffreu dos russos defronte d'aquella praça em 8 de julho de 1709, como já atrás mencionámos. Era portanto fóra de duvida que uma grande batalha campal se achava imminente entre os dois exercitos.

Sem embargo do ardente desejo que Napoleão tinha de ver chegar o momento d'essa batalha, em tal confusão se achava o seu exercito, que por espaço de dois dias se demorou em Gjatz para o reunir e lhe dar o preciso repouso. Chegára portanto ao logar que devia ser o campo da desejada batalha, logar que consistia n'uma vasta planicie, chamada *Borodino,* onde os russos tinham traçado as suas linhas, e estabelecido as suas baterias. O exercito francez apresentára-se diante d'elles no dia 5 de setembro, sendo o seu primeiro ataque o que dirigiu contra um reducto da fronteira russa de que se apossára. O dia seguinte, 6 des etembro, foi consumido por um e outro exercito em se disporem e ordenarem para a proxima batalha. Os russos haviam fortificado por meio de extensos e formidaveis trabalhos uma posição naturalmente forte. O seu flanco direito apoiava-se sobre um bosque, defendido por alguns entrincheiramentos destacados. Um ribeiro, que dirigia o seu curso por uma profunda ravina, cobria a frente da ala direita e o centro da posição até ao rio de Borodino. A esquerda estendia-se d'esta povoação até uma outra, chamada Semoneskoi, que era mais descoberta, mas protegida por moitas e ravinas. Como este ponto era o mais accessivel, tinha sido cuidadosamente defendido por meio de reductos e baterias, e no centro da posição sobre uma pequena altura levantava-se uma especie de dupla bateria como uma cidadella para proteger toda a linha. N'esta tão forte posição é que estava o exercito russo, em numero por então igual ao dos francezes, podendo cada um dos dois exercitos contar pouco mais ou menos 120:000 homens.

O russo era commandado por um velho general, circum-specto, pertinazmente aferrado aos seus projectos, e sobre-tudo manhoso, como Napoleão o reconheceu depois á sua propria custa, sem que todavia fosse o mais proprio para dirigir uma batalha. O exercito por elle commandado com-punha-se apenas de uma só nação, e portanto fallando uma só lingua, e defendendo todo elle uma só patria, que lhe era cara no mais alto grau: sabia esse mesmo exercito que a batalha que se ia dar era por annuencia aos desejos, que sobre este ponto tão altamente tinha manifestado, sendo esta portanto uma das razões, que o levava a não desmentir durante a acção a coragem e firme decisão com que a pedira.

Ao contrario do russo, o exercito francez era composto de soldados de diversas nações; mas eram os melhores na sua classe, e já em grande parte aclimatados no paiz, tendo sobrevivido a todos os perigos de uma tão rapida e desastrosa marcha: taes soldados podiam bem chamar-se os veteranos dos vencedores da Europa. Napoleão era quem os commandava em pessoa, tendo debaixo das suas immediatas ordens por generaes a elle subordinados homens cuja gloria só pela sua propria tinha sido eclipsada. Independente do sentimento intimo da sua superioridade na acção, sentimento que os seus proprios inimigos igualmente pareciam partilhar, á vista do cuidado com que se tinham intrincheirado, os francezes viam diante de si a perspectiva de uma destruição completa, quando fossem vencidos n'um paiz onde tão difficil lhes era avançar, mesmo no caso de feliz successo, e d'onde lhes não era possivel retirarem-se em caso de derrota. O discurso que Buonaparte dirigiu aos seus soldados não era de tão emphatica rhetorica como a que em taes occasiões tinha por costume empregar. «Soldados, lhes disse elle, eis-aqui a batalha que vós tendes desejado. Ella é necessaria, porque os seus fructos serão a abundancia, bons quarteis de inverno, e uma volta feliz para a França. Conduzi-vos de maneira que a posteridade possa dizer de cada um de vós: *elle esteve n'essa grande batalha, que se deu debaixo dos muros de Moscow*». No campo dos russos passava-se uma outra scena de

cter muito differente d'aquelle, mas muito proprio para
pertar os sentimentos, que a França desde tantos annos
s buscava fazer suffocar. Os padres gregos, revestidos
os seus ricos ornamentos sacerdotaes, mostraram-se as-
ás tropas, expondo-lhes á sua veneração as imagens dos
s santos mais predilectos e reverenciados. Aos seus con-
dãos fallaram elles das offensas, que os seus inimigos
iam commettido contra o céu e a terra, exhortando-os a
recerem um logar no celestial paraizo pela sua conducta
batalha, que se ía dar. A estas exhortações responderam
russos com grandes acclamações de assentimento geral,
strando-se inteiramente decididos a morrer ou a vencer.
Duas notaveis circumstancias, e de grande interesse para
poleão, sobrevieram na vespera d'esta batalha. A primeira
a de levar-lhe ali um official francez, que viera de Paris,
retrato de seu filho, o preconisado rei de Roma, execu-
lo pelo famoso pintor Gerard, retrato que Napoleão teve
expor em publico no exterior da sua tenda para assim
isfazer á ávida curiosidade, não só dos seus officiaes, mas
dos seus soldados, que anciosos e em tropel corriam todos
er o filho do seu imperador. A segunda das ditas circum-
ncias foi a chegada do coronel Fabvier, que tendo partido
Arapiles, lhe levou tambem ali a triste noticia dos de-
res experimentados na memoravel batalha de Salamanca.
do ouvido do referido coronel a narração d'estes desas-
, despediu o noticiador, dizendo-lhe: *Amanhã serei eu o
prio que repararei sobre as margens do Moskowa as fal-
commettidas nos Arapiles*. Dito isto lançou uma vista de
os sobre a linha das posições inimigas para se assegurar
os russos se conservavam firmes n'ella, ou se decampa-
, e reconhecendo que se conservavam firmes, entrou
quillo na sua tenda para tomar algum repouso. Um pro-
lo remanso e absoluto silencio reinava n'aquella historica
icie em que no seguinte dia tantos milhares de homens
ndidos haviam de jazer sem vida, victimas da mais hor-
l e sanguinolenta scena, que n'aquelle campo ía ter logar, e
a historia hoje transmitte á posteridade como uma das de

maior mortandade dos modernos tempos. O rir dos soldados francezes, e os piedosos cantos dos russos tinham sido abafados pelo peso de um somno, que para muitos havia de ser o ultimo da sua vida. Uns e outros repousavam em torno das grandes fogueiras por elles feitas para abrigo do frio da noite e da humidade de uma chuva fina e penetrante, que caira durante a tarde. Pelas tres horas da manhã do memoravel dia 7 de setembro começaram os movimentos hostis da parte dos francezes. Davoust propoz a Napoleão um plano, que este julgou muito arriscado, não lh'o podendo aceitar por esta causa. O que em seu logar ordenou estrategicamente foi que Poniatowski com 5:000 homens sómente fizesse um movimento sobre a esquerda dos russos, seguindo a antiga estrada de Smolensko para Moscow, o que sendo executado, daria depois logar ao ataque geral, que começaria contra a direita e centro do inimigo. Prevendo uma pertinaz resistencia, tinha feito vir para a linha tantas peças de artilheria, quantas lhe foi possivel, assegurando-se que de cada lado havia perto de mil.

Foi o marechal Ney quem começou a tão memoravel batalha do Borodino pelas sete horas da manhã, atacando a cidadella, ou o reducto dos bastiões, que estava no centro do exercito russo. Pelo mesmo tempo o principe Eugenio fazia todos os esforços para desalojar o inimigo da povoação de Semoneskoie, e dos intrincheiramentos que a defendiam. Nunca batalha alguma se disputou até então mais brava e rijamente no mundo, nem custou mais cara ás forças combatentes por uma e outra parte. A impetuosidade do ataque dos francezes fê-los senhores dos reductos; mas os russos, reunindo-se debaixo mesmo da linha do fogo dos seus contrarios, voltaram ao combate para o retomarem, tentativa infructuosa, em que perderam muita gente. Regimentos inteiros de paizanos, que nunca nos seus dias tinham visto o fogo, e sem mais uniforme que os seus casacos cinzentos, formaram-se com a firmeza propria de veteranos, fizeram o signal da cruz, e levantando o grito nacional, *que Deus tenha piedade de nós,* arrojados se lançaram no ponto mais vivo do combate, onde os que ficavam de pé cerravam de prompto as suas filei-

›s corpos dos seus camaradas mortos, e sustenta-
›elo enthusiasmo da sua causa, ou pelo sentimento
a predestinação, pareciam ser indifferentes entre
morte. O exito da batalha antolhára-se tão duvi-
Napoleão foi rogado por mais de uma vez para
çar a sua guarda, que tinha de reserva como o
› de a poder decidir. Alguns o censuraram por
o fazer, attribuindo isto á má noite que passára, e
modos que lhe occasionára um ataque de rheuma-
que estava sendo victima. Mas o segredo da sua
ifestou-se na resposta que deu a Berthier, quando
nstava sobre aquelle ponto: *E se ámanhã houver*
ıa, onde estará o nosso exercito? O certo é que os
mens da sua guarda eram em tal caso o seu unico
cioso recurso. Durante a marcha elles tinham sido
o mais possivel, e por isso se achavam em melhor
disciplina que os mais corpos. A soffrerem uma
el perda, como era para receiar, á vista da pertinaz
e reiterados esforços dos russos, Buonaparte, a
sma victoria devia deixar n'uma perigosa situação,
l caso perdido o unico corpo com que podia intei-
ntar no estado de desorganisação geral em que o
to se achava. Comprometter a sua unica reserva
ıe os generaes mais prudentes não fazem senão
ior repugnancia; e se Napoleão tivesse a este res-
tão circumspecto na batalha de Waterloo, quanto
Borodino, a sua retirada, depois de tão sanguino-
ha, talvez lhe não fosse tão desastrosa com o foi.
›s, a quem os seus desesperados esforços para se
m da sua linha de reductos tinham occasionado
ilissimas perdas, receberam finalmente ordem para
n; mas postoque a victoria ficasse incontestavel-
mãos dos francezes, é tambem certo que os mes-
s foram os que por sua propria vontade se retira-
gar do combate, e não por effeito da derrota que
taram. Foram os francezes os que depois da acção
m para o terreno, que ao principio tinham occu-

pado, deixando os russos de posse do sanguinolento campo da batalha, o que lhes proporcionou a occasião de enterrarem os seus mortos, e a de levarem comsigo os seus feridos. A sua cavallaria chegou até mesmo a dar alarme no campo dos francezes durante a noite, que se seguiu á victoria. Na seguinte manhã, 8 de setembro, é que se viu a terribilissima perda, que uns e outros contendores tinham experimentado, e o grande sacrificio de vidas, que por uma e outra parte no dia anterior se tinha feito. O campo da batalha achava-se alastrado de um numero tal de mortos e moribundos como nunca até ali se tinha visto. É cousa cruel de dizer que 90:000 homens, pouco mais ou menos, ali jaziam estendidos no chão, ou mortos ou moribundos. Quinze mil cavallos igualmente se viam estendidos ou errantes pelo campo, dando espantosos relinchos: 300 ou 400 carretas de artilheria ali se achavam desmontadas, espectaculo que se contemplava a par de milhares de outros mais destroços de todo o genero, que cortavam o coração ao vê-los, sobretudo aos que se approximavam das ravinas, para onde por uma especie de instincto se haviam ido arrastando os feridos para se resguardarem dos novos perigos a que no meio do furor ou encarniçamento da batalha se achavam expostos: ali se viam elles accumulados uns sobre os outros, sem distincção da nação, nem de inimigos. Segundo os registos francezes, examinados por mr. Thiers, o numero dos seus mortos era de 9:000 para 10:000 homens, elevando-se o dos feridos de 20:000 a 21:000, o que dava a totalidade de 30:000 homens, perdidos no campo da batalha. A perda dos russos, entre mortos e feridos, segundo a sua propria confissão, elevou-se a 60:000 homens.

O renhido d'esta tão memoravel batalha prova-se igualmente pelas sentidas perdas dos francezes, entre as quaes se contaram as de 47 generaes, e 37 coroneis mortos ou feridos: no numero dos generaes mortos figuraram, alem de outros, Montbrun, Caulincourt, Chastel, Lambert, etc., e entre os gravemente feridos o marechal Davoust, e os generaes Morand, Friant, Compans, Rapp, etc. Os russos tiveram pela

te outros tantos chefes e officiaes superiores fóra do
e, contando-se entre os mortos o valente e arrojado
e Bagrancião, perda universalmente sentida por todos
general Touczkoff morreu igualmente das suas feri-
em dos mais que tiveram a mesma sorte. Pequeno
umero dos feridos que da parte dos francezes escapa-
orque o grande convento de Kolotskoi, que lhes ser-
hospital, achava-se mal fornecido do que era para tal
essario. Á vista pois d'isto nenhum dos partidos se
gabar dos seus trophéus militares, porque se os fran-
oderam fazer 2:000 prisioneiros, tambem os russos
1:000, e se Koutousoff perdeu 13 das suas peças de
ia, tambem 10 das dos francezes lhe caíram nas mãos.
tuar o numero dos mortos, as consequencias d'esta
foram tão pouco importantes, que pareceu não ter
da senão para se saber qual dos dois partidos excedia
em força e coragem. Segundo as relações dos russos,
soff queria no seguinte dia dar segunda batalha; mas,
cendo a grande perda que os corpos tinham experi-
o, á vista das participações que d'elles recebeu, jul-
exercito muito fraco para entrar com elle n'uma nova
or conseguinte o seu partido foi o de se dirigir para
na manhã seguinte, sem atrás de si deixar o menor
da perda, que no antecedente dia experimentára. No
e setembro os francezes chegaram a Mojaisk, e ha-
lescoberto a retaguarda dos russos, dispozeram-se a
. No dia 11 porém reconheceram que os mesmos
tinham desapparecido por segunda vez, sendo a sua
conduzida por tal maneira, e tão arteiramente mas-
que Napoleão não pôde alcançar bem se elles tinham
a estrada de Moscow ou a de Kalouga. N'esta incer-
obrigado a passar o dia 12 em Mojaisk, vindo então a
urante elle que os russos se tinham effectivamente
para a sua antiga capital.

d'isto, Napoleão poz-se então em marcha no mesmo
sem que o seu exercito tivesse outro algum guia mais
recção da estrada real, que diante de si tinha, nem os

soldados outra nutrição mais que carne de cavallo e grão moido. Na vespera Murat e Mortier, que conduziam a vanguarda, encontraram-se com os russos, postados em força, proximo de Krymskoie, sendo Murat o que pelo seu inconsiderado valor foi causa de se travar ali um combate em que os francezes perderam sem precisão alguma 2:000 homens. Entretanto Buonaparte seguia o rasto dos russos, não suppondo que elles quizessem abandonar a sua capital, sem primeiro fazerem um novo esforço. Este encontro o desejava elle tanto mais, quanto que as duas divisões do exercito da Italia, commandadas pelos generaes Delaborde e Pino, lhe haviam chegado de Smolensko, as quaes elevavam novamente o seu exercito, terrivelmente desfalcado pela batalha de Borodino, a cousa de 120:000 homens. Pela sua parte os generaes russos haviam-se reunido em conselho de guerra para deliberarem se deviam expôr novamente o exercito do centro da Russia ás consequencias de uma nova e provavel derrota, ou se abandonariam como presa ao espoliador a santa cidade de Moscow, a Jerusalem d'aquelle vasto imperio, a estimada de Deus, e a querida dos homens, a cujo nome e existencia se ligavam tantos sentimentos heroicos, patrioticos, nacionaes e individuaes. A rasão fallava uma linguagem, com a qual se não conformava a do orgulho e affectação nacional. Aventurar uma segunda batalha era fazer depender do destino o grande exercito da Russia, projecto perigoso, mesmo quando se tratasse de defender a capital. Á vista pois d'isto prevaleceu a consideração de que, tendo-se Napoleão embrenhado no interior da Russia com o seu exercito, que diariamente se ia desfalcando, ao mesmo tempo que se achava proxima a estação invernosa, cada hora por que se evitasse uma acção decisiva era perda real para a França, e uma decidida vantagem para a Russia.

Uma tal consideração era tanto mais exacta, quanto que, tendo o general Wittgenstein sido reforçado na fronteira do norte pelo general Steingel com o exercito da Finlandia, havendo-se o da Moldavia reunido a Tormasoff pelo lado do sul; a Lithuania e a Polonia, que formavam a base das opera-

ções de Napoleão, estavam em perigo de serem occupadas pelos russos por ambos os seus dois flancos, o que compromettia os seus aprovisionamentos, os seus armazens, as suas reservas e as suas communicações de toda a especie, pondo-o portanto a elle, e ao seu exercito no maior perigo. Os russos reflectiram por outro lado que, evacuando e destruindo Moscow, diminuiriam muito as vantagens da sua posse ao vencedor, limitado apenas a triumphar no meio de muros desertos e sem recursos. Á vista pois d'isto assentou-se que a conservação do exercito era cousa mais importante para a Russia do que a defeza d'aquella cidade, a qual, não obstante os preconceitos que por si tinha, foi n'este caso abandonada ao seu destino. O conde de Rostopchin, seu governador, era um homem de grande coração e merito, dotado de muito talento e espirito, qualidades com que juntava uma certa bizarria de humor, que lhe dava um caracter de originalidade. Desde o começo da guerra que elle tinha entretido as crenças dos seus governados por meio de relatorios favoraveis e declarações lisonjeiras, feitas para lhes inspirar sentimentos de segurança. Todavia o desastre de Smolensko, e sobretudo a marcha de Napoleão para leste, levaram um grande numero dos mais ricos habitantes de Moscow a saírem da cidade, escondendo os seus mais preciosos effeitos. Entretanto Rostopchin continuava a dar as mesmas seguranças, insistindo sempre em que nada havia que receiar. Recorrendo, para conseguir o seu fim, ao emprego de alguns meios illusorios, com elles foi entretendo o povo, até que este, desenganado de que o inimigo se approximava, tomou a resolução de abandonar definitivamente Moscow. Tendo-se feito saír d'ella os archivos e o thesouro publico, despejaram-se os armazens, sobretudo os de provimentos, que se inutilisaram pelo modo analogo ao que a urgencia do tempo permittia. Rostopchin fez tudo quanto pôde para dar a esta emigração toda a possivel regularidade e ordem, effeituando-se geralmente pelas estradas do sul, que assim foram occupadas por varias columnas de homens, mulheres e creanças, cantando os hymnos sagrados da sua igreja, e lançando de quando em

pois ao seu destino. A 14 de setembro as tropas atrav
as ruas da metropole com os olhos baixos e tristes,
ras enroladas, e sem rufos de tambores, tendo log
saída pela porta de Kalouga. No mesmo dia 14 de se
em que a retaguarda dos russos evacuava Moscow,
Napoleão á altura, chamada *Monte da Salvação,* p
que a gente do paiz se ajoelha e faz reverente
da cruz á primeira vista da cidade santa. Moscow
tava-se tão faustosa e magnifica como nunca se vira,
suas torres de trezentas igrejas, os seus bellos zimb
cobre, brilhando aos raios do sol, os seus palacios
chitectura oriental, entremeados de arvores e cerc
jardins, e finalmente o seu afamado Kremlin, massa
de torres de fórma triangular, verdadeiro meio term
um palacio e um castello forte, que se elevava como
dadella por cima de toda esta massa de bosques, de
e de edificios. Mas nem uma só chaminé ou um só
via lançar ao ar o seu costumado fumo; nem sobre
muralhas, ou mesmo ás suas portas se descobria
pessoa. Napoleão contemplava desvanecido este espe
esperando com o orgulho de um vencedor ver ch
um para outro momento uma deputação de boyar
a sua longa barba para se lhe lançar aos pés, e de
a sua fortuna á sua disposição. A sua primeira exc
foi: *Eis finalmente esta celebre cidade!* A segunda
já era tempo! O seu exercito, não se lembrando já
sado, só pensava no futuro com não menos desvane
e lisonjeira esperança, e chegando a ver o termo d
os seus desejos, o grito de *Moscow, Moscow!* res

todo elle de fileira em fileira. Ninguem interrompeu as reflexões do imperador até á chegada de um mensageiro, que depois de se apresentar a Murat, foi por este mandado a Napoleão, a quem annunciou que o general Miloradowitich ameaçava queimar a cidade, se não dessem á guarda da retaguarda, que elle commandava, o tempo necessario para a atravessar a salvo. Apesar do tom imponente com que se lhe fez esta communicação, Napoleão concedeu o armisticio requerido para salvar assim uma cidade, onde nem um só morador russo havia já que lhe agradecesse a fineza.

Depois de ter esperado duas boas horas, alguns moradores francezes, que se tinham escondido durante a evacuação, foram os que lhe trouxeram a noticia de que Moscow se achava deserta, tendo sido abandonada por uma população de 250:000 almas, e que um bando de scelerados, mandados pelo governador Rostopchin, a tinha invadido, sendo elles os que, tendo-se apossado de algumas espingardas, apanhadas por elles no arsenal, estavam fazendo fogo do Kremlin contra as tropas de Murat, que n'ella tinham entrado. Estas noticias, verificadas tambem pelo proprio Murat, entristeceram no mais alto grau todos os chefes do exercito francez, incluindo o proprio Napoleão, o qual, receioso das sombras da noite, e das scilladas que um tão implacavel inimigo lhe podia armar, não quiz por então entrar na cidade, reservando-se para o fazer na manhã do dia 15 de setembro, como effectivamente praticou, sendo elle e os seus soldados, ao atravessarem as ruas ermas de gente, os unicos espectadores da sua marcial gloria. Entrado no Kremlin, Napoleão apressou-se em subir á elevada torre do grande Ivan para contemplar a sua magnifica conquista, lentamente atravessada pelo Moskowa, com as suas numerosas voltas e curvaturas. Quanto ao exercito, esse alojou-se pelos differentes bairros da cidade. Esperavam todos achar em Moscow a abundancia e o descanso de que tanto careciam, e em todo o caso bons quarteis de inverno, quando a guerra se prolongasse: estas mesmas esperanças os subsequentes factos lh'as desvaneceram. Na mesma manhã de 15 de setembro viu-se

arder em chammas um vasto edificio, que continha liquidos espirituosos: foi muito custoso, mas domou-se este incendio, reputado casual. Quasi ao mesmo tempo rebentou logo outro n'um bazar ao nordeste do Kremlin, onde se achavam os mais ricos armazens de commercio, bazar que foi devorado pelas chammas, salvando-se apenas aquillo a que alguns soldados poderam lançar a mão. Foram estes factos os que deram logar a um rumor surdo, similhante aos que precedem alguns acontecimentos terriveis, annunciando que a cidade seria toda queimada na noite de 15 para 16. Similhante rumor, filho d'estas, e das mais circumstancias já mencionadas, tornavam provavel similhante annuncio, e elle se verificou, rebentando o fogo pela meia noite com incrivel intensidade nos bairros do norte e de oeste da cidade, onde a maior parte das casas eram de madeira. Para maior desgraça levantára-se de repente com grande violencia o vento do equinoccio, proprio da estação e dos paizes planos, onde nada é capaz de o domar. Aos horrores de similhante acontecimento veiu juntar-se o perigo de uma explosão, em rasão de haver no Kremlin um armazem de polvora, circumstancia que os francezes ao principio ignoraram, tendo sido posto um parque de artilheria com todas as suas munições debaixo da janella do imperador. O apparecimento da manhã veiu apresentar a todos uma espantosa scena. Durante a noite a cidade tinha sido esclarecida por uma luz funebre e sobrenatural: pela manhã viu-se coberta de uma atmosphera espessa e suffocante, e alem d'isso cheia de um fumo grosso, quasi palpavel.

Ao que fica dito seguiram-se depois as vozes de que os chafarizes se haviam tornado inuteis por falta de agua, de que o encanamento d'ella se havia cortado, e as bombas dos incendios destruido ou arrebatado. Vieram depois d'isto os relatorios de granadas incendiarias, achadas nas casas desertas; de homens e mulheres, que como demonios e furias do inferno, se tinham visto empregados em activar as chammas, homens e mulheres que se diziam munidos de materias combustiveis para maior segurança do successo na obra infer-

nal, que se lhes tinha commettido. Os factos que se observavam induziam a ter por verdadeiros similhantes relatorios, d'onde resultou ordenar Napoleão que os corpos aquartelados em cada bairro formassem commissões militares para immediatamente julgarem e mandarem fuzilar ou enforcar os individuos, que se achassem em flagrante delicto, o que se praticou com os que em tal obra se apprehenderam. No meio de tudo isto era impossivel evitar que as chispas e até mesmo as brasas de fogo deixassem de ir cair sobre os tectos do Kremlin, arremessadas como vinham pela violencia do vento. Napoleão observava da sua janella o progresso do incendio, que assim reduzia a cinzas a sua bella e tão esperançosa conquista, escapando-lhe a exclamação: *Bem mostram que são verdadeiros scythas*. O perigo de que o incendio passasse ao proprio Kremlin foi causa de que o mesmo Napoleão, cedendo aos instantes rogos, que para tal fim lhe faziam, abandonasse o palacio dos czares moscovitas com bastante difficuldade. Saíndo pois da cidade, através das ruas, por cima das quaes as chammas formavam já uma especie de abobada, e onde se respirava um ar suffocante, foi alojar-se no castello imperial de Petrowskoie, uma legua pouco mais ou menos distante d'ella. Esta mesma saída effeituou igualmente o exercito, a quem o incendio e o calor abrasador, por elle produzido, tinham tornado impraticavel a sua residencia em Moscow. O fogo, que não obstante as affirmativas em contrario do governador Rostopchin, se reputou mandado lançar por elle, mediante os incendiarios, que escondidos pelas differentes cavas, fielmente cumpriram a commissão, que por elle lhes foi dada, durou pelos dias 16, 17 e 18 de setembro, em que foi extincto, não só pela escassez das materias, que por fim havia para o alimentarem, mas tambem por uma chuva, que caíndo sobre elle o apagou, refrescando o ar, aliás irrespiravel até então. Tal foi o modo por que se reduziram a cinzas quatro quintos d'aquella grande cidade, para onde Napoleão e o seu exercito voltaram novamente nos dias 19 e 20 do referido mez.

Fosse porém ou não fosse o incendio de Moscow obra premeditada do governo russo, ou quer fosse ou não fosse obra espontanea dos incendiarios e bandidos, e portanto ou fosse virtude ou crime, ou rasgo de patriotismo ou de vingança, certo é que os seus effeitos iam ter nas futuras operações dos exercitos a mais decidida importancia. O fim de Buonaparte, desprezando todos os riscos para marchar sobre a capital dos russos, era o assegurar-se de um penhor que levasse o imperador Alexandre a aceitar submisso as condições de uma paz tal como elle lh'a quizesse dictar, segundo praticára com varios outros soberanos da Europa, assenhoreando-se das suas capitaes; mas reduzido a cinzas como este penhor do imperio russo se achava, tinha cessado o motivo, que podia lèvar o mesmo Alexandre a humilhar-se diante do vencedor. Uma outra circumstancia de não menor gravidade era a de que Napoleão perdêra por esta terrivel catastrophe uma grande parte dos provimentos, que na cidade incendiada esperava encontrar para a plena manutenção do seu exercito. A existir Moscow e a sua população, acharia elle na actividade commercial das provincias russas com a sua capital e nos seus moradores os meios de abastecer os seus mercados, e portanto os de alimentar o seu exercito; mas esses meios tinham desapparecido, porque deixando Moscow de ser abastecida pelos generos, que lhe vinham de regiões remotas, ou por agua durante o estio, ou por meio dos trenós, rolando sobre a neve durante o inverno, por se achar despovoada, não podia chamar especuladores alguns ao seu seio; tal foi a triste consideração, que logo se apresentou ao espirito do imperador Napoleão e dos seus officiaes. Não obstante pois os despojos e mantimentos encontrados ainda n'aquella cidade, era evidente não poder conservar-se n'ella por muito tempo o exercito francez, tornando-se cousa de não pequena difficuldade a escolha da estrada, que mais conveniente fosse para d'ella sair. Napoleão podia com effeito marchar para S. Petersburgo, e fazer a esta nova capital da Russia o mesmo que já tinha feito á antiga; mas a estação avançada, o estado dos caminhos, a falta

de provisões, e a grande desorganisação do seu exercito oppunham-se fortemente a este primeiro projecto.

O segundo, que em substituição a elle podia adoptar, era o dirigir-se para o sul, para ganhar a fertil provincia de Kalouga, e de lá seguir pelo lado de leste para Smolensko. Á adopção d'este plano oppunha-se o encontro, que iria ter com o exercito de Koutousoff, collocado em posição n'um sitio ao sul de Moscow. Verdade é que isto parecia ser a cousa da maior conveniencia para Napoleão; mas uma outra batalha como a de Borodino era um pessimo começo de retirada, ameaçado como tambem se acharia em tal caso pelos seus dois flancos. Restava-lhe ainda um terceiro partido, tal era o de effeituar a retirada pelo mesmo caminho que levára; mas voltar por similhante caminho era ir encontrar a fome pela frente, arruinado e devastado como tinha sido todo o territorio que atravessára, no qual todas as povoações e até as proprias choupanas haviam sido queimadas, ou pelos francezes ou pelos russos, e abandonadas por fim pelos seus moradores. Napoleão tinha julgado o imperador Alexandre dotado de um caracter flexivel e disposto a submetter-se ao seu genio altivo e dominador, em consequencia das entrevistas que com elle tivera em Tilsit e Erfurt. Com esta crença escreveu-lhe uma carta do seu proprio punho, apenas effeituou a sua entrada em Moscow, fazendo-lhe proposições de paz; mas d'essa carta nenhuma resposta lhe veiu, nem podia vir com a precisa brevidade, porque nem Alexandre tinha o caracter que Napoleão lhe suppunha, nem quando o tivesse, os seus subditos lhe permittiriam taes condescendencias, attenta a grande indignação e raiva, que em todos elles tinha produzido, desde a mais elevada classe até á dos escravos, a invasão da sua patria pelo exercito francez. Na falta pois da desejada resposta Napoleão resolveu mandar ao imperador Alexandre, para com elle entrar em negociações de paz, o general conde de Lauriston, seu ajudante de campo. Este, conhecendo bem o caracter dos russos, apresentou algumas duvidas sobre a politica da missão que se lhe confiava, e que podia fazer presentir ao ini-

migo o grande embaraço em que o exercito francez por então se achava. Fundado n'isto, recommendou que sem perda de um só dia se começasse a retirada pela estrada do meio dia na direcção de Kalouga. Mas Buonaparte não mudou de resolução, fazendo partir Lauriston, encarregado de uma nova carta para Alexandre, dizendo ao commissionado por ultima instrucção: *É preciso que eu faça a paz, e para o obter tudo sacrificarei, excepto a minha honra*».

Com esta commissão saiu pois Lauriston para o acampamento russo, cujo exercito, tendo largado de Moscow pela porta de Kalouga, como já vimos, marchou por dois dias continuos n'esta direcção, fazendo por este modo crer aos francezes que a sua intenção era poupar-se a uma retirada para o sudeste, deixando sem defeza as provincias de leste e as do norte. Koutousoff executou um dos seus mais sagazes movimentos em toda esta campanha. O cuidado de observar a estrada de S. Petersbourgo foi dado ao general Winzingerode com um pequeno exercito. O mesmo Koutousoff, voltando-se depois d'isto para o sul, descreveu como um arco de circulo de que Moscow era por assim dizer o centro, nas vistas de conduzir o seu grande exercito sobre a estrada de Kalouga. A sua marcha foi feita no meio do mais profundo abatimento, porque apesar da distancia ser grande, o vento fazia chover sobre as fileiras dos soldados as cinzas ainda quentes da sua capital abrasada, e no auge da obscuridade, as furiosas chammas pareciam um oceano de fogo, que como sobranceiro se via ás suas cabeças. Os russos executaram este movimento por tal maneira, que as tropas francezas, mandadas em sua perseguição, seguiram dois regimentos de cavallaria, que se tinham deixado ficar na estrada de Kalouga, sendo com surpreza que depois souberam ter o exercito russo tomado posição pela parte do sudeste de Moscow, d'onde podia operar sobre a linha de communicação de Napoleão com Smolensko e a Polonia, cortar-lh'a, quando muito bem quizesse, perseguir-lh'a, e ao mesmo tempo cobrir a cidade de Kalouga, onde se tinham estabelecido os seus grandes armazens, bem como em Toula, nomeada pela sua fabrica de

nas e fundição de peças de artilheria. O fogoso rei de Na-
les marchou então com a vanguarda do seu respectivo
ercito contra a retaguarda dos russos pela estrada de Ka-
uga, não tendo com ella mais do que algumas escaramu-
s, que não embaraçaram que Koutousoff se estabelecesse
alvo na sua forte posição de Tarontino, collocada admira-
mente para cobrir a importante cidade de Kalouga. Tres
radas se dirigiam de Moscow para esta cidade, achan-
se o posto de Tarontino situado sobre a do meio, de
do que um exercito postado n'aquelle ponto podia facil-
nte dirigir-se, ou para a sua direita ou para a sua es-
rda, e ir portanto occupar aquella das duas outras estra-
, que muito bem lhe parecesse, ou lhe conviesse. Alem
to a ribeira de Nava cobria pela frente a posição dos
sos, cujo campo era amplamente aprovisionado pelos ri-
e ferteis cantões, que tinha pela sua retaguarda.
Com o que fica dito occorria tambem que grandes levas
recrutas lhes tinham vindo reforçar o exercito, tendo-se
almente estabelecido, como na Hespanha se via, muitos
pos francos de cossacos, corpos de verdadeiros guerri-
s, aos quaes se tinham dado por chefes homens cheios de
vura, patriotismo e actividade. Estes corpos, percorrendo
aiz em todas as direcções, difficultavam as linhas de com-
nicação dos francezes, repelliam os seus postos avança-
s, e os perseguiam terrivelmente sobre todos os pontos.
circumstancias taes Murat muitas vezes escreveu a seu
hado, instando com elle para não differir por mais tempo
ua retirada, tornada absolutamente necessaria. Foi no
io d'estas occorrencias que o general Lauriston chegou
postos avançados dos russos, onde depois de muitas
ficuldades, reaes ou suppostas, foi admittido a uma en-
vista com Koutousoff pela meia noite do dia 5 de outu-
, sendo recebido por modo que se persuadisse que a sua
gada era olhada com satisfação. A primeira cousa em que
riston fallou a Koutousoff foi na troca dos prisioneiros,
lhe não foi admittida, em rasão dos russos não terem
de soldados, como succedia a Napoleão. Depois d'isto

fallou-lhe no acabamento da guerra de guerrilhas, guerra desusada nos mais paizes civilisados, e em que tantas crueldades se commettiam. A isto respondeu-lhe Koutousoff que similhante guerra não dependia das suas ordens, mas que era filha do espirito nacional do paiz, que levava os russos a olharem a invasão franceza na sua patria como uma incursão de tartaros. Finalmente Lauriston abordou o verdadeiro ponto da sua missão, perguntando ao general russo *se esta guerra, que tomára um caracter tão inaudito, devia sempre durar*, declarando ao mesmo tempo que os sinceros desejos de seu amo, o imperador dos francezes, era terminar as hostilidades entre duas grandes e generosas nações. O astucioso Koutousoff percebeu logo que o desejo da paz, offerecida assim por Napoleão, era uma evidente prova da grande necessidade em que estava de a fazer, e por isso tomou o ardiloso designio de ganhar tempo, por entender que por este modo augmentava grandemente o embaraço dos francezes, cousa que de muita vantagem podia ser aos russos. Affectando pois o seu muito desejo de concorrer para uma pacificação, declarou todavia ser-lhe positivamente prohibido receber proposição alguma a tal respeito, e até mesmo transmitti-la ao seu soberano. Á vista pois d'isto recusou-se a dar ao general Lauriston o passaporte, que este lhe pedia para se poder dirigir ao imperador Alexandre, prestando-se sómente a expedir o general Wolkousky, ajudante de campo do czar, para saber qual fosse a sua vontade a tal respeito.

Tendo Lauriston recebido por instrucção conseguir a paz a todo o preço, uma vez que não houvesse deshonra da parte do imperador seu amo, nenhuma objecção fez ao offerecimento de Koutousoff, concebendo assim a lisonjeira esperança de poder alcançar o bom exito da sua missão, com tanto mais fundamento, quanta maior lhe parecia ser a satisfação, patenteada tanto pelo general russo, como pelo seu estado maior, de concorrerem quanto em si coubesse para o acabamento da guerra, chegando-lhe até a dizer que o annuncio de um tratado de paz seria recebido em S. Petersbourgo

com grandes regosijos publicos. Isto foi logo transmittido ao imperador Napoleão, que muito illudido com similhante cousa, concebeu a lisonjeira esperança de obter em breve o que tanto desejava. D'esta crença, verdadeira logração que Koutousoff lhe armou, voltou á sua primeira opinião, algum tanto já abalada, mas não inteiramente perdida, enunciando aos seus generaes com grande satisfação e desvanecimento proprio, que elles não tinham mais que esperar uma quinzena de dias para depois d'elles gosarem uma gloriosa pacificação. Depois d'isto gabou-se de conhecer melhor que ninguem o caracter russo, acrescentando que apenas a noticia da sua abertura de paz chegasse a S. Petersbourgo, não se veriam mais do que regosijos e fogos de alegria. Apesar d'isto Napoleão parecia não contar seguro com a paz, á vista da approvação que prestou a um singular armisticio, feito com o general russo, armisticio que podia ser rompido depois de um simples aviso, dado tres horas antes por qualquer das duas partes, e durante a sua duração sómente se observaria na frente dos dois exercitos, ficando aos russos a liberdade de continuarem nos flancos a guerra dos guerrilhas pelo mesmo modo por que a faziam d'antes, de que resultava não poderem os francezes receber a mais pequena carroça de provimentos sem ser á força de combates, e muitas vezes mesmo com desvantagem sua. O certo é que Murat não via mais do que a guerra em volta de si, o continuo enfraquecimento das suas forças pela diaria continuação das hostilidades parciaes, e finalmente o incessante toque dos tambores, e o aturado fogo por pelotões do campo dos russos, manifestos indicios do ensino das recrutas, que lhes tinham chegado.

Alem do exposto succedia mais que os officiaes russos dos postos avançados começavam já a empregar para com os francezes uma linguagem de mau agouro. «Esperae mais quinze dias, diziam aquelles a estes, e as vossas unhas vos cairão; os vossos dedos se vos separarão das mãos, como os ramos seccos se despegam de uma arvore caduca e moribunda». Estes e outros que taes prognosticos ainda não foram bastantes para despertarem Napoleão do seu fatal e inquali-

ficavel lethargo, persistindo em esperar pela resp
missão confiada a Lauriston, cujo assumpto, enviad
foi para S. Petersburgo no dia 6 de outubro, não po
resultado antes do dia 26. Lembranças houve de p
inverno em Moscow por meio de um campo entrinch
mas a isto se deu de mão, á vista dos perigos que c
trazia. Entretanto chegou com effeito a Koutousoff a r
do imperador Alexandre, que foi a sua formal recu
ouvir quaesquer proposições de paz, e não fazendo a
a terem-lhe estas sido levadas por Wolkousky, repre
os officiaes russos, entrados em similhante negocio, in
o mesmo principe Koutousoff, por ter tido a menor c
nicação com os generaes francezes. Em conformidad
isto fez ver ao seu generalissimo quam terminantes e
instrucções, que a tal resposta lhe dera, tendo-lhe p
prohibido entrar em negociação, ou correspondencia
inimigos, debaixo de qualquer pretexto. É de supp
nada d'isto affligisse muito o general Koutousoff, o q
conhecer ao seu exercito a resolução invariavel do imp
Alexandre de não outorgar condição alguma de paz
migos; e espalhando ao mesmo tempo no seu campo a
da victoria de Salamanca, e a da evacuação de Madri
francezes, convidou os seus soldados a imitarem a c
dos inglezes, e o patriotismo dos peninsulares. Ani
assim o seu exercito, o mesmo Koutousoff espaçou
quanto pôde a participação d'isto a Napoleão, nas vi
demorar quanto possivel a estada dos francezes em M
demora a que já antes d'isto elles tinham dado d
como se vae ver.

Effectivamente desde o dia 12 de outubro, tempo
de S. Petersburgo não podia ainda ter chegado a r
da negociação de paz, que sómente no dia 6 do di
para lá se tinha expedido, Napoleão reconheceu, de
ter passado vinte e sete dias em Moscow, que lhe er
lutamente necessario tomar alguma medida de salvaç
incertezas e demoras da citada negociação. No dia 1
geiro gêlo, que sobreveiu, fez sentir a todos que era

o terrivel momento de se tomar com effeito uma prompta decisão, para cujo fim Napoleão reuniu um conselho militar, a que assistiram o principe Eugenio, o major general Berthier, o ministro d'estado Daru, e os marechaes Morthier, Davoust e Ney, faltando Murat e Bessiers, que no corpo avançado se achavam fazendo frente aos russos. A primeira questão de que n'elle se tratou foi ver a situação de cada corpo, e a segunda assentar com urgencia no partido que se devia tomar. Quanto á primeira, viu-se que o corpo de Davoust se achava reduzido a 29:000 ou 30:000 homens, o de Ney a 10:000 ou 11:000, e os mais á proporção, de modo que as forças totaes podiam quando muito contar 120:000 homens, de 185:000 de que se compunham em Witepsk, e de 420:000, quando passaram o Niemen. Quanto ao partido a tomar, as opiniões foram muito divididas, decidindo-se Napoleão pela marcha sobre Kalouga, deixando uma guarnição no Kremlin, postando o duque de Belluno em Jelnia para communicar com Smolensko. Sem embargo d'isto a esperança de receber uma resposta de S. Petersburgo, a falta de transportes, que tornava as differentes evacuações vagarosas, a continuação do bom tempo, e finalmente a viva repugnancia de Napoleão em começar com a sua marcha retrograda o levaram a permanecer ainda inactivo, até que um acontecimento inesperado o veiu tirar d'este estado de uma tão funesta apathia no dia 18 do citado mez de outubro. Succedeu que um cossaco disparou um tiro de clavina, quando Murat examinava as suas guardas avançadas: este facto o fez encolerisar, levando-o a declarar roto o armisticio. Recomeçadas pois as hostilidades, resolveram os russos surprehender Murat no seu mesmo campo de Worodonow, o que fizeram, tendo logar um combate, em que elle Murat perdeu a sua artilheria, a sua posição, e as suas bagagens, alem de uns 2:000 homens mortos e 1:500 prisioneiros.

Tal foi o acontecimento que definitivamente obrigou o imperador Buonaparte a deixar a sua fatal irresolução, e a começar de facto com o seu movimento retrogrado na manhã de 19 de outubro, em que abandonou Moscow, dirigindo-se pela

estrada de Kalouga, ou nas vistas de se vingar do desastre de Murat, como affirma Thiers, ou nas de começar desde logo a sua effectiva retirada, como os factos subsequentes parecem comprovar. O seu exercito compunha-se portanto dos seus já citados 120:000 homens, acompanhados por 550 peças de artilheria, numero desproporcionado ao dos soldados que por então contava. Era em tal caso da mente de Napoleão assenhorear-se de Kalouga, e a este fim dirigiu a sua marcha; mas Koutousoff, levantando promptamente o seu acampamento de Tarontino, o impedio d'isso, havendo no dia 24 de outubro entre uns e outros contendores uma renhida e sanguinolenta batalha em Maloï-Iaroslavetz, povoação que os francezes tiveram por fim de evacuar, depois de perderem 4:000 homens e os russos 6:000. Levantou-se depois a questão de se dar, ou não uma nova batalha, e dividindo-se as opiniões sobre este ponto, Napoleão desempatou, resolvendo a continuação da retirada, que na manhã de 27 se começou definitivamente a fazer para Borovsk e Verea, estrada por onde tinha vindo, ao passo que os russos manobraram sobre a sua esquerda, no intento de se approximarem de Wiazma e Gjatsk, pontos por onde os francezes tinham de passar, a quererem-se dirigir para Smolensko, como effectivamente era do seu intento. Ao mesmo tempo que Napoleão se resolveu á retirada, ordenou ao marechal Mortier, que tinha ficado em Moscow com uma força de 10:000 homens, que evacuasse aquella cidade, fazendo saltar aos ares o afamado Kremlin por meio das minas que para este fim se lhe tinham previamente feito. A estrada que lhe indicou foi a de Verea para se ir reunir ao exercito, assignalando-lhe o dia 22 ou 23 para deitar fogo ás minas, o que só executou na noite de 23 para 24, indo effectivamente fazer aquella reunião em Verea, conduzindo comsigo os doentes e feridos que pôde, e as forças de que dispunha, consistindo em 4:000 homens da nova guarda, outros 4:000 de cavallaria desmontada, e 2:000 de artilheria e engenharia. A terrivel explosão abalou a terra como se fosse um tremor annunciando a Napoleão que as suas ordens tinham si

executadas. No seguinte dia um pomposo boletim
o exercito em estylo triumphante, que o Kremlin,
como a monarchia russa, *tinha existido;* que Mos-
a mais que um montão de ruinas, e que 200:000
que n'outro tempo formavam a sua população,
rrantes pelas florestas, comendo raizes, ou mor-
fome. Estas e outras similhantes bravatas, desti-
ıdir miseravelmente os parisienses, não eram por
mais do que um triste desafogo de Napoleão, irri-
ssim se ver logrado, e ao mesmo tempo forçado a
oor um paiz já devastado, tanto pelo seu exercito,
s proprios russos, achando-se as casas queimadas
lores fugidos. De facto a retirada para Verea não
o que um verdadeiro e funebre dobrar dos sinos
rre de parochia, annunciando a morte proxima do
ancez.

o, informado de que os russos o queriam inquietar
ssagem em Wiazma ou Gjatsk, ordenou que sem
ma de tempo o exercito dirigisse para ali a sua
ue se effeituou em tres columnas, indo Napoleão
neira, o principe Eugenio (vice-rei da Italia) com
e o marechal Davoust com a terceira. De Gjatsk,
ercito chegou sem contratempo, seguiu elle para
e depois para as alturas de Mojaisk, bivoacando
e campo de Borodino, coberto como se viu por
le corvos, que grasnando desagradavelmente com
oucos sons, mais penosa faziam a tristissima re-
do que ali se passára, porque se por um lado
campo era para os francezes theatro das suas
façanhas, tambem por outro era perennal monu-
s suas grandes perdas e lamentaveis desgraças,
atalha que ali ganharam a mais sanguinolenta dos
tempos. Napoleão trouxera de Moscow, com o
e despojos, que tencionava inaugurar em París,
héus das suas victorias da Russia, todos os qua-
encontrou notaveis, os ricos ornamentos das igre-
nham escapado ás chamas, as antigas armaduras

e as peças de artilheria, bem como a colossal cruz, que se achava sobre a torre de Ivan o Grande, a mais alta que havia n'aquella cidade; reconhecendo porém a impossibilidade de poder levar mais para diante comsigo similhantes monumentos, por sua ordem foram lançados ao lago Semelin. Parte da sua artilheria a começou tambem a deixar a trás, em rasão dos cavallos a não poderem conduzir por falta de forças, resultado da falta de forragens. Até aqui podia dizer-se que o exercito tinha marchado sem contratempo notavel, a não ser o incommodo que lhe occasionavam os bandos de cossacos, que por todos os lados terrivelmente o perseguiam, vindo depois d'isto as passagens dos rios, cujas pontes se achavam cortadas, os embaraços que nas estradas causavam os cavallos mortos, as carretas e carroças quebradas, pelos estragos experimentados nas descidas das encostas e logares escarpados, seguindo-se ainda a isto os pantanos e charcos, onde os homens e os cavallos caíam a cada momento por falta de forças, constituindo-se tudo isto em outras tantas causas de confusão e desordem. E todavia ainda se não tinham visto as tropas russas regulares, o que deu logar a que os francezes podessem passar n'uma falsa tranquillidade a noite de 2 de novembro. Foi n'esta mesma noite fatal que Miloradowitck, o mais atrevido dos generaes russos, a quem os francezes chamavam o Murat russo, appareceu inopinadamente com a vanguarda do seu exercito, sustentado por muitos milhares de cossacos.

Ao romper do dia os russos atravessaram a linha de marcha do principe Eugenio, que a não ser soccorrido por um regimento, que Ney lhe enviára de Wiazma, e os esforços feitos para o mesmo fim na sua retaguarda por Davoust, seria provavelmente derrotado. Alem d'isto a artilheria russa era superior em calibre á dos francezes, que por aquella eram terrivelmente varejados, sem que com a sua podessem fazer mal algum aos russos. Foi assim que o principe Eugenio e Davoust atravessaram Wiazma com a sua segunda e terceira columnas, perseguidas sempre pelos russos, misturados quasi com as suas fileiras, e posto que os francezes se tivessem bem

onduzido, parece que se Koutousoff houvesse reforçado Miloradowitch, é de crer que aquellas duas divisões francezas fossem ali cortadas; mas o velho general russo, confiando que o inverno e a fome, não podendo deixar de apparecer em breve n'um paiz devastado, fariam o que elle não fazia, entendeu por melhor poupar a vida aos seus soldados, não os expondo a um combate desesperado, e com estas vistas foi estabelecer o seu quartel general em Krasnoi, commettendo a Miloradowitch o cuidado de continuar a perseguir na sua retirada a retaguarda inimiga. Pela sua parte Napoleão ordenou ao principe Eugenio, que, deixando a estrada de Smolensko, marchasse para o norte sobre Dowkhowtchina e Poreczie para apoiar o marechal Oudinot, que se achava vivamente perseguido pelo general Wittgenstein, que no norte da Russia se tornára superior a elle. Cumprindo estas ordens, o mesmo principe Eugenio dirigiu-se sobre Zasselie, perseguido sempre pelo ordinario cortejo dos scythas, que o obrigaram a deixar á retaguarda 64 peças de artilheria e 2:000 soldados estropeados, ou separados dos seus corpos. Em Zasselie passou o principe Eugenio a noite, sem consideravel desar, mas avançando até Dowkhowtchina, os francezes tinham de atravessar o Wop, rio engrossado pelas aguas da chuva, achando-se as suas escarpadas margens escorregadias, em rasão do gêlo que já n'ellas havia. N'esta passagem perderam os francezes mais 23 peças de artilheria, e toda a sua bagagem, tendo de bivoacar durante a noite na outra margem do rio. Tremendo de frio, meia núa, e perseguida sempre pelos cossacos, a columna franceza chegou finalmente na manhã seguinte a Dowkhowtchina, onde os mesmos cossacos lhe não deixaram gosar repouso algum. Apesar da bravura com que o principe Eugenio conseguiu entrar na povoação, e n'ella passar a noite, teve ainda assim de perder as suas bagagens, e a maior parte da sua artilheria, e como a sua cavallaria se achasse inteiramente destruida, viu-se impossibilitado de marchar sobre Witepsk para sustentar Oudinot, d'onde resultou marchar para Wlodimerowa, e de lá para Smolensko, onde chegou a 13 de novembro no

mais deploravel estado, juntando-se no caminho ao marechal Ney.

Durante este tempo o imperador Napoleão tinha feito alto em Stakawo nos dias 3 e 4 de novembro, passando a noite de 5 em Dorogoboujie, onde os outros corpos chegaram igualmente nos dias 7 e 8. No dia 6 havia começado o terrivel inverno da Russia, cujos rigores os francezes não tinham ainda verdadeiramente experimentado, postoque o tempo tivesse lá estado frio e ameaçador. Desde então o sol não se mostrou mais, e um denso e negro nevoeiro, suspenso sobre as columnas, transformou-se n'um diluvio de neve, que caindo em grossos flocos, gelava e cegava ao mesmo tempo os soldados. Todavia a marcha continuou como foi possivel, redobrando os francezes de esforços para se salvarem, caindo muitos nas ravinas, que lhes occultava a nova face do tempo, tomada pela estação invernosa. Os que se sujeitavam á disciplina ainda tinham alguma esperança de soccorro; mas na massa dos dispersos, cada um não cuidava mais do que na sua propria conservação, sem nada lhe embaraçar com a dos outros. A morte perseguiu desde então a muitos, manifestada por lagrimas nos olhos, e pelo monco que lhes vinha ao nariz, estado a que se seguia uma especie de frenesi, que os alienava, acabando no fim de dois dias. Sobre todas estas desgraças occorreu tambem a de sobrevir um impetuoso vento, que fez levantar em redemoinhos sobre a cabeça dos soldados, não só a neve que cobria a terra, como tambem a que continuava a caír. Um grande numero d'elles, escorregando, estendiam-se de costas no chão sobre as mochilas, não se levantando jamais, por não haver mão piedosa que os soccorresse, d'onde resultava acharem a sepultura na neve, em que por toda a parte se enterravam, ficando assim até ao seguinte estio, em que então se viram os seus miseraveis restos. Desde que isto começou a experimentar-se a palavra Smolensko, repetida de fileira em fileira, tornou-se um talisman para sustentar a moribunda coragem dos soldados, tomando-se este nome como o de um logar onde se deviam achar a abundancia e o repouso, por se suppor que lá se

tinha formado um deposito de todas as provisões, sobretudo d'aquellas de que tinham sido privados por tantas marchas forçadas, ao principio até Wilna, e depois até Moscow. Alem d'isto esperava-se tambem achar em Smolensko um reforço de 30:000 homens debaixo das ordens do marechal Victor; mas circumstancias houve que tornaram os serviços d'esta divisão necessarios n'outra parte.

Para maior martyrio do imperador Napoleão, recebeu elle no fatal dia 6 de novembro duas noticias da maior importancia e gravidade. Foi uma d'ellas a singular conspiração que o general Mallet concebeu executar em París com alguns homens da sua opinião para derrubarem o mesmo imperador do poder. A sua empreza era muito audaciosa e arriscada, e como repousava na supposta morte de Napoleão, não podia ir por diante, de que resultou serem mortos os conspiradores. Todavia a noticia d'isto affligiu muito Buonaparte, cujos pensamentos se voltaram desde então sómente para París. A segunda noticia foi a de que o general Wittgenstein tinha tomado a offensiva, batido o general Saint-Cyr, assenhoreado-se de Polotsk e Witepsk, e reconquistado toda a linha do Dwina, cousa que seriamente obstava á sua retirada. Á vista d'isto ordenou a Victor que de Smolensko marchasse a repellir Wittgenstein para alem do Dwina, sem saber se as forças de que o mesmo Victor dispunha eram, ou não sufficientes para a empreza que lhe commettia. Alem d'estas, outras mais noticias não menos afflictivas chegaram tambem ao seu conhecimento, tal como a de terem sido prisioneiras pelos guerrilheiros russos quatro meias brigadas de recrutas, chegadas a Smolensko, d'onde tinham sido mandadas para Elnia por ordem de Buonaparte, encarregadas de limpar a estrada de Kalouga por onde se esperava que se dirigisse a Smolensko. A esta praça, desmantelada como estava, por ter sido queimada pelos russos, como já vimos, chegaram finalmente os primeiros francezes da retirada, mas tão hediondo era o aspecto da sua physionomia, tamanha a confusão e desordem com que vinham, tão feias pareceram as suas barbas crescidas, tão nojenta a sua immundicie, tão

fortes e reiterados os gritos da sua impaciencia, tamanha a sua magreza, resultado da fome que tinham experimentado, e sobretudo tão medonho o ar de ferocidade que se lhes descobria, e que mais os assimilhava a salteadores do que a soldados, que as portas se lhes fecharam á primeira vista, abrindo-se-lhes sómente depois que ali chegou a guarda imperial. As desgraças que experimentaram as tropas do marechal Ney e do principe Eugenio ainda foram muito mais graves, omittindo-se aqui o quadro que d'ellas se podia fazer por nos parecer inutil, á vista do que já fica dito. Em Smolensko se reuniram pois as tres columnas francezas, retiradas de Moscow, demorando-se n'aquella mesma praça por espaço de cinco dias, para consumirem as provisões taes ou quaes que ali acharam, dispondo-se no fim d'elles para por mais outra vez encararem com os negros horrores, que ainda lhes estavam imminentes, forçados á continuação da sua tão funesta retirada.

Quanto aos flancos do exercito francez, os males por que tambem tinham passado não apresentavam melhor aspecto. A 18 de agosto o general Saint-Cyr batêra o general russo Wittgenstein e tomára Polotsk, assumindo desde então a guerra por aquelle lado um caracter de notavel frouxidão. Sobrevindo os guerrilhas, Saint-Cyr foi experimentando grandes desfalques, ao passo que o exercito de Wittgenstein foi sendo reforçado quasi no dobro das tropas que commandava. Finalmente o general Steingel com duas divisões do exercito russo da Finlandia, montando a 15:000 homens, desembarcou em Riga, e depois de alguns infructuosos movimentos contra Macdonald, foi-se juntar a Wittgenstein. Desde então este general tomou a offensiva com todo o vigor. A 17 de outubro os postos avançados dos francezes foram repellidos para o seu campo intrincheirado de Polotsk: a 18 foi este mesmo campo atacado com furor, sendo tomados e retomados por muitas vezes os reductos que o defendiam. Na manhã de 19 Wittgenstein renovou o seu ataque sobre a margem direita, emquanto que Steingel, avançando sobre a outra margem, ameaçava tomar Polotsk e a ponte.

elizmente um espesso nevoeiro e a approximação da noite permittiram ao general francez poder atravessar o rio, passando para a margem esquerda para effeituar a sua retirada, que Steingel não pôde prevenir. Por este modo poderam os russos occupar a importante praça de Polotsk no dia 20 de outubro. Foi n'esta occasião que o marechal Victor foi mandado soccorrer Saint-Cyr com o seu exercito de 25:000 homens, de que resultou tornarem-se desde então estes dois generaes superiores em força a Wittgenstein. Este porém tomou não obstante Witepsk, começando a estabelecer-se sobre o Dwina, sendo por esta rasão que Buonaparte ordenou que o marechal Oudinot fosse substituir Victor, e que o principe Eugenio marchasse de Wiazma para Dowkhowtchina para reforçar aquelle exercito, o que não pôde fazer pelas rasões que já vimos, dirigindo-se para Smolensko. Entretanto Wittgenstein, recebendo novamente reforços, não só conteve Oudinot em respeito, mas avançou gradualmente até Borizoff, ameaçando effeituar n'esta cidade, que estava na linha directa da retirada de Napoleão, a sua juncção com o exercito do Danubio, que marchava para o norte nas vistas de se associar ás suas operações, como se vae ver. O general Tormasoff tinha sido batido em 12 de agosto em Gorodeczno pelos austriacos e saxonios, commandados aquelles por Schwartzemberg, e estes pelo general Reygnier, retirando-se os russos para alem do Stur, onde se foi postar de observação a elles o mesmo Schwartzemberg, como já se viu. N'aquelle mesmo paiz faziam tambem as suas demonstrações hostis dois corpos menos numerosos de russos e polacos. Alem d'isto em Bobruisk tinha deixado o principe Bagracião uma guarnição russa debaixo das ordens do general Estell, que ao principio foi ali cercado pela cavallaria franceza, e depois pelo general polaco Dombrowski.

Assim se achavam reciprocamente uns e outros, quando o almirante russo Tchitchakoff, a quem a paz com os turcos permittiu deixar a Moldavia, avançou para a Volhinia com [illegible]:000 homens, nas vistas de operar com Tormasoff e Estell, e obrar igualmente de acordo com Wittgenstein para

cortar a retirada a Buonaparte. A 14 de setembro effeituou-se a juncção de Tormasoff e Tchitchakoff, elevando-se o exercito russo a 60:000 homens, numero muito superior ás forças francezas, austro-saxonias e polacas, que se lhe podiam oppor, de que resultou poderem os russos passar o Styr e avançar para o gran-ducado de Varsovia. De maior consequencia seriam as suas operações se Tormasoff não fosse mandado juntar-se ao grande exercito russo pelo imperador Alexandre, como praticou, sendo confiado o commando da Volhinia ao almirante Tchitchakoff. De todos estes movimentos foi o general Wittgenstein informado pelo principe Czernicheff, a quem foi dada esta commissão, que elle desempenhou por admiravel maneira, escoltado por um bando de cossacos. Por este modo foi o mesmo general Wittgenstein avisado da maneira por que devia cooperar com o exercito da Moldavia para tornar proficuo o plano de cortarem a retirada de Napoleão para a Polonia. Em virtude das ordens recebidas, Tchitchakoff avançou contra Schwartzemberg, sendo o exercito franco-austriaco, ou antes o austro-saxonio, obrigado a retirar-se para traz do Bug, depois de algumas escaramuças, de que resultou não poder cobrir o exercito de Napoleão, como elle pretendia. Feito isto, o dito almirante deixou o general Sacken encarregado de observar Schwartzemberg e Reygnier, conservando-os em respeito, emquanto que elle mesmo retrogradava para o Berezina, onde esperava poder interceptar Buonaparte, no que se não enganou, indo no dia 14 de novembro occupar Minsk, conquista por então muito importante, por conter esta cidade uma parte dos aprovisionamentos, destinados ás precisões do grande exercito francez. O conde Lambert, um dos generaes de Tchitchakoff, marchou sobre Borizoff, situada sobre o Berezina, exactamente no ponto em que Napoleão o deveria passar. A isto se quiz oppor o valente general polaco Dombrowski, mas nada pôde conseguir, tirando só em resultado perder 8 peças de artilheria e 2:500 prisioneiros. Em Borizoff estabeleceu o almirante Tchitchakoff o seu quartel general, em conformidade das instrucções recebidas

e do plano combinado das operações ulteriores por parte dos russos.

Tudo quanto póde haver de funesto ameaçava pois o exercito francez na sua desgraçada retirada de Moscow, e para a realisação d'este pensamento o imperador Alexandre fez todos os sacrificios, que estavam ao seu alcance fazer, convidando para tal fim os seus povos por meio da seguinte proclamação. «Russos! Alfim o inimigo do nosso paiz, o inimigo da independencia e da liberdade da Russia, começa a experimentar a vingança implacavel, que provocou a petulancia o seu acommettimento. Desde o instante em que avançou e Wilna, o seu numeroso exercito, tão afamado pelo seu valor e disciplina, e tão ensoberbecido pela recordação das victorias, que alcançára em outras regiões, teve logo a ousadia e ameaçar os russos com o pesado jugo da escravidão. systema que tinha adoptado augmentava a sua confiança. As batalhas sanguinolentas, travadas na estrada, e que por algum tempo lhe deram o senhorio de Smolensko, o illudiram com todos os visos da victoria. Chegou a Moscow, julgou-se invencivel, e que não podia ser offendido. Deleitava-se com a idéa de que ía recolher o fructo dos seus esforços e fadigas; lisonjeava-se de ter levado os seus soldados a tranquillos quarteis de inverno, e d'ali mandar na primavera proxima tropas frescas a devastar e reduzir a cinzas as nossas cidades, escravisar os nossos compatriotas, destruir as nossas leis, a nossa religião, e sujeitar por fim tudo aos seus caprichos e arbitrio. Mallograram-se porém essas esperanças, e em vãs se tornaram essas insolentes ameaças. Uma população de quarenta milhões de homens, amantes do seu principe, da sua patria, fieis á religião que professam e ás leis a que obedecem, de que o menos valoroso é superior aos confederados, que o nosso inimigo arrasta após de si como victimas, similhante população não póde ser subjugada pelas forças heterogeneas que a perseguem, fossem embora o triplo do que ellas eram.

«Apenas tinham tocado Moscow, e visto se n'esta cidade achavam algum descanso no meio das suas ruinas fumegan-

tes, logo se acharam cercados pelas bayonetas russas. Então porém muito tarde advertiu o inimigo que a posse de Moscow lhe não dava a do imperio; que a sua tenacidade o conduzia a um laço, em que a unica alternativa ou era retirar-se, ou ser derrotado: escolheu a primeira; vêde agora quaes são as consequencias. Russos! O Todo Poderoso dignou-se ouvir as nossas supplicas e aceitar os nossos votos; em uma palavra coroou os nossos esforços. Por toda a parte está o inimigo em movimento, e com tal desordem, que sobejamente patenteia o seu temor. Queria negociar a sua segurança; mas a justiça e a politica requerem um terrivel castigo. A historia não deve conservar a lembrança da sua temeridade, senão eternisando a da catastrophe que o espera. Cem mil homens sacrificados ao seu orgulho attestam o vosso valor e o affecto enternecido á vossa patria, cousas que o devem despersuadir de um projecto impossivel de realisar-se. Todavia ainda resta muito que fazer, e tudo está nas vossas forças. Sim, fazei para sempre memoravel, pelos vestigios da vossa indignação e da vossa vingança, a linha por onde elle tentar retirar-se do nosso territorio: *destrui tudo o que lhe possa servir de alguma utilidade. Os nossos generaes receberam as minhas ordens para vos indemnisarem dos vossos prejuizos*[1]. Tornae intransitaveis as estradas, derrubae as pontes. Finalmente adoptae e ponde em execução todos os projectos que vos podem inspirar o valor, a sabedoria e o patriotismo, e mostrae-vos dignos do reconhecimento da vossa patria e do vosso soberano. Se as reliquias do exercito inimigo ganharem as fronteiras do nosso imperio, e ali tentarem tomar quarteis de inverno, cumpre que

[1] Não admira pois que a população russa fosse tão prompta como foi em arrasar as suas casas e propriedades, tendo segura a sua indemnisação, garantida assim tão solemne e positivamente pelo seu monarcha; mas os portuguezes é que não tiveram promessa alguma, nem realidade de indemnisação, nem da parte do seu governo, nem do da Gran-Bretanha, no meio da sua heroica e patriotica conducta, quando arruinaram a sua fortuna para salvação e liberdade da patria, conducta que os russos depois lhes imitaram.

ali mesmo experimentem todos os rigores do clima e da estação, e o valor indomavel das nossas tropas. Fadigas, enfraquecimento e aniquilação, tal será a recompensa que da sua temeridade ha de receber este orgulhoso inimigo. = (Assignado), *Alexandre*». E assim lhe succedeu.

Pelo que até aqui se tem visto parece pois que a fortuna se começava a apresentar terrivel para com aquelle, que por tantos annos fôra o seu mais que todos querido e predilecto filho, attento o escandaloso abuso que dos seus favores fizera. Napoleão achava-se com os desgraçados restos do seu grande exercito no meio das ruinas da cidade incendiada de Smolensko, onde não podia demorar-se, para quanto antes fugir aos males que lhe promettiam os desesperados recursos, que a proclamação do imperador Alexandre lhe annunciava. O grande exercito russo o esperava de flanco para lhe atacar as suas columnas ao primeiro movimento que estas fizessem, e quando se escapasse pela fuga, todas as cidades da Polonia, que tinha na sua frente, e onde haviam sido postos os aprovisionamentos para as suas tropas, achavam-se em poder dos russos. Finalmente os dois grandes exercitos de Tchitchakoff e de Wittgenstein lá estavam em posição sobre o Berezina para lhe interceptar a sua marcha. Mettido assim entre os que o procuravam e os que o estavam esperando na passagem para o obrigarem a retroceder; sem ter cavallaria para poder resistir ás hordas dos barbaros cossacos, que por toda a parte activamente o perseguiam; e finalmente tendo pouca artilheria para se oppor á dos russos, todas as alternativas de salvação se tornavam duvidosas para elle, se é que não de funesto resultado.

Entretanto era forçoso a Napoleão sair quanto antes de Smolensko. Tendo sabido da perda de Witepsk, cidade por onde se tinha internado na Russia, e sabendo igualmente que Wittgenstein se achava de posse da linha do Dwina, resolveu-se a sair d'aquella praça com as forças que lá se haviam reunido, tomando a estrada de Wilna para Krasnoi, Borizoff e Minsk. Em cada uma d'estas duas ultimas cidades havia um deposito de provisões, das quaes tinha grande

precisão, e ignorando o que se passára na Lithuania, julgava achar o exercito austro-saxonio, do commando de Schwartzemberg e Reygnier, senhor da margem do Berezina. Reorganisado pois o seu exercito pelo melhor modo que pôde, reduzido como se achava a cousa de 40:000 homens apenas, com um trem de artilheria e bagagens fóra de toda a proporção com similhante numero de tropas, tendo já perdido a maior parte das bagagens e trezentas e cincoenta peças de artilheria, dividiu-o em quatro corpos, que deviam partir de Smolensko uns após dos outros com um dia de intervallo. Á frente do primeiro saíu elle mesmo, compondo-se este corpo de uns 12:000 homens, sendo 6:000 da sua guarda e os outros 6:000 de soldados de differentes corpos, que se arranjaram em batalhões: este corpo saiu de Smolensko pela tarde do dia 13 de novembro e manhã do dia 14. O segundo corpo, quasi da mesma força do primeiro, saíu na tarde de 15, commandado pelo principe Eugenio. A 16 saiu o de Davoust, e a 17 o de Ney, a quem se continuára a confiar a perigosa commissão de cobrir a retaguarda do exercito, attento o modo por que tão admiravelmente a tinha já desempenhado entre Wiazma e Smolensko.

Bem podia Koutousoff deitar-se a perseguir seriamente estes miseraveis restos do exercito francez, destroça-los inteiramente, e talvez mesmo aprisionar Buonaparte; mas continuando a não querer arriscar a vida dos seus soldados, pela certeza de que os males da estação haviam de fazer o que elle não fazia, contentou-se em seguir de perto os fugitivos. Tal foi o motivo por que Buonaparte pôde chegar a Krasnoi sem maior desastre, o que já não succedeu ao principe Eugenio, que quasi se viu cortado, chovendo sobre a sua divisão torrentes de fogo, contra as quaes os seus soldados resistiram com exemplar bravura. Um grande numero d'elles foi morto, outros foram prisioneiros, ficando esta divisão quasi inteiramente destruida. A noite, quasi sempre protectora do partido mais fraco, foi quem veiu salvar o principe Eugenio, que depois de perder metade da sua gente e de ter deixado a estrada, se se quiz salvar, chegou final-

mente a fazer em Krasnoi a sua juncção com Napoleão na manhã de 17 de novembro. Ali se lhe foram tambem reunir as tropas do general Davoust, por quem elle audaciosamente esperou, bem como pelo marechal Ney, não obstante a presença do exercito russo, em força quasi tripla da sua no campo do combate. A juncção fez-se, mas não sem primeiro ter havido uma acção, que o mesmo Napoleão commandou em pessoa, acção aliás renhida e sanguinolenta, em que os francezes mostraram bem o seu natural valor, soffrendo o fogo de cem peças de artilheria russa, a que não podiam responder, e as pesadas cargas da cavallaria inimiga, que mal podiam repellir. A terminação d'esta acção só veiu a ter logar com o apparecimento da columna de Davoust; mas muitos dos seus soldados apenas avistaram Krasnoi, abandonaram as fileiras para se irem refugiar na cidade, onde os seus officiaes não tiveram pequena difficuldade em os reunir: tamanhos eram os soffrimentos que a perseguição dos russos lhes tinha causado, e o ardente desejo de se verem livres d'elles. A perda dos francezes foi de 45 peças de artilheria, 6:000 homens prisioneiros, alem de muitos mortos e feridos, que deixaram em poder dos russos. A infanteria portugueza, que restava da legião, que tinha ido para França em 1808 no governo de Junot, perdeu 1 official e 40 soldados por esta occasião, e a da cavallaria foi tambem de 1 official (o tenente João Nepomuceno, natural de Santarem) e 18 caçadores, todos estes por ferimentos mortiferos de bala de artilheria[1]. O grande numero de homens e de cavallos que se acabou de perder no acampamento e batalha de Krasnoi, e o immenso trem de campanha e munições, que ali se inutilisou, mais acabaram de convencer Koutousoff, que lhe era inteiramente inutil o emprego de uma outra acção, e o sacrificio de mais vidas dos seus soldados para concluir a total destruição do exercito francez, reduzido ao miseravel estado em que por então se achava.

[1] A incorporação da legião portugueza mandada por Junot para França em 1808, já foi por nós historiada no primeiro volume da segunda epocha ou a da guerra da peninsula, de que actualmente nos occupâmos.

Entretanto faltava o marechal Ney, de quem Napoleão não tinha noticia alguma, e suppondo-o ainda em Smolensko, viu-se todavia obrigado a deixar Krasnoi para se dirigir a Liady, sob pena de que, não o fazendo assim, era provavel que achasse o inimigo de posse d'este logar antes de lá chegar. Os cuidados que mostrou ter pelo marechal Ney eram plenamente justos, por ser elle um dos mais bravos e intelligentes marechaes do imperio. De Smolensko se tinha este retirado no dia 17 de novembro á frente de 7:000 para 8:000 homens em estado de combater, deixando atrás de si 5:000 doentes e feridos. Postos em marcha, chegaram até ao campo da batalha de Krasnoi, onde viram montões de cadaveres, que reconheceram ser de soldados francezes, sem todavia acharem pessoa alguma que lhes dissesse o que era feito dos que tinham sobrevivido ao desastre. Ainda não estavam bem distantes d'este fatal logar, quando chegaram ás bordas da ribeira Losmina, onde os russos tinham feito os preparativos para os receberem. Um espesso nevoeiro fez com que a columna de Ney chegasse debaixo das baterias russas antes de saber o perigo que ali ia correr. Um official russo avançou então só, e convidando Ney a capitular, este intrepidamente lhe respondeu: *Um marechal de França nunca se rende*. O official retirou-se, começando as baterias russas um terrivel fogo de metralha sómente na distancia de uns duzentos e vinte metros, pouco mais ou menos. O abalo da atmosphera dissipou o nevoeiro, fazendo então ver á columna franceza, que adiante de si tinha uma ravina, defendida pelas tropas russas. Expostos pois os francezes ao fogo das baterias inimigas, e vendo as alturas cobertas pelos seus defensores, sustentando as suas ditas baterias, não perderam a coragem em tão perigosa situação. As guardas de Napoleão buscaram abrir caminho com rara intrepidez, e atravessar a lagoa da ribeira Losmina, mas foram repellidos á bayoneta. Por segunda vez pretendeu o marechal Ney abrir passagem á viva força através do corpo inimigo, muito superior ao seu; mas nada conseguiu, a não ser a renovação da sentida perda, que já tinha soffrido da primeira vez.

Vendo portanto que infructuosas seriam quaesquer novas tentativas que fizesse, escolheu 4:000 homens dos melhores da sua divisão, e d'ella os separou: depois d'isto marchou para a retaguarda, coberto pelas sombras da noite, retomando a estrada de Smolensko, a unica que se lhe deixára livre. Não a seguiu porêm por muito tempo, porque deparando com a primeira ribeira, que lhe pareceu ir lançar-se no Dnieper, tomou o seu curso por guia, chegando sem nenhum accidente ás margens d'este rio, perto da villa de Syrokovenia. Achando um logar no dito rio completamente gelado, d'elle se serviu como de ponte, sendo tão delgado o gêlo, que se sentia estalar debaixo dos pés dos soldados. Concedeu depois d'isto tres horas aos dispersos, para se lhe reunirem os que tivessem a fortuna de o encontrarem. Estas tres horas as passou elle n'um profundo somno, deitado á borda do rio, embrulhado no seu capote. Passadas essas tres horas recomeçou a passagem, continuando sem interrupção, havendo muitos soldados que trepidaram passar, pelo grande estrondo que debaixo dos pés fazia o estalar do gêlo. As carroças que traziam os doentes e feridos tambem tentaram passar, mas o gêlo, quebrando-se debaixo do seu peso, deu causa á sua submersão, testemunhando esta desgraça os gemidos dos infelizes, que em rasão d'ella se afogaram. Segundo o costume, os cossacos appareceram logo pela retaguarda, fazendo algumas centenas de prisioneiros, apoderando-se tambem da artilheria e das bagagens. Por este modo pôde o marechal Ney metter de permeio o Dnieper entre si e as tropas regulares do exercito russo, fazendo uma retirada que não tem talvez igual nos fastos da guerra. Apesar da dura perseguição que os cossacos lhe faziam, Ney, reduzido á força de 1:500 homens apenas, pôde com as armas na mão abrir ainda assim caminho até Orcza, onde chegou no dia 20 de novembro, encontrando-se com o exercito de Napoleão, que de Liady se tinha já para ali retirado, depois de ter passado o Dnieper: lá se achavam igualmente o principe Eugenio, Mortier e Davoust.

va-se portanto na Polonia, onde os viveres eram já men
ros, e onde em geral se achava mais commodidade. A
infanteria portugueza tambem aproveitou esta occasião
testemunhar ao marechal Ney a sua particular estima,
se-lhe reunir com cem cavalleiros da respectiva legião
o reforçarem e rebaterem os cossacos, que o perseg
Esta força, que voluntariamente assim foi augmentar a
que elle trazia, quiz por esta maneira dar manifestas
da sua dedicação para com elle. Tendo chegado a
uma descarga de toda a infanteria portugueza auxil
acabou assim de pôr cumulo ás provas do seu resp
affeição para com um tão distincto marechal de F
Todo o exercito de Napoleão se achava portanto dest
tendo em Smolensko sido ainda de 40:000 homens, a
contava por então 12:000 que merecessem o nome de
dos, e conservassem alguma disciplina. Alem d'este n
podiam talvez contar-se 30:000 extraviados de todas
pecies; mas elles de nada ou de quasi nada serviam
do exercito, não se sujeitando a regra alguma de disc
servindo apenas para roubarem desapiedadamente
Para evitar estes males Napoleão mandou publicar a
de tambor, que todos os dispersos que se não reunisse
seus regimentos seriam punidos de morte, e os offic
generaes que abandonassem o seu posto perderiam a
patentes. Algum bom effeito produziu esta medida, m
tanto quanto d'ella se esperava.

Minsk, como já vimos, fôra tomada pelos russos;
ral austriaco Schwartzemberg retirára-se para cobrir
via. Os marechaes Victor e Oudinot achavam-se indis
um com o outro, em rasão das suas divergencias

por que convinha atacar Wittgenstein. Este general
portanto livre para poder atacar a esquerda do grande
o francez, se por muito tempo ficasse sobre o Dnie-
outousoff tambem pela sua parte podia, quando qui-
retomar a sua antiga posição sobre a direita de Na-
, e Tchitchakoff occupar o Berezina sobre a sua frente.
ircumstancias eram tristes para Napoleão, e occupada
lo Minsk, era-lhe difficil passar o mesmo Berezina:
caso as suas vistas voltaram-se para Borizoff; mas
soube que tambem esta cidade se achava já occu-
elos russos, então é que os seus cuidados se redobra-
em portanto poder saber onde havia de passar aquelle
o meio de tão critica situação decidiu-se a passa-lo
de Borizoff, n'um logar chamado Studzianka, onde
n cousa de uns cem metros de largo, e dois de pro-
ade, isto não obstante qualquer resistencia que lhe
se fazer Tchitchakoff e o seu exercito. Verdade é que
echaes Victor e Oudinot, informados da occupação de
ff por Wittgenstein, avançaram para aquelle ponto,
udinot obrigou a ser-lhe abandonado pelos russos, os
destruiram n'este acto a ponte de Borizoff, de modo
ta cidade, não obstante ter caído em poder dos fran-
de nada lhes podia servir para poderem passar o rio,
ida como se achava a respectiva ponte. Á vista pois
Napoleão foi novamente obrigado a recorrer ao seu
plano da passagem do Berezina em Studzianka, cor-
por onde corresse. Tomadas pois algumas medidas,
adas ao fim que tinha em vista, e organisado o exer-
melhor modo possivel, poz-se este em marcha para
ff, sendo na sua dita marcha reforçado pelas tropas de
e Oudinot, com quem se fôra encontrar, chegando ao
o de 50:000 homens este grande reforço, todos elles
lhor estado, e não lhes faltando nada. Este encontro
ortanto na melhor occasião, porque os francezes ti-
na sua retirada deixado em poder de Koutousoff desde
19 de novembro 228 peças de artilheria e 26:000 pri-
os, dos quaes 300 eram officiaes, alem de 10:000 ho-

mens mortos ou por differentes conflictos, ou por causa de cançasso de tão penosa retirada.

Contente d'estas vantagens, o mesmo Koutousoff veio com pequenas marchas até Kopyn, sobre o Dnieper, sem atravessar este rio, nem procurar secundar a defeza do Berezina, atacando, como podera ter feito, a retaguarda dos francezes. Resultava portanto que as tropas russas se achavam em boa disposição para atacarem as francezas, ou pelo menos em melhor disposição do que estas, porque sem embargo dos seus soffrimentos, que tambem não eram pequenos no meio das suas marchas por similhante tempo, pelo menos tinham ordem e disciplina, o que as francezas já por si não tinham. Á vista pois d'esta frouxidão, ou requintada prudencia de Koutousoff, Napoleão só realmente tinha a temer a opposição de Tchitchakoff, cujo exercito, elevando-se a 30:000 homens, se achava postado na margem do Berezina, para lhe impedir a passagem. Mas Tchitchakoff tomou para si a crença de que Napoleão não havia de effeituar tal passagem senão abaixo de Borizoff, não a podendo effectuar em logar algum acima d'esta cidade. Esta crença lh'a favoreceu o mesmo Napoleão quanto pôde, por meio das narrativas dos judeus, seus emissarios, comprados a dinheiro, os quaes no campo dos russos espalhavam que as tentativas de Buonaparte sobre Studzianka eram fingidas, poisque as suas tenções só eram passar o rio abaixo de Borizoff, e n'esta conformidade para ali carregaram as tropas russas, desamparando completamente o ponto onde Napoleão queria effectivamente passar. Os francezes prepararam então duas pontes com grande actividade. Um corpo de cavalleiros passou a nado para o outro lado do rio, lançaram-se-lhe as citadas pontes, effectuando-se nos dias 26 e 27 a passagem para a margem direita do Berezina por uma parte das suas tropas, das quaes as de Oudinot formavam a vanguarda, commettendo-se ás de Victor a guarda da retaguarda. Entretanto o infatigavel Wittgenstein, marchando activamente sobre a margem esquerda contra as tropas de Victor, pôde cortar-lhe e aprisionar-lhe uma divisão, caíndo-lhe nas suas mãos

uma força de 7:000 homens, que Thiers diz ser apenas de :000 com a sua artilheria e tres generaes.

No dia 28 a passagem dos francezes ainda não tinha sido e todo effectuada, de que resultou continuar Wittgenstein a sua perseguição contra as tropas de Victor, o qual junto da onte persistia firme, defendendo bravamente com cousa de 000 ou 10:000 homens a retaguarda dos seus. A direita este corpo apoiava-se no rio, a sua frente era defendida por na ravina coberta de moitas, mas a sua esquerda não tinha oio algum. Por trás d'esta linha defensiva milhares de traviados se achavam misturados com uma immensidade gente adventicia, que de ordinario acompanha os exeritos. Estes desgraçados, consistindo em creados, mulheres, eanças e velhos, tendo por diversas rasões acompanhado francezes desde Moscow, achavam-se tambem nas marns d'este fatal rio, nas vistas de igualmente o passarem. falta de ordem, a impossibilidade d'ella se poder manter meio de taes circumstancias, a ruptura de uma das pons, o tempo que era necessario para a reparar, os temores ie retinham estes desgraçados no momento de se arriscam á perigosa passagem no meio de similhante confusão, ido absolutamente concorria para lhes aggravar a sua deloravel situação. As bagagens, apesar das que já se tinham erdido, occupavam ainda uma grande quantidade de carroas, carros cobertos e carruagens de toda a especie, augmenidas como tinham sido pelas das tropas de Oudinot e Victor. ma parte d'ellas desfilava para a principal ponte, e outra arte achava-se ainda em desordem na margem do rio. Era 'estas circumstancias que as tropas de Wittgenstein, victoiosas no combate que já tinham tido com as de Victor, ali m tentar outro não menos funesto para os francezes. As bas da artilheria russa começaram a chover sobre esta massa onfusa e desordenada. Foi então que este grande corpo de xtraviados e fugitivos se lançou precipitado sobre todas as ontes, arrastado por uma cega desesperação, quadro este ue mais terrivel se tornou ainda pela violencia com que uitos se deitavam a abrir caminho, arremessando para o

chão e pisando todos os que se oppunham á sua passagem, de que resultou serem muitos lançados ao rio, outros esmagados pelas rodas das carruagens, que tambem para ali affluiam, e talvez mesmo que muitos fossem feridos pelas espadas e sabres dos seus proprios camaradas! Uma tempestade que sobreveiu ajuntou novos horrores aos que as iras dos homens tinham já determinado em tão pavorosa scena.

Junto do meio dia os francezes, postoque resistindo corajosamente, começaram a perder terreno; os russos, chegando em força, conseguiram ganhar a margem do rio, e obrigar os mesmos francezes a tomarem posição mais perto das pontes. Á meia hora, pouco mais ou menos, a ponte maior, construida para a artilheria e os carros pesados, quebrou-se, sendo precipitada ao rio a immensa multidão que em cima d'ella se achava. O grito geral da agonia de todos aquelles infelizes ouviu-se por cima do estampido dos elementos, dos raios da guerra, do bramido dos ventos, e dos prolongados e repetidos *hourrahs* dos barbaros cossacos. O conde de Ségur, auctor de todos estes detalhes, diz-nos que tão horrorosos sons lhe continuaram por muitas semanas a ferir terrivelmente o timpano dos seus ouvidos: tamanha e tão desagradavel foi para elle a impressão, que lhe fez esta horrorosa scena, a qual durou até á noite. Um grande numero de desgraçados foi repellido até ao rio, outros n'elle se lançaram, ou por acto de desesperação, ou pela esperança que tiveram de o atravessar a nado, e se alguns ganharam a outra margem, foi sómente para n'ella irem morrer de frio e de fraqueza. Chegada a obscuridade, Victor com o resto dos seus soldados, cujo numero se achava consideravelmente diminuido, deixou o posto que tão bravamente tinha defendido, passando tambem o rio pela sua parte. Pela noite adiante a restante ponte continuou a ser coberta por uma confusa multidão de gente, exposta sempre ao fogo da artilheria dos russos, para os quaes servia de alvo a bulha que os francezes faziam na sua marcha. Pela manhã o general Eblée, da arma de engenharia, deitou fogo á dita ponte, caindo nas mãos do russos um grande numero de prisioneiros, e muita quantidade de arti-

lheria e bagagens, que ainda ficou do outro lado. Não se soube ao certo a perda que os francezes tiveram n'este desgraçado conflicto, que foi seguramente um dos mais tragicos acontecimentos de que a historia póde fazer menção; mas segundo o relatorio dos russos, fundado sobre o grande numero de mortos que acharam no campo, e em seguida queimaram, depois que teve logar o degêlo, a referida perda foi por elles computada em 36:000 homens.

Ao passo que Wittgenstein conseguia assim estas vantagens contra os francezes sobre a margem esquerda do Berezina, o almirante Tchitchakoff tambem no dia 28 atacava pela pela sua parte sobre a margem direita d'aquelle rio os que para ella tinham já passado. Este ataque foi directamente feito pelo general Tschaplitz. Foi então que brilhou sobre maneira a presença de espirito, a actividade e bravura do imperador Napoleão, perfeito conhecedor do risco que corriam, elle e o seu actual exercito. Quasi em toda a parte foi visto a cavallo com o seu capote de pelles, e gorro de martha zebelina, activando tudo quanto era necessario para repellir o citado Tschaplitz, como conseguiu, causando-lhe sensivel perda. Por este modo pôde elle abrir caminho para uma aldeia, chamada Brelowan, atravessando perigosos e profundos pantanos por cima das passagens, ou especies de pontes que ali havia, construidas por troncos de pinheiros, onde um ataque serio o obrigaria a depôr humildemente as armas, a não lhe ter valido o inexplicavel desleixo do almirante Tchitchakoff, que bem podéra, pela destruição de similhantes pontes, metter os francezes entre as margens do rio e os ditos pantanos, tornando-lhes assim inutil a passagem do Berezina. Logo que o exercito francez se reuniu na margem direita d'este rio, n'elle appareceram todos os signaes caracteristicos de uma completa desorganisação. A aldeia Brelowan, onde se fez alto na noite que se seguiu á passagem do rio, foi inteiramente destruida para que com a madeira de que as casas eram feitas, se alimentarem as fogueiras, que havia pelo campo. Foi aquella uma das mais terriveis noites que se passou na Russia, por causa do excessivo frio e im-

mensa neve, acompanhada de um vento tão forte, que gre-
tava as faces, tendo os soldados de andar correndo de um
para outro lado para que os pés lhes não gelassem. Feliz-
mente os soldados portuguezes tiveram a fortuna de recebe-
rem ali alguma bolacha e aguardente, que o previdente mar-
quez de Alorna, que ficára por governador de Mohiloff, lhe
mandou em grande numero de carros, fineza que os dit-
soldados lhe agradeceram como a maior, que no meio d
taes circumstancias se lhes podia fazer para sua salvação. N
dia 29 de novembro deixou Napoleão aquellas fataes ma-
gens do Berezina, o qual, como se sabe, nasce no govern
de Minsk, perto de Gloubokoé, apresentando o seu curso
direcção do sueste até se ir reunir ao Dnieper, depois d
noventa leguas do extensão. A marcha foi feita na direcç
d'este rio, estrada de Zembrin para Malodeczeno, sendo e
tão que claramente se viu o que na margem esquerda se pa
sára, incluindo o espectaculo do fogo, que se lançou á pont
d'onde os desgraçados, que ainda sobre ella se achavam,
lançaram ao rio para não serem victimas das chammas.

O terreno em que por espaço de seis horas se havia com-
batido estava coberto de mortos e feridos, que perfeitamen
se descobriam estendidos sobre a neve: immensa era a art
lheria e trem de campanha, que as divisões tinham deixad
junto das pontes. Á frente pois de um exercito, mais desorg
nisado que nunca, ali se viu Napoleão, ao qual o duque d
Bassano enviára por precaução, com direcção ás margens d
Berezina, uma divisão franceza, commandada pelo gener
Maison. Foi este o que com as suas tropas fez então a guard
da retaguarda, protegendo com ellas esta informe e desord
nada marcha de fugitivos. No dia 3 de dezembro chego
Napoleão a Malodeczeno, e no seguinte a Smorgoni. Aq
descobriu elle então aos seus mais intimos confidentes a res
lução em que estava de deixar o exercito e dirigir-se de pro
pto a Paris, allegando que a recente conspiração de *Mallet* l
tornava este passo como necessario. Mr. Darú combateu-l
tal resolução, expondo-lhe que o exercito ficava inteiramen
perdido, logoque o deixasse. O duque de Bassano, apert

oube d'isto, tambem de prompto lhe escreveu uma carta, xpondo-lhe que a conspiração Mallet não tinha produzido m França commoção alguma, que os espiritos se achavam li mais submissos do que nunca, que em Wilna seria tão obeecido como nas proprias Tuillerias, e finalmente que a naural dissolução do exercito, que forçosamente se havia de guir á similhante passo, era a maior das calamidades que odia terminar uma tão funesta e desastrosa campanha. Em ltimo logar o duque de Bassano terminava dizendo-lhe que sua presença á testa dos seus soldados conteria a Prussia e Allemanha, o que em caso contrario não succederia. Apesar isto nada o demoveu da resolução tomada. No dia 5 de ezembro recebeu Napoleão um novo reforço, de que era mmandante o general Loison, o qual, á testa da guarnição e Wilna, avançava para lhe proteger a sua retirada para esta dade. Foi este reforço que elle constituiu n'uma nova guar- a da retaguarda, que desde então substituiu a do general aison, posta já de facto fóra do serviço, em rasão do frio e o cansaço que os seus soldados haviam experimentado na a marcha desde as margens do Berezina até Smorgoni. rranjada assim a ordem de marcha, Napoleão determinou- e a partir, preparando-se-lhe tres *trenós*, um dos quaes o evia conduzir a elle e a mr. Caulaincourt, sendo os outros ara mr. Loban, Duroc e Lefebvere-Desnouettes: foi Murat, eu cunhado, a pessoa que elle designou para o substituir o commando do exercito como generalissimo. Eis o séquito 'este novo Cesar, levando comsigo a sua fortuna, desappa- cendo com ella no meio da obscuridade da noite, de que m precisava para lhe cobrir a vergonha de similhante sso.

O leitor judicioso fará sobre este facto o commento que m lhe parecer, facto que rigorosamente olhado não póde ixar de se considerar como uma verdadeira fuga. Histo- dores ha que attribuem esta resolução de Buonaparte á agradavel impressão, que no seu espirito causou a noticia estado de Paris, em consequencia da mallograda conspi- ão *Mallet*, que o fez receiar a perda do seu poder, assus-

tando-o mais do que os horrores por que se via cercado, e o traziam espavorido no meio dos desgraçados restos, que mezes havia tinham constituido parte do seu brilhante e poderoso exercito. «Victima do negro susto (diz uma testemunha participante dos desastres da Russia), que cedo ou tarde se apodera do despotismo, não via ante si mais do que alliados anciosos de aniquilarem o vergonhoso pacto que os collocou sob o seu jugo de ferro. Talvez mesmo que na sua activa imaginação se lhe figurasse que a conspiração *Mallet* tinha ligações com um mais vasto plano, do qual convinha á sua auctoridade saber as ramificações. O certo é que, tendo-se certificado em Smorgoni que a estrada até ao Niemen não offerecia perigo algum, depois de chamar á sua presença os chefes dos corpos do exercito, e de conferenciar por algum tempo com o vice-rei, partiu, dirigindo-se para Wilna, sem se despedir dos soldados, que tudo por elle tinham arriscado, e sem que nada dissesse aos lithuanios, a quem tanto havia promettido. É d'esta maneira que elle abandona aquelles de quem se dizia pae? Onde está esse genio, que no cumulo da prosperidade nos exhortava a supportar os revezes com paciencia? Aquelle que prodigalisa o nosso sangue tem receio de morrer comnosco?... Tratar-nos-ha elle como tratou o exercito do Egypto, o qual, depois de o haver bem servido, se lhe tornou indifferente, logoque o viu em perigo?... Era este o discorrer dos proprios soldados francezes, por elles expressado em energicas palavras, denunciadoras da maior indignação, que o seu companheiro e compatriota, mr. Labaume, diz nunca haver sido mais legitima, porque nunca classe alguma de homens foi mais digna de piedade[1]».
Entretanto Napoleão, partindo do Smorgoni no dia 5 de dezembro, chegára a Varsovia no dia 10, a Dresde no dia 14 e a Paris pela meia noite de 18 do dito mez: n'esta capital obteve elle do corpo legislativo um novo recrutamento de 300:000 homens, que pela sua grande actividade procuro

[1] Nota do sr. coronel Claudio de Chaby, feita a pag. 84 de um opusculo, ou folheto de que foi editor, e que sobre a campanha da Russia foi escripto pelo tenente Theotonio Banha.

sar quanto antes, constituindo com elles um outro exer- por elle posto em campanha a 15 de novembro de 1813. tuas na manhã de 6 de dezembro se soube no acampa- nto de Smorgoni a partida de Napoleão, a estupefacção foi ande, como não podia deixar de ser, faltando-lhe o unico omem que se julgava capaz de salvar as reliquias do grande ercito francez da Russia. A marcha das tropas foi portanto rigida para Wilna, mas na mais completa desorganisação, phetisada por mr. Darú e pelo duque de Bassano. Os sol- dos da guarda imperial, que até então tinham capričhado manter entre si alguma disciplina, não quizeram mais edecer a chefe algum, depois da partida de Buonaparte, iando-se inteiramente surdos ao que Murat ordenava.

Em similhante estado não era possivel organisar-se com soldados defeza alguma séria, e seriam inteiramente rtos e dispersos, a não ser a divisão de Loison, que lhes ia cobrindo a retaguarda, defendendo-os, não só dos cos- os, mas tambem dos ataques de Tschaplitz e Wittgenstein. estrada ia coberta de muitos homens desarmados, e ou- s com armas, que por não obedecerem aos officiaes, cor- n para a frente em perfeita debandada, bradando a *Wilna, lna!* Esta desordem e insubordinação nos causava a mais gente mágua na idéa de que, se os cossacos appareces- , todos ficariamos prisioneiros. Foi n'esta marcha que enceei factos os mais deploraveis, parecendo que os iens tinham perdido de todo a rasão e a moralidade! goismo e os instinctos do roubo adquiriram espantoso envolvimento. Se um homem ainda forte e robusto tinha felicidade de escorregar e caír, e implorava com palavras ntes que o ajudassem a levantar, gritando que ainda ti- força para os combates, e para passar o Niemen, nin- n lhe prestava attenção senão para o roubar! Se tinha os maus sapatos, eram-lhe tirados por aquelle que vi- descalço; outro lhe tirava o capote, aquelle lhe roubava nheiro, e este lhe tirava o de que carecia! Se aquelle iz, lutando já entre a vida e a morte, se agarrava a al- dos seus camaradas, que o despojava, este, para se li-

vrar de caír e ter a mesma sorte, o atravessava com a bayoneta, e com tanta ancia, que lhe fazia dar o ultimo suspiro. Se presentiam que algum camarada levava alguma especie de viveres, mesmo a carne de cavallo, de que já havia escassez, faziam-no caír, saltavam-lhe em cima, e em um momento de tudo o despojavam, deixando-o cadaver[1]». Para cumulo de tão espantosos males o frio, que só rigorosamente começára a 6 de novembro, tornou-se cada vez mais intenso chegando até 27, 28 e mesmo até 30 graus abaixo de zero. Pelo que fica dito todos os que caíam expiravam em silencio; outros havia em que o sangue lhes subia para a cabeça, por falta de circulação nas partes inferiores do corpo, e saindo-lhes pelos olhos e bôca, era isto causa de caírem no chão, onde tambem morriam, acabando-se-lhes os soffrimentos. Nos bivouaques durante a noite os soldados approximavam-se tanto do fogo, que adormeciam, queimando-se-lhes até aos ossos os membros entorpecidos, ao passo que por outro lado o gêlo lhes fazia adherir os cabellos ao chão, acabando assim a vida, quando algum cossaco, que n'esta posição os encontrava, lhes não enterrava a lança. Dando assim por bastante o que fica dito, passaremos em claro outras mais especies de horrores, por isso que os já relatados parecem ser bastantes para se conhecer que nunca calamidade alguma no mundo ennegreceu mais do que esta as paginas da historia.

Tal era o estado em que se achava o exercito, chegado a Wilna no dia 8 e 9 de dezembro, cidade onde se tinham feito immensos aprovisionamentos para o receberem e repararem das fomes e frios, que experimentára. Os armazens estavam cheios a abarrotar; mas como os commissarios se não prestavam a fornece-los á multidão desordenada que lh'os pedia, mas só aos que lhe podiam legalisar a distribuição das rações, o resultado que isto trouxe comsigo foi que muitos esfomeados caíram na rua á porta dos armazens, onde morreram de inanição, maldizendo uma tão despropositada ex-

[1] Esta descripção a tirámos nós igualmente do já citado folheto do tenente Theotonio Banha, pag. 84 e 85.

ctidão, havendo outros que desesperados arrombaram as portas de alguns dos citados armazens, onde devastaram tudo quanto encontraram. Um grande numero, embriagando-se com os liquidos espirituosos que achára, caíra igualmente nas ruas, onde morrêra antes do acabamento da sua embriaguez. Os doentes que foram para os hospitaes acharam-nos atulhados, não só de moribundos, mas até mesmo de mortos, cujos cadaveres se deixavam gelar ou putrificar nas escadas, nos corredores, e até mesmo nas proprias enfermarias, sem haver quem os removesse: eis os allivios que Wilna ministrou áquelles, que tão lisonjeiras esperanças tinham n'ella posto. Após estas scenas de horror, outras se seguiram, filhas da approximação dos cossacos. Debalde correram os tambores pelas ruas, chamando ás armas, porque ninguem acudiu, por se acharem os soldados como cansados já de viver. N'este estado de desordem e entorpecimento os veiu achar Loison, que ali foi entrar igualmente em desordem, por causa da derrota, que lhe occasionaram as forças de Wittgenstein, Patoff e outros mais chefes, que o generalissimo Koutousoff mandára em perseguição dos francezes. Alem dos depositos de mantimentos, formados em Wilna, um outro havia tambem de dinheiro e preciosidades, em que se contava o thesouro do proprio Napoleão. Não querendo perder estas preciosidades, os francezes as levavam comsigo na direcção de Kowno, para onde se dirigiam; mas chegando á montanha de Vaka e ao desfiladeiro chamado Ponari, distante de Wilna duas leguas, as carroças e carros cobertos embaraçaram-se uns com os outros, descobrindo um que se quebrou os objectos preciosos que levava escondidos.

Similhante facto fez então com que os soldados, caindo sobre as bagagens, quebrassem todos os carros cobertos, e se apropriassem do que dentro d'elles ía. N'este momento de desordem chegaram tambem os cossacos, que vendo tão rica presa, esqueceram-se da animosidade que traziam contra os francezes, com os quaes se associaram na empreza de se apropriarem tambem d'aquellas riquezas, perdendo temporariamente o caracter de inimigos. Diz-se que os soldados

da guarda imperial, por entre os quaes foi distribuido o thesouro de Napoleão, chegando a París, fidelissimamente o restituiram, sem haver falta da mais pequena cousa. Mas n'isto ha forçosamente exageração, porque um grande numero de soldados da guarda ainda depois foi morto, sendo os cadaveres despojados pelos cossacos, seguindo-se portanto que pelo menos a entrega ou restituição feita por taes soldados não podia ter logar. É inutil seguir por mais tempo este desgraçado corpo de homens errantes. Bastará dizer que tendo elle saido de Wilna no dia 10, durante este e os dias 11 e 12 percorreram os francezes as vinte e duas leguas que separam aquella cidade da de Kowno, que era a ultima da Polonia russiana. De Kowno seguiram depois para Gubinguen, e por fim para Koenigsberg. Por toda a parte foram tratados com frieza pelos prussianos, e postoque estes tivessem d'elles anteriormente experimentado muitos actos de oppressão e tyrannia, vendo-os n'um estado tal, como o que apresentavam, não os consideraram como individuos sobre quem devesse recair a sua vingança. Foi este o modo por que terminou a memoravel expedição da Russia, a primeira das emprezas em que Napoleão experimentou na Europa uma completa derrota, não se podendo dizer ao certo se mais deve admirar a audacia da sua concepção, se a terribilissima catastrophe de que por fim foi victima. Segundo os calculos de mr. Boutourlin, calculos que ficam alem da verdade, pelo menos quanto á totalidade dos mortos, diremos que a perda do exercito francez da Russia foi a seguinte:

Mortos no campo da batalha..................	125:000
Mortos de cansaço, de fome e rigores do clima...	132:000
Prisioneiros, comprehendidos 48 generaes, 3:000 officiaes e mais 190:000 soldados...........	193:000
Total....	450:000

Mr. Thiers diz a este respeito o seguinte: «A totalidade do exercito, destinada a marchar do Rheno para o Niemen

ra-se a 612:000 homens e a 150:000 cavallos, subindo
os austriacos a 648:000. D'este numero 420:000 passa-
o Niemen. Depois d'isto juntou-se-lhes o nono corpo do
chal Victor, na força de 30:000 combatentes, a divisão
on na de 12:000, a divisão Durutte na de 15:000, al-
alliados e alguns batalhões em marcha na de 20:000,
almente 36:000 austriacos, perfazendo o numero total
33:000 homens, que passaram alem do Niemen. Exis-
debaixo do commando do principe Schwartzemberg e
neral Reygnier quasi 40:000 austriacos e saxonios, que
iraram por entre o Bug e o Narew: 15:000 prussianos
cos, debaixo das ordens de Macdonald, marcharam de
para o Niemen, alem de alguns soldados isolados, que
s das planicies da Polonia buscaram a linha do Vistula.
s soldados isolados recolheram-se mais tarde 30:000
:000. Por conseguinte o numero dos perdidos vem a
38:000 homens, dos quaes os russos retiveram como
neiros pouco mais ou menos 100:000. Por esta conta
numero dos mortos ser de 340:000. Felizmente não
im. Um numero que se não póde determinar, tendo-se
dado no principio da campanha, recolheu a pouco e
ao seu paiz através da Polonia e da Allemanha; mas
exageração alguma em dizer que 300:000 homens,
mais ou menos, morreram pelo fogo, pela miseria ou
rio». Pela sua parte os russos colheram como trophéus
nias, bandeiras ou estandartes, e mais de 900 peças de
ria. Os restos escapados a tamanho desastre, indepen-
nente dos exercitos auxiliares, austriaco e prussiano,
ram muito menos expostos aos horrores de que se fez
o, podem avaliar-se apenas em 40:000 homens, dos
eram francezes unicamente 10:000. Foi assim que o
general do seu tempo, á testa de um innumeravel
to, precipitando-se orgulhoso sobre o seu gigantesco
ario, batendo corajosamente o seu exercito, des-
a sua capital, ou sendo causa da sua destruição,
teve em resultado dos seus esforços senão a perda
total d'esse seu exercito, tornando-se esta mesma

Kalouga, Smolensko, Russia Branca e Lithuania, ca
outra parte d'ellas em poder dos russos. Emfim de
mortiferos combates, regimentos inteiros tiveram de
as armas aos pés dos russos, implorando a sua salva
sua magnanimidade. O resto, perseguido na sua pre
fuga, terrivelmente flagellado pela fome e pelo frio, j
estrada, desde Moscow até ás fronteiras da Polonia,
das dos muitos que pertenciam ao exercito, de peças
tilheria, de carros e de bagagens, de sorte que de tão
davel numero apenas alguns soldados sem armas, m
e exhauridos de forças poderam voltar para a sua
onde foram comprovar o seu grande desastre, e o
aos olhos dos seus compatriotas um espantoso exem
horriveis calamidades, que padeceram na malfadada
nha da Russia, onde não ficou um só dos invasore
seu declarado inimigo. O proprio Napoleão Buonapart
tão famoso capitão do seu tempo, escapou-se esc
mente pela fuga através de grandes perigos, levand
sigo alguns dos seus principaes officiaes, e abandon
seu exercito, depois de perder, enterrar e lançar aos
sua immensa artilheria, que os russos, ou levanta
terra, ou retiraram dos rios. Esta destruição exced
a crença humana, parecendo impossivel que podes
sar-se aquillo mesmo que os proprios olhos estavam
e a sensibilidade duramente experimentando. Para
de infortunio esta desgraça não só affectou os 300

Era este o logar mais apropriado para agora se discutir e
alysar se a alta intelligencia de Napoleão Buonaparte lhe
ou ou não para uma empreza d'estas, e se a neve e os
mentos foram, como elle quiz fazer acreditar, a verda-
ra e unica causa da sua desgraça. No decurso d'esta obra
is temos tido em vista apresentar os factos, que fazem o
umpto d'ella, do que philosophar sobre elles. Mas de pas-
em diremos por mais outra vez que se Napoleão, em lo-
de se dedicar á guerra da Russia, se voltasse seriamente
a a da peninsula, cremos que a acabaria triumphante-
nte, e concluida ella, poderia obter a paz geral da Europa,
ue aspirava. Alem d'esta falta, outra de grande monta
mmetteu elle igualmente em querer levar a guerra ao in-
ior d'aquelle imperio, como effectivamente levou. Se em
d'isto tivesse a paciencia de esperar os russos na linha do
stula, organisando o reino da Polonia, bloqueando Riga e os
is portos maritimos, parece-nos que forçaria o exercito
migo a uma batalha campal junto do mesmo Vistula, onde
vavelmente teria por si a victoria. Fazer o contrario foi
erro capital imperdoavel, e filho só do arrebatamento do
genio e impetuosidade do seu orgulhoso caracter, que
não permittia esperas, nem lhe deixou ver a temeridade
sua arrebatada empreza e as consequencias funestas que
lla lhe podiam resultar, feita pelo modo por que a fez.
re o primeiro ponto, ou o da maneira por que encarou a
preza, não profundaremos mais a questão, deixando ao
or o resto. Agora quanto ao segundo, ou o de saber se
elementos foram a unica causa da sua desgraça, pensâmos
bem que os erros de intelligencia, e não a neve, os tem-
aes e os frios, como se pretendeu, foram a mais verda-
ra e primordial causa do grande cataclysmo que contra si
e tão arrojada empreza. Mas dado e não concedido que
eve e o gêlo possam na Russia destruir os exercitos in-
ores, porque rasão, sendo isto sabido por Napoleão, se
preveniu elle para este mal? Ignorava porventura que
stação invernosa este phenomeno se repete todos os an-
n'aquelle vasto imperio? Todavia allega-se que o frio e

o gêlo vieram n'aquelle anno mais cedo do que é costume. Concedamos ainda assim que viriam; mas não tendo a natureza regra fixa no apparecimento das estações, foi de certo uma temeridade da parte de Napoleão contar que a epocha da quêda da neve e a da vinda do gêlo haviam de forçosamente ter logar no tempo em que lhe fazia mais conta.

Que o começo das estações não tem por si a exactidão mathematica é cousa de todos bem sabida: mesmo no meio dia da Europa, e sobretudo na peninsula, é bem frequente tornar-se o outomno em rigoroso inverno, quer quanto a chuva, quer quanto a frio, desde meado de outubro e principios do mez de novembro em diante; não contar portanto que similhante phenomeno podia ter logar na Russia, e de um modo analogo àquelle paiz, foi seguramente um outro erro imperdoavel, desde o momento em que resolveu marchar para o interior d'aquelle vasto imperio, e protrahir lá a sua retirada, depois do incendio de Moscow, foi um outro erro que tornou a sorte de um tamanho exercito inteiramente dependente do apparecimento do inverno, mais ou menos serodio. Mas Napoleão julgava que isto podia ter logar, como se prova pelo seu vigesimo segundo boletim, em que diz, *deverem-se esperar gelados em meado de novembro o Moscowa e os outros rios da Russia*. Se esta era a sua crença, admira não se ter prevenido para um tal phenomeno, e postoque a fortuna muitas vezes ajude os temerarios, saber ser temerario tambem tem calculos a fazer e preceitos a executar. Mas na sua marcha a Moscow, depois da sua chegada a Smolensko, Napoleão não fez calculo algum, nem seguiu outro preceito mais que o seu inteiro capricho, porque posto não contasse com o incendio d'aquella capital, devia julgar possivel alguma grande derrota, particularmente reconhecendo elle que com o vigor da resistencia dos russos contrastava o estado de desorganisação em que já se achava o seu exercito, o que por certo lhe mostrava a possibilidade de lhe ser precisa uma retirada na epocha da neve e do gêlo. Mas foram a neve e o gêlo a unica e effectiva causa do seu total desastre? Parece-nos bem que não. Por certo deve-

r presente ao leitor que Napoleão ao atravessar um paiz
nigo, como o da Lithuania, onde não teve um só combate
dar, perdeu 10:000 cavallos e perto de 100:000 homens,
rda que teve logar em junho e julho, e portanto no pino do
lor, e não na força da neve e do gêlo, que só começou a
parecer como tal no dia 6 de novembro. Qual foi portanto
ausa d'isto? Os mesmos boletins o dizem: *as incertezas,*
agonias, as marchas e as contra-marchas das tropas, as
as fadigas e os seus soffrimentos. Eis-aqui pois as verda-
iras causas que lhe fizeram perder quasi a quarta parte do
exercito, ainda antes de ter contra si o fogo do inimigo
apparecimento da neve e do gêlo.

Prescindindo das forças de Macdonald, Schwartzemberg,
dinot e outros, o exercito que penetrou no centro da Rus-
até Borodino póde avaliar-se pelo menos em 240:000 ho-
ens: metade de similhante exercito pereceu antes da sua
egada a Moscow, poisque a partir d'esta capital na pri-
eira quinzena de outubro, e portanto tres semanas antes
apparecimento em força do frio e do gêlo, elle montava
enas a 120:000 homens, como já vimos. Contando pois
0:000 quando passou o Niemen, desde então até á saída
Moscow tinha perdido 300:000. Em Witepsk Napoleão
ntava ainda por si 185:000 homens, e desde lá até Moscow
rdeu portanto 65:000, sem ainda haver frios, nem gêlos.
em foi n'este caso o que lhe deu cabo dos que vão de
0:000 homens até ao numero dos 420:000? Seguramente
mesmas causas que na Lithuania lhe occasionaram a perda
s citados 10:000 cavallos e dos primeiros 100:000 ho-
ns, e portanto sem ainda ter apparecido neve, nem gêlo.
da assim se dos citados 120:000 homens, com que Na-
eão saiu de Moscow, deduzirmos o numero dos convales-
tes, que até então se lhe juntaram, e o dos corpos de re-
va que lhe chegaram, numero que se não póde contar em
nos de 20:000 homens, reconheceremos que desde a sua
sagem do Niemen até á sua saída de Moscow o seu pri-
ivo exercito de 420:000 homens, tinha verdadeiramente
dido nada menos que 320:000, antes de vir a neve e o

gêlo. Pela acção de Malo-Iaroslavetz não pôde Napoleão ir para Kalouga e Toula: seguiu-se depois d'isto a batalha de Wiazma, em que muitos dos francezes ficaram fóra do combate. Foi de 25:000 homens a perda que elles tiveram n'estas acções e nas mais escaramuças, que sustentaram com os russos; mas alem de similhante perda, o seu exercito tinha já soffrido outra tanta, e tudo isto antes da neve e do gêlo de 6 de novembro, não podendo contar-se-lhe mais de 60:000 ou 70:000 homens, quando em 5 d'este mez, vespera do terrivel inverno da Russia, Napoleão passou com elle a noite em Dorogobouje. Póde portanto dizer-se que foi a neve e o gêlo quem de 120:000 homens lhe reduziu o exercito a pouco mais de metade, desde que se retirou de Moscow até Dorogobouje? Seguramente não, e todavia o seu exercito, com relação ao seu citado numero de 240:000 homens, podia já dizer-se derrotado, não se atrevendo na sua retirada de Moscow a fazer mais que manter-se muito custosamente na defensiva. De 6 de novembro em diante é para nós problema se a neve e o gêlo foram as unicas e as mais efficientes causas das reliquias do exercito francez chegarem ao miseravel estado a que chegaram: sem duvida foi uma das poderosas que para isso houve, mas não cremos que fosse a unica. E que o fosse: similhantes reliquias estavam já de facto derrotadas, sendo portanto uma allegação falsa a que Napoleão fez, dizendo que a neve e o gêlo foram a verdadeira causa da sua total derrota na expedição da Russia.

CAPITULO V

ois da lentidão das forças belligerantes durante o inverno de 1812 para 1813, rompeu primavera d'este ultimo anno pela guerra de Napoleão contra a colligação das poten- ias do norte (Russia, Prussia e Suecia), ganhando sobre ellas as batalhas de Lautzen Bautzen, parando as hostilidades pelo armisticio de Plesswitz, assignado aos 4 de ju- ho de 1813. Pela sua parte lord Wellington, tendo ido a Cadiz para conferenciar com o governo hespanhol sobre as cousas da guerra, veiu de lá para Lisboa, onde foi rece- bido com grande enthusiasmo pelos portuguezes, retirando-se contente para o seu quartel general de Freineda, tanto por effeito d'aquella recepção, como pela noticia que lhe de- ram do governo portuguez ter mandado apromptar uma rica baixella de prata para lhe fertar. O mesmo Wellington, depois das suas queixas contra os governadores do reino pela falta de pagamentos ao exercito, filha das enormes despezas da guerra, orçadas em 5 milhões annuaes, e da escassez das receitas, começou as suas operações atraves- ando o rio Douro; e marchando com o exercito contra Salamanca, sem achar grande sistencia, levou de lá os francezes adiante de si até Burgos, e d'aqui até Vittoria, nde, depois de atravessar as nascentes do Ebro, foi ganhar em 21 de junho do mesmo nno de 1813 uma famosa batalha em que tomou ao inimigo toda a sua artilheria, agagens, thesouros, etc., obrigando-o a passar para alem do Bidassoa. Reflexões so- e tão notavel successo, reputação que trouxe para lord Wellington e para o exercito rtuguez, cuja força e corpos entrados na dita batalha se enumeram.

) retumbante estridor das armas e dos canhões, que tão emente se tinha ouvido na peninsula e no norte da Eu- a durante o estio e outono de 1812, afrouxára conside- elmente durante a estação invernosa, que se lhe seguiu, evendo-se que o anno de 1813 viria rematar as desgraças, tão terrivelmente perseguiram na Russia o imperador oleão. Depois d'estas desgraças, que tão funestas lhe fo- , precisava elle de tempo para reparar os seus desas- e reunir os meios de fazer face, não sómente aos exer- s regulares da Russia e ás cohortes dos barbaros cos- s, que tão dura e recentemente o tinham repellido até erezina, mas até mesmo aos exercitos de quasi todas as

nações da Europa, que provavelmente se iriam separar da alliança franceza, confederando-se com a Gran-Bretanha por mais esta vez, nas vistas de se vingarem das passadas injurias, e assegurarem a sua independencia, que desde tanto tempo se achava tão terrivelmente ameaçada. O estado em que ainda por então se apresentavam os acontecimentos politicos e militares obrigavam a Russia a marchar na estrada que encetára lenta e cautelosamente, e a não penetrar temeraria no coração da Europa, sendo portanto racional e prudente esperar ella que os povos e os governos da Allemanha se lhe juntassem, poisque uns e outros se achavam por então na mesma conformidade de vistas e de interesses. Foi isto mesmo o que em fevereiro de 1813 começou a pôr por obra o rei da Prussia, sendo elle o primeiro que depois do imperador Alexandre se separou da França, e no dia 1 do seguinte mez de março se reuniu definitivamente á Russia e á Gran-Bretanha, formando assim com estas duas potencias o nucleo da sexta coallisão contra a mesma França, coallisão a que bem depressa accedeu igualmente a Suecia, mediante a sancção que das referidas potencias conseguiu para as suas pretenções de lhe aggregarem a Noruega aos seus estados, separando-a para este fim da Dinamarca. Por este modo póde a Russia com firmeza e segurança saír por fim dos seus dominios e marchar fóra d'elles para o meio dia da Europa, na intenção de guerrear a França, sem temer ser atacado o seu exercito na sua retaguarda, nem receiar que as guarnições francezas, que no norte ainda occupavam algumas importantes praças, protectoras de varios districtos, e protectoras não menos das margens do Vistula, do Oder e do Elba, lhe interrompessem as suas communicações.

Tendo-se assim habilitado para os seus futuros triumphos os exercitos alliados do norte da Europa, depois da catastrophe sem exemplo do grande exercito francez na Russia, pensâmos que á alta intelligencia de Napoleão Buonaparte não lhe poderia escapar o gravissimo damno, que sobre os males d'aquella grande catastrophe lhe estava tão profundamente causando a guerra da peninsula, não tanto pela osten-

tação dos seus feitos, seguramente de menos nome, que os acontecimentos da Russia, quanto pela segurança e firmeza do systema com que era conduzida, prognosticando um fatal desfecho para o seu colossal poder. É provavel que o mesmo Napoleão reconhecesse então quanto errada não fôra a sua politica, e temeraria a sua empreza da Russia, vendo claramente que, se em vez de a tentar para aquella parte, fosse disfarçando e paleando as contrariedades, que ás suas vistas tinha, ou lhe parecia ter o procedimento do imperador Alexandre, e caísse com todo o seu poder sobre a Hespanha, onde não só combateria a Inglaterra, mas até a propria Russia, facil lhe seria triumphar d'estas duas grandes potencias, e obrigar portanto a Gran-Bretanha a submetter-se ás condições que lhe queria impôr, e portanto a tornar o seu dominio tão duradouro e supportavel; quanto lhe seria possivel no meio de taes circumstancias. Não cremos que as linhas de Torres Vedras, invencivel obstaculo, como foi, para o exercito francez de Massena, o podessem ser no mesmo grau para as prodigiosas forças, que Napoleão podia em tal caso trazer comsigo para Hespanha, e com que muito a seu salvo ameaçaria Lisboa, tanto pela margem direita, como pela esquerda do Tejo. Visse, porêm, ou não visse a estupenda fatalidade a que o arrastou o gravissimo erro que tinha commettido, é certo que elle devia esperar ter novamente contra si as potencias do norte da Europa, a par do terribilissimo cancro, que para elle havia sido constantemente e continuava a ser a guerra da peninsula. Preparar-se pois para esta dupla guerra era-lhe cousa absolutamente necessaria, depois do grande desastre que experimentára; mas taes preparativos exigiam tempo, sendo portanto a demora das suas operações cousa plenamente justificada pela urgencia das circumstancias em que se achava, não obstante a satisfação que via em todos os seus inimigos, e a viva emoção que em toda a Europa havia causado o seu grande desastre da Russia, a par dos seus serios revezes na peninsula.

Se Napoleão tinha pela sua parte muitas difficuldades a vencer na dupla guerra em que se achava empenhado, lord

Wellington tambem pela sua não contava poucas para levar por diante a que o seu governo lhe pozera na peninsula a seu cargo. A primeira que lhe cumpria vencer era a desconfiança que a retirada de Burgos occasionára no seu proprio paiz sobre a proficuidade dos seus planos para levar a bom termo similhante guerra. Esta desconfiança nada mais era do que um certo mau humor, que no publico acompanha sempre o desengano de uma mallograda esperança de fortuna. Era um facto que na Gran-Bretanha o desalento produzido por aquella retirada foi talvez maior que o produzido em Portugal, filho como isto era da illusão dos juizos feitos pelos inglezes sobre o mau estado em que suppunham ter ficado os francezes, depois da victoria de Salamanca, juizos que a retirada de Burgos inteiramente lhes destruiu, tornando-lhes duvidoso e arriscado o final resultado da guerra. Foi na abertura do parlamento que mais particularmente appareceram as queixas feitas contra o ministerio Perceval por similhante motivo. O marquez de Wellesley, mr. Whitbread e o conde de Grey abertamente o accusaram de haver compromettido o ataque de Burgos, por não ter fornecido a lord Wellington os meios de que precisava para o seu triumpho. Lord Granville e lord Ponsonby eram de opinião que a continuação da guerra levava seguramente as cousas a uma inevitavel catastrophe para a Inglaterra. «Sustento, dizia Granville, a minha primeira opinião, convencido como estou de que a libertação da peninsula é cousa superior aos meios de que para isto dispomos; acho cruel e indigno metter a população d'aquelle paiz n'uma causa desesperada, e isto para obter sómente uma vantagem temporaria...» Pela sua parte lord Ponsonby tinha por inutil levar mais adiante uma guerra sem proficuo resultado, espargindo tão inutilmente n'ella e em tão lato ponto o sangue e os thesouros da Inglaterra, tendo como impossivel expulsar os francezes para fóra da peninsula. A mesma these foi igualmente sustentada por mrs. Freementle e Francis Burdett. «De todas as nossas vantagens na guerra, disse este ultimo orador, não nos têem resultado até aqui senão calamidades e afflicções. Ou lord

Wellington não merece os agradecimentos que para elle se solicitam, ou a causa dos nossos revezes se deve attribuir á negligencia e imbecilidade dos ministros da corôa... »

Como era bem de esperar o marquez de Wellesley não podia deixar de tomar uma importante parte n'esta acalorada discussão. Demonstrou elle que os successos da primeira parte da guerra não tinham sido levados por seu irmão tão longe, quanto d'elle se esperava, e se haviam sido seguidos de revezes importantes, provinha isso da fraqueza da administração de mr. Perceval e dos seus partidistas, administração por elle caracterisada como *não tendo nada de regular, mas tendo tudo em confusão e desordem*. Analysou alem d'isto com toda a profundidade e talento os factos succedidos, e a questão militar, sustentando que 12:000 homens e 3:000 cavallos, juntos ao exercito no começo do anno, tornariam decisiva a campanha, poisque as desavenças da Russia, a incapacidade militar do rei José, e as dissidencias dos generaes francezes na Hespanha tinham produzido a crise mais favoravel para descarregar um golpe mortal nas tropas inimigas. Accusando pois o ministerio por ter desprezado o exercito, desdenhado dos avisos do general em chefe, e dado ouvidos a todos os intrigantes, que lhe suggeriam novos meios de saír do aperto a que a sua propria inhabilidade o tinha levado, pediu por fim a formação de uma commissão de inquerito, fazendo n'esta occasião um pomposo elogio a seu irmão, que disse *ser um general a quem nenhum outro excedêra, nem nos tempos antigos, nem nos modernos, sendo o orgulho do seu paiz e a esperança de toda a Europa*. Esta moção foi apoiada pelo conde de Grey, Whitbread, Heathcote e Ponsonby; mas lords Barthurst, Castlereagh e Liverpool a não deixaram passar por 115 votos contra 39, sustentando que tinham feito o que lhes era possivel fazer; que lord Wellington de nada se queixava pela sua parte; que a Hespanha não era por outro lado o unico paiz de que se devessem occupar; que os ministros deviam tambem excitar e sustentar a Allemanha e a Russia na sua empreza contra Napoleão; que o mallogro do ataque de Burgos provinha mais das circumstancias occorrentes, do

que da negligencia dos homens; que a falta de dinheiro, que lord Wellington experimentára, provinha da depreciação enorme dos saques sobre a peninsula; e finalmente que, apesar do que se dizia, nenhum motivo havia para lamentações, poisque nunca a Inglaterra alcançára no continente successos comparaveis aos obtidos nas campanhas de 1811 e 1812. Em seguida a estas observações a camara votou a lord Wellington, não só os agradecimentos que d'ella se exigiam, mas até as 100:000 libras por elle mesmo pedidas. Animado por similhantes successos, o governo britannico creou novos recursos para augmentar o estado effectivo do exercito. Transferiu para elle 25:000 milicianos, dando para este fim a cada um de premio 10 e 12 guineos. Este expediente a que se viu obrigado pela inefficacia do recrutamento ordinario, permittiu áquelle governo desenvolver nos ultimos annos da guerra da peninsula uma reunião de forças na realidade imponente [1].

Com relação á Hespanha, as difficuldades que lord Wel-

[1] Para se ver o que a Inglaterra tinha sido em 1793, e o estado de força de terra e de mar de que n'aquelle anno dispunha, diremos que esta potencia contava por então apenas 46:000 homens de tropas na Europa, 10:000 nas Indias orientaes, e 58 naus de linha em commissão. Em 1813 (segundo se lê em Alison, tomo IX, pag. 346 e 347) as forças da Gran-Bretanha subiam já a 268:000 homens de tropas regulares (das quaes tinha na India 28:000), alem de mais 32:000 soldados estrangeiros, 93:000 homens de milicias e 200:000 cipaes, sendo o total de tudo isto 593:000 homens, não comprehendendo n'esta conta 68:000 homens de *yeomenry*, e 300:000 homens de milicias locaes. A sua esquadra compunha-se no fim de 1812 de 244 naus de linha, das quaes 102 se achavam em commissão, isto alem de 219 fragatas mais e outras embarcações de menor lote, fazendo ao todo 1:009 vélas, das quaes 613 se achavam em commissão. Toda esta força naval era guarnecida por 140:000 homens de tropas de bordo e 18:000 marinheiros.

O orçamento das despezas para o anno de 1813 elevava-se a esterlinos 118.000:000, dos quaes 11.400:000 eram dados em subsidio ás potencias estrangeiras. Os orçamentos de 1814 e 1815 apresentavam a despeza de 117.587:979 libras para o primeiro d'estes dois annos, e a de 110.000:000 para o segundo, sendo dados em subsidios 10.000:000 em 1814, e 11.000:000 em 1815.

lington tinha a vencer tambem não eram pequenas pela reconhecida apathia e inefficacia a que de facto se achavam reduzidas as tropas hespanholas para com vantagem poderem ser por elle empregadas na proxima campanha de 1813, poisque no meio dos felizes successos da do anno anterior, successos para que o exercito luso-britannico tanto havia concorrido, os exercitos hespanhoes achavam-se inteiramente desmantelados, sendo em tal caso necessario a lord Wellington, recentemente elevado pelas côrtes de Cadiz a seu commandante em chefe, cuidar activamente na sua organisação, habilitando-os quanto antes a poderem proficuamente operar com o exercito luso-britannico na expulsão dos francezes para alem dos Pyreneos, libertando inteiramente a peninsula. Isto era tanto mais necessario, quanto mais sabido era que os exercitos hespanhoes se achavam por fim reduzidos a nada mais fazer que evitar com cuidado empenharem-se em batalhas campaes, e até mesmo em combates de alguma importancia, como resultado da desorganisação geral em que se achavam, restringindo-se apenas a escaramuças n'aquelles districtos onde havia a mistura de soldados amigos e inimigos. Por conseguinte as tropas hespanholas não podiam deixar de se conservar tranquillas durante o inverno de 1812 para 1813, sem se desviarem das provincias em que se achavam, nem das suas posições respectivas. Pela sua parte o exercito luso-britannico continuou tambem inactivo a occupar aquellas onde na sua retirada do passado outomno tinha feito alto, estabelecendo-se em Freineda o quartel general de lord Wellington. Os acantonamentos das tropas foram por algum tempo ao longo da fronteira, que faz frente á Cidade Rodrigo, isto com relação ás portuguezas, que depois passaram a tomar outros. É um facto que por aquelle tempo o exercito luso-britannico, quaesquer que sejam os alardes dos hespanhoes ácerca das suas façanhas, e o que a fama diz, ou possa ter dito d'elles por toda a Europa sobre tal assumpto, era, como por tantas vezes temos dito, o unico recurso para a salvação da peninsula, e recurso aliás precioso, de que fazia parte importante o exercito portuguez, e por maneira tal,

que sem esse exercito nada poderia emprehender o governo inglez contra a França com esperança de bom resultado, nem o saber militar de lord Wellington lhe aproveitaria, como aproveitou para o alto renome e grande reputação que adquiriu como general. O marechal Beresford, perito organisador e disciplinador do referido exercito, demorado como fôra em Salamanca pelos graves ferimentos que recebêra no dia 23 de julho, retirára-se de lá para Portugal no dia 3 de setembro de 1812 para acabar de tratar-se. No dia 11 do dito mez entrou elle no Porto, sendo ali recebido entre um apparato de festas como se fôra uma pessoa real. Um soberbo arco triumphal o esperava na primeira rua da cidade por onde entrou, achando-se a um e outro lado do dito arco córos de musica vocal e instrumental, que em altas vozes romperam, apenas o marechal se approximou, cantando e tocando heroicos e patrioticos hymnos. Na frente do mesmo arco via-se um genio, que lhe preparava uma corôa de louro, e sobranceira ao genio a seguinte inscripção latina:

Beresfordio
Comiti de Trancoso
Lusitaniæ virtutis
Excitatori
Moderatori
Albueræ
Victori:
Apud Arapiles
Gravi vulnere affecto
Fracto, Duci, sed invicto
S. P. Q. P.
Honoris, Gratiæque ergo
F. C.

Ao passar pelas ruas, cujas janellas se achavam embandeiradas e armadas com ricas e vistosas tapeçarias, as senhoras lhe lançavam flores, mostrando assim á porfia todos os portuenses o jubilo de que se achavam possuidos ao ve-

rem um general, que tanto e tão poderosamente havia concorrido para a gloria do exercito portuguez e libertação do paiz. A cidade illuminou-se, e á noite, quando foi ao theatro, a recepção que se lhe fez foi a mais brilhante e apparatosa possivel, recitando-se em seu louvor varias poesias. No dia 14 do dito mez de setembro saiu elle do Porto para Lisboa, onde os seus moradores lhe não deram menos provas da estima e consideração em que o tinham. Chegado assim á capital do reino, o mesmo Beresford continuou a esforçar-se pela restauração da disciplina militar, que a retirada de Burgos tinha feito afrouxar em todos os corpos portuguezes, e muito mais ainda nos inglezes. Das consideraveis faltas, irregularidades, e até mesmo ultrajes, que por aquella occasião se commetteram, é prova uma das ordens do dia do referido marechal. Depois d'aquella retirada alguns dos corpos portuguezes foram dos seus quarteis, vizinhos a Almeida, mandados para o Porto, outros para Vizeu, Coimbra, etc., tendo os da divisão do general Hill marchado para o Alemtejo algum tempo depois da sua retirada e entrada no reino, que effeituaram pela Beira Baixa. O regimento de infanteria n.º 22, que desde o anno de 1810 foi empregado em fazer a guarnição da praça de Abrantes, passára depois a fazer a da praça de Badajoz. A par da restauração da disciplina do exercito portuguez, em que se consumíra o inverno de 1812 para 1813, cuidou-se tambem no seu aceio, e portanto em o prover de fardamentos e equipamentos. Não menos se cuidou do seu estado sanitario; e depois do recebimento dos seus soldos, alguns officiaes houve que tiveram licença para irem a suas casas, concessão que tambem obtiveram alguns officiaes inferiores e soldados. Foi igualmente por aquelle tempo que o tenente general conde de Amarante tomou o commando da divisão puramente portugueza, que fazia parte do exercito, em rasão da licença que para ir a Inglaterra se deu ao tenente general sir John Hamilton, que até então a commandára. Esta divisão, composta da segunda e quarta brigadas (ou a de 2 e 14 de infanteria e a de 4 e 10 da mesma arma com caçadores n.º 10), bem como de uma terceira brigada

Os soldados ao atravessa-lo, ou se enterraram na argilla até ao tornozelo, ou se mettiam nos charcos até á meia perna, de que resultava perderem os sapatos, e por esta causa pôrem-se-lhes os pés em sangue com a continuação da marcha. Por outro lado os soldados durante cinco dias só receberam duas rações apenas, cousa que lord Wellington ignorava, por não poder o commissariado cumprir exactamente as suas ordens, em rasão do extremo cansaço das bestas de carga, proveniente, não só do peso que conduziam, mas tambem do esforço que faziam para se desencravarem dos atoleiros, o que tambem succedia á cavallaria. Acrescia mais que os bagageiros, aterrados pelas más noticias, que sempre se espalham na retaguarda dos exercitos em retirada, fugiam, levando comsigo as provisões, ou destruindo-as, resultando d'isto terem os soldados de se nutrirem da bolota que acharam nos azinhaes que encontraram, ou que os povos lhes vendiam pelas estradas, ao passo que lord Wellington os julgava fartos e bem alimentados. Isto, que attenua em parte a má conducta dos soldados, com relação ao estrago que fizeram nos ditos azinhaes, e nos rebanhos de porcos com que depararam, não os absolve dos ultrajes que praticaram para com os habitantes das terras por onde passaram, recaíndo effectivamente bem a censura, e com toda a justiça feita, a respeito de todos aquelles officiaes, que não trataram de evitar que os seus soldados praticassem similhantes actos.

Justas, porém, ou injustas que as censuras de lord Wellington fossem para com as tropas inglezas, é um facto que durante os quarteis de inverno se buscou restabelecer n'ellas a disciplina com o mesmo empenho com que o marechal Beresford a buscou tambem restabelecer nas portuguezas. Operaram-se no seu equipamento certas mudanças, tendentes a tornar-lhes a vida mais commoda e util. Buscou-se reunir tendas para que os soldados se podessem n'ellas recolher durante os *bivouacs;* preparou-se um trem de pontões para se atravessarem os rios e habilitarem-se as columnas a poderem operar fóra das estradas reaes; e finalmente renovaram-se as equipagens da artilheria, juntando-se-lhes

novo 1:300 cavallos. Consideraveis reforços, particular-
ente de cavallaria, chegaram de Inglaterra para o exercito
glez, assim como no portuguez houve todo o cuidado de
var ao seu estado completo os seus respectivos batalhões
regimentos. Foi n'isto que tambem se consumiram os me-
s da estação invernosa de 1812 a 1813, não havendo du-
nte elles algum movimento hostil, quer por uma, quer por
tra parte, a exceptuar apenas uma unica tentativa, que os
ncezes fizeram para surprehenderem o posto de Bejar,
ja guarnição, tendo sido informada a tempo da sua appro-
nação, pôde prevenir-se e repellir com vantagem a aggres-
. A não ser portanto isto, nada mais interrompeu os ar-
njos que se acabam de relatar, de que resultou achar-se
mado na primavera de 1813 um bello e soberbo exercito,
e contava 78:000 homens, em que entravam 6:000 de ca-
llaria, e 30:000 portuguezes, encorporados com os ingle-
, como nas anteriores campanhas.

Com relação á Hespanha, necessario era tambem, como já
nos, tomar algumas providencias, a fim de que o exercito
spanhol podesse pela sua parte prestar algum soccorro
ectivo ás futuras operações de lord Wellington. Desde de-
mbro de 1812 que este general se achava nominalmente
vestido do alto cargo de generalissimo das tropas hespa-
iolas, e n'estas circumstancias forçoso lhe era ir enten-
r-se com o governo de Cadiz, para se lhe tornar effectivo,
com estas vistas escreveu a seu irmão, prevenindo-o de
ie no dia 12 do citado mez de dezembro se dirigiria áquella
dade. Em consequencia d'isto deram-se lá as ordens para
r esperado no dia 18, postoque a sua chegada só veiu a
r logar no dia 24, dirigindo-se por mar do porto de Santa
aria para Cadiz, onde desembarcou, seguindo do caes para
alojamento, que o governo lhe tinha mandado preparar.
sua recepção foi sem notavel enthusiasmo, mas não se lhe
tou ás devidas honras. Por espaço de meia hora recebeu
guns comprimentos; depois vestiu-se de uniforme hespa-
ol, e por este modo se dirigiu ao palacio da regencia, fa-
ndo-lhe a sua apresentação e os comprimentos do estylo.

D'ali seguiu para casa de seu irmão, onde jantou, e recebeu visitas até ás oito horas da noite, indo depois para o theatro. Apenas chegou, parou a representação por muito tempo para dar logar aos vivas e applausos, que se lhe dedicaram, a que depois se seguiram dansas, musicas e poesias. Na manhã de 25 recebeu indistinctamente todas as pessoas, que estavam no caso de o procurar, indo antes de jantar com seu irmão fazer algumas visitas, entre as quaes se contou a do ministro portuguez n'aquella cidade. Na manhã de 26 teve logar a visita, que em grande ceremonial lhe fez a respectiva camara municipal (ajuntamento), seguindo-se depois um jantar de côrte nas salas do palacio do governo, a que assistiu a regencia, o presidente das côrtes, o corpo diplomatico, a grandeza, titulares, etc. No dia 27 recebeu os comprimentos das proprias côrtes por meio de uma deputação, que lhe dirigiram, e a que respondeu, que desejava agradecer-lhes pessoalmente as honras que lhe tinham feito, o que lhe foi concedido. A 28 foi á ilha de Leão ver as fortificações e passar revista ás tropas. Na manhã de 29 foi á regencia para com ella tratar negocios de importancia, tendo logar depois d'isto a reunião da mesma regencia, do presidente das côrtes, do corpo diplomatico, da grandeza, etc., em casa do embaixador inglez, que n'aquelle dia lhe deu um grande jantar. Foi no dia 30 que as côrtes admittiram lord Wellington á sua presença, satisfazendo-lhe assim o desejo que a tal respeito lhes manifestára. «Lord Wellington (diz o conde de Toreno, testemunha ocular d'esta recepção), pronunciou n'esta occasião um discurso em hespanhol, simples, mas energico, cujo vigor foi realçado pelo assento um pouco rude do orador, ao qual o presidente das côrtes lhe respondeu por um outro tão polido, como emphatico».

Durante as conferencias que lord Wellington teve com a regencia em Cadiz fez-lhe sentir a necessidade de se aproveitar a opportunidade da desgraça, succedida na Russia ao imperador dos francezes, para descarregar quanto antes um terrivel e decisivo golpe nas forças, que ainda tinha na peninsula. Para isto expoz elle tambem a urgencia de se lhe

ar o commando real e effectivo dos exercitos hespanhoes, a
ar do nominal que já se lhe tinha conferido, a fim de poder
feituar uma proficua mudança no seu systema militar, sem
que se não podia tirar partido algum dos referidos exerci-
s, nem em tempo opportuno entrar com elles em campa-
ia. A sua chegada a Cadiz fizera por um momento calar as
soffridas paixões politicas, que n'aquella cidade agitavam
differentes partidos, e o ascendente do seu genio tão for-
mente se fez sentir, que o ouviram com paciencia, até
esmo nas conversações particulares, quando recommen-
ou aos homens mais influentes dirigirem com particular
idado as suas attenções exclusivamente para os negocios
guerra, darem de mão ás suas querelas particulares, e
almente tratarem de não abolir por então a *inquisição*,
ra não lançarem nos interesses do inimigo a classe cleri-
l, tão poderosa e influente como então era, e em tamanho
mero em toda a Hespanha: tal foi pois a causa por que o
rtido *servil*, ou absolutista começou desde então a olhar
ra lord Wellington e para a Inglaterra como sendo favora-
eis á sua causa. Todavia isto não impediu que as côrtes
essem ao dito lord o effectivo e absoluto commando de
0:000 homens, *que deviam ser pagos por um subsidio bri-
nnico*[1]: alem d'isto as mesmas côrtes lhe prometteram
mbem que os chefes do referido exercito não seriam sub-
tituidos, nem na organisação, ou destino d'esse exercito se
ria mudança alguma, sem seu consentimento.

Em consequencia do exposto teve portanto logar uma nova
rganisação das forças hespanholas, sendo divididas em qua-
ro exercitos e dois de reserva: os catalães formaram o pri-
ieiro; as tropas de Elio, em que se comprehendiam as
ivisões de Duran, Bassecour e Villacampa, tiveram a nu-

[1] É este facto mais um argumento para provar que o soccorro pres-
do pela Inglaterra a Portugal durante a guerra da peninsula não foi
ico; mas prestado á Hespanha em muito mais larga escala, demonstra
eiramente que o seu fim era guerrear Napoleão pelos interesses ingle-
, e não pelos portuguezes e hespanhoes, e particularmente pelos por-
uezes, como se tem alardeado.

meração de segundo; as forças da Serra Morena, e que anteriormente foram commandadas por Ballesteros, constituiram o terceiro, que teve por commandante o duque del Parque; as tropas da Extremadura e das provincias de Leão, da Galliza e das Asturias, em que se comprehendiam as divisões separadas de Morillo, de Penne Villemur, Dowine e D. Carlos de Hespanha, receberam a denominação de quarto exercito, cujo commando se deu ao general D. Francisco Xavier Castanhos: d'este exercito faziam parte como divisões separadas os corpos de guerrilhas de Longa, Mina, Porlier e outros mais chefes das provincias do norte. O conde de L'Abisbal, promovido a capitão general da Andaluzia, commandou a primeira reserva, e o general Lascy, chamado da Catalunha, onde foi substituido pelo general Coupons, teve ordem de formar uma segunda reserva nas vizinhanças de S. Roque. Feitos estes arranjos, diz Napier, notou-se pela primeira vez em lord Wellington uma certa inactividade de conducta, que causou espectação. Proveiu este facto de prolongar a sua residencia em Cadiz mais do que a necessidade o pedia, de que resultou dizerem alguns em segredo aos ouvidos dos outros, que se elle se assimilhava a Cesar, Cadiz poderia ter produzido alguma nova Cleopatra. Ou isto seja verdadeiro ou falso, o certo é que elle só no dia 11 de janeiro de 1813 saíu de Cadiz, dirigindo-se por mar ao Trocadero, e de lá ao porto de Santa Maria, onde havia já uma carruagem de posta, destinada a conduzi-lo para Portugal, para onde effectivamente partiu, acompanhado pelo general Alava, e pelo seu secretario militar, o lord S. Vicente.

As côrtes e a regencia empenharam-se em que elle saísse satisfeito, relativamente ás suas pertensões, e com effeito o dito lord assim o manifestou, não só com expressões, mas até com o avultado donativo de 400:000 pesos fortes a favor dos exercitos hespanhoes, deixando letras assignadas por elle sobre Inglaterra[1]. A regencia publicou logo um decreto para

[1] Assim consta do officio que na data de 25 de janeiro de 1813 dirigiu para o Rio de Janeiro o ministro de Portugal em Cadiz, Joaquim

estabelecer um governo nos exercitos, conforme as cir-
nstancias, e lord Wellington o exigira. Comtudo algumas
estões houve nas côrtes para se satisfazer ao plano por elle
esentado, nas vistas de se não derogarem alguns dos ar-
os da constituição, que as mesmas côrtes tanto desejavam
servar illesa. O general Castanhos, o chefe do estado maior
panhol, D. Luiz Wimpffen, os dois irmãos inspectores da
allaria e infanteria, D. Thomás e D. João O'Doneju, e ou-
s mais officiaes do estado maior, pozeram-se todos em
rcha para o quartel general de Freineda, depois da saída
lord Wellington. Em Freineda é que elle devia verdadei-
nente concertar o seu plano com o general Castanhos e
mais chefes hespanhoes para de commum acordo se adian-
em os quatro já citados exercitos, para obrigarem os fran-
es, não só a passarem o rio Ebro, mas até mesmo a eva-
rem a peninsula, por isso que todas as forças alliadas
s eram superiores em numero, e todas ellas commanda-
s em chefe por lord Wellington. O exercito de Galliza, do

erino Gomes. Quanto a nós, parece-nos que uma tão avultada somma
no a d'este donativo, que por então avultava a 320:000$000 réis,
sque cada peso corria entre nós por 800 réis, não seria fornecida
a fortuna particular de lord Wellingtou, mas sim pelo proprio the-
ro britannico. Julgâmos isto provavel, porque achando-se o governo
lez altamente empenhado em tornar bemquisto aos hespanhoes o re-
ido general, nas vistas de lhe conferirem o commando em chefe dos
s exercitos, não duvidaria por certo fornecer para tal fim mais esta
mma, aliás muito forte para um particular e filho segundo de uma
a titular, como era lord Wellington: para que elle podesse pela sua
opria fortuna abonar similhante quantia, sem grande abalo, ou pre-
izo seu, necessario era que ella fosse colossal, e muito mais fallada
que não era. Tanto mais nos achâmos persuadidos do que dizemos
bre este ponto, quanto que superiormente já vimos ter o parlamento
itannico annuido ao pedido que lord Wellington fizera do abono de
0:000 libras, destinadas provavelmente a este fim, poisque os 400:000
sos por elle dados para os exercitos hespanhoes, reunidos aos 4:000,
e depois tambem deu em Lisboa para a nossa caixa militar, perfazem
omma de 404:000 pesos, que a 800 réis cada um, valor que então ti-
am, importam em 323:200$000 réis, e portanto uma somma quasi
al ás ditas 100:000 libras, no valor de 3$540 réis cada uma por que
ão corriam.

commando de Castanhos, devia marchar unido com o exercito luso-britannico, o qual, depois de atravessar o reino de Leão, iria entrar na Castella Velha: era este o que lord Wellington ía directamente commandar em pessoa, podendo portanto chamar-se o primeiro dos exercitos alliados na peninsula. O segundo, commandado pelo general Hill, deixando o Alemtejo e a Extremadura hespanhola, onde se achava, entraria na baixa Castella. O terceiro, ás ordens do duque del Parque, deixaria Cordova e a Serra Morena, onde tambem se achava, para ir entrar na Mancha. O quarto finalmente, commandado até ao mez de abril de 1813 pelo general Murray, e depois por lord Bentinck, dirigindo-se por então para o reino de Valencia, vindo de Alicante com mais algum reforço, chegando o seu numero de 35:000 a 40:000 homens, entre inglezes e sicilianos, sendo estes na força de uns 8:000 homens, comprehendendo tambem duas companhias de artilheiros portuguezes, e as divisões hespanholas, commandadas por Elio, Wittingham e Roche, devia entrar no Aragão, ou na Catalunha, segundo as ordens que de lord Wellington recebesse.

Taes foram as disposições e acordos que o mesmo lord Wellington tomára com a regencia da Hespanha em Cadiz, com relação ás suas futuras operações. Posto portanto em marcha para Portugal, não só para igualmente conferenciar com os governadores do reino sobre o mesmo assumpto, mas tambem para armar cavalleiro da ordem do Banho o ministro inglez em Lisboa, mr. Stuart, o seu transito desde a sua entrada no Alemtejo até chegar a Lisboa foi uma verdadeira marcha triumphal, tendo, como effectivamente tinha chamado sobre si a admiração e sympathia de todos os portuguezes. Depois de ter passado pelos arcos triumphaes, que na praça de Elvas e em todas as villas da estrada por onde vinha á porfia lhe haviam levantado todos os seus moradores, e de ter recebido no espaço de trinta leguas os mais irrefragaveis testemunhos de um reconhecimento e enthusiasmo delirantes, desembarcou finalmente pelas tres horas e meia da tarde do dia 16 de janeiro de 1813 no largo do

do Paço. Ali o estavam esperando todos os generaes
ezes e inglezes, bem como todas as tropas de ambas
es, e de todas as armas, que por aquelle tempo se
na capital. A sua chegada foi annunciada pelas mul-
s salvas dos navios de guerra surtos no Tejo, e pelas
llo de S. Jorge. As tropas tinham formado duas alas
alacio das Necessidades, destinado para seu quartel.
o concurso de homens notaveis e de innumeraveis
s se viam pelas janellas das casas das ruas do tran-
o proprio palacio das Necessidades; altos e repetidos
roavam os ares, saíndo da bôca de todos os concor-
sendo geral o applauso, que constantemente acom-
o recemchegado desde o seu desembarque até ao
quartel, que se tinha mandado aprompter com ma-
cia real. Á noite houve na cidade illuminação geral
tanea, que durou por tres noites successivas, sendo
brilhantes a da casa do ministro inglez, a do senado
ra de Lisboa, a dos quarteis da tropa, e até mesmo
uns conventos.
ia seguinte pela uma hora da tarde lord Wellington,
com os uniformes de general portuguez, dirigiu-se
io do governo, que então era no Rocio, onde actual-
se acha o theatro de D. Maria II, para ali comprimen-
governadores do reino, e tomar entre elles o logar
bem como tal lhe competia, na fórma da nomeação,
Rio de Janeiro o principe regente lhe tinha para este
edido. Do referido palacio saíu depois, comparecendo
mente pelas quatro horas e um quarto da tarde, ves-
ão com o uniforme de general inglez, a fim de assistir
nifico jantar, que os mesmos governadores do reino
receram, e ao qual assistiram todos os titulares, bis-
incipaes da sé patriarchal, corpo diplomatico, gene-
residentes de tribunaes, e tudo mais que havia de
a e de distincto em Lisboa. Á noite pelas sete horas
foi ao theatro de S. Carlos, onde era immenso o con-
os espectadores, achando-se ambas as platéas já cheias
pelas cinco horas da tarde. Apenas se mostrou no ca-

marote que se lhe preparára, de todas as partes resoaram l
estrondosos vivas e incessantes applausos, que pareciam
acabar, chovendo igualmente sobre a platêa um consid
vel numero de sonetos impressos[1]. O theatro fôra magni

[1] Aqui apresentâmos dois d'estes sonetos para mais adequadam
o leitor fazer uma idéa de similhantes poesias.

Vós, que tendes intrepido arrostado
Impio furor dos vandalos do Sena,
E nos lances fataes, que Marte ordena,
Sempre de louro vos haveis coroado:

Vós, que partistes o grilhão pesado,
Que a Lysia déra tão amarga pena,
Vinde presencear a fausta scena
D'um continuo prazer no amor gerado.

Ouvi das musas mélicos accentos,
E vêde os caracteres com que a historia
Se incumbe de contar vossos portentos.

A nossa gratidão e a vossa gloria
Serão os mais illustres monumentos
Em quanto no universo houver memoria.

Quando ao poder de Roma estremecia
O mundo receoso, ou já curvado,
Pela traição de Galba estimulado,
Viriato ardido a combater corria.

Appellidando ás armas, influia
O luso povo seu á guerra usado;
E da patria no amor todo inflammado,
Palmas colhendo, as aguias abatia.

Quasi tres lustros trovejou furioso
Acceso em Lysia, apresentando ao mundo
Da liberdade o facho luminoso;

E unindo igual valor, saber mais fundo,
Em menos tempo Wellington, mais famoso,
Lysia salvou do despota iracundo.

mente preparado pela empreza. Todas as ordens de camarotes tinham sido diversamente ornadas, vendo-se os genios com escudos e corôas, e no centro d'estas gravadas as iniciaes de lord Wellington. As figuras da fama e da victoria descobriam-se na parte superior do camarote, destinado a este afamado general. A representação abriu-se com um elogio dramatico, intitulado *O Nume*, composto em obsequio e applauso do mesmo general. A scena representava os Campos Elysios, sendo interlocutores a gloria, a posteridade, Camões, Egas Moniz, e o grande condestavel com a mais multidão de heroes portuguezes. O publico acolhia com o mais frenetico enthusiasmo todos os versos allusivos ao heroe, que se festejava. Os genios, descendo das nuvens, traziam inscripto em brilhantes e illuminados disticos o nome de lord Wellington, e os da Roliça, Vimeiro, Porto, Talavera, Cidade Rodrigo, Badajoz, Arapiles, etc. Dois annos havia que lord Wellington não tinha vindo á capital, e o publico, ávido de o ver e de o obsequiar, não cessava de o applaudir em todos os logares em que o encontrava, querendo-lhe assim manifestar por todos os modos possiveis a gratidão que o dominava, por ter livrado o paiz do terrivel jugo francez, que toda a nação tão alta e pronunciadamente detestava.

A vinda de lord Wellington a Lisboa foi pelos governadores do reino participada para o Rio de Janeiro ao principe regente em officio de 19 de janeiro de 1813 pela seguinte maneira: «Senhor! Destinando-se lord Wellington a vir de Cadiz a Lisboa para armar cavalleiro da ordem do Banho a mr. Suart, pediu um tiro de bestas para o esperar em Extremoz, e mudas com cavallos da casa real desde Montemór até Aldeia Gallega, que logo se apromptaram. E como era a primeira vez que elle entrava n'esta capital depois da sua famosa defeza de 1810 a 1811, e das outras assignaladas victorias, pareceu indispensavel fazerem-se-lhe os mais distinctos obsequios. Foram para Aldeia Gallega dois dos melhores escaleres, que havia á disposição do governo, apromptando-se-lhe carruagens e bestas para o seu serviço em quanto se demorasse. Pegaram em armas na Praça do Commercio todas

as tropas da guarnição, embandeirou-se a fragata *Perola*, que estava armada para o salvar na passagem, o que tambem fez o castello, preparando-se o palacio das Necessidades para sua hospedagem, e um jantar no palacio do governo para o dia seguinte. Saíu elle de Cadiz no dia 10 de janeiro, desembarcando no dia 16 no Caes das Columnas, d'onde foi a cavallo para o dito palacio. No seguinte dia, destinado para o jantar, teve a delicadeza de fazer primeiro a sua visita de formalidade ao governo, que se juntou antes do meio dia para o receber, como recebeu, vindo elle em ceremonia. Tendo-se recolhido ao sobredito palacio, voltou ás quatro horas, fez a ceremonia de armar cavalleiro o citado mr. Stuart, e depois passou ao jantar, para o qual se expediram convites ás pessoas mais notaveis de Lisboa, e altos empregados. Depois do jantar foi com o governo para o theatro de S. Carlos, onde se tinha feito a distribuição de alguns camarotes pela maneira seguinte: o governo com o marechal general occupava um; o marechal Beresford com o almirante Martin [1] occupava outro; os officiaes generaes inglezes e castelhanos outro; o corpo diplomatico outro, tendo sido distribuidos os mais camarotes e logares pela direcção, applicando-se o producto em favor da casa pia pela sociedade do mesmo theatro, a qual fez tudo gratuitamente. Principiou abrindo-se a real tribuna, onde se via o retrato de vossa alteza real, que todos os espectadores applaudiram com as maiores demonstrações de respeito. No dia 18 foi lord Wellington ao jantar, que lhe deu o marechal Beresford, e á noite ao baile e ceia, que houve em casa de mr. Stuart. Por tres noites houve luminarias voluntarias, e nos tribunaes uma por insinuação. Recebeu applausos do povo por quasi todos os sitios de Lisboa por onde passou, mostrando-se muito satisfeito da recepção que se lhe fez. Como se tinha demorado em Cadiz mais tempo do que contava, e sabendo que os exercitos francezes faziam alguns movimentos, julgou indispensavel apressar a sua partida para as

[1] Era o que no Tejo tinha substituido o almirante Berkley, que se havia retirado para Londres.

fronteiras, a fim de determinar o que mais lhe conviesse». Tendo offertado para a caixa militar a quantia de 4:000 pesos [1], embarcou-se no dia 20 de janeiro, que então caíu a uma quarta feira, no caes do Terreiro do Paço com destino a Villa Franca, onde foi jantar. A sua saída foi annunciada por salvas do castello de S. Jorge, e das embarcações de guerra. O concurso do povo no Terreiro do Paço era innumeravel, e os vivas só deixaram de o acompanhar quando se perdeu de vista. No dia 22 chegou a Abrantes, e no dia 27 entrou finalmente no seu quartel general de Freinêda.

Effectivamente lord Wellington ficou muito penhorado da brilhante recepção, que se lhe fizera em Lisboa, como foi participado a D. Miguel Pereira Forjaz por Francisco Sodré Pereira de Lemos Rangel, secretario particular portuguez do

[1] Lord Wellington, não tendo recebido da Hespanha senão affrontas e dissabores, nem lhe tendo os seus exercitos prestado até então serviço algum de importancia nas suas operações, ao passo que em Portugal achou tudo pelo contrario, sendo o exercito portuguez o que mais poderosamente concorreu para a sua reputação e gloria, pois a não ser esse exercito, jamais poderiam taes cousas elevar-se ao alto grau a que chegaram, nem elle Wellington emprehender contra os francezes cousa alguma de nome só com o exercito inglez, como se provou pelo desastre de sir John Moore, e pela propria acção de Talavera, onde elle Wellington nada mais fez que manter-se a muito custo na posição que tomára, todavia deu em Cadiz para as urgencias do exercito hespanhol a consideravel somma de 400:000 pesos fortes, ao passo que em Lisboa deu para a caixa militar tão somente 4:000, isto é, o exercito portuguez, não obstante os seus importantes serviços á causa dos alliados e o brilhante renome que ao mesmo Wellington havia dado, apenas lhe mereceu a centesima parte da consideração em que tinha o exercito hespanhol! Eis aqui portanto como lord Wellington retribuia já por aquelle tempo ao exercito portuguez os serviços, que por então lhe havia prestado, provavelmente só pela rasão de ser Portugal uma nação pequena, e a Hespanha uma nação grande, succedendo n'este caso o mesmo que tambem se observa nos individuos, em quem nunca se lhes galardoam os serviços que prestam pela importancia de similhantes serviços, mas unicamente pela posição e importancia social que têem esses mesmos individuos. Como quer que seja, certo é que a ingratidão do lord Wellington para com os portuguezes começava já a ser palpitante, não obstante serem elles os primordiaes fautores da sua grandeza e gloria.

mesmo lord, em carta de 4 de março de 1813 [1]. Alem do desvanecimento que isto lhe causou, tambem o não desvaneceu menos o cuidado que se punha na promptificação de uma baixella de prata com que os governadores do reino o queriam obsequiar, na conformidade do que tinham já participado para o Rio de Janeiro pelo seguinte modo: «Ácerca do soldo que se deve dar ao marechal general lord Wellington não ha exemplo que possa servir de regra a similhante respeito, por quanto o marechal general conde de La Lippe não recebia soldo, mas todas as despezas de mesa, cavallarice, etc. se faziam por conta da real fazenda, e no fim lhe deu o senhor rei D. José, de gloriosa memoria, um grande presente. O duque de Lafões, sendo promovido a marechal general, ficou comtudo percebendo o mesmo soldo de 300$000 réis por mez, que tinha como general junto á real pessoa; porém no

[1] Esta carta é a seguinte: «Ill.^mo e ex.^mo sr. D. Miguel Pereira Forjaz. Cumpre ao meu dever para com v. ex.ª segurar-lhe que me acho felizmente restituido ao quartel general, achando lord Wellington na melhor disposição em todo o sentido, e summamente gostoso com a minha chegada (tinha estado ausente por doença durante alguns mezes), e com quanto menciono, relativamente á sua obsequiosa recepção em Lisboa, com a qual se mostrou sobremaneira satisfeito e grato ás pessoas que se propunham ainda mais obsequia-lo, se o tempo d'esse logar. Não me esqueceu expressar-lhe a necessidade da carta, a qual com facilidade solicitarei e remetterei, se v. ex.ª me der uma pequena insinuação do seu teor, pois me persuado que deve ser concebida em termos taes, que deixe a todos *os departamentos do estado e ao povo* perfeitamente satisfeitos. Desejo muito que v. ex.ª mande promover com o maior vigor a promptificação da baixella: espera-se, e muito se diz n'este particular, que será cousa maravilhosa, e que se acabará d'aqui a quatro mezes. Não ha nada de novo: quando houver cousa importante, ou mesmo indicios reaes sobre qualquer assumpto, direi tudo em amizade a v. ex.ª As copias das cartas que se remettem, se não forem as que v. ex.ª pede, mande-mo dizer, e explicar quaes realmente quer, para eu logo as enviar. Rogo a v. ex.ª que me faça o obsequio de dar os meus mais respeitosos cumprimentos á ex.^ma sr.ª condessa do Vimieiro (era a esposa do mesmo D. Miguel Pereira Forjaz), e á ex.^ma sr.ª D. Maria Henriqueta. Peço ao mesmo tempo a v. ex.ª que creia que sou com sentimento de gratidão e respeito de v. ex.ª o mais verdadeiro e fiel creado.=*Francisco Sodré Pereira de Lemos Rangel.*

ue andou em campanha, fez-se-lhe a despeza de sua
ue importou em 14:388$814 réis, desde 15 de ja-
outubro de 1797. Ao marechal Beresford arbitrou-
ogo no principio como marechal dos exercitos o
que tinha o conde de Goltz, e o conde de Viomenil;
lo dar-se-lhe mesa, vistas as difficuldades que ha-
isso se fazer bem, e os grandissimos abusos a que
, assentou-se que era mais conveniente a todos os
dar-se-lhe uma certa quantia para mesa, em conse-
do que se lhe arbitraram 600$000 réis por mez,
s rações que lhe competem, o que seguramente é
enos dispendioso para a real fazenda, e livre de em-
de ser, ou não bem servido o general, porque elle
ja como quer. Para se dar agora a lord Wellington
lo que se dá ao marechal Beresford não parece de
lar-se-lhe mesa é quasi impraticavel no estado actual
sas e muito dispendioso, e sujeito a abusos, alem da
ade de fazer chegar os viveres ao seu quartel general,
volante. Pareceu pois que melhor seria fazer-lhe pre-
quivalentes, lembrando agora dar-lhe uma baixella
de 50:000 ou 60:000 cruzados, com um *plateau*
ás suas victorias e façanhas militares, o que temos a
e communicar a vossa alteza real, esperando que
a sua real approvação. A muito alta, etc. Lisboa no
do governo em 26 de março de 1811.=*Principal*
Conde do Redondo=*Carlos Stuart*=*Ricardo Ray-*
Nogueira=*D. Miguel Pereira Forjaz*».

das cousas mais difficeis de arranjar por aquelle
contento de lord Wellington e do marechal Beres-
o regular pagamento do exercito, no estado de mi-
a que por então se achavam as receitas publicas,
l Wellington julgava com toda a rasão que o regular
nto e pagamento de um exercito eram o mais bello
to do general que o commandava e o melhor meio
nter em disciplina: mas as difficuldades do governo
ez para poder custear as avultadas despezas da
vontade d'aquelles dois generaes não só eram gran-

des, mas até datavam desde alguns annos atrás. Estas despezas não comprehendiam só ás tropas de primeira linha, mas igualmente as de milicias, ou segunda linha, que como corpo auxiliar tinham prestado muito bom serviço ás operações do exercito. Em março de 1812, quando Marmont ameaçava invadir novamente a Beira, foram as milicias chamadas á actividade do serviço, devendo como taes ser abonadas dos seus respectivos vencimentos no immediato mez de abril. A força que por então comprehendia cada um dos seus regimentos em armas era a seguinte:

Milicias		
Nome das terras	Numero de praças	Observações
Lagos	866	De guarnição em Elvas.
Tavira	987	
Faro	936	Em Castro Marim.
Algarve	2:789	
Castello Branco	982	Em Castello Branco.
Idanha	1:054	Na Idanha.
Covilhã	890	Na Covilhã.
Arganil	1:213	Em Arganil.
Tondella	1:048	Em Almeida.
Vizeu	1:045	
Lamego	1:068	Em Lamego.
Arouca	1:031	Em Traz os Montes.
Trancoso	1:043	Em Trancoso.
Guarda	909	Na Guarda.
Beira	10:282	
Aveiro	1:078	Reunidas fóra do partido.
Oliveira de Azemeis	1:252	
Figueira	1:008	
Coimbra	1:100	
Porto	1:094	
Maia	1:152	
Penafiel	1:105	
Feira	1:084	
Partido do Porto ou Douro	8:873	

Nome das terras	Numero de praças	Observações
...rães	1:054	Em armas nas suas respe- ctivas terras.
....	1:221	
....	819	
...lo Conde..........	1:156	
....	1:103	
...los	1:153	
....	1:090	Em Valença.
...a..................	1:097	
....	8:693	
....	721	Em Campo Maior.
....	833	Em Elvas.
...Viçosa.............	881	No forte da Graça.
...egre	1:120	Em Marvão.
...ejo	3:555	
... occidental.........	1:010	Em Setubal.
...em.................	913	1.º Batalhão em Abrantes.
...ar	1:079	Idem.
...d..................	853	Em Elvas.
...r..................	983	
...nadura.............	4:838	
...s..................	1:088	Reunidas na provincia.
...Real	1:074	
...nça	1:100	
...da.................	1:092	
...rvo................	1:093	
...s Montes	5:447	

...tal da força de milicias em actividade de serviço em ...s provincias do reino era portanto de 44:478 ho-... Alem das milicias, que se mencionam acima, tinham ...ento duplo 427 praças dos regimentos de milicias de ... que tambem eram as que formavam as guardas da ... Os regimentos de Vizeu e Tondella, que se achavam ...neida, estavam então a ser rendidos por outros da ... provincia, e se achavam reunidos nas suas capitaes, ... as ordens dadas ao tenente general Bacellar. Os que

estavam de guarnição em Valença deviam ser rendidos de tempo a tempo[1].

Já se vê pois que sendo escasso o subsidio de 18 milhões de cruzados, que a Gran-Bretanha fornecia annualmente para custear as despezas dos 30:000 homens de primeira linha, que tomára a seu cargo sustentar, e sendo ainda muito mais escassos os 13 milhões e 500:000 cruzados, que tambem annualmente o governo portuguez fornecia para a caixa militar, o *deficit* occasionado pelas despezas da guerra forçosamente devia ser enorme, como effectivamente era, montando a 12 milhões de cruzados, d'onde resultava como natural consequencia o atraso dos pagamentos aos officiaes e praças de pret do exercito. Os governadores do reino, como mais atrás se viu, tinham ordenado por portaria de 10 de abril de 1811 a prorogação, emquanto durasse a guerra contra os francezes, da portaria de 2 de agosto de 1810, relativa á contribuição extraordinaria de defeza. Alem d'esta medida, os mesmos governadores do reino tinham tambem recorrido á expedição de uma outra portaria, com data de 28 de outubro do mesmo anno de 1811, pela qual foi mandada correr como legal uma porção de moeda de bronze, que ainda actualmente se acha no giro, forçados como se viam ao custeamento das enormes despezas da guerra, que tão superiores eram a todas as receitas publicas. Para inteiramente se ver a verdade d'esta proposição, bastará dizer que os rendimentos publicos de Portugal nos annos de 1812 e 1813 foram pela seguinte fórma:

1812

Alfandegas[2]	3.679:884$643
Decima	448:630$208
Contribuição de defeza	1.040:715$606
Total	5.169:230$457

[1] Officio do marechal Beresford, expedido de Badajoz ao governo na data de 29 de março de 1812.

[2] Era phenomeno digno de reparo que o rendimento das alfandegas do simples reino de Portugal fosse n'estes dois annos maior do que nos

1813

egas............................	4.601:045$256
a	693:575$130
buição de defeza.................	1.497:673$203
Total	6.792:293$589

es ao da abertura do commercio do Brazil ao commercio de to-
ıações, sendo d'antes os direitos da entrada o dobro do que de-
am, tendo fortes direitos de saida todos os generos do Brazil,
se reexportavam. Aqui transcreveremos pois os rendimentos
ndegas e da decima nos annos de 1796 a 1800.

Rendimento das alfandegas

estre de 1796............................	1.433:827$935
estre de 1796............................	1.717:624$961
Total do anno......................	3.151:452$896
estre de 1797............................	1.394:877$782
estre de 1797............................	1.794:236$627
Total do anno......................	3.189:114$409
estre de 1798............................	1.359:091$681
estre de 1798............................	1.535:738$042
Total do anno......................	2.894:829$723
estre de 1799............................	1.706:344$276
estre de 1799............................	1.749:496$695
Total do anno......................	3.455:840$971
estre de 1800............................	1.891:941$350
estre de 1800............................	2.285:572$456
Total do anno......................	4.177:513$806

Papel sellado

estre de 1799	36:000$000
estre (não se achou assento).	
estre de 1800............................	26:000$000

Rendimento da decima

estre de 1796............................	239:643$071
estre de 1796............................	297:214$929
Total do anno......................	536:858$000

Estas verbas que vem mencionadas n'um dos primeiros numeros do *Investigador*, não concordam com as que o ex-official da secretaria d'estado dos negocios da fazenda, Jacinto Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, apontou n'um seu relatorio, cuja parte connexa com este objecto vem transcripta no *Diario de Lisboa* de 30 de novembro de 1864. Segundo o que se lê no referido relatorio, a receita total do estado no anno de 1812 foi de 7.505:200$000 réis, importando a despeza, excluida a do exercito, em 2.339:695$400 réis: aba-

1.º Semestre de 1797	248:281$933
2.º Semestre de 1797	231:617$789
Total do anno	479:899$722
1.º Semestre de 1798	250:074$072
2.º Semestre de 1798	260:266$485
Total do anno	510:340$557
1.º Semestre de 1799	302:819$399
2.º Semestre de 1799	258:453$910
Total do anno	561:273$309
1.º Semestre de 1800	403:432$807
2.º Semestre de 1800	355:148$694
Total do anno	758:581$501
Decima ecclesiastica	
2.º Semestre de 1796 e 1.º de 1797	23:215$670
2.º Semestre de 1797	8:578$696

O rendimento das alfandegas e suas diversas mesas de arrecadação, segundo o calculo medio dos annos de 1801, 1802 e 1803, não passou de 3.940:953$384 réis. O da decima de todo o reino, segundo o mesmo calculo, não passou de 739:383$593 réis. No mesmo tempo, e segundo o mesmo calculo, o rendimento annual de todas as capitanias do ultramar, inclusivamente diamantes, quintos do oiro, marfim e urzella, não passou de 758:683$640 reis. Succedia isto n'um tempo em que, segundo era notorio, melhor se arrecadavam para o erario regio as rendas do estado, principalmente a decima. Ou a relaxação da cobrança era muita, ou o roubo, ou talvez ambas as cousas o eram. (Copiado do *Investigador* de agosto de 1813, pag. 312 do setimo volume.)

do esta d'aquella verba, fica de saldo para as despezas do
rcito a quantia de 5.165:504$600 réis, ou quasi 13 mi-
es de cruzados. A receita total do estado no anno de
3, segundo o mesmo relatorio, foi de 7.867:577$454
, importando a despeza, excluida a do exercito, em
80:100$000 réis; tirando esta d'aquella verba, fica de
lo para as despezas do exercito a quantia de réis
87:477$454, ou pouco mais de 16 milhões de cruzados.
ando-se porém esta ultima despeza a cargo do governo
tuguez em 10:000 contos, ou 25 milhões de cruzados,
a o *deficit* a ser no anno de 1812 de 4:800 contos, ou
milhões de cruzados, e de 3:600 contos, ou 9 milhões
cruzados no anno de 1813. Sendo portanto o *deficit* de
a tal magnitude em qualquer dos dois ditos annos de
2 e 1813, póde bem fazer-se idéa de quaes deviam ser
apuros do governo por aquelle tempo. Alguns cidadãos
ve que, abrasados em patriotismo, subscreveram para o
teamento da guerra com importantes donativos annuaes,
do o mais notavel de todos o barão de Quintella, cujo
ativo annual era de 30:000 cruzados, pagos em mezadas
1:000$000 réis. Com este mal se dava tambem um outro
bastante gravidade, tal era a falta de moeda circulante,
rasão da que incessantemente saía para fóra do paiz,
a importação de quasi todas as subsistencias, vestuario e
tros mais artigos, que vinham do estrangeiro[1], não po-

[1] Tendo a guerra diminuido muito a cultura do reino, não só pelas
eis invasões dos francezes, como pelos sacrificios necessarios para os
tinuados transportes dos exercitos, viram-se os governadores do
o obrigados a franquear ás nações estrangeiras a entrada dos gene-
de primeira necessidade. Este commercio elevou-se a um ponto tal,
o artigo mantimentos subiu no anno de 1811 á somma de 66 mi-
es e 622:000 cruzados, e no anno de 1812 a 54 milhões 323:000 cru-
os, introduzindo os americanos, só em generos comestiveis 34 mi-
es de cruzados. Confrontando a entrada do grão nacional no terreiro
lico no mez de fevereiro de 1812 com a do mez de fevereiro de
6, vê-se que n'este ultimo anno foi de 27:748 moios, e no de 1812
de 48:184 moios, evidente signal da consideravel decadencia em que
te ultimo anno ainda se achava a nossa agricultura. A entrada do

dendo similhante importação ser por modo algum compensada pela exportação, que por então equivalia a quasi nada[1].

Para melhor se conhecer que não ha exageração alguma em fixar as despezas da guerra na somma acima mencionada, iremos transcrever o officio, que sobre este assumpto o marechal Beresford dirigiu a D. Miguel Pereira Forjaz na data de 18 de março de 1812, officio que era da fórma e teor seguinte: «Ill.^mo^ e ex.^mo^ sr.—Em uma conferencia que tive com s. ex.ª, o marechal general lord Wellington, e com o ministro de sua magestade britannica, mr. Stuart, observámos nós que o subsidio de 18 milhões, fornecidos annualmente pela Inglaterra para as despezas da guerra, juntos com os 13 milhões e 500:000 cruzados, que das rendas de Portugal entram para a caixa militar, apenas fazem uma somma equivalente para pagar *metade das despezas*, que estão orçadas para a sustentação do exercito, durante a continuação da mesma guerra; e reflectimos que todos os mais recursos pecuniarios, que podem provir das diligencias do governo, como da renda dos novos impostos e donativos, nunca poderão sommar uma quantia, que possa vir a supprir as necessidades da guerra. Portanto nenhum outro meio nos resta para diminuirmos este defeito pecuniario, que o de pensarmos em economisar ainda sobre as despezas, as quaes já soffreram bastante diminuição pelo que pertence aos dois ramos do commissariado e thesourarias. Lembra-me pois que sendo a cavallaria uma arma tão dispendiosa, e havendo a falta de transportes, que v. ex.ª não ignora, de maneira que até se tem desmontado mais duas brigadas de artilheria,

grão estrangeiro no anno de 1796 foi de 66:738 moios, e em 1812 é 268:846. (Officio dos governadores do reino, dirigido para o Rio de Janeiro, n.º 268, de 15 de fevereiro de 1814.)

[1] A saída da moeda para paizes estrangeiros continuava por maneira tal, contra o disposto na ordenação, liv. v, tit. CXIII, que os governadores do reino tiveram de recommendar ao superintendente geral dos contrabandos todo o cuidado e vigilancia sobre este ponto, fazendo-lhe despertar a observancia da lei, pois de outro modo não podia haver no reino numerario algum no giro.

que poderemos apear dois regimentos mais de cavallaria, no que se acha commigo de acordo o marechal general; pois aindaque seja certo que se poderiam ainda achar alguns cavallos para a remonta da cavallaria, não os poderiamos haver sem se aprromptarem para isto os precisos dinheiros, que viriam a fazer falta para outras cousas igualmente urgentes. Por este modo calculando que diminuiriamos mil cavallos, e calculando tambem que para a conservação e sustento de cada dois cavallos montados se faz necessario uma besta de transporte, viremos a ter uma diminuição de 1:500 bestas no sustento, na conservação das quaes já se poupará uma consideravel quantia. Porém como deveremos conservar officiaes experimentados, para o caso de os termos quando se fizer necessario, e que os nossos meios nos permittirem montar novamente estes corpos, era minha idéa pôr nos regimentos que ficassem montados uma boa porção dos melhores officiaes dos corpos desmontados: quero dizer metter em cada corpo dois tenentes coroneis, dois majores e um subalterno de mais em cada companhia, de sorte que teremos assim quasi sempre o quadro dos seis regimentos apeados em officiaes de experiencia, sempre promptos para quando desejarmos remonta-los e refaze-los, e para não augmentarmos consideravelmente as despezas, que nos provierem d'este augmento de officiaes, proponho que os seis regimentos apeados tenham só um official superior, ou quando muito dois, quatro capitães e quatro tenentes para commandarem as companhias onde não houverem capitães, e oito alferes, o que será bastante para o numero de soldados, e para a natureza do serviço que hão de ter que fazer, o qual será sempre de guarnição. Não obstante nada pretendo fazer sem que v. ex.ª primeiro represente isto ao governo, e me communique qual seja a sua opinião». Esta medida foi approvada pelo governo, de modo que, tendo-se já apeado os regimentos de cavallaria n.º 2, 5, 8 e 9, foram por esta proposta do marechal Beresford apeados tambem os regimentos n.ºs 7 e 10, vindo portanto a empregarem-se activamente na guerra sómente os regimentos n.ºs 1, 4, 6, 11 e 12, porque

o mesmo regimento n.º 3 d'esta arma passou a fazer parte da guarnição de Elvas, como já vimos.

Terrivel era pois a situação financeira em que os governadores do reino se viam collocados para occorrerem ás urgentes despezas da guerra, e satisfazerem ás instantes requisições que lord Wellington e o marechal Beresford continuamente lhes faziam para regularisarem o pagamento dos soldos e prets do exercito. A contracção de um emprestimo em Londres foi portanto o expediente que mais obvio lhes pareceu, esperando que os ditos generaes e o proprio governo britannico, como tão interessados que eram na continuação da guerra, lhes prestariam para similhante fim o seu indispensavel apoio. Todavia bem longe de lh'o franquearem, fizeram-lhes uma decidida opposição, de que resultou mallograrem-se todas as diligencias feitas n'este sentido. Perdidas pois as esperanças do governo inglez garantir similhante emprestimo, o seu unico recurso foi o de se voltarem para o paiz, lançando um emprestimo forçado, que repartiram pelos negociantes do reino, em virtude da proposta ou parecer dado a este respeito pelo proprio lord Wellington. N'uma carta que de Freineda dirigiu ao principe regente de Portugal na data de 12 de abril lhe dizia elle sobre este ponto: «É um facto, meu senhor, que as grandes cidades, e mesmo algumas das mais pequenas povoações do reino, tem ganhado muito com a guerra. O commercio em geral tem-se enriquecido á custa das grandes despezas, que o exercito tem feito em dinheiro, havendo em Lisboa e no Porto alguns individuos que tem juntado enormes sommas. O credito do governo de vossa alteza real não está portanto em estado de poder tirar recurso algum d'estes capitaes, segundo as passadas e presentes circumstancias, senão por meio de imposições. O que se não póde negar é que os impostos, estabelecidos regularmente em Lisboa e no Porto, assim como a contribuição dos 10 por cento sobre o ganho da classe mercante, não tem regularmente sido pagos ao estado. O que tambem se não póde negar é que a medida por mim proposta, quando rigorosamente se execute nas

ades acima ditas, deixe de fornecer ao governo grandes
ursos pecuniarios[1]. Resta portanto ao governo expor a
sa alteza real as rasões que o embaraçam de a pôr em
tica, ou qualquer outro expediente que ponha as re-
as do estado em equilibrio com as suas despezas. Tudo
nto tenho dito relativamente ao atraso de pagamento
tropas é igualmente incontestavel. A unica rasão que
so suppor no governo para não ter adoptado as medi-
precedentemente indicadas é o temor de que não sejam
ulares; mas o conhecimento que tenho do bom senso e
lealdade dos subditos de vossa alteza real, a confiança
tenho n'elles, e o zêlo que pela causa de vossa alteza
me tem levado a engaja-los com os alliados, me levam a
recer-me não só como responsavel do feliz exito das me-
as que tenho aconselhado, mas até a assumir sobre mim
o o odio que d'ellas póde resultar». Do Rio de Janeiro
u portanto a approvação d'esta medida, sendo por esta
sa que os governadores do reino a ella recorreram, por
io do já citado emprestimo forçado. Mas este recurso es-
a por certo muito longe de poder só por si eliminar o
orme *deficit*, occasionado annualmente pelas despezas da
erra. «Reformae os vossos abusos, cobrae os actuaes tri-
tos com vigor e imparcialidade, e pagae as vossas dividas
tes de contrahirdes outras de novo, diziam os generaes
lezes aos governadores do reino, e assim o repete o co-
nel Napier na sua respectiva historia».

Em these facil era dizer estas banalidades; mas na pratica
ue era muito difficil fazer cousa util, e tal como convinha
circumstancias occorrentes. A não ser a classe dos nego-
ntes, todas as mais se achavam em lamentavel estado.
o só era impraticavel lançar novos impostos ás da industria
a lavoura, mas até mesmo effeituar a regular cobrança

Não era pois cousa chimerica ou irrealisavel, que a classe com-
cial de Lisboa e Porto, por muitos interesses que por então auferisse,
esse pagar tributos na importancia annual de 4.800:000$000 réis
supprir o *deficit*, occasionado pelas despezas da guerra? Só lord
lington e o seu panegyrista Napier o podiam assim julgar.

dos que já estavam estabelecidos. Nem uma, nem outra d'estas classes tinha braços sufficientes para a effectividade de seus trabalhos pelo consideravel desfalque em que se achava a população do reino, já por effeito da mortandade occasionada pelas tres successivas invasões dos francezes, já pela continuação da grande emigração que annualmente ia para o Brazil, e já finalmente pelo incessante recrutamento, que por toda a parte do reino se fazia para o exercito, e pelas repetidas requisições de transportes e bagageiros, sendo bem sabido que as bestas, carros e bois, que de qualquer comarca do reino saíam uma vez para este serviço, jamais voltavam a ella. Com que rasão pois o historiador Napier se conspira na sua obra com tamanho emphase e tão altivo entono contra o governo portuguez por não fazer saír milagrosamente do nada os rios de dinheiro, que tão precisos eram para se poderem adequadamente custear as despezas de uma guerra de que a Gran-Bretanha aspirava a tirar as extraordinarias vantagens, que no fim d'ella effectivamente tirou? Póde-se pois reputar como crime, desleixo ou erro não poder o governo portuguez haver ás mãos no meio de taes circumstancias a miraculosa vara de Moysés para dos vasios cofres do seu erario fazer manar com ella a torrente dos milhões, que elle e os generaes inglezes queriam que se lhes aprompatassem para custear despezas muitissimo superiores ás suas possibilidades? Por que não faziam tambem essas exigencias aos hespanhoes, e só as faziam aos portuguezes? Se justo era que se lhes fornecessem todos esses milhões, não era menos justo que attendessem ás impossibilidades, que para isso havia, sendo uma d'ellas proveniente de ministrar o governo inglez em generos, e outros diversos artigos, uma grande parte do subsidio que pagava a Portugal, fornecendo-lh'os por elevados preços e em quantidade muito superior ás precisões que havia, desfalcando assim a parte pecuniaria, que então era a da maior urgencia. É muito facil censurar aos que estão fóra das difficuldades os que dentro d'ellas se acham; mas remove-las, quando se luta com ellas, ou apresentar um meio pratico de proficuamente

remover, eis o que elle Napier, ou lord Wellington de-
m ter feito, e não fizeram, em vez de se constituirem rigi-
s e severos censores de incurias ou faltas irremediaveis,
que elles mesmos não remediavam, poisque o imposto
çado annualmente sobre a classe commercial, proposto
r lord Wellington, era muito inferior ao que se precisava,
no já notámos. Sabido é que lord Wellington e o ministro
lez Stuart tambem eram membros da regencia, tendo
lla voto em assumptos de guerra e de fazenda; e se as
sas podiam correr melhor do que corriam sobre estes
is ramos, por que o não faziam? E se o não podiam, ou
o sabiam fazer melhor, para que se constituiam asper-
nos censores, quando sobre elles mesmos recaíam em
ande parte essas suas censuras? Melhor era que o seu or-
lho e exigencias se calassem diante de uma ajustada pru-
ncia, em vez de investirem sem pleno e justificado motivo
que pela sua critica posição mais deviam lamentar do que
tigmatisar.

Entretanto não se póde dizer, absolutamente fallando, que
instancias de lord Wellington para se pagar ao exercito,
stas de parte as censuras, fossem a certos respeitos desar-
zoadas, á vista do consideravel atrazo em que elle por en-
o se achava nas proximidades da abertura da campanha do
no de 1813. E com effeito na data de 12 de abril d'este
no o soldo das tropas em operações achava-se por pagar
sde o mez de setembro proximo findo; o das de primeira
ha, empregadas nas guarnições, desde o mez de junho;
dos corpos de milicias, ou de segunda linha, em activi-
le de serviço, desde o mez de fevereiro. Os transportes
exercito nunca tinham sido pagos com regularidade,
a tendo recebido desde o mez de junho. Este estado de
sas era portanto lamentavel, e foi por esta causa que lord
llington amargamente se queixou para o Brazil ao prin-
regente, dizendo-lhe: «A honra dos exercitos de vossa
za real póde grandemente soffrer por causa d'este mal,
lo eu por muitas vezes chamado, mas em vão, a attenção
governadores do reino sobre este ponto». Mas se tão

consideravel atrazo justificava as exigencias de lord Wellington, tambem é certo que a impossibilidade das receitas ordinarias poderem custear as avultadas despezas de então era de tal ordem, que a côrte do Rio de Janeiro tomou por expediente mandar vender os bens livres da corôa, taes como terras, casas e outras similhantes propriedades, que já anteriormente tinha mandado vender, mas que ainda se não tinham vendido; igualmente mandava vender as capellas da corôa e as que fossem vagando, os bens proprios dos ausentes e de represalia, que existissem nas differentes comarcas; os bens proprios por execuções, que tambem n'ellas houvesse, etc., etc., devendo os productos de taes vendas entrarem no erario regio, e serem depois applicados para as despezas da guerra. O conde de Funchal pela sua parte insistia de novo no antigo projecto de recorrer a um emprestimo em Londres, garantido pelo governo inglez, chegando mesmo a propor que em Lisboa se estabelecesse um banco como o de Inglaterra[1]. Algumas outras cousas sobre este assumpto, propostas já pelo principal Sousa, o mesmo conde de Funchal as renovou igualmente por si, inclusivamente a da supressão de alguns conventos, e a venda dos seus respectivos bens, applicando-se as sommas que por elles se conseguissem para as despezas da guerra. Todas estas propostas foram por lord Wellington rejeitadas, allegando que por ellas nada mais se fazia que illudir o mal, sem lhe applicar o remedio.

Entretanto alguns dos bens da corôa, ou bens nacionaes, se venderam por então, postoque em pequeno numero, sem todavia se tocar ainda em propriedade alguma do clero regular[2]. Com falhas de receita e atrazos de pagamento se foram pois custeando do melhor modo possivel as consideraveis despezas da guerra, as quaes não só tinham posto em conf-

[1] Sabido é que nenhum banco havia por então estabelecido no reino, sendo sómente em 1823 que se creou o antigo banco de Lisboa, denominado hoje banco de Portugal.

[2] É um facto que o conde de Funchal era muito aferrado á idéa da total suppressão das ordens regulares, e para esse fim, ou elle, ou algum

ravel apuro o governo portuguez, mas igualmente o pro-
io governo britannico, que tambem sobre este ponto lu-
a com graves difficuldades. Daremos aqui de mão á ex-
isa e exaltada verrina que o tenente coronel Napier dirige
ntra o governo portuguez nos capitulos III e IV do tomo X,
ro XXIV da sua *Historia da guerra da peninsula*, bastan-
-nos tão sómente dizer, para prova da injustiça das suas
cusações pelas hostilidades suppostas dos governadores do
no contra lord Wellington, que a brilhante recepção que
ste general foi feita em Lisboa, depois que viera de Cadiz,
em grande parte promovida pelos ditos governadores,
no se prova pelo seu já transcripto officio, dirigido á côrte
Brazil com data de 19 de janeiro de 1813. Se pois havia
lisposição da parte da nação portugueza e do seu governo
ntra aquelle general, como é que o mesmo Napier explica
póde explicar por plausivel maneira os applausos com que
Lisboa foi sempre recebido por parte dos seus morado-
s durante todas as vezes que veiu a esta capital? Cremos
e se verdadeira fosse essa indisposição, não podia dar-se
milhante circumstancia, por ser incompativel uma com ou-
a cousa. O mesmo Napier diz-nos mais que o partido de-
ocratico em Hespanha, aliás adverso a lord Wellington,
andára emissarios a Lisboa para n'ella promoverem igual
scontentamento contra elle, e que a regencia portugueza,
rrificada por uma tal circumstancia, se entendêra com
. Stuart para lhes embaraçar o bom exito da empreza
n que cá vieram. Se isto é assim, como elle diz, como
de ser verdade que os governadores do reino estivessem
aberta hostilidade contra lord Wellington, e ao mesmo
npo tratassem de mallograr os esforços, que os democra-
hespanhoes, seus inimigos, empregavam para o pro-
esso do descontentamento dos portuguezes contra o dito
d? Cremos firmemente pela nossa parte que estas duas

elle influido, publicou no volume IX do *Investigador portuguez* em
dres, no folheto de julho de 1814, e no primeiro do X volume, uma
noria tendente a similhante fim.

cousas mutuamente se destroem uma á outra, e á vista d'isto que tal hostilidade não existia, sendo portanto calumnioso para os governadores do reino o que contra elles diz na sua obra o dito tenente coronel Napier, tendo para nós que mais se notava n'elles abjecção e servilismo, do que opposição e guerra contra lord Wellington.

Profundando ainda mais a questão, acrescentaremos aqui ao que já fica dito, que nos despachos impressos do referido lord apenas se encontram as queixas feitas por elle contra os governadores do reino, não pelas hostilidades que depois de 1811 lhe fizessem, mas sómente pelo atrazo em que se achavam os pagamentos do exercito portuguez. Se pois houvesse tal hostilidade, ou da parte dos portuguezes, ou da dos governadores do reino, algum dos seus despachos a havia de patentear, ou á côrte do Brazil, ou ao proprio governo britannico; mas nenhum se lhe encontra que a manifeste, e apenas o dirigido ao principe regente de Portugal na data já citada de 12 de abril de 1813 falla do referido atrazo de pagamentos em que se achava o exercito portuguez, nada dizendo das hostilidades contra elle, quer da parte do governo, quer da dos portuguezes, despacho que o mesmo Napier transcreve na sua obra. Tambem da parte do governo britannico nenhumas provas ha da existencia de taes hostilidades, antes as ha da mais cega subservivencia da parte dos portuguezes e da dos governos de Lisboa e do Brazil para com elle, pois se assim não fosse, não era provavel que lord Liverpool deixasse de dar d'isso alguns indicios, particularmente quando elle proprio na sessão do parlamento de 14 de abril de 1813 lhe foi pedir a continuação dos subsidios para Portugal. Em vez pois d'esses indicios, o que no seu discurso se viu foram decididos elogios ao governo portuguez, expressando-se pela seguinte maneira: «Que a medida a que se referia a communicação real era em substancia a mesma que fôra adoptada pelo governo de sua magestade, e promovida pelo parlamento para se dar um efficaz e muito saudavel soccorro ao governo de Portugal. Julgo que é desnecessario tomar o tempo a suas senhorias com a enumera-

ção das differentes considerações que tem occasionado a medida proposta. *Todavia não ha exemplo de subsidio, concedido a potencia alguma, que tenha sido empregado, fazendo maiores, ou mais consideraveis esforços do que os do caso de que se trata.* Grandes e consideraveis esforços podem ter sido feitos em outros casos, mas n'este, segundo o systema que se adoptou já desde alguns annos, o governo portuguez foi habilitado a crear e a estabelecr uma força militar, *que rivalisa até com as mesmas forças da Gran-Bretanha em valor, disciplina, e em todas as mais vantagens de um exercito.* Sem cansar mais a attenção de suas senhorias, queria sómente propôr um recado de sua alteza real, o principe regente, assegurando-lhe que a camara é altamente sensivel ás importantes vantagens que resultam do soccorro com que sua magestade auxiliou o governo portuguez na ultima campanha, e que suas senhorias concorreriam contentes para habilitar sua alteza real a continuar o mesmo apoio áquelle governo no presente anno, e a habilitar as potencias alliadas a fazerem novos esforços na peninsula a favor da causa geral». O recado acima indicado foi lido por lord chanceller e votado immediatamente pela camara dos communs sem discrepancia alguma.

Á vista pois do exposto parece-nos que quasi tudo quanto o tenente coronel Napier diz nos citados capitulos da sua historia sobre o ponto em questão não passa de uma pura ficção, filha talvez da ignorancia dos factos occorridos, e póde ser mesmo que filha da sua constante má vontade, tanto para com os portuguezes, como para com os governadores do reino. Se pois é inquestionavel que ao tempo a que o historiador Napier se refere ainda não havia em Portugal decidida hostilidade contra os inglezes, não se póde todavia negar que o seu orgulho e actos de ingratidão para comnosco tinham já começado a formar entre nós uma decidida opinião contra elles, opinião originariamente filha do escandaloso procedimento com que o governo britannico tratou Portugal em 1802, sanccionando a alienação de Olivença pelo seu tratado de Amiens com a França, alienação que de facto tornou a sanccionar em 1811, quando, tomando-se aquella

praça ás tropas francezas, os seus generaes a entregaram, não obstante isto ao governo hespanhol, desattendendo todas as reclamações dos portuguezes para que tal entrega se não effeituasse[1]. Eis os resultados da illimitada confiança, que tão cega e loucamente se tinha posto no cavalheirismo e generosidade, tanto do governo britannico, como do proprio lord Wellington, tudo isto filho de se não ter previamente feito com o dito governo tratado algum, ou convenção que regulasse as reciprocas obrigações e vantagens entre um e outro paiz, quando em 1808 os portuguezes se levantaram contra o jugo da França. Como já vimos, um exercito inglez veiu então desembarcar no nosso territorio, sem que ao embaixador portuguez em Londres lembrasse estabelecer as bases, ou regular as condições da vinda de simílhante exercito, nem especificar o caracter, ou o papel que entre nós elle vinha fazer. Seguiu-se a isto o emprego dos officiaes inglezes nas fileiras do nosso proprio exercito no seguinte anno de 1809, tendo por fim organisa-lo e disciplina-lo, de que re-

[1] O desembargador do paço, auditor geral do exercito, José Antonio de Oliveira Leite de Barros (o terrivel e feroz conde de Basto, ministro do infante D. Miguel desde 1828 por diante), apenas se tomou Olivença, requisitou logo ao marechal Beresford que pelo paragrapho antepenultimo do manifesto que o principe regente fizera no Rio de Janeiro em 1 de maio de 1808 se devia entender derogado o artigo 3.º do tratado de Badajoz, convencionado aos 6 de junho e ratificado aos 14 do mesmo mez do anno de 1801, artigo por que o dito principe cedêra a el-rei catholico D. Carlos IV, a praça de Olivença e seu termo. O mesmo Beresford, remettendo aos governadores do reino a copia do officio do desembargador Leite de Barros, disse-lhes que só ao governo portuguez competia decidir a materia, tratando sobre este particular, quando necessario fosse, com o ministro de Hespanha em Lisboa. A regencia mandou então a seu turno para o Rio de Janeiro a copia dos officios de Leite de Barros e Beresford, e em consequencia da resposta do conde de Linhares, os governadores do reino officiaram depois a lord Wellington, o qual tambem se recusou a mandar-nos entregar a dita praça, promettendo que no fim da guerra empregaria os seus bons officios para que se nos restituisse, como o testifica o *Correio braziliense* n'um dos seus artigos do anno de 1813. Mas esta promessa a cumpriu lord Wellington, como o seu governo tem cumprido as que pela sua parte nos tem feito, quando algum interesse real o não leva a isso.

sultou pôr-se dentro de um anno em estado de operar como auxiliar d'aquelle que tinha vindo em seu auxilio, e no qual o encorporaram, sem que os governadores do reino tambem pela sua parte se lembrassem de fazer algum tratado, ajuste ou convenção com o governo britannico sobre este ponto.

Dirão talvez alguns que a situação de Portugal assim por então o requeria. Póde ser que assim fosse, não disputaremos o ponto; mas é fóra de toda a duvida que se o governo de Lisboa e o do Brazil tivessem procedido com mais alguma dignidade e pundonor nacional; se não tivessem deixado apesinhar-se tanto e tão indignamente pelo governo britannico, pelos seus generaes e ministros representantes, Portugal teria seguramente feito no fim da guerra uma figura pelo menos igual á da Suecia, cujo exemplo se devia ter imitado, fazendo com a Gran-Bretanha tratados tão vantajosos como aquella potencia fez com os alliados do norte da Europa, para com elles entrar em campanha em 1813, tratados por que se lhe garantiu a annexação da Noruega aos seus estados, o que lhe concederam, em prejuizo da Dinamarca, á qual d'antes estava annexa, não obstante ser a mesma Suecia um reino, que tanto em relação ao numero dos seus habitantes, como á importancia do seu commercio, não estava por certo em melhores circumstancias do que Portugal. Póde talvez desculpar-se não cuidarem os governadores do reino de regularem por meio de um tratado a annexação do exercito portuguez ao inglez emquanto se tratava de libertar o paiz do jugo da França; mas desde que em 1812 o exercito luso-britannico passou a ser empregado unicamente na libertação da Hespanha, na tomada das suas praças ao inimigo, e na expulsão dos francezes para fóra do seu territorio, não fazerem n'este caso um tratado, pelo menos com o governo hespanhol, sequer para garantia da restituição de Olivença, é cousa que não tem desculpa alguma. Regou-se pois o territorio hespanhol com o sangue portuguez, que n'elle abundantemente correu em proveito da Hespanha, onde o nosso exercito effectivamente o derramou em extraordinaria copia por espaço de dois para tres annos continuos; trium-

phou-se finalmente, morrendo milhares de portuguezes em sua defeza; gastaram-se por esta causa com a manutenção do exercito durante aquelle tempo mais de sessenta milhões de cruzados, para no fim de tantos sacrificios Portugal não retirar, nem ao menos a mesquinha vantagem de se lhe restituir o que era seu antes da guerra! Eis-aqui pois como este reino era por aquelle tempo governado, inteiramente escravo dos interesses britannicos, cujo governo tratou constantemente Portugal como Sparta tratava na antiguidade os illotas, não reconhecendo nos portuguezes mais que a obrigação restricta de o servirem submissamente, sem nada lhe importar com os seus interesses. É isto o que manifestamente nos dizem os factos.

Deixando porém estas cousas, perennaes monumentos das nossas miserias governativas, e que só servem para provarem a grande falta de homens, que então merecessem, como muitos dos de hoje talvez mereçam tambem, estar entre nós á testa dos negocios publicos, retomaremos o fio da nossa historia, dizendo, depois de um tão justo desabafo dos nossos sentimentos patrioticos, que foi tal o empenho em organisar as tropas inglezas e portuguezas, em reparar-lhes as faltas, e em as disciplinar durante o inverno de 1812 a 1813, que no mez de abril d'este ultimo anno lord Wellington se julgou em estado de poder recomeçar activamente as suas operações e abrir portanto a campanha do dito anno de 1813 com grande probabilidade de feliz resultado, porque insistindo Napoleão Buonaparte em prestar sómente a sua attenção á reparação dos desastres, que no norte da Europa experimentára, e á vingança que por causa d'elles buscava tirar da Russia, persistiu em reputar como secundaria, não obstante ser a que devia ter na conta de primaria, a guerra da peninsula, e por conseguinte a proporcionar ao exercito luso-britannico a continuação dos seus notaveis triumphos. Emquanto pois lord Wellington se preparava para a sua futura campanha de 1813, Napoleão tambem pela sua parte fazia em Paris outro tanto com o mais decidido empenho, desenvolvendo para este fim, a par dos recursos da sua

grande intelligencia, os inimitaveis esforços da sua extraordinaria actividade, e os grandes meios que lhe proporcionava a França. Em Hespanha tinha o mesmo Napoleão uma força de 270:000 homens: esta força a julgava elle mais que bastante para conter um exercito apenas de 78:000 homens, que era o mais que lord Wellington lhe podia apresentar em campo entre inglezes e portuguezes. Em 1812 antes de marchar para a Russia, havia chamado ás armas a conscripção de 1813, o que desde logo lhe deu 140:000 homens, que nos depositos do Rheno se achavam já na primavera d'este mesmo anno com tres mezes de disciplina e instrucção militar, e portanto aptos para preencherem os quadros dos corpos, desmantelados pela retirada da Russia. Alem d'esta força, Napoleão formára, haveria pouco mais ou menos um anno, cem cohortes das guardas nacionaes da primeira plana, ou as tiradas d'entre os cidadãos validos das classes mais vigorosas, o que igualmente lhe fornecia cem bons batalhões de homens feitos e já disciplinados. Verdade é que, segundo a sua instituição, elle os não podia obrigar a servir fóra das fronteiras da França; mas insinuando a alguns d'estes batalhões o pedirem a honra de os mandar juntar ao grande exercito em operações, pedido que seria deferido por uma decisão do senado, podia por este meio haver mais 100:000 homens de vinte dois a vinte sete annos, vindo portanto a ter desde logo um exercito de 240:000 homens, que dentro de um mez podiam todos estar sobre o Rheno, dentro em dois sobre o Oder, e dentro em tres sobre o Vistula.

Era porém da sua mente reunir uma força de 500:000 homens para com elles se oppor ás forças da Russia, e para conseguir este fim pediu ao senado um recrutamento de mais 350:000 homens, que sem difficuldade alguma lhe foi concedido. Tendo alcançado isto, tratou logo de reorganisar os antigos exercitos de Davoust e Victor, a que se seguiu crear por meio das cohortes nacionaes e dos regimentos provisorios, tirados da conscripção de 1813, quatro novos exercitos, um dos quaes foi posto sobre o Elba, debaixo do com-

mando do general conde de Lauriston, dois sobre o Rheno, debaixo das ordens dos marechaes Ney e Marmont, e finalmente um em Italia, confiado ao commando do general Bertrand. Uma das cousas de que Napoleão muito carecia era de officiaes velhos, ou affeitos já ao serviço militar, bem como de soldados veteranos, para por meio d'elles poder dar consistencia aos recrutas, e por esta fórma ter com toda a brevidade um verdadeiro exercito para com elle entrar em campanha. Para obter uns e outros teve de recorrer á Hespanha, d'onde tirou cento e cincoenta quadros de batalhões e uma divisão da nova guarda, tudo gente escolhida e a mais notavel, tanto pela sua coragem, como pela sua conducta. Em troca das tropas que assim tirou da peninsula, mandou para ella a reserva que tinha em Bayonna, fazendo organisar n'esta mesma cidade uma nova reserva, que no mez de maio foi tambem substituida por outras levas, destinando para a mesma peninsula, alem d'estes reforços, mais 20:000 recrutas, tiradas da conscripção, a que mandára proceder. Foi nos quadros, tirados assim da Hespanha, que elle fez entrar as cem cohortes das guardas nacionaes, convertidas por elle em tropas ordinarias. A remonta e o recrutamento da cavallaria foram as cousas que maior difficuldade lhe offereceram, cousas a que tambem se juntava a difficuldade proveniente do restabelecimento da artilheria e do material do exercito, que tinham sido inteiramente destruidos na retirada da Russia. Consideraveis thesouros se consumiram portanto no arranjo de todos estes objectos, sendo tão extraordinaria a actividade de Napoleão, que parecia bater com o pé no chão, e fazer saír logo do centro da terra ao som da sua magica voz legiões armadas. Por este modo pôde o mesmo Napoleão em abril de 1813 apresentar em campo contra a Russia um exercito para mais de 300:000 homens, sem contar as guarnições que deixára na linha do Vistula, e portanto nas praças de Dantzick, Thorn, Medlin, Zalmosk, Czenstochan, guarnições augmentadas então pelos restos do grande exercito, que n'estas mesmas praças se refugiaram: na linha do Oder, que era a sua segunda linha, tinha igualmente guar-

necidas e aprovisionadas as praças de Stettin, Custrin, Glogau e Spandau; e na do Elba, sua terceira linha, tinha da mesma fórma guarnecidas Torgau, Wittenberg, Magdebourg e Hamburgo.

Passando agora ao exame dos negocios do norte, começaremos pela Prussia, para onde os russos, durante este tempo em que Napoleão se preparava para os combater, avançavam sem opposição alguma, desejando que com a sua presença aquella potencia se decidisse abertamente a fazer causa commum com elles. A maneira por que a França havia tratado a Prussia, as contribuições excessivas que lhe tinha imposto, as ameaças que lhe fizera de a riscar da linha das nações, a occupação violenta das suas fortalezas, e finalmente a privação de todos os seus direitos de independencia, imposta pelos da conquista e da força, eram cousas que necessariamente haviam de levar aquelle estado a separar-se na primeira occasião opportuna de uma alliança dominadora, ignominiosa e oppressiva no mais alto grau. Verdade é que Napoleão na sua adversidade tomou o partido de se mostrar confiado na amisade do rei da Prussia, amisade que desdenhára cultivar na sua prosperidade: não é portanto de admirar que o rei Frederico Guilherme desdenhasse tambem pela sua parte de se associar a Buonaparte quando o viu em desgraça, mas desgraça que lhe proporcionava um meio de se livrar do seu duro e pesado jugo. Todavia justo é dizer-se que o rei da Prussia não foi traidor aos seus compromissos: alliado violentado e opprimido pela força, como effectivamente foi da França, entrou como auxiliar na guerra d'esta potencia contra a Russia, guerra que se devia reputar concluida desde a total derrota de Napoleão, e como no fim d'ella os seus dominios se achavam inteiramente expostos á devastação dos russos, tratar de evitar este grande mal, e por este meio recuperar igualmente a sua liberdade e a independencia da nação que regia, é cousa que lhe não póde ser estranhada. Sabido é que quando em 1792 a França se achava interiormente agitada pela revolução, e exteriormente ameaçada por um formidavel exercito estrangeiro, a Prussia foi

das primeiras potencias que se declararam contra a França, se é que não foi a primeira. Em 1805 uma nova coallisão se armou contra a republica: os exercitos da Austria atravessaram o Danubio e tomaram posse da Baviera, e os da Russia, passando o Niemen, avançaram para o Vistula. A Prussia, que desde a paz de Bâle em 1795 fazia o papel de neutral, dispoz-se a tomar parte na luta, não chegando a declarar-se abertamente, em rasão das batalhas de Ulm e Austerlitz, a que depois se seguiu a paz de Presburg, assignada aos 10 de dezembro do mesmo anno de 1805, paz que trouxe para a casa de Austria novas e sensiveis perdas de territorio, e por fim a reunião que em 12 de julho de 1806 teve logar, debaixo da protecção da França, dos quatro principes do meio dia e de oeste da Allemanha, bem conhecida pelo nome de *confederação do Rheno*, transformando-se a denominação de *imperador da Allemanha* na de *imperador da Austria*, que até hoje se conserva.

Esta grande ascendencia que a França tomára sobre a Allemanha intimidava justamente a Prussia, levando-a a ligar-se com a Russia para expulsar os francezes da mesma Allemanha, empreza em que foi vencida aos 14 de outubro de 1806 pela batalha de Jéna, a que se seguiu a entrada dos vencedores em Berlin e a occupação por elles feita das fortalezas prussianas, pondo termo a esta memoravel campanha a paz de Tilsit, assignada aos 7 de julho de 1807, paz por que a Russia igualmente se submettêra á França. Não admira pois que tendo a Prussia sido alliada da Russia na sua adversidade, facilmente accedesse aos convites d'esta potencia para de novo se ligar com ella na sua prosperidade. Nas vistas de effeituar esta ligação saíu o rei da Prussia de Berlin aos 22 de janeiro de 1813, retirando-se para Breslau, onde não havia tropas francezas, que lhe podessem fazer o mesmo que Napoleão fizera á familia real da Hespanha. Apenas ali chegou, dirigiu logo uma allocução ao seu povo, convocou os seus exercitos, e deu por este modo o signal de um geral rebate ao patriotismo dos seus subditos. O embaixador francez foi no entanto convidado para seguir o rei a Breslau, onde logo se

levantou um grande numero de questões entre o dito embaixador e o gabinete prussiano. Este, não obtendo resposta satisfactoria, assignou no 1.º de março um tratado de alliança offensiva e defensiva com a Russia, constituindo com ella e a Inglaterra o nucleo da *sexta coalisão,* como já superiormente dissemos. No dia 15 do dito mez de março o imperador Alexandre chegou a Breslau, sendo tocante a entrevista que estes dois soberanos ahi tiveram; o rei da Prussia chorou, mas Alexandre, quando isto viu, disse-lhe: *Coragem, meu amigo, essas lagrimas espero eu que sejam as ultimas que Napoleão vos faça derramar.* No dia 16 de março a Prussia declarou definitivamente guerra á França, declaração que Napoleão recebeu com aquella serenidade de espirito, propria de um homem que já esperava isto desde algum tempo; a sua resposta foi: *Mais vale um inimigo declarado, do que um alliado vacillante.* Os prussianos, desenvolvendo desde então grande enthusiasmo, applaudiram pela sua parte a resolução do seu monarcha. Inflammados pelo justo desejo de restituirem a liberdade á sua patria, de prompto correram ás armas contra a França, tendo como santa a guerra, que contra ella íam encetar.

O resentimento e o desejo da vingança, que d'elle dimana, reconcentrados com a mais justa causa no coração dos prussianos, romperam finalmente n'uma ardente explosão, tal como a de um volcão. Os mancebos de todas as classes apressadamente correram a encher as fileiras do exercito, esquecendo as antigas distincções de nascimento, ou dando-as mesmo por abolidas de facto, não fazendo questão de nenhuma outra cousa senão de saberem se tinham ou não os precisos meios e uma vontade prompta e decidida de libertar o seu paiz. A falta de dinheiro e a de artilheria foram as duas maiores difficuldades que o rei Frederico Guilherme teve a vencer para poder apromptar o seu exercito, que effectivamente apromptou dentro em poucas semanas, dando-lhe para commandante em chefe em tão critica conjunctura o celebre Blücher, o qual, tendo encetado a carreira das armas debaixo das ordens do grande Frederico, era elle den-

tro do pequeno numero dos generaes prussianos o que depois da batalha de Jéna continuára ainda a sustentar a passada gloria militar do seu paiz. Combatendo até ao ultimo dia de esperança, cheio de grandeza de alma e de amor pela sua patria, foi depois condemnado á obscuridade durante a dominação franceza, effeito dos odios de Napoleão contra elle, não lhe podendo perdoar, como caracter ardente e inflexivel, a patriotica conducta com que se havia opposto ao seu colossal poder. Similhantes homens o mesmo Napoleão os olhava como seus inimigos pessoaes, debaixo de qualquer ponto de vista, e fazendo-os vigiar de perto pela policia, só d'elles se reputava seguro, lançando-os na mais profunda obscuridade.

Blücher nem se tinha distinguido na sciencia da guerra, nem se fazia notavel pelos seus planos de operações no campo; para o desempenho d'estes deveres foi nomeado Scharnhorst, e depois d'elle Gueisenau, homens perfeitamente conhecedores da estrategia. Mas no campo da batalha ninguem mais do que Blücher tinha a arte de ganhar a confiança intima dos soldados e em mais alto grau. Sendo o primeiro no ataque, e o ultimo na retirada, raras vezes se ensoberbecia pela victoria, nem jamais se abatia pelos revezes: derrotado hoje, estava no outro dia prompto para dar uma nova batalha. No seu exercito nunca se víra que divisões inteiras depozessem as armas por julgarem a sua linha rota ou o seu flanco torneado. Tinha para si como systema que a arte de se bater contra o inimigo consistia, em grande parte, em dar e receber grandes golpes, e em todas as occasiões sempre lesto e afouto se apresentava a este sanguinolento exercicio. Quando mancebo servira na cavallaria ligeira, serviço onde adquiriu a sua maravilhosa vigilancia, sendo tão activo e emprehendedor, que o proprio Napoleão se queixou d'elle com aquelle tom de sarcasmo que lhe era proprio, dizendo *que tivera mais trabalho com este velho hussard dissoluto, do que com todos os outros generaes dos alliados reunidos*. Ulcerado profundamente pelas injurias que o seu paiz tinha recebido do imperador Napoleão, e ulcerado

não menos pelo seu proprio exilio, Blücher entrou de todo o seu coração na liga contra a França e o mesmo Napoleão, começando logo a campanha com o mesmo azedume e animosidade que antigamente animaram Annibal contra os romanos. De reforço á Prussia e á Russia apparecia tambem a Suecia, como já notámos, mediante o tratado que para isto houve, ou antes apparecia por parte da Suecia o principe real Bernadotte, contra o qual Napoleão mostrou desde então maior animosidade do que contra o proprio rei da Prussia, porque se tinha a este na conta de um vassallo rebelde e ingrato, aquelle era por elle olhado como um francez refugiado, que tinha renegado a sua patria, á qual passava a fazer dura e encarniçada guerra, como se lhe fosse estranho. Todavia a Suecia não entrou na liga sem a formal promessa da acquisição da Noruega, como tambem já notámos.

Fôra o plano dos russos obrigar os francezes a retrogradar de Posen para Francfort sobre o Oder; a marchar tambem sobre Varsovia, e d'aqui sobre Cracovia, e depois sobre a Silesia, que envolvida pelas suas duas extremidades, não podia deixar de caír nas mãos de Alexandre. As suas aspirações ainda íam mais ávante, pretendendo, depois da sua marcha sobre o Oder, seguir de lá ás margens do Elba, desembaraçando pela sua direita Berlim e Hamburgo, e pela sua esquerda Dresde. Alguns generaes houve que reputaram temerario similhante plano, por terem de deixar atrás de si na mão dos francezes Dantzick e Thorn com 30:000 homens de guarnição, bem como Stettin, Custrin, Glogau e Spandau, que tinham outros 30:000, sendo portanto necessario deixar forças para sitiar estas praças, operação que não podia deixar de lhes absorver menos de 40:000 homens, alem de mais 20:000 a 30:000 destinados a Varsovia e aos austriacos, que ainda por então continuavam a ter pela sua frente como inimigos, restando-lhes apenas 80:000 para as suas operações livres contra os francezes, os quaes, quando se repellissem do Oder para as margens do Elba, sobre este rio se iriam concentrar, d'onde seria difficil aos russos, enfraquecidos pelas suas anteriores marchas

e operações, obriga-los a retirarem-se: todavia a nada d'isto se attendeu, proseguindo-se na execução do ideado plano. O mez de janeiro de 1813 fôra empregado pelo imperador Alexandre em se dirigir sobre o Vistula por Suwalky, Willenberg, Malwa e Plock, marchando entre a Polonia e a antiga Prussia. Em Plock se demorou elle desde 5 até 9 de fevereiro, d'onde então seguiu para Breslau a encontrar-se com o rei da Prussia, como já dissemos. Tendo pois os russos ganhado a Lithuania, tomado posse de Varsovia, e d'esta parte da Polonia, que Napoleão desmembrára da Prussia, seguiram de lá para o Oder, e depois para o Elba, deixando algumas das suas tropas empregadas effectivamente nos sitios das differentes fortalezas occupadas pelos francezes. Em consequencia da approximação dos russos, o principe Eugenio foi obrigado a deixar Berlim, onde se achava, para se dirigir ao Elba.

Emquanto as tropas ligeiras russas e prussianas percorriam assim a Allemanha, ou pelo menos as suas provincias de oeste e do norte, sendo por toda a parte acolhidas como libertadoras, o rei da Suecia, em virtude da convenção ou tratado concluido em Abo, passou a Stralsund no mez de maio de 1813 com um contingente de 35:000 homens, esperando desinquieto pela juncção das forças russas e allemãs, destinadas ao seu commando, forças que se elevariam na totalidade a 90:000 ou 100:000 homens. Com similhantes forças o principe da corôa da Suecia se propunha tomar a offensiva e reduzir Napoleão, logoque entrasse em campanha, á necessidade de se defender simultaneamente pelo seu flanco esquerdo e pela sua frente contra os exercitos russos e prussianos que contra elle marchavam. As proclamações de independencia, publicadas pelos alliados, por toda a parte do seu transito lhes tinham grangeado amigos, e tres corpos de caçadores, commandados por Czernicheff, Tettenborn e Winzingerode, espalharam-se profusamente pelas duas margens do Elba. Os francezes retiraram-se de todas as partes para se abrigarem debaixo dos muros de Magdebourg e de outras mais praças fortificadas que ainda possuiam. Po-

uelle mesmo tempo Hamburgo, Lubeck e varias outras ci-
les apressadamente se declararam em favor dos alliados,
lhendo as suas tropas com extraordinaria alegria, sendo
nburgo a que mais particularmente n'isto se distinguiu.
a obstar a esta grande defecção o general francez Morand,
da Pomerania se retirára para Hamburgo com cousa de
00 homens, com elles correu sobre Lunebourg, que tam-
i se declarára pelos alliados. Achava-se já dentro da pra-
e, segundo se diz, prompto a estabelecer n'ella tribunaes
tares para punir os crimes politicos dos cidadãos, aucto-
da reacção contra a França, quando, apparecendo os
sos, commandados pelo activo Czernicheff, abriram de
da na mão caminho para dentro da praça, onde entra-
no dia 2 de abril de 1813, matando ou aprisionando
o corpo do referido Morand, inclusivamente a elle,
ficou mortalmente ferido.
om a declaração da guerra á França feita pelo rei da
ssia no dia 16 de março, é um facto que toda a Allema-
profundamente se abalou, sendo immenso o effeito que
só produziu n'aquelle paiz, mas até mesmo em toda a
opa. O bom exito das primeiras operações militares dos
dos affervorou por tal modo o rompimento da reacção
ra a França, que os seus mais zelosos partidistas parece-
dispostos a abandonar de prompto a sua causa. A Dina-
ca começou então a querer tratar com os alliados, ou a
r demonstrações para isso. Os patriotas allemães mani-
ram por então mais do que nunca a sua grande alegria
thusiasmo, fundado nas suas lisonjeiras esperanças de
proximo triumpho, entendendo por tal motivo que a
nia, a Baviera e o Wurtemberg, com todos os principes
tados escravos da França, deviam promptamente imitar
nducta da Prussia, e portanto abraçar a coalisão geral.
desejo de accelerar este resultado o exercito russo de
genstein teve por incumbencia perseguir sobre Magde-
g e Wittemberg a retaguarda do principe Eugenio, que
então conduzia as reliquias do exercito francez, vindas
issia, emquanto que os coroneis Czernicheff e Tettenborn

marchariam sobre o Elba com os seus 9:000 ou 10:000 cossacos, indo depois apparecer sobre Lubeck e Hamburgo, nas vistas de sublevarem os moradores das cidades hanseaticas, como effectivamente conseguiram, produzindo n'ellas uma conflagração geral contra o dominio francez. Pela sua parte a vanguarda do exercito russo do centro, tendo atravessado o Oder, dirigiu-se sobre Torgau e Dresde com o fim de fazer adherir a Saxonia á coalisão, empregando para isto os mesmos meios que empregára para arrastar a Prussia ao partido da guerra contra a França.

Até certo ponto não foram baldados os seus intentos, porque no alto Elba, na Saxonia e na propria capital d'este reino tiveram logar movimentos iguaes aos manifestados em Hamburgo e Lubeck com a approximação das tropas russas e prussianas. O mesmo rei da Saxonia, o infeliz Frederico Augusto, que entre as testas coroadas tão constantemente se tinha mostrado ser o mais devotado e sincero amigo de Napoleão, o qual o enchêra de favores e lhe havia dado a Polonia, não ousou encarar corajosamente o perigo, que por tal motivo o ameaçava na geral defecção, que tão pronunciada se manifestava contra a França. Emquanto elle e a sua familia se retiravam para uma segura praça de Franconia, deixando Dresde nas mãos do marechal Davoust, a infanteria do seu exercito retirava-se para Torgau, começando elle Frederico pela sua parte a negociar uma neutralidade, que é de crer terminasse pela sua formal alliança com os colligados, se os subsequentes successos d'isto o não desviassem. Apenas teve logar a sua saída de Dresde, appareceram logo os russos nas suas vizinhanças, declarando a infanteria saxonia, recolhida em Torgau, que não deixaria esta praça para debaixo das ordens do mesmo Davoust ir cooperar na defeza do Elba contra os alliados, de que resultou retirar-se elle sem o auxilio d'ella para o norte, abandonando Dresde, depois de ter em vão percorrido as margens do Elba, e n'ellas destruido as azenhas, botes e barcos de passagem que lhe caíram nas mãos, apesar dos gritos que por similhante motivo contra elle levantavam os paizanos saxonios, aggravando mais es-

sua conducta com o ter minado e feito saltar aos ares dois arcos centraes de entre os dezeseis que contava a bella ponte de Dresde, destinada a manter a communicação entre a nova e a velha cidade. Á saída de Davoust seguiu-se logo a entrada dos russos na capital da Saxonia, indo-se n'ella estabelecer os quarteis generaes do imperador da Russia e do rei da Prussia, os quaes ali foram recebidos por todas as classes de cidadãos no meio das mais jubilosas acclamações. Similhantemente as tres praças occupadas na Prussia pelos francezes, Thorn, Spandau e Czenstochau entregaram-se aos alliados, que muito ganharam com isto, o que dava esperanças dos mesmos francezes poderem ser expulsos das outras durante o estio proximo, cousa que os generaes alliados, não obstante a sua actividade, não poderam todavia conseguir, demorados em grande parte pelas numerosas forças, que Napoleão pozera com tanta promptidão em campo. Até certo ponto podia olhar-se como temeridade haverem os alliados penetrado tanto e tão ousadamente no centro e no norte da Allemanha.

Effectivamente era um acto de temeridade e arrojo da parte dos russos e prussianos tentarem a passagem do Elba, expondo-se a encontrarem-se ali de frente com o proprio Napoleão e as suas numerosas levas, antes de terem recebido todos os reforços que esperavam. Mas fosse como fosse já não era tempo do imperador da Russia e do rei da Prussia se desviarem do arriscado plano que tinham abraçado. O exercito dos alliados reunira-se pelo lado de Leipzick, postando-se sobre a estrada que devia seguir Napoleão para se dirigir a esta cidade, e de lá para a de Dresde, ponto que elle pretendia reoccupar, podendo o total das suas tropas montar a 120:000 homens effectivos, dos quaes a maior parte eram recrutas, e quasi todos mancebos imberbes. Uma importante mudança teve por aquelle tempo logar no exercito russo, determinada pela morte do veterano general Koutousoff, que no commando em chefe do referido exercito foi substituido pelo general Wittgenstein. Já este commandava o exercito, quando a 29 de abril e em 1 de maio tiveram logar as

escaramuças de Weissenfels e Poserna. Foi no referido dia 1 de maio que no desfiladeiro de Rippach, perto de Poserna, teve logar um combate, notavel pela morte que n'elle foi encontrar o bravo marechal Bessières, commandante em chefe das guardas de Napoleão, desde o tempo em que tiveram o humilde titulo de corpo de *guias* até ao momento em que se lhes dera a pomposa denominação de *guarda imperial:* tendo-se adiantado para ver o estado em que o combate se achava, foi morto por uma bala de artilheria. O seu corpo foi coberto por um panno branco, ou lençol mortuario, occultando-se a sua morte por muito tempo á guarda de que era commandante, a qual tinha por elle a mais subida estima. Napoleão lamentou sinceramente pela sua parte do fundo de sua alma similhante acontecimento, que no momento em que a fortuna se lhe tornava adversa, o privava tambem do auxilio de um dos seus mais antigos e dedicados servidores, facto que lhe não devia ser estranho, poisque alguns povos houve na antiguidade que julgavam os deuses inimigos dos vencidos, e é debaixo d'estas idêas que Lucano nos diz *Causa victrix diis placuit*, e em via de vencido se achava Napoleão.

Entretanto a guerra não afrouxava. O exercito francez continuava a avançar para Leipzick pelo lado do sul, e os alliados pelo lado do norte para defenderem esta praça. O centro do exercito francez postára-se perto de uma aldeia, chamada Kaya, sendo commandado pelo marechal Ney; a bella artilheria da guarda imperial o sustentava, achando-se postada adiante da cidade de Lutzen, celebre como já era na historia por ser o local da ultima batalha, dada por Gustavo Adolpho, como o testeficava o glorioso monumento que ali se erigiu. Marmont commandava a ala direita, que se estendia até ao desfiladeiro de Poserna. A ala esquerda dos francezes ia desde Kaya até ao Elster. Como não esperavam dar n'este logar uma acção, nem n'aquelle dia (2 de maio) Napoleão fazia pela sua parte marchar para diante a sua direita, Lauriston achava-se á testa da columna na intenção de se assenhorear de Leipzick, contando achar por trás d'esta cidade os alliados. Estes porém, animados pela presença do imperador Alexan-

lo rei da Prussia, haviam tomado as audaciosas reso-
de avançarem para o sul durante a noite ao longo da
a esquerda do Elster, de marcharem pela manhã para a
rgem direita, e de atacarem n'ella com tropas escolhi-
baixo das ordens de Blücher, o centro do exercito
, commandado por Ney. O furor do ataque foi irresis-
não obstante a mais pertinaz defesa, os alliados as-
araram-se da aldeia de Kaya, ponto sobre o qual o
dos francezes se apoiava. O combate tornou-se perti-
anguinolento, vendo-se por um lado a flor da moci-
russiana, que deixára as universidades, brigar com
para sustentar a causa da honra nacional e da liber-
tria, e por outro a fugosa mocidade parisiense, uma
parte da qual pertencia ás classes altas da sociedade,
olver a maxima bravura para manter o renome da
iga gloria militar. Por uma e outra parte os comba-
achavam-se animados pela presença dos seus respe-
oberanos, e sustentando todos elles a honra dos seus
ivos paizes, duramente pagaram n'esta batalha á car-
da guerra um amplo e sanguinolento tributo, ao passo
poleão n'ella continuou a dar provas dos grandes re-
do seu genio, e da alta capacidade militar de que
ado.

muitas horas durava já esta acção, denominada de
, quando Napoleão, atacado de flanco e marchando em
a, conseguiu por um movimento de mestre fazer tor-
elas suas duas alas os flancos dos alliados, os quaes,
s suas tropas cansadas e desfalcadas, poderam ainda
assar por entre as duas alas do exercito inimigo, sem
erda mais do que aquella que já tinham experimen-
o campo da batalha. Esta perda porém havia sido
a: 20:000 homens foram ali mortos ou feridos, en-
n'este numero Scharnhost, que por si tinha a reputa-
ser um dos melhores officiaes de estado maior da
. O principe Leopoldo de Hesse-Hamburgo, e o prin-
Mecklenbourg-Strelitz, alliado proximo da familia
Inglaterra, ali perderam igualmente a vida. O vete-

rano Blücher foi ferido; mas, não se querendo retirar do campo, n'elle mesmo foi curado. Pela sua parte o exercito francez tambem teve uma consideravel perda, contando-se sete ou oito dos seus generaes mortos ou feridos. A batalha de Lutzen foi muito poetisada pelos boletins francezes, tendo alem d'isso a honra de merecer em París cantar-se-lhe em acção de graças um solemne *Te Deum*, e a de proporcionar á eloquencia do cardeal Maury flores de rhetorica adulatoria, destinadas a immortalisar o heroe que a ganhára, e a fazer sobresair a importancia dos seus resultados. Postoque não tão decisivos quanto os boletins e o capellão da côrte de França os pintaram, não deixaram todavia de ser importantes. As forças alliadas, retirando-se do campo da batalha, marcharam bem de pressa a repassar o Elster, o Pluss, o Mulda e finalmente o Elba. O imperador Alexandre da Russia, e o rei da Prussia Frederico Guilherme, retiraram-se para Mulda, ficando por então sem effeito o pensamento de fazer entrar na colligação o rei da Saxonia.

Napoleão, tendo pela sua parte dado as providencias que lhe pareceram adaptadas ás circumstancias, foi no dia 3 de maio ficar em Pegau, d'onde fez partir em tres columnas o seu respectivo exercito, uma das quaes, que formava o centro, devia ganhar por Borna a grande estrada de Dresde; outra, que constituia a direita, devia seguir a marcha por Rochlitz, Mittwejda e Freyberg na raiz das montanhas da Bohemia; e finalmente a terceira, que era a da esquerda, devia dirigir-se por Wurtzen sobre Meissen, um dos mais vantajosos pontos da passagem do Elba. O mesmo Napoleão deixou Borna no dia 5 do citado mez de maio, indo de marcha após da sua columna central, a qual foi no dia 8 entrar em Dresde, onde elle Napoleão recebeu a cavallo das mãos dos chefes d'aquella cidade as chaves d'ella, aceitando-as para as entregar depois a Frederico Augusto, desculpando-lhe a conducta pouco leal que ultimamente mostrára para com elle. Este monarcha, deixando Praga, onde se tinha refugiado, dirigiu-se novamente para Dresde no dia 12 d'aquelle mez, fazendo-lhe Napoleão uma brilhante recepção.

Uma outra consequencia da citada batalha de Lutzen foi o não se poderem os alliados manter sobre as margens do Elba, retirando-se o principal corpo do seu exercito para Bautzen, cidade vizinha ás origens do rio Sprée ou Sprowa, e distante de Dresde quasi doze leguas, tomando lá uma forte posição. O mais fatal porém dos resultados da referida batalha foi o ser Hamburgo, depois que os alliados se retiraram da margem direita do Elba, novamente exposta á entrada dos francezes, o que se verificou a 30 de maio, tendo a fortuna de ser poupada á pilhagem da soldadesca, soffrendo apenas o mal das exacções regulares.

Durante alguns dias a guerra não passou de escaramuças, mas a 12 do dito mez de maio Ney atravessou o Elba perto de Torgau, ameaçando o territorio prussiano, e até mesmo manifestando intenções de querer atacar Berlim. Tudo isto tinha por fim obrigar os alliados a deixar a sua forte posição de Bautzen, inspirando-lhes receios de lhes ser occupada a capital da Prussia. Todavia mantiveram-se em Bautzen, tendo Napoleão de marchar pessoalmente contra elles para os desalojar, saindo para este fim de Dresde no dia 19 de maio. No dia 21 chegou a Bautzen, indo reconhecer em pessoa a forte posição dos inimigos, os quaes tinham pela sua frente o rio Sprée, apoiando a sua direita sobre umas alturas fortificadas, e a sua esquerda sobre umas montanhas cobertas de mato. A sua direita passou a ser vigiada por Ney e Lauriston, que naturalmente se dispunham a operar contra elles de commum acordo com Napoleão; mas o seu plano foi-lhes illudido, porque em vez dos francezes os surprehenderem, foram os alliados os que por um movimento na sua citada direita surprehenderam uma columna de 7:000 italianos, que derrotaram, escapando-se para a Bohemia os que não caíram nas mãos dos vencedores. Passava já das tres horas depois do meio dia quando os francezes atravessaram o rio Sprée sobre differentes pontos em face dos seus contrarios, que cuidadosamente se concentraram, abandonando todos os pontos que julgaram muito afastados para os defenderem com bom exito. A sua posição cobria a principal estrada que ia para Zittau,

bem como a de Goerlitz. A sua ala direita, composta sómente de prussianos, era apoiada sobre as alturas fortificadas de Klein e Bautzen, que eram as chaves da posição; e a sua esquerda, onde se achavam os russos, tinha por apoio montanhas cheias de mato. As baterias que dominavam as vizinhanças tornavam o centro inaccessivel. Inatacavel pela frente similhante posição, Napoleão tratou de a tornear, commissão que deu ao marechal Ney, com relação á ala direita dos alliados, dando a Oudinot a de lhes tornear e atacar a esquerda. Não podendo os russos ser desalojados da sua posição, o mesmo Napoleão mandou atacar as alturas fortificadas, defendidas pelos prussianos, onde achou outra que tal firmeza, experimentando grandes perdas. Foi depois de ter feito marchar todas as suas reservas, e de as ter combinado por um d'aquelles esforços desesperados, que por tantas vezes haviam mudado a sorte das suas batalhas, que pôde realisar as suas vistas. O ataque foi conduzido por Soult, e por elle sustentado á ponta da bayoneta. Depois de uma luta de quasi quatro horas, durante as quaes as já citadas alturas foram tomadas, perdidas e retomadas por muitas vezes, os francezes d'ellas se assenhorearam por fim, tendo-as Blücher defendido por muito tempo e muito valorosamente.

Torneados e atacados como portanto foram os alliados nas suas duas alas, e vendo-se obrigados a recuar para o seu centro, retiraram-se por ultimo como vencidos que foram pelos seus contrarios, mas em tão boa ordem, como já o tinham feito na batalha de Lutzen: nem uma só peça de artilheria lhes foi tomada, perdendo tão sómente um prisioneiro. A retirada fizeram-na como se fosse um acto de faustosa parada, pondo a sua artilheria em posição, todas as vezes que o terreno lh'o permittia fazer, e obrigando os francezes, que os perseguiam, a desenvolverem-se na intenção de os tornearem, manobra durante a qual as tropas francezas soffreram consideravelmente. Veiu por fim a noite, não tendo Napoleão tirado outra vantagem n'este dia de tanta carnagem mais que a de haver cortado aos alliados a sua retirada para a Silesia, e estrada de Breslau, sua capital, obrigando-os a se-

ir por caminhos mais impraticaveis, vizinhos ás fronteiras
Bohemia. O dia 22 foi consumido em ataques contra a
taguarda dos alliados, que de sangue frio e com muita
tica os repelliam, não obstante ser o proprio Napoleão o
e se achava á testa da columna perseguidora. Sobre as al-
ras de Reichenbach a retaguarda dos russos fez um alto, e
mo os couraceiros da guarda disputassem a passagem aos
nceiros russos, foi isto causa de uma bala de artilheria
itar o general francez Bruyères, veterano do exercito da
ilia, favorito de Napoleão, e antigo companheiro das suas
imeiras campanhas. Examinando elle o ponto onde os
ssos continuavam a resistir, uma outra bala de artilheria
itou um soldado da sua propria escolta, que se achava ao
u lado. «Duroc, disse elle para este seu antigo servidor,
u confidente fiel, e então mordomo mór do seu palacio,
fortuna acha-se hoje indisposta contra nós». Similhante in-
sposição ainda se tornou mais palpavel, quando alguns
stantes depois, passando o imperador e o seu sequito por
n caminho excavado, tres tiros de artilheria se fizeram ou-
r: uma das balas expedidas veiu quebrar uma arvore perto
Napoleão, matando de recochete o general Kirchener, e
rindo mortal e horrendamente o mesmo Duroc, com quem
imperador acabava de fallar. Napoleão quiz ver o mori-
ndo, cujas entranhas tinham sido dilaceradas pela fatal
la, manifestando-lhe por esta triste occasião os seus gran-
es pezares e affeição. O seu sentimento foi tal, que não pôde
ais ouvir detalhes militares, nem dar ordens algumas; *fi-
ue tudo para amanhã*, respondeu elle aos que lhe pediam
strucções. Tal foi o modo por que Napoleão perdeu em
oucos dias dois dos seus melhores generaes e mais antigos
dedicados amigos, taes como Bessières e Duroc. Se as
erdas dos francezes foram sensiveis, as dos alliados tam-
em o não foram menos, reputando-se aquellas em 15:000
omens e estas em 10:000.

Enganaram-se portanto as potencias do norte, julgando
apoleão abatido pelos seus grandes desastres da Russia.
victoria de Lutzen por elle ganha em 2 de maio de 1813,

Austria entrou definitivamente na coalisão do norte da Europa com um exercito de 150:000 homens, commandados pelo principe de Schwartzemberg, dissolvendo-se em 10 de agosto o citado congresso de Praga, a que se seguiu a ruptura das hostilidades, recomeçando portanto a guerra no dia 17 d'aquelle mez, por ser este o unico meio de terminar a questão pendente e sujeitar á força os recalcitrantes.

No meio d'estas occorrencias não se póde negar que até então o labéu de vencidos pesava sobre os alliados, como indicava o serem elles os proprios que solicitaram o armisticio ajustado, e o terem sido effectivamente obrigados a retirar do campo das batalhas de Lutzen e Bautzen, tão fataes como lhes foram, coincidindo tambem com isto o ter-se exaltado em París na respectiva imprensa a segunda das ditas batalhas, tanto quanto o tinha já sido a primeira. Apesar d'estas tão assignaladas victorias do imperador dos francezes era já notavel a differença que entre ellas havia e as que por elle anteriormente tinham sido ganhas. A prova d'isto são as proprias expressões, que o marechal Augereau dirigiu a Fouché, quando este ultimo passava para Mayence para se ir juntar a Napoleão em Dresde: «Oh! quanto o nosso sol se tem já posto, lhe disse elle Augereau! Estas batalhas, de que tanta bulha se faz em París, pouco se parecem com as nossas victorias da Italia, quando eu ensinava a Buonaparte a arte da guerra, de que elle tanto tem abusado! Que males inuteis se não tem soffrido, sómente para se fazerem algumas marchas para a frente! Em Lutzen o nosso centro foi roto, muitos regimentos foram derrotados, e tudo se perderia, a não ser o esforço da nova guarda. Depois de uma matança como a de Bautzen, nenhum resultado se tirou; nenhumas peças se tomaram, nem houve prisioneiros. Por toda a parte o inimigo nos resistiu com vantagem, tendo nós sido severamente tratados em Reichenbach na mesma manhã da batalha. Uma bala de artilheria matou Bessières, uma outra Duroc: Duroc o unico verdadeiro amigo que elle teve n'este mundo! Bruyères e Kirchener foram igualmente arrebatados por ou-

tras duas balas! Que guerra! Ella não poupará sequer um só de nós. Napoleão não fará a paz; vós o conheceis tão bem como eu. Elle se rodeará de outros 500:000 homens; porque, acreditae-me, a Austria não lhe será mais fiel do que foi a Prussia. Sim: elle ficará inflexivel, e a não ser morto (e elle de certo o não será), nós pereceremos todos». De facto notava-se geralmente que aindaque os soldados francezes tivessem conservado toda a sua coragem, e o imperador desenvolvido todos os seus costumados talentos, os seus resultados já não eram como os de outro tempo. A rapidez dos ataques de Buonaparte ou já firmemente eram repellidos, ou por maneira adequada promptamente prevenidos. Mas se as cousas para os francezes não corriam a seu aprazimento, com relação á sua guerra do norte, as da guerra da peninsula é que para elles eram muito mais funestas. Dos desastres que o exercito luso-britannico lhes tinha já por então occasionado, e que de tão perniciosa influencia para elles eram, foi o imperador Napoleão sabedor, quando no dia 10 de julho de 1813 se dispunha a partir de Dresde para Torgau, para onde o deixaremos marchar, a fim de irmos expor ao leitor a continuação dos successos da peninsula, que são d'esta nossa obra o principal assumpto.

Ao passo que o exercito luso-britannico havia a todos os respeitos melhorado de situação durante o inverno de 1812 a 1813, já por se lhe terem preenchido as faltas, e já pelo restabelecimento da sua disciplina e manobra, que n'elle se effeituára, o exercito francez peiorára em todos os sentidos. Em primeiro logar um avultado numero dos quadros dos seus melhores corpos se mandára retirar da Hespanha para França, como já se viu, sendo estas tropas substituidas por levas de recrutas, que não igualavam os soldados velhos que se haviam tirado, nem quanto ao seu merito e experiencia da guerra, nem mesmo quanto ao seu numero. Durante o referido inverno não lhes foi possivel descançarem das fadigas, que as grandes operações de lord Wellington lhes tinham occasionado no passado anno de 1812 em rasão do continuo sobresalto em que se viram pelas incessantes correrias dos

differentes corpos dos guerrilhas hespanhoes. A importancia dos esforços ultimamente feitos por estes corpos era muito maior do que anteriormente o tinha sido. Os seus chefes, tendo já adquirido muita mais experiencia da guerra, tornaram-se ao mesmo tempo mais doceis aos conselhos e insinuações do general inglez. Tendo livre a sua communicação com a costa do mar, continuamente estavam recebendo das esquadras britannicas, que por ella estacionavam, no proposito de favorecerem quanto podiam as operações de terra, armas, munições e dinheiro; alem d'isto possuiam tambem muitos postos fortificados, e as suas fileiras tinham por tal modo augmentado, que alguns dos corpos guerrilheiros se podiam bem chamar verdadeiros exercitos. O conhecimento militar do paiz, e o do systema da invasão dos francezes era já melhor do que tinha sido, podendo até os mesmos guerrilheiros sustentar o choque de um combate com igual numero de inimigos. Novos bandos de uma melhor composição e de maior influencia se tinham formado na Navarra e na Biscaya, onde estavam organisadas juntas insurreccionaes, e onde os individuos das melhores familias haviam alistado grande numero de voluntarios, tanto nas cidades, como nas aldeias. D'estes corpos de voluntarios a Biscaya podia já apresentar em campo muitos batalhões assim organisados, tendo cada um d'elles cousa de 1:000 homens.

De tudo isto resultava pois terem os francezes de tal modo interrompidas as communicações com o seu paiz, que os despachos expedidos de París para o rei José na data de 4 de janeiro pelo ministro da guerra só lhe chegaram á mão no dia 18 de março, e assim mesmo por intermedio do marechal Suchet. O afamado guerrilheiro Mina continuava a ser um dos mais notaveis chefes d'entre os d'esta especie de tropa; Longa estava tambem no mesmo caso. Um certo frade franciscano, chamado Arsenio Nebot, tinha ultimamente conseguido reunir, organisar e vestir uma guerrilha no reino de Valencia, contando 2:000 infantes e 500 cavallos, facilitando-lhe os precisos auxilios para esta empreza o consul [illegible] Inglaterra em Alicante. Desde os principios de outubro [illegible]

s de dezembro de 1812 era corrente em Cadiz ter a sua
errilha matado 400 francezes e aprisionado 600, tomando-
es 3 comboios e 120 mulas, pertencentes a uma brigada
artilheria. No meio de taes circumstancias facil é de ver
e os francezes não podiam realisar as contribuições que
ham lançado, nem aprovisionar os seus armazens, e nem
smo manter ao abrigo de insulto as fortalezas de que es-
am senhores. Os seus exercitos não tinham portanto uma
ura base de operações, e a insurreição, tendo ganhado
agão, os corpos de guerrilhas do interior do paiz torna-
m-se mais numerosos; faltos portanto de viveres, acha-
m-se muito disseminados, e por toda a parte occupados
sua defeza, não querendo cada general francez nem con-
ntrar as suas proprias forças, nem até mesmo ajudar as
seu vizinho.

Reconhecida assim a melindrosa situação dos exercitos ini-
igos na peninsula, é claro que a reunião dos tres exercitos,
do centro com o de Portugal e o da Andaluzia, tinha a seu
rgo uma missão difficil, tal como a de bater o exercito
so-britannico, cujo pagamento e fornecimento eram muito
ais regulares que os d'aquelles tres exercitos, tendo alem
'isso por si a estima e a consideração dos hespanhoes, que o
lhavam como seu verdadeiro libertador. Do exercito fran-
ez do centro era então seu commandante o general Drouet,
onde de Erlon: as forças de que se compunha occupavam
Madrid e suas immediações, limitando as suas operações á
margem direita do Tejo pelas montanhas que cercam a capital
a Hespanha, bem como á margem esquerda d'este rio pelos
istrictos de Aranjuez, de Tarancon e de Cuenca; entre as
uas incumbencias competia-lhe combater os guerrilhas da
parte central da Hespanha, e cobrir Madrid. As indisposições
que appareceram entre o marechal Soult e o rei José, por
occasião do levantamento do cerco de Cadiz, tinham-se cada
ez mais aggravado desde aquella data em diante; e consti-
uido o mesmo rei José em commandante em chefe dos exer-
itos francezes ao norte da Hespanha, tornára-se imprati-
vel a continuação do commando do marechal Soult no

exercito da Andaluzia, de que resultou ser no fim de fevereiro de 1813 chamado por Napoleão para o exercito da Allemanha, onde em substituição a Bessières o veiu a nomear commandante da guarda imperial, sendo elle Soult substituido na peninsula pelo general Gazan no commando que até então exercia; esta remoção de Soult para a Allemanha foi seguramente de grande vantagem para o progressivo bom exito da guerra da peninsula. O exercito da Andaluzia, que assim mudára de commandante, tinha o seu quartel general em Toledo, achando-se espalhado sobre o Tejo desde Tarancon até Almaraz, e portanto postado na frente do exercito do centro. Um destacamento do dito exercito da Andaluzia estava ao pé da serra Morena para vigiar as forças do duque del Parque, tendo dois outros destacamentos no valle do Tejo, um em Talavera, observando Murillo e Penne Villemur, que pela Extremadura ameaçavam as pontes do Tejo, e outro em Tietar, observando as forças do general Hill, já por então em Coria. No valle do Tejo alguns postos avançados havia d'este mesmo exercito, communicando pelas montanhas de Grêdos com Avila, onde estava uma divisão do exercito de Portugal, commandada pelo general Foy, tanto para agenciar viveres, como para vigiar Bejar e o alto Tormes, porque senhores os alliados dos desfiladeiros de Bejar, promptamente podiam reunir-se ao norte das montanhas, romper a linha dos francezes e caír de novo sobre Madrid.

Á direita do exercito do centro, entre o Tormes e o Douro, achava-se o chamado exercito de Portugal, tendo por commandante o general Reille, que em Valladolid estabelecêra o seu quartel general: este exercito occupava não só Avila, como já notámos, mas tambem Salamanca, Ledesma e Alba sobre o Tormes; Valladolid, Toro e Tordesillas sobre o Douro; Benavente, Leão, e outros mais pontos sobre o Esla, advertindo que Astorga tinha sido desmantelada pelos hespanhoes. Por trás d'esta grande linha achava-se o chamado exercito do norte, que retomára as suas antigas posições, tendo então por commandante o general Caffarelli, encarregado de observar as esquadras inglezas na bahia de

Biscaya, de manter livre a linha de communicação com a França, e de proteger as praças da Navarra e da mesma Biscaya: Caffarelli foi depois substituido pelo general Clausel. A extrema esquerda das posições francezas achava-se o marechal Suchet, que buscava oppor-se aos alliados, senhores como estavam de Alicante. Suchet tinha á sua disposição na Catalunha e parte do reino de Valencia um exercito de [illegible]:000 homens, incluindo o reforço de 4:000 a 6:000 conscriptos, que ultimamente lhe mandaram dos 18:000 ou [illegible]:000 que haviam entrado em Hespanha. Pelo contrario as forças alliadas de Alicante tinham-se desfalcado de dois regimentos inglezes, que passaram para a Sicilia, em rasão das desordens que por então lá se manifestaram, e dos receios de que o partido francez chegasse a preponderar. Entretanto o general sir John Murray, que ao sul do Jucar no reino de Valencia commandava em chefe os alliados, emquanto da mesma Sicilia não chegava lord William Bentinck, resolveu fortificar-se e conservar-se na linha de Alcoy, seguindo por Castalla, Biar e Villena até Yecla, tendo tropas de observação em Sax e Elda. Suchet, sabendo esta determinação de Murray, e julgando as forças dos alliados muito mais debeis do que as suas, tratou de reunir as que podia haver disponiveis para atacar os mesmos alliados. Os seus arranjos completaram-se no dia 10 de abril, e logo no dia 11 se decidiu atacar a divisão hespanhola, que cobria o flanco esquerdo da linha em Yecla, e se achava ás ordens do brigadeiro Mayeres. Para este ataque destinou o general Harispe com 3:000 infantes, 600 cavallos e 3 peças de artilheria.

Harispe conseguiu bater junto a Yecla a divisão de Mayeres, seguindo-a e perseguindo-a, soffrendo ambos os contendores grandes perdas, particularmente os hespanhoes, que tiveram 100 mortos e 300 feridos, em que se contou 1 coronel. De tarde avançou Suchet para Villena, indo tomar na manhã de 12 a guarnição hespanhola, que fôra introduzida no castello para sua defeza. Reunindo-se o general Harispe a Suchet, a força de que este dispunha subia a 15:000 homens, incluindo 1:600 cavallos. Pelo mesmo dia 12, ao

meio dia, principiou elle um ataque sobre as avançadas dos alliados, postadas em Biar, as quaes tinham ordem de se retirar para Castalla, disputando a passagem ao inimigo, como executaram. Em Castalla achavam-se as principaes forças inglezas, sicilianas e a divisão hespanhola do commando do general Wittingham, montando tudo a uns 17:000 homens. A posição que occupavam era bastante extensa. A sua esquerda era formada por uma forte cordilheira de montes, onde estava a divisão hespanhola e a guarda avançada do exercito alliado, debaixo do commando do coronel Adam. Esta cordilheira de montes termina em Castalla, cujo local, assim como o terreno á direita, eram occupados por uma divisão dos alliados. O resto da posição estava coberto por uma forte ravina, atrás da qual se achava uma outra força dos mesmos alliados: n'esta linha, e em frente do castello de Castalla haviam-se construido algumas baterias. Suchet avançou com as suas columnas até ao pé dos montes da esquerda da posição. O seu ataque foi energico, mas em todos os pontos rechaçado, e pela maior parte á bayoneta, soffrendo uma consideravel perda. Mallogradas como Suchet viu as suas esperanças de desalojar os alliados e persegui-los até Alicante, tomou o partido de retirar-se, manobrando de uma maneira tal, que se não percebesse a sua intenção, o que não conseguiu, deitando-se o general Murray a persegui-lo quanto pôde. A perda dos francezes na acção de Castalla e Yecla o general inglez a avaliou em 3:000 homens, mas Suchet disse limitar-se apenas a 800. A dos inglezes foi de 70 mortos, 382 feridos e 42 extraviados; das tropas sicilianas houve apenas 1 soldado morto e 8 feridos, e das hespanholas 146 mortos, 477 feridos e 42 extraviados. Murray ficou na sua posição de Castalla, retirando-se Suchet para Biar, d'onde pela meia noite seguiu para Villena, cujo sitio deixou outra vez na manhã de 14 de abril para marchar depois sobre Fuente del Higuera e Outinente.

Como já dissemos, o exercito luso-britannico andava por uns 78:000 homens em abril e maio de 1813, com 90 peças de artilheria, sendo 48:000 inglezes e 30:000 portuguezes;

juntando a estes numeros uns 20:000 homens das tropas da Galliza que estavam a cargo do general Castaños, com todas as mais hespanholas que lord Wellington tinha debaixo do seu immediato commando, computadas umas e outras em 40:000 homens, vinha o total das forças alliadas, destinadas a aggredirem os francezes no norte da peninsula, a ser de uns 120:000 homens. Por aquelle mesmo tempo podia tambem reputar-se em 120:000 homens o total dos exercitos francezes, destinados á defeza da linha do norte da invasão, incluindo cousa de uns 10:000 homens hespanhoes, que o rei José tinha igualmente á sua disposição para com aquelles e estes se oppor ás forças de lord Wellington, figurando por seu immediato no commando o marechal Jourdan no caracter de seu major general. Já se vê pois que desde o começo da guerra foi esta a primeira vez em que as forças francezas e as alliadas se podiam por uma e outra parte reputar iguaes no campo, achando-se as alliadas em mais vantajosa posição do que as francezas, por terem por si com uma segura base de operações nas praças da Cidade Rodrigo e Badajoz, a facilidade das communicações, os precisos meios de transporte, a regularidade dos seus fornecimentos, a favoravel opinião e auxilio dos moradores do paiz, e finalmente o descanso e a disciplina que os quarteis de inverno lhes proporcionaram, o que nada d'isto os francezes por si tinham, como já notámos, e nem mesmo a esperança de poderem ser reforçados em casos de revez, não só pelos desastres que Napoleão experimentára na sua passada campanha da Russia, como pelos esforços que continuava a fazer para manter a que encetára contra a colligação da Russia, da Prussia e da Suecia, conhecida pelo nome de *sexta coalisão,* como já vimos. Alem d'isto obrigado o marechal Suchet a manter-se com custo na Catalunha, Aragão e Valencia, que não podia abandonar, lord Wellington não tinha pela sua ala direita inimigo algum de quem seriamente podesse receiar-se, achando-se assim por este lado inteiramente senhor dos seus movimentos.

O general Hill passára no Alemtejo os quarteis de inverno

com a sua segunda divisão, composta de cinco brigadas de infanteria, quatro inglezas e uma portugueza, formada esta pelos regimentos de infanteria n.^{os} 6 e 18 com caçadores n.° 6, tendo por commandante o brigadeiro Carlos Ashworth. Annexa á dita segunda divisão andava tambem uma divisão puramente portugueza, como já n'outra parte se viu, commandada pelo tenente general conde de Amarante, que substituíra o tenente general sir João Hamilton, que para Inglaterra tinha ido com licença. Compunha-se ella das brigadas segunda e quarta, formadas da de 2 e 14 de infanteria e da de 4 e 10 da mesma arma com caçadores n.° 2, sendo aquella commandada pelo brigadeiro Antonio Hypolito da Costa, e esta pelo brigadeiro Archibaldo Campbell. Finalmente fazia tambem parte das forças do tenente general Hill o regimento portuguez de cavallaria n.° 4, que obrava sobre si, tendo por commandante o coronel João Campbell. Desembaraçado como portanto lord Wellington se achava pela sua direita, ordenou ao mesmo Hill que fizesse para a sua frente alguns movimentos, e ao general hespanhol, conde de L'Abisbal, ou general D. Henrique O'Donnel, que marchasse de Sevilha para a Extremadura com todo o seu exercito de reserva. L'Abisbal assim o executou, saíndo das suas posições no dia 23 de abril com toda a sua infanteria, o que no dia 25 fez igualmente a sua cavallaria e artilheria, formando um corpo de uns 12:000 homens, bem equipados e disciplinados. No dia 29 do dito mez de abril entraram as forças de Hill com a já citada divisão portugueza no territorio hespanhol por Porto de Espada e Valencia de Alcantara, por então guarnecida por fracções de differentes corpos e armas do exercito hespanhol. No dia 30 foram as ditas forças a Membrio, e em 1 de maio, passando o Salor, acantonaram-se em Alcantara, na margem esquerda do Tejo. A ponte que ali havia sobre este rio achava-se quebrada desde 1809 pelos portuguezes, quando ali resistiram ao exercito francez, commandado pelo marechal Victor; mas fôra depois substituida por uma especie de esteira de grossas vigas, de vergalhões de ferro e de cabos, que por baixo e pelos lados a suspendiam, como já notámos, tendo esta

obra sido dirigida pela engenheria britannica, constituindo assim uma peça de notavel artificio, a unica que se viu n'este genero. Por esta ponte passou portanto o exercito com todos os seus trens, sem nenhum inconveniente, apesar de oscillar alguma cousa. No dia 2 de maio acampou-se nos campos de Zarça la Maior, seguindo-se no dia 3 a marcha d'elle para Moraleja, no dia 4 para Chileiros e S. Martinho, e depois para Terbejo, onde fizeram alto o general Hill e o conde de Amarante, assim como as suas respectivas divisões até ao dia 18.

Era da mente de lord Wellington tornear as defezas, que o inimigo tinha feito sobre as margens do Douro; isto podia elle bem conseguir por meio de um movimento sobre a sua propria direita, atravessando o alto Tormes, e contornando depois as montanhas para o alto Douro. Similhante movimento era o que estava mais de acordo com as regras da arte, pois que todo o exercito marchava assim reunido; mas tambem por outro lado trazia os inconvenientes de perder o apoio do exercito da Galliza, de ir atravessar um paiz difficilimo e já arruinado, e finalmente de ir pela sua frente encontrar em força o inimigo, por ser por aquella parte que os francezes esperavam que tivesse logar a marcha dos alliados, suppondo-lhes o plano de se dirigirem sobre Madrid. Á vista pois d'isto, entendeu que a melhor linha de operações a seguir era marchar pela sua esquerda, e portanto através de Traz os Montes, provincia que pela sua esterilidade natural, e mau estado das suas estradas, havia até então sido estranha ás operações militares. Para este fim uma parte do seu exercito, constituindo a sua ala esquerda, deveria atravessar o Douro dentro do proprio territorio portuguez, passar á citada provincia, dirigir-se pela margem direita do mesmo rio até Zamora, e finalmente passar o Esla, e ir-se depois unir ás forças da Galliza, emquanto que o resto do exercito, vindo do Agueda, forçaria a passagem do Tormes. Por este grande movimento, que esperava effectuar antes do rei José haver concentrado os exercitos francezes, o Douro e o Pisuerga deviam ser torneados, e o inimigo repellido em desordem para

alem do Carrion. Desde então tendo todo o seu exercito debaixo de mão, com elle podia avançar, tanto mais seguro, quanto que, dando a mão aos insurgentes da Biscaya, estava certo de achar em cada porto um deposito e armazens[1]. As principaes difficuldades na execução d'este seu plano eram o fazer ganhar algumas marchas ao corpo do centro, atravez do terreno abrupto de Traz os Montes, manter os francezes pelo maior tempo possivel dispersos e occupados em combinações secundarias, impossibilitando-os de se concentrarem a tempo e de se aproveitarem da sua posição central. A par d'isto eralhe tambem necessario impedir o duque de Albufeira (Suchet) de poder vir auxiliar sobre o Ebro os exercitos francezes. A primeira parte o conseguiu elle por uma serie de medidas que vamos ver, e a segunda fazendo lançar no flanco direito e na rectaguarda do exercito da Catalunha as tropas anglo-sicilianas, reforçadas pelas hespanholas de Coupons, de Elio, de del Parque e de outros mais partidistas, fazendo ao todo 50:000 homens.

Auxiliavam muito os seus planos os grandes barcos que, segundo os melhoramentos feitos na navegação do Douro, podiam já ir, e effectivamente íam até á embocadura do Agueda, de que resultava facilitarem muito os transportes, não só de generos e munições, mas até mesmo de tropas, quando o movimento começasse, sem que pelo emprego de preparativos previos, dispensaveis n'este caso, se provocassem suspeitas entre os inimigos. Logoque lord Wellington se recolheu ao seu quartel general de Freineda, de volta da sua viagem a Cadiz e a Lisboa, não perdeu um só instante em buscar realisar os planos que premeditava, já conferenciando com os inspectores e chefes dos exercitos hespanhoes, já passando incessantes revistas a todas as tropas alliadas, e já finalmente fazendo por ultimo os differentes detalhes que julgava a proposito, distribuindo ou intercallando por todas as divisões luso-britannicas uma das tropas hespanholas, de modo que no centro, direita e esquerda do exercito com que tencionava

[1] Napier, tomo x, pag. 209 da traducção franceza.

avançar se achassem de mistura as tropas das tres nações alliadas, influindo por este modo em todos os corpos, que compunham as ditas divisões, não sómente brios de honrosa emulação, mas até mesmo aquelle alto e pondonoroso espirito marcial, valor e disciplina que tão indispensaveis se tornavam para vencer exercitos tão aguerridos e experimentados como por então ainda eram os francezes, commandados pelos seus mais afamados generaes. Dava-se com isto o ter feito tambem aprómptar os trens de pontes que julgou necessarios, bem como as carretas apropriadas ao terreno que tinha de atravessar. Pouco depois do meado de maio de 1813 as tropas commandadas por lord Wellington, avultando, como já dissemos, a 78:000 inglezes e portuguezes, acrescidos com mais 20:000 hespanhoes, postos tambem debaixo do seu immediato commando, achavam-se promptas para fazer a marcha que se lhes ordenasse. A esquerda das referidas tropas era commandada pelo tenente general sir Thomás Graham, sendo-o os 20:000 homens das hespanholas da Galliza, cobrindo a esquerda do mesmo Graham, pelo general D. Francisco Xavier Castaños; o centro era commandado pelo proprio lord Wellington em pessoa, e a direita pelo tenente general sir Rowland Hill, posto já em marcha para o interior da Hespanha, como acima vimos.

As vantagens obtidas na batalha de Castella pelo tenente general sir John Murray no dia 13 de abril, na qual tambem tomaram parte duas companhias de artilheria portugueza que com elle se achavam, tinham facilitado muito a marcha do mesmo Hill. Havendo-se este general approximado da serra de Gata, achava-se por este modo em estado de apoiar activamente a direita das forças do centro na marcha que tambem íam fazer para o interior da Hespanha. De Terbejo, onde o mesmo general Hill se demorára até ao dia 18 de maio, saíu elle no immedìato pelos mesmos caminhos por onde poucos mezes antes se havia retirado para Portugal. No dia 20 do citado mez de maio acampou em Robledo a divisão do conde de Amarante, d'onde seguiu para o Agueda, ao passo que o general Hill chegára pela sua parte a Bejar no citado dia 20.

No seguinte dia, 21, todas as forças d'este general, seguindo a sua marcha por Sabujo e Zagaia, foram-se acampar em Atalaia. No dia 22 marcharam por Amoras Verdes em direcção a Alba de Tormes, onde tinham de reunir-se ás tropas do centro do exercito. Terminando-se o terreno montuoso que haviam atravessado, começaram a apparecer os bosques e as planicies. As marchas que se tinham feito não só eram regulares, mas até mesmo apparatosas, sendo as distancias das secções mantidas a um ponto tal de perfeição, que depois de duas e quatro horas de marcha, a união das filas e as distancias eram tão bem conservadas como se as tropas estivessem em formal parada e quarteis de descanso. A estação da primavera em que por então se estava, apresentava-se deliciosa e encantadora; o risonho dos prados, o matiz das flores silvestres, e a folhagem nova dos arvoredos davam alma e vigor ás fadigosas marchas que assim se faziam. Os toques da alvorada, os das musicas regimentaes nas entradas das povoações, o acolhimento e o nunca extincto enthusiasmo do povo hespanhol, postoque já cansado se achasse pelas multiplicadas vexações da mais mortifera e devastadora guerra de quantas desde seculos atrás a peninsula tinha soffrido, tudo absolutamente infundia o mais puro contentamento, justamente alimentado pela lisonjeira esperança do feliz e proximo exito da tão prolongada luta, esperança fundamentada na bravura e disciplina do exercito luso-britannico, ao qual tudo agourava o mais brilhante resultado n'esta memoravel campanha de 1813.

Emquanto assim marchava para Hespanha a ala direita do referido exercito, a cavallaria ingleza da sua ala esquerda, depois de ter passado o inverno nas immediações do Mondego, atravessou o Douro em 19 de maio, dirigindo-se á cidade do Porto, d'onde logo passou á de Braga, e de lá a Traz os Montes, provincia onde a maior parte da cavallaria portugueza tomára quarteis de inverno, sendo a cidade de Bragança o ponto de partida, que para uma e outra cavallaria lhes estava destinado para a sua entrada na mesma Hespanha. Pensavam os francezes que o general Silveira avançaria contra elles da dita

cidade de Bragança onde o suppunham, a fim de ligar o exercito hespanhol da Galliza com o de lord Wellington, como já anteriormente tinham visto; mas Silveira achava-se por então sobre o Agueda, commandando a divisão portugueza, que para ali fôra destacada das tropas do general Hill, de que fazia parte, a fim de reforçar n'aquelle ponto as tropas do centro, commandadas pelo mesmo lord Wellington, e com ellas marchar para Hespanha, como praticou, sendo posteriormente encorporada de novo nas citadas tropas de Hill. Mas o golpe ideado pelo general inglez contra os francezes, e que o exercito luso-britannico lhes ia em breve tão duramente descarregar, era para elles mais grave do que o suppunham. Com este fim se reunira pois em Bragança a cavallaria luso-britannica, destinada a fazer parte da ala esquerda do exercito, e d'aquella cidade marchou para o interior da Hespanha no dia 21 de maio, seguida como logo foi por um grande numero de divisões de infanteria e de equipagens de pontes, formando com a respectiva artilheria um total de 40:000 homens, constituindo assim a já citada ala esquerda do exercito alliado, ala a que, como já dissemos, se deu por commandante o tenente general sir Thomaz Graham, immediato a lord Wellington. A infanteria e as peças de artilheria, pertencentes a esta mesma ala, tendo passado rapidamente para a margem direita do Douro, no proprio territorio portuguez, por meio dos grandes barcos em que já se fallou, reunidos entre Lamego e Castello d'Alva, perto da embocadura do Agueda, d'ali marcharam em muitas columnas em direcção á mesma cidade de Bragança, e de lá ao baixo Esla[1], ponto para onde igualmente marchára a cavallaria luso-britannica que saira da referida cidade. Grandes difficuldades tiveram realmente a vencer n'esta espinhosa marcha, em rasão da aspereza do paiz e do mau estado dos caminhos; mas tudo se venceu felizmente pela firme perseverança dos chefes e exemplar obediencia dos subditos.

Segura pois na sua marcha a ala esquerda do exercito, e

[1] Veja a estampa n.º 28.

ameaçados por ella os francezes na margem direita do Douro, lord Wellington levantou no mesmo instante o seu campo, deixando Freineda no dia 22 de maio, memoravel dia da batalha de Bautzen, sendo acompanhado por cinco bellas divisões de infanteria luso-britannica, e cinco luzidas brigadas de cavallaria, incluindo a de D. Julião Sanches, que se lhe reunira em Tamames com a maior parte da segunda divisão de infanteria hespanhola do commando de D. Carlos de Hespanha, tendo o resto d'ella ficado na Cidade Rodrigo. Effectuada assim esta reunião, toda a força, que se calculava de 35:000 a 40:000 homens, se dirigiu sobre o Tormes na direcção de Alba e Salamanca, acompanhada da competente artilheria, pondo todos a maior confiança no grande chefe que os conduzia, o qual, presentindo tambem que a sorte da guerra o não faria tornar atrás, diz-se haver elle gritado com emoção, ao passar da ribeira que marcava a fronteira de Hespanha: *Adeos, Portugal, adeos; acabou-se no teu paiz a guerra*[1]. Para o mesmo ponto do Tormes continuavam tambem a sua marcha as tropas do general Hill, tendo no dia 23 acampado em Moraleja de Gueba e Siruela, depois de haverem passado por Tamames, boa e celebre posição, onde em 1810 os hespanhoes foram derrotados em força, commandados pelos generaes Mendizabal, Carrera, Ballesteros e outros mais, tendo-se as reliquias do seu exercito procurado salvar em Portugal, onde entraram fortemente perseguidas pelo inimigo. No dia 24 de maio foi que lord Wellington, já duque da Cidade Rodrigo em Hespanha, e marquez de Torres Vedras e duque da Victoria em Portugal, se apresentou ás tropas do general Hill para lhes passar revista. Foi esta a terceira vez por que os corpos portuguezes d'esta divisão foram honrados com os elogios e subido apreço, que lhes tributava um voto de tamanho peso como o do marechal general, lord Wellington. Era notavel a singeleza e modestia do seu vestuario: um simples chapéu armado com plumas brancas, um lenço branco liso em volta do pescoço, uso que este general trouxera das suas

[1] Assim o dizem Napier e Alison.

ampanhas da India, e uma sobrecasaca alvadia escura, toda certoada, sem banda nem espada, tal foi o despretencioso rage com que ali se viu um tão notavel homem de guerra! las que lusido e pomposo estado maior o não acompahava!?

O diminuto tempo da sua demora, os terrenos e a extenão das fileiras não permittiram nem manobra, nem marcha e continencia. No dia 25 seguiram as mesmas tropas do geeral Hill para Vizimos, onde acamparam. No dia 26 marcharam para a aldeia Tejada, d'onde avistaram o Tormes, que entro em pouco tempo passaram. Alguns tiros de fuzil, que e ouviram por então na frente, annunciaram que o inimigo e tinha já alcançado. Lord Wellington achava-se pela sua parte na margem esquerda d'aquelle rio, dirigindo-se de Maılla para Salamanca. No dia 24 o general Villatte havia retiado de Ledesma o seu destamento, e pelas dez horas da manhã do já citado dia 26 as testas das columnas alliadas appaeceram por um admiravel concerto e combinação de marchas obre todas as differentes estradas que conduziam ao Tormes, azendo surprehendente vista. A cavallaria hespanhola de D. Pablo Morillo, que desde a Extremadura acompanhava as ropas do general Hill, e a de Longa, ameaçavam seriamente os francezes pelo lado de Alba. Por toda a parte se apressavam as marchas, atravessaram-se as planicies, e encetou-se finalmente o combate, procurando ganhar-se a cidade de Salamanca. Nuvens de pó que o bater das marchas levantava e tornava pendentes sobre as estradas, que para aquella cidade conduziam as tropas pelas duas margens do mesmo Tormes, ão pouco as incommodaram. Deslumbrava os olhos ver o rilho dos metaes das barretinas, e ainda mais o reflexo das rmas e das espadas, que confsuamente se agitavam pela siuosidade dos caminhos. Quatrocentos granadeiros da divião portugueza do conde de Amarante porfiavam a *march-arch* em serem os primeiros em ganhar a palma de arreessarem o inimigo para fóra de Salamanca. As forças do neral Hill, descendo de Tamames, dirigiram-se aos váos r cima de Salamanca, cidade contra a qual lord Wellington

marchou direito, vindo tambem de Tamames, logares já bem celebrados pela memoravel batalha do anno anterior.

O rei José reunira pela sua parte na Castella Velha os differentes exercitos de que dispunha, deixando elle mesmo Madrid, depois de longas hesitações, no dia 18 de março para não voltar lá mais, indo estabelecer o seu quartel general em Valladolid. O exercito do centro, commandado por Drouet, conde de Erlon, foi-se estabelecer em Burgos; o do sul, commandado por Conroux e Gazan, postou-se entre o Tormes, o Douro e o Adaja; o de Portugal, commandado pelo general Reille, estava em Medina do Rio Secco e sobre o Esla; e finalmente o do norte, commandado por Caffarelli, observava a Navarra e a Biscaya. N'este estado de desconcentração em que os francezes se achavam, tinham elles de mais a mais contra si uma grande difficuldade de fornecimentos, e pela sua rectaguarda a formal insurreição das provincias do norte, organisada desde seis mezes a trás pelas respectivas juntas, e particularmente protegida pela esquadra ingleza dos mares de Cantabria. Em quanto pois lord Wellington concentrára as suas forças sobre o Tormes, o rei José tinha as suas em dispersão, e por maneira tal, que ao romper das hostilidades, ao começar a campanha de 1813, era-lhe impossivel poder reunir mais de 35:000 homens de infanteria e 9:000 de cavallaria, com 100 peças de artilheria. O centro pois d'esta força era protegido pelo Douro, a esquerda pelo Tormes, e a direita pelo Esla. O primeiro designio do rei José foi o de defender a passagem do Douro, e o teria feito talvez, se as habeis manobras de lord Wellington, postando as suas tropas na margem direita d'aquelle rio, lhe não tivessem tão completamente transtornado os seus planos. Todavia sanguinolentos combates se empenharam entre uns e outros contendores, antes que a linha inimiga fosse pelos francezes completamente abandonada. O general Villatte, militar distincto, incumbido de defender o Tormes, entrincheirára a ponte e as ruas de Salamanca, enviára as suas bagagens para a rectaguarda, e recolhêra o destacamento que tinha em Alba, decidindo-se a esperar e a descobrir qual a

força com que os alliados marchavam, espera que effectivamente fez sobre as alturas oppostas ao vau de Santa Martha. Esta sua espera foi bastante demorada, porque a natureza do terreno permittíra a lord Wellington occultar-lhe os seus movimentos; mas a final a cavallaria do general Fane com seis peças de artilheria passou o dito vau de Santa Martha pela retaguarda do mesmo Villatte, emquanto que a cavallaria de Victor Alten ganhava os intrincheiramentos da ponte, e buscava, atravessando a cidade, ir atacar de frente o general francez. Villatte, vendo-se assim perseguido e tão repentinamente como lhe succedeu, deixára Salamanca quasi em debandada, procurando ganhar as alturas de Cabrerizos, e com estas vistas marchou sobre Babila Fuente, antes que Fane tivesse acabado de atravessar o rio: todavia, restando-lhe passar ainda os desfiladeiros de aldeia Lengua, ali foi surprehendido por duas columnas de cavallaria alliada, as quaes tiveram de se retirar, por lhes faltar o apoio da infanteria do exercito, em consequencia de Villatte ter a fortuna de se lhe juntar (perto da aldeia de Huerta) um corpo de infanteria e cavallaria, que debaixo do commando do general Lesol vinha de Alba de Tormes, d'onde fôra desalojado por D. Pablo Morillo, que bravamente havia atravessado o rio. Os soldados caíam nas fileiras, não mortos ou feridos por bala, mas atordoados e asphyxiados pelo ardente calor, que realmente era intensissimo. Apesar d'isto, todos de bom grado corriam ao fiel desempenho dos seus deveres, sendo uma tal bravura admirada pelo proprio inimigo, que definitivamente se retirou, perdendo 200 prisioneiros, sete caixões de munições, algumas equipagens e provisões. Por este modo foram expulsos os francezes das suas posições, assenhoreando-se os alliados nos dias 27 e 28 de maio de Miranda, Zamora e Toro. Conseguindo isto, a sua direita cobriu então a sua communicação com a Cidade Rodrigo, ao passo que a sua esquerda estava em estado de lançar uma ponte sobre o Esla, para dar a mão ao exercito de Graham. O marechal general lord Wellington e o marechal Beresford estabeleceram o seu quartel general em Salamanca, cuja cidade o exercito luso-britannico

atravessou para ir acampar ávante d'ella, em frente de Cabrerizos e Mourisco, estando esta villa sobre a estrada real, que seguia o general Villatte, a quem as avançadas do nosso exercito batiam e perseguiam em todas as direcções. N'aquelles sitios fez alto o nosso referido exercito até ao dia 30, esperando pelo general Graham.

A falta d'este general inquietava altamente lord Wellington, o qual, dando o commando das tropas, que tinha debaixo das suas immediatas ordens, ao general Hill, tomou no dia 27 a resolução de passar elle mesmo o Douro em Miranda del Castañar, como praticou por meio de um cesto, suspenso a uma corda, presa entre dois rochedos. No citado dia 30 se foi portanto encontrar com as forças de Graham, que achou sobre o Esla. Este general tinha encontrado muitas difficuldades ao atravessar Traz os Montes, e postoque as suas tropas estivessem já por aquelle tempo perto do mesmo Esla, estendendo-se de Carvajales a Tavora, achando-se a sua esquerda em communicação com o exercito da Galliza, que descia de Benavente, o obstaculo de atravessar aquelle rio tinha por algum modo feito falhar a combinação do seu apparecimento. As suas margens são altas e escarpadas, e a sua corrente é rapida. Apesar d'isto os francezes não fizeram opposição alguma á passagem; ao contrario, espantados da apparição inesperada de uma tão consideravel força, abandonaram Zamora, destruindo a ponte, o que não embaraçou que ali entrassem os alliados no 1.º de junho. De Zamora o inimigo dirigiu-se para Toro, d'onde tambem se retirou, destruindo igualmente a famosa ponte, que ali atravessa o Douro em frente da cidade. Villatte fiava-se na destruição da ponte e nas difficuldades dos profundos vaus, que acima d'ella se encontram, julgando que assim embaraçava a passagem do rio aos alliados; mas a cavallaria pesada passou quasi a nado os ditos vaus, ao passo que os engenheiros britannicos cuidadosamente buscaram tornar a ponte praticavel. Para este fim encostaram-se aos seus gigantes, que estavam quebrados, fortes e compridas vigas desde o fundo do rio, bem como escadas de mão, e atravessando-se em

umas d'estas outros madeiros, tudo fornecido da cidade pelo povo hespanhol, fez-se por esta fórma subir o emmadeiramento até ao nivel da ponte, por cima da qual, estabelecidos que foram grandes tabuões, assentes ao comprido sobre o dito emmadeiramento, passou toda a infanteria em duas fileiras. A altura e a transparencia d'este andaime e o vergar dos tabuões, a brevidade dos soccorros e a rapidez da passagem feita, são cousas que merecem recordar-se como obra necessaria para instrucção das campanhas.

Passando assim o exercito, os corpos de hussards ligeiros britannicos e os dragões portuguezes do 11 e 12, deitaram-se a perseguir a retaguarda do inimigo, que alcançaram na aldeia de Morales, fazendo-lhe o damno que poderam. Foi portanto em Toro, e na margem direita do Douro, que todas as forças alliadas se reuniram, achando-se assim completamente segura a juncção de todas as partes do exercito. Todos estes movimentos foram tambem auxiliados pelas tropas da Galliza, ás ordens do general Castaños e de D. Carlos de Hespanha, que lá as haviam organisado, estabelecendo um deposito a que se reuniram alguns officiaes e soldados do exercito do general Cuesta, depois da derrota que havia experimentado em Medellin no anno de 1809. Á Galliza tinham pois affluido muitos hespanhoes voluntariamente, onde tomaram armas e se adestraram no seu respectivo manejo. Este era portanto o exercito com que Castaños tinha pela sua parte aberto a campanha do anno de 1813. Percorrendo sem maiores obstaculos, ou resistencias da parte do inimigo, o litoral desde as costas do mar das Asturias, e áquem da serra de Astorga até Benavente, por este lado veiu elle apoiar a esquerda de lord Wellington, dirigindo-se sobre a margem direita do Esla no reino de Leão. Durante os dias que o exercito luso-britannico passou em frente de Salamanca, Castaños foi ali receber as instrucções de lord Wellington, depois do que voltou ao seu exercito, passou com elle o Esla, seguiu as suas marchas na direcção da cidade de Leão, e foi por fim occupar Oviedo, alem das cordilheiras das Asturias, seguindo de lá em direcção ao Ebro.

Logoque o rei José foi sabedor d'estes movimentos dos alliados, cuidou em concentrar as suas tropas sobre a principal estrada de Burgos, ao longo da qual se achavam bellas posições defensivas, e onde elle tinha formado pequenos depositos para habilitar as tropas francezas a poderem permanecer por algum tempo na defensiva. Madrid fôra por estas causas completamente evacuada pelo inimigo, que d'ella expediu o seu ultimo comboio no dia 28 de maio pelas duas horas da madrugada. Esta noticia chegando a Cadiz foi ali festejada com salvas de artilheria, cantando-se na sé cathedral um solemne *Te Deum* em acção de graças por tão feliz successo. A regencia fez logo saír alguns empregados para os governos d'aquelles logares, que assim se iam libertando do jugo francez, tendo sido eleito para governador militar de Madrid o general Beguines de los Rios. Alem da evacuação de Madrid, os francezes levantaram tambem o sitio de Castro-Urdiales, pequeno porto da Biscaya, mas muito interessante para o andamento das premeditadas operações, havendo concorrido bastante para tal evacuação as embarcações de guerra inglezas, que desde muito tempo andavam tambem cruzando na costa da Cantabria. Em Toro se demorou lord Wellington por algum tempo, talvez que por esperar que passassem o Douro as tropas de sir Rowland Hill, operação que só effeituaram a 4 de junho, entrando no mesmo dia em Toro. Franqueado assim o rio Douro por todas as tropas luso-britannicas, que d'antes se achavam na sua margem esquerda, e vendo lord Wellington que todas as suas forças se correspondiam mutuamente entre si, continuou depois a sua marcha em ordem cerrada sobre o Carrion, deixando em Zamora as munições e mais effeitos de guerra, e de guarda á cidade a segunda divisão hespanhola, que tinha algumas das suas tropas repartidas pela Cidade Rodrigo, Salamanca e Toro. Passou-se pois o Carrion no dia 7 sem difficuldade, por se acharem os francezes em retirada sobre Burgos. Por toda a parte se mostravam elles desanimados, não só por effeito de uma irrupção tão subita, como a que temos descripto; mas tambem por lord Wellington a ter executado de

uma maneira inteiramente inesperada: a desordem e a indecisão que mostraram patenteavam bem que as suas medidas eram filhas de uma forçada pressa. Achando-se todas as suas forças repartidas entre Valladolid, Tordesillas e Medina, retiraram-se para trás do Pisuerga, que tambem logo abandonaram, marchando em linhas convergentes na direcção de Burgos.

O rei José havia-se dirigido a esta cidade, depois de ter deixado a 6 de junho Palencia, onde se demorou pouco, depois de se retirar de Valladolid. As suas tropas o acompanhavam, mas sempre perseguidas pelas de lord Wellington. Passaram estas a Carrion no dia 7, como já notámos, atravessando igualmente o Pisuerga nos dias 8, 9 e 10, indo occupar a forte posição de Dueñas. As operações em grande do exercito luso-britannico já portanto tinham logar no reino de Leão, havendo com as suas rapidas marchas invalidado ao inimigo as formidaveis posições da serra de Avila. Irresistiveis se tornaram por então os numerosos esquadrões da cavallaria luso-britannica, particularmente nos terrenos descobertos. Esta arma, tendo vadeado o Pisuerga e cortado as planicies de Valladolid, perseguia crua e incessantemente o inimigo, sem lhe dar o mais pequeno respiro. Lord Wellington afrouxou o vigor da sua marcha a 11, dando no dia 12 descanso ás suas tropas, excepto ás da ala direita, ás quaes ordenou que avançassem sobre Burgos, e reconhecessem a situação do inimigo, nas vistas de o obrigarem a abandonar o castello, sendo da sua mente concentrar n'este logar as suas forças, quando porventura o mesmo inimigo se dispozesse a defende-lo. Buscando o general Hill executar as ordens de lord Wellington, succedeu ir encontrar-se com os francezes em posição nas alturas vizinhas á aldeia Hormaza, tendo o seu flanco esquerdo em frente de Estepar. De prompto se lançou ao ataque; mas os francezes recuaram, e na melhor ordem, recebendo sem se debandarem as repetidas cargas de cavallaria ligeira luso-britannica, que contra elles muito habilmente dirigia o major Gardiner. Apesar da boa ordem com que retiraram, perderam ainda assim alguns prisionei-

ros e uma peça de artilheria. Depois foram estabelecer-se nas margens dos ribeiros Vena e Arlanzon, que as chuvas tinham bastantemente engrossado, posição que não deixaram senão durante a noite, depois de terem evacuado Burgos com tal precipitação, que 300 ou 400 homens dos seus pereceram na explosão do castello, que tinham minado e fizeram saltar aos ares. Este facto, combinado com a fraca resistencia que até ali tinham feito, deu logar a suspeitar-se que as suas vistas eram passar d'ali para alem do Ebro, e na sua margem esquerda fazerem alto, para n'ella provarem a sorte das armas n'uma grande batalha campal. Nem podia ser outro o juizo que em taes circumstancias se tinha a fazer, vendo-se em tão rapida retirada, que mais parecia verdadeira fuga, tão numerosas forças, como ainda por então eram as francezas, tendo por seu effectivo commandante o marechal Jourdan, alem de outros mais generaes seus subordinados, alguns dos quaes homens de nome e bem comprovada reputação militar.

Abandonando Burgos, o exercito francez tomou a estrada de Vittoria por Pancorvo e Miranda do Ebro; mas sem se apressar, contando já por então 55:000 homens reunidos. Estava-se portanto na estrada real de França para Hespanha, ou na de Bayonna para Burgos, cujo itinerario é o seguinte. De Bayonna a S. João da Luz vão 15 milhas; d'aqui ás margens do Bidassoa (que separa a França da Hespanha e os Pyrenéos da Biscaya), outras 15 milhas; do Bidassoa a Hernani 6, a Tolosa 22, a Vergara 12, a Mondragon 8, a Vittoria 20, a Miranda do Ebro 20, a Briviesca 20, a Monasterio 9 e a Burgos 15. Saíndo de Bayonna, a estrada nas primeiras 12 milhas atravessa um terreno escabroso, que dá principio aos Pyrenéos. Esta estrada conduz a S. João da Luz, pequena villa, da qual ao saír, vindo de França, se encontra um pequeno braço de mar, que se passa sobre uma ponte. Depois de 4 milhas andadas encontra-se o rio Bidassoa, atravessado o qual se entra na Biscaya. A primeira povoação com que se depara é Irun, villota mal edificada, distante duas milhas do mesmo Bidassoa. Segue-se depois Hernani, villa con-

sideravel, toda rodeada de montanhas, separadas umas das outras por valles cheios de verdura, regados por um ribeiro, que pelos seus muitos rodeios é repetidas vezes visto pelo passageiro, á proporção que se approxima de Vittoria. Sobre o dito ribeiro existem algumas pequenas pontes de cantaria. Esta estrada é sobremaneira favoravel para um exercito que haja de se retirar de Hespanha para França, poisque de milha a milha se encontrám posições fortificadas pela natureza. Em Hernani a estrada de Bayonna lança um braço para a direita, que é a estrada para S. Sebastião e Bilbau, pela seguinte maneira: de Hernani a Fuenterabia são 20 milhas, d'aqui a S. Sebastião 10, e d'esta cidade á de Bilbau 50. Fuenterabia é uma villa muito fortificada, reputando-se uma das chaves da Hespanha: está assente sobre uma pequena peninsula á borda do mar, occupando uma posição forte pela natureza e arte, visto que do lado de terra a defendem grandes montanhas, e da banda do mar uma excellente fortaleza. Nas guerras passadas os francezes a sitiaram por varias vezes, mas sempre com mau exito.

Voltando outra vez da estrada real de Bayonna a Burgos, diremos que a referida estrada nas primeiras 12 milhas de Hernani a Tolosa atravessa varios montes, descendo depois para um sombrio e formoso valle. A vista do passageiro deleita-se aqui com a muita variedade de objectos agradaveis; cada habitação dos lavradores é rodeada de arvores, e por maneira tal, que a brancura das paredes das casas forma um lindo contraste com a verdura dos arvoredos e o das campinas. As collinas, que alternadamente se levantam umas após outras, apresentam um amphitheatro, onde a cultura se tem estendido até ao cume dos outeiros. Por vezes o viajante encontra com a vista aldeias, junto das quaes se erguem magnificos edificios com frente acastellada e cheia de torres, por entre as frondosas arvores que a assombram. A sua igreja parochial é quasi sempre bem situada, e as mais das vezes forma um antigo e bello fragmento de architectura gothica. Aformoseiam ainda esta scena consideravel numero de regatos, que precipitando-se dos differentes rochedos e montes,

formam agradaveis ribanceiras, junto das quaes os povos tem levantado moinhos. Um dos citados ribeiros serpenteia pittorescamente pelo valle de Tolosa, pequena e linda cidade de Guipuscoa, situada n'um aprazivel valle entre dois montes na confluente dos rios Oria e Araxes, sendo este ultimo atravessado por uma magnifica ponte, defendida por uma torre. Foi esta cidade edificada por D. Affonso, *o sabio,* rei de Castellã e Leão, e de todo povoada por seu filho D. Sancho, *o bravo,* em 1291. Tem uma igreja parochial, dois respeitaveis conventos e um mercado todos os sabbados: possue tambem fabricas de espadas e bayonetas. As suas ruas são bem calçadas e illuminadas, e os seus contornos são abundantes de trigo, milho e castanha. Os francezes se assenhorearam d'ella em 5 de agosto de 1794, commandados pelo general Fregeville.

A estrada de Tolosa a Vergara, villa da mesma provincia de Guipuscoa, atravessa os mais formosos campos que se podem imaginar, sendo toda a estrada em nada inferior ás mais bellas de Inglaterra. Passa ella pela industriosa e pequena villa de Alegria, seguindo depois a Villa Franca e Villa Real. Depois d'estas povoações sobe-se uma montanha, na descida da qual se encontra Vergara, povoação situada n'um agradavel e fertil valle, cercado de montanhas, sobre a margem direita do Dêva. Possuia ella, debaixo do nome de seminario real e patriotico, um excellente collegio, no qual, alem das linguas hespanhola, latina e franceza, se ensinavam tambem mathematicas e sciencias naturaes. Os seus habitantes, homens e mulheres, mostravam-se apaixonados por uma dansa, executada ao som do tamboril e flauta, e n'ella os dansantes davam e recebiam fortes pancadas. A estrada de Vergara para Vittoria é cheia de aldeias e casas de campo, confinando umas com as outras, o que faz parecer o caminho, em vez de estrada, uma continuada rua: esta circumstancia e a agradavel vista do Zadorra, que serpenteia pelo grande valle ou planicie de Vittoria, e cujas voltas a todo o momento se apresentam á vista, formam um encantador panorama. De Vergara a estrada dirige-se para Mondragon.

villa ainda de Guipuscoa, cabeça do districto do seu nome, situada n'um valle, formado pelo Dêva, sobre a grande estrada de França. Mondragon é cercada por muitas fontes de aguas mineraes, algumas das quaes são celebres desde tempos immemoriaes. Nos montes dos seus arredores ha minas de ferro, de aço e cobre: a sua industria consiste em fundições e manufacturas de armas, e de objectos de serralheria.

Vittoria, para onde os exercitos francezes íam em retirada, é uma das mais agradaveis cidades da Hespanha, contando por então de 11:000 a 12:000 habitantes; a sua situação é na provincia de Álava. Parte d'esta cidade assenta no declive de um monte, e uma outra parte nos confins de um grande valle que a avizinha, valle semeado de muitas e bellas aldeias. A extensão d'este grande valle ou bacia é de umas duas leguas e meia de largo sobre umas tres de comprido, terminando por um dos lados pelos ramaes dos Pyrenéos, e por outro por uma cadeia de montanhas de bella perspectiva, separação da provincia de Álava da de Biscaya. A cidade, que se divide em nova e velha, é cercada por duas ordens de muralhas, que por então se achavam muito fortificadas. Varias das suas ruas são largas e espaçosas, tendo dos lados plantações de arvoredos, regadas por varios regatos, muitas fontes e chafarizes. Nota-se-lhe uma magnifica praça, a qual tem á roda uma arcaria de construcção elegante, similhante á da praça do Commercio de Lisboa. Possue uma igreja cathedral e quatro parochias, contando-se-lhe tambem por então seis conventos de ambos os sexos, um hospicio, chamado de S. Prudencio, uma casa consistorial, um hospital e um theatro. O asylo real olhava-se como um dos edificios que mais attrahia a attenção dos viajantes: era um instituto no qual se sustentavam gratuitamente cento e cincoenta estudantes, aos quaes se ensinava a ler, a escrever e contar, bem como o catecismo, fazendo o estado as despezas da sua educação. Os seus passeios publicos tambem são notaveis, sobresaíndo a todos o chamado *Florida*, que é delicioso. O povo é industrioso e activo, com

um ar de animação e alegria, como é proprio da classe industrial e laboriosa. Tinha quatro consideraveis fabricas de couros e duas de marcineria. Das suas vinhas se tiram os vinhos chamados de *Pedro Ximenes*, que são muito estimados. Na cidade faziam-se tres festas annuaes em periodos certos, uma para os rapazes solteiros, outra para as donzellas, e a terceira para os casados, restos ainda da simplicidade e costumes dos mais remotos tempos. Vittoria foi a patria do celebre architecto João de Álava, do dr. Martin de Álava, que foi professor de theologia e philosophia da universidade de París, e de João de Marietta, que foi auctor de uma historia ecclesiastica da Hespanha.

Junto de Vittoria corre o rio Zadorra, que é a corrente mais consideravel da provincia de Alava, e d'elle muitas vezes se faz menção nos monumentos historicos: o seu leito é estreito e de margens difficeis e alcantiladas. Depois de ter passado junto da cidade, vae no fim de umas 16 leguas, tendo feito varias voltas, lançar-se no Ebro defronte de Ircio. A bacia por onde corre é por elle dividida desigualmente, ficando a maior parte d'ella ao lado da sua margem direita. O viajante que vier de Vittoria para Miranda e Burgos irá encontrar no fim d'esta bacia o desfiladeiro de Puebla de Arganzon, através do qual o Zadorra corre por entre duas cadeias de montanhas muito altas e escarpadas, dando-se ás que lhe ficam pela esquerda o nome de alturas de Puebla, e ás que lhe ficam pela direita o nome de alturas de Morillas. A estrada dirige-se pela margem esquerda do Zadorra, achando-se já perto do desfiladeiro a aldeia, chamada Subijana de Álava, ao lado da dita margem esquerda do Zadorra, ficando-lhe para o lado da sua margem direita, e sobre o rio Bayas, uma outra aldeia, chamada Subijana de Morillas, que é uma abertura da bacia, defendida que foi pelo general Reille quando teve logar a batalha de Vittoria, ao passo que os outros dois exercitos francezes se achavam para alem de Puebla. Os rochedos de Vittoria percebem-se já a umas oito milhas de distancia. A estrada que d'esta cidade vae para Logroño segue para a direita do viajante que vier de Miranda, a que vem

de Bilbau para Murguia e Orduña fica-lhe para a esquerda, passando o Zadorra n'uma ponte perto da aldeia de Ariaga. Mais acima pelo lado direito seguem-se as estradas de Estella e Pamplona, correndo sobre o lado esquerdo o caminho que vae para Durango. Aindaque alguns d'estes caminhos sejam praticaveis para o transito de artilheria, principalmente o de Pamplona, era todavia o da estrada real de Bayonna para Burgos aquelle por onde mais commodamente se podia retirar um exercito, tão embaraçado de bagagens, de carruagens, e de outros mais objectos como se achava o exercito francez de José.

De Vittoria a estrada real para Madrid segue para Miranda do Ebro, villa que se acha lindamente situada sobre este rio, que se atravessa por uma bella ponte de oito arcos. Ao saír de Vittoria tambem se atravessa o rio Arienza por meio de uma outra ponte de pedra, depois da qual se entra na grande planicie, ou bacia de que já fallamos, contendo umas 300 povoações, entre villas e aldeias, segundo as informações obtidas de alguns dos habitantes. A estrada que vem de Vittoria atravessa esta planicie parallelamente ao Zadorra até a altura da ponte de Mendoza, onde se curva, voltando na direcção do sul, para se acommodar á grande volta que ali faz o mesmo Zadorra: atravessa ella as pequenas povoações de Puebla de Arganzon e Armion, tendo pela parte do rio uma plantação de arvoredo. Depois d'esta planicie sobe-se um monte, do qual se desce para uma estreita charneca, que continua por quatro milhas, indo finalisar em Miranda do Ebro. Esta villa é consideravel, tendo uma alegre praça, aformoseada por muitas fontes. É rodeada por todos os lados, menos pelo do rio, de montes, n'um dos quaes, que a domina e se acha á direita da estrada, se descobrem os restos do seu antigo castello, vendo-se tambem em outros varias torres, que em tempos antigos lhe serviam de defeza e adorno: era reputada como uma das fortes posições, ou chaves do Ebro. Foi patria do cardeal Lopes de Mendoza y Zuniga e de Carrensa de Miranda. Ao saír d'esta villa a estrada quasi que logo começa a subir pela serra de Pancorvo, que é uma das cadeias da serra de Oca, sendo

esta subida longa e fastidiosa, e n'ella se atravessam as villas de Mayago e Pancorvo. Tendo passado o cume do monte, o viajante começa a entrar na terrivel passagem, que formam duas altissimas montanhas, separadas por um espantoso desfiladeiro, do qual differentes porções de pendentes penedos parecem vir cair sobre elle. As ribanceiras d'esta passagem, a qual apenas tinha por então doze pés de largura, eram de um e outro lado muito mais altas que dois tantos do nosso grande arco das aguas livres. Não é facil imaginar uma scena mais lugubre, nem tão medonha como a d'este logar, ao qual os povos da vizinhança chamam *garganta de Pancorvo*, scena que muito mais feia se torna ainda ao declinar da tarde.

De Miranda do Ebro vae-se a Breviesca, villa antiga, rodeada de muralhas, com quatro portas correspondentes entre si: está situada em um aprazivel valle, na fralda da serra de Oca, chamando-se á sua planicie o *districto de Burena*, que aliás é fertil e cheio de bosques. Na sua vizinhança ha dois profundos lagos em fórma de poços, que encerram aguas mineraes. El-Rei de Castella, D. João I, reuniu n'ella côrtes em 1391. Ao sair de Breviesca o viajante atravessa um valle povoado de bellas aldeias, depois do qual se sobe um monte até chegar á villa de Monasterio. Do alto da montanha já se avista a cidade de Burgos, e depois de se descer, depara-se com um outro valle, cheio de arbustos aromanticos e de flores campestres, entrando-se por fim na dita cidade de Burgos, que é antiga e grande, capital da provincia do seu nome e da propria Castella Velha. Acha-se situada sobre a encosta de um monte no confluente do Vena e do Arlanzon. É séde de um arcebispo e de outras mais auctoridades. Eram notaveis a sua casa da camara, o palacio Velasco, um arco de triumpho, levantado em honra de Fernando Gonçalves, a cathedral, cujo interior é ricamente ornado, a porta de Santa Maria, a rua que se dirige á dita cathedral, uma bella praça com um portico e edificios elegantes, as suas numerosas fontes, conventos e hospitaes, um encantador passeio e jardins abundantemente regados. Esta cidade, irregularmente construida como todas as antigas, tem ruas muito

alcantiladas: possue bellas igrejas com pinturas e mausuleos dignos de attenção, sobresaíndo um em S. Paulo, que é de uma bella architectura gothica; possuia mais um magnifico hospicio para os romeiros de S. Thiago de Compostella, um collegio, uma escola de bellas artes, e muitas instituições scientificas. O seu principal commercio de exportação consistia em cobertores de lã, flanellas, baetilhas finas, pannos grosseiros, e lãs estimadas de Castella. O Ebro e o Douro nascem perto d'ella. O seu castello, celebre pelo ultimo assedio que teve logar em 1811, estava quasi destruido pela recente explosão, que os francezes ultimamente n'elle tinham causado, tendo apenas as primitivas muralhas.

Abandonada como foi pelos francezes a cidade de Burgos, seguiram elles d'ali a sua marcha, indo tomar posição para alem do Ebro, não só com o fim de dar mais segurança aos acantonamentos do seu exercito, approximando-se das fronteiras da França, mas tambem para se reforçarem com o exercito do norte, e com todas as mais tropas que houvesse por aquellas paragens. Desconcertar pois estes planos, e assegurar-se sem risco da passagem do Ebro, caíndo inopinadamente sobre as forças francezas, foi o que n'aquella occasião mais particularmente occupou a attenção e as vistas de lord Wellington, em rasão das difficuldades que teria a vencer para franquear o já citado desfiladeiro, ou gargánta de Pancorvo, e forçar depois a passagem do Ebro em face do inimigo. Este facto, e a maneira por que lord Wellington atravessou o Douro e os mais rios seus affluentes ao começar a campanha de 1813, provam bem conhecer elle perfeitamente, que as marchas e ataques imprevistos são o melhor meio de promptamente lançar o alarme e o desalento nas fileiras dos contrarios, sobretudo quando o abatimento de animo os começa já a dominar, como n'este caso se dava. Em execução pois do que a tal respeito ideára, ordenou primeiro que a sua esquerda, e depois todo o seu exercito, seguindo por um caminho não frequentado, e até então reputado impraticavel para as carretas e meios de transporte, dirigissem a sua marcha para a parte das nascentes do Ebro,

que atravessariam nas pontes de S. Martinho, Rocamunde e ponte Arenas, não longe das referidas nascentes, o que foi executado nos dias 14 e 15 de junho, tanto pelo exercito, como pela sua artilheria e meios de transporte, sem que por aquelles sitios encontrassem um só posto inimigo contra si. As forças do general Hill, e a divisão portugueza do conde de Amarante foram destinadas á tornear a posição inimiga, dirigindo-se igualmente ás nascentes do Ebro, tendo por fim inutilisar quaesquer defezas, que porventura o marechal Jourdan tivesse feito por aquellas partes.

A citada divisão portugueza tocava já quasi a serra das Asturias em Alminé depois de cinco leguas de uma improba marcha no dia 16 de junho, quando pela sua parte passou o Ebro em ponte Arenas, declive entre serras e penhascos, mas tão a prumo, que para se transportar por elle a artilheria necessario foi que as carretas fossem na retaguarda sustidas por grossas cordas e cabos a que a tropa lançou mão, dando-lhe para isto o exemplo um dos seus proprios commandantes, ou o da quarta brigada portugueza de 4 e 10 de infanteria com caçadores n.° 10, o brigadeiro Archibaldo Campbell, que para este fim se apeou, pegando depois nas cordas, no que logo foi imitado pelos seus officiaes mais proximos. Passando pela villa de Intenillas, as forças do general Hill tinham sem obstaculo algum ganhado finalmente a margem esquerda do Ebro, indo-se acampar em Villalem. Os francezes haviam reunido em Espejo, não longe da ponte de Lara, um consideravel corpo de tropas nos dias 16 e 17. Tinham igualmente desde o dia 16 uma divisão de infanteria com alguma cavallaria em Frias, sobre a margem esquerda do Ebro, destinadas a observar os movimentos dos alliados. Estes dois destacamentos pozeram-se em marcha no dia 18 pela manhã, o de Frias para S. Milam, onde foi encontrado pela divisão ligeira dos alliados, commandada pelo major general Carlos Alten, e o de Espejo sobre Osma, onde foi encontrado pela quinta e sexta divisão, do commando do tenente general sir Thomás Graham. O major general Carlos Alten expulsou o inimigo de S. Milam n'aquelle

mesmo dia 18 de junho, batendo-lhe em seguida a brigada da retaguarda da divisão, e aprisionando-lhe 300 homens, alem de muitos mortos e feridos, que tambem lhe fez, de que resultou dispersar-se a brigada pelas montanhas, illustre feito em que tomaram uma notavel parte os batalhões de caçadores portuguezes n.º 1 e 3, que se achavam incorporados na dita divisão ligeira, na força de 1:146 homens. O corpo que saíu de Espejo era muito mais forte que o dos alliados, do commando do tenente general Graham, chegado ao mesmo tempo a Osma. Os francezes, logo que souberam que os alliados haviam passado o Ebro, e que na sua margem esquerda se achavam em marcha de flanco contra elles, aterraram-se consideravelmente, convencido como estava o estado maior inimigo de que sómente de frente seriam atacados os seus exercitos na forte posição que haviam tomado. Assim o confirma Sherer, quando nos diz: «O estado maior admirou-se sobremaneira, e logo na mesma noite fez marchar o exercito para a retaguarda por uma marcha forçada, que derramou nas fileiras dos francezes o alarme e a confusão».

É um facto que as vantagens de lord Wellington, obtidas por esta marcha, eram para elle consideraveis. A primeira d'ellas foi interceptar as communicações dos francezes com a costa do mar, e força-los a evacuar todos os pontos que n'ella tinham, á excepção de Santoña e de Bilbau. A segunda foi entrar logo em Santander a esquadra ingleza, estabelecendo-se n'esta cidade um deposito e um hospital militar. Desde então por diante cessou a necessidade da forçada communicação dos alliados com Portugal, verificando-se assim a solemne despedida que lhe fizera lord Wellington ao entrar em Hespanha no começo das suas operações d'este anno. Tendo elle conseguido assim uma nova base de operações, facilmente pôde continuar na ulterior execução e desenvolvimento dos seus planos, sem receio algum de compromettimento. Estes planos eram os de tornear a direita do rei José, penetrar em Guipuscoa, e estabelecer o seu exercito na principal communicação do inimigo com a França, que assim lhe ficava interrompida, ao passo que a esquadra ingleza, navegando de con-

certo com elle, formaria novos depositos em Bilbau e outros mais pontos da costa maritima. Tudo isto levou elle a effeito com o maior vigor e precisão, sem que as torrentes que havia a atravessar, a par das profundas ravinas, dos asperrimos e perigosos declives que tinham de se vencer, e de uma multidão de outros mais obstaculos naturaes, que ha por aquella parte da peninsula, embaraçassem a marcha das suas columnas, as quaes durante seis continuos dias de incessante luta fizeram prodigiosos esforços para effeituarem a sua marcha através de taes desfiladeiros e apertadas gargantas de montanhas, como aquellas por que passaram. Esta marcha a tentaram impedir os inimigos, avançando contra os alliados; mas foram obrigados a retirar-se, sendo perseguidos até Espejo, d'onde igualmente retiraram pelas montanhas junto do rio Bayas, o qual, a ser immediatamente atravessado, proporcionaria a lord Wellington o cortar e provavelmente destruir os exercitos do centro e do sul. Para se conseguir esta vantagem pareceu já tarde o dia 19 em que isto succedia.

Por outro lado era necessario dar tempo ás outras columnas do exercito luso-britannico, para que marchassem ávante até chegarem á posição avançada em que se achavam as do tenente general Graham, sendo por esta causa que lord Wellington mandou que a quarta divisão fizesse alto, e rendesse a quinta, que estava perto de Espejo. Pela sua parte o general Hill tinha no dia 17 descido para Santa Cruz de Andino e Medina del Pomar; e entrando por então na estrada real, foi com as suas tropas acampar em Salinas del Rocio, passando no dia 28 a Villalba, indo assim apoiar contra o inimigo as tropas do general Graham, depois de terem feito mais de vinte e sete leguas de uma penosa marcha, no fim da qual foram testemunhar o combate de Osma, em que entraram 6:008 portuguezes, pertencentes aos seguintes corpos, a saber: da arma de cavallaria, os regimentos n.os 1, 7[1], 11 e 12:

[1] A cavallaria n.° 7 tinha sido definitivamente apeada, como já vimos; mas os cavallos d'este corpo, na força de duas companhias, continuaram no serviço do exercito.

da de infanteria, os regimentos n.os 3, 11, 15 e 23; e da de caçadores, os batalhões n.os 7 e 8, isto é, os corpos da terceira e nona brigada portugueza, que faziam parte da quinta e quarta divisão do exercito luso-britannico, sendo esta commandada pelo tenente general sir Jorge Lowry Cole, e aquella pelo major general Oswald, substituido mais tarde pelo tenente general sir James Leith. Postos assim os francezes em retirada, o exercito luso-britannico pôde definitivamente avançar até ao rio Bayas e aldeia d'este nome no dia 10, indo-se ali encontrar com a retaguarda inimiga, postada n'uma forte posição, chamada Subijana de Morillas, situada na margem esquerda do dito rio, apoiando a sua direita em Subejana, e a sua esquerda nas alturas em frente de Pobês [1]. A esquerda d'esta posição foi torneada pela divisão ligeira, entretanto que a quarta a atacava de frente. Em virtude d'estes movimentos o inimigo retirou-se para o grosso do seu exercito, que marchava para Vittoria, tendo saído de Pancorvo nos dias 18 e 19. N'este combate de Morillas contra a retaguarda do inimigo tomaram parte 4:779 portuguezes, pertencentes aos seguintes corpos; a saber: de cavallaria, os regimentos n.os 1, 7, 11 e 12; de infanteria, os regimentos n.os 11 e 23; e de caçadores, os batalhões n.os 1, 3 e 7, alem das respectivas forças britannicas, de que resultou serem levados os exercitos francezes sem descanso, ou respiro algum, até á Biscaya, adiante das bayonetas dos alliados, com grande perda de prisioneiros, e grande desar para os seus brios militares.

Na noite de 19 para 20 o exercito francez desenvolveu as suas forças por traz do Zadorra, que corre, como já vimos, no fundo da bacia de Vittoria. O seu centro estendia-se ao longo da sua margem esquerda; a sua direita postára-se sobre a outra margem, em frente da ponte de Ariaga e até mesmo adiante da aldeia de Abechuco, achando-se a sua esquerda entre Arinez e Puebla de Arganzon, tendo um pequeno corpo destacado nas altas montanhas de Puebla. Postado por esta maneira, o exercito francez cobria cada uma das tres estra-

[1] Veja o mappa n.º 29.

das, que vem para Vittoria; isto é: a de Logroño com a sua esquerda, a de Madrid com o seu centro, e a de Bilbau a Orduña com a sua direita. Postadas assim as suas tropas, cobriam ellas tambem a estrada real de Bayonna para Burgos, a qual, depois de deixar Vittoria, se prolonga por um certo comprimento em direcção parallela ao rio Zadorra. Sobre esta estrada havia uma immensidade de comboios com destino para França: alem d'estes, muitos outros se achavam ainda em volta da cidade, promptos a tomarem a mesma direcção, causando todavia aos movimentos do exercito consideravel embaraço. Não entraremos aqui na analyse critica da posição occupada assim pelo rei José; mas votos de peso a dão por bastante defeituosa, dizendo que a frente da sua linha de batalha era demasiadamente extensa, tendo duas leguas e meia de comprido, correndo de mais a mais quasi parallelamente a estrada de Bayonna, a unica por onde um exercito, tão embaraçado como se achava o seu, teria de se retirar mais commodamente, em caso de precisão. Ora como os alliados occupavam uma posição analoga, mas menos extensa, por trás das montanhas que limitam a bacia da margem direita do Zadorra, bastava-lhes moverem-se sobre a sua esquerda para cortarem aos francezes a marcha sobre Bayonna, operação que lhes era tanto mais facil, quanto que a direita de José se achava muito distante do centro para efficazmente ser sustentada, dando-se com isto uma outra circumstancia, tal como a da cidade da Vittoria se achar cercada por uma cinta de montanhas, cujo prolongamento ficava precisamente na direcção da esquerda dos alliados e do lado por onde elles deveriam chegar. José tinha de mais a mais commettido a grande falta de accumular por trás da cidade as suas bagagens, comboios e parques, com muitas mais cousas que lhe obstruiam o terreno e tomavam as estradas, difficultando muito os movimentos das diversas armas. Differentes partidos ou planos se lhe apresentaram para deixar a posição tomada, mas nada foi possivel demove-lo da grande inercia que d'elle se apoderára. Succedeu mais que do dia 19 para 20 debilitou elle o seu exercito de 4:000 ou 5:000 homens, que

destinou para escolta dos comboios que seguiam para França, fazendo isto no momento critico em que tinha de aceitar batalha, tendo o inimigo á vista!

Seja porém como for, certo é que no dia 20 de junho o exercito luso-britannico continuou a sua marcha, indo avistar o Zadorra, na margem direita do qual acampou. Ali reuniu pois lord Wellington todas as suas tropas, computadas em 61:487 homens; a saber: 35:090 inglezes e 26:397 portuguezes, advertindo que nos precedentes combates haviam-se perdido cousa de 200 homens entre mortos e feridos, e deixado em Medina del Pomar uma divisão de 6:500 homens, em que se comprehendia a setima brigada portugueza de infanteria, composta dos regimentos n.º 8 e 12, com caçadores n.º 9. A cavallaria, que acima se inclue na totalidade das forças do exercito, era de 9:290 cavallos; a artilheria tinha a força de 90 peças, andando as tropas hespanholas por 20:000 homens, de que resultava ser a totalidade dos alliados para mais de 81:000 homens. Sendo grande a divergencia de opiniões ácerca da força inimiga, só por estimativa vaga se póde aqui fazer menção d'ella, computando-a em 55:000 homens, como geralmente se calcula, não entrando n'este numero os officiaes, os artilheiros, os sapadores, os mineiros, etc., com os quaes não podia ser inferior a 60:000 para 70:000 homens[1]. Os francezes eram commandados em pessoa pelo

[1] Mr. Thiers não nos diz na sua historia qual fosse o numero certo das tropas francezas na batalha de Vittoria, nem que o dissesse merecia fé, por ser o seu systema diminuir constantemente as forças francezas em combate, para mostrar que qualquer dos seus compatriotas é, qual outro Farrabraz, capaz de poder bem disputar a sete a palma da victoria em qualquer acção, enterrando os contrarios sete braças pela terra abaixo.

Segundo Maxwel, os alliados tinham 80:000 homens, dos quaes 20:000 hespanhoes e 90 peças de artilheria; os francezes 90:000 homens e 150 peças de artilheria.

Segundo Belmas, o exercito francez era de 55:000 homens, e o alliado de 90:000, dos quaes 40:000 eram inglezes, 23:000 portuguezes e 25:000 hespanhoes, excluindo os guerrilhas.

Segundo Sherer, os francezes tinham 70:000 homens e 100 peças

proprio rei José, continuando a ter por major general o marechal Jourdan. A sua esquerda, composta do exercito do meio dia, era commandada pelo general Gazan, estendendo-se desde Arinez até ás alturas de Puebla de Arganzon, e portanto ao longo do Zadorra até á ponte de Nanclares. O seu centro, postado, como já vimos, na margem esquerda do mesmo Zadorra, e na prolongação das encostas, ficando-lhe pelo lado direito a ponte de Mendoza, e pelo esquerdo as alturas de Puebla, era formado pelo exercito do centro, tendo por commandante o general Drouet, conde de Erlon, a quem servia de principal apoio uma eminencia que lhe ficava pela retaguarda, eriçada de artilheria, dominando o valle a que o Zadorra dá o nome. A sua direita era formada pelo exercito chamado de Portugal, commandado pelo general Reille, o qual estendia as suas forças até ao valle de Abechuco, para alem de Vittoria, na direcção da estrada de Bilbau para Orduña.

Era pois a cidade de Vittoria o local que os tres exercitos francezes se propunham seriamente defender, tendo cada um d'elles a sua reserva, abraçando a totalidade da sua posição perto de tres leguas. O general Foy achava-se na costa entre Salinas e Tolosa com a divisão italiana, pertencente ao exercito de Portugal, ao passo que o general Clausel, então commandante do exercito do norte, em que substituira o ge-

de artilheria; os alliados 74:000 a 75:000 homens, contando as tres divisões hespanholas de Giron, Longa e Morillo.

Segundo o proprio rei José (como elle mesmo diz na sua carta de 6 de julho para Clarke), o exercito francez não tinha em Vittoria mais que 35:000 homens. Mas o mesmo Clarke, na sua carta de 9 de julho prova que similhante numero é inexacto. Jourdan convem que, quando muito, o exercito francez em Vittoria no dia 20 de junho era de 55:000 homens.

Sarrazin eleva a força effectiva dos francezes a 60:000 homens, e as *Victorias e Conquistas* a 45:000, pouco mais ou menos.

Com mais alguma habilidade o rei José poderia reunir em Vittoria forças que o citado Sarrazin avalia em 100:000 homens, e as *Victorias e Conquistas* em 75:000 ou 80:000. Por aqui se vê pois a variedade de opiniões que ha sobre este ponto.

neral Caffarelli, se achava junto a Logroño, occupado na perseguição dos guerrilhas de Mina, e Maucune na conducção dos comboios que se dirigiam para França. José propunha-se manter na defensiva até que as tropas, ou pelo menos a maior parte das que se achavam dispersas, se lhe reunissem. Para conseguir isto fiava-se elle na posição que escolhêra, bem como na maneira reflectida e lenta por que lord Wellington costumava operar, como geralmente se lhe attribuia, d'onde resultava ser por muitos accusado de uma excessiva prudencia. O pensamento de José era secundado pela opinião de Jourdan, general irresoluto e tardio, ao ponto de se prejudicar a si proprio, e então mais do que nunca, em que se lembrava das perdas, que anteriormente experimentára em Ausberg e Wurtzbourg, por haver destacado forças do principal corpo da batalha. Pela sua parte lord Wellington hesitava, como tambem se diz, no que em taes circumstancias tinha a fazer, indeciso ou não em dar uma batalha campal, de que tanto dependia a sorte da sua causa. N'este estado incerto se conservava, quando, achando-se nas alturas de Nanclares de la Oca, foi avisado pelo alcaide de S. Vicente de que o general Clausel havia lá chegado no dia 20, e que lá tencionava descansar por todo aquelle dia. Logoque soube esta noticia lord Wellington decidiu-se a effeituar o ataque, calculando todo o mal que lhe resultaria de dar ao inimigo o tempo necessario para se reforçar com as tropas de Clausel.

Tomada pois esta resolução, começaram os movimentos das tropas alliadas ao romper do dia 21. A ala esquerda do exercito francez era formada pela brigada Maranzin, que occupava as alturas de Puebla: tinha ella contra si o ser fraca e achar-se um pouco isolada para se poder manter sobre si no terreno que occupava. Verdade é que o centro se achava postado n'uma cadeia de alturas menos accidentadas; a sua frente era aberta por um declive, que descia para a parte do rio, e fortes baterias, collocadas sobre uma eminencia, que lhe ficava pela retaguarda, pareciam dever embaraçar o accesso das pontes do rio; os alliados porém haviam conduzido alguma artilheria para os seus postos avançados, a co-

berto de uma volta do terreno, que se achava na margem direita do Zodorra. Sete pontes se contavam n'este rio por onde os alliados tinham de passar; a primeira era a de Puebla sobre a esquerda dos francezes, situada alem do desfiladeiro d'aquella denominação; a segunda era a de Nanclares, em face de Subijana de Alava, seguindo-se a esta mais tres bastantemente proximas, a chamada de Mendoza, situada mais rio acima, e a de Vellodas, situada mais agua abaixo, ficando-lhes no centro a denominada Tres Pontes. Todas ellas, situadas na volta do terreno acima mencionado, se abriam sobre a direita do centro francez. Acima d'estas havia ainda mais duas, a de Gamara Maior e a de Ariaga, situadas em face de Vittoria, ambas ellas defendidas pela ala direita dos francezes, consistindo no chamado exercito de Portugal, do commando do general Reille, como já vimos. Nenhuma d'estas pontes tinha sido destruida, nem entrincheirada. Lord Wellington, tendo reconhecido o geral da posição inimiga e o accidentado do terreno, formou o seu exercito em tres columnas de ataque, dispondo-se a dar com ellas ao mesmo tempo tres batalhas distinctas. Para este fim a ala direita do seu exercito, commandada pelo general Hill, foi destinada ao ataque da esquerda do inimigo, e portanto ao das tropas de Maranzin, para cujo fim foi passar o Zadorra em Puebla de Arganzon, depois de ter feito mais de uma legua de marcha, e de se ter reunido na vertente meridional das alturas de Morillas, entre o rio Bayas e o mesmo Zadorra. As forças de Hill, constando de uns 20:000 homens, compunham-se de tres brigadas inglezas de infanteria, e de tres portuguezas; a saber: a segunda e quarta, compostas dos regimentos n.os 2 e 14, e dos de 4 e 10 com caçadores n.º 10, constituindo a divisão portugueza commandada pelo conde de Amarante; a terceira das ditas brigadas portuguezas era a quinta, composta dos regimentos n.os 6 e 18 com caçadores n.º 6, a qual fazia parte da segunda divisão luso-britannica. D'estas forças de Hill fazia igualmente parte a divisão hespanhola de D. Pablo Morillo, a quem se deu a commissão de encetar o combate.

A ala esquerda do exercito alliado era formada pelas tropas commandadas pelo tenente general sir Thomás Graham, que se compunham da primeira e quinta divisão luso-britannicas, fazendo parte d'esta a terceira brigada portugueza, formada pelos regimentos n.os 3 e 15 de infanteria com caçadores n.º 8, sendo commandada pelo marechal de campo Frederico Sprye. No numero das ditas tropas entravam igualmente mais duas brigadas portuguezas avulsas, não fazendo portanto parte de divisão alguma; a saber: a primeira, commandada por Diniz Pack, sendo composta dos regimentos n.os 1 e 16 de infanteria com caçadores n.º 4, e a decima commandada pelo marechal de campo sir Thomás Bradford, que era composta dos regimentos n.os 13 e 24 de infanteria com caçadores n.º 5. Entravam mais no numero das referidas tropas a divisão hespanhola de D. Francisco Longa e a cavallaria de Anson e de Bock, fazendo ao todo cousa de outros 20:000 homens, acompanhados por dezoito peças de artilheria, chamando-se de Orduña, para os vir sustentar, as tropas gallegas de D. Pedro Agostinho Giron. Graham foi destinado ao ataque da ala direita dos francezes, constituida pelo exercito de Portugal, do commando do general Reille, que defendia com elle as pontes de Ariaga e de Gamara Maior em frente de Vittoria, cujas passagens elle Graham deveria forçar, se lhe fosse possivel. Por este movimento, quando fosse bem succedido, se conseguia tornear completamente a direita dos francezes, a maior parte dos quaes ficariam em tal caso encerrados entre as montanhas de Puebla por um lado, e pelo Zadorra por outro. A columna do centro, commandada em pessoa por lord Wellington, compunha-se da divisão ligeira (em que entravam os batalhões portuguezes de caçadores n.os 1 e 3 e o regimento de infanteria n.º 17), e das divisões terceira, quarta e setima, fazendo parte da primeira d'estas a oitava brigada portugueza, commandada pelo marechal de campo Manley Power, composta dos regimentos n.os 9 e 21 com caçadores n.º 11; fazendo parte da segunda a nona brigada portugueza, commandada pelo coronel Thomás Guilherme Stubbs, composta dos regi-

mentos n.os 11 e 23 com caçadores n.º 7; e finalmente fazendo parte da terceira a sexta brigada portugueza, commandada pelo brigadeiro Carlos Frederico Lecor, composta dos regimentos n.os 7 e 19 com caçadores n.º 2. Entrava tambem na columna do centro a cavallaria portugueza do commando do brigadeiro Benjamin D'Urban, fazendo ao todo 3:000 cavallos, compondo-se dos regimentos n.os 1, 6, 7, 11 e 12, isto alem da cavallaria ingleza e da maior parte da sua artilheria: a somma de tudo isto andava por perto de 30:000 combatentes, que se achavam acampados ao longo do rio Bayas e de Subijana de Morillas, não tendo mais que uma marcha a fazer através das alturas, que por este lado formavam a bacia de Vittoria, para chegar aos seus diversos pontos de ataque sobre o Zadorra, que eram as pontes de Mendoza, Tres-pontes, Villodas e Nanclares. Mas o paiz era tão accidentado, e as communicações entre as differentes columnas tão difficil, que se não podia esperar uma perfeita união de movimentos, de que resultava que cada general de divisão era até certo ponto senhor de operar como entendesse.

Ao romper do dia 21 o tempo appareceu chuvoso e carregado de vapores; as tropas saíram do seu campo de Bayas, e avançando as columnas da esquerda, centro e direita da linha, a terceira e a setima divisão dirigiram-se para a ponte de Mendoza, a divisão ligeira para a de Villodas, e a quarta com a artilheria e a cavallaria para a de Nanclares. Tinha-se esta força alojado já nas alturas de Morillas, quando pelas dez horas da manhã o general Hill começou pelo outro lado d'estas mesmas alturas com os seus movimentos, passando o Zadorra e indo-se postar em Puebla. Os hespanhoes de Morillo faziam a testa da columna; a sua primeira brigada seguiu um caminho transversal, marchando contra as alturas de Puebla; mas o seu declive era tão ingreme, que os soldados pareciam mais verdadeiramente trepar do que marchar. A sua segunda brigada, destinada a ligar a primeira com as tropas inglezas, que estavam na raiz da montanha, ficou a meio caminho. Pouca ou nenhuma opposição houve,

emquanto a primeira brigada não esteve perto do alto da montanha, sendo então que os francezes travaram com ella um aspero e rude combate, em que Morillo foi ferido, sem que todavia abandonasse o campo da batalha. Reunindo-se a sua segunda brigada, e sendo então que Gazan reconheceu bem a importancia da altura disputada, reforçou Maranzin com um novo regimento. Hill pela sua parte sustentou Morillo com o regimento n.º 71 e um batalhão de infanteria ligeira, commandando este reforço o coronel Cadongan. O resultado da luta achava-se incerto, apesar dos alliados terem chegado a ganhar o alto da montanha, bem como uma parte do reverso d'ella, sendo por esta occasião que Cadongan foi morto. Um novo reforço, consistindo na divisão Villatte, chamada de Arinez, foi pelo mesmo Gazan mandado a Maranzin, a que se seguiu um tão vigoroso conflicto, que a batalha ficou estacionaria, sendo difficil aos atacantes manterem-se no terreno que occupavam. Hill enviou-lhes então novos soccorros, atravessou com o resto do seu corpo o Zadorra, passou depois o longo desfiladeiro de Puebla, e apparecendo com ardor do outro lado, apoderou-se finalmente da aldeia de Subijana de Alava, situada adiante da linha de Gazan. Por este seu movimento ligou elle a sua direita com as suas tropas da montanha, mantendo esta posição avançada, apesar dos vigorosos esforços que o inimigo fez para o desalojar.

Entretanto lord Wellington tinha feito descer a divisão ligeira e a quarta, a grossa cavallaria, os hussards e a cavallaria portugueza de Benjamin D'Urban, de Subijana de Morillas e Montevite para Olabarre sobre o Zadorra. A quarta divisão foi posta em frente de Nanclares, e a divisão ligeira igualmente em face da ponte de Villodas. Estas duas divisões achavam-se bem cobertas, tanto por um terreno fortemente accidentado, como pelos bosques que n'elle havia, chegando a divisão ligeira a approximar-se tanto do rio, que os seus exploradores teriam podido facilmente matar os artilheiros francezes do posto avançado, que estava na volta do rio em Villodas. O tempo tinha aclarado, e quando o general Hill se empenhou em combate, os caçadores da divisão li-

geira, espalhando-se ao longo do Zadorra, trocaram um vivissimo fogo com os atiradores do inimigo; mas nada mais se tentou seriamente, porque a terceira e setima divisão, retardadas pelos obstaculos do terreno, não tinham podido ganhar ainda o seu ponto de ataque, de que resultava ser imprudente fazer marchar a quarta divisão e a cavallaria para além da ponte de Nanclares, agglomerando-se assim um grande numero de tropas adiante do desfiladeiro de Puebla antes das outras divisões estarem promptas a atacar a direita e o centro do inimigo. Estavam as cousas n'este estado, quando um camponez hespanhol veiu avisar lord Wellington de que a ponte das Tres-pontes não tinha guarda, nem defeza alguma por parte do inimigo. Á vista pois d'isto a primeira brigada ingleza do major general Kempt immediatamente foi mandada marchar para aquella ponte, onde alguns rochedos a impediram ao principio de ser vista pelos francezes. Bem conduzida como portanto foi pelo dito camponez, atravessou ella a ponte de corrida, subiu uma eminencia bastante elevada, parando no alto d'ella do lado do rio, que estava da parte do inimigo, postando-se assim por trás dos postos avançados do rei, e apenas alguns centos de metros distante da linha de batalha. Um pelotão de cavallaria franceza de prompto avançou, a que se seguiram dois tiros da parte do inimigo, um dos quaes matou o paizano que fez o aviso a lord Wellington; mas como os francezes nada mais fizeram do que isto, Kempt reforçou-se com o 15 de hussards, conservando-se sem mais inconveniente algum no terreno que occupára.

Era uma hora depois do meio dia quando uma fraca columna de fumo, que se percebeu no alto Zadorra, na extrema direita do inimigo, a que se seguiu um surdo estrondo de artilheria, annunciou que o general Graham tinha com effeito chegado ao ponto do seu ataque. O rei José, vendo em tal caso os seus dois flancos em perigo, fez avançar a reserva que tinha em Gomecha, ordenando tambem a Gazan que successivamente se retirasse com o exercito do sul. Mas n'este mesmo momento a terceira e a setima divisão, tendo chegado igualmente ao terreno que lhe estava destinado, percebeu-se que

rapidamente se dirigia para a ponte de Mendoza. A artilheria inimiga abriu então o seu fogo contra ellas, um corpo de cavallaria veiu até perto da ponte, e as tropas ligeiras francezas, que eram em grande numero, começaram uma terrivel fuzilaria. Algumas peças da artilheria dos alliados responderam da margem opposta á artilheria inimiga. Foi então que se conheceu todo o valor da posição avançada de Kempt, poisque os caçadores da divisão ligeira, postos na sua frente entre a cavallaria franceza e o rio, fuzilavam de flanco as tropas ligeiras do inimigo e a sua artilheria. Entretanto uma brigada ingleza da terceira divisão passou sem opposição a ponte de Mendoza, ao passo que a oitava brigada portugueza de 9 e 21 com caçadores n.º 11 passou a vau o Zadorra um pouco mais acima, indo logo após ella a setima divisão e a segunda brigada ingleza da divisão ligeira. Os postos avançados francezes abandonaram de prompto o terreno adiante de Villodas, e a batalha, que por algum tempo tinha afrouxado, recomeçou com a mais extrema violencia. Hill apertou então com o inimigo muito seriamente, a quarta divisão passou a ponte de Nanclares, o fumo e o estrondo da artilheria, por effeito do ataque de Graham, tornaram-se mais distinctos, e as margens do Zadorra não foram mais do que uma linha de fogo. Entretanto os francezes, enfraquecidos no centro pela partida da divisão Villatte, mandada de reforço a Maranzin, e abalada a sua confiança, quanto ao bom exito da batalha, pela ordem de retirar que José acabava de dar, estavam n'uma visivel perplexidade, sem fazer movimento algum regular, tendo já os alliados tão perto de si. A oitava brigada portugueza e as mais tropas que tinham passado a vau o Zadorra, como acima se viu, formavam a extrema esquerda do centro dos alliados, a qual desde logo entrou em combate com a direita dos francezes, postados adiante das pequenas povoações de Margarita e Hermandad. Quasi pelo mesmo tempo lord Wellington, vendo o monte que estava adiante de Arinez desguarnecido de tropa, pela já citada partida de Villatte, mandou para este ponto central o tenente general Picton com o resto da terceira divisão. O tenente ge-

neral Cole avançou tambem ao mesmo tempo com a quarta divisão da ponte de Nanclares, seguido da grossa cavallaria: este magnifico corpo, passando o rio, formou-se então em batalha por esquadrões na planicie entre a direita de Cole e a esquerda de Hill.

Surprehendidos por este modo os francezes no meio das suas disposições de retirada, tomaram o expediente de destacar uma nuvem de caçadores, fazendo ao mesmo tempo disparar cincoenta peças de artilheria com uma espantosa actividade. Lord Wellington para responder a este desmedido fogo fez avançar muitas brigadas de artilheria ingleza, e de prompto uma espessa nuvem de fumo cobriu as duas margens do rio. D'isto se aproveitaram logo os francezes para gradualmente se retirarem sobre a segunda cadeia de montanhas, situadas adiante de Gomecha, onde se tinha postado a sua reserva; mas conservaram a aldeia de Arinez sobre a estrada real. As tropas do general Picton, precedidas pelos caçadores, precipitaram-se sobre esta aldeia no meio de um fogo de mosquetaria e de artilheria o mais bem sustentado, e apprehenderam no mesmo instante tres peças. O posto era importante, os francezes enviaram para elle tropas frescas, e durante algum tempo o fumo, a poeira, o estrondo das armas de fogo, os gritos dos combatentes, misturados com os trovões da artilheria, produziram um terrivel effeito: entretanto os alliados acabaram por saír victoriosos pelo outro lado da aldeia. Conseguido isto, as tropas francezas, que estavam em Subijana de Alava, acharam-se cortadas, estando as tropas de Picton de posse da estrada real em Arinez, de que resultou buscarem reganhar no meio da sua confusão e desordem a linha de retirada para Vittoria. Pessoas entendidas julgam que se lord Wellington lançasse n'este momento a sua cavallaria contra esta massa, a ordem de batalha dos francezes ter-se-ía totalmente rompido desde logo, fazendo-se-lhes muitos milhares de prisioneiros; mas não se fez isto, e esta multidão confusa, disparando os seus fuzis contra a linha dos alliados, que avançavam sobre elles, reformou-se, e como o terreno n'um sitio apresentava bosques, n'outro

logares descobertos, mais longe searas de trigo, fossos, vinhas, choupanas, etc., a acção, sobretudo no espaço de duas leguas, reduziu-se a um combate em que se corria e canhonava, e por modo tal, que a poeira, o fumo e o estrondo da artilheria encheu toda a bacia, que d'ahi ia até Vittoriá.

O exercito alliado avançando assim, assenhoreou-se de muitas peças de artilheria. Pelas seis horas da tarde os francezes occupavam a ultima altura, que se podia defender a uma milha adiante de Vittoria. Pela parte de trás ficava-lhes a planicie onde a cidade se acha situada; para alem d'ella viam-se milhares de carruagens, carroças, cavallos, machos, e um sem numero de pessoas não combatentes (homens, mulheres e creanças), tudo isto reunido confusamente, dominados pela agonia do terror. A cada bala de artilheria, que passava sobre a cabeça d'esta multidão, abalava-se ella por um movimento convulsivo, e ladeando para uma ôu outra parte, dava gritos de afflicção: todavia tanto para ella, como para o exercito francez, não havia esperança de salvação, nem possibilidade alguma de prolongar a defeza. Parecia o naufragio de uma nação inteira. O exercito de Reille mantinha-se todavia sobre o alto Zadorra; o do sul e o do centro arranjaram-se sobre as ultimas alturas, que lhes restavam entre as aldeias de Ali e de Armentia, disparando uma viva fuzilada, ao passo que oitenta peças de artilheria, reunidas em massa, abalavam as montanhas com o seu medonho estrondo, vomitando torrentes de fogo, no meio das quaes se viam os artilheiros saltando com frenetica alegria. Durante este terrivel fogo de artilheria e de mosquetaria foi a terceira divisão, que era a mais avançada de todas, a que sustentou o choque d'esta grande tempestade, conservando o terreno que ganhára, tornando-se a batalha por algum tempo outra vez estacionaria. Os generaes francezes tinham começado a retirar gradualmente a sua infanteria da ala direita do centro, quando de repente a quarta divisão, precipitando-se sobre a sua frente, ganhou a montanha, que se achava á esquerda dos mesmos franceezes, que lhe abandonaram as alturas. Foi n'esta occasião que José, vendo a estrada real tão completamente obs-

truida pelas carruagens e o mais que acima se disse, a ponto da artilheria não poder por ella transitar, indicou a estrada de Salvaterra para linha de retirada, por onde o seu exercito effectivamente seguiu confusamente, deixando Vittoria sobre a sua ésquerda, como se vê no respectivo mappa. A infanteria ingleza o perseguiu com ardor, e a cavallaria galopou através da cidade, a fim de lhe interceptar esta nova linha de marcha, a qual passava por uma lagoa ou terreno encharcado; mas este caminho, igualmente obstruido por carruagens e fugitivos, era por cada lado cortado por profundas sargetas. Por este modo tudo concorreu para augmentar a desordem; a artilheria foi abandonada nas margens da citada lagoa, os artilheiros e os soldados do trem fugiram com os cavallos, e abrindo um caminho através d'esta multidão desolada, ganharam Salvaterra por Metanco. Foi a sua cavallaria a que cobriu a retirada, vendo-se muitos d'estes generosos cavalleiros levar comsigo creanças ou mulheres, para as arrancar a esta terrivel scena, que tanto as affligia.

O resultado do ultimo ataque contra os francezes pozera em grande perigo o general Reille, o unico dos generaes francezes que melhor conducta teve n'esta batalha, em que o tenente general Graham foi o seu contendor. Graham dirigíra-se a Vittoria pela estrada de Bilbau a Murguia e Orduña, vindo encontrar-se com as forças de Reille, o qual apoiava a sua direita n'umas alturas, que cobriam as aldeias de Gamara Maior e Menor e a sua esquerda nas de Abechuco, sendo umas e outras consideradas como de grande importancia, por defenderem por aquellas paragens as pontes do alto Zadorra. As brigadas portuguezas de Pack e Bradford, bem como a cavallaria de Anson e Bock, e os guerrilhas de Longa bateram os francezes acima de Abechuco; ameaçando-os de interceptar-lhes a sua communicação com Bayonna. Para evitar este mal José enviou uma parte das suas tropas em soccorro da sua direita com o fim de se manter em Gamara Maior e Menor. Este apoio era necessario para disputar aos alliados a passagem do Zadorra e cobrir a retirada das bagagens e das tropas inimigas sobre Bayonna; mas Graham,

ipenas as viu estabelecidas nas referidas aldeias, contra el-
las dirigiu logo as suas tropas, obrigando-as a deixar-lhe a
presa. O mesmo Graham, participando a lord Wellington as
suas operações, diz-lhe que as tropas portuguezas e inglezas
se conduziram admiravelmente bem, distinguindo-se com
mais particularidade os batalhões de caçadores portuguezes
n.os 4 e 8, pertencendo este á brigada do commando de
Sprye, que fazia parte da quinta divisão, e aquelle á brigada
de Diniz Pack. O inimigo porém tinha ainda por então nas
alturas do Zadorra duas divisões de infanteria de reserva,
sendo impossivel atravessar as pontes das mesmas alturas,
emquanto as tropas alliadas, que marchavam contra o seu
centro, o não tivessem expulsado para alem de Vittoria. Isto
porém conseguiu-se, como já vimos, cooperando assim to-
das as tres columnas do exercito alliado para o bom exito
da batalha, que continuou até ao anoitecer, sendo o general
Graham o que pela sua parte formalmente impediu a reti-
rada dos francezes pela estrada real, que de Bayonna vem
para Vittoria, vendo-se elles então obrigados a tomar a es-
rada de Pamplona, sem que em posição alguma se podes-
em sustentar o tempo que lhes era preciso para puxarem
ara a frente as suas bagagens e artilheria [1]. Por conseguinte
udo o que as tropas alliadas não tinham tomado nos succes-
ivos ataques das differentes posições, abandonadas pelo
nimigo na sua retirada sobre Arinez e Vittoria, tudo poste-
iormente caíu nas mãos dos alliados, a saber, cento e cin-
oenta e uma peças de artilheria com todas as suas munições,
endo a mesma sorte as bagagens com tudo o mais que es-
ava junto áquella cidade, salvando-se apenas uma peça de

[1] Pela mais fatal imprevidencia o grande parque da reserva do exer-
to francez, que contava por si mais de oitenta peças de artilheria de
fferentes calibres com todas as munições, postára-se perto da lagoa
ue acima se mencionou. Pelas quatro horas deu-se uma ordem ao di-
ector do parque para começar a sua marcha sobre Pamplona, uma car-
ta foi por então derrubada, e por tal modo, que impediu de marchar
restante comboio. (*Victorias e Conquistas*, tom. XXII, pag. 249, e *Me-
orias de José*, tom. IX, pag. 166.)

artilheria e um obuz, que no seguinte dia igualmente se lhe apprehenderam.

A ala direita do exercito alliado, havendo-se desenvolvido sobre a tarde, flanqueava pelas alturas que ganhára o exercito francez, que a custo na sua retirada fazia alguns incertos e infructuosos tiros de canhão. As massas da cavallaria alliada occupavam a estrada real, e os corpos ligeiros por toda a parte acossavam terrivelmente o inimigo. Foi pouco antes do anoitecer que o marechal Jourdan e o seu exercito evacuaram definitivamente a cidade. Todas as estradas reaes, os pequenos caminhos e os desfiladeiros, que cruzam o terreno na direcção de Pamplona e Bayonna de França, e na distancia de mais de uma legua de Vittoria, se viam por toda a parte cobertos de despojos do mesmo inimigo. Alguns officiaes francezes houve que morreram defendendo as suas bagagens, operação em que uma immensidade dos seus proprios soldados os secundava. A noite foi a que poz termo ao combate, o qual, tendo começado pelas oito horas da manhã, se prolongou activo até ás seis horas da tarde, em que a principal força do inimigo se viu então em completa retirada para Pamplona, escapando por bem pouco uma pequena divisão de depor as armas e ficar prisioneira de guerra, o que lhe não succedeu por tomar o caminho de Satostir para Roncesvalles, e ir-se assim entranhar pelos Pyrenéos. Tódos os soldados alliados se viam durante a noite ao clarão das fogueiras, espalhadas pelos arraiaes, estarem relatando uns aos outros os brilhantes acontecimentos do dia, e a valentia dos corpos que mais se haviam distinguido na batalha. Soldados houve das brigadas portuguezas oitava e nona (o que tambem succedeu aos inglezes), que alcançando na força da peleja os thesouros do rei José, que o inimigo defendia, olharam com desdem para a moeda de prata, que lhes caiu nas mãos, quando em tanta abundancia se viram senhores da moeda de oiro, chegando mesmo a abandonarem a de prata, em rasão do seu maior peso e menor valor os privar de poderem marchar e combater! Depois das fadigas do dia, e do cuidado das armas e

dos viveres, cousa que nunca em demasia pesa aos militares em marcha, succedeu-se a profunda mudez dos arraiaes, companheira fiel do preciso somno, como natural consequencia dos excessos e fadigas do combate, mudez que só era interrompida pelos gritos das sentinellas e pelo patrulhar dos cabos. Tão socegada se achava a noite, que as bandeiras dos corpos se viam immoveis, pendendo em pregas sobrepostas umas ás outras das alabardas em sarilho, sem que impulso algum de vento as sacudisse.

Depois da batalha de Salamanca, talvez a mais regular e methodica que militarmente se deu na peninsula, e talvez mesmo que a mais importante pelos seus resultados, a de Vittoria é seguramente a que se deve reputar segunda em magnitude, á qual outros darão o primeiro logar, já pelo grande valor dos seus despojos, e já pela desmoralisação completa em que desde então ficaram as tropas francezas. Nunca exercito algum foi mais mal empregado, diz o coronel Napier[1], e todavia jamais houve victoria que fosse tão completa. O bastão do marechal Jourdan, algumas bandeiras, cento e cincoenta e uma peças de artilheria, das quaes cem tinham servido no combate, todos os parques e depositos de Madrid, de Valladolid e de Burgos, as equipagens, munições e as caixas dos exercitos com cinco milhões e meio de dollars, setenta e seis coches, seis dos quaes eram do proprio rei José, encontrando-se n'elles alguns diamantes e espadas com punhos de oiro, alem da sua particular correspondencia, tudo isto caíu nas mãos dos vencedores na importancia de muitos milhões, constituindo os despojos mais opimos de

[1] Effectivamente varios criticos militares censuram lord Wellington sobre alguns pontos ou detalhes de ataque por occasião d'esta batalha. As *Victorias e Conquistas* dizem a este respeito: «A marcha do general inglez sobre a margem direita do Douro foi sabiamente calculada; mas as suas manobras no dia da batalha de Vittoria não merecem os mesmos elogios. Os francezes foram mal atacados, e ainda mais mal perseguidos». Pela nossa parte não entrâmos aqui no detalhe d'estas censuras, poisque o nosso escripto não se destina a apresentar ao leitor uma obra de instrucção militar, mas só de instrucção historica, que mais completa fica, vendo-se o documento n.º 107.

que fazem menção os annaes da guerra, a não serem os da batalha de Xerxes ou a de Dario. Era crença que só o dinheiro que os soldados particularmente encontraram nos prisioneiros e na comitiva do rei José excedia a cinco milhões de dollars, sendo portanto o oiro e a prata derramados pelo chão em tão grande copia, que os alliados quasi que combateram por um campo coberto por estes dois metaes. Foi perto de Vittoria que se acharam abandonados pelos fugitivos dois mil carros de bagagem, contendo dinheiro e effeitos preciosos, bem como toda a casa e equipagens do rei José. Elle mesmo esteve a ponto de cair prisioneiro, escapando-se milagrosamente d'este desastre pela prompta resolução que tomou de deixar a sua carruagem e montar a cavallo no mesmo momento em que se approximava d'elle um esquadrão de dragões inglezes. Tão inesperada foi uma derrota d'estas entre os francezes, que até tres generalas caíram prisioneiras, incluindo a esposa do proprio general Gazan, ás quaes lord Wellington generosamente permittiu que voltassem para França, deixando-as ir em paz; alem d'estas outras havia de cortezãos e dos principaes empregados do estado, que foram obrigadas a procurarem a sua salvação nos seus pessoaes esforços, com algumas centenas de outras, que acompanhadas por creanças tiveram de seguir a pé com o exercito.

Alem d'ellas tambem muitos hespanhoes, que de antes se viam n'uma alta posição social e com grande opulencia de meios e de fortuna, se acharam n'esta occasião victimas de grande cansaço e fome, tendo igualmente de atravessar a fronteira a pé descalço, sem possuirem de seu cousa alguma no mundo. Tão geral e tamanho foi o terror dos fugitivos, que alcançando Pamplona, e achando as suas portas fechadas, louca e desesperadamente tentaram escalar as muralhas, empreza de que desistiram pela seria resistencia que contra os seus intentos acharam da parte do governador e da guarnição, que para este fim tivéram de recorrer ao emprego do fogo de artilheria e mosquetaria. Os seus mesmos chefes se mostraram tão receiosos pela sorte d'esta praça, que decidiram n'um conselho de guerra abandona-la, fazendo

saltar aos ares as suas fortificações, allegando não se achar sufficientemente aprovisionada. A similhante decisão obstou todavia o rei José, que julgando poder-lhe Pamplona cobrir a sua retirada, ordenou no dia 24, como ultimo acto da sua auctoridade real entre os seus anteriores subditos, tudo quanto era necessario para a sua regular defeza. A exacta execução d'estas ordens fez com que se procurasse um numero de provisões duplas das que se precisavam, impedindo por este modo uma resolução desesperada, que teria posto o cumulo aos desastres de Vittoria. Uma boa guarnição se lhe metteu dentro, escolhida entre os fugitivos, depois de uma curta demora que tiveram na explanada, dirigindo-se em seguida a isto para os Pyrenéos no meio da maior confusão e desordem. A sua direita achava-se ainda á vista de Pamplona, quando a direita e o centro do exercito luso-britannico, que os perseguia, foram demorados na sua marcha pelo fogo das muralhas d'aquella praça. O tenente general sir Thomás Graham dirigiu a sua marcha para Bilbau, a fim de cortar a retirada ao general Foy, que no dia 21 tinha chegado a Bergara, marchando no dia 22 para Villa Real de Guipuscoa, estrada de Bayonna para Tolosa, cujas ruas fortificou; mas Graham, tendo atravessado a montanha de Mutiol pela passagem de Santo Adrião, em Tolosa o foi atacar no dia 25, até que por fim o expulsou d'ali para alem dos limites da Hespanha.

Quanto ao general Clausel, deve-se igualmente saber que no meio d'estes acontecimentos o seu risco tambem não foi pequeno. No dia seguinte ao da batalha marchava elle de Logroño para Vittoria com uma força de 15:000 homens, ignorante do que no dia anterior se passára. Chegando perto d'aquella cidade, Clausel viu que os alliados estavam já senhores d'ella, e não podendo communicar, nem com o rei José, nem com Logroño, fez alto por pouco tempo para obter informações mais positivas sobre os movimentos do exercito. Tres divisões dos alliados marcharam para Tudela, tendo-se Clausel retirado outra vez para Logroño no dia 25, onde devia ser atacado. Buscando evitar este golpe, dos alliados se

approximou ainda mais, dirigindo-se o mesmo Clausel para Tudela igualmente, onde passou o Ebro no dia 27; mas tendo-se certificado de que por uma ou por outra maneira a sua retirada por esta estrada lhe havia de ser interceptada na tarde d'aquelle mesmo dia, repassou aquelle rio para seguir rapidamente a sua marcha para Saragoça, onde entrou no 1.º de julho, e indo assim ganhar a passagem de Jaca, cortou para a direita, e foi entrar em França por Oleron, quasi sem outra perda mais que a da sua artilheria[1]. O conde de L'Abisbal, avançando da Extremadura hespanhola alguns dias depois da batalha com o exercito hespanhol da reserva, que tinha debaixo do seu commando, tomou por meio de um bombardeamento o pequeno castello de Pancorvo, defendido por uma guarnição de 700 homens. Este forte, situado sobre o cume de um rochedo de uma altura inaccessivel, e quasi que em suspensão sobre a estrada real de Madrid a Vittoria, estrada que passa pelo desfiladeiro que já vimos, bloqueava inteiramente a principal communicação do exercito, communicação que desde

[1] Alguns censores accusam lord Wellington, dizendo que se elle houvesse mostrado mais resolução e audacia, Clausel ver-se-ía obrigado a entregar-lhe as armas com o seu exercito. É certo que Wellington foi informado a tempo da marcha de Clausel para lhe poder interceptar a sua linha de communicação, allegando o coronel Murray, quartel mestre general do exercito inglez, para attenuar esta falta, que o mau estado das estradas e as grandes chuvas, que tinham caido nos dias 24 e 25, retardaram a marcha dos alliados. Mas se o mau estado dos caminhos e as allegadas chuvas não embaraçavam a marcha dos francezes, tambem não deviam embaraçar a dos alliados, pois os inconvenientes d'isto eram iguaes para ambos os exercitos. Parece-nos todavia que a justificação de lord Wellington está no que elle proprio nos diz. «Os mesmos soldados, escrevia elle, em logar de prepararem a sua alimentação e de descansarem, depois da batalha de Vittoria, dispersaram-se durante a noite para se entregarem á pilhagem, e tanto se fatigaram com isto, que lhes era impossivel fazerem uma marcha difficil, de que resultava andar o exercito victorioso mais soldados dispersos do que o vencido. Dous dias depois da batalha 12:500 homens, quasi todos inglezes, se achavam ainda ausentes, pilhando pelas montanhas». Será isto desculpa admissivel? Diga-o o leitor intelligente.

então se tornou livre. Sir Rowland Hill, perseguindo pela sua parte os fugitivos em todas as direcções, levou-os para alem dos Pyrenéos, fazendo-os entrar em França por tres das cinco principaes communicações, que a Navarra tem com aquelle reino, a saber: a do *porto* de Arraiz no valle de Uzama, dirigindo-se por D. Maria e pelo valle de Santo Esteban de Lerin até Lesaca e Vera, indo entrar em França por Urugue; a de la Valete e valle de Bastan, que passa pelo *porto* da Maya, ganhando Urdax até saír das fronteiras hespanholas; e finalmente a de Roncesvalles, que atravessando por Valcarlos, vae terminar em França por S. João-de-Pé-de-Porto. Pela primeira das referidas entradas marchou o exercito do centro com o rei José á sua frente, triste e abatido, e pelas duas restantes os exercitos de Portugal e do meio dia, que não só deram a mão entre si e ao exercito do centro, mas tambem ás mais tropas francezas, que tinham atravessado o Bidassoa, de modo que desde a embocadura d'este rio até Roncesvalles toda esta fronteira passou a ser occupada pelos alliados.

Taes foram os resultados da monumental batalha de Vittoria, que tamanho brado e tão justa fama espalhou por toda a Europa. Foi ella a unica que deu bem a conhecer o estado de abatimento e decadencia a que os exercitos de Buonaparte tinham por então chegado na peninsula. Haviam-se já visto alguns dos seus exercitos derrotados abandonarem artilheria e bagagens, mas ainda se não tinha visto um exercito de 50:000 a 60:000 homens perder n'uma unica acção e no curto espaço de um dia 151 peças de artilheria, munições, bagagens, thesouros, etc. Buonaparte, que tantas batalhas dera, e segundo elle tantas victorias alcançára, nunca disse nos seus boletins, tão falsos como nos seus alardes geralmente foram, haver tomado de uma só vez tanta artilheria. Na batalha de Auterlitz, que foi a sua predilecta e a de maior gloria, tomou, disse elle, 140 peças. O que porém se teve por singular e do maior desastre para o exercito francez foi o não ter podido salvar no dia da batalha mais do que uma peça e um obuz para no seguinte dia ter o desdouro de

perder igualmente uma e outra cousa. Concebe-se que um exercito, que fica inteiramente destruido, perca toda a sua artilheria, perda que aliás lhe póde ser gloriosa, se é que se soube defender até ao ultimo extremo; mas abandonar tudo, artilheria, munições, bagagens, caixa militar, etc., sómente para fugir mais ligeiro foi uma das maiores deshonras que podia succeder ás armas da França. Buonaparte fugiu da Russia, fazendo outro tanto as suas tropas, que tambem abandonaram a sua artilheria, bagagens, roubos, etc., mas tudo isto aconteceu successivamente e durante mezes, depois de uma serie de batalhas, e assim mesmo ainda pôde salvar 12 peças, e attribuir ao rigor do tempo, postoque inexactamente, todas as suas desgraças; mas na acção de Vittoria, em que o tempo era o mais bello do anno, nada ha, a não ser fraqueza ou cobardia, que possa explicar um phenomeno como o da retirada de Vittoria. De tamanho desastre foi seguramente culpado o proprio rei José, ou por não seguir as instrucções do imperador seu irmão, ou por se não ter demorado sobre o Carrion e o Pisuerga o tempo necessario para que se lhe unissem os generaes Foy e Clausel. Aceitar uma batalha na baixa de Vittoria sem aquella reunião, depois de ter abandonado tão fortes e excellentes posições, foi seguramente uma imperdoavel falta. Muito melhor lhe fôra, como lhe aconselhou Jourdan, retirar-se francamente para Bayonna do que postar-se n'aquella cidade, ou então marchar parallelamente ao Ebro até entrar em Saragoça para dar occasião á reunião de Suchet, e effeituada que esta fosse, caír depois sobre os alliados. Verdade é que por este meio não só perdia a sua grande communicação com a França, mas arriscava igualmente Foy a ser presa dos alliados, abandonado como ficara nas provincias insurgidas do norte. Este receio era bem fundado; mas apesar d'isso era-lhe melhor ter seguido similhante meio do que adoptar a resolução que tomou.

Com relação a lord Wellington, diremos que tudo n'elle foi digno de louvor, salvos os detalhes do ataque e o emprego das forças, por que o censuraram durante a batalha. Posto em marcha desde meiado de maio de 1813, quasi se póde dizer

que desde as fronteiras de Portugal até Vittoria, onde obrigou os francezes a combater, não lhes pôde ver a frente: a tamanho grau havia já subido a sua reputação entre elles, que se não atreveram a embaraçar-lhe o passo. Quando no dia 21 de junho José Buonaparte julgava ter a combater uma simples avançada dos alliados, viu-se atacado por todo o peso do exercito luso-britannico unido com os hespanhoes, sem ter tempo de se reforçar com as tropas do general Foy, reputadas em 12:000 homens, que tinham sido destacadas para Bilbau, nem com as do general Clausel, reputadas em 15:000[1], que estavam para Logroño. Foi esta reunião que lord Wellington muito habilmente tratou de evitar, para tirar ao inimigo o poderoso reforço de 27:000 homens, que tamanha influencia podiam ter nas operações ulteriores. O exercito alliado foi occupar as posições, que a lord Wellington pareceram vantajosas, com a excepção da sexta divisão, que a marchas forçadas foi por elle destinada a ir cortar aos francezes o caminho para Bayonna. A posição era de tal modo formidavel, que os exercitos se observavam reciprocamente, não tendo jamais gosado de um tão brilhante panorama. Vittoria está situada, como já se disse, n'um terreno baixo com algumas pequenas alturas, mas é cercada por montanhas, que as tropas alliadas occupavam. A batalha começou logo pela manhã, como tambem já se disse; mas lord Wellington, só depois da sexta divisão se postar na estrada de Bayonna é que a mandou activar, expedindo para este fim aos commandantes parciaes um bilhetinho com estas simples palavras *batalha geral*, e foi desde esse momento até ao anoitecer que o inimigo se viu combater constantemente em retirada na direcção de Pamplona, deixando nas mãos dos vencedores os despojos acima mencionados.

Por conseguinte a campanha de 1813 não podia deixar de trazer, como effectivamente trouxe para lord Wellington, a mais alta reputação e renome, tendo por ella mostrado que possuia a sciencia de um grande general de plano,

[1] Assim se lê nas *Victorias e Conquistas*.

pois no curto espaço de seis semanas percorrêra com 120:000 homens a grande extensão de duzentas leguas por um paiz accidentado, e atravessára seis grandes rios, indo no fim d'isto ganhar uma decisiva e monumental batalha, investir duas grandes praças de guerra, e expulsar da peninsula com tamanho desdouro para a França 120:000 dos seus soldados veteranos! Alem d'isto a maneira por que torneou o Douro, e mais adiante igualmente torneou o Ebro foram aprimoradas obras de mão de mestre e perfeita execução dos principios da mais sublime estrategia. E com effeito, segundo a opinião do general Sarrazin, as operações de lord Wellington na campanha de 1813 foram uma obra prima da arte da guerra; elle não ambicionou, diz o dito Sarrazin, o ephemero triumpho da sua entrada em Madrid; foi elle quem pelas disposições solidas que tomou obrigou os francezes a evacuarem esta capital; elle ameaçou-lhes o seu flanco direito desde Santander até Valencia de Biscaya; approximou-se de Burgos, onde estava um immenso deposito de munições; e finalmente atreveu-se a ir com a esquerda do seu exercito até mesmo á linha das operações inimigas. O proprio Soult (a quem por mais uma consequencia da batalha de Vittoria Napoleão mandára tomar o commando das tropas francezas da peninsula), foi tambem quem pela sua parte confessou o merito de lord Wellington, quando na sua proclamação de 23 de julho de 1813 disse: «Não privemos o inimigo dos elogios que lhe são devidos. As disposições e arranjos do general inglez foram promptos, habeis e proseguidos. O valor e firmeza das suas tropas são dignos de louvor».

A noticia do seu triumpho em Vittoria, chegando a Cadiz, levou as côrtes a decretarem que se cantasse no dia 2 de julho um solemne *Te Deum* na cathedral, a que assistiram todo o congresso, a regencia, o corpo diplomatico, etc., havendo tres dias de illuminação geral e salvas de artilheria no mar e na terra. Seguiu-se a isto votarem as mesmas côrtes agradecimentos ao exercito luso-britannico, assim como ao exercito hespanhol. Por proposta de D. Agostinho Arguelles

expediram ellas com data de 21 de junho um decreto pelo qual concederam a lord Wellington para si e seus descendentes a magnifica propriedade chamada *Soto de Roma*, nas planicies do reino de Granada, incluindo n'ella o terreno denominado as *Chanchinas*. Estas grandes propriedades eram da corôa, e tinham sido conferidas ao principe da Paz, que as trazia arrendadas por cincoenta mil cruzados annuaes, dizendo-se que a gastarem-se algumas sommas em as beneficiar podiam dentro em poucos annos dar uma renda de 80:000$000 réis. Em Londres foi a dita noticia recebida com as maiores demonstrações de applauso, havendo n'aquella capital illuminação por tres noites consecutivas, alem de uma sumptuosa festa, que se fez no famoso jardim publico de Vauxhall. No mesmo dia em que o principe regente de Inglaterra recebeu de presente, mandado por lord Wellington, o bastão militar do marechal Jourdan com os officios de que fôra acompanhado, conferiu elle ao dito lord o alto posto de feld-marechal de Inglaterra, o mais elevado do exercito britannico, e do qual por então só gosavam os dois filhos do rei, o duque de York e o duque de Kent[1]. Em Lisboa não foi este successo festejado com menos enthusiasmo, illuminando-se igualmente a cidade, salvando as fortalezas e cantando-se tambem na sé cathedral um solemne *Te Deum* em acção de

[1] O bastão militar de marechal inglez o principe regente o mandou a lord Wellington com a seguinte carta: «Carlton House, 3 de julho de 1813. Caro mylord. O vosso glorioso comportamento é superior a todo o louvor humano, e muito alem das minhas recompensas! Eu não sei que haja n'este mundo linguagem digna de o exprimir! Conheço que nada me resta a dizer, e só dirigir minhas preces e agradecer devotamente á Providencia, que na sua omnipotente munificencia abençoou a minha patria e a mim com tal general. Entre os trophéus da vossa incomparavel fama, vós me remettestes o bastão de um marechal de França, eu em troco vos mando o bastão de marechal inglez. O exercito britannico o saudará com enthusiasmo, ao mesmo tempo que todo o universo reconhecerá os gloriosos feitos que tão imperiosamente o requeriam. Que tenhaes uma constante saude, e que novos louros continuem a coroar-vos por uma gloriosa e dilatada carreira de vida, são os incessantes e fervorosissimos desejos, caro mylord, do vosso muito sincero e mui fiel amigo.— Ao marquez de Wellington.— G. P. R.»

graças. Pela côrte do Rio de Janeiro tinha lord Wellington sido já agraciado na data de 17 de dezembro de 1812, como já anteriormente vimos, com o titulo de duque da Victoria, em consequencia da campanha d'aquelle anno, e do qual novamente se tornou digno pela que havia encetado no immediato. Para a dita côrte officiaram os governadores do reino na data de 5 de julho, dizendo-lhe o seguinte: «Pela repartição dos negocios da guerra levâmos á augusta presença de vossa alteza real o officio de 22 de junho proximo passado[1], em que o marechal general duque da Victoria participa a completa victoria que no dia 21 alcançou dos francezes nos campos de Vittoria com as tropas alliadas, em que muito se distinguiram as de vossa alteza real, expulsando os mesmos francezes de todas as suas posições, tomando-lhes cento e cincoenta uma peças de artilheria, quatrocentos e quinze carros de munições, toda a sua bagagem, provisões, gados, thesouraria, etc., com um consideravel numero de prisioneiros. Prostrados pois aos pés de vossa alteza real lhe beijâmos a mão por uma victoria tão gloriosa com util, *e que póde determinar a vossa alteza real, como muito supplicámos, a restituir-se a estes seus reinos, que não podem ter, nem desejar maior fortuna do que a augusta presença do seu amado soberano e senhor*».

Rasão havia pois para assim se commemorar uma tamanha victoria, depois da qual a guerra apresentava o mais bello e lisonjeiro aspecto para as armas dos alliados, pelas solidas esperanças que dava da proxima e inteira liberdade da peninsula. As memoraveis acções de Talavera, Albuera, Fuentes de Oñoro e Salamanca, poderam então olhar-se como preliminares do grande quadro que se ultimou junto ás muralhas de Vittoria. A acção que ali teve logar em 21 de junho de 1813 alargou consideravelmente o horisonte politico, não só na peninsula, mas até mesmo na Europa inteira. Um exercito francez, carregado com os thesouros e riquissimos despojos a que lançára mão na Hespanha; um

[1] Vae no documento n.º 107, já atrás citado.

exercito aguerrido, abastecido de tudo, e defendido por um formidavel trem de artilheria, viu-se ali obrigado a empenhar uma acção em que aventurou o seu destino, acção em que foi completamente batido e derrotado, sendo a final posto em vergonhosa fuga, sem poder levar comsigo recurso algum na precipitada marcha em que depois d'ella se lançou. Foi pois a referida acção um d'aquelles acontecimentos, que em certos casos, como a historia nos apresenta, fazem decidir até mesmo a sorte de uma nação; os seus echos foram logo retumbar pelas margens do Oder e do Danubio, determinando os animos ainda por então discordantes e irresolutos, desde o gabinete de Vienna até aos mais tibios principes da Allemanha, a abraçarem com ardor a causa da libertação dos povos e dos estados, mostrando-lhes abertamente que não era impossivel conseguirem-se no norte da Europa triumphos iguaes aos que tão gloriosamente se estavam alcançando no norte da Hespanha.

Foi ainda esta batalha a que trouxe após de si a dissolução do congresso de Praga, disposto, como já vimos, a tratar com Napoleão, e a que após isto levou igualmente as nações do norte o ganharem a memoravel batalha de Leipzig, á qual se attribuiu a libertação da Allemanha e a quéda do mesmo Napoleão. Effectivamente a França, ferida assim mortalmente no intimo do coração, não apresentou d'então por diante mais do que a luta das extenuadas forças vitaes do agonisante ao despedir-se das cousas deste mundo, victima das causas da destruição da sua quebrantada e desfallecida existencia. Aguerridas como já se íam mostrando as tropas hespanholas e sujeitas ao mando de um general de tão extraordinario merito como lord Wellington se tinha constantemente mostrado, e modelo de subordinação e disciplina como juntamente com isto de facto se havia constituido o exercito luso-britannico, encarando os maiores perigos da guerra com a maior coragem, serenidade e valentia, é claro que as tropas alliadas se haviam pela sua parte tornado verdadeiramente invenciveis, diante das quaes as francezas não podiam deixar de ser derrotadas, e postas em vergo-

nhosa fuga, todas as vezes que no campo se empenhassem com ellas em combate. Uma outra vantagem da batalha de Vittoria foi o patentear por mais esta vez a toda a Europa, que os soldados portuguezes eram para se baterem com os melhores soldados do mundo em igualdade de forças e de circumstancias, rivaes como estavam sendo em tudo dos soldados inglezes. Effectivamente as tropas portuguezas, entradas na memoravel batalha de Vittoria, obraram n'ella prodigios de valor, accommettendo o inimigo com arrojo, e tomando-lhe a sua artilheria á bayoneta. Na parte official de lord Wellington foram-lhes consagradas as seguintes expressões de louvor: «É impossivel, disse este general, que os movimentos de quaesquer tropas podessem ser conduzidos com mais espirito e regularidade que os das divisões do tenente general Dalhousie (setima divisão), sir Thomás Picton (terceira divisão), sir George Lowry Cole (quarta divisão), e major general barão Carlos Alten (divisão ligeira). Estas tropas avançaram em escalões de regimentos em duas, e ás vezes em tres linhas: *e as tropas portuguezas da terceira e quarta divisões, sob o commando do brigadeiro general Manley Power e coronel Thomás Guilherme Stubbs, marcharam na frente com uma firmeza e galhardia, que jamais foi excedida em alguma occasião*».

O marechal Beresford em commemoração d'esta batalha publicou em Huarte, na data de 1 de julho de 1813, uma das suas mais lisonjeiras ordens do dia para o exercito portuguez [1]. «Com o mais perfeito prazer e satisfação, dizia elle, passa s. ex.ª, o sr. marechal Beresford, marquez de Campo Maior, e commandante em chefe do exercito, a fallar da conducta das tropas portuguezas na famosa batalha de 21 do mez passado, em que o exercito alliado ganhou uma completa victoria sobre o exercito francez. O sr. marechal felicita a nação portugueza pelo comportamento das suas tropas n'esta memoravel batalha, e fazendo aos corpos portuguezes que n'ella tiveram parte o mais alto elogio, só vem a dizer o

[1] É a que constitue o documento n.º 108.

que elles mereceram. O sr. marechal julga-se obrigado a mencionar com particularidade a conducta das duas brigadas, a composta dos regimentos de infanteria n.^{os} 9 e 21 e batalhão de caçadores n.° 11 commandada pelo sr. brigadeiro Manley Power, e a composta dos regimentos de infanteria n.^{os} 11 e 23, e batalhão de caçadores n.° 7, commandada pelo sr. coronel Thomás Guilherme Stubbs. O ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. marechal general duque da Victoria, e o sr. marechal presencearam a brilhante conducta d'estas duas brigadas, cuja firmeza, boa ordem e valor não se podem exceder, *e s. ex.ª o sr. marechal general mostrou por tal comportamento a maior admiração.* O sr. marechal assegura a estas duas brigadas que não faltará a pôr com particularidade na presença de sua alteza real, o principe regente nosso senhor, a sua conducta, e pedir a sua alteza real um distinctivo de honra especial para os corpos que as compõem. O sr. brigadeiro Manley Power, o sr. coronel Thomás Guilherme Stubbs, os commandantes dos corpos e os mais officiaes, e officiaes inferiores e soldados d'estas brigadas aceitarão os agradecimentos do sr. marechal, e não especialisa official algum, porque todos fizeram nobremente o seu dever.» Alem das duas citadas brigadas foi tambem elogiada a de 1 e 16 com caçadores n.° 4, commandada pelo brigadeiro Diniz Pake: tambem foi elogiado o batalhão de caçadores n.° 8, e os regimentos de infanteria n.^{os} 3 e 15, as brigadas de artilheria, a do commando do coronel Carlos Ashworth (infanteria n.^{os} 6 e 18 com caçadores n.° 6), e os corpos da divisão ligeira, composta dos regimentos de infanteria n.° 17, e dos batalhões de caçadores n.^{os} 1 e 3. Os governadores do reino tambem pela sua parte dirigiram ao marechal Beresford na data de 7 de julho um officio, agradecendo, em nome do principe regente, aos officiaes generaes, officiaes e soldados do exercito alliado o valor, pericia e disciplina, que sempre os distinguiram, e particularmente na memoravel batalha da Vittoria. Em consequencia pois da proposta do marechal Beresford, e das recommendações dos governadores do reino, o principe regente de Portugal ordenou, por decreto de 13 de

novembro de 1813[1], que nas bandeiras dos regimentos de infanteria n.os 9, 11, 21 e 23 se pozesse á roda das armas reaes com letras de oiro a seguinte legenda:

Julgareis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente.

Os batalhões de caçadores n.os 7 e 11 tambem pela sua parte mereceram a distincção de duas bandeiras, uma para cada corpo, com a seguinte legenda:

Distinctos vós sereis na lusa historia
Pelos louros que colhestes na victoria[2].

Estas distincções foram concedidas com a clausula de se conservarem n'estes corpos emquanto n'elles existisse vivo algum official ou soldado, que tivesse assistido a esta memoravel batalha. Alem das côrtes de Cadiz, o parlamento

[1] Documento n.º 109.

[2] Aos supraditos corpos dedicou tambem o nosso afamado litterato padre José Agostinho de Macedo as seguintes oitavas:

Se de claros trophéus inda cingidos,
Da terra prisão vil já despojados,
Aprasiveis vos são, vos são queridos
De Lisia augusta os feitos sublimados:
De Bellona nos campos desabridos,
Alterando n'um momento a lei dos fados,
Vinde admirar de Lisia o genio, a sorte,
Ó manes de Albuquerque e Castro forte.

Modelos sem igual de heroicidade!
Vossos feitos até aqui tão applaudidos,
Pelas claras acções da nossa idade,
Hoje no Lethes ficarão sumidos!!
Lá no seio da immensa eternidade,
Sereis de nobre inveja acommettidos,
Pachecos immortaes, Gamas prestantes,
Que inda os Elisios passeaes ovantes.

britannico votou tambem agradecimentos ao exercito portuguez com igualdade de expressões com que os votára ao seu proprio exercito, e ainda não contente com isto o governo inglez officiou ao seu ministro na côrte do Brazil, ordenando-lhe que agradecesse ao principe regente de Portugal os serviços prestados pelo seu exercito, officio que foi assim concebido. «Secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, em 11 de outubro de 1813. Mylord. A importante e distincta parte que constantemente têem tido as tropas de Portugal nas brilhantes acções da presente campanha, nunca deixaram de chamar em todos os seus successivos triumphos a particular attenção do principe regente, nem de excitar a mais viva e decidida admiração de sua alteza real. Devo pois communicar a v. s.ª as positivas ordens do principe regente para que em audiencia especial, requerida para este fim, haja v. s.ª de offerecer ao principe regente de Portugal as sinceras e affectuosas congratulações de sua alteza real pelos eminentes serviços das suas tropas, cuja reputação militar se acha estabelecida por uma serie de feitos de armas atê um ponto que as faz credoras do respeito e confiança de todo o exercito. Póde v. s.ª assegurar ao principe regente de Portugal, que sua alteza real encarrega a v. s.ª de lhe manifestar os seus sentimentos n'esta interessante occasião com um prazer não menos sincero do que aquelle que sua alteza real tem experimentado em applaudir as tropas britannicas, que unidas a seus camaradas portuguezes e hespanhoes tem participado da gloria de expulsarem quasi inteiramente o inimigo da peninsula, persuadindo-se sua alteza real que para complemento d'esta grande obra nada mais se requer que perseverança da parte dos alliados, união indissoluvel e constancia em sustentar no dia do combate aquelle valor e disciplina, que atê ao presente tem tão eminentemente caracterisado o seu comportamento. Sou com todas as véras e respeito, mylord.=*Castlereagh*, visconde Strangford, C. B., etc., etc., etc.» Da carta acima transcripta se deu conhecimento ao exercito portuguez por uma outra carta, dirigida por D. Miguel Pereira Forjaz ao marechal Beresford, concebida nos

seguintes termos: «Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Não podendo deixar de causar o mais vivo enthusiasmo no exercito o conhecimento de quanto sua alteza real, o principe regente do reino unido, aprecia e considera os serviços prestados pelo exercito portuguez á causa commum, e sendo bem de crer, que depois da benigna approvação do seu soberano, o principe regente de Portugal, nenhuma póde ser mais satisfactoria para o mesmo exercito e para v. ex.^{a} mesmo, o governo julga não dever retardar a v. ex.^{a} o dito conhecimento, para que v. ex.^{a} o possa communicar ao exercito, que tão dignamente se tem comportado, e que tem sabido merecer estes tão justos, como lisongeiros elogios. Para o referido fim remetto a v. ex.^{a} a copia inclusa da carta, que lord Castlereagh escreveu a lord Strangford, e que foi communicada a este governo officialmente, e por ordem da sua côrte pelo cavalheiro Carlos Stuart. Deus guarde a v. ex.^{a} Lisboa, no palacio do governo, em 20 de novembro de 1813.=*D. Miguel Pereira Forjaz.*»

A força portugueza entrada na batalha de Vittoria é a constante da seguinte relação, em que vae designada por brigadas e corpos, com o numero de praças que cada um d'estes tinha, a perda que tiveram na referida batalha, e os nomes dos commandantes, tanto das ditas brigadas, como dos referidos corpos.

Artilheria n.° 1—Duas brigadas d'este regimento na força de 220 homens se acharam presentes na acção e no combate, sendo uma das ditas brigadas commandada pelo major Sebastião José de Arriaga, e a outra pelo capitão graduado em major José da Cunha Preto.

Artilheria n.° 2—Teve este corpo presente na acção e no combate 110 praças, commandadas pelo tenente coronel de artilheria n.° 3, Alexandre Tulloh, que tambem era o commandante geral da artilheria portugueza n'esta batalha. Nem este corpo, nem o precedente tiveram n'ella perda alguma.

Cavallaria n.° 1—Todo este regimento se achou presente na acção, tendo a força de 275 cavallos, commandado pelo

major Antonio Feliciano Telles de Castro Appariclo. Perda, 2 cavallos extraviados.

Cavallaria n.º 6—Duas companhias d'este corpo estiveram presentes na acção e no combate, na força de 104 cavallos, sendo commandadas pelo tenente coronel Ricardo Diggens. Perda, 1 cavallo morto e 1 extraviado; e 2 soldados feridos.

Cavallaria n.º 7—Duas companhias d'este corpo estiveram presentes na acção e no combate, na força de 104 cavallos, aggregados a cavallaria n.º 1, commandadas pelo já citado major Antonio Feliciano Telles de Castro Appariclo. Não tiveram perda alguma.

Cavallaria n.º 11—Teve este corpo presentes na acção 202 cavallos, dos quaes só uma parte entrou em escaramuça. Commandante do corpo o major Eduardo Knigth, e da escaramuça o alferes José Francisco da Costa. Não teve perda alguma.

Cavallaria n.º 12—Teve este corpo presentes na acção 208 cavallos, commandados pelo coronel Francisco Furtado de Castro do Rio e Mendonça (setimo visconde de Barbacena). Não tiveram perda alguma.

1.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Diniz Pack

Infanteria n.º 1—Todo o regimento foi presente na acção e entrou no combate, na força de 824 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Thomás Noell Hill. Teve de perda 3 soldados mortos.

Infanteria n.º 16—Todo o regimento foi presente na acção e entrou em combate, na força de 920 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel Francisco Homem de Magalhães Quevedo Pizarro. Perda, 11 homens mortos (1 official e 10 soldados), 26 feridos (2 officiaes e 24 soldados), ou 37 homens ao todo (3 officiaes e 34 soldados).

Caçadores n.º 4—Todo o batalhão esteve presente na acção e no combate, na força de 553 homens, commandado pelo tenente coronel Edmond Keynton Williams, sendo elle

bate o capitão Hugh Lunley. Perda, 1 soldado ferido. Foi elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.º 6 — Todo o batalhão foi presente na acção e no combate, na força de 530 praças, commandado n'uma e n'outra parte pelo major Samuel Michell. Perda, 2 homens mortos (1 official e 1 soldado), e 7 soldados feridos, ou 9 homens ao todo. Foi elogiado na ordem do dia.

6.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Carlos Frederico Lecor

Infanteria n.º 7 — Todo o regimento foi presente na acção, na força de 879 homens, commandado pelo tenente coronel Francisco Xavier Calheiros. Perda, 6 soldados extraviados.

Infanteria n.º 19 — Todo o regimento foi presente na acção, na força de 1:025 homens, commandado pelo coronel João Miley Doyle. Não teve perda alguma.

Caçadores n.º 2 — Todo o batalhão foi presente na acção, na força de 533 homens, commandado pelo tenente coronel João Henrique Zulhcke. Não teve perda alguma [1].

8.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Manley Power

Infanteria n.º 9 — Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 1:039 homens, commandado na acção pelo coronel Carlos Sutton, o qual no combate commandou oito companhias, sendo as de granadeiros commandadas pelo major Archibaldo Ross. Perda, 46 homens mortos (3 officiaes, 1 inferior e 42 soldados), 166 homens feridos (9 officiaes, 9 inferiores e 148 soldados), ou 212 homens ao todo (12 officiaes, 10 inferiores e 190 soldados). Foi muito elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.º 21 — Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 1:018 homens, commandado na acção pelo major Francisco Joaquim Carreti, que no combate

[1] A setima brigada, formada pelo 8.º e 12.º de infanteria com caçadores n.º 9, não esteve n'esta batalha.

mandou tambem oito companhias, sendo as de granadeiros commandadas pelo major de infanteria n.° 9, Archibaldo Ross. Perda, 58 homens mortos (3 officiaes, 1 inferior e 54 soldados), 123 homens feridos (8 officiaes, 8 inferiores e 107 soldados), e 6 extraviados, ou 181 homens ao todo (11 officiaes, 9 inferiores e 167 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.° 11—Todo o batalhão foi presente na acção e no combate, na força de 403 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Thomás Durzback. Perda, 3 soldados mortos e 9 homens feridos (2 officiaes, 2 inferiores e 5 soldados), ou 12 homens ao todo (2 officiaes, 2 inferiores e 8 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

9.ª Brigada de infanteria, commandante o coronel Thomás Guilherme Stubbs

Infanteria n.° 11—Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 1:075 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Alexandre Anderson. Perda, 37 homens mortos (1 official, 1 inferior e 35 soldados), 115 homens feridos (6 officiaes, 5 inferiores e 104 soldados), e 1 extraviado, ou 153 homens ao todo (7 officiaes, 6 inferiores e 140 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Infanteria n.° 23—Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 1:270 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Diogo Miller. Perda, 20 soldados mortos e 38 homens feridos (3 officiaes, 2 inferiores e 33 soldados), ou 58 homens ao todo (3 officiaes, 2 inferiores e 53 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

Caçadores n.° 7—Todo o batalhão foi presente na acção e no combate, na força de 497 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Bryan O'Toole. Perda, 9 soldados mortos e 26 homens feridos (4 officiaes, 1 inferior e 21 soldados), ou 35 homens ao todo (4 officiaes, 1 inferior e 30 soldados). Muito elogiado na ordem do dia.

10.ª Brigada de infanteria, commandante o brigadeiro Thomás Bradford

Infanteria n.º 13 — Todo o regimento foi presente na acção, na força de 951 homens, entrando em combate sómente as companhias de granadeiros. Commandante do corpo na acção, o tenente coronel D. Joaquim da Camara, e da força no combate, o major Kennet Senodgrass. Perda, 1 soldado ferido e 16 extraviados, ou 17 homens ao todo.

Infanteria n.º 24 — Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 986 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Ignacio Emygdio Ayres da Costa. Perda, 3 soldados feridos.

Caçadores n.º 5 — Todo o batalhão foi presente na acção e no combate, na força de 535 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Miguel Mac Creagh. Perda, 4 soldados mortos, 5 feridos e 2 extraviados, ou 11 homens ao todo.

Brigada ligeira, encorporada na divisão ligeira luso-britannica

Infanteria n.º 17 — Todo o regimento foi presente na acção e no combate, na força de 802 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo coronel João Rott. Perda, 7 soldados mortos e 21 homens feridos (1 official e 20 soldados), ou 28 homens ao todo (1 official e 27 soldados). Mencionado na ordem do dia.

Caçadores n.º 1 — Todo o batalhão foi presente na acção e no combate, na força de 596 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel João Henrique Algêo. Perda, 2 soldados mortos e 2 feridos, ou 4 homens ao todo. Mencionado na ordem do dia.

Caçadores n.º 3 — Todo o batalhão foi presente na acção e no combate, na força de 547 homens, commandado n'uma e n'outra parte pelo tenente coronel Manoel Pinto da Silveira. Perda, 1 soldado ferido. Mencionado na ordem do dia.

O total da força portugueza presente n'esta batalha foi

portanto de 26:397 homens, como já dissemos, sendo a perda que n'ella houve a de 9 officiaes e 229 soldados mortos, 44 officiaes e 596 soldados feridos, e 39 extraviados, ou 917 homens na totalidade[1], alem de 6 cavallos mortos, 2 feridos e 3 extraviados.

[1] Segundo a parte official de lord Wellington, a perda do exercito alliado foi a seguinte: inglezes, 497 mortos e 2:901 feridos, ou 3:398 homens ao todo; portuguezes, 154 mortos e 899 feridos, ou 1:053 homens ao todo; hespanhoes, 89 mortos e 464 feridos, ou 553 homens ao todo. Por conseguinte a perda geral dos alliados foi de 740 mortos e 4:264 feridos, ou 5:004 homens na totalidade. A perda dos francezes andou tambem por 5:056 mortos e feridos, alem de 1:904 prisioneiros. Ignorâmos as causas das differenças que constantemente ha nas perdas do exercito portuguez, mencionadas nas partes officiaes de lord Wellington, e das que se contêem nos assentos existentes no ministerio da guerra em Portugal. A terem-se estes assentos por mais exactos (e as perdas acima mencionadas são as que em taes assentos se contêem), devemos igualmente suppor que as perdas dos inglezes e hespanhoes tambem não podem ser exactas, isto é, as computadas por lord Wellington, poisque as causas que o levaram a mencionar erradamente a perda dos portuguezes devem tambem produzir o mesmo effeito, com relação ás dos inglezes e hespanhoes.

FIM DA PRIMEIRA PARTE DO QUARTO VOLUME
DA SEGUNDA EPOCHA

SYNOPSE

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTA PRIMEIRA PARTE DO QUARTO E ULTIMO VOLUME DA SEGUNDA EPOCHA

Capitulo I.— As difficuldades para o progresso das operações de lord Wellington foram a causa d'elle por algum tempo se limitar á defensiva, ao passo que Napoleão Buonaparte, tendo levado a sua omnipotencia e o imperio francez a um estado de colossal engrandecimento, tornou-se, no meio da sua fortuna, altamente despotico, sobretudo para com a rainha da Etruria, não poupando seu proprio irmão, Luciano Buonaparte, chegando até a provocar a Russia a uma guerra, para a qual elle mesmo marchou em pessoa, saíndo de París a 9 de maio de 1812. Com esta guerra reuniu-se a continuação da da peninsula, onde as difficuldades, que o marechal Marmont tinha para o pontual desempenho da sua commissão, contrastavam com as vantagens, que para o combater por si tinha lord Wellington, cujas tropas se dirigiram em janeiro do mesmo anno de 1812 contra a praça da Cidade Rodrigo, que tomaram por assalto a 19 do dito mez, passando depois a operar tambem contra a de Badajoz, tomada por escalada na noite de 6 para 7 de abril, tambem do dito anno de 1812, pag. 1.

Synopse do capitulo

Quatro epochas bem distinctas e caracterisadas da guerra da peninsula se tinham já passado até ao começo da memoravel campanha de 1812, epochas que em seguida se descrevem: enumeração das forças francezas na peninsula nos annos de 1810 e 1811, pag. 1.—Particula-

ridades dos exercitos contendores, e sobretudo do exercito alliado, cujo commandante era já levado em 1811 a pensar na tomada da praça de Badajoz, pag. 4.—Impossibilitado como por então se viu de a conseguir, pensa na da Cidade Rodrigo, para cujo fim voltou de novo ao Côa, vendo-se todavia obrigado a manter-se por algum tempo na defensiva: rasões que para isto houve, pag. 5 e 6.—Incongruencia do vasto imperio francez por aquelle tempo: aponta-se a sua extensão, pag. 7 e 8.—A Hespanha podia-se dizer subjugada pelos exercitos francezes nos fins do anno de 1811 e principios de 1812: estado de submissão e dependencia em que por aquelle mesmo tempo as differentes nações da Europa se achavam de Napoleão Buonaparte; violencias por elle praticadas para com a rainha da Etruria, e seu proprio irmão Luciano Buonaparte, pag. 8 a 12.—A Inglaterra tenta em vão libertar D. Fernando VII do jugo francez, cujo animo Napoleão buscou tambem conhecer por esta occasião, pag. 12.—Entre as causas que impediam o mesmo Napoleão de vir em pessoa capitanear a guerra da peninsula figurava o desdem com que começára a tratar a Russia, pag. 13.—As provincias polacas unidas á Prussia são por Buonaparte erigidas no gran-ducado de Varsovia, concedendo-se a sua investidura ao rei da Saxonia, o que tornou suspeita a intenção de Napoleão para com a Russia: outros motivos mais da indisposição dos russos para com a França, e symptomas da proxima declaração de guerra entre estes dois paizes, pag. 14 a 17.—Persistencia de Napoleão em levar por diante a sua projectada expedição contra a Russia, não obstante as rasões que em contrario lhe apresentaram os seus generaes, pag. 18.—Cansaço em que se achava a França por causa da continuação da guerra, de que resultava suspeitarem alguns a proximidade de uma crise na mesma França: desculpam-se os francezes pelo enthusiasmo que ao principio tiveram por Napoleão, pag. 19.—Preparativos do mesmo Napoleão contra a Russia, declarando-lhe a guerra no dia 22 de junho de 1812, e sua saida de Paris para Dresde em 9 do mez anterior, seguido por um exercito superior a 600:000 homens, pag. 20.—Difficuldades que Marmont teve para conseguir o bom exito da commissão de reparar os desastres que Massena experimentára em Portugal, difficuldades que lord Wellington cuidadosamente espreitava, tendo que a guerra da Russia seria para a da peninsula um poderoso auxiliar, pag. 22.—Enumeram-se as difficuldades que os exercitos francezes tinham contra si na peninsula, e injustas queixas de Napoleão com relação aos generaes, que na mesma peninsula commandavam os referidos exercitos, pag. 23.—De similhantes circumstancias nasceu entre os paizanos insurgidos e os generaes inglezes o descredito dos mesmos francezes, tendo tambem o rei José caido em igual descredito pelo seu modo de proceder, pag. 24.—Consequencias resultantes de similhante estado de cousas para os exercitos francezes, pag. 25.—A projectada guerra da Russia torna mais grave a sua situação na peninsula pelo desfalque

critico sobre a tomada da referida praça, pag. 120. — Ordem do dia do marechal Beresford sobre tal assumpto, pag. 121 a 124. — Continuação do já citado juizo critico, pag. 125. — Alta reputação que deram a lord Wellington as tomadas da Cidade Rodrigo e Badajoz, e elogios que o parlamento britannico lhe votou, tanto a elle, como ao seu exercito, pag. 127. — Sensação que em Cadiz e Lisboa produziu igualmente a brilhante tomada de Badajoz: apparatosa recepção com que lord Wellington foi recebido em Elvas depois d'aquelle feito, pag. 129 a 132.

Capitulo II. — Emquanto o marechal Soult, sabedor da quéda de Badajoz, se retirava para Sevilha, nas vistas de obstar a que os hespanhoes ali entrassem, lord Wellington, deixando o general Hill com uma divisão no Alemtejo, marchára com o grosso do seu exercito para o norte do reino, ameaçado de uma nova invasão pelas tropas do marechal Marmont, o qual não tinha podido ser embaraçado nas respectivas fronteiras pelas milicias do conde de Amarante e pelas dos coroneis Trant e Wilson de fazer por ali algumas devastações, distinguindo-se por aquella occasião o brigadeiro Lecor. Projectando o mesmo lord Wellington levar a guerra ao interior da Hespanha no anno que corria de 1812, ordenou ao general Hill que surprehendesse a guarnição inimiga dos fortes levantados na ponte de Almaraz, e os destruisse para cortar as mais promptas communicações do exercito francez do norte com o do sul da Hespanha, e tendo conseguido isto, marchou depois para Salamanca, onde entrou a 17 de junho, tomando em seguida por assalto os fortes que os francezes ali tinham construido, empreza a que por fim se seguiu a famosa batalha de Salamanca, ganha pelos alliados no dia 22 de julho do referido anno, pag. 133.

Synopse do capitulo

Soult, saindo de Sevilha no 1.º de abril com destino a soccorrer a praça de Badajoz, chegou no dia 3 a Llerena e a 7 a Villa Franca na Extremadura, onde recebeu a noticia da perda d'aquella praça, em consequencia da qual retirou por fim para a Andaluzia, pag. 133. — Em consequencia d'esta marcha de Soult, os generaes hespanhoes, Ballesteros e Penne Villemur, tendo-se proposto a atacar Sevilha, desistem d'este intento, com a approximação do mesmo Soult sobre esta cidade, pag. 134. — Censuras feitas em Cadiz a Ballesteros por aquella occasião: o general D. José O'Donnell occupava com o terceiro exercito do seu commando o reino de Murcia e alguns districtos do de Granada e Valencia, ao passo que o

---

Synopse do capitulo

lasco Sancho, indo finalmente no dia 8 a Alba de Tormes, onde fez a sua juncção com as tropas do immediato commando de lord Wellington, pag. 249.—Posição das tropas alliadas junto de Salamanca e forte de S. Christovão. Encontro das tropas de José com as de Souham no dia 8 de novembro em Medina del Campo. Enumeração d'estas forças e das dos alliados, pag. 250.—Soult dispõe-se a dar uma batalha a lord Wellington, o qual ordenou que as suas tropas se movessem para a parte dos Arapiles, o que fez com que Soult desistisse dos seus intentos, pag. 251.—Lord Wellington, passando com o seu exercito em frente da linha de batalha de Soult, não foi contrariado na sua marcha. Copiosas chuvas que por esta occasião cairam, mal com que se reuniu a extrema falta de viveres para os soldados, e de forragens para os cavallos, pag. 252.—Fogo disparado pelos soldados inglezes e portuguezes contra umas manadas de porcos com que depararam na manhã de 17 de novembro, passo a que a dura fome os obrigou, não obstante a energia com que lord Wellington buscou evitar similhante fogo, mandando enforcar dois dos culpados. O exercito, continuando com a retirada, foi no citado dia 17 a Huebra e S. Muñoz: rijo combate que ali teve logar, pag. 254.—Chegada do exercito á Cidade Rodrigo na noite de 18 de novembro, atravessando finalmente o Agueda nos dias 19 e 20, e tomando-se os tão precisos quarteis de inverno, pag. 255.—Desgraças experimentadas por alguns dos soldados do exercito luso-britannico durante a retirada de Burgos, não inferior em trabalhos á dos 10:000 de Xenophonte, pag. 256.—Perda experimentada durante ella pelo referido exercito, pag. 257.—Aquartelamento tomado pelos dois exercitos contendores no inverno de 1812 para 1813, pag. 258.—Novos aquartelamentos tomados pelo general Hill no Alemtejo no meado de dezembro de 1812: officio de lord Wellington, mostrando a difficuldade da entrada de Soult em Portugal, tanto pelo norte, como pelo sul, pag. 260.—Terror que a retirada de Burgos causou aos moradores de Lisboa, pag. 262 e 263.—Reflexões sobre o resultado da campanha de 1812, e sem rasão dos sustos a que a retirada de Burgos déra logar entre nós, pag. 264 até ao fim do capitulo.

Capitulo IV.—Preparando-se Napoleão para a sua campanha da Russia, D. Miguel Pereira Forjaz mandou lembrar ao imperador Alexandre as vantagens de adoptar o mesmo systema de destruição, que em 1810 se tinha adoptado em Portugal, com relação ás provincias da Beira e Extremadura, plano que effectivamente o dito imperador adoptou, não resistindo á invasão dos francezes nos seus estados, nem quando atravessaram o Niemen, nem quando marcharam para Kowno e Wilna, depois das proclamações de um e outro imperador ao come-

çarem a sua respectiva campanha. Retirando-se pois o exercito russo para o interior do paiz, o francez avançou até Smolensko, onde Napoleão entrou, depois de abandonada esta cidade pelos russos, que ali lhe não aceitaram batalha, tendo esta sómente logar nos campos de Borodino, depois de tirado do commando em chefe do exercito russo o general Barclay de Tolly, a quem deram por successor o general Koutouzoff. Ganha a dita batalha pelos francezes, Napoleão avançou para Moscow, que tambem achou abandonada, seguindo-se-lhe depois um pavoroso incendio, que obrigou o mesmo Napoleão a retirar-se precipitadamente para a Polonia, depois de desenganado da inutilidade das propostas de paz, que mandára fazer ao imperador Alexandre. Batalhas que teve de dar n'esta funesta retirada, estragos e mortes que o seu exercito n'ella soffreu, tanto por causa das referidas batalhas, como pela força da neve que sobreveiu. Sua miseravel entrada em Smolensko, e sua calamitosa passagem do Berezina, até ir ganhar Smorgoini, d'onde elle Napoleão escondidamente fugiu para Paris, deixando o seu exercito victima das maiores calamidades, acabando estas de o destruir até chegar a Wilna e depois a Kowno, pag. 273.

Synopse do capitulo

A guerra da Russia foi um poderoso auxiliar da da peninsula, assim como esta o foi igualmente d'aquella, pag. 273.—Buonaparte reune para a sua expedição contra a Russia um exercito superior a 600:000 homens, pag. 275.—Factos da historia que o mesmo Buonaparte devia n'esta occasião ter presente, e a que não quiz attender, pag. 277.—Fouché debalde o intenta dissuadir de uma tal expedição, elaborando para este fim uma memoria, pag. 278 e 279.—Não desistindo Napoleão do seu intento, o imperador Alexandre da Russia toma por systema praticar no seu paiz o mesmo que lord Wellington praticára em Portugal em 1810, sendo levado a isto pelo conselho, que a tal respeito lhe mandou dar D. Miguel Pereira Forjaz, pag. 281.—Apesar das censuras feitas por tal motivo ao imperador dos francezes, e dos desastres que na Russia experimentou, não se lhe podem negar os talentos manifestados na sua temeraria empreza contra aquelle estado, pag. 283.—Enumeração dos corpos que compunham o seu respectivo exercito, bem como da sua força e dos generaes que os commandavam, pag. 285.—Corpos que o grande exercito francez tinha nos seus flancos e retaguarda, pag. 286.—Napoleão sáe de Paris no dia 9 de maio de 1812, chegando a Dresde no dia 16, d'onde mandou o conde de Narbonne em commissão diplomatica ao imperador Alexandre, pag. 287.—De Dresde saiu o mesmo Napoleão para o Niemen no dia 29 do citado mez de maio: itinerario por elle seguido até ao dia 12 de junho em que chegou ao Niemen. Procla-

mação dirigida por elle aos seus soldados, pag. 288.—Passam as tropas francezas da margem esquerda para a direita do Niemen, onde se tinham reunido, sendo observadas por Napoleão, que igualmente atravessou aquelle rio, dirigindo-se para Kowno, pag. 289.—Era o intento do mesmo Napoleão repellir os russos para os seus dominios da Asia. Proclamação dirigida pelo imperador da Russia ás suas tropas, pag. 291.—Plano da guerra intentada por Napoleão contra a Russia, pag. 292.—Plano adoptado pelo imperador Alexandre contra a invasão franceza, pag. 293.—Commandantes do exercito russo: esperanças de uma conflagração geral da Europa contra Napoleão, pag. 294.—Flancos do exercito francez e seus commandantes, marchando no centro a principal força, commandada por Napoleão, pag. 296.—Batalhões de carroças e carros de transporte dos provimentos do referido exercito, e desordens que dentro em pouco manifestaram os seus conductores, pag. 297.—Escandaloso procedimento dos soldados francezes na Lithuania; perda que desde logo começaram a experimentar, victimas da fome e do cansaço, e incapacidade dos hospitaes de Wilna, pag. 298.—Chegada dos francezes a Wilna, e retirada dos russos para o seu campo fortificado de Drissa, pag. 299.—Napoleão marcha livremente para Witepsk. Difficuldades que o general russo Bagracião teve em se dirigir para Drissa, pag. 300.—Os russos abandonam o seu acampamento de Drissa, dirigindo-se sobre Smolensko, ao passo que Napoleão, deixando tambem a sua linha de operações sobre o Dwina, foi concentrar o seu exercito sobre o Dnieper, pag. 301.—Combate de Krasnoi, a que se seguiu a marcha dos francezes para Smolensko, pag. 302.—Os russos, em vez de defenderem esta cidade, offerecendo para este fim batalha aos francezes, retiram-se d'ella, protegendo a saída dos seus habitantes e despejando os seus armazens, pag. 303.—Murat debalde intenta dispersuadir Napoleão de penetrar mais ávante na Russia. Ataque de Smolensko, que os russos abandonam depois de a destruir, pag. 304.—Napoleão persiste todavia em marchar sobre Moscow. Desfalque que o exercito francez tinha já experimentado, quando em 5 de agosto partiu de Witepsk, pag. 306.—Patriotismo da nobreza russa, e dos negociantes, offerecendo a sua vida e bens para defeza da patria. A Gran-Bretanha leva a Russia a congraçar-se com a Suecia e a Turquia, pag. 308.—Vantagens das duas alas do exercito invasor, e definitiva resolução da sua marcha sobre Moscow, pag. 309.—Sanguinolento combate de Valontina, travado durante a marcha dos francezes sobre Moscow, pag. 310.—O general Koutouzoff é nomeado commandante em chefe do exercito russo, sendo para este fim demittido de similhante commando o general Barclay de Tolly, pag. 311.—Posição tomada pelo exercito russo na planicie chamada Borodino, pag. 313.—Natureza e diversidade de tropas de que o exercito de Napoleão se compunha; falla que este lhe dirige. Scena dos padres gregos em frente do exercito russo, pag. 314.—

Napoleão recebe na vespera da batalha de Borodino, a par do retrato do preconisado rei de Roma, seu filho, a noticia da derrota de Salamanca, que elle promette vingar no seguinte dia, pag. 315. — Trava-se no dia 7 de setembro de 1812 a memoravel batalha de Borodino, pag. 316. — Sensiveis perdas soffridas pelos exercitos contendores, e sua marcha sobre Moscow, pag. 317 e 318. — Combate de Krymskoie, travado por Murat; força do exercito francez depois da batalha de Borodino: vacilla o exercito russo se devia ou não dar uma outra batalha, pag. 319. — Os russos abandonam Moscow, inutilisando os seus armazens, sobretudo os de provimentos, pag. 320. — Approximam-se d'esta cidade Napoleão e o seu exercito, pag. 322. — Entram finalmente n'ella no dia 15 de setembro: manifesta-se n'ella um pavoroso incendio, que obrigou os francezes a sair d'ella, voltando sómente nos dias 19 e 20 do dito mez, pag. 323 e 324. — Funesto effeito que similhante incendio trouxe para as futuras operações dos mesmos francezes, pag. 326. — Ponderadas as difficuldades da sua retirada, Napoleão resolve-se a mandar o general conde de Lauriston a tratar com o imperador Alexandre negociações de paz, pag. 327. — O exercito russo saíra de Moscow, dirigindo a sua marcha na direcção de Kalouga, onde se estabeleceram os seus grandes armazens, indo tomar posição em Tarontino, pag. 328. — Corpos francos de cossacos perseguem os francezes. Lauriston é admittido no dia 5 de outubro a uma conferencia com Koutouzoff, negando-se este a dar-lhe passaporte para se dirigir ao imperador Alexandre, prestando-se sómente a dirigir em seu logar um ajudante de campo do czar, pag. 329. — Illusão de Buonaparte, quanto ao bom exito da commissão confiada ao general Lauriston: singular armisticio negociado entre os francezes e russos, pag. 330. — O imperador Alexandre recusa-se a entrar em negociação alguma de paz com Buonaparte, pag. 331. — Um ligeiro gêlo, que sobreveiu no dia 13 de outubro, fez conhecer a Napoleão a necessidade de tomar uma prompta resolução, convocando para este fim um conselho militar: combate de Worodónow, funesto aos francezes, pag. 332. — Na manhã de 19 de outubro Napoleão começa com o seu movimento retrogrado na direcção de Kalouga, indo travar com os russos no dia 24 a sanguinolenta batalha de Maloi-Iaroslavetz, depois da qual marchou no dia 27 na direcção de Borovsk e Verea: destruição do Kremlim por elle mandada fazer, pag. 333. — Continua a marcha dos francezes para Wiazma e Mojaisk, indo depois bivacar no funebre campo de Borodino. Preciosidades trazidas de Moscow e mandadas lançar por Napoleão ao lago Semelin, deixando tambem atrás muita da sua artilheria, pag. 335. — Difficuldades que o principe Eugenio teve na sua marcha até ir entrar em Smolensko no dia 13 de novembro no mais miseravel estado, juntando-se-lhe no caminho o marechal Ney, pag. 336. — No dia 6 do citado mez de novembro começára o terrivel inverno da Russia, sobrevindo com elle para os francezes as desgraças que lhe

eram inherentes, pag. 338.—Napoleão recebe a noticia da mallograda conspiração Mallet em Paris, bem como a de que Wittgenstein batêra Saint-Cyr, reconquistando toda a linha do Dowina. Chegada dos primeiros francezes a Smolensko, onde por fim se reuniram as tres columnas francezas, retiradas de Moscow, pag. 339.—O mesmo Wittgenstein, tendo batido Saint-Cyr, avançou gradualmente até Borizoff, cidade situada na linha directa da retirada de Napoleão, pag. 340.—O almirante russo Tchitchakoff dirige-se para o Berezina, nas vistas de interceptar Buonaparte, indo no dia 14 de novembro occupar Minsk, e o conde Lambert, seu general subalterno, occupar Borizoff, onde o mesmo Tchitchakoff estabeleceu o seu quartel general, pag. 341.—Nova proclamação dirigida pelo imperador Alexandre aos seus subditos, pag. 343.—Difficuldades que Napoleão tinha a vencer para de Smolensko se dirigir para a Polonia, pag. 345.—D'aquella cidade começou o exercito francez a saír em quatro divisões no dia 13 de novembro em direcção á Wilna, Krasnoi, Borizoff e Minsk, confiando-se ao marechal Ney a guarda da retaguarda, pag. 348.—Em Krasnoi se foram reunir a Napoleão o principe Eugenio e Davoust, tendo ali logar uma nova batalha com os russos, perdendo os francezes 45 peças de artilheria e 6:000 prisioneiros, pag. 346.—Invencivel obstaculo que na marcha retrograda que trazia de Smolensko foi achar o marechal Ney junto da ribeira Losmina, pag. 348.—Retrogradando sobre Smolensko, e seguindo o curso de uma ribeira, que julgou ir lançar-se no Dnieper, como succedeu, pôde atravessar este rio, n'um ponto que achou gelado, conseguindo assim ganhar Orcza no dia 20 de novembro, onde se encontrou com o exercito de Napoleão, pag. 349.—Festejos com que foi recebido o marechal Ney, particularmente pelos portuguezes. Miseravel estado a que por então estava reduzido o exercito francez, pag. 350.—Napoleão decide-se a passar o Berezina n'um sitio chamado Studzianka, sendo ali reforçado pelas tropas dos marechaes Victor e Oudinot, pag. 350.—Passa effectivamente aquelle rio no referido sitio, nos dias 26 e 27 do citado mez de novembro, illudindo para este fim o almirante Tchitchakoff, pag. 352.—Desordem da passagem do Berezina effeituada pela tropa franceza, e por toda a mais gente que a acompanhava, no immediato dia 28, pag. 353 e 354.—Presença de espirito manifestada por Napoleão na margem direita, depois do exercito o ter atravessado. Proseguimento da sua marcha no dia 29 em direcção ao Dnieper, sendo os portuguezes soccorridos com alguma bolacha e aguardente, que lhes mandára o marquez de Alorna, pag. 355.—No dia 4 de dezembro chegou Napoleão a Smorgoini, d'onde se dirigiu a Paris, abandonando o exercito, pag. 356.—Censuras feitas á sua conducta por mr. Labaume, pag. 357.—Desordem e desgraça a que ficou reduzido o exercito depois de similhante partida, pag. 359.—Chegado o exercito a Wilna nos dias 8 e 9 de dezembro, não cessa a desordem da marcha que levava

pag. 360.—Roubo feito pelos respectivos soldados ao thesouro do proprio Napoleão. Terminação d'esta funesta retirada, e avaliação das suas perdas, pag. 361, 362 e 364.—Prova-se não serem a neve e o gêlo as unicas causas da perda do exercito francez que invadiu a Russia, como Napoleão quiz fazer acreditar, pag. 365 até ao fim do capitulo.

Capitulo V.—Depois da lentidão das forças belligerantes durante o inverno de 1812 para 1813, rompeu a primavera d'este ultimo anno pela guerra de Napoleão contra a colligação das potencias do norte (Russia, Prussia e Suecia), ganhando sobre ellas as batalhas de Lützen e Bautzen, parando as hostilidades pelo armisticio de Plesswitz, assignado aos 4 de junho de 1813. Pela sua parte lord Wellington, tendo ido a Cadiz para conferenciar com o governo hespanhol sobre as cousas da guerra, veiu de lá para Lisboa, onde foi recebido com grande enthusiasmo pelos portuguezes, retirando-se contente para o seu quartel general de Freineda, tanto por effeito d'aquella recepção, como pela noticia que lhe deram do governo portuguez ter mandado apromptar uma rica baixella de prata lavrada para lhe offertar. O mesmo Wellington, depois das suas queixas contra os governadores do reino pela falta de pagamentos ao exercito, filha das enormes despezas da guerra, orçadas em 25 milhões annuaes, e da escassez das receitas, começou as suas operações atravessando o Douro, e marchando com o exercito contra Salamanca, sem achar grande resistencia, levou de lá os francezes adiante de si até Burgos, e d'aqui até Vittoria, onde, depois de atravessar as nascentes do Ebro, foi ganhar em 21 de junho do mesmo anno de 1813 uma famosa batalha em que tomou ao inimigo toda a sua artilheria, bagagens, thesouros, etc., obrigando-o a passar para alem do Bidassoa. Reflexões sobre tão notavel successo; reputação que trouxe para lord Wellington e para o exercito portuguez, cuja força, brigadas e corpos entrados na dita batalha se enumeram, pag. 369.

Synopse do capitulo

Sexta coallisão, formada pela Russia, Inglaterra e Suecia contra a França no principio do anno de 1813, pag. 369.—Considerações sobre o erro de Napoleão em preferir a sua empreza da Russia á da peninsula, e necessidade que tinha de se preparar para a nova guerra das potencias da Europa contra elle, pag. 370.—Opposição que o ministerio Perceval teve no parlamento britannico proveniente da retirada de Burgos, pag. 371 e 373.—Necessidade que lord Wellington tinha de pôr as

tropas hespanholas em estado de lhe poderem ser proficuas na campanha de 1813 que ia emprehender, tendo-lhe até ali servido de poderoso auxilio o exercito portuguez. Pomposa recepção que por então se fez no Porto ao marechal Beresford, vindo depois para Lisboa, onde tratou de pôr o referido exercito no melhor estado possivel a todos os respeitos, pag. 374 e 376. — Proseguimento d'este ultimo assumpto. Exaltada indignação que produziu em lord Wellington a conducta das tropas do seu commando durante a retirada de Burgos, pag. 378. — Rasões que attenuam as queixas feitas por lord Wellington a tal respeito, pag. 379. — Arranjos que se fizeram tambem no exercito inglez e reforços que lhe chegaram de Inglaterra, sendo só n'isto que se consumiu a estação invernosa de 1812 a 1813, pag. 380 — Ida de lord Wellington a Cadiz e recepção que lá se lhe fez, pag. 381. — Pedidos e recommendações feitas em Cadiz por lord Wellington, sendo então que se lhe deu o effectivo commando de um exercito hespanhol de 50:000 homens, sustentados pela Gran-Bretanha, pag. 382. — Nova organisação dada por esta occasião aos exercitos hespanhoes. Notavel demora de lord Wellington em Cadiz sem causa militar justificada, saindo por fim de lá no dia 11 de janeiro de 1813, pag. 383. — Seu donativo de 400:000 pesos fortes por elle deixado a favor do exercito hespanhol. Exercitos destinados pelo mesmo Wellington para a realisação do seu plano de operações no dito anno de 1813, pag. 384. — Sua vinda a Lisboa e festas que se lhe fizeram, tanto no seu transito, como na sua chegada e estada na referida cidade, pag. 386 e 387. — Participação que os governadores do reino fazem para o Rio de Janeiro da vinda de lord Wellington a Lisboa, e partida d'este general para o seu quartel general de Freineda, depois de ter offerecido para a caixa militar 4:000 pesos fortes, pag. 389. — Satisfação que teve lord Wellington, não só com a recepção que se lhe fez em Lisboa, mas igualmente com a noticia da offerta de uma baixella de prata com que os governadores do reino o queriam obsequiar: rasões que elles para isso tiveram, pag. 391. — Regimentos de milicias que em março de 1812 foram chamados á actividade do serviço, e força que cada um d'elles tinha, sommando ao todo 44:478 homens, pag. 393 e 394. — Insufficiencias de subsidio fornecido pela Gran-Bretanha e das receitas publicas para custeamento das despezas da guerra: creação da moeda de bronze. Receita das alfandegas, da decima e da contribuição de defeza no anno de 1812, e n'outros mais annos em nota, pag. 396. — Computação do *deficit*, proveniente da insufficiencia das receitas, calculando-se em 25.000:000 de cruzados as despezas annuaes do exercito, pag. 398. — Officio do marechal Beresford de 18 de março de 1812, comprovando similhantes despezas, e propondo a reducção de alguns corpos de cavallaria, pag. 400. — Officio de lord Wellington ao principe regente, propondo o lançamento de tributos sobre a classe commercial para remediar o *deficit* annual, a que se seguiu lançar-se-lhe um e-

prestimo forçado, pag. 402. — Nenhuma outra classe estava em estado de poder regularmente pagar os tributos estabelecidos. Injustas accusações que ao governo portuguez fazia lord Wellington, e igualmente lhas faz Napier na sua historia pela falta de meios pecuniarios com que lutava, pag. 403. — O mesmo lord Wellington reprova pela sua parte o venderem-se as capellas vagas da corôa e os bens nacionaes que por então havia, alem de outras mais medidas que lembraram ao governo do Rio de Janeiro e ao ministro portuguez em Londres, pag. 405. — Condemna-se e prova-se como injusta a exaltada verrina, feita pelo coronel Napier aos governadores do reino pela sua supposta opposição a lord Wellington, accusações destruidas pelo proprio lord Liverpool em presença dos elogios por elle feitos no parlamento inglez ao governo de Portugal, pag. 406 e 408. — Todavia mostra-se que a prepotencia e orgulho do governo inglez para com este reino, sanccionando, elle e o proprio lord Wellington e o marechal Beresford, a desmembração de Olivença, haviam já entre nós começado a formar uma opinião adversa á nossa alliança com a Gran-Bretanha, provindo isto mais que tudo de se não ter feito com esta potencia tratado algum ou convenção em 1808, que regulasse as reciprocas vantagens e obrigações dos dois paizes entre si, pag. 409 e 411. — Ao passo que lord Wellington se julgava no mez de abril de 1813 em estado de abrir na peninsula a campanha d'aquelle anno, Napoleão preparava-se tambem para a que ía encetar ao norte da Europa: modo por que formou para ella os seus exercitos, e collocação que d'elles fez, pag. 412 e 413. — Justifica-se a conducta da Prussia em se ligar com a Russia contra a França, o que tambem fez a Suecia, constituindo com estas nações e a Gran-Bretanha a *sexta coallisão*, pag. 415 e 416. — Blücher é nomeado commandante em chefe do exercito prussiano: ligeira biographia d'este general, pag. 417 e 418. — Plano de campanha do exercito russo: sua marcha sobre o Oder e depois sobre o Elba, de que resultou ser Berlim abandonada pelo principe Eugenio, pag. 419. — Forças do commando do principe da corôa da Suecia: os francezes abrigam-se aos muros de Magdebourg: entrada dos russos em Lunebourg, aprisionando o general Morand, pag. 420. — Abalo produzido na Allemanha pelo procedimento da Prussia: marcha do exercito russo do centro sobre Torgau e Dresde, pag. 421. — O proprio rei da Saxonia, Frederico Augusto, é abalado pela grande defecção manifestada contra a França; sua retirada de Dresde, onde se foram estabelecer os quarteis generaes do imperador da Russia e do rei da Prussia, pag. 422. — Combates de Weissenfels e Poserna em que teve logar a morte do marechal Bessières, pag. 423. — Trava-se a batalha de Lützen no dia 2 de maio, ganha finalmente por Napoleão: sensivel perda de uns e outros contendores, pag. 424 e 425. — Napoleão entra em Dresde como consequencia da batalha de Lützen, retirando-se os alliados para Bautzen, pag. 426. — Posição dos alliados em Bautzen, d'onde foram

ERRATAS DO VOLUME IV—PARTE I

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
174	24	como d'elle	com o d'elle
179	7	30 de julho	30 de junho
179	11	47:000	42:000
189	7	nossa	nona
305	36	de destruir e de resguardar	de destruir esta praça e de resguardar
359	2	15 de novembro	15 de abril
362	25	que ficam	que passam
369	3	Lautzen	Lützen.
414	34	Medlin	Modlin
449	31	nos dias 27 e 28 de maio	nos primeiros dias de junho,

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS DO VOLUME IV—PARTE I

ERRATAS DO VOLUME IV — PARTE I

Pag.	Lin.	Erros	Emendas
174	24	como d'elle	com o d'elle
179	7	30 de julho	30 de junho
179	11	47:000	42:000
189	7	nossa	nona
305	36	de destruir e de resguardar	de destruir esta praça e de resguardar
359	2	15 de novembro	15 de abril
362	25	que ficam	que passam
369	3	Lautzen	Lützen.
414	34	Medlin	Modlin
449	31	nos dias 27 e 28 de maio	nos primeiros dias de junho,

COLLOCAÇÃO DAS ESTAMPAS DO VOLUME IV — PARTE I

17.° Tomada da Cidade Rodrigo, pag. 58.
18.° Tomada da praça de Badajoz, pag. 114.
22.° Surpreza de Almaraz, pag. 160.
23.° Tomada dos fortes de Salamanca, pag. 174.
24.° Batalha de Salamanca, pag. 190.
25.° Cerco do Castello de Burgos, pag. 236.
26.° Retirada de Burgos, pag. 256.
27.° Batalha de Castalla, pag. 438.
28.° Itinerario de lord Wellington na sua campanha do anno de 1813, pag. 452.
29.° Batalha de Vittoria, pag. 480.